O INSTITUTO,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

TERCEIRO VOLUME.



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.
1855.

1922
BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA



LEITURA DOMICILIAR

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO
DO
INSTITUTO

INDICE ALPHABETICO

DO

TERCEIRO VOLUME DO INSTITUTO.

Additamento á geometria de Legendre 234
Additamentos ao calculo differencial de Francoeur — n.° 769, 1.ª edição 323
Aguas do mar da China (coloração das)..... 22
Apontamentos biographicos sobre o nosso insigne Poeta Luiz de Camões 137, 151, 169
Apontamentos d'óptica..... 264
Astronomia 3, 139, 280, 291
Bacia carbonifera do cabo Mondego (noticia). 103, 118, 158, 180
Bibliographia..... 142, 172, 292, 306, 321
Breves reflexões historicas sobre a navegação do Mondego e cultura dos campos de Coimbra... 5
Breves reflexões — que fundamentam o programma, que offerecemos para as exposições d'animaes domesticos no *districto* de Coimbra..... 198
Calor solar (origem do)..... 248
Classe de litteratura..... 243
Classe de sciencias moraes e sociaes 243
Classe de sciencias physico-mathematicas 296
Coimbra — Recordações (poesia) 219
Collegio Ursulino das Chagas em Coimbra.. 145, 158
Commemoração 54
Concorrencia..... 55, 70, 83
Conselho superior de instrucção publica 2, 25, 37, 53 77, 93, 109, 121, 146, 149, 161, 183, 201, 227 253, 269, 281, 09
Constituição physica do Sol..... 182
Conta da receita e despeza dos hospitaes da universidade de Coimbra 24, 160, 236, 308
Costumes Americanos..... 31
Costumes Arabes..... 178, 229, 305
Credito territorial..... 16, 29, 41
Documentos ineditos..... 9, 23, 34, 74, 87
Dr. Welwicht e o Jardim Botanico da universidade de Coimbra..... 249
Duque de Coimbra..... 301, 316
Economia politica (estudos de) 33
Educação dos animaes na antiguidade..... 116
Espiritos percussores..... 127
Estatistica pathologica dos hospitaes da universidade..... 50, 89, 211, 294
Exposições de animaes domesticos 231, 262, 299, 319
Exposição universal de Pariz..... 250, 296
Exposição (primeira) da sociedade de Flora e Pomona..... 45
Faculdade de mathematica..... 11
Geologia 128
Gerações espontaneas..... 19
Gravidez extra-uterina de 16 annos..... 223
Hymno do menino ao despertar (poesia) 229
Imprensa da universidade..... 7
Influencia da lua nos terremotos..... 195
Instituto de Coimbra (direcção)..... 240, 242
Instituto de Coimbra..... 237, 297, 242
Instituto de Coimbra (sessões das classes e da direcção do) 37
Instrução na Inglaterra (estado da)..... 259
Instrucção publica na Suecia e Noruega..... 14, 68
Instrucção publica..... 77, 297
Instrucção primaria no districto do Funchal 273
Instrucção primaria..... 285, 312
Introducção 1
Israelitas em Roma..... 115
Jardins d'acclimatação na Madeira e Angola na Africa austro-occidental..... 126, 144
Jerusalem e o mar morto..... 81, 124, 154
Liberdade em poesia..... 286
Litteratura dramatica hespanhola e seus historiadores 217, 257, 313
Livros elementares (colleção de)..... 183
Livros sagrados dos indios..... 168, 181, 196
Marcas typographicas..... 21
Mar-vermelho, mar-amarello, mar-branco, etc. (origem dos nomes)..... 72
Mathematicas, discussão de dous methodos arabes 76
Mathematicas (secção de).... .. 59, 105, 130, 185
Meteorologia 166, 221
Mezas girantes de Mr. Babinet (reflexões) 29
Mezas girantes..... 17, 27
Molestia das vinhas..... 129, 156, 263
Mosteiro da Vaccariça..... 193, 205, 244, 278
Mulheres (as) historicamente consideradas 157
Mulheres (as) do islam e as mulheres christãs 246
Musulmanos (nomes e titulos)..... 21
Necrologio..... 225, 289
Observações meteorologicas feitas no gabinete de physica da universidade de Coimbra.... 12, 36 92, 120, 148, 224, 252, 268
Obras offerecidas á Bibliotheca do Instituto. 35, 52 280, 322
Oleo de figados de bacalhau..... 222
Ovidio Nazão..... 6, 32, 73
Philosophia allemã (crise da)..... 99
Physica do globo..... 85, 116
Physica..... 184
Physiologia applicada..... 194
Poesia Slava no seculo decimo-nono. 57, 66, 98, 141 164, 177, 208, 290
Preceitos hygienicos (summula de)..... 23
Programmas. 2, 13, 26, 39, 65, 81, 113, 123, 173 213, 227, 283
Relações litterarias com as universidades de Hespanha 114, 271
Relação nominal dos socios do Instituto..... 240
Relatorio..... 175, 189, 237
Selenographia 88
Silvio Pellico e o seu tempo..... 204
Sociedade Asiatica..... 145
Sociedade Asiatica de Londres..... 159
Sociedade geologica de Londres..... 88
Taboas da paralaxe da lua..... 153
Traducção do 4.° livro da Eneida (fragmento da).. 274 303, 314
Um banho no Tejo (poesia) 58
Uma illusão (poesia)..... 261
Uma lagrima..... 243
Uma perda para as letras..... 42
Uma tragedia Arabe..... 104
Universidade de Coimbra..... 134, 137
Variedades 52
Victoria linda (poesia) 289

ERROS PRINCIPAES DESTE VOLUME.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros.*	*Emendas.*
3	2.ª	46	Constantes entre	Integraes entre
50		*no alto da pag.*	Homens — trimestre, etc.	Homens — enfermarias de molestias internas — trimestre de, etc.
51	»	»	No movimento de todas as enfermarias — relação dos falecidos para todos os tratados — 1:19,3	1:14,4
			1:14,4	1:13,4
»	1.ª	14	Abstracção	Obstrucção
52	»	*ordem das notas*	1, 2, 3, 4, 5	1, 2, 5, 3, 4
88	»	60	de 1416	de 1546
89	——	10 e 11	Sarna obstrucção do baço	obstrucção do baço Sarna
»	——	28, 29 e 30	2 Embaraço gastrico 8 Bronchite 2 Bronchite chronico	8 Bronchite 2 Bronchite chronico 2 Embaraço gastrico
»	——	47 e 48	Anasarca Anasarca	Anasarca Anasarca Ascite
90	*Ventos predomin. do mez de Maio*		N. O. E. e S. O.	NO., E. e SO.
»	*dictos de Junho*		N. O. N. e S. O.	NO., N. e SO.
130		39	so!mente $c = 90°$	somente $c' = 90°$
132		22	com lado	com angulo
»		23	com angulo	com lado
187		15	$-\frac{1}{2} t \operatorname{sen} 2b$	$-\frac{1}{2} t^2 \operatorname{sen} 2\delta$
245	1.ª	12	primeira	ultima.
»	»	14	Ovedo	Oviedo.
»	»	18	180	780
»	»	22	198	898
246	»	22 a 28		Este argumento perde a força, sabendo-se que os Abbades, ou Chefes de Mosteiro, assignaram este concilio com a denominação de Archymandritas, como póde ver-se na collecção de concilios, de Labbei.
257	2.ª	3		lêa-se — (Continuado de pag. 219.)
267	*no fim lea-se*			*Continúa.* R. R. DE SOUSA PINTO.
273	2.ª	6	evitar	visitar.
280	1.ª	8		da palavra — extincção — por diante, *deve ler-se* — extincção, por terem decorrido apenas oito annos de 1086 a 1094, e não apparecer nenhum documento em contrario. É verdade que os mosteiros duplices já tinham sido prohibidos por Gregorio II em 546 [1], e depois no Concilio de Nicea em 787 [2]; mas, é certo que, apezar disso, continuaram subsistindo em Portugal e por toda a parte, como nos dizem Viterbo [3] e Boehmero [4].
305	2.ª	10	ete	este.
»	»	»	sejas	seja.

[1] Decr. Grac. caus. 18. quest. 2. c. 22. (a not. 2 da mesma pag. 280).

[2] Conc. 2 de Nicea caus. 20 do Decr. Grac. caus. 18 quest. 2. c. 21. — Diffinimus minime duplex monasterium fieri: quia scandalum id, et offendiculum multis efficitur. Si vero aliqui cum cognatis mundo abrenuntiare, et monasticam vitam sectari voluerint, debent quidem viri virorum adire coenobium, foeminae vero mulierum ingredi monasterium. . . .

[3] Elucidario por Viterbo — palav. Mosteiro.

[4] Boehmero not. 99 ao Decr. Grac. caus. 18. quest. 2. c. 22.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INTRODUCÇÃO.

O que deve ser o Instituto assaz o comprehendemos: o que tem sido já o sabe o publico: o que será, no terceiro anno de sua existencia, proval-o-hão os esforços que se renovam para continuar este jornal, o mais durador de quantos, d'este genero, se teem estreado em Coimbra.

Hoje que as mais habeis pennas do paiz estão magnetisadas pela mesmerica influencia da politica, hoje que os estomagos de muitos dos que leem folhas repellem a sciencia que não tem um sabor de curiosidade pueril, e mal digerem a litteratura que não for romance ou folhetim; já é arrojo, já é dedicação pertinaz contar com fugitivos momentos roubados ás porfiosas lides academicas, para sustentar uma empreza, á qual nem o interesse, nem a gloria, nem estimulo algum, que não seja um sincero desejo de prestar algum serviço á sciencia e á litteratura, servem de incentivo.

E não fallamos do serviço que faz, ou póde fazer a redacção, com seus escriptos; que esse pouco é ou nenhum.

O Instituto, afóra os trabalhos da sociedade de que é orgão, em virtude da portaria do ministerio do reino de 5 de setembro de 1853, ha de publicar os artigos que lhe enviarem o conselho superior de instrucção publica, e as faculdades academicas, que nomearam commissões expressamente encarregadas d'organisar trabalhos scientificos dignos de ver a luz publica neste jornal. O Instituto deve pois, d'ora avante, encaminhar-se a representar as tres corporações litterarias mais respeitaveis d'esta cidade — a Universidade, o Conselho superior de Instrucção publica, e o Instituto de Coimbra, ligadas pela fraternal amisade de seus membros, e, mais que tudo, pelo sagrado sentimento que anima a todos — o amor das letras patrias.

E se estas tres potencias não deixarem sós na liça os poucos membros do Instituto que constituem a redacção, os quaes mal podem satisfazer ao seu especial mister de censores; e se os socios correspondentes do Instituto se não dedignarem de auxiliar, de vez em quando, esta ardua tarefa, enchendo algumas columnas com sabios productos de suas lucubrações; e se todos os que amam as sciencias e a litteratura, socios ou não socios, quizerem vir aqui depositar algumas das flores e fructos mimosos de seus estudos, neste campo que lhes abrimos de boa vontade; então sim, então poderemos afiançar que o terceiro volume do Instituto será o que deve ser, em Coimbra, ou em qualquer parte do mundo civilisado, um jornal scientifico e litterario.

E porque não ha de sel-o?

Não ha hoje ninguem verdadeiramente pensador que não sinta a necessidade de consignar ao papel seus pensamentos apenas concebidos, e de fazel-os voar pelo mundo com a rapidez do relampago; porque a humanidade caminha com um movimento accelerado, e o homem, levado do impulso que lhe vem de cima, trabalha, esforça-se por tornar a carreira mais veloz.

As ideas succedem-se umas ás outras: as altas questões sociaes e politicas agitam-se por toda a parte: as sciencias naturaes, donde depende o progresso das artes, e o progresso das artes que se reflecte immediatamente sobre a prosperidade material, occupam todos os animos. Ora neste microcosmo, pequeno sim em extensão, mas grande em intelligencia, onde vem umas após outras novas gerações de mancebos estudiosos exercitar e desenvolver suas mais nobres faculdades, far-se-ha uma excepção pouco decorosa?

Os professores da universidade, muitos dos quaes, é verdade, teem publicado em maior tomo importantes e aprimorados escriptos, continuarão a enthesourar os preciosos resultados de seus estudos quotidianos, que, postos em mais vasta circulação, muito contribuiriam para o progresso do nosso tão atrazado paiz, fazendo d'esta arte soar, alem do acanhado recinto das aulas, seu bem merecido renome?

Cremos que a uns e outros demasiado tem sido demostrada essa necessidade palpavel, e que demasiado a sentem; por isso, nestas duas palavras de introducção, diziamos e confiamos que o Instituto será o que deve ser, unica recompensa que ambicionamos dos nossos trabalhos.

Os RR.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Disposições regulamentares para o exame de geometria no lyceu de Coimbra, como preparatorio para a universidade.

Art. 1.° Os examinandos de geometria devem tirar um ponto na vespera do exame, com anticipação pelo menos de vinte horas.

§. 1.° Ao acto de dar os pontos assistirá o presidente destes exames com o bedel, que fará a chamada dos examinandos pelos seus requerimentos, e lançará no livro respectivo os pontos tirados á sorte.

§. 2.° Em logar do presidente poderá assistir e dar os pontos qualquer dos examinadores, a que elle commetter este serviço.

Art. 2.° Os pontos de que trata o art. 1.°, devem comprehender tres proposições da geometria de Euclides, sendo sempre uma dellas do livro sexto desta obra: um ponto de algebra, e outro de arithmetica.

§. *un.* O mesmo ponto poderá servir para uma turma de examinandos não superior a tres.

Art. 3.° O exame de geometria poderá ser feito em turmas de dois ou tres examinandos de cada vez, quando o ponto tenha sido dado na conformidade do §. *unico* do art. 2.°

Art. 4.° O examinador mais antigo começará o exame, escolhendo para isso uma parte qualquer do ponto; e se argumentar em geometria, o fará de sorte que a cada um dos examinandos d'uma turma argumente em proposição differente; e o outro examinador depois argumentará em algebra, ou em arithmetica, mas quando argumentar a um examinando da mesma turma em algebra, ao outro argumentará em arithmetica.

§. *un.* A duração do argumento de cada um dos examinadores será de quinze minutos marcados por ampulheta.

Art. 5.° Os examinadores serão obrigados a interrogar os examinandos na parte vaga marcada no respectivo programma; na outra parte porem devem restringir-se ao ponto, e apenas poderão explorar os examinandos nos principios geraes que lhes sejam concernentes, ou nas applicações geraes, e menos difficeis, a que os pontos derem logar.

§. *un.* Quando o exame se fizer em turmas, o presidente poderá mandar responder tambem ás perguntas, feitas por qualquer dos examinadores a um examinando, outro da turma, embora tivesse já concluido o exame oral.

Art. 6.° Depois do exame oral, cada um dos examinandos tirará á sorte um problema de arithmetica, que possa resolver-se por meio das proporções e da applicação dos principios geraes de arithmetica; o qual problema resolverá por escripto em acto successivo.

§. 1.° O tempo concedido para resolver o problema por escripto será de uma hora e meia.

§. 2.° Findo este prazo, o presidente advertirá o examinando para que entregue o problema resolvido; mas se elle pedir algum tempo mais, poderá prorogar-se-lhe o prazo do §. 1.° por meia hora; porem passado este segundo prazo de tempo, apresentará no estado em que estiver o problema.

§. 3.° O examinando deve assignar-se por baixo da resolução do problema, e depois da data do dia do exame; e isto o fará mesmo quando não tenha sabido resolver o problema, a pezar do augmento de tempo de que trata o §. 2.°

Art. 7.° Os pontos para o exame oral, que tiverem sahido tres vezes, serão separados da urna; e os problemas de que trata o art. 6.°, logo que tenham sahido uma vez, devem ser alterados, mudando-lhes os numeros, que entram no seu enunciado.

Art. 8.° A identidade do examinando, e do ponto tirado para o exame, deve ser verificada com todo o escrupulo e circumspecção.

Está conforme. — O secretario geral, *José Antonio d'Amorim.*

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE MATHEMATICA.

1853—1854.

1.° ANNO. — 1.ª CADEIRA.

ARITHMETICA — GEOMETRIA SYNTHETICA DE LEGENDRE — ALGEBRA ATÉ EQUAÇÕES DO SEGUNDO GRÁO INCLUSIVAMENTE — TRIGONOMETRIA PLANA.

Lente — *Dr. Rufino Guerra Ozorio.*

ARITHMETICA.

Systemas de numeração. Quatro operações sobre os numeros inteiros. Decomposição dos inteiros em factores primos, e propriedades dos divisores communs a muitos numeros. Condições, que devem verificar-se, para que um numero seja divisivel por outro. Theorema de Fermat. Provas das quatro operações sobre inteiros. Definição, natureza, e transformações dos quebrados. Quatro operações sobre os quebrados ordinarios, decimaes, e complexos. Approximações; e limites da dizima periodica. Formação das potencias e extracção das raizes quadradas e cubicas. Proporções arithmeticas e geometricas. Regra de tres, simples, e composta; e regras de companhia, e conjuncta. Juros. Descontos. Progressões arithmeticas e geometricas. Logarithmos.

ALGEBRA ELEMENTAR.

Noções geraes. Reducção. Quatro operações. Divisor commum. Resolução das equações do primeiro gráo a uma ou mais incognitas. Desigualdades. Problemas indeterminados. Potencias e raizes dos monomios. Expoentes negativos e fraccionarios. Raizes quadradas e cubicas dos polynomios. Resolução das equações do segundo gráo. Proporções e progressões arithmeticas e geometricas. Logarithmos. Juros compostos. Annuidades. Descontos. Falsa posição.

GEOMETRIA ELEMENTAR.

Explicam-se os oito primeiros livros da geometria elementar de Legendre pela 12.ª edição de Paris.

APPLICAÇÃO DA ALGEBRA Á GEOMETRIA ELEMENTAR.

Problemas sobre as linhas. Construcções geometricas. Signaes das quantidades na algebra applicada á geometria. Abscissas e ordenadas.

TRIGONOMETRIA RECTILINEA.

Construcção e definições das linhas trigonometricas. Expressão dos arcos em partes do raio; e reciprocamente. Formulas geraes. Construcção, e uso das taboas. Resolução dos triangulos rectangulos, e obliquangulos. Problemas.

2.° ANNO. — 2.ª CADEIRA.

CONTINUAÇÃO D'ALGEBRA — ALGEBRA SUPERIOR — SERIES E PRINCIPIOS ELEMENTARES DE CALCULO DIFFERENCIAL E INTEGRAL.

Lente — *Dr. Raymundo Venancio Rodrigues.*

GEOMETRIA ANALYTICA A DUAS DIMENSÕES.

Equação da linha recta — logar geometrico da equação do 1.° gráo — equação da recta, sujeita a passar por dous pontos — do angulo formado por duas rectas — *condições do seu parallelismo*, e da sua *perpendicularidade* — considerações geraes sobre os problemas relativos á linha recta — exercicios, e exemplos.

Equação do circulo — limites, symetria, e propriedades.

Problemas sobre as intersecções e contacto da linha recta com o circulo — intersecções e contacto dos circulos entre si.

Transformação de coordenadas.

Ellipse: hyperbole: e parabola: e a respeito de cada uma d'estas curvas — sua equação, natureza, limites, e propriedades.

Equações polares de cada uma das ditas curvas.

Equação da curva produzida pela intersecção d'um plano qualquer com uma pyramide conica — casos em que esta equação se reduz á d'um ponto; á d'uma linha recta; á de duas rectas formando um angulo entre si; á do circulo; á da ellipse; á da hyperbole; e á da parabola.

Methodo das tangentes; subtangentes; normaes; e subnormaes — sua applicação ás curvas já tratadas.

Considerações sobre cordas supplementares — suas applicações ás mesmas curvas

Centros, diametros, e diametros conjugados — determinação d'elles nas ditas curvas.

Discussão da equação geral do segundo gráo a duas indeterminadas x e y — logares d'esta equação em cada uma das hypotheses de ser zero, positiva, ou negativa a differença m, ou $B^2 - 4AC$, entre o quadrado do coefficiente de xy e o quadruplo do producto dos coefficientes de x^2 e y^2. Recapitulação das considerações feitas sobre estas tres hypotheses.

Eixos principaes — sua grandeza e direcção — applicação d'esta doutrina ás curvas de que se tem tratado.

Outro processo da discussão da equação geral do segundo gráo, evitando o inconveniente de introduzir irracionaes nos seus coefficientes. Comparação d'este methodo com o outro.

Geração das curvas pelo movimento e intersecção de linhas dadas — applicação ao circulo; ellipse; hyperbole; e parabola.

Problemas que passam do segundo gráo; e especialmente da *duplicação do cubo*, e da *trisecção do angulo*.

Equação parabolica — determinação dos valores dos seus coefficientes — interpolação.

Curvas ditas — conchoide — cissoide de Diocles — logarithmica — dos senos — quadratriz — cycloide; e suas diversas especies.

Epicycloides — spiral de Archimedes — spiral hyperbolica — spiral logarithmica — spiral parabolica.

ALGEBRA SUPERIOR.

Theoria das permutações, e combinações — sua applicação ao desenvolvimento da potencia d'um binomio, e d'um polynomio, tanto no caso de ser o expoente inteiro e positivo: como fraccionario; negativo; irracional; e imaginario.

Numeros figurados.

Permutações e combinações no caso de não serem as letras todas differentes.

Breves noções sobre probabilidades.

Composição das equações — relação das raizes da equação com os seus coefficientes.

Transformação das equações — theoria das derivadas.

Limites das raizes pelo methodo de Bret, e de Newton.

Raizes commensuraveis — raizes eguaes.

Theoria da eliminação.

Existencia das raizes.

Raizes incommensuraveis pelo methodo de Newton, e de Lagrange.

Regra de Descartes — methodo de Fourier — applicações d'este methodo, e sua comparação com os de Newton, e de Lagrange.

Raizes imaginarias — sua fórma e modulo.

Abaixamento do gráo das equações.

Equações a dous termos — raizes da unidade — theoremas de Moivre, e de Cotes.

Equações a tres termos.

Raizes das expressões complicadas com radicaes.

Resolução das equações do 3.° e 4.° gráo. Inutilidade das tentativas para a resolução das equações de gráo superior ao 4.° por meio de formulas analyticas.

Funcções symetricas. Sua applicação á resolução das equações — á eliminação, e ao gráo da equação final que resulta da eliminação.

Geração, e propriedades das fracções continuas.

Equações determinadas, e indeterminadas do 1.° e do 2.° gráo.

Equações indeterminadas de gráo superior.

Resolução das equações numericas.

Coefficientes indeterminados — decomposição das fracções racionaes.

Series — condições para a sua convergencia.

Series recurrentes — exponenciaes — logarithmicas — circulares.

Methodo inverso das series.

Equações de condição — methodo dos menores quadrados.

GEOMETRIA ANALYTICA A TRES DIMENSÕES.

Trigonometria esferica.

Superficies e curvas de dupla curvatura.

Equações do plano, do cylindro, do cone, etc. — problemas sobre o plano, e a linha recta.

Transformação de coordenadas.

Intersecções planas — superficies de segunda ordem.

PRINCIPIOS ELEMENTARES DE CALCULO DIFFERENCIAL.

Definições — theorema de Taylor — regras para as differenciações, ou derivações das funcções algebricas; exponenciaes; logarithmicas; e circulares. — Derivadas das equações.

Mudança da variavel independente.

Casos em que o theorema de Taylor é insufficiente. Methodo para remediar esta insufficiencia.

Limites da serie de Taylor.

Desenvolvimento em series das funcções d'uma só variavel. Theorema de Maclaurin.

Expressões o, $\frac{o}{o}$, $o \times \infty$, $\frac{\infty}{\infty}$, $\infty - \infty$ etc.

Dos *maxima*, e *minima* — exemplos e applicações.

Methodo das tangentes — rectificações — e quadraturas.

Principios e regras do calculo differencial tratado pelo methodo infinitesimal. Comparação deste methodo com os de exhaustão; dos limites; das fluxões; e das derivadas.

Sua vantagem pratica sobre os outros.

PRINCIPIOS ELEMENTARES DE CALCULO INTEGRAL.

Regras fundamentaes da integração das funcções d'uma só variavel — integração por partes — considerações sobre as constantes que se juntam aos integraes.

Integração das fracções racionaes.

Integração de algumas funcções irracionaes.

Differenciaes binomias; e regras fundamentaes para a sua integração.

Integração das funcções exponenciaes, logarithmicas e circulares.

Constantes arbitrarias — Constantes entre limites, ou integraes definidos.

Integração por series.

Quadraturas e rectificações — areas e volumes dos corpos.

ASTRONOMIA.[1]

Nos dias 3, 4 e 5 d'abril de 1854 tomaram-se com o circular repetidor no observatorio de Coimbra azimuths e distancias zenithaes d'um Cometa, que se começára alli a vêr nos dois dias precedentes.

O astro ia perdendo successivamente o brilho; o que, junto á circumstancia de crescer a phase luminosa da lua, foi causa de se fazerem as observações com difficuldade, e

[1] O primeiro destes artigos foi recebido na redacção em 14 d'abril, e pela sua importancia vai no presente n.° do jornal, cuja publicação tinha-se atrazado por embaraços inevitaveis.

sem inteira confiança, em numero de 8 no primeiro dia, de 6 no segundo, e de 4 no terceiro.

A pezar d'esta desvantagem, e da proveniente da natureza do instrumento, do pequeno raio do seu circulo azimuthal, e da difficuldade que offerecia a leitura do nonius d'este circulo, a discussão das observações fez adoptar as seguintes coordenadas, já correctas da refracção:

Tempo med. astr.	*Dist. Zenithal*	*Azimuth*
3.ª 7.h 25.′ 55″	77.° 45.′ 40″	78.° 0.′ 0″
4 7. 33. 18	77. 57. 30	78. 59. 30
5. 7. 35. 2	77. 18. 0	80. 40. 45

E determinando com estas coordenadas os cinco elementos que assignam a posição e figura da parabola, com a qual a orbita se confunde perto do perihelio, e a posição do astro em um tempo dado, acharam-se os seguintes, que são os medios entre os obtidos por dois calculadores differentes, e nos quaes supprimimos os segundos d'angulo e a quarta letra decimal.

Long. hel. do nodo asc. (☊)	317.° 0′
Inclinação da orbita.....	78.° 52′
Long. hel. do perihelio.....	179.° 30′
Dist. perih., sendo 1 a media da terra ao sol	0, 277
Tempo da passagem pelo perihelio.....	março 23,ª 932.

A distancia do Cometa á terra no tempo da observação do dia 4 era 0,85, e a minima foi 0,83 no dia 1.

A fim de facilitar a verificação d'estes elementos, damos para os tempos das observações os seguintes resultados, tambem medios entre os dos dois calculadores, fazendo a mesma suppressão das decimas millesimas e dos segundos:

AR.	*Decl.*	*Long. geoc.*	*Lat. geoc.*	*Long. hel.*	*Lat. hel.*	*Dist. ao sol.*
35.° 8′	+16.° 59′	38.° 27′	+2.° 48′	138.° 8′	+5.° 31′	0, 426
38. 27	16. 6	41. 11	+0. 57	137. 18	+1. 48	0, 449
41. 34	15. 7	43. 45	—0. 54	136. 40	—1. 39	0, 471

Fôra mais exacto repetir o calculo desde as longitudes e latitudes geocentricas, corrigindo estas coordenadas do effeito da aberração, qne para as longitudes anda por 1′; mas não julgámos necessario fazer esta correcção, e menos ainda a da parallaxe, que pouco excede a parallaxe do sol.

Vê-se pois que o astro atravessou a ecliptica, de norte para sul, no dia 5 quasi ás sete horas da manhã, e que o seu movimento é retrogrado.

Póde talvez suspeitar-se que este Cometa seja o de 1677, attendendo á concordancia das suas distancias perihelias e das inclinações das suas orbitas; no entretanto não arriscaremos conjectura a esse respeito.

Empregou-se o circulo repetidor, porque não appareceram no campo do equatorial estrellas de comparação. Apenas se pôde observar com elle no dia 3 uma pequena estrella, que a ser a 771 do catalogo de *Briths association*, daria para coordenadas do Cometa as seguintes:

Tempo	*AR.*	*Decl.*
3.ª 7.h 33.′ 38″	35.° 7′	+16.° 54.′

Cumpre porem advertir que a construcção e dimensões d'este instrumento não permittem maior confiança que 5′, segundo observações que em outro tempo se fizeram com o fim de experimental-o, quando se mudou para 40.° 12′,5 a primitiva inclinação de 42° do seu eixo.

Mais um exemplo ahi temos da falta que fazem no observatorio de Coimbra instrumentos bons, e apropriados ás observações que n'elle se devem instaurar. Felizmente contamos que em breve terminará um tal estado de cousas, porque nos consta que, em virtúde das ordens do governo portuguez, estão comprados em Inglaterra e encaixotados, ha algum tempo, o circular meridiano e o equatorial para este observatorio.

S. P.

Depois de termos escripto o artigo relativo ao Cometa, lemos na Presse de 12 d'abril que elle fôra visto em França no dia 23 de março pelas 4 horas da manhã; que era muito brilhante; e que os astronomos de Paris o não poderam depois ver senão no dia 29.

Como o desapparecimento podia resultar da pequenez da elongação, ou de ser o nascimento ou occaso do astro muito proximo do do sol, apressámos-nos a fazer os calculos necessarios para examinar se os nossos elementos eram conformes com os factos referidos.

Achamos:

Tempo	*Long. geoc.*	*Lat. geoc.*	*Dist. angul. do Com. ao sol*
Março 21,ª 928	357.° 52′	+15.° 43′	16.° 8′ occ.
23, 928	3. 50	16. 8	16. 8 or.
25, 928	10. 36	15. 34	16. 23
27, 928	17. 40	13. 36	16. 57
29, 928	24. 53	10. 53	18. 50
31, 928	31. 20	7. 17	21. 10
Abril 2, 928	37. 22	3. 32	24. 15

E para differenças d'ascenção recta em tempo, pouco mais ou menos:

23ª ás 10ʰ da manhã 33′, Cometa occid.
24 „ 25
26 „ 7
28 „ 15, Cometa orient.
30 „ 39

Assim no dia 23 devia o Cometa apparecer de manhã precedendo em ascensão recta o sol 35′, e no dia 29 de tarde seguindo-o 32′; donde resulta, que seria o seu nascimento anterior hora e meia ao do sol no dia 23, e o seu occaso posterior no dia 29.

Estes resultados, e a passagem pelo perihelio na manhã do dia 24, explicam o apparecimento no dia 23 de manhã, o desapparecimento seguinte, o reapparecimento na tarde do dia 29, e o brilho do astro na primeira observação. S. P.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 291.

Reforma do encanamento existente.

O plano de reforma que propomos para o actual encanamento, a fim de beneficiar a cultura dos campos de Coimbra, consiste em construcções simplicissimas, que sendo convenientemente executadas devem indispensavelmente produzir consideraveis melhoramentos. Não é preciso grande esforço de razão para comprehender o systema das obras que vamos indicar; reconhecemos que este systema posto que não seja muito scientifico, não carece todavia de ensaios para confirmar os seus resultados, por serem de primeira intuição; taes meios teem sido, é verdade, empregados em ponto pequeno, mas d'elles tem-se já colhido optimos effeitos, e em ponto grande confiamos que tambem se obterão na devida proporção. A experiencia é sem duvida a melhor mestra, porem a necessidade fertilissima inventora.

O bairro baixo de Coimbra (que é constantemente a porção mais povoada d'esta cidade) estaria desde muitos annos, ou sepultado em arêas do Mondego, ou convertido em pantanos insalubres, se a camara municipal não tivesse sabido obstar a semelhante calamidade; o remedio tem sido de facil execução; o effeito proficuo, e sem grandes despesas feitas com empregados especiaes. Ignoramos porem se o primeiro pensamento da obra se deva attribuir a conhecimentos scientificos, se antes a instincto dos camaristas antigos; mas é certo que o resultado tem sido feliz, e que as camaras modernas não tem feito mais do que trilhar o caminho encetado por seus antepassados. Tem pois a camara municipal tido a cautela de fazer elevar o plano da cidade baixa á proporção que o alveo do Mondego vai subindo, a fim de se conservar sempre alguns palmos superior á corrente do rio, e evitar que as enchentes ordinarias alaguem os edificios. É um costume secular em Coimbra, de cuja pratica, e bons resultados seria ocioso fallar mais largamente. Citaremos todavia um exemplo recente.

A insua de J. G. Vianna, entre o Mondego e a estrada no sitio denominado da Alegria, soffreu ultimamente reforma, e foi melhorada pelo systema das camaras de Coimbra. Ha poucos annos estava aquelle predio quasi totalmente esterelizado, n'umas partes por causa das arêas que o Mondego para alli tinha arrojado, e n'outras por causa dos baixos, que ficando, mesmo no verão, nivelados com a agua do rio, não podiam ser cultivados. E como removeu o proprietario estes males? fez abrir uma valla, e lançar nella a arêa, servindo a terra da valla para encher os sitios baixos; guarneceu a margem do rio com uma bem serrada tapagem de salgueiros vivos; mandou construir um muro ao fundo do predio, onde as aguas das enchentes, n'uma repreza momentanea, deixam precipitar algum lôdo, que, alem de fertilizar o solo, concorre em parte, para a elevação da insua acima do alveo do Mondego. Por estes meios conseguiu pois libertar o seu predio d'uma ruina que parecia sem remedio, e o converteu n'um dos melhores das suas visinhanças. Muito conviria que os donos das insuas d'uma e outra margem do rio, acima da ponte de Coimbra, seguissem o exemplo d'este proprietario.

Não queremos dizer que nos campos de Coimbra se empreguem todos os meios de que se aproveitou aquelle proprietario para melhoramento da sua insua, porque não pertendemos inculcar impossiveis; mas entendemos que é util e exequivel o pensamento principal = elevar a superficie do campo com as arêas do Mondego =. E a não ser o novo encanamento, cujo plano já expendemos, não encontramos outro meio rasoavel de obstar aos estragos dos campos, e até de melhorar a sua condição, senão pelo systema das camaras de Coimbra, não obstante ser um systema d'obras provisorias.

O plano proposto deve principiar pela abertura de vallas profundas, nos sitios mais baixos do campo, transportando-se depois para ellas arêa dos logares do alveo, em que houver maior accumulação della. É mister que ás vallas se deixe um vazio de palmo e meio pelo menos, ou o que melhor parecer, que depois será cheio com parte da terra extrahida das vallas; e a outra parte deve ser espalhada pelos sitios baixos contiguos ás mesmas vallas, para d'este modo ficarem mais subidos do que antes estavam. É evidente que por estes meios se conseguem simultaneamente os fins desejados: elevar o campo, e rebaixar o alveo. A pezar de ser esta

a idea principal do nosso plano, julgamos que o bom resultado depende ainda de algumas obras addicionaes, que seriam inuteis sem o desempenho do pensamento principal do plano. É necessario:

1.° fazer restituir o alveo ao seu limite antigo, ao menos nas partes em que elle tem adquirido maior amplitude:

2.° defender, pelo melhor modo que a arte indicar, as paredes internas do leito do rio, para evitar que a corrente da agua continue a escavar o terreno marginal. Lembramos a cravação de estacas de pinho, e a plantação de arbustos adequados ao local, e ao fim que se tem em vista. A falta d'esta providencia tambem tem concorrido para a ruina do campo em algumas partes em que elle confina com o rio, porque a corrente mina o terreno lateral, faz com que elle desabe no alveo, e por este modo accrescenta um mal a outro mal. É mister por tanto acudir com este remedio aos sitios onde é reclamado com mais urgencia e brevidade.

Não foi nossa intenção, quando principiamos a escrever esta memoria, emittir opinião alguma sobre a obra d'um novo ou reforma do actual encanamento do Mondego; o nosso fim era tão somente fazer uma synopse da legislação que lhe diz respeito, desde os tempos mais reconditos até nossos dias, por nos parecer que todos os auctores que tem escripto á cêrca d'obras hydraulicas do rio de Coimbra, não tiveram inteiro conhecimento nem estudo especial d'essa legislação, ou porque o julgassem superfluo, ou porque não tivessem opportunidade para consultar esses monumentos escriptos. Porem, depois de havermos analysado attentamente todas as peças legislativas, depois de nos havermos convencido da inutilidade das obras que consta terem-se praticado no Mondego, e finalmente tendo visto os diversos planos de canalisação que tem vindo a lume, pareceu-nos em resultado que nenhum póde satisfazer os dous pontos capitaes = melhorar a cultura do campo, e facilitar a navegação =; foi por isso que aventuramos a nossa opinião em assumpto tão importante como difficil.

M. DA CRUZ PEREIRA COUTINHO.

P. OVIDIO NAZÃO:

Dos Tristes — Livro 4.°: Elegia 10.ª

ARGUMENTO.

Nesta elegia declara Ovidio, qual fôra a sua patria, e quaes os consules romanos do anno do seu nascimento. Relata depois resumidamente toda a historia da sua vida, e enumera a final os males do seu desterro, a grandeza dos quaes o tracto das Musas lhe tornou menos insupportavel, resultando-lhe daqui notavel quietação ao seu espirito.

Eu, que fôra o cantor dos amorosos
Brandos versos, ó posteros, que os lêrdes,
Quem fui, sabendo ficareis agora.
— Solmona, patria minha foi, de fontes
Frias abundantissima, e dez vezes
Milhas nove de Roma separada.
— Do nascimento meu talvez o tempo
Saber tambem queiraes. Foi quando golpe
Simultaneo a dous consules cortára
Com sorte igual da vida o debil fio.
— Se qual a posição minha, dos velhos
Meus avoengos herdada? Foi a equestre
Ordem a que occupei, não da fortuna
Pelas dadivas feito cavalleiro:
Nem o primeiro fui na estirpe minha,
N'ella mais velho um irmão me precedêra
Mezes doze; mas d'ambos igual dia
Foi o natal, e simultanea offerta
Dos dous o nascimento celebrava:
Nos de Minerva armigera festejos
Era o primeiro dos que assignalados
Com pelejas soíam ser cruentas.
— Nas artes da puericia eis nos adestram,
E o paternal desvelo a ambos envia
Logo depois a Roma, onde de insignes
Mestres colhemos as lições prestantes.
— Desde annos verdes meu irmão tendia
Para a arte de fallar, como nascido
Para os combates do verboso fôro.
Desde menino a mim somente os sacros
Da poesia mysterios me agradavam,
E a furto a si as musas me attrahiam:
« Esse inutil estudo (vezes muitas
« Me dizia meu pae) para que o tentas?
« Pobre sempre viveu, morreu Homero »:
Impressas taes palavras dentro d'alma
De certo me ficavam, e baixando
Logo do Helicon, em simples prosa
Intentava escrever; mas espontaneos
Versos a penna só hia escrevendo,
Eram só versos as palavras minhas.
— Surrateiros correndo em tanto os annos,
A mim e a meu irmão viril a toga
De larga banda de purpureo estôfo,
Já dos hombros pendentes nos ornava;
Mas d'elle o estudo e o meu são sempre os mesmos.
— Annos já meu irmão vinte contava,
Quando, a morte roubando-m'o, perdida
Uma parte senti da essencia minha:
As honras ambos juntos recebemos
Proprias da juventude, elle comigo
Exerceu dos triumviros o emprego:
Apenas o meu posto no senado
Me restava occupar; foi-me esta honra
Coarctada somente, ás forças minhas
Onus superior; que a um tal trabalho
Era o meu corpo e espirito impotentes,
Nem da ambição solícito eu curava,
Acenando-me as musas que os descanços
Seus pacificos antes procurasse,
Ao meu sentir emprego o mais mimoso.
— D'aquelle tempo os inclitos poetas
Frequentei, acolhi; onde encontrava
Vates, morar alli deoses julgava.
Macer muito mais velho que eu, das aves,
Das nocivas serpentes e das plantas
Vezes muitas me lia o seu poema:
Muitas vezes tambem Propercio vinha
Seus versos amorosos recitar-me:
Pontico nos hexametros, e Basso
Tambem pelos seus jambicos, illustres,
Da minha foram convivencia membros
Na mais doce união: os meus ouvidos
O numeroso Horacio deleitava
C'os versos cultos do alaúde ausonio:
Vi apenas Virgilio: o fado escuro

Não a Tibullo deu tempo bastante
Para a minha gozar terna amisade:
Gallo seu successor foi, e Propercio
Veio logo depois: em succeder-lhes
Na ordem dos tempos fui d'elles o quarto.
—Bem como aos já passados dava cultos,
Dos posteros eu cultos recebia:
Minha Thalia em Roma conhecida
Se fez em breve; quando os meus primeiros
Ao povo dei a ler juvenis versos,
Apenas uma vez, duas ao muito,
Cortado tinha o buço barbiloiro.
—Por mim, cantada com supposto nome
Por toda Roma, a celebre Corina
Foi quem me despertou engenho e estro.
Muito escrevi; mas vendo-lhe os defeitos,
A's chammas o entreguei que o corrigissem.
Condemnado ao desterro, contra o estudo
Meu valido, e meus versos indignado,
Alguns queimei, bem que ainda me agradassem.
—Posto que um coração sensivel tenha
E de Cupido ás settas accessivel,
A quem punha em acção causa a mais leve,
Com minimo valor prompto a accender-se;
Versos nunca satiricos da penna
Minha contra ninguem jámais saíram.
—Por minha esposa quasi na puericia
Mulher nem digna ou util me foi dada;
Mas d'um consorcio tal foi curto o praso:
Outro lhe succedeu, bem que sem crimes,
Que no meu thoro nupcial mui pouco
Tempo durou tambem: terceira esposa,
E ultima a mim se uniu tambem por annos longos,
E d'um quiz desterrado ser consorte.
Uma filha só tive, mui joven
Vezes duas, mas não d'um só marido,
Concebendo, d'avô me impoz o nome.
—E os seus destinos já meu pai enchêra,
Nove lustros juntando a lustros nove,
Cuja morte chorei, qual elle a minha
Choraria talvez. Em curto praso
De minha mãi soffri tambem a perda
Ditosos ambos, ambos sepultados
Com opportuna morte, antes que a pena
Do exterminio do filho os maguasse;
E eu ditoso tambem, pois já não vivos,
Sou da desgraça victima, e amargosa
Do filho lhes não é a sorte dura!
Mas ah! se de quem morre, além da morte
Alguma cousa mais lhe resta ainda.
Se a tenue sombra da fogueira escapa;
Ó almas de meus paes, se a voz da fama
Os meus crimes fizer soar na Styge,
Sabei, acreditai (pura verdade)
Que maldade não foi, foi erro apenas
Do meu desterro a causa verdadeira:
Baste-lhe isto saber, quem já não vive;
E a vós me torno pois que desejosos
Estaes de ouvir da minha vida os casos.
—Da edade os annos juvenis volvidos,
Já na fronte a assomar-me começavam
D'alvo negro mesclados os cabellos:
Depois do nascimento meu, a testa
Da palladia oliveira coroada,
O cavalleiro vencedor em Piza
Por vezes dez ganhára o premio honroso,
Quando do principe offendido a ira
A ir morar me ordenou entre os Tomitas,
Do Ponto euxino á esquerda collocados:
Do meu exilio a causa é bem sabida,
Nem a mim me compete o declaral-a.
—Dos meus guardas e famulos perversos
Para que hei de contar nefandos tractos?....
Fizeram-me soffrer não menos duros
Dos que os do proprio exilio acerbos males;
Mas a elles succumbir não quiz minha alma,
Com as forças suas resistiu-lhe invicta;
E, dos ocios antigos esquecido
D'armas fiz uso, por mim nunca usadas:
No mar, na terra desventuras tantas
Cahiram sobre mim, quaes nunca viram
Os que o visivel Polo e o occulto habitam;
Té que a final, depois de errores longos
Do Jeta sagittifero ás moradas
Na Sarmacia arribei, e bem que em volta
De mim ouça soar da guerra os brados,
Como posso, a tristeza alliviando
Vou com meus versos, muito embora surdos
Aqui da lyra aos sons só ache ouvidos;
O tempo assim consummo, assim o engano.
—Se pois vivo, e aos trabalhos meus resisto,
Sem que odiosa me seja a vida inquieta,
A ti o devo, ó musa; pois me outorgas
Doces consolações, e a meus cuidados
Descanço, e a meus desastres medicina:
Minha guia tu és, tu me acompanhas,
Do Istro me salvas, e no sacro Pindo
Entre as tuas irmãs vas dar-me assento:
Tu (o que é raro), a mim vivo ainda, déste
Sublime um nome, que depois da campa
Só gozar aos mortaes é concedido:
Nem dos presentes a iniqua inveja
Seus dentes imprimiu nas obras minhas.
D'este seculo, em vates grandes fertil,
Jámais a fama escureceu meu nome;
E, bem que a mim eu muitos anteponha,
Não inferior a elles me apregôa
A voz universal, e em vasto espaço
Sei já que lido sou do orbe inteiro.
—Se é dado pois aos vates do futuro
Versos arcanos presagiar, ó terra,
Todo teu não serei, e após a morte
Esta poetica fama, ou m'a conceda
O publico favor, ou de justiça
Ao estro e engenho meu devida seja,
Ó candido leitor eu t'o agradeço.

Continúa V. DE CARVALHO.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

Uma completa reforma era de ha muito reclamada n'este estabelecimento, que, podendo ser um dos melhores do reino n'este genero, chegára com tudo ao mais deploravel estado.

O alvará de 9 de janeiro de 1790, que ordenára o regulamento por onde se devia reger a imprensa da universidade, e que continha uteis e salutares providencias para o adiantamento d'este estabelecimento, que devia ser uma verdadeira eschola d'arte typographica, nunca teve plena execução, e d'aquella mesma parte, que a principio estivera em vigor, muitas disposições iam ficando em esquecimento, ou eram de todo contrariadas por viciosas e abusivas praticas, convertidas a final em resoluções da conferencia, que presidia ao governo d'esta imprensa.

Em 1834 uma reducção nos ordenados dos empregados foi a unica providencia, que se tomou n'esta repartição, que continuou no mesmo senão em peor estado, porque cessando a fiscalisação das suas contas, pela extincção da junta da fazenda da universidade, não se cuidou mais nem dos inventarios das obras impressas, e dos typos, moveis e utensilios da officina, nem de estabelecer uma contabilidade regular, e legalisada com os precisos documentos.

Por mais de dezoito annos a administração da imprensa da universidade vendeu as obras

que quiz, tirando-as dos depositos, onde existiam sem inventario, e não apresentando outro documento para comprovar as vendas feitas, senão a declaração do proprio administrador, que as vendia!

Muitas edições de classicos portuguezes e latinos forão vendidas a pezo, e outras deixaram-n'as apodrecer no fundo de armazens quasi subterraneos.

A falta de typo, a pezar de se ter comprado para cima de dezasete mil cruzados de letra desde 1834, e de bons prelos, difficultava as impressões, e tornava-as tão imperfeitas e demoradas, que muitos auctores buscavam por isso outras typographias com prejuizo consideravel d'esta.

A titulo de aposentadoria dos empregados da imprensa, as melhores casas, e as mais proprias para os trabalhos typographicos, estavam por elles occupadas; e as caixas de composição, e os prelos achavam-se amontoados n'um corredor, que apenas recebe por um lado a luz de janellas que ficam dentro do claustro da antiga cathedral: comprára-se uma machina lithographica que ha mais de seis annos estava fechada por falta de uma casa, onde se montasse, em quanto os empregados desfrutavam com graves inconvenientes do serviço e sem razão plausivel as melhores salas, mais alumiadas, e bem arejadas, condições essenciaes para estabelecimentos d'este genero.

N'estas circumstancias é que o exm.º bispo de Bragança, vice-reitor da universidade, propoz ao governo de S. M. a nomeação de uma commissão de cinco membros, para proceder a um inquerito sobre o estado da imprensa, e propôr as medidas conducentes ao melhoramento, e reorganisação d'aquelle estabelecimento, tanto na parte administrativa, como na mechanica. Por portaria do ministerio do reino de 7 de novembro do anno proximo passado foram nomeados para compôr esta commissão, os sñrs José Ernesto de Carvalho e Rego, Francisco José Duarte Nazareth, Henrique do Couto de Almeida Valle, José Maria de Abreu, e Florencio Mago Barreto Feio.

A commissão começou desde logo os seus trabalhos, procedendo ao inventario geral de todas as obras, que estavam nos armazens, assim como dos prelos, typos, e moveis das officinas; e examinando ao mesmo tempo todos os regulamentos, e estylos que se observavam na imprensa, e ponderando as mais urgentes reformas, que era mister adoptar desde logo, em quanto se não ordenava o projecto do novo regimento para a mesma imprensa, no qual a commissão está trabalhando, dirigiu ao governo uma consulta com a data de 24 de dezembro, em resultado da qual Sua Magestade foi servido mandar expedir a portaria abaixo transcripta.

Esperamos que as providencias, que nella se ordenam, os definitivos regulamentos e todas as mais reformas, de que a imprensa e até a propria conferencia por ventura careça, e que a commissão não deixará de propôr brevemente á regia approvação, terão os mais proficuos resultados para o aperfeiçoamento da arte typographica n'aquelle estabelecimento, e para a sua mais regular e zelosa administração, tornando-o digno da academia a que pertence, o que será incontestavelmente um grande serviço feito ao paiz, e á universidade.

Ministerio do reino — 1.ª direcção — 1.ª repartição — L.º 11.º n.º 48, e 12.º n.º 121. = Tendo sido presente a Sua Magestade El-Rei, Regente em nome do Rei, com a data de 24 de dezembro ultimo, o relatorio da commissão creada para examinar o estado da imprensa da universidade de Coimbra, e propôr as medidas de reforma de que por ventura careça; e verificando-se, pelo contexto do dito relatorio, a necessidade de se introduzirem nella diversos melhoramentos, assim na parte relativa á sua administração, como na parte technica, para que semelhante repartição venha a prestar os uteis serviços, que pode effectivamente prestar em beneficio das sciencias e das letras: Ha por bem o mesmo Augusto Senhor ordenar e declarar o seguinte:

1.º Pela demissão, que por decreto de 8 do corrente mez de março foi dada a João Francisco da Cruz, do logar de administrador da imprensa da universidade, — é nomeado interinamente para este emprêgo o compositor da imprensa nacional Olympio Nicolau Ruy Fernandes, com o vencimento de 1:200 reis diarios, abonando-se-lhe igualmente as despezas de jornada, de ida e de volta, tudo pago pelo cofre da imprensa da universidade.

2.º Este novo empregado, tomando logo conhecimento do estabelecimento da officina typographica da universidade, esclarecerá a commissão sobre as medidas de reforma e melhoramento, que convenha adoptar, tanto em relação á parte administrativa, como a respeito da parte technica d'aquella repartição.

3.º Em quanto a commissão não conclue o novo regulamento, que está formando, e porque a imprensa da universidade se deva dirigir no andamento de seus trabalhos, exercerá o administrador interino as attribuições, que nessa qualidade lhe competem pelo regimento de 9 de janeiro de 1790; e bem assim as que pelo projecto de regulamento da imprensa nacional, que em 31 de dezembro ultimo foi remettido á commissão, pertencem, não só ao mestre dos compositores, mas tambem ao dos impressores, na parte em que ellas forem applicaveis.

4.º O director da imprensa passará immediatamente a residir nas casas da rua do Norte contiguas ao palacio da universidade; — e serão transferidas para as que elle actualmente occupa, assim as caixas de composição, como as mais officinas, que a commissão esclarecida pelo novo administrador, julgar conveniente.

5.º Cessa a aposentadoria de todos os empregados dentro do edificio da imprensa, e bem assim qualquer gratificação, que se costume dar a titulo de aposentadoria.

6.º Estabelecer-se-ha, sem perda de tempo, a

machina lithographica no local que parecer mais apropriado, sem prejuizo d'outra melhor collocação, que de futuro possa ter logar.

7.° Fica prohibida, como inconveniente e illegal, a distribuição das propinas de exemplares de obras impressas na typographia da universidade a todos os empregados e compositores a quem actualmente se dão taes propinas.

De todas as obras, que alli se imprimirem, serão unicamente reservados quatro exemplares para, em conformidade das leis, serem distribuidos á bibliotheca da sobredita typographia, — á da universidade, — á de Lisboa, — e á do Porto.

8.° De nenhuma obra impressa, quer por conta da casa, quer dos particulares, se extrairá maior numero de exemplares do que aquelle que a conferencia, e os auctores declararem por escripto assignado por elles, que será affixado na porta da officina, sob pena de mulcta no triplo da importancia dos exemplares de mais, que o impressor extrair do prelo, sendo metade d'esta mulcta para a parte lezada, e a outra metade para quem declarar o abuso.

9.° Proceder-se-ha á venda das obras, que existirem em deposito, não sendo compendios actualmente adoptados nas aulas publicas, com um abatimento rasoavel, que convide a concorrencia de compradores.

10.° Nos termos da auctorisação já concedida, far-se-ha acquisição do necessario sortimento de letra para uso da imprensa

11.° A entrega de letra aos compositores realizar-se-ha sempre por pêzo, verificando-se em todos os trimestres as differenças que houver.

12.° Haverá tres chaves em cada um dos armazens da imprensa, das quaes terá uma o director, — outra o administrador, e outra o fiel.

13.° Todos estes tres empregados assistirão tanto á entrada, como á sahida das obras, lançando-se no mesmo acto as competentes notas em dois livros separados, um da entrada e outro da sahida, os quaes serão rubricados por todos os tres ditos empregados em cada verba d'entrada e de sahida, assim como o serão tambem todas as facturas de livreiros, ou de quaesquer outros compradores.

14.° Abrir-se-hão lanços para o fornecimento de todo o papel que a imprensa houver de comprar para seu uso, e d'isto se fará o competente annuncio no diario do governo, e no jornal que se publicar em Coimbra, marcando-se o prazo para se receberem as propostas, e decidindo a conferencia a final sobre a que for mais vantajosa aos interesses d'aquella repartição.

A esta decisão da conferencia estarão presentes o prelado da universidade, e o official de contabilidade da secretaria da mesma universidade.

15.° Todas as obras de reparo no edificio da imprensa, e quaesquer outras obras que for necessario alli fazer serão sempre dadas d'empreitada, em praça, com assistencia de toda a conferencia, e do official da contabilidade da secretaria da universidade.

16.° O tesoureiro da imprensa dará semanalmente conta documentada á conferencia, assim de todo o dinheiro por elle recebido, como de toda a despeza effectuada com a devida auctorisação.

17.° No fim de cada trimestre dar-se-ha um balanço ao cofre e cabedal da officina, nos termos do artigo 14.° do regimento de 9 de janeiro de 1790, assistindo sempre a este acto o prelado da universidade, com a conferencia, o official encarregado da contabilidade da secretaria da universidade, e o fiel da imprensa; — e de tudo se lavrará o competente termo, que será assignado por todos.

18.° A commissão actualmente encarregada de propor as reformas de que a imprensa da universidade carece, tratará de activar a conclusão do regulamento definitivo, porque a dita repartição typographica se deverá dirigir, enviando-o em tempo opportuno ao Governo, pelo ministerio do reino, para ser previamente approvado; — e em quanto isto não tem logar, é auctorisada a mesma commissão a tomar, d'acordo com o prelado, as providencias economicas, que o bem da mesma repartição exigir, e não dependam de resolução regia.

O que Sua Magestade manda participar á mencionada commissão para sua intelligencia e execução na parte que lhe toca. Paço das Necessidades em 16 de março de 1854. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546).

Continuado de pag. 295.

Entrados dom Alvaro e dom Francisco na fortaleza, retirárão os mouros a sua artelharia, e fizerão mostra de querer alevantar o campo; polo que se amotinárão todos os Lascarins, requerendo a dom João, que saisse fóra a dar nas estancias: e não o querendo elle fazer, por conselho de dom Francisco, e d'outras pessoas, que entendião bem a guerra, lhe fizerão tamanhas afrontas, que lhe comprio, mal que lhe pez, sair fóra, e dando nos seus baluartes, e muralhas, dom Alvaro, e dom Francisco passarão alem com obra de quinze homẽs, entre os quaes hia Luiz de Mello, e Jorge de Mendonça, filhos de Antonio de Mendonça, dom Duarte Pereira, Pero Lopes de Sousa, dom Jorge de Menezes, o qual dizem que entrou primeiro que todos, Francisco Guilhem, Jam Pires de Chaul: sendo passados alem, arrancando os mouros de suas estancias, e levando-os todos de vencida: quiz o pecado, que os nossos Lascarins sem nenhũa causa fogissem, deixando seus capitães no campo. Pello que, tornando os mouros a voltar, mataram dom Francisco, que foi hũa grão perda; porque era hũ dos gentis cavaleiros, que se podião achar em nosso tempo, e as suas partes e virtudes erão tamanhas, que raramente se poderáõ achar tantas nũa soo pessoa. Dom Alvaro ficou no campo alem de suas muralhas com cinco ou seis pessoas, onde os ajudou muito Jorge de Mendonça,

e Luiz de Mello, e Pero Lopes de Sousa, os quaes se defenderão muito espaço de tempo de toda a gente de mouros. Neste comenos disserão a dom João como dom Alvaro ficava perdido. Pollo que tornou logo com algũa gente ao favorecer. Com esta tornada afroxarão algũ tanto os mouros; com o que aprouve a nosso Senhor de os salvar, fóra de toda a openião e rezão; crendo os que isto virão da fortaleza, que fôra millagre mui evidente. Dom Alvaro trouxe a cabeça mui mal aviada de grandes cantos, que lhe derão sobre o capacete ao sobir das muralhas, e as armas mui passadas de setas, e espinguardadas. Affirmão todos, que, se esse dia não fogirão os Lascariis, que avião os nossos comprida victoria, e o cerco fôra alevantado, com grande honrra e fama dos Portuguezes. Isto assim feito, cobrárão os mouros animo, e tornarão a assentar a sua artelharia, e cerquar de novo a fortaleza. Pelo que dom João e dom Alvaro logo me mandárão fazer a saber os acontecimentos passados, e os trabalhos, que tinhão prezentes, pedindo-me socorro de gente, e monições. Pello que, em spaço de dez dias lancei sete caravellas ao mar, e as armei, e aparelhei de cousas necessarias; nas quaes embarquei trezentos e cincoenta Lascaris, e dozentos pedreiros, e cavouqueiros com grande cantydade de monições, e as mandei caminho de Dyo, dentro nestes dez dias. Os capitães destas caravellas forão: Antonio Correa, Cosmo de Paiva, Jorge de Sousa, Payo Rodrigues dAraujo, Tristão de Paiva, Gomes Vidal, e Afonso Madeira, mestre das obras, que levou os predeiros. De todas estas caravellas o primeiro que chegou a Dio foi Jorge de Sousa, e o segundo Paio Rodrigues, o qual no caminho tomou uma náo de Coje Çofar, que vinha do estreito com um capitão seu parente, que fôra fazer gente ao Cairo. E como chegou a Dio com ella, mandou dom Alvaro cortar a cabeça ao capitão, e a todolos Turcos, que nella vinhão: as mercadorias que na náo vinhão, mandou a Goa; pera que se entreguassem ao veador da fazenda. A cheguada destas caravellas poz grande esforço aos nossos, e quebrantou muito aos mouros; por que os capitães dellas erão homens muito onrrados, e valentes cavaleiros, e levavão muita, e boa gente. Dom Alvaro, como lhe pareceo, que a fortaleza tinha gente em abastança pera sua defensão, mandou certas fustas e catures d'armada ao longo da costa, aonde tomarão muitas náos de preza, que vinhão, do estreito, das quaes, posto que se furtasse muito, se tirou muito proveito dellas pera v. a. Com todo este socorro, e gente que mandei á fortaleza de Dio, não deixárão os mouros de levar sua perfia adiante, e combater muitas vezes a fortaleza, fazendo muitas minas, com que acabárão de derribar os pedaços dos muros, e baluartes, que ficavão.

Dizer a v. a particularmente o como se ouve dom João Mascharenhas com todos estes trabalhos seria nunca acabar; porque nas pelejas se mostrava muito valente soldado, e na maneira do guerrear grande capitão, e no cuidado, e aguazalhado de sua gente muito virtuozo; de maneira que seus serviços e merecimentos cò nenhũa soficiencia se acabaráõ de louvar, que mais não sejão. Dentro neste tempo fui avisado, que por toda a enseada andavão muitos capitães de fustas, e catures, dos que mandei de Goa com dom Alvaro, roubando, e fazendo couzas muito mal feitas, e contra serviço de v. a., sem quererem entrar na fortaleza de Dio. E porque erão muitos, e trazião muita gente, pareceo-me couza mui importante mandar la hũa pessoa soficiente; e de muito sizo, esperiencia, e saber com grandes poderes pera os ajuntar, e ou por força, ou per sua vontade os levar todos á fortaleza. E por em Vasco da Cunha aver todas estas calydades, o escolhi pera isso, e o mandei de Goa a sete de setembro, e com elle Symão Alvares boticario mór com muitas meizinhas, e couzas de botica, pera curar os doentes, e frey Paulo guardião de São Francisco; por ser homem muito virtuoso, e de grande authoridade, e geralmente bem quisto dos homens; a fim de emvergonhar todolos reveis, que não querião entrar na fortaleza de Dio. Chegando Vasco da Cunha a Chaul, e Baçaim, e a outros logares da enseada, obrou tanto com seu bom sizo, e dilligencia, e muitos poderes, que de mĩ levava, que ouve de levar diante si todos estes descuidados de suas honras e serviço de v. a.; posto que com grande trabalho seu, e entrou com elles em Dio a vinta sete de setembro, que foi mui grande ajuda aos cercados: comessando logo a trabalhar, e servir v. a., como delle se esperava, e como quem levava poderes sopremos sobre todos os da fortaleza, por cauza do desarraujo, que fizerão na saida, sendo contra o meu regimento.

Tanto que tive despedido Vasco da Cunha comecei a entender em me fazer prestes com toda a gente, e armada, que fosse possivel. E posto que sobre minha partida ouvesse muitas opiniões, dizendo, que me não devia abalar sem todalas náos, galeões, e gualés, que avia na India, e sem esperar toda a gente do reino, e a de Choromandel, eu entendi o contrario, e me pareceo, que com a maior dilligencia do mundo me devia embarcar em fustas, e catures, e irme pôr na fortaleza de Baçaim, pera ali ajuntar toda a gente, e armada, que pudesse, e hir dar batalha aos capitães delrei de Cambaia. As rezões, que tive para isto sam estas. Em todolos reis e senhores da India erão lançados embaxadores delrei de Cambaia, fazendo saber a todos, como tinha tomada a fortaleza de Dio, persuadindo-os a se alevanta-

rem, e me fazerem guerra: dizendolhe quam facil lhes seria tomarem as nossas fortalezas, que estivéssem em suas terras; pois nos-elle tinha tomado a mais forte de todas, e morta tanta, e tão boa gente: prometendolhes ajuda, e dinheiro pera isso. E já em todas côrtes, e cidades dos mouros, e gentios se fazião grandes festas, e alegrias, e davão muitas alviçaras pola boa nova. E com isto andava tão grande alvoroço nos mouros, que faltava pouco pera se fazer um alevantamento universal: o que senão podia amansar com outra cousa, senão com tomar conclusão com grande presteza no descerquar a fortaleza de Dio. Polo que me não compria esperar, e guastar tempo; posto que a dilação me acrescentasse gente, e armada; maiormente sendo já avisado, que de Choromandel me não acodia ninguem, e de Cochim se me fôra toda pera Malaqua, Paleacate, e outras terras, por remissão, e máo cuidado do capitão; e as náos do reino tardavão tanto, que se tinha por averiguado averem denvernar em Moçambique. De maneira que me não ficava outra gente, em que escorar, salvo a que se achasse nas fortalezas, que se contem de Cananor até Baçaim, a qual nunqua se acabaria de ajuntar em Goa, e ajuntada fôra mui maa darrancar: (tantas são as delicias e passatempos desta cidade!) E sabendo os homens, que eu estava em Baçaim, era cauza de se envergonharem, e acabarem de arranquar mais cedo de suas casas; e o tempo, que em Baçaim ouvesse de esperar por ella, e acabar de fazer, e ordenar, minha armada atromentava toda Cambaia, e guerreava a enseada, e tolhia os mantimentos ao campo dos mouros. Polo que me detreminei, e parti de Goa a vinta cinco de setembro com hũa armada de trinta e cinco fustas e catures, e tres galeões, nas quaes fustas vinhão muitos cazados, e moradores de Goa por capitães, e ás suas proprias custas, e despezas; a saber, Antonio Ferrão, Juiz d'Alfandegua, Simão da Cunha, Diogo Gentil, Jam Juzarte, Jorge Cardim, Antonio Martins; e em poucos dias cheguei ao logar de Baçaim. Estrondeou tanto minha vinda, que por toda a costa de Cambaia se começárão logo arrecear. Tanto que cheguei a Baçaim despedi logo dom Manoel de Lima pera a enseada com algũas fustas, e catures, para tolher os mantimentos, que por mar se levavão ao campo dos mouros: o que elle fez com tamanha dilligencia, e bom cuidado, que em breve espaço tomou passante de trinta navios carreguados de muita sorte de mantimento, passando toda a gente delles pola espada, como levava por meu regimento. E acabado o tempo, que lhe eu tinha ordenado, se veio ter comigo a Baçaim, e entrou polo porto com as vergas das suas fustas todas cheias denforcados; o que poz grande espanto, e temor nos mouros. Isto assĩ feito, comessei a entender no preparamento de minha gente, e armada. E já cada dia entravão muitas náos, fustas, catures, Lascariĩs de Goa; e de todalas fortalezas da India me acodião de maneira, que a vinta quatro d'outubro tinha já comigo sessenta fustas, e catures, e doze náos, e galeões, e obra de mil e quatrocentos homens, e trezentos pioens Canarĩs. Polo que, parecendo-me, que já me não podia acodir mais gente, e armada, antes fazendo demora, me fogiria muita da que tinha, me fiz prestes, e parti de Baçaim ha vinta seis doutubro, e fui surgir na ilha das vaquas. Deste logar de Baçaim se embarcárão muitos homẽs fidalgos, e creados de v. a., a saber, Alvaro da Gama, o qual veio á sua custa nũ galeão, e com hũa fusta em que trouxe muita gente, e mui bem ataviada, e dom Diogo de Noronha com hũa fusta sua, e hum Aurrique de Souza, que qua ha muitos annos, que anda servindo v. a.; e assĩ Nuno Fernandes Peguado com outra fusta, e Simão Galego em outra, Antonio de Saa Pereira em outra. E porque era necessario hir tomar a ilha dos mortos; assĩ pera fazer auguada, como pera ajuntar toda a armada, que no atravessar do golfão de necessidade se avia de perder de mĩ, por caso das grandes correntes: mandei diante dom Manoel de Lima com vinte fustas pera correr toda a enseada, e queimar, e tallar toda a costa do mar, no que mostrou bem sua cavalaria, e dilligencia; porque fez a mór destruição na costa, que nunqua jamais foi visto, nem esperado; destroindo todolos lugares, que estão de Damão até Baroche sem ficar delles memoria: e toda a gente, que tomou foi feita em postas, sem perdoar a nenhũa couza viva. Queimou obra de vinte náos, e cento e cincoenta cotijas; de maneira que toda a costa de Cambaia era hũa lavareda e viva chama, e as praias se viño cheias de mortos. O que meteo grande medo, e temor em todo o reino de Cambaia.

Continúa. N.

FACULDADE DE MATHEMATICA.

O conselho da faculdade de mathematica nomeou uma commissão composta dos sñrs. doutores Rufino Guerra Ozorio, e Jacome Luiz Sarmento, para colligir dos livros das actas tudo que mereça publicar-se no Instituto.

O mesmo conselho desejando que tambem se publicassem as demonstrações, additamentos e memorias, com que os respectivos professores substituissem ou ampliassem alguma parte dos compendios por onde explicam, resolveu que se remettesse para a redacção do sobredito jornal, qualquer d'esses trabalhos litterarios, que seus auctores offerecessem para aquelle fim.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia	Estado do céo e do tempo.
Mez de Março		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor aquoso contido no ar	Pressão do ar secco	Gráu de humidade do ar	Quantid. de vapor contido em um metro cubico de ar		
Dias	Gráus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas.		
1	12	762,848	5,756	757,092	0,5376	5,857	N.	Clar. e limp. T. sereno.
2	11	761,907	7,202	754,705	0,7149	7,354	N.	O mesmo. O mesmo.
3	11	761,045	6,800	754,245	0,6750	6,943	N.	O mesmo. O mesmo.
4	11,5	762,921	6,480	756,441	0,6235	6,605	N.	O mesmo. O mesmo.
5	11	764,443	7,146	757,297	0,7094	7,297	N.	O mesmo. O mesmo.
6	11	765,457	6,713	758,744	0,6664	6,855	N.	O mesmo. O mesmo.
7	12	764,673	6,793	757,880	0,6344	6,912	N.	Cl. e lig. nubl. B. temp.
8	11,5	765,253	6,927	758,326	0,6876	7,073	S.	Cl. e limpo. Bom temp.
9	11	762,922	7,010	755,912	0,6959	7,158	N.	O mesmo. O mesmo.
10	11,5	761,907	7,492	754,415	0,7211	7,636	N.	O mesmo. O mesmo.
11	12	757,220	7,370	749,850	0,6884	7,499	N.	O mesmo. O mesmo.
12	12,5	764,432	7,811	746,621	0,7074	7,934	N.	Nublado. Bom tempo.
13	14	754,186	8,439	745,747	0,6982	8,527	S.	Encobert. Temp. vent.
14	13,5	756,528	8,805	747,723	0,7505	8,912	N.	Nublado. Bom tempo.
15	13	762,623	8,608	754,015	0,7566	8,728	N.	Clar. e limp. T. sereno.
16	12	758.538	8,157	750,381	0,7619	8,300	N.	Cl. e lig. nubl. T. vent.
17	12,5	757,311	8,540	748,771	0,7735	8,675	E.	Clar. e limp. B. tempo.
18	13	755,728	6,637	749,091	0,5833	6,729	E.	Cl. e limp. Temp. vent.
19	12,5	753,103	7,710	745,393	0,6983	7,831	N.E.	O mesmo. O mesmo.
20	12	749,971	7,648	742,323	0,7143	7,782	N.	Nublado. Bom tempo.
21	12	747,536	7,753	739,783	0,7241	7,889	S.	O mesmo. O mesmo.
22	11,5	744,902	8,395	736,507	0,8080	8,557	S.O.	Encobert. Temp. chuv.
23	11	750,801	7,148	743,653	0,7096	7,299	S.E.	Nublado. Bom tempo.
24	11,5	753,329	7,043	746,286	0,6775	7,179	E.	Cl. e limp. Temp. vent.
25	11	753,895	6,886	747,009	0,6836	7,031	E.	Cl. e limp- Bom temp.
26	11,5	756,775	7,043	749,732	0,6775	7,179	E.	Cl. e ennev. no hor. B. t.
27	12	756,713	7,900	748,813	0,7378	8,038	N.O.	Clar. e limp. B. tempo.
28	13	757,300	7,074	745,226	0,6217	7,173	E.	O mesmo. O mesmo.
29	12,5	760,961	5,694	755,267	0,5157	5,783	E.	O mesmo. O mesmo.
30	13	758,618	7,455	751,163	0,6552	7,559	E.	O mesmo. O mesmo.
31	14,5	758,940	6,240	752,700	0,5007	6,294	E.	O mesmo. O mesmo.
media do mez	12,4	757,831			0,6809			

Extremas do mez	*Temperatura*	*Pressão atmospherica*	*Gráu de humidade do ar*		*Ventos predominantes*
	Maxima absol. 14°,5	Maxima absol. 765,457	Maxima absol. 0,808		N. e E.
	Minima ..... 11°	Minima 744,902	Minima 0,5007		
	Maxima variaç. 3°,5	Max. excursão 20,555	Variação maxi. 0,3073		

Coimbra 1.° de Abril de 1854.

O Demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Joaquim Augusto Simões de Carvalho.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE MATHEMATICA.

1853—1854.

3.º ANNO. — 3.ª CADEIRA.

CALCULO SUPERIOR — DIFFERENÇAS FINITAS — GEOMETRIA DESCRIPTIVA.

Lente — *Dr. Abilio Affonso da Silva Monteiro.*

CALCULO DIFFERENCIAL.

Desenvolvimento das funcções de duas e mais variaveis independentes.

Desenvolução de $F(x, x_1, x_2, \ldots x_n)$ em serie ordenada em relação ás potencias e productos de α, α_1, $\alpha_2, \ldots \alpha_n$, sendo $x = \varphi(t + \alpha z)$, $x_1 = \varphi_1 (t_1 + \alpha_1 z_1) \ldots\ldots x_n = \varphi_n (t_n + \alpha_n z_n)$, e sendo $z, z_1, \ldots z_n$ funcções de $x, x_1, x_2, \ldots x_n$.

Theoria dos contactos e evolutas das curvas planas.

Asymptotas das curvas.

Pontos singulares.

Rectificação das curvas de dupla curvatura.

Cubatura dos solidos de revolução e medida das suas superficies.

Cubatura dos solidos e medida das superficies curvas que não são de revolução.

Maiores e menores ordenadas das superficies curvas.

Theoria dos contactos das curvas de dupla curvatura e das superficies curvas.

Angulo de torsão.

Curvatura das superficies.

Theoria das superficies envolventes, curvas caracteristicas e arestas de reversão.

CALCULO INTEGRAL.

Integraes definidos.

Applicação á rectificação das curvas de dupla curvatura, á determinação dos volumes, e quadratura das superficies curvas.

Integração das equações differenciaes da 1.ª ordem e do 1.º gráo entre duas variaveis.

Separação das variaveis.

Equações homogeneas.

Equações lineares.

Determinação do factor que torna integravel uma expressão differencial.

Theorema das funcções homogeneas.

Soluções singulares.

Integração das equações differenciaes da 1.ª ordem e d'um gráo qualquer entre duas variaveis.

Methodos para integrar por approximação as equações differenciaes entre duas variaveis.

Construcção geometrica destas equações.

Integração das equações differenciaes da 2.ª ordem e das ordens superiores entre duas variaveis nos casos particulares, em que ella se póde effectuar.

Equações lineares da 2.ª ordem e d'uma ordem qualquer.

Eliminação entre as equações differenciaes.

Problema das trajectorias.

Equações differenciaes totaes entre tres variaveis.

Condição necessaria, para que uma equação entre tres variaveis, onde as differenciaes não passam do 1.º gráo, possa ter por integral uma só equação primitiva.

Outra condição, quando as differenciaes são elevadas.

Processo para integrar uma equação differencial, quando isso é possivel; e meios de obter no caso contrario, o systema d'equações, que satisfazem á proposta.

EQUAÇÕES DIFFERENCIAES PARCIAES.

Equações lineares da 1.ª ordem entre um numero qualquer de variaveis independentes.

Equações não lineares da 1.ª ordem entre tres variaveis.

Equações lineares e não lineares da 2.ª ordem entre tres variaveis.

Integração por meio das series.

Determinação das funcções arbitrarias.

CALCULO DAS VARIAÇÕES.

DIFFERENÇAS FINITAS, E SERIES.

Methodo directo das differenças.

Interpolação.

Integração das differenças.

Somma das series.

GEOMETRIA DESCRIPTIVA.

1.ª *parte.* Linha recta e plano.
2.ª *dita* Superficies curvas e planos tangentes.
3.ª *dita* Linhas curvas e suas tangentes.

3.º ANNO. — 4.ª CADEIRA.

MECHANICA RACIONAL; OPTICA.

Lente — *Francisco de Castro Freire.*

STATICA.

Noções preliminares.

Composição e equilibrio das forças applicadas a um ponto material livre, ou sujeito a mover-se sobre superficies ou curvas dadas.

Composição e equilibrio das forças parallelas.

Composição e equilibrio das forças, que obram n'um plano.

Composição e equilibrio das forças dirigidas no espaço sobre um systema, livre ou sujeito, de pontos materiaes ligados invariavelmente.

Theoria dos momentos. Forças conjugadas.

Applicação da theoria das forças parallelas á indagação dos centros de gravidade dos corpos que se acham á superficie da terra. — Theorema de *Guldin.*

Applicação da theoria da composição das forças ao calculo da attracção dos corpos — Theorema de *Ivory*.

Applicação das equações d'equilibrio aos systemas flexiveis — polygono funicular — catenaria — pontes suspensas — lamina elastica.

Applicação das equações do equilibrio ás maquinas — alavanca; balança ordinaria; balança romana — sarilho; roldana fixa; roldana movel — superficies fixas; parafuso; plano inclinado — maquinas compostas.

Fricções e rigeza das cordas. Fricção nos eixos de rotação; no sarilho; no parafuso; no plano inclinado.

Principio das velocidades virtuaes.

PRIMEIRA PARTE DA DYNAMICA.

Noções preliminares.

Movimento rectilineo de um ponto material. Movimento uniforme. Movimento uniformemente variado. Movimento variado em geral.

Movimento curvilineo de um ponto material. Formulas geraes d'este movimento — conservação das forças vivas — principio da minima acção — principio das areas.

Calculo das pressões nas superficies e nas curvas.

Força centrifuga.

Exemplos do movimento de um ponto livre — movimento dos projecteis — forças centraes — movimento dos corpos do systema solar.

Exemplos do movimento de um ponto sujeito a mover-se sobre uma superficie — pendulo-conico.

Exemplos do movimento de um corpo sujeito a mover-se sobre uma curva — pendulo simples.

SEGUNDA PARTE DA DYNAMICA.

Noções preliminares.

Principio geral de dynamica — exemplos de sua applicação ao movimento de dois corpos ligados por um fio; — ao movimento de dois corpos sujeitos a forças attractivas ou repulsivas; — á percussão de duas espheras homogeneas, duras ou elasticas; — ao movimento de um fio flexivel e inextensivel.

Propriedades geraes do movimento de um systema de corpos — conservação do movimento do centro de gravidade — conservação das areas — principio das forças vivas; applicação ás maquinas — principio da minima acção.

Determinação dos momentos d'inercia e dos eixos principaes.

Movimento de um corpo solido livre.

Movimento de um corpo solido em roda de um ponto fixo.

Movimento de um corpo solido em roda de um eixo fixo. Caso em que este movimento é devido a percussões iniciaes. Caso em que é devido á acção de forças acceleratrizes. Pendulo composto — pendulo de Robins.

HYDROSTATICA.

Equações geraes do equilibrio dos fluidos.

Equilibrio dos fluidos pezados.

Equilibrio dos corpos fluctuantes — stabilidade d'equilibrio dos corpos fluctuantes — oscillações de um corpo fluctuante.

Equilibrio de um mixto de gazes pezados — barometro.

HYDRODYNAMICA.

Equações do movimento dos fluidos.
Movimento d'um liquido n'uma hypothese particular.
Movimento permanente de um liquido.
Movimento dos gazes no interior de tubos.
Movimento de um gaz indefinido em todos os sentidos.

OPTICA.

Optica propriamente dita.
Noções geraes sobre a catoptrica e dioptrica.
Catoptrica.
Dioptrica.
Theoria da visão.
Telescopios — microscopios.

INSTRUCÇÃO PUBLICA NA SUECIA E NORUEGA.

Continuado de pag. 148 do vol. II.

III.

ESCHOLAS DO DOMINGO.

Na Suecia e Noruega ha grande numero d'escholas do domingo. Estabelecidas para servirem de complemento ás escholas primarias, apresentam este ramo da instrucção em gráo mais subido. A sua organisação não offerece ainda um systema uniforme, e á excepção das escholas de Gothemburgo e de Stockholmo, as outras teem conservado esse caracter accidental que as faz considerar antes ensaio provisorio que instituição permanente. As escholas porem de Gothemburgo e de Stockholmo, de que especialmente trataremos, apresentam já uma fórma mais normal; e se não dão a conhecer precisamente o estado de todas as escholas do domingo nos dous reinos, fazem todavia sentir a sua tendencia para o plano geral, a que por fim não deixarão de ser submettidas.

Ha em Stockholmo quatro especies d'escholas do domingo: escholas de catechismo *(hateketskolor)*; escholas dos officios *(handverkskolor)*; escholas da classe media *(borgareskolor)*; e escholas da sociedade d'artes e officios de Suecia *(slöjdföreningenskolor)*.

Escholas de catechismo.

Desde 1771 uma sociedade fundada em Stockholmo com o titulo de *Sociedade da fé e do christianismo (Samfundet pro fide et christianismo)* propoz-se animar com premios os escriptores religiosos que publicassem bons livros, e fazer perseverar com zelo no exercicio de suas funcções os professores e professoras mal retribuidos; e procurou principalmente estabelecer escholas de catechismo para diffundir pela nova geração do paiz o ensino da doutrina christã. Crearam-se successivamente desde 1776 até 1842 em varias parochias da capital, doze escholas de catechismo frequentadas ao mesmo tempo por moços e adultos. N'estas escholas eram admittidos sem distincção todos os individuos que tinham chegado ao uso da razão, e havendo entre elles alguns que nem lêr sabiam, foram por isso collocados n'uma cathegoria diversa — classe de soletração *(stafvareklassen)*.

Tão louvavel dedicação d'uma sociedade particular attrahiu a sollicitude do governo. E porque a sociedade sendo bastante rica não carecia de subsidio, o governo estatuiu em favor dos mestres que por cada anno de exercicio nas escholas de catechismo lhes seria contado anno e meio, e até em certos

casos, dous annos de serviço ecclesiastico, vantagem preciosa e muito ambicionada, sendo que todos os mestres d'estas escholas pertencem á vida ecclesiastica, onde os annos de serviço são tomados em consideração no provimento das egrejas e das dignidades ou exclusivamente por antiguidade, ou decidindo esta, quando se requerem outras habilitações, em egualdade de circumstancias. Os annos de serviço dividem-se em simples e duplos, e contam-se sempre do 1.° de maio: os annos duplos constituiam um privilegio apenas concedido por merecimento fóra do commum aos professores dos gymnasios e das universidades. Taes são as prerogativas concedidas pelo governo aos mestres empregados nas escholas de catechismo, aos quaes a sociedade dá de gratificação annualmente 200 francos, excepto aos das escholas de soletração que pouco mais é de 67 fr. Os fundos da sociedade são de 42000 fr., provenientes de legados que lhe teem sido deixados, da contribuição annual de 4 fr. paga adiantada por cada um de seus membros da capital, e donativos de seus amigos e protectores que vivem no campo.

Nas escholas de catechismo duram as lições tres horas, da uma hora da tarde ás quatro, e são todos os domingos e dias santos; não ha porem aula sexta feira santa, domingo de Paschoa e de Pentecostes, no dia de S. João e de Natal. Na conformidade do estatuto real de 1836 devem ser frequentadas por todos os individuos de 15 annos a quem falta instrucção religiosa sufficiente, bem como pelos meninos que não podem seguir um curso regular. Aprendem a ler, catechismo e historia da Biblia. O termo medio dos alumnos que por anno as frequentam, é de 450 a 500, e nas escholas de soletração de 100 a 120.

Escholas dos officios.

Em Stockholmo ha uma ou mais d'estas escholas, em cada parochia; não dependem como as precedentes d'uma sociedade particular, e não teem por isso direcção commum. Creadas por meio d'esforços puramente individuaes, e independentes umas das outras, são dirigidas parte pela administração dos pobres, parte pela administração das escholas das parochias em que estão estabelecidas. As que na sua origem foram solidamente fundadas, progridem e prosperam: as outras tendo apenas tenues recursos definham, mas raro deixam d'existir porque a administração dos pobres vem em seu auxilio, e appella para a generosidade publica, donde sempre obtem avultadas quantias, sem que intervenha n'esses momentos d'angustia o estado, a quem pertence fazer os regulamentos, e que concede aos mestres o privilegio do anno duplo por cada anno d'exercicio.

Os salarios dos mestres chegam a 200 francos como nas escholas de catechismo. Cada eschola é frequentada termo medio por 60 alumnos que aprendem a ler, escrever, calligraphia, arithmetica, escripturação, geographia geral e historia da Suecia, e tambem historia biblica e explicação dos textos sagrados.

Escholas da classe media.

São assim chamadas estas escholas, porque teem por fim especial instruir os alumnos nos conhecimentos que requerem as profissões exercidas pela grande classe d'individuos que na Suecia tem o nome de *borgerskapet:* obreiros, artistas, mercadores, etc.: pouco differem das escholas dos officios, de que são propriamente o desenvolvimento. Em consequencia do pouco tempo que n'aquellas durava o estudo e não podendo por isso obter-se resultados satisfactorios, foram estas 1831 fundadas em Stockholmo por uma sociedade chamada *Leal alliança (Det redliga förbundet);* e no 1.° de março de 1836 abriu-se uma eschola, em que o ensino devia durar quatro horas por semana, nos domingos desde as sete ás nove horas da manhã, e ás quartas feiras desde as sete ás nove horas da tarde, tornando-se por este modo eschola tambem da tarde *(af ton skola)*. No estabelecimento analogo em Gothemburgo tem alem d'isso o curso lição aos sabbados desde as sete ás nove horas da tarde. Em Stockholmo a eschola da classe media reuniu-se com as dos officios das parochias de S. Jacques e S. João, formando um só estabelecimento debaixo da direcção do mesmo mestre, e resultando d'aqui mais tres horas para o ensino, e ao todo sete horas por semana.

A sociedade *Leal alliança* cahiu em decadencia, mas não a eschola que havia fundado, por quanto para sustental-a formou-se logo outra sociedade com o nome de *Sociedade para o desenvolvimento da eschola da classe media de Stockholmo (Sällskapet till befrämjande af Stokholms stads borgareskola)*. É cousa pasmosa a facilidade com que na Suecia as sociedades succedem umas ás outras. Em 22 de janeiro de 1842 começou a sociedade a funccionar, e dentro de pouco tempo compunha-se dos cidadãos principaes, com o que melhorou a sua situação financeira, e a eschola prosperou, pois que alem de varios donativos e d'um capital de perto de 6000 francos que a sociedade possue, cada um de seus membros contribue com 4 fr. por anno.

Uma só d'estas escholas já não bastava, pelo que fundaram-se duas novas, as quaes reuniram, como havia feito a primeira, as escholas dos officios que estavam na sua proximidade, e até por serem as materias do ensino quasi as mesmas, a saber: ler e escrever correctamente, grammatica, ari-

thmetica, escripturação, estylo epistolar, formulas commerciaes, geographia, historia, historia natural elementar e os primeiros principios de geometria. Tem tambem uma vez em cada domingo a explicação do texto da Biblia.

O anno escholar divide-se em dous cursos, um da primavera desde o meio de janeiro até o meio de junho, e outro do outono desde o meio d'agosto até o meio de dezembro. Ha por semana sete horas d'estudo, mesmo n'aquellas a que não foram reunidas escholas dos officios; cinco horas ao domingo, e duas de tarde n'um dia da semana. Cada eschola é frequentada, termo medio, por 120 alumnos, cujo maior numero são impressores, marceneiros, alfaiates e sapateiros. Os professores em 1842 recebiam o salario de pouco mais de 267 francos, hoje chegam a ter 400 fr., e quando são muitos os alumnos podem tomar ajudantes que teem salario proporcional.

Escholas da sociedade das artes e officios de Suecia.

Uma sociedade mais importante e nacional que todas as precedentes foi fundada em 1845 com o titulo de *Sociedade sueca das artes e officios* (*svenska slôjdfôreningen*). Tendo por fim melhorar a industria indigena, um dos meios sem duvida mais efficazes era instituir e sustentar escholas especiaes, em que a classe operaria adquirisse moralidade, sciencia e a pratica necessaria aos diversos ramos de cada profissão. Desde o 1.º de janeiro de 1846 abriu-se em Stockholmo uma eschola da sociedade sueca das artes e officios (*svenska slôjd fôreningens skola*). Foi-lhe dado um programma puramente technico, contendo as seguintes materias de ensino: calligraphia, architectura, perspectiva, mechanica, desenho d'ornato, pintura, moldar em barro e em cêra, escripturação, contabilidade, arithmetica, geometria e historia natural.

O tempo d'estudo divide-se em dous cursos: o do outono desde o meio d'outubro até o fim de dezembro, e o da primavera desde o principio de janeiro até o fim de maio. Em cada um d'elles, não ha interrupção no ensino que é ao domingo desde as oito horas da manhã até uma hora da tarde, e em cada dia da semana das sete ás nove horas da tarde. O publico e os alumnos são admittidos ás terças e sextas feiras desde a uma hora até ás sete horas da tarde a visitar as collecções da eschola que se compõem de modelos para cada officio, livros e jornaes technologicos, e de figuras de gêsso segundo os modelos da eschola das bellas artes de Pariz O numero de alumnos que assistem a cada lição são termo medio cem, pela maior parte pedreiros, marceneiros e pintores. Havia ao principio tres mestres só, e depois cinco. Alem d'isto ha no estabelecimento um sacerdote para celebrar o officio divino ao domingo; um bibliothecario, e mestres extraordinarios, cujo numero varia conforme o augmento do numero dos alumnos.

O orçamento annual das despezas da eschola anda por 5800 francos, a saber: ao director 1600 francos, a cinco mestres ordinarios, com egual salario cada um, 2336 fr.: ao sacerdote, ao bibliothecario, e ao guarda da eschola 200 francos a cada um; o resto para mestres extraordinarios e despezas eventuaes. Para satisfazer a estes encargos os alumnos a principio pagavam 4 francos por cada curso, e depois fixou-se a retribuição em pouco mais d'um franco por mez: aos membros da sociedade pertence a cota annual que pouco excede de 3 francos. O estabelecimento que esta sociedade dirige, tem afóra donativos que lhe são feitos, um subsidio annual de 1600 francos pagos pelo cofre da cidade, e de 800 francos pelo cofre da classe media; e desde 1848 a indemnisação de 4000 francos, dada pelo estado.

Continúa.

CREDITO TERRITORIAL.[1]

C'est lui qui aidera l'homme à maitriser la matière, à exploiter le globe et à l'embellir pour son propre usage.
M. Chevalier.

I.

Se ha paiz que, pela amenidade do clima, fertilidade do solo e posição geographica, pareça destinado pela Providencia a marchar na vanguarda da civilisação, é de certo o nosso abençoado Portugal. E todavia, a quem esta bella terra for descripta por suas circumstancias naturaes, não se alcançará fazer-lhe acreditar o estado lastimoso em que a tem deixado a incuria dos homens.

Percorra quem quizer e puder algumas leguas de nossas provincias, e desde logo se lhe antolhará esse desgraçado constraste: atravez d'um terreno difficilmente transitavel, vastos campos se encontram solitarios e sem cultu-

[1] Já por vezes o Instituto se tem occupado deste importante objecto, como se póde ver nas paginas 83, 209, 365 do vol. I, e 225, 227, 240, 249 do vol. II.

Apezar do assumpto ser alli tratado por pessoa tão competente, como é o digno lente de economia politica da universidade, insistimos na materia, e por duas razões. A primeira, é nos fornecida por aquelle illustrado economista: «um dos meios de encurtar a distancia que nos separa da feliz epocha em que haja, entre nós, algum verdadeiro banco territorial», diz elle, «consiste indubitavelmente em fazer conhecer com a possivel clareza, ao menos, os principios fundamentaes, a essencia e as vantagens destes estabelecimentos, quaes existem, e desde muitos annos funccionam pelo norte da Europa.» A segunda, se bem nos lembra, é de um poeta, Francisco Manoel do Nascimento:

«Tanto bate no prego o carpinteiro,
Até que o mette n'alma do madeiro.»

ra, extensas serranias de todo despidas e ermas d'arvoredos, miseraveis povoações de longe em longe. Entre no defumado albergue do lavrador; observe-o em seu trabalho; inquira que resultado tira, em fim, de tanto trabalhar e amesquinhar-se. Ahi sim, não já em dourados salões de folguedos cortezãos, póde qualquer descobrir objectos dignos da maior solicitude.

Debalde collocaria Deus um povo em solo favorecido, se lhe não concedesse a faculdade de crear as circumstancias que contribuem para o augmento da força productiva da sociedade. A falta de communicações — estradas, canaes, e vias ferreas, torna entre nós difficil, se não algumas vezes impossivel, o transporte dos objectos, donde se produzem, para onde se consumam, para onde se vendam por bom preço; e por isso muitas industrias não nascem, muitas deixam de prosperar e morrem — ninguem produz só por produzir, senão para que seus productos sejam consumidos.

A ignorancia dos principios e praticas mais proficuas da agronomia e technologia, ignorancia generalisada em nosso paiz, onde se não encontram estabelecimentos proprios, e em numero sufficiente, para diffundir a educação professional, escholas e quintas exemplares verdadeiras, e não fingidas, como isso que chamaram *Instituto agricola*, é outra causa não menos ponderosa do atraso em que vemos a agricultura em Portugal; porque o primeiro e mais efficaz meio de augmentar a potencia da producção é, sem duvida, formar productores, preparar a tempo para este destino as novas gerações.

Um proprietario agricola, separado dos mercados por obstaculos invenciveis, não possuindo outra sciencia, senão a que recebeu, por tradição, de seus avós, como que se esposou com a terra, e não comprehende outro viver, senão junto daquella consorte que lhe pede extremosos sacrificios. Necessita de dinheiro para comprar uma herdade que, unida á sua, lhe proporciona cultura mais lucrativa; necessita de dinheiro para o amanho das fazendas que possue; necessita de dinheiro para comprar instrumentos aperfeiçoados, para tudo; porque não tem mais do que a sua intelligencia, os seus braços, e um solo que, por mais fertil que seja, não dá ao homem o alimento que o nutre, senão depois de regado por elle com o suor de seu rosto.

O proprietario dirige-se ao capitalista, pede-lhe emprestado o capital de que necessita, offerece-lhe em hypotheca as terras que possue, promette pagar-lhe com o rendimento que dellas houver. Mas o capitalista mette em calculo a pouca segurança do penhor offerecido, a longa distancia da epocha em que a divida ha de solver-se — recusa o emprestimo, ou exige premio superior ao que pode pagar a industria agricola.

E o capitalista tem razão. A nossa legislação hypothecaria, a mais defeituosa, a mais embaraçada de quantas legislações existem, d'envolta com a confusão de direitos que se cruzam sobre a propriedade, dá em resultado o que Mr Dupin attribue á mesma legislação em França: — quem compra não tem certeza de ser proprietario, quem empresta sobre hypothecas, não sabe se tornará a haver o seu capital. Por outro lado, os capitaes emprestados á industria agricola empregam-se em terras, instrumentos aratorios, construcções ruraes, plantações, etc., e é sabido que os capitaes assim despendidos, quando não ficam para sempre enterrados no solo que melhoraram, só volvem mui tarde á mão do proprietario: a consequencia, é que o capitalista não póde ser reembolçado se não passados muitos annos, e no entanto podem-se-lhe offerecer negocios mais lucrativos, póde a hypotheca deteriorar-se, já por causas naturaes, como aluviões, incendios, molestias de plantas, já pela acção das leis civis, já por negligencia do mesmo proprietario.

Ahi temos pois o proprietario collocado neste terrivel dilemma: aceitar as condições impostas pelo capitalista — sujeitar-se a um juro que transcende o rendimento do capital mutuado, e que, por isso, tem de ser pago, a final, com a venda da hypotheca; ou então abandonar a industria agricola — vender as terras por esse pouco que lhe possam dar por ellas, emigrar para os infectos pantanos de Demerara, ou para a California. E tomando um ou outro partido vae caminho da miseria.

Como sahir d'este estado de tristissima desesperança em que vemos a primeira das nossas industrias? Cremos, e a sciencia o confirma, que se chegar a organisar-se entre nós o credito territorial, raiarão para a agricultura dias mais felizes. O credito territorial depende, é verdade, de todas as circumstancias que elevam o valor das terras e de seus productos, mas tambem é certo que o melhoramento da cultura e a existencia de todas estas circumstancias dependem do credito territorial. Desenvolvendo este pensamento, uniremos o quadro dos males que soffremos ao dos bens a que podemos e devemos aspirar.

Continúa. JACINTHO A. DE SOUZA.

AS MEZAS GYRANTES,

CONSIDERADAS NAS SUAS RELAÇÕES COM A MECANICA E COM A PHYSIOLOGIA.

Continuado de pag. 289.

Uma questão importante que conviria examinar experimentalmente, seria indagar até que ponto o contacto dos dedos dos diversos operadores se torna necessario para estabelecer a concordancia das acções, que determina o resultado final. A vontade, expressa ou

tacita de um ou de muitos operadores, será bastante para inverter o sentido do movimento, ou para decidir dos movimentos concordantes nos orgãos dos que cooperam para a experiencia? Um ligeiro impulso em sentido contrario do movimento estabelecido bastará para alcançar que todos os orgãos, que assentam na meza, mudem o sentido da sua acção? Quando se operam movimentos de balanço para cima e para baixo, como é que a vontade de um pequeno numero de operadores, ou mesmo a de um só, arrasta a de todos os outros? Em virtude das indicações dadas pelo movimento das mezas, tem sido reproduzidas todas as hypotheses que se tem feito para explicar as adivinhações ou pretendidas advinhações magneticas. E com effeito por este modo parece que os phenomenos das influencias nervosas devem prestar-se melhor, por mais destacados, á verificação dos factos possiveis. O proprio facto fundamental, isto é, a grande energia dos movimentos nascentes, quer voluntarios, quer insensiveis, é muito curioso; e ao passo que parece explicar quanto póde ter explicação no phenomeno geral, serve tambem para confirmar tudo o que já era sabido pela mechanica e pela physiologia.

Alguns espiritos muito sensatos entendiam que, em logar de causar admiração que a imposição das mãos produzisse movimento, o que muito deveria admirar, seriam os casos, se por ventura existissem, em que orgãos essencialmente moveis communicassem, por assim dizer, o repouso. A esses responderemos, que a questão não está em saber porque razão se produz o movimento, mas sim em saber como esse movimento se transmitte dos orgãos aos corpos moveis.

Dissemos acima, que haviamos de examinar a celebre questão do movimento considerado na sua producção e na sua duração, e tambem a que lhe está ligada, do movimento perpetuo. E assim como nos não é possivel admittir nada que contrarie a logica no mundo das ideas, tambem nada admittiremos que contrarie a experiencia no mundo material. Vejamos pois o que nos diz a sciencia experimental.

Todos os corpos, toda a substancia material não póde por si só dar nem tirar a si mesma o movimento. Os corpos só podem ganhar ou perder velocidade, recebendo movimento dos corpos estranhos, ou communicando-lhes uma parte do seu. A somma total do movimento que existe no mundo é invariavel, por isso que um ser material qualquer não póde augmentar o seu movimento senão á custa dos corpos que o rodeam, nem tão pouco perdel-o sem o restituir aos corpos sobre que reage. Se vemos na terra, que todos os movimentos abandonados a si mesmos param promptamente; é porque a communicação do movimento ao ar ambiente, aos apoios, e principalmente aos objectos que se elaboram ou afeiçoam, roubam continuamente uma parte do movimento que existia no corpo, e estas perdas fazem com que elle pare bem depressa. Nos espaços celestes, em que os astros não encontram obstaculo algum e onde por isso não tem logar estas perdas, os movimentos perpetuam-se indefinidamente. Está tão fóra do poder do homem o crear movimento sem força, como o tirar corpos materiaes do nada. Uma velocidade de um metro por segundo é tão impossivel de dar a uma bigorna de quinhentos kilogrammas, sem que se lhe chegue, como o de fazer nascer a mesma bigorna sem ter excavado a terra e reduzido o mineral a ferro.

D'aqui podemos concluir que é impossivel o movimento perpetuo, visto que ha sempre perda de movimento para os corpos terrestres que se movem atravez de mil obstaculos, e que nada tem em si que lhes restitua as perdas que vão soffrendo.

Apprendamos pois da experiencia a distinguir o possivel do impossivel, e só depois desta aprendizagem indispensavel poderemos raciocinar com segurança sobre os factos physicos que se nos apresentam. A these contrária sería, que, para raciocinar sobre certa ordem d'ideas, cumpriria ser-lhes completamente estranho. E em conformidade com isso tornar-se-hiam os cegos os juizes naturaes da pintura, os surdos da musica, e as tribus antropophagas da humanidade!

O que vemos nós no desenvolvimento das forças mechanicas? Dá-se acaso um unico exemplo de movimento produzido, sem uma força que obre exteriormente? O homem, reduzido ao principio unicamente ao seu trabalho proprio, só á força de braços obtem alguma cousa da terra. Não é pelo pensamento que elle domina os seres materiaes. Mais tarde toma por auxiliares os animaes domesticos, e lavra com o boi, com o cavallo ou com o burro. Sempre motores physicos para os trabalhos physicos! Mais tarde ainda a sua industria lhe submette as forças da natureza, a agua, o ar e o fogo. As palhetas das rodas hydaulicas, e o emprego multiplicado da queda das aguas lhe permitte fazer trabalhar o regato, o ribeiro e o rio. Armazena e utiliza a acção dos ventos nas azas maravilhosas do moinho de vento, e nas velas mais immensas dos navios. Com o fogo, forja, funde, desenterra os metaes escondidos, e cozinhando os alimentos os torna sadios. Finalmente, quasi nos nossos dias, pede o seu concurso mechanico aos agentes artificiaes que a sciencia tem descoberto, e dos quaes ella tem estudado as propriedades, e quasi que diriamos os costumes.

Virá um dia em que ha de ser julgado como uma vergonha para a humanidade, que a polvora, a primeira descoberta d'estes agentes maravilhosos, tivesse a principal applicação nos campos das batalhas, e que o homem cuidasse primeiro que tudo em pedir aos poderes artificiaes os meios de destruir o

homem. Para fixarmos as ideas do leitor, como até aqui temos feito, e a fim de precisar os factos, diremos que, para realisar o esforço mechanico que a explosão exerce sobre uma bala de 12 kilogrammas n'uma peça de calibre 24, carregada com 8 kilogrammas de polvora e pesando 2:700 kilogrammas, tal como os que se trazem para a bórda dos fóssos n'uma praça sitiada, sería mister o trabalho aturado de um cavallo por duas horas, ou o de um homem por oito horas. Ora este effeito prodigioso produz-se quasi momentaneamente. E para fazer comprehender as despesas que traz comsigo a guerra, bastará dizer, que uma peça de 24, com os seus 2:700 kilogrammas de bronze, não póde dar mais de cem tiros, sem que fique incapaz de servir, e que no momento em que dá o primeiro tiro, tem custado ao estado 10 a 11:000 francos.

Que fazeis vós de novo, sñr. Watt? perguntava Jorge III ao inventor da maquina de vapor «Senhor, faço uma cousa muito agradavel aos reis, um poder.» A palavra ingleza *power*, que significa tanto um poder politico como uma força mechanica, prestava-se melhor a este jogo de palavras. Watt poderia ter dito que o novo poder que dava á sociedade, era ainda mais agradavel aos povos do que o dominio aos reis. Estamos ouvindo já as reclamações dos que nos gritam, que a maquina de vapor não fôra inventada por Watt. Convimos; e para satisfacção de todos, diremos que depois de Watt a sociedade ficou de posse de uma operária universal, que faz com que os navios atravessem o Oceano, que tece rendas, e que, na Inglaterra e na Belgica, exige apenas um franco de carvão para o trabalho de vinte dias de um operario; mas que antes de Watt nada disto existia para auxilio da industria. E já que se nos appresenta a occasião, conviremos tambem que antes de Christovam Colombo se tinha, no papel ou por lingua de philosophos, indicado o Novo-Mundo. Mas só depois de Christovão Colombo é que esse mundo foi devassado. Muitas vezes proferiu Arago na tribuna franceza o nome de Mr. Seguin, que fez correr as locomotivas, cujo bello mechanismo, então inefficaz, já era devido a Stephenson. Ao saír d'uma das sessões, reclamava-se na minha presença contra a asserção do sabio deputado. «Acceito a condemnação, respondeu elle; mas convinde commigo, que antes de Mr. Seguin se gastavam oito a dez horas para andar o caminho de Versailles, ida e volta, quando se não gastava mais, e que depois delle se anda *indefinidamente* um kilometro por minuto.» Não é por ventura devido a Ampère o telegrapho electrico, a pezar de todos os trabalhos anteriores de Volta, d'Œrsted, e mesmo dos ensaios de Lesage com a electricidade ordinaria? Áquelles que querem depreciar o merecimento dos trabalhos modernos com injustas reclamações, lembraremos o dito tão espirituoso como profundo do nosso sabio academico Mr. Biot: «Nas sciencias, nada ha tão simples como o que se achou hontem, nem tão difficil com o que ha de achar-se á manhã.»

Continua.

GERAÇÕES ESPONTANEAS.

Continuado de pag. 292.

O ar que respiramos, e as substancias alimentares que introduzimos no estomago jamais se podem considerar como vehiculos que transportem os entozoarios para o interior dos individuos.

No caso contrario fôra mister admittir a existencia dos entozoarios ou dos seus germes na atmosphera; porem é o que se não pode conceder, porque os entozoarios morreriam logo que se achassem no fluido gazoso que respiramos. Alem de que, devendo estes animalculos, por sua propria natureza começar a existir no interior d'um individuo, não podiam transmittir-se para outro que vive vida extra-uterina, por intermedio do ar, se não fossem para este arrojados por secreções e expiração. Mas basta reflectir no modo porque se opera a nutrição, na distribuição dos vasos sanguineos nos orgãos secretores e vesiculas pulmonares, para ver a impossibilidade de invocar os actos secretores e expiradores como causa da supposta existencia de germes na atmosphera.

Vencida esta difficuldade era necessario que os germes se misturassem com o sangue durante o processo da hematose: mas como fazer tal mistura, não se dando contacto immediato entre o liquido que leva a nutrição e a vida a todos os orgãos, e o fluido que lhe dá esta propriedade vivificante? Como se dará este phenomeno se as ultimas ramificações bronchicas que formam as vesiculas pulmonares, e em cujas paredes serpeam os capillares sanguineos não são permeaveis senão por corpos gazosos, e mui difficilmente por corpos no estado de liquidez?

O leite de que o infante a principio se nutre, não póde egualmente ser conductor de germes ou de animalculos, porque é o resultado d'uma secreção, e não de chylo que venha directamente do canal thoracico aos peitos, por via dos vasos lymphaticos, como queriam alguns, contra tudo o que a anatomia mostra. Nos orgãos destinados ás secreções, os vasos sanguineos não se abrem nos ductos secretores, e apenas se distribuem nas suas paredes: d'aqui nasce pois a difficuldade de os entozoarios ou os seus germes se juntarem ao leite, e percorrerem os con-

ductos excretores conhecidos pelo nome de lactiferos ou *galactophoros*.

Depois que o novo individuo cessa de se alimentar com leite, a consideração de que os animaes herbivoros conteem entozoarios, e cada animal os seus proprios, seria sufficiente para destruir a hypothese da introducção dos entozoarios, ou dos seus germes pelas vias digestivas; porque no primeiro caso era necessario que as plantas os contivessem, no segundo era preciso que cada animal se nutrisse da carne do seu semelhante. Os vasos chyliferos casualmente descobertos em 1622 por Gaspar de Azelli haviam de ser necessariamente os conductores por onde os germes dos entozoarios seriam levados á corrente circulatoria, depois de ingeridos no estomago e terem passado ao intestino delgado; mas as extremidades d'estes vasos são fechadas, como o provam as observações de Schwan, Fohman e Muller contra a opinião d'Azelli, Lieberkuhn, Hewson, Cruikshank, Meckel e Hedwig. Já se vê pois a grande difficuldade que os ovos dos entozoarios teriam em penetrar para dentro d'estes vasos, quando alguns physiologistas poem até em duvida que os globulos chylosos entrem já formados, e sendo estes quatro vezes menores que os do sangue, são incomparavelmente inferiores em grandeza aos germes dos entozoarios. O pequeno calibre dos vasos lacteos é tambem um obstaculo á sua introducção pelas vias digestivas.

Excluidos assim todos os meios d'origem e conducção dos entozoarios, ou dos seus germes para os diversos animaes, não nos resta senão consideral-os como producto d'uma geração espontanea, e attribuir o seu apparecimento á plasticidade organica dos liquidos segregados e elaborados nos tecidos, e ás mudanças na natureza chimica d'estes liquidos resultantes, ou d'affecções moraes segundo Brera, ou do seu estado morbido, como foi observado por Leuwenhoek, que diz não ter visto entozoarios no muco intestinal, senão no caso d'uma phlegmasia no tubo digestivo.

Os infusorios são os outros animalculos cuja existencia vem apoiar as gerações espontaneas, ou na phrase de Raspail as formações organicas resultantes da combinação d'influencias organisadoras.

Para admittir as gerações espontaneas dos infusorios não invocaremos, como alguns teem feito, os phenomenos observados na sua producção, durante a qual se descobrem em primeiro logar corpusculos globulosos, hyalinos, movendo-se lentamente em spiral, tomando depois, já a direcção circular, já a recta, reunindo-se finalmente para formar animalculos dotados de movimento total. Estas metamorphoses, que teem sido consideradas como prova inconcussa das gerações espontaneas dos infusorios, não o são na realidade, porque ha animaes que evidentemente provem d'ovos, e que experimentam metamorphoses mui notaveis antes do seu completo desenvolvimento. Outras considerações porem nos levaram a concluir, que o apparecimento dos infusorios está debaixo do dominio da heterogenia.

Agua, materia organica, e um fluido elastico, são as condições essenciaes para o desenvolvimento dos infusorios.

A presença d'um fluido elastico é uma das condições mais necessarias para o seu apparecimento. Spallanzani fazia experiencias no vacuo e nada obtinha. Wisberg cobria o liquido com uma camada oleosa, e o resultado era o mesmo.

A variação de qualquer d'estas circumstancias importa variedade no resultado, como o provam as experiencias de Spallanzani e Terechovsby; a propria luz e o calor não deixam tambem de ter alguma influencia, sendo a temperatura mais favoravel, a de 31 a 35 graus do thermometro centigrado.

A multiplicidade de productos que resultam da mudança de condições, é um argumento a favor das gerações espontaneas dos infusorios; porque se elles devessem a sua origem a ovos, a qualquer temperatura e com qualquer infusão se deveriam desenvolver os mesmos animalculos, porque os ovos eram os mesmos.

Nem se diga que as diversas circumstancias favorecem o desenvolvimento d'alguns germes, e retardam ou impedem a evolução d'outros; porque então era necessario admittir em toda a parte a existencia d'ovos de todos os infusorios, já que a variedade de producto é só dependente dos tres elementos ha pouco mencionados, e nunca do local onde se opera.

Empregando agua distillada, sujeitando a infusão a uma temperatura a que os ovos dos animaes não podem resistir ou perdem a faculdade de se desenvolverem, substituindo, como fizeram Burdach, Bäer, etc., o ar atmospherico por gazes extemporaneamente preparados, temos tirado a possibilidade da existencia de germes dos infusorios, e mostrado que o seu desenvolvimento é devido ás gerações espontaneas.

Ha animaes, diz Cabanis, que parecem filhos da arte; os vermes proprios do vinagre, a traça dos livros, datam da existencia d'estes productos da industria humana. Ora a suppor-se a preexistencia d'ovos devia tambem admittir-se a de entes que fossem os seus geradores, e que se assemelhassem aos novos individuos, e então deveriam estes animaes ser necessariamente conhecidos antes d'aquelles productos.

A resurreição dos infusorios a que alguns recorrem, é destituida de todo o fundamento. Que os infusorios já existiam seccos na atmosphera, que eram transportados pelos ventos a diversos logares, e que reviviam pela sua immersão na agua, tal era a opinião d'alguns que còmbatiam as gerações espon-

taneas dos infusorios: opinião inadmissivel se attendermos a que a experiencia é feita ordinariamente em vasos tapados, que era preciso que em todos os logares existissem todos os generos d'infusorios n'este estado d'exsicação, e que a agua reanimando quasi immediatamente os animaes a que a exsicação de seus fluidos suspendeu a vida, não faria outro tanto aos infusorios, que pela maior parte apparecem só vinte e quatro horas, e ás vezes depois de alguns dias d'infusão.

As experiencias de Gruithuisen que do granito posto em agua vio desenvolver entes organisados que tomavam a fórma animal ou vegetal, segundo a proporção de liquido e solido empregados; as observações de Cross sobre a formação do *acarus horridus*, e as de Machay sobre a metamorphose d'uma planta n'um insecto, e d'este outra vez na mesma planta; vieram levantar o veo mysterioso que encubria as gerações espontaneas, e confirmar mais a opinião, que no estado actual não podemos deixar de as admittir, posto que limitadas á infima especie de seres.

A heterogenia estende o seu dominio ao reino vegetal. Ahi vemos o *dactilium* desenvolver-se n'uma gemma d'ovo, cuja casca se conservava intacta; as confervas formarem-se n'uma solução de chlorureto de baryo em agua distillada, e conservada por espaço de seis mezes em frascos esmerilados; os filamentos confervoides tomarem origem em pouco tempo na agua de Sedlitz artificial; vemos finalmente as materias organicas amorphas — *glérina*, e *barágina*, etc., contidas nas aguas thermaes, organisarem-se pouco tempo depois do arrefecimento das mesmas aguas.

F. A. ALVES.

MARCAS TYPOGRAPHICAS.

As marcas typographicas são para a bibliographia o mesmo que o brasão para a historia; servem para discriminar e conhecer o verdadeiro editor de certos livros, que muitas vezes não offerecem outro indicio á cerca de sua origem, e tambem para evitar a falsificação estrangeira. Taes symbolos teem alem d'isto um interesse proprio para merecer a attenção dos archeologos e artistas.

O anno passado começou L. — C. Silvestre a publicar em Pariz uma collecção de monogrammas, typos, caracteres, signaes, emblemas, vinhetas e florões dos livreiros e impressores francezes, ou dos impressores de livros francezes em paizes estrangeiros, desde 1470 até o fim do seculo XVI. Esta collecção cujas gravuras são abertas em pau, deve constar de seis ou sete numeros, de que já estão impressos tres, contendo 272 marcas differentes, e terminar com diversas taboas que deem á obra nexo e unidade.

A natureza e condições d'uma obra em que já não é pouco serem as figuras reproduzidas com exactidão, faz todavia com que seja inevitavel, sequer provisoriamente, tal ou qual desordem. O editor limita-se por isso a empregar uma serie continua de numeros d'ordem, que servirá depois para dirigir na classificação, e apresenta n'estes fac-similes numerados os nomes dos impressores a quem cada uma das marcas reproduzidas pertence, repetindo o numero d'ordem e ajuntando-lhe as datas extremas, assim como o logar onde exerciam o officio de livreiro ou impressor.

Vallet de Viriville faz a semelhante proposito as seguintes observações que nos parecem opportunas e uteis.

« A collecção em vez de começar em 1470 que corresponde á introducção da imprensa em França, seria melhor que remontasse a Gutemberg e ás primeiras marcas typographicas conhecidas. E isto só não bastaria, por quanto segundo as noções colligidas pelos bibliographos, o verdadeiro progresso d'este ramo da historia litteraria depende principalmente do estudo minucioso e comparativo dos caracteres, letras e outros signaes typographicos usados desde Gutemberg e talvez antes por seus emulos, discipulos e successores mais proximos.

« Uma collecção de fac-similes pouco extensa para cada um, mas escolhida e o mais numerosa possivel, tirados das reliquias do começo da imprensa dispersas em varios pontos da Europa, seria certamente a base d'estudos muito instructivos, e um bom serviço prestado á erudição. Mas a arte xylographica não faz reproduzir os caracteres com a perfeição necessaria, e somente a photographia poderia representar exactamente todas as delicadezas e circumstancias de tal genero d'impressões.

A collecção de marcas typographicas que está publicando L. — C. Silvestre, e obras analogas que forem apparecendo, muito conviria que se mandassem vir para os nossos estabelecimentos principaes, a imprensa da universidade de Coimbra e a nacional de Lisboa, não só para o fim indicado por Vallet de Viriville, senão tambem para formar o bom gosto e completar a instrucção dos respectivos artistas pelo conhecimento e apreciação d'obras technicas por assim dizer classicas.

NOMES E TITULOS MUSULMANOS.

D'uma memoria lida recentemente por Garcin de Tassy á academia de França extrahimos as seguintes particularidades que

este sabio orientalista refere á cerca dos nomes proprios, ou *alam;* sobrenomes, ou *kunyat;* appellidos e titulos honorificos, *lacab* e *khitâb;* nomes de relação, *nisbat;* nomes de funcções, *mansab;* e finalmente sobrenomes poeticos *takhallus.*

Os primeiros são prenomes e nomes de santos; n'este sentido empregam-se os nomes de Mahomet e dos principaes membros de sua familia, bem como os dos prophetas do antigo e novo Testamento. Os segundos são sobrenomes geralmente compostos da palavra *Abû* pai, de *Ibn* filhos, e d'um nome proprio como *Abu-Yacúb* pai de Jacob, ou *Ibn-Yacûb* filhos de Jacob.

Os *lacab* ou appellidos são quasi sempre titulos de honra, e compostos de duas palavras sendo a ultima *din* religião, *dunlat* imperio, *mulk* reino, *islam* mahometismo; como *mur-uddin* luz da religião, *schujâ-uddanlat* força do imperio, *jalût-ul-mulk* esplendor do reino, *saif-ul-islam* espada do islam.

Os cognomes de relação indicam origem, qualidade, paiz, tribu, eschola, clientela, etc.: taes são *Fatimî* descendentes de Fathimit ou Fathema filha de Mahomet, *Misrî* egypcios, *Mâlikî* eschola de Malik, *Saadi* do Saad. Os nomes de funcções offerecem uma nomenclatura assaz curiosa e digna d'estudar-se para formar idêa dos costumes e crenças musulmanas.

Finalmente a adopção de sobrenomes poeticos provem de costumarem os musulmanos nomear-se em suas poesias, em que por causa do rhythmo precisam tomar sobrenomes de phantasia, os quaes depois os tornam conhecidos no mundo litterario.

COLORAÇÃO DAS AGUAS DO MAR DA CHINA.

As observações de Ehrenberg e as mais recentes de Evenor Dupont e Montagne mostraram que as aguas do mar Vermelho teem em certas epochas a côr rubra pelo copioso desenvolvimento d'algas microscopicas d'uma especie que o primeiro d'estes sabios descreveu dando-lhe o nome de *trychodesmium erythræum.*

Assim que, seriam explicadas como logo se julgou numerosas colorações accidentaes das aguas do mar, parecendo que a observação e descripção de semelhantes phenomenos tornar-se-hia mais frequente desde que os naturalistas demostraram sua importancia scientifica.

Observára Mollien que o mar da China estava em grande extensão colorado d'amarello e rubro, e que a coloração não era contínua, mas em porções separadas umas das outras por intervallos transparentes. A côr rubra predomina na parte do mar mais especificamente chamado da China (*Nan-Hai*), e que banha as costas da parte meridional da China ao sul da ilha Formosa; e a côr amarella ao norte da ilha na parte do mar designado pelo nome de mar Amarello (*Hong-Hai.*)

Como a causa do phenomeno era incognita para Mollien, trouxe para França alguma d'esta agua tirada, donde o mar estava rubro no mez de setembro ultimo, a qual foi analysada por Camille Dareste. A agua tinha depositado um limo pardo, que submettido á observação microscopica reconheceu-se não conter particulas terrosas, e ser unicamente formado pela agglomeração de pequenas algas quasi microscopicas e já alteradas, mas pertencendo á mesma especie descoberta por Ehrenberg no mar Vermelho, cuja identidade foi tambem confirmada novamente por Montagne, que poucos annos antes tinha recebido de Ceylão a mesma alga enviada por Thwaites.

O trychodesmium erythræum encontra-se pois em quasi todo o mar do sul desde Africa até á China, e é uma das plantas microscopicas que occupam a mais larga superficie do globo.

Tal é evidentemente a causa da coloração rubra; mas por ventura será tambem da amarella que se vê, principalmente ao norte da ilha Formosa? Para quem conhece a variabilidade da côr das algas, o facto deve parecer possivel.

Outro phenomeno mui notavel fôra observado em Shangai a 15 de março de 1846 pelo doutor Bellott cirurgião da marinha real ingleza.

Pelo espaço de dezasete horas houve chuva de pó, dando-se a coincidencia d'estar sobre o horisonte uma nuvem que pelos calculos de Piddington director do museu de geologia economica de Bengala, devia occupar a extensão de 3825 milhas quadradas. Segundo as suas observações chymicas e microscopicas o pó era formado d'arêa quartzosa mui fina, misturada com filamentos de natureza organica, apresentando os caracteres de confervas, e impregnados de sal de soda. Em quanto durou o phenomeno o vento soprava de nordeste, isto é do mar-alto, donde vinham de certo pequenas algas envolvidas n'este pó, como indicam o sal de soda, provavelmente chlorureto de sodium, e a arêa quartzosa que abunda tanto no fundo do mar Amarello.

Para decidir ainda assim se as confervas de Piddington pertencem á mesmaa especie de algas acima referida, serão necessarias observações mais completas feitas por naturalistas que tenham occasião d'explorar os mares da China.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546).

Continuado de pag. 11.

E ao tempo que levava em meu regimento, se foi com sua armada ajuntar comigo a ilha dos mortos, onde eu já tinha recolhido toda a minha armada; e ao proprio dia, que chegou, me fiz á vella, e fui surgir á vista da fortaleza de Dio, o que deu grande alegria aos nossos, e poz grande tristeza nos mouros. E logo a noute seguinte veio ter comigo Lourenço Pires de Tavora, capitão mór das náos da carreira, o qual, tanto que chegou a Cochim, e soube do grande trabalho, em que Dio estava, e como eu caminhava para laa, se meteo em hũ catur, e com a maior diligencia, que se nunqua vio, veio em minha busca; pera participar de tamanho perigo, e servir v. a. em jornada tão importante. Em grande estremo me fez lêdo sua cheguada, polo muito que esperava de me aproveitar de seu conselho, e esforço, como se vio ao diante. E logo ao outro dia me fiz á vella, e fui sorgir de fóra da barra de Dio em lugar acostumado, e comecei a mandar desembarquar a gente, e pratiquei com o capitão dom João Mascharenhas, e com todolos outros capitães de minha armada sobre o luguar, e modo de minha desembarcação: no que ouve tantas duvidas, e tão diversos pareceres, como nos semelhantes casos soe acontecer; porque a hũs parecia dever eu desembarcar em hũa praya, que estaa no baluarte chamado de Diogo Lopes de Sequeira; e a outros parecia, que em hũa ponte de entulho, que os mouros fizerão, com que atravessavão o rio; e a outros, que dentro na fortaleza. Todavia venceo a parte dos que tinhão o parecer de desembarquar na fortaleza, no qual ensistia muito dom João Mascharenhas.

Como isto foi ordenado, ordenei de dar a entender aos mouros, que queria desembarcar pollos lugares, per onde já tinha assentado de o não fazer; a fim de fazer acordir a elles muita gente, e artelharia; pera que desta maneira me ficasse menos força de gente, e artelharia sobre a fortaleza, por onde tinha já assentado de os cometer. Pello que me fui com algũs capitães a espiar, e ver a desembarcação do baluarte de Diogo Lopes, sem embargo de trabalharem muito os mouros de defenderem com sua artelharia a tal ouservação: e tanto que delaa fiz prestes tres caravellas, pera ao outro dia pela menhã irem bater as paredes, e baluartes que os mouros tinhão feitos em defensão da praya; para lhes mais fazer crer, que por essa parte fazia fundamento de pousar em terra; e nellas mandei por capitães Luiz de Almeida, Antonio Leme, Francisco Fernandes por sobrenome Moricale; por serem bõos cavaleiros, e homens de muita esperiencia no mar: os quaes se forão apeguar com os muros, e baluartes dos mouros, e os baterão desque amanheceo até noite, com grande perigo seu; porque de terra lhes tiravão muita artelharia, que lhes passava os navios de parte a parte per muitos lugares; mas aprouve a nosso Senhor, que não morresse ninguem.

Acabada esta bataria, apartei cincoenta fustas desemmasteadas, e as fiz caminhar hũ pouco para laa, e surgir de largo, que lhes acabou de fazer crer, que hia eu nellas para desembarcar por aquelle lugar, que as caravellas baterão. Nestas fustas não hia mais gente, que os marinheiros, que as remavão, e bombardeiras, que avião de tirar, e muitos estromentos de guerra, a saber, trombetas, ataballes, charamellas. Fiz capitão desta armada a Nicoláo Gonçalves, mestre das náos da carreira, homẽ de grande siso, e experiencia do mar, e valente homẽ, ao qual dei por regimento, que quando eu saisse da fortaleza a combater as muralhas dos mouros, arremetesse elle a praia do baluarte de Dyogo Lopes, fazendo que queria desembarcar, com grande estrondo de tangeres, e gritas, e dartilharia, para que os mouros acodissem a essa parte. E para que não pudesse aver algum enleo a deixarmos de cometer no mesmo tempo aos mouros, lhe dei por sinal, que quando visse lançar tres foguetes da fortaleza, acodisse, e fosse fazer a sua obra; porque então sairia eu da fortaleza.

SUMMULA DE PRECEITOS HYGIENICOS,

Ordenada para uso dos professores, e alumnos de ambos os sexos das escholas de instrucção primaria, e approvada para este mesmo fim pelo conselho de saude publica do reino — por Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.

Os bons escriptos em hygiena são muito raros entre nós. Os de hygiena da infancia não correm abundantes ainda por paizes, onde mais cultivada ha sido a sciencia. E a hygiena é indispensavel a todos para conservar a saude, e saber melhorar a condição fisica e moral do individuo, e da especie.

Nenhuma das epochas da vida carece tanto dos preceitos hygienicos como a infancia. Da direcção fisica e moral dada nessa epocha ao exercicio das funcções depende todo o futuro das gerações, e a sorte das sociedades.

O sñr. Rodrigues de Gusmão, dando ao publico um cathecismo de hygiena, e formulando os preceitos da arte em termos claros, correctos, e concisos, fez um serviço importante ao seu paiz, e enriqueceu a colleção dos livros destinados á instrucção primaria com um dos mais preciosos, digno de um logar distincto nas bibliothecas familiares. M.

ERRATA DO N.° 1.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro.*	*Emend.*
3	2.ª	46	Constantes entre	Integraes entre

CONTA da Receita e Despesa dos Hospitaes, annexos á Universidade, em todo o trimestre de Janeiro a Março de 1854.

Receita

Saldo em cofre em 31 de Dezembro de 1853		47$700
Recebido do Thesouro em metal		1:122$000
Idem	do cofre das rendas dos Hospitaes	900$000
Idem	da pagadoria da 2.ª Divisão militar	554$880
Idem	por meia renda do cêrco de S. Jeronymo	9$600
Idem	de dietas pagas por doentes do Hospital	14$470
		2:648$650
Alcance da Fazenda em 31 de Março		94$945
	Reis	2:743$595

Despesa

Despendido	com as comedorias aos Empregados	423$746
Idem	com as dietas aos doentes	1:644$259
Idem	em combustivel e illuminação	109$125
Idem	em utensilios	81$850
Idem	em guizamentos das Capellas	4$880
Idem	em reparos nos edificios	46$075
Idem	em camas e roupas	193$020
Idem	em vestuario dos Lazaros do numero	1$920
Idem	ao Dispensatorio por deliberação do Conselho da Faculdade de 21 de Janeiro	100$000
Idem	ao mesmo pela 4.ª parte dos vencimentos militares	138$720
	Reis	2:743$595

MAPPA do movimento dos doentes, nos Hospitaes da Universidade, em todo o trimestre de Janeiro a Março de 1854.

HOMENS					MULHERES					LAZAROS										SOLDADOS					TODOS				
										HOMENS					MULHERES															
Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.
121	340	315	29	117	85	251	194	25	117	18	2	0	0	20	10	3	1	0	12	5	36	28	2	11	239	632	538	56	277

Hospital da Universidade em 31 de Março de 1854.

Dr. *Manoel Paes de Figueiredo*,
Director dos Hospitaes.

Herculano Aprigio Alves d'Araujo Santa Barbara,
Cartorario da Fazenda.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Conferencia geral de 28 d'abril de 1854.

Abriu a sessão o sñr vice-reitor interino e vice-presidente José Ernesto de Carvalho e Rego, com o seguinte discurso:

Senhores! No artigo 21 do decreto regulamentar de 10 de novembro de 1845 ordena-se, que o conselho geral superior d'instrucção publica tenha duas conferencias ordinarias por anno, uma em outubro, outra em abril. Para cumprir esta determinação é que hoje nos achamos aqui reunidos. Vão lêr-se os differentes relatorios das secções; por elles conhecereis o estado em que se acha a instrucção publica entre nós; as diligencias que este conselho tem empregado para melhoral-a; os obstaculos que ainda a entorpecem e que é necessario remover; e o que já se tem podido conseguir.

Não se pôde porem levar ainda a instrucção publica, com a brevidade que se deseja, ao estado de perfeição, a que póde e deve chegar, e que exige o adiantamento das sciencias e a civilisação actual: e ainda que este conselho não tem cessado de lhe dar pelo modo, que julga melhor, impulso conveniente, deseja soccorrer-se de todas as illustrações, como quer o citado regulamento no artigo 22 n.° 3 recebendo quaesquer memorias, ou requerimentos tendentes a promover os melhoramentos dos estudos, ou a declarar os verdadeiros obstaculos contra o seu progresso, e a propôr as providencias, mais proprias para se obterem os beneficios de uma educação nacional e moral conforme ás necessidades do seculo. Sem reunirmos as nossas forças, sem o auxilio de todos os sabios do paiz, o movimento geral e o progresso da instrucção publica necessariamente ha de ser mais vagaroso e menos perfeito.

O sñr. Secretario da 1.ª secção tem a palavra.

RELATORIOS.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Senhores: Obedecendo á lei, vem a 1.ª secção do conselho superior de instrucção publica concluir hoje o relatorio, bosquejado na ultima conferencia, sobre o movimento da instrucção primaria no anno escholar findo. Evitando porem repetições escusadas e, por ventura, fastidiosas, abstemo-nos de dar agora tão miuda conta, como a que periodicamente havemos dado de todas as partes e circumstancias d'este objecto aliás importantissimo. E já ninguem póde negar nem desconhecer o notavel melhoramento, que, pelo menos de ha dez annos, vai entre nós aformoseando o primeiro degrau do edificio litterario. Bem manifesto é quanto se tem alargado a esphera do ensino primario, e quanto mesmo se ha melhorado seu methodo. Publicada está, e cada dia mais copiosa, a collecção de livros elementares, approvados pelo conselho superior. E, se Portugal não póde possuir ainda tantas escholas, quantas demanda a sua população, o numero d'ellas vai todavia crescendo. Que meios para taes effeitos haja este tribunal excogitado e proposto, bem como que providencias tenham sido dadas pelo sabio governo de S. Magestade, tambem não é mister repetir-se agora.

Necessidades ha todavia, que retardam ainda o maior aperfeiçoamento desta parte da instrucção publica: as que mais urgem, e que remedios pareça deverem applicar-se-lhes, não omittiremos nós; offerecendo primeiro o complemento da estatistica do anno findo, encetada no relatorio de outubro ultimo; sentindo porem que pelas causas, tantas vezes aqui ponderadas, e tão difficeis de remover, não possa ainda agora ser perfeito o quadro.

Temos hoje no continente e ilhas adjacentes—1:189 escholas publicas; e—576 particulares, regidas por professores habilitados: é por conseguinte o total — 1:765. — Assim que, depois da conferencia de 31 de outubro, tem já sido creadas, pelos decretos de 18 e 25 de janeiro, 15 de fevereiro, e 15 de março, do corrente anno, mais 13 escholas do 1.° grau de instrucção primaria; sendo do sexo masculino 3 no districto de Aveiro, 4 no de Béja, 2 no de Evora, 1 no de Fáro, 1 no da Guarda; e, para o sexo feminino, 1 em Lisboa, 1 em Villa-Real.

E, segundo os mappas até hoje recolhidos, frequentaram no anno lectivo findo as escholas publicas — 50:182 alumnos; as particulares

foram frequentadas por 13:811. A somma total pois é de—63:993—; numero que, a pezar da falta de alguns mappas, foi superior ao do anno precedente de 1851 para 1852, em que as escholas publicas haviam tido 41:255, e as particulares 12:854; por onde se vê que no anno findo houve o excesso de 9:884 alumnos.

Alem das 13 escholas sobredictas, que este anno foram creadas pela auctorisação do credito supplementar, o conselho cuida em crear outras, e attender ás varias requisições que lhe teem sido feitas, se aquelle credito continuar. Não colheu ainda, é verdade, todas as informações pedidas ás juntas geraes de districto, para devidamente egualar, segundo as necessidades locaes, a distribuição de novas cadeiras. Assim mesmo, passa, em vista das informações que já tem, a propor ao governo de S. Magestade a creação das que for julgando mais necessarias.

Desde a ultima conferencia expediram-se, sobre concursos de escholas, 21 annuncios para o diario do governo; 62 diplomas de provimento temporario; 6 certidões de capacidade para o ensino particular; 273 portarias e officios com editaes; e 215 para informações, intimações e participações; total 587. Consultas 57 sobre varios objectos, como—creações de cadeiras, propostas para provimentos vitalicios, transferencias, jubilações, aposentações, demissões, exonerações e vencimentos de professores, premios de obras elementares; e finalmente 3 á cerca do methodo de *leitura repentina.*

Sobre a vantagem de similhante methodo ainda a secção não póde assentar juizo seguro. Na circular de 24 de março ultimo, em additamento á de 30 de julho do anno passado, mandou o conselho intimar todos os professores, para, no prazo de 10 dias a contar da intimação, declararem por escripto se nas suas escholas tem practicado este methodo; devendo, no caso affirmativo, especificar: 1.° desde quando começou o seu uso: 2.° se o empregam em toda a eschola ou em classe separada: 3.° que progressos hajam n'elle feito os alumnos.—E, por que para muitos não tem por certo findado ainda o sobredito prazo, apenas responderam até hoje 102 professores; dos quaes só 19 declaram haver tentado o methodo: mas d'estes mesmos só o professor do Peso da Regoa diz que ha colhido fructo; alguns ainda suspendem o juizo; muitos tem voltado ao antigo. Todos os outros confessam que o não poderam ensaiar ainda, uns por não poderem até aqui adquirir perfeito conhecimento d'elle, outros por falta de casa e utensilios, outros por estorvo e repugnancia que encontram nos paes ou chefes de familia. E é por isso que o conselho continúa a inclinar-se a crer que as vantagens, que alguem tem apregoado, são por ventura exaggeradas: espera porem esclarecer-se mais com o tempo, e quando tenha colhido todas as declarações, que exigira.

Alem d'isto, necessidades ha, a que releva acudir com a promptidão possivel. Carecemos de professores convenientemente habilitados; por onde é de reconhecida urgencia que entre em exercicio a eschola normal creada em Lisboa; e que por est'arte se prepare o pessoal para outras escholas normaes. Mui necessario é tambem organisar um corpo de inspecção, que com regularidade vigie o ensino, e exactamente informe este tribunal. Outra falta em fim, e na verdade bem sensivel, é a de edificios publicos para o exercicio da maior parte das escholas. Todas estas necessidades com os remedios applicaveis tem o conselho superior por varias vezes levado ao alto conhecimento de S. Magestade; e confia que por sabias providencias, o seu governo continuará a proteger desveladamente o mais importante ramo da instrucção publica.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA—PROGRAMMAS.

FACULDADE DE MATHEMATICA.

1853—1854.

4.° ANNO.—5.ª CADEIRA.

Lente—*Dr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.*

ASTRONOMIA PRACTICA.

I.

Aspecto do céo. Redondeza da terra, e determinação approximada das suas dimensões. Systemas de coordenadas dos astros. Athmosphera, refracções astronomicas, e crepusculos. Descripção dos principaes instrumentos astronomicos, e suas verificações. Egualdade das revoluções diurnas do céo—tempo sideral. Determinação do meridiano. Direcção do eixo de rotação do céo. Leis do movimento diurno. Alturas correspondentes. Polos e circulos terrestres. Provas do movimento de rotação da terra. Parallaxes.

II.

Coordenadas angulares do sol—distancias á terra. Equinoccios e obliquidade da ecliptica. Calendario. Transformação das coordenadas polares dos astros. Variação da obliquidade da ecliptica, precessão dos equinoccios, e nutação. Movimento elliptico—leis de Kepler. Determinação dos elementos do movimento elliptico. Variações seculares d'estes elementos, e perturbações do movimento elliptico. Desegualdade dos dias solares, tempo verdadeiro, tempo medio, e equação do tempo. Nascimentos e occasos do sol, e grandeza dos dias nos differentes logares da terra. Explicação do movimento proprio apparente do sol, e da precessão dos equinoccios, na hypothese do movimento de translação da terra. Applicação das doutrinas precedentes a algumas questões de chronologia.

III.

Coordenadas angulares da lua, e suas distancias á terra. Phases da lua. Determinação dos elementos da ellipse lunar. Equações seculares, e desegualdades periodicas. Eclipses do sol e da lua, e occultações dos planetas e estrellas pela lua. Determinação das longitudes terrestres pelas observações dos eclipses e das distancias da lua ás estrellas e planetas e ao sol.

IV.

Coordenadas angulares geocentricas dos planetas — distancias á terra. Transformação das coordenadas geocentricas em heliocentricas. Determinação dos elementos das orbitas planetarias. Leis do movimento dos satellites dos planetas — modo de determinar pelas observações os elementos das suas orbitas. Aberração — provas do movimento de translação da terra. Estações e retrogradações. Passagens de venus e mercurio pelo disco do sol.

V.

Formação e uso das taboas astronomicas do sol, da lua, dos planetas, e dos eclipses dos satellites de jupiter. Calculo das ephemerides astronomicas.

4.º ANNO. — 6.ª CADEIRA.

MECHANICA APPLICADA — GEODESIA.

Lente — *Dr. Joaquim Gonçalves Mamede.*

TOPOGRAPHIA.

Construcção das escalas. Diversos modos de levantar uma planta. Instrumentos empregados nas operações topographicas. Nivellamentos. Cartas topographicas e sua reducção. Traçado de estradas.

GEODESIA.

Operações geodesicas; calculo dos triangulos geodesicos; excesso espherico; medida da meridiana terrestre, e das perpendiculares sobre a meridiana.

Determinação da base do systema metrico.

Exercicios numericos deduzidos dos trabalhos publicados por Delambre.

Avaliação dos trabalhos executados em Portugal.

Figura da terra; suas dimensões.

Calculo das longitudes, latitudes e azimuths dos pontos terrestres empregados na triangulação.

Nivellamentos, geodesico e barometrico.

Deducção de elementos geodesicos pelas observações do pendulo.

MECHANICA APPLICADA.

I.

Equilibrio e resistencia dos massiços formados de materias adherentes, quando a superficie superior é carregada por um pezo qualquer, ou quando a resistencia se exerce contra uma das faces laterаes.

Muros de revestimento, que sustentam o impulso das terras.

Estabelecimento dos alicerces, quando os muros são construidos sobre terrenos compressiveis.

Condições que devem verificar-se no equilibrio das abobadas.

Considerações praticas quanto á sua construcção.

Construcção das estradas.

II.

Equações fundamentaes do movimento dos fluidos, na hypothese do parallelismo das camadas.

Fluxão dos liquidos por orificios de quaesquer vasos, que se conservam constantemente cheios, ou se esgotam.

Resultados que se obtem empregando os tubos conductores.

Fluxão por desaguadouros.

Circumstancias do movimento das aguas conduzidas por quaesquer canaes. Canaes de navegação.

Correntes naturaes, tendo attenção ás materias que arrastam.

Estudos sobre as barras; meios que se devem empregar para obter o seu melhoramento.

Rodas hydraulicas.

III.

Quantidade de acção produzida pela força elastica dos vapores a diversas temperaturas.

Maquinas a vapor.

5.º ANNO. — 7.ª CADEIRA.

Lente — O Par do Reino *Thomaz d'Aquino de Carvalho.*

MECHANICA CELESTE.

Combinação das leis de Kepler com os principios de mechanica, para deduzir a lei da attracção, segundo a qual as particulas da materia se attrahem mutuamente na razão directa das massas e na inversa dos quadrados das distancias.

Equações differenciaes que determinam o movimento d'um systema de corpos sujeitos á sua attracção mutua.

Movimento de translação d'um systema de corpos, que se movem em volta d'um d'elles como centro. Methodo d'integração das equações, que determinam estes movimentos, por approximações successivas, aproveitando para isso as facilidades que offerece a constituição do systema do mundo.

Primeira approximação. Theoria do movimento elliptico. Determinação das constantes introduzidas pelas integrações; e relações d'ellas com os elementos d'este movimento.

Segunda approximação. Theoria das perturbações. Expressões das desigualdades periodicas do raio vector, da longitude e da latitude. Expressões das variações seculares dos eixos maiores, dos medios movimentos, das excentricidades, dos perihelios, dos nódos, das inclinações das orbitas, da longitude da epocha, etc. Considerações sobre a estabilidade do systema planetario.

Movimento de rotação dos corpos celestes. Applicação ao movimento de rotação da terra. Determinação dos movimentos do seu eixo de rotação, quer relativamente á sua superficie, quer no espaço. Formulas da nutação e da precessão dos equinoccios.

AS MEZAS GYRANTES,

CONSIDERADAS NAS SUAS RELAÇÕES COM A MECANICA E COM A PHYSIOLOGIA.

Continuado de pag. 19.

Para complemento do que deixâmos dito sobre os agentes artificiaes de que o homem tem lançado mão, accrescentaremos que elle tem feito trabalhar tambem a electricidade e o magnetismo no transporte por barcos, na illuminação, na medicina, etc. E sempre se tem chegado á conclusão de que não é possivel obter um effeito mechanico sem uma causa physica. Mil annos antes da nossa era, já Hesiodo dizia dos cyclopes: «Tinham a força, a actividade e as maquinas para os seus trabalhos.»

Ισχύς τ' ἠδὲ βίη καὶ μηχαναὶ ἦσαν ἐπ' ἔργοις.

Ha tres mil annos, como ainda hoje, a unica magia do trabalho, era a força physica, a energia no emprego d'esta força e os mecanismos para transmittirem a sua acção. Em tempo algum se tem observado um tra-

..

balho material, que resulte da acção immaterial da vontade. Ha muito, que a fé, só por si, não transporta as montanhas, a não ser no estylo figurado; e que a mantanha não se resolvendo a caminhar para Mahomet, obriga Mahomet a caminhar para a montanha.

D'este quadro das forças motoras da materia, resulta que na explicação dos phenomenos curiosos, mechanicos e physiologicos, das mezas gyrantes, é necessario pôr interdicto a toda a intervenção da simples vontade para produzir os movimentos; e poderá accreditar-se que no meiado do seculo XIX estas verdades physicas, tão vulgares não só nas escholas, mas no mesmo povo, teem sido desconhecidas por grande numero d'espiritos, aliás esclarecidos, arrastados porem pela imaginação para uma esperança chimerica? Em quanto porem a certos habilidosos que pertendem passar por illudidos, mas que o não são para os seus interesses, com esses nada tem que haver a sciencia positiva, nem tão pouco a boa fé.

Muitas vezes se tem lançado ás academias a arguição de que impedem a marcha das ideas e estorvam os progressos scientificos e industriaes do espirito humano. Tal arguição é mal fundada. E se não, contem-se todos os flagellos de invenções arriscadas que a sua circumspecção tem atalhado. Vede o que vai na America, e porque preço sahem os processos de merecimento real, tendo primeiro de se experimentar todos os outros que não foram contrastados! Já vemos, que nos hão de citar o barco a vapor do marquez de Jouffroy. Muito bem! mas temos a declarar que nessa epocha, antes dos aperfeiçoamentos dos trabalhos metallurgicos sobre a fundição do ferro e alizamento do corpo das bombas, a fabricação util de um barco a vapor era tão impossivel como o jogo do whist antes do invento das cartas. Nomeados commissarios para receber os productos de todas as nossas exposições, e ultimamente para a de Londres, temos de abundancia com que edificar o publico sobre o alcance de numerosas invenções, que provarão até á evidencia a utilidade dos corpos scientificos e a necessidade indispensavel de espalhar, quanto for possivel, as noções mecanicas e physicas, cuja ignorancia move tantos espiritos activos e zelosos em procura d'impossiveis. Ainda nos havemos de occupar n'outra occasião de desenvolver esta these, a proposito da navegação aerea.

Ha certos espiritos ambiciosos, que á maneira de Alexandre, parece que abafam neste mundo, e que desejariam por-se em relação com outra ordem de seres menos materiaes. Tem sido esta a tendencia da imaginação dos homens em todos os seculos, mas nada de real tem sortido de taes tentativas. A cada seculo cabe constantemente o condoer-se das superstições metaphysicas dos seculos precedentes; e dizemol-o francamente, não temos esperança alguma de que a magía das mezas gyrantes consiga da posteridade mais credito do que a da pythonisa d'Endor, aliás muito mais poetica no momento em que era consultada por um rei já velho, enfraquecido moralmente pela edade e pela desgraça, e que n'outro tempo tinha proscripto a magía nos seus estados! Para muitos espiritos fogosos, mas irreflectidos, nada ha impossivel. Estão sempre a ponto de accusar de cega incredulidade aquelles que não admittem, que a natureza possa a cada instante desmentir as suas leis. Mas que nos digam qual é o poder, superior á força creadora, a que elles pretendem recorrer para dominar as leis estabelecidas por essa força collocada tão alta a respeito dos homens! Admitti o maravilhoso, e para isso vos damos venia, mas ha de ser com a condição de que o maravilhoso não seja absurdo. Na verdade, custa conter o serio á vista da ingenuidade dos improvisadores do mundo dos espiritos. Quando a policia franceza obstou ao desenvolvimento dos convulsionistas de Saint-Médard, appareceu nas paredes do cemiterio o seguinte pasquim:

De par le roi, défense a Dieu
D'operer miracle en ce lieu.

Por ordem do bom senso, fica prohibido fazer com que as mezas fallem, e componham versos ou musica, excepto sobre os theatros dos prestigiadores!

— Um pagem meio adormecido lia a vida de santa Maria Alacoque ao velho rei Stanisláo atormentado por uma insomnia cruel; o rei, esse tinha os olhos abertos como um basilisco. — « Deus appareceu *em mono* á sancta, disse o leitor dorminhoco. — Imbecil, gritou Stanisláo, dize que Deus lhe appareceu *em sonho!* — Real senhor, se elle quizesse podia-o fazer! » São estas as conveniencias que guardam os nossos thaumaturgos modernos: não se embaraçam com o ridiculo.

As conclusões d'esta exposição das leis da natureza relativas ao nosso objecto são:

1.° Que tudo quanto é rasoavelmente admissivel nas curiosas experiencias que teem sido feitas sobre o movimento das mezas, em que se impõe as mãos, se explica perfeitamente pela energia bem conhecida dos movimentos nascentes dos nossos orgãos, executados na sua origem, principalmente se accresce uma influencia nervosa, e no momento em que conspirando todas as impulsões, o effeito produzido representa o effeito total das acções individuaes;

2.° Que no estudo consciencioso d'estes phenomenos mecanico-physiologicos, cumpre desviar toda e qualquer intervenção de força mysteriosa em contradicção com as leis physicas bem estabelecidas pela observação e pela experiencia;

3.° Que se torna necessario tractar de popularisar, não pelo povo, mas pela classe

esclarecida da sociedade, os principios das sciencias. Esta classe tão importante, cuja auctoridade devia dar a lei a toda a nação, tem-se apresentado muitas vezes abaixo d'esta nobre missão. A nota não é nossa, mas se tanto for necessario, não duvidamos adoptal-a e defendel-a:

Si les raisons manquaient, je suis sûr qu'en tout cas
Les exemples fameux ne me manqueraient pas!

como disse Moliere. Devemos tambem consignar aqui que a iniciativa das reclamações a favor do bom senso, contra os prestigios das mezas e dos chapeos, foi tomada pelos membros esclarecidos do clero francez.

4.° Finalmente roga-se com instancia a todos os milagreiros, que tenham a bondade, se de todo não poderem deixar de fazer milagres, ao menos de os não fazer absurdos. Impor crenças a um milagre, já é muito para este seculo; mas querer ainda em cima convencer-nos de um milagre ridiculo, parece-nos demasiada exigencia!

BABINET, do Instituto Francez.

REFLEXÕES SOBRE O ARTIGO — MEZAS GYRANTES DE MR. BABINET.

A explicação do facto das mezas gyrantes offerecida por mr. Babinet, senão satisfaz cabalmante ao espirito despreoccupado, colloca pelo menos a questão no seu verdadeiro ponto, despida do maravilhoso, que fascinando o entendimento embarga o poder da reflexão.

As maravilhas, os proclamados mysterios da magía, os encantamentos, feiticerias, magnetismos, e outras crenças pueris, e ridiculas não são d'este seculo; passou-lhes a epocha.

O movimento communicado ás mezas pelo imperio mediato da vontade não passa de um phenomeno natural resultante da acção mysteriosa do poder nervoso posto em acção pela vontade.

Aos factos que refere mr. Babinet, poderiamos juntar outros, que passam desapercebidos, sem que sejam menos maravilhosos. Quando a vontade de um individuo delibera mover uma perna neste ou naquelle sentido, para se verificar o movimento, ha um jogo de acções mui complicadas em que cada musculo representa o seu papel differente. O individuo não faz o movimento parcial de cada musculo; porque até de ordinario não conhece a existencia delles; e o movimento executa-se: obedece cada um á intenção do actor. A acção nervosa é aqui o vinculo que liga o acto mecanico ao acto intellectual. O cantor, que para executar uma peça musical precisa de pôr em movimentos mui complicados os musculos intrinsecos da laringe, conhece por ventura esses musculos? não sabe delles; e elles executam fielmente a determinação da sua vontade, sem que o actor tenha a minima consciencia desses movimentos.

Que admira pois que o mesmo poder nervoso sempre obediente ás ordens da vontade, desempenhe a determinação d'esta pondo em movimentos mais energicos do que apparentes os pequenos musculos dos dedos, e que a acção d'estes communique a força que faz mover a meza, sem que o individuo perceba a acção desses musculos?

Todo o mysterio, que ha no facto, perde-se no grande mysterio do modo de operar dos nervos; das ligações do physico com o moral do homem. O mysterio não está na mecanica nem no magnetismo, está na Physiologia. O que obedece á vontade não é a meza.

Outros factos, que no mesmo processo a má fé, a superstição, ou a especulação tem creado para armar á credulidade já estão sentenciados por Humboldt e Arago.

M.

CREDITO TERRITORIAL.

Continuado de pag. 17.

II.

A origem das associações territoriaes remonta a 1770. Durante a guerra dos sete annos a nobreza da Silesia contrahira emprestimos consideraveis, de feição, que á volta da paz, estava a propriedade onerada com uma divida enorme. A nobreza ia ser expropriada, a crise financeira estava a ponto de terminar n'uma revolução politica, quando Frederico o Grande, com o seu *edicto de indulgencia*, concedeu aos devedores a espera de tres annos para solução das dividas hypothecarias. Esta providencia preservou, é verdade, da expropriação os antigos senhores das terras; mas acabou de arruinar a agricultura, privando-a de todo o credito. Os capitalistas conscienciosos afastaram dalli seus capitaes, receiando novos arbitrios, e só dos usurarios podiam os agricolas obter algumas sommas com juros exorbitantes.

Para pôr um dique á torrente de males que dimanavam d'este estado desgraçado, um negociante de Berlim, Wolfgang Büring, propoz que se estabelecesse o credito collectivo, mediante uma agencia intermediaria, idea que foi logo abraçada por Frederico II, o qual dotou a sociedade com 300:000 escudos, para o pagamento das primeiras annuidades. Por beneficio da instituição, e pela feliz coincidencia de tres abundantes colheitas que se succederam na Silesia, baixou consideravelmente a taxa do

*

juro, tornaram-se possiveis os melhoramentos agricolas, e o leito do credito, até então de todo exhausto, recuperou suas aguas fecundantes.

A causa do credito territorial vencêra aos olhos do publico, e devia encontrar imitadores nos diversos estados da Allemanha. Com effeito, ainda não findára o seculo passado, e já se tinham fundado instituições de credito territorial em Hanovre, em Dinamarca, e nas cidades anseaticas. Terminadas as guerras da revolução franceza, a Austria, a Russia, a Polonia, Baviera, e Wurtemberg seguiram aquelle exemplo. Depois, os pequenos ducados allemães e a Suissa estabeleceram caixas territoriaes. A Belgica, finalmente, acaba de decretar a fundação de uma instituição analoga. Existem hoje na Europa perto de quarenta bancos territoriaes, que resultam, na maior parte, da união voluntaria de proprietarios territoriaes.

III.

Ha duas circumstancias, diziamos, que obstam ao contacto dos capitaes com as terras, fim principal do credito agricola, e vem a ser: 1.° a pouca segurança da hypotheca offerecida pelo proprietario; 2.° a impossibilidade em que fica o capitalista, dador do emprestimo, de dispor promptamente dos fundos emprestados. Ora estes dous atravancos são completamente removidos pelo systema de credito territorial mais geralmente seguido, e cujas bases vamos apresentar na sua maior simplicidade.

Essas bases são: 1.° destruir o grande risco a que se expõe o capitalista em presença do chaos da legislação hypothecaria que vigora entre nós, substituindo-lhe o systema allemão, ou qualquer outro que assegure, a quem emprestar capitaes sobre bens de raiz, o estado material e juridico do predio offerecido em hypotheca: 2.° attenuar ou aniquilar o risco resultante de poder ser depreciado o predio por quaesquer causas, substituindo o credito pessoal e acanhado que tem um determinado proprietario para com um determinado capitalista, pelo credito real e vasto que entre as duas classes deve estabelecer um intermedio, que centralise as forças da amortisação, que preste garantias irrecusaveis, tomando as hypothecas por dous terços ou metade do seu valor: 3.° ter por fim este intermedio, Associação de proprietarios cujas terras constituem o fundo da sociedade, emprestar, a longo termo, sobre hypothecas, não já dinheiro, mas *titulos de penhor*, papeis de credito que dão ao capitalista que os comprar, o direito de haver da Associação um certo juro do valor que representam esses titulos, e ao proprietario impõem a obrigação de pagar annualmente á mesma Associação tantos por cento de juro, e tantos para amortisação da divida.

Supponhamos que se estabelece com estas bases uma Associação territorial. Alguns proprietarios abastados, entre os quaes podemos contar o Governo, constituem-se em Associação territorial, hypothecando as suas propriedades para fundo da Associação, recebendo acções representantes do valor desse fundo, fazendo approvar seus estatutos pelo Governo, etc. Observemos a simplicidade de suas operações.

Um proprietario qualquer, que póde ser um dos accionistas, precisando contrahir um emprestimo, recorre á Associação: se é accionista, sacca sobre uma parte do valor de suas acções, se o não é, offerece em hypotheca da quantia que pretende obter uma de suas propriedades. Como «o registro das hypothecas», diz uma lei austriaca, «serve para determinar os direitos dos proprietarios sobre os bens de raiz, assim como as dividas e encargos sobre elles impostos», por via do registro conhece a Associação qual o credito a que o proprietario tem direito.

A Associação recebe a hypotheca e entrega ao proprietario um titulo *ao portador*, representante de metade ou dous terços desse credito, titulo que dá a quem o possuir o direito de haver da Associação tantos por cento de juro do seu valor. O proprietario obrigou-se para com a Associação a pagar-lhe esses tantos por cento de juro, e mais tantos por cento para amortisação do capital, custeamento da administração, e lucro dos associados, se, por ventura, deve metter-se em conta este elemento.[1] O proprietario vae com o titulo a um capitalista ou caixa economica, e vendendo-lh'o por mais ou menos do seu valor nominal, segundo o estado da offerta de capitaes ou pedido de titulos, recebe o numerario de que necessita para melhorar a sua industria.

Chegamos pois a este resultado: o capitalista poz os seus capitaes a juro de tantos por cento nas mãos do proprietario; mas a Associação territorial é quem assegura ao primeiro o embolso do capital e juros, offerecendo-lhe a duplicada garantia dos fundos da Associação e da hypotheca do proprietario: o proprietario recebeu do capitalista um capital a juro, mas á Associação é que elle tem de pagar um e outro, do modo mais conforme á natureza do rendimento das terras — *todos os annos, e sempre pouco de cada vez.*

Como ha de agora o capitalista conciliar o emprestimo a longo prazo (lei da Associação) e a immobilidade da hypotheca (natureza dos fundos e penhores), com a prompta e facil

1 Em Posen, por exemplo, o juro do capital mutuado é 4 % e com 1 $\frac{0}{0}$ para amortisação vem a extinguir-se a divida em 41 annos; na Polonia, alem dos 4 $\frac{0}{0}$ de juro, paga-se 2 $\frac{0}{0}$ d'amortisação, e a divida extingue-se em 28 annos. Obtem-se este resultado pelo calculo das annuidades, ou resolvendo o systema de formulas $(1+r)^t y = r^{t+1}$, $a = (r-y)x$, sendo a o capital, r o juro ao dinheiro, t o tempo, x a annuidade.

disposição dos capitaes emprestados? Como ha de o proprietario, havendo-se obrigado a pagar a divida em 28 annos, por exemplo, solvel-a passados 4 ou 5 annos de colheitas abundantes? O credito publico, diz Wolowski, ha muito que resolveu estes importantes problemas de credito territorial: os emprestimos contrahidos pelo Estado são a longo termo, e até a juros perpetuos, e todavia a realisação dos *effeitos publicos*, onde o Estado tem credito, é mais facil, que a de quaesquer outros valores.

Assim é. Querendo o capitalista obter de prompto o seu capital, não tem mais que vender a outrem o seu titulo, como lh'o vendera o proprietario; o proprietario, podendo solver a divida antes do termo fixado, compra titulos na praça, e com elles paga ao banco, que os recebe pelo seu valor nominal. Ainda mais: não convindo á Associação acumular dinheiro em caixa, porque delle haverá de pagar juro aos capitalistas, o mesmo interesse da Associação a induzirá a empregar as annuidades recebidas em titulos comprados na praça, ou sorteados annualmente e pagos *ao par*, como se pratica na Polonia. E este ultimo meio é de certo preferivel, porque assegurando aos credores a venda dos titulos pelo seu valor nominal, previne uma causa de depreciação resultante da variação do curso.

Eis ahi o systema de credito territorial cujos beneficios incalculaveis tem gosado os povos onde se elle fundou, systema que ha quasi um seculo se conserva incolume no meio de guerras e revoltas que derrocaram e transformaram instituições solidamente estabelecidas. Se á sua introducção em Portugal se oppõem instituições injustas e anteconomicas, como a dos morgados; leis confusas e incoherentes, como a das hypothecas; que se occupe o poder politico, a quem isso compete, de abolir essas instituições, de reformar essa legislação, subtituindo-a por outra mais conforme com a philosophia do direito e com as nossas urgentes necessidades, porque em removerem-se taes obstaculos está o poder fundar-se entre nós o credito territorial, ancora de salvação da nossa industria agricola.

Continúa. JACINTHO A. DE SOUZA.

COSTUMES AMERICANOS.

Continuado de pag. 288.

Alem do casamento forçado, existe outra especie que consiste em achar-se um individuo casado sem o saber. A armadilha matrimonial tem uma verdisella tão subtil, que basta roçar-se alguem por ella, para ficar logo apanhado. Uma anedocta mui recente demonstrará ao leitor o perigo que ha em folgar com taes brinquedos.

Um homem de quarenta e cinco annos de idade, mestre pedreiro e horrivelmente feio, lembrou-se um dia de ir a casa de um seu amigo inculcador de creadas, para lá escolher uma cosinheira.

Estando a conversar no negocio, pergunta-lhe d'alli o caixeiro da casa. — Porque se não casa o sñr.? — Valha-me Deus! Para me casar é mister achar com quem; mas eu sou tão feio que ninguem me quer. Todas as raparigas mofam de mim quando lhes fallo em tal. — É porque o sñr. não procura bem. Olhe, entre solteiras e viuvas tenho ahi duas duzias: aposto que o caso em um quarto de hora; tenho aqui visinho o juiz que se encarrega de fazer a operação. Ande dahi! escolha a que lhe convier, e o demo me leve se ella recusar! O pedreiro foi facil de persuadir, e escolheu uma irlandeza rechonchuda e folgazã, viuva do seu primeiro marido. A mulher levando a cousa de galhofa aceita a proposta: o juiz puxa do lenço, assoa-se, escarra, e pergunta com tom solemne: a senhora recebe este cavalheiro por esposo? — Sim senhor. — E o senhor recebe esta dama por sua mulher? — Sim senhor. — Dêem as mãos, estão unidos: sejam felizes.

O pedreiro contente por se ver em fim casado, conduz sua mulher a um *Oyster room* da visinhança, para ambos sosinhos festejarem as bodas: era o que a irlandeza queria, comeu bem e não bebeu mal. Mas á sobremeza, o marido um pouco electrisado com as repetidas libações, tomou algumas liberdades que lhe pareceram a ella mais que puro gracejo. O marido reclama os seus direitos, a mulher põe-se a zombar; elle enfada-se, ella manda-o bugiar, dizendo que tal casamento não era mais que uma farça. A questão foi levada perante o juiz que declarou o casamento valioso e legitimo, visto que ella já viuva e mãi de filhos devia saber o que era casar, e por isso não fôra surprehendida como rapariguinha ignorante.

Esta facilidade de casar, na America, sem informações, sem delongas, sem consentimento de ambos os conjuges tem na verdade seu attractivo para os amantes, mas tambem favorece em demasia as trapaças dos cavalleiros de industria.

Como correctivo existe o divorcio legal, que raro acontece porque custa caro. Exige longos processos e o consentimento de uma multidão de pessoas, que pouco se condoem do que soffrem os esposos infelizes. As mais das vezes quando um casal não é bem unido, o que soffre divorcia-se sem pedir licença. O marido reputa-se emigrar para a California, e deixa, segundo a expressão usada, uma viuva californiana, que lá se consola o melhor que pode; outras vezes, mas isto é menos vulgar, a mulher é que se eclipsa executando um pequeno *elopement*. Se tem queda para a tragedia, faz como a snr.ª Miller, depõe á borda da catarata do Niagara o seu veu

azul, as suas luvas, e escreve uma carta annunciando ao mundo que seu marido, *monstro* de ingratidão, é causador de sua desgraça; que ella vae em fim terminar uma vida insupportavel.

E depositado o bilhete ao lado do veu, lança-se, precipita-se.... nos braços do snr. Arthur, e logo em seguida, no fundo de um caleche de viagem. Eis ahi o sublime do genero; mas d'ordinario a mulher desapparece sem este apparato, e então o marido offendido quer ao menos salvar o coffre. Publica immediatamente nos jornaes um annuncio concebido nestes termos:

« Eu abaixo assignado, tenho a honra de annunciar ao publico que minha criminosa esposa desappareceu completamente do domicilio conjugal, abandonando, sem pés nem cabeça, a minha meza e o meu leito, *my board and bed*. Em consequencia do que declaro que não pagarei qualquer divida contrahida por essa descarada etc. »

Assim como os maridos prudentes se servem da imprensa para publicar a fuga de suas mulheres, tambem muitas vezes celibatarios timidos, ou tão pouco de cobiçar, que não valem a pena d'uma armadilha, empregam o mesmo meio para offerecerem ao bello sexo seus encorreados corações. Em um jornal do domingo le-se um annuncio assim concebido:

« Um honrado *single gentleman*, bem conservado, deseja unir-se a uma joven *lady* com os laços do hymineu; porém muito timido e pouco experimentado em requestar uma donzela, deseja evitar estes preliminares, por via dos annuncios. Tem trinta annos de idade, é um mocetão com todo os seus dentes e cabellos; assegura que ha de fazer feliz uma menina virtuosa etc., e vende bacalhau. A carta deve lançar-se no correio, com direcção a L. X. »

Alguns desfrutadores de máu coração tiveram a crueldade de assignar a este cavalleiro infeliz oito casas, nos quatro cantos da cidade, onde devia achar-se ao mesmo tempo, de maneira que o pobre do homem dava-se a perros, não attinando no modo de preferir entre tantos corações inflammados.

Uma das chagas mais crueis da economia domestica na America, chaga incuravel e sentida todos os dias, são os criados, e principalmente os criados brancos, não já que os negros valham mais e façam mais trabalho. Pelo contrario, uma vez elevados á nobre condição de criados livres, manifestam o desejo de desforrar-se amplamente do trabalho forçado do escravo. Ninguem se atreve a reprehender uma miseravel irlandeza que em seu paiz não recusava fazer qualquer serviço, sujeitar-se a qualquer humiliação. Apenas respira o ar de liberdade e egualdade americana, torna-se tão pretenciosa quanto antes era humilde. Por pouco que não chega a persuadir-se que sua ama é quem deve servil-a, não obstante receber um salario que não merece; mas em todo o caso, não se ensaia em estabelecer uma especie de communismo de fato: serve-se dos vestidos e chapeus da senhora como dos seus proprios.

Continúa.

P. OVIDIO NAZÃO:

Dos Tristes — Livro 5.°: *Elegia* 5.ª

ARGUMENTO.

Exorta-se Ovidio a si mesmo para celebrar o dia natalicio da sua esposa, a favor da qual faz religiosas preces, e louva o dia, em que ella veio á luz, dotada de purissimos costumes; e bem que digna seja de mais prospera fortuna, exorta-a com tudo a que soffra a adversidade com espirito sereno, por isso que na virtude só póde fazer-se brilhante no meio da adversidade. Pede finalmente aos Deoses, que, com quanto não queiram perdoar-lhe a elle, perdoem ao menos á sua innocente consorte.

Da chara esposa o dia natalicio
Exige as honras costumadas; vamos,
Ó minhas mãos, dispor-lhe o sacrificio:
Talvez o heroe Laercio assim, no extremo
Orbe, da esposa celebrasse outr'ora
Do festivo natal o sacro dia.
— Dos meus longos trabalhos deslembrada,
Dê-me a lingua expressões condignas hoje,
Ella, que eu julgo haver desaprendido
Ha muito já a fallar linguagem fausta:
E a nivea veste, aos fados meus adversa,
Que uma vez só vestir no anno eu uso,
Deste dia em memoria hoje se tome:
E um verde altar de leivas se levante,
Tapetado de relva; e uma grinalda
Os trepidantes fogos cubra, adorne.
— Da-me, ó rapaz, incensos productores
De oleaginosas chammas, e o de Baccho
Precioso licor, que, derramado
Sobre o fogo sagrado, arda estalando.
— Optimo natalicio, bem que a ausencia
Ao longe nos separe, é meu desejo
Venhas candido aqui dissimilhante
Ao natalicio meu: E se á consorte
Minha alguma dôr nova ameaçava,
Já mais dos males meus a dôr anceie:
E aquella, que inda ha pouco sacudida
Foi por borrasca mais que todas, grave;
Nos dias, que lhe restam, sem perigo,
Qual náo por mar tranquillo as vagas corte:
Ambas, ella e a filha sua, o gôso
Logrem do lar domestico e da patria,
Da patria viva embora eu só privado:
E, bem que do consorte charo ao longe
Ser não possa feliz, da vida o resto
Nuvens tristes jámais lh'o entenebreçam.
Viva, e ao esposo ausente amor conserve,
Visto que a isso obrigam, e em diuturna
Serie va os seus dias consumindo:
Outro tanto dos meus dizer quizera,
Se não fôra o receio, que o contagio
Do meu destino corrompesse os d'ella
— Para o homem na vida nada é certo!.....
Quem julgára que os sacros natalicios
Entre os Getas da esposa eu cantaria!.....
Notai, como o fumoso incenso os ventos
Para a Italia, á direita posta, levam!.....
Teem sentimento pois do fumo as nuvens,

Que o fogo exala; quasi vão fugindo
A' direção que eu dar-lhes intentava!.....
Quando a communs exequias sobre a pyra
Fazer mandava fraternal piedade
Aos dous irmãos, que a morte arrebatára
Em alternado duello; a ardente flamma,
A si mesma contrária, e como ao mando
Dos inimigos dous obediente,
Dividida se ergueu em partes duas:
Que assim podesse acontecer, outr'ora
(Bem me lembro) eu negava, e em meu juizo
O Battiades vate era um falsario:
Tudo hoje creio ao ver o tino, o instincto,
Com que tu, ó vapor, as costas voltas
Ao Arcturio, e d'Ausonia ao rumo apontas.
— É este o dia pois que se das trevas
Rompido não tivesse, outro algum dia
Festivo para mim jámais houvera:
Deu este dia á luz moraes virtudes,
Quaes nas Heroinas se ostentaram puras,
De quem foi pai Ection, foi pai Icario:
De costumes pureza, honra e lealdade
N'elle viram a luz; não já prazeres
Nasceram neste dia, antes trabalhos
E ancias, de taes costumes sorte impropria,
Do quasi viuvo thoro justas queixas:
A bondade porem provada em lances
Adversos da fortuna, então encerra
Maior para o louvor tempo e materia:
Se ao duro Ulysses cousa alguma infausta
Não tivesse occurrido, venturosa
Penelope vivera, mas sem gloria:
Se victorioso os Echionios muros
De Evadne o esposo penetrado houvesse,
D'ella talvez soasse o nome apenas
Dentro da patria sua: filhas tantas
Tendo Pelias gerado, como illustre
Fama obteve uma só? Ganhou-lhe a gloria
Do marido infeliz ser a consorte:
Faze, que outro as illiacas arêas
Primeiro com seus pés toque, e Laudamia
Nada terá, que honrada a immortalize.
— Tambem desconhecida ao mundo fôra
(Mais o quizera assim) tua bondade
Se prospera a fortuna me ventasse.
— Deoses, com tudo, e, ó Cesar, que algum dia
Has de entre elles morar, mas só volvidos,
Iguaes aos de Nestor compridos annos:
Não a mim, que o castigo hei merecido
Por propria confissão, á minha esposa
Perdoai, que nenhuma dôr merece,
E na dor se definha e se amargura.

Continúa F. DE CARVALHO.

ESTUDOS DE ECONOMIA POLITICA

OU

Breve explicação dos elementos desta sciencia — por A. P. Forjaz — tomo 2.° — 1.° caderno — theoria da distribuição e do consumo.

A sciencia é longa e a vida é breve, dizia um philosopho: e a esphera dos conhecimentos humanos dilata-se cada vez mais, e a vida é cada vez mais curta. Na ordem physica, é mister achar o modo de produzir mais e melhor em menos tempo; porque as necessidades crescem incessantemente: na ordem moral, a civilisação sujeita o espirito a uma condição analoga de seu desenvolvimento — é forçoso descobrir como abranger no tempo, que fica sempre o mesmo, se não diminue, a sciencia, que augmenta sempre em profundeza e extensão.

Desçamos ás cousas que nos tocam mais de perto. Estudar em um anno uma sciencia nos livros que á cerca della teem escripto antigos e modernos, é cousa impossivel. Quem tivesse animo de emprehender essa tarefa, achar-se-hia, por fim, com o entendimento povoado de mil opiniões contradictorias, de noções imperfeitas, que muito prejudicariam qualquer estudo ulterior. Havendo, porem, um bom compendio que o professor explique, e não tenha de refutar a cada passo, aplana-se muito o caminho, porque ha um guia seguro, ha um nucleo em torno do qual se podem engrupar as ideas adquiridas com a leitura dos que melhor escreveram sobre a materia. Todavia o que estuda tem ainda de lutar com grandes difficuldades, mormente havendo de applicar-se, com egual afan e no mesmo periodo, a outras sciencias. Por isso as *lições lithographadas*, contra que tanto se fallou, e de que tanto se tem abusado, satisfaziam, ainda que mal, a uma necessidade realmente existente em algumas aulas da universidade.

Resumir em um livro bem elaborado o que ha melhor e essencial em qualquer das sciencias ensinadas nas faculdades academicas, conciliando a inevitavel concisão com a clareza e bom methodo, é evidentemente fazer um relevante serviço aos que estudam essa sciencia, ministrando-lhes uma base sobre que poderão edificar com segurança tão vasto edificio, quanto lhes permittir o talento e applicação; e é de certo este o unico meio justo e conveniente de acabar com as lições lithographadas, e com as consequencias de seus abusos.

O snr. A. P. Forjaz não só fez um excellente compendio de economia politica, mas está publicando a explicação desse compendio intitulada — *Estudos de Economia Politica*. Vê-se nesta obra reunida e posta por ordem a doutrina mais importante que á cerca da producção, distribuição e consumo, se encontra em muitos volumes de abalisados economistas. Se alguma vez este trabalho parece não satisfazer ao precioso dote da clareza, nascerá porventura esse defeito da difficuldade que sente um escriptor didactico, quando procura collocar-se bem nas circumstancias do maior numero dos leitores, d'ordinario desemparados dos recursos que o auctor tem de sobejo. Alem de que, raro succede sair obra tão difficil, logo do primeiro jacto, com o cunho da mais completa unidade e perfeição.

Podemos porem asseverar que estas qualidadas hão de vir a avultar entre as muitas excellencias daquelle escripto, porque o A. tem a peito aperfeiçoar os seus *Estudos de Economia Politica*, e pôl-os sempre ao par do progresso desta sciencia, condição sem a

qual não offereceriam todas as vantagens que podem prestar. O que vamos dizer auctorisa-nos a fazer este juizo.

O A. tratando da renda no compendio, considera-a com a maior parte dos economistas antigos e modernos, como uma especie de rendimento distincto dos outros, como uma liberalidade da natureza, que o proprietario apropria; porem Carrey e Bastiat apresentaram, sobre este objecto, outras ideas que foram desenvolvidas por Martinelli e Fontenay. » Seguindo estes escriptores, » diz o A. nos seus *Estudos*, » reformamos o pensamento indicado no §. 79. do compendio, não considerando a renda da terra, senão como uma remuneração analoga aos outros rendimentos, uma paga de serviços por serviços, uma retribuição do trabalho consumido ou pelo proprietario immediatamente, ou por aquelles que foram antes d'elle, e a quem representa; isto é, o interesse dos capitaes fixados no solo em roças, plantios, tapumes, trabalhos de enxugamento, etc, e em regra confundidos com elle; interesses que podem ser maiores ou menores, conforme as circumstancias que determinam tão variadamente o preço dos serviços, mas que não alteram, em caso algum, a natureza que lhes é propria. »

Temos pois a satisfação de annunciar este trabalho, que o publico illustrado já conhece, em parte, e terá devidamente apreciado: assim desempenhamos uma das importantes obrigações do Instituto, tanto mais rigorosa quanto é um distincto socio e antigo collaborador que a sollicita.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546).

Continuado de pag. 23.

Capitolo do estado, em que achou a fortaleza.

Isto assĩ ordenado, me desembarquei de noite com toda a gente; e a maneira de que achei a fortaleza não é cousa para se poder crer, nem sinto termos por que se possa escrever a v. a. Porque os mouros tinhão entulhadas as casas de maneira, que não avia sinal dellas, nem poderse saber onde forão; e os muros derribados até o fundamento; os baluartes tomados, e os mouros postos em sima com muitas estancias dartilharia, com que atiravão ás casas da fortaleza: e por derredor donde forão os muros, tinhão alevantado grandes, e poderosos baluartes, e cavaleiros, e postas grandes montanhas de terra, e pedra, donde tinhão assentados muitos trebuquos, com que tiravão muitas jarras de polvora, e muitas pedras aas cazas. Arredado hũ pouco da fortaleza tinhão feito hũa muralha de treze palmos de largo, e vinte d'alto, toda de muito fermosa cantaria, com muitos baluartes, e travezes, com a qual cingião a fortaleza de mar a mar. E desta muralha, para os nossos baluartes, que elles já tinhão ganhados, e muros, hião tantas ruas cobertas, trincheiras, laberintos de paredes, que era couza estranha, e muito pera notar. Antrelles, e os nossos não avia mais que hũa estreita paredinha de pedra emsoça. Desta maneira a defendeo dom João Mascharenhas, muito tempo per seu grande esforço, e cavalaria. Estas obras, que os mouros tinhão feitas, fizerão cinco engenheiros, que Coje Çofar mandou buscar a Cõstantinopla a soldo de cada hũ a trezentos cruzados por mez.

Acabado de desembarquar pratiquei cõ dom João, e com todolos capitães da armada a maneira, que teria em minha saida. E posto que na pratica ouvesse muitas e diversas openiões, pareceo-me bem, que por sima de todolos inconvenientes devia de sahir amanhecendo; porque me pareceo, que se perdia muita reputação saberem, que o Governador da India estivera cercado um soo dia. Polo que manhã clara ordenei duas batalhas de toda a gente. A da vanguarda com toda a gente da fortaleza dei ao capitão dom João Mascharenhas, o qual avia de levar doze escadas pera sobirmos as muralhas dos muros; e eu fiquei na retaguarda com a gente darmada. Na fortaleza deixei por capitão Antonio Correa, homẽ muito honrado, e que tem muito bem servido v. a., e valente cavaleiro; o qual fiquou muito contra sua vontade; mas forceyo a isso, assĩ porque pera o cazo compria pessoa de suas calidades, como por ser aleijado dũa perna por serviço de v. a., e por este empedimento não ter soficiencia pera saltar paredes: e por me recear muito, que tanto que saisse fóra a combater as muralhas, me entrassem os mouros a fortaleza; por cazo de nos terem ganhados todolos baluartes, e muros; e entre nós e elles não aver outro empedimento, salvo as paredinhas de pedra emsosa, que ja disse a v. a.

Saindo dom João com sua batalha pola ponte, desparou a artelharia, e arquabuzaria nelle, e lhe matou muita gente; mas nem por isso deixou de passar avante, e cheguar ao pé das muralhas, onde trabalhando polas sobir, e os mouros pelas defender, se começou hũa grande, e cruel peleja. A este tempo era eu já saido com minha batalha, em a ponte tornou outra vez desparar toda a artelharia em mĩ, e me matou muita gente. Os Lascarins, que comigo hião, vendo a grande grita da batalha de dom João, que estava ao pé das muralhas, e a gente, que na minha batalha cahia morta da artelharia, temeo, e comessou de recuar; onde me tiveram de todo ponto derribado da ponte abaxo,

e quasi desesperado da victoria. Polo que me foi necessario as cotyladas abrir caminho pera passar adiante com Lourenço Pires de Tavora, que nunqua se de mĩ apartou, e assĩ o secretario Antonio Cardoso, e frey Antonio do Cazal, Custodio de São Francisco com hũ crucifixo nas mãos. E commessando de caminhar para as muralhas, fiz bradar, dizendo a grandes vozes, victoria, victoria! os mouros fogem, os nossos vão em seu alcanse, e o Governador é passado da outra banda dos mouros. Com esta nova falsa abalou a batalha, e chegou ao pé do muro, e sobirão, e passárão a outra banda, a pezar dos imigos. A este tempo tinha eu já comessado a peleja com obra de vintacinco pessoas. Antes de minha gente sobir as muralhas carregou grão pezo de mouros sobre mĩ, e me tiverão de todo desbaratado. Lourenço Pires de Tavora foi o primeiro que deu nelles, e eu o segundo: digo isto, por não tirar a gloria a cada hũ. E logo todos comessárão mui valentemente a batalha, a qual duraria espaço de duas horas.

Em quanto se estas cousas fazião, cometerão os mouros a emtrar a fortaleza per muitos logares; mas Antonio Correa lhes rezistio tão esforçadamente, que os fez tornar atraz, e botados dos muros, se veio á porta, e despedio muita gente; pera que me fosse buscar, e acompanhar. Em todo o tempo do perigo, e que a couza esteve em duvida, sempre me acompanhou Lourenço Pires de Tavora, fazendo obras de muito esforçado cavaleiro. E assĩ me acompanhou o secrétario, e Custodio de São Francisco, e Simão Botelho veador da fazenda, sem embargo de andar ferido dũa frechada. Os fidalgos, e capitães andavão demvolta cõ os mouros, e como o campo era grande, e as suas vontades muito maiores, pera se vingarem delles, não tinhão tento em mais, que em os matar, e vencer; polo que a este tempo não estava rodeado delles; por lhes parecer, que assĩ fazião mais serviço a v. a. Ora levando eu cada vez a melhor dos mouros, os ouvemos de arrimcar do campo; e se forão recolhendo pera a cidade, sempre pelejando. E seguindo apoz elles, entramos demvolta com elles na cidade, onde se comessou outra brava, e forte peleja, da qual tãobem nos deo nosso Senhor inteira victoria, tomandolhe per força darmas a cidade. E seguindo o alcance a pos elles, entramos polo campo espaço de mea legoa. Nesta batalha não entrou dom Alvaro, meu filho, por estar doente de grandes febres; mas assĩ como estava se mandou levar em hũ leito ao pé dos muros da fortaleza, aonde esteve em quanto a peleja durou.

Morrerão na batalha passante de tres mil mouros, a milhor, e mais luzida gente do campo, a saber; Turcos, Abexins, Arabios, e Reybutros; afora outra muita gente, que se matou no alcance dos mouros, quando fogião, e no saco da cidade, e em toda a ilha, que foi numero infinito. Serião cativos mais de seiscentos, por mais que eu o defendesse, e tivesse mandado, que a nenhũ se desse vida. Morreo tambem nesta batalha Rumequão, capitão geral delrei de Cambaia: e a bandeira real delrei foi tomada, e prezo Juzarquão, hũ dos tres maiores senhores, e capitães do reino, e tomadas trinta e cinco peças dartilharia, a saber, basaliscos, liões, esperas; salvages, e outra de muitas sortes, entre as quaes entrárão certas peças, que os Guzarates tinhão tomado no tempo passado a v. a. em hũa galee, que peleijou mal com elles. Que não foi para mĩ pequena gloria tirar de seu poder as armas reaes de v. a.

Continúa. N.

Receberam-se na Bibliotheca do Instituto de Coimbra *as seguintes obras offerecidas por seus respectivos auctores.*

RESUMO CHRONOLOGICO DA HISTORIA DE PORTUGAL desde os primeiros povoadores até nossos dias, para uso das escholas de instrucção primaria, por Joaquim Loppes Carreira de Mello.

COMPENDIO DE CIVILIDADE RELIGIOSA E MORAL para uso dos alumnos das aulas de instrucção primaria, pelo mesmo auctor.

COMPENDIO DE DOUTRINA CHRISTÃ DOGMATICA E MORAL para uso dos alumnos das escholas de instrucção primaria, pelo mesmo auctor.

COMPENDIO DE CHOROGRAPHIA DE PORTUGAL E SEUS DOMINIOS para uso das escholas de instrucção primaria, pelo mesmo auctor.

BREVE TRATADO DE CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA historica politica, offerecido á mocidade portugueza pelo mesmo auctor.

DESCRIPÇÃO DA SESSÃO SOLEMNE que teve logar no collegio de nossa Senhora da Conceição em Lisboa, em 8 de dezembro de 1853. Offerecido ás familias dos alumnos do mesmo collegio, pelo mesmo auctor

NOÇÕES GERAES SOBRE O DIREITO DAS GENTES, por Antonio da Roza Gama Lobo.

ORAÇÕES FUNEBRES, recitadas nas exequias solemnes, que, pelo eterno descanso da excelsa Rainha de Portugal a senhora D. Maria II, celebraram, na real capella da Universidade, os lentes, doutores e professores.

CURSO COMPLETO DE MATHEMATICAS PURAS traduzido correcto e augmentado pelos lentes cathedraticos da universidade e socios do Instituto de Coimbra — Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Souza Pinto.

ELEMENTOS DE MECHANICA RACIONAL DOS SOLIDOS, por Francisco de Castro Freire, lente cathedratico da faculdade de mathematica, vogal do conselho superior de instrucção publica.

TABOAS AUXILIARES para o calculo das ephemerides astronomicas do observatorio da universidade de Coimbra, por Jacome Luiz Sarmento, lente substituto ordinario da faculdade de mathematica.

ELEMENTOS DO PROCESSO CRIMINAL, por Francisco José Duarte Nazareth, lente cathedratico da faculdade de direito e socio do Instituto de Coimbra.

ESTUDOS DE ECONOMIA POLITICA ou breve explicação dos elementos desta sciencia, por A. P. Forjaz, lente cathedratico da faculdade de direito, socio da A. R. das sciencias de Lisboa, e do Instituto de Coimbra.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia	Estado do ceo ao meio dia.
Mez de Abril		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor aquoso contido no ar	Pressão do ar secco	Gráu de humidade do ar	Quantid. de vapor contido em um metro cubico de ar		
Dias	Graus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas.		
1	15	734,812	6,480	728,332	0,5048	6,52	S.	Limpo.
2	15	758,882	7,555	751,327	0,5886	7,60	S.	Limpo.
3	15	758,882	6,807	752,075	0,5303	6,85	N.E.	Limpo.
4	16,5	758,698	7,691	751,007	0,5475	7,70	E.	Limpo.
5	16,5	757,224	8,037	749,187	0 5721	8,05	E.	Limpo.
6	16	757,489	8,434	748,055	0,6188	8,46	E.	Limpo.
7	18	756,887	7,836	749,051	0,5039	7,80	S.E.	Limpo.
8	19	755,157	9 712	745,445	0,5963	9,64	O.	Nublado.
9	19	752,719	10,688	742,031	0,6562	10,61	O.	Nublado.
10	18	754,467	9,882	744,585	0,6437	9,84	S.	Nublado.
11	18	754,721	10,610	744,111	0,6911	10,57	S.	Nublado.
12	19	754,599	10,929	743,670	0,6710	10,85	O.	Limpo.
13	19	750,027	10,606	739,421	0,6512	10,53	O.	Nublado.
14	18	748,371	10,039	738,332	0,6539	10,00	O.	Chuva.
15	18	752,993	9,782	743,211	0,6372	9,74	O.	Chuva.
16	17	753,573	10,293	743,280	0,7115	10,29	O.	Chuva.
17	17,5	749,719	10,957	738,762	0,7349	10,93	O.	Chuva.
18	18	745,849	10,880	734,969	0,7087	10,84	S.	Nublado.
19	16	743,303	9,591	733,712	0,7037	9,62	S.	Chuva.
20	15,5	739,817	10,058	729,759	0,7601	10,01	S.	Chuva.
21	15	738,607	9,851	728,756	0,7674	9,91	S.O.	Chuva.
22	16	742,805	10,177	732,628	0,7467	10,21	N.E.	Chuva.
23	15	746,770	10,498	736,272	0,8178	10,57	N.E.	Limpo.
24	15,5	752,286	10,184	742,102	0,7696	10,23	N.E.	Limpo.
25	15	753,156	8,860	744,296	0,6902	8,92	E.	Nublado.
26	12	753,624	6,041	747,583	0,5643	6.14	E.	Limpo.
27	14	754,548	7,454	747,094	0,6167	7,53	E.	Limpo.
28	14	752,191	7,635	744,556	0,6317	7,71	E.	Limpo.
29	13	751,267	8,191	743,076	0,7199	8,30	S.	Nublado.
30	15	747,736	8,698	739,038	0,6776	8,75	S.	Chuva.
media do mez	15,9	751,039			0,6562			

Coimbra 1.° de Maio de 1854.

O Demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Manoel dos Santos Pereira Jardim.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

SESSÕES DAS CLASSES E DA DIRECÇÃO DO INSTITUTO DE COIMBRA.

No dia 9 de fevereiro deste anno, reuniu-se a classe de sciencias physico-mathematicas para discutir o parecer dado pela respectiva commissão á cerca da memoria offerecida pelo sñr. Francisco Antonio Alves, que nesta sessão foi eleito socio effectivo da mesma classe.

A 27 d'abril, por proposta do sñr Florencio M. B. Feio, decidiu a direcção, que a commissão redactora do Instituto officiasse ás faculdades academicas, por intervenção do ex.^{mo} prelado da universidade, pedindo-lhes a sua effectiva collaboração, conforme o disposto na portaria do Ministerio do Reino de 5 de setembro de 1853: resolveu egualmente que, d'accordo com os auctores dos artigos que se publicassem no jornal, podesse a redacção, quando o julgasse conveniente, mandar tambem imprimir, em separado por conta dos auctores ou á custa do Instituto, esses mesmos artigos. Nesta sessão recebeu-se parte do fallecimento do socio o sñr. conselheiro Francisco Freire de Carvalho, e foi encarregado do seu elogio funebre o sñr. Francisco de Castro Freire.

O Secretario do Instituto,
Jacintho A. de Sousa.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA. — RELATORIOS.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Conferencia de 28 d'abril de 1854.

Senhores. — Na conferencia ordinaria do conselho geral que teve logar no dia 31 de outubro do anno de 1853, relatei-vos não só os trabalhos que correram mais particularmente pela 2.ª secção, e o crescido expediente da secretaria do conselho; mas tambem o estado bastante lisonjeiro da instrucção secundaria, e as providencias adoptadas por este conselho para o seu adiantamento e perfeição: porem na que hoje celebramos, como complemento d'aquella, dir-vos-hei que o numero total das cadeiras publicas, pertencentes á instrucção secundaria, e estabelecidas no continente e ilhas adjacentes, é de 248, sendo nos lyceus — 124 — e annexas outras tantas: que o numero total dos alumnos que as frequentaram no anno lectivo de 1852 a 1853 é de — 4:209 — em 175 cadeiras: que o numero total das cadeiras particulares até hoje é de 48, e que o numero total dos alumnos que as frequentaram no referido anno é de 1:089: que sendo o numero total dos alumnos que frequentaram as cadeiras publicas e particulares de 5:298, abatendo o numero total, que foi no relatorio de 29 de novembro de 1853, — 2:863 —, vem a ser o accrescimo de 2:435.

Cumpre notar que não entra naquelle numero a frequencia das cadeiras do districto de Portalegre, por não ter o commissario dos estudos enviado a este conselho o seu relatorio, nem a das do districto de Ponta-Delgada, por não virem os mappas d'estas com os da instrucção primaria, que o commissario dos estudos interino, por officio de 13 do dezembro de 1853, tinha remettido a este conselho.

Sendo pois o total das cadeiras nos lyceus e annexas 248, vão incluidas neste numero as 92 propostas no plano remettido ao governo em consulta do 1.º de fevereiro de 1850, das quaes ainda todas não estão approvadas, e por isso não providas. Ha porem algumas annexas ainda existentes, por estarem providas em professores antigos, e que devem ser suprimidas quando vagarem, ou transferidas segundo aquelle plano.

O commissario dos estudos do districto d'Aveiro participa, no seu relatorio de 13 de janeiro do corrente anno, que no lyceu d'aquella cidade houveram melhoramentos no anno lectivo findo, não só quanto ao material, com o melhor arranjo interno das aulas, mas tambem quanto ao pessoal e economico, com o regular desempenho das obrigações de cada um dos seus empregados, maior concurrencia e aproveitamento dos alumnos em todas as aulas, e a creação da cadeira de linguas franceza e ingleza; lastima porem o impedimento, talvez perpetuo, do professor de 4.ª cadeira, na qual por isso mesmo não póde deixar de haver irregularidade no anno lectivo findo, não obstante tomarem-se convenientemente as providencias para *occorrer* á interrupção do magisterio. Frequentaram as aulas 214 alumnos.

O commissario dos estudos do districto de Castello-Branco, no seu relatorio de 14 de janeiro, dá parte que o lyceu está vantajosamente collocado na antiga casa da miseri-

cordia: que frequentaram as aulas 79 estudantes: que respeitaveis são por todos os titulos os actuaes professores do lyceu, que a grandes luzes nas disciplinas respectivas juntam larga experiencia do magisterio que exercem ha muitos annos; mas que o de grammatica latina e o de logica, por sua avançada edade e molestias, estão nas circumstancias de merecer do governo de Sua Magestade a jubilação a que tem direito, no que muito interessaria o serviço publico: que 5 escholas particulares de grammatica latina e latinidade foram frequentadas por 56 discipulos com aproveitamento, segundo a informação dos respectivos professores; que 4 das referidas escholas foram sustentadas pelos paes de familias, e uma por esmolas ou donativos: que foram habilitados 3 professores para regerem cadeiras de grammatica latina, e que os que não quizeram habilitar-se, fecharam as suas aulas.

O commissario dos estudos do districto do Porto, em seu relatorio de 17 de fevereiro, faz ver que as cadeiras, que constituem o curso do lyceu, acham-se todas providas, e bem assim as respectivas substituições, e foram todas regidas pelos respectivos professores proprietarios, menos a de latinidade, que pelo impedimento do professor proprietario foi regida pelo respectivo substituto: que o numero dos alumnos, que frequentaram as aulas do lyceu, foi de 252, e o das cadeiras annexas de 138.

Do relatorio do governador civil d'Angra, com a data de 30 de setembro do anno passado, consta que as aulas do lyceu foram frequentadas por 192 alumnos; que fóra do mesmo lyceu existem 3 aulas de latinidade, que todos funccionaram regularmente; e que continua a ser mui sensivel a falta de uma cadeira de latim na villa do Topo da ilha de S. Jorge.

A mesma auctoridade faz honrosa menção do reitor do lyceu e commissario dos estudos, pelo muito zelo que desenvolve no exercicio de suas funcções, e não menos dos professores do mesmo lyceu, que tem louvavelmente empregado os maiores disvelos no progresso e adiantamento dos seus discipulos.

O commissario dos estudos do districto da Horta, no seu bem acabado relatorio, pertencente ao anno lectivo de 1851 a 1852, depois d'algumas judiciosas reflexões á cerca d'algumas cadeiras internas e externas ao lyceu, e da necessidade de um curso de moral theologica, e disciplina ecclesiastica para instrucção do clero, pela qual este se habilite devidamente para o cabal desempenho das sagradas funcções do seu santo ministerio, faz ver que, no referido anno lectivo, tanto as aulas do lyceu, como as das escholas annexas, foram frequentadas por 133 alumnos.

O governador civil do Funchal, no seu relatorio de 19 de novembro do anno findo, diz que nenhuma circumstancia notavel tem occorrido, de que deva fazer menção, nem na parte que respeita ao pessoal do ensino, dois que os professores de todas as classes continuam, em geral, a desempenhar satisfactoriamente as obrigações do magisterio, nem na parte litteraria, porque os methodos d'ensino não tem soffrido alteração alguma; e que forão 123 os alumnos que frequentaram as aulas do lyceu.

O bibliothecario de Ponta Delgada, em seu relatorio de 30 de setembro do anno passado, dá conta de que no primeiro anno da sua gerencia tinha conseguido já o arrolamento de tres mil volumes, e que continuando o mesmo trabalho no seguinte anno, sempre que o tempo lh'o permittia, conseguira o arrolamento de 7:250 volumes, faltando-lhe ainda 3 estantes para inventariar; e do mappa estatistico, que remetteu ao conselho, vê-se que desde outubro de 1852 até setembro de 1853 foi o numero dos leitores de 1571 o que, segundo o referido bibliothecario, é devido á regularidade com que funccionou o lyceu no anno lectivo de 1852 a 1853, e ás recommendações que os professores fazem aos seus discipulos de irem alli consultar algumas obras precisas á sua maior instrucção.

Agora, senhores fallarei dos trabalhos da 2.ª secção, que tiveram logar desde 17 de outubro de 1853 até 21 d'abril do corrente anno.

Foram elaboradas, e expedidas ao governo de Sua Magestade 52 consultas, sendo uma para a propriedade de cadeiras de latim; quatro para o provimento temporario de cadeiras da mesma disciplina; seis para a propriedade de cadeiras dos lyceus, uma para substituições, e uma para o provimento temporario dos ditos; uma para secretarios de lyceus, e quatro para porteiros dos ditos; duas para commissarios d'estudos; uma para gratificações; nove para jubilações; duas para exonerações; duas pela necessidade de provimentos de logares; doze para informes e varios objectos; uma para creação de cadeiras; duas para a juncção das aulas do lyceu de Santarém com o seminario, ferias etc.; uma com os orçamentos da receita e despesa dos lyceus; uma com a relação dos lyceus, professores, e estado das cadeiras desde a instalação; uma com o projecto de regulamento para os exames de habilitação á primeira matricula da universidade.

Resta-me somente, para conclusão deste relatorio, dar-vos conta do expediente da secretaria do conselho.

Concursos	
Portarias e officios com editaes	96
Annuncios.....	14
Informações e Intimações	
Portarias e officios	123
Diplomas Certidões e Titulos	
Diplomas de provimento temporario de cadeiras	2
Certidões de capacidade para ensino particular	4
Titulos d'auctorisação para collegios...	1
Total..	240

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE MEDICINA.

1853—1854.

1.º ANNO.

CADEIRA D'ANATOMIA HUMANA E COMPARADA.

COMPENDIO — JAMAIN — NOUVEAU TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE D'ANATOMIE DESCRIPTIVE.

Lente — *Dr. Sebastião d'Almeida e Silva.*

Começaremos por definir o que seja *Anatomia*, e os differentes titulos d'esta vastissima sciencia. — Demonstraremos as alfaias e instrumentos anatomicos. — Indicaremos os reagentes chimicos mais usados em Anatomia; e os seus principaes processos: a dissecção, maceração, injecção, e inspecção microscopica, a fim de separar e distinguir os tecidos do organismo: as sciencias auxiliares, e auctores mais abalisados que devemos consultar; e as vantagens que tão bella sciencia confere aos que a possuem. Finalmente, faremos conhecer os varios tecidos do organismo, demonstrando-os, e definindo-os sobre o cadaver; e depois d'estes preliminares, passaremos ao estudo da primeira parte d'Anatomia.

1.ª PARTE.

OSTEOLOGIA.

Dos ossos em geral: Esqueleto natural e artificial: esqueleto interno e externo — nervo-esqueleto, splanchno-esqueleto, e dermato-esqueleto — methodo de estudar o esqueleto: linha e planos verticaes e horizontaes — regiões do esqueleto, e ossos que as formam — divisão dos ossos quanto á sua fórma em longos, largos, curtos, e mixtos — estructura dos ossos: substancia compacta, esponjosa e reticular — cavidades intersticiaes dos ossos — textura e fórma das moleculas osseas nas sobredictas substancias; canaliculos osseos, suas camadas concentricas, e corpusculos interpostos; direcção e anastomose dos canaliculos dos ossos das differentes dimensões — demonstração microscopica de todos estes objectos — tecidos que concorrem para a organização dos ossos: cellular, vasos e nervos — propriedades physicas e vitaes d'estes órgãos — sua analyse chimica — da medulla dos ossos.

Osteologia descriptiva: estudo analytico e synthetico do esqueleto — divisão em tronco e extremidades; ossos que constituem o tronco — columna rachidiana, formada por 24 vertebras verdadeiras, pelo sacro e coccyx, e dividida em cinco columnas, caudal, sagrada, lombar, dorsal, e cervical, sobre a qual assenta a cabeça — descripção das vertebras que compõem estas regiões — ossos que concorrem para a formação da cabeça; sua divisão em craneo e face — descripção dos ossos do craneo; item dos da face — ossos wormios — poder-se-ha reconhecer nos ossos da cabeça vestigios da formação vertebral? — Doutrina dos homologos: pretendidas vertebras occipital, centricipital, syncipital; nasal, maxillar e intermaxillar — angulo facial de Camper; dicto occipital de Daubenton: inspecção vertical dos craneos, segundo Blumenbak, etc.

Odontologia: 1.ª dentição; 2.ª dentição — confrontação dos dentes com os ossos — differentes tecidos dos dentes: o esmalte, a substancia cortical, o marfim e o cimento — cavidade e polpa dentaria — differentes fórmas de dentes: incisivos, laniares, e molares (no homem). Na serie animal encontram-se dentes simplices e compostos; verdadeiros e falsos molares; conicos dobles e envaginados; em fórma de escova, etc. — É interessante o systema dentario, porque revela os habitos, o moral, e a alimentação dos animaes.

Do thorax: formado posteriormente por 12 pares de costellas, presas aos lados das 12 vertebras dorsaes, e adiante pelas cartilagens costaes, articuladas com os lados do sterno — descripção das costellas e seus arcos cartilagineos; item do sterno.

Da pelve: formada posteriormente pelo sacro e coccyx, e dos lados, adiante e por baixo pelos ossos innominados. Descripção dos ossos innominados ou coxaes.

Extremidades thoracicas: ossos da espadoa ou cintura scapular — descripção da clavicula e da omoplata — do humero ou osso do braço — dos ossos do antebraço: cubito e radio — dos da mão dividida em carpo, metacarpo e dedos. Descripção de todos estes ossos.

Extremidades inferiores ou abdominaes: do femur ou osso da côxa, articulado superiormente com a cintura pelviana na cavidade cotyloidea, inferiormente com a rotula e tibia — descripção d'estes ossos e do peroneo que com a tibia conformam a perna — descripção do pé dividido em tarso, metatarso e dedos — ossos sesamoideos.

Confrontação dos esqueletos do homem e da mulher adultos — item do feto, considerado nos tres estados, mucoso, cartilagineo, e osseo — modificação dos esqueletos segundo as principaes raças do homem.

2.ª PARTE.

ARTHROLOGIA.

No esqueleto natural acham-se os ossos presos entre si por ligamentos e varias outras disposições — tres generos d'articulações: 1.º a synarthrose: n'este genero os ossos são articulados firmemente entre si por justa posição de partes (sutura e harmonia), sem dependencia de ligamentos — 2.º genero, a diarthrose consta de articulações mais ou menos moveis — 3.º genero ou amphiarthrose consta de articulações, nas quaes os movimentos são pouco apparentes — de todos estes tres generos, e suas respectivas especies, faremos demonstração sobre o esqueleto fresco.

Os apparelhos dos dous ultimos generos constam de órgãos destinados uns a facilitar os movimentos, outros a limital-os, prendendo os ossos. Taes apparelhos são mais ou menos complicados, conforme o maior ou menor numero d'órgãos n'elles empregados: *Ligamentos* (*a*) de tecido fibro-tendinoso; (*b*) de tecido fibro-elastico — breves considerações sobre estes dous tecidos, e em geral do tecido fibroso — do periosteo e dura mater — ligamentos fasciculados, longos e curtos; dos capsulares — das cartilagens obducentes, que revestem as superficies articulares dos ossos — das cartilagens interarticulares, meniscas e discoides (fibro-cartilagens) — das synoviaes, membranas sacciformes, que revestem as capsulas e as superficies articulares dos ossos — suas franjas, corpusculos e pretendidas glandulas de Clopton Havers — cryptas ou glandulas synoviferas de Gosselin — observações microscopicas sobre todos estes tecidos.

Na *Arthrologia descriptiva* seguiremos a ordem do compendio, fazendo ver em cada uma das articulações seus movimentos; suas luxações; e finalmente terminaremos este tractado, considerando syntheticamente as differentes regiões do esqueleto natural.

3.ª PARTE.

MYOLOGIA.

Dos musculos em geral: definição e etymologia da palavra *myologia* — divisão dos musculos em duas grandes secções: 1.ª musc. da vida animal; 2.ª dictos da vida organica: os primeiros (no homem) são massas fibrosas, de grande volume, adherentes ao esqueleto, molles, mas muito contracteis durante a vida, e de côr vermelha — cada um d'estes órgãos, mais ou menos volumosos, se dividem em fachos, estes em fasciculos, e estes em fibras primitivas — os musculos da vida animal chamam-se voluntarios, porque a vontade impera em seus movimentos; e não assim nos da vida organica — musculos mixtos — musculos solidos, e ocos — marcha parallela e rectilinea das fibras dos musculos da vida animal — seu comprimento não interrompido no espaço de suas inserções — fasciculos primitivos estriados transversal e longitudinalmente — qual será a causa d'estas estrias? — tecidos que concorrem para a organização dos musculos — do tecido cellular em geral, e em particular do que involve e penetra os musculos até ás fibras primitivas (sarcolemma) — do tecido adiposo — pannicula adiposa subcutanea — e d'aquelle que penetra os intersticios musculares — das arterias, veias, vasos lymphaticos e nervos musculares — propriedades physicas e vitaes dos musculos — sua analyse chimica.

Partes integrantes d'estes órgãos: dos tendões, aponevroses de involucro; de inserção — adherencia tendineo-muscular — item tendineo-ossea — synoviaes dos tendões e bolsas serosas — differentes bases da nomenclatura

dos musculos da vida animal — divisão d'estes musculos em longos, largos, e curtos; os primeiros divididos em cabeça, ventre e cauda.

Quanto aos musculos da vida organica, suas differenças são assás notaveis: seu destino é figurar na formação dos órgãos internos, de cujos movimentos são os principaes agentes — forma annullar, ou arciforme de suas fibras — estas são chamadas lisas por não serem estriadas transversalmente, e só mui poucas ao comprido — tambem não offerecem flexuosidades nem zigzags como as da vida animal — O diametro medio dos fasciculos é de — $0^m,013$, em quanto o medio dos da vida animal é de — $0^m,02$. Finalmente os musculos da vida organica não são sujeitos ao imperio da vontade.

Na myologia descriptiva seguiremos a ordem do compendio.

4.ª PARTE.

SPLANCHNOLOGIA.

1.° *Apparelho digestivo:* descripção da bocca — pharynge — esophago — estomago e valvula do pyloro — intestinos delgados: duodeno — jejuno — ileon — intestinos grossos: cego e valvula ileocecal — colon e recto — *tecidos* que constituem este longo canal — membranas mucosas e serosas em geral, e em particular das que pertencem ao tubo digestivo — tunica cellulosa — dicta muscular — vasos e nervos — *glandulas:* divididas em intrinsecas e extrinsecas — das glandulas em geral — glandulas *intrinsecas do canal* digestivo; glandulas de Lieiberkuhun, gl. solitarias, de Brunner, de Peyer — glandulas extrinsecas: gl. salivares — descripção das parotidas, submaxillares e sublinguaes — do pencreas, figado e baço — demonstração de todos estes orgãos no cadaver humano, nos ruminantes e nas aves.

2.° *Apparelho respiratorio e vocal:* descripção da larynge: suas cartilagens, ligamentos e musculos — cordas vocaes falsas e verdadeiras — glotte, seus ventriculos, e seios de Morgagni — membrana laryngea, vasos, e nervos — demonstração da larynge do homem e das aves — da trachea, bronchios e pulmões — as pleuras costal, diaphragmatica, pulmonar, e mediastinica — systema respiratorio das aves e cellulas aereas — glandula thymus e thyrordea (nos mammiferos).

3.° *Apparelho urinario:* dos rins, sua fórma, situação e estructura; calices — bacineto — ureteres e bexiga — tecidos que constituem estes órgãos — das capsulas suprarenaes — dos corpos de Wolff no feto.

4.° *Apparelho genital do sexo masculino:* do penis e seus corpos cavernosos — da urethra (continuação do collo da bexiga) e da glande e seu meato — dos testiculos e seus involucros, ductos deferentes, vesiculas seminaes e ductos ejaculatorios — da prostata e vesicula wberiana — das glandulas do Cowper — musculos e aponevroses da região perineal.

5.° *Apparelho genital da mulher:* partes externas: monte de Venus — vulva, grandes e pequenos labios, clitoris, vestibulo, meato urinario e urethra — fossa navicular e freio — da abertura da vagina — da membrana hymen e caruncalas myrtiformes — partes internas da geração — do utero — trompas de Fallopio — ovarios e vesiculas de Graaff — ligamentos largos e órgãos de Rosenmuller — ligamentos redondos — musculos da região perineal.

5.ª PARTE.

ORGÃOS DOS SENTIDOS.

1.° *Apparelho do tacto:* da pelle, derme ou cutis, da epiderme e pigmento — papillas tacteis — rede lymphatica — folliculos sebaceos, pilosos; glandulas sudoriferas de Stenon — das unhas e cabellos. A séde do tacto reside no corpo papillar da derme; porém todos os órgãos são mais ou menos sensiveis ás impressões extranhas — divisão do tacto em activo e passivo, etc.

2.° *Apparelho do olfacto:* partes esqueleticas das fossas nasaes, em que se expande a membrana pituitaria — partes d'esta membrana que são a especial séde d'este sentido.

3.° *Apparelho do gosto:* a séde d'este sentido reside nas papillas da membrana mucosa que reveste a lingua e em alguns outros pontos da bocca — dos órgãos, cujas funcções são necessarias para o cumprimento do gosto.

4.° *Apparelho da visão:* orgãos auxiliares d'este sentido: fossas orbitarias, sobrolhos, palpebras, celhas, conjunctiva e glandulas de Meibomio — caruncula, glandula pontos e vias lacrymaes — *musculos*: levantador da palpebra superior — orbicular das palpebras — musculos do globo ocular: dos quatro musculos rectos, e dos dous obliquos — descripção do globo do olho — suas membranas e humores.

5.° *Apparelho da audição: orelha externa* — seu pavilhão e conducto externo — tecidos que os formam, e musculos intrinsecos e extrinsecos — orelha media: membrana e caixa do tympano — seus quatro ossiculos — aberturas da caixa do tympano: trompa d'Eustachio, orificio das cellulas mastoideas, janellas oval e redonda, etc. — *ouvido interno*: labyrintho osseo: vestibulo, canaes semicirculares, e caracol — labyrintho membranoso, imitando em fórmas as cavidades osseas — lympha e perilympha (Cutunni, e Breschet). — Na nevrologia tractaremos do nervo auditivo e suas ramificações no labyrintho, e bem assim dos mais nervos dos sentidos.

6.ª PARTE.

ANGEIOLOGIA.

Do coração como orgão central da circulação — vasos circulatorios divididos em *sanguineos* e *lymphaticos;* e os primeiros divididos em arterias e veias — systema capillar — *descripção do coração* — fórma exterior; suas auriculas e ventriculos, valvulas e lacertos — separação das differentes camadas e acertos musculares que conformam este órgam — suas fibras transversalmente estriadas — das tunicas que formam o seu pericardio, etc.

Das arterias em geral: definição d'estes vasos, chamados tambem vasos *deferentes* por levarem o sangue do coração para todo o organismo, d'onde volta pelas veias (vasos afferentes) para o mesmo órgam — confrontação das arterias e veias: quanto á fórma e aspecto exterior — divisão dendritrica, trajecto e ramificação até se tornarem capillares nos entersticios dos órgãos — da injecção das arterias, veias e vasos lymphaticos — conveniencia d'esta operação — cautelas que exige para obviar suas illusões.

Do systema capillar: o que se entende por esta expressão — as paredes d'estes vasos, por transparentes, não deixam ver n'elles doble contorno — seu lumen sómente admitte um globulo de sangue, e por tanto só com o auxilio das injecções e do microscopio se podem divisar — funcções d'esta porção do systema sanguineo.

Estudo practico das tunicas das arterias e das veias; passaremos depois á *arteriologia descriptiva*, começando pelo *systema aortico:* da aorta, sua origem no ventriculo esquerdo do coração — valvulas sigmoideas — divisão d'este grande vaso em aorta ascendente e descendente — seus troncos, divisões e ramificações: seus trajectos e relações serão seguidas na ordem do Compendio — *systema pulmonar: da arteria pulmonar:* sua origem no ventriculo direito do coração — valvulas sigmoideas — divisão do seu tronco nas duas arterias direita e esquerda pulmonares — sua ramificação até se tornarem capillares — *systema venoso pulmonar:* o sangue levado aos pulmões pelas arterias pulmonares volta pelas veias isonymas, e embocca na auricula esquerda — descripção d'estas veias — *do systema venoso geral da economia:* descripção da veia cava superior — sua emboccadura n'auricula direita do coração — suas divisões, subdivisões, e ramificações dos órgãos — descripção da veia cava inferior, sua origem na mesma auricula, que a da veia cava superior — suas divisões e ramificações, etc. Da veia das portas — e sua ramificação arteriosa — da grande e pequena azygos.

Do systema dos vasos lymphaticos: divididos em vasos serosos e chyliferos — sua preparação e injecção — seu aspecto — suas origens, trajecto, ganglios e plexos — suas duas terminações nas veias subclavias: ducto thoracico, e grande vaso lymphatico direito — tecidos de que são compostos.

7.ª PARTE.

NEVROLOGIA.

Parte central do systema nerroso: ou eixo cephalorachidiano, constituido pelo cerebro e spinal medulla — descripção dos involucros ou meninges da massa encephalica, contida na cavidade craniana — da dura mater, arachnoidea, e pia mater — descripção da massa encepha-

lica: dos hemispherios — ponte de Varolio — cerebello — medulla oblongada — e das partes que ligam e relacionam estes órgãos uns com os outros — das cavidades que entre si formam—amphractuosidades, ventriculos, etc.—objectos que se offerecem dentro d'ellas — das differentes substancias do cerebro: medullar ou branca, cinzenta, e amarellada — a substancia branca em muitas partes é fibrosa, e suas fibras susceptiveis de seguir-se por entre outras — defronte do grande buraco do occipital a medula oblongada, formando um sulco horizontal, estreita-se, e toma o nome de spinal medulla — esta grossa corda protegida pelos involucros continuos com os que encerram a massa encephalica, extende-se pelo canal rachidiano até á segunda vertebra lombar, aonde termina dividindo-se em muitos nervos, que, descendo verticalmente, constituem a chamada *cauda equina*. — Demonstração de todos estes órgãos.

Parte periferica do systema nervoso: descripção dos doze pares de nervos cranianos: dos olfactorios — opticos — motor commum — pathetico — trigemio — abducente — facial — auditivo — glosso pharyngeo — pneumo gastrico — spinal de Willis e hypoglosso — de alguns ganglios d'estes nervos. *Descripção dos trinta pares de nervos espinaes:* principaes plexos: o cervical, o brachial, lombar e sagrado.

Systema dos grandes sympathicos: descripção do grande sympathico dentro do craneo, no collo, no thorax e no abdomen — suas connexões com os nervos cranianos e spinaes — como concorrem para a formação dos plexos pulmonares, cardiacos, esophagianos — dos nervos splanchnicos — do plexo solar e ganglios semilunares — dos plexos diuphragmaticos inferiores — plexos supra-renaes, celiaco, coronario stomachico, hepatico, splenico, mesenterico, e renal — nas porções lombar e sagrada: o plexo lumbo aortico — aortico propriamente dicto — plexos, misenterico inferior, e hypogastrico ou de Walter, d'onde dimanam o plexo hemorrhoidal medio, o inferior, do testiculo e do ducto deferente (no homem). — na mulher os plexos vaginaes, uterinos e nervos do utero.

Nervos das extremidades superiores: oriundos do plexo brachial, seis nervos principaes se distribuem n'estes membros, e são: o brachial cutaneo externo, o mediano, o cubital, o cutaneo interno, o circumflexo, e o radial.

Nervos das extremidades inferiores: oriundos dos plexos lombar e sagrado, uns são anteriores e outros posteriores: descripção do nervo obturador, do crural, do grande e pequeno sciaticos.

N. B Faremos conhecer aos nossos alumnos as cousas mais notaveis de anatomia comparada, em referencia aos objectos de anatomia humana, ao passo que destes se fôr tractando.

CREDITO TERRITORIAL.

Continuado de pag. 31.

IV.

Em que espaço de tempo deva effeituar-se a amortisação: se ha-de começar desde logo, se passados annos depois de contrahido o emprestimo, como quer Wolowski; que parte do valor das propriedades hypothecadas possam representar os titulos de penhor; quantos por cento haja de pagar o proprietario á Associação; que modificações devam operar-se em a nossa legislação sobre prazos, vinculos e principalmente hypothecas; são outros tantos pontos cuja solução depende, já de circumstancias de tempo e logar, já do systema de direito civil adoptado entre nós; e por isso nos limitamos a enuncial-os.

É porem uma grave questão, diz Rossi, se a organisação do credito agricola deve ser abandonada ao interesse particular, se collocada debaixo do poder, ou pelo menos da alta direcção do Governo.

Relativamente ao nosso paiz, parece-nos estar a questão resolvida. Ha tal prevenção contra os abusos do Governo em materia de credito, que fora difficil senão impossivel instituir, entre nós, um banco territorial debaixo de sua immediata direcção. Tornar-se-hia geral o bem fundado receio de que seriam os juros mal pagos, as amortisações illusorias e, consequencia inevitavel, os titulos de penhor depreciados.

Dado porem que houvesse bastante confiança no Governo, alem de ser estranho ao seu fim intervir directamente no estabelecimento do credito, de que serviria essa intervenção? Os capitalistas não necessitam da poderosa garantia que o Estado, em geral, lhes póde offerecer, uma vez que o penhor de seus capitaes seja a propriedade territorial regida por boas leis, penhor tão solido e seguro que não póde transportar-se de um para outro logar como a moeda. Fôra até inconveniente a intervenção directa do Estado. Se elle se constituisse intermedio entre os capitalistas e os proprietarios, haveria uma centralisação absoluta, uma especie de monopolio, e então deixára de subsistir a importante vantagem das associações livres — a circulação dos titulos entre essas mesmas associações, elemento de uma boa organisação de credito territorial.

Na Allemanha e na Suissa existem bancos territoriaes fundados por associações de capitalistas; mas estes estabelecimentos parecem desdizer da indole propria dos bancos agricolas, e por isso lhes enxergamos desvantagens que talvez a pratica não confirme.

Comparando os fundos das associações nos dous systemas, resulta que a garantia offerecida pela associação de proprietarios consiste nas propriedades dos accionistas, e nas propriedades dos tomadores de emprestimos, no entanto que a offerecida pela associação de capitalistas reduz-se unicamente ás propriedades que os tomadores hypothecarem; excepto se as acções dos associados houverem de ficar em caixa, mas em tal caso recahirá sobre os tomadores o juro desses capitaes estagnados.

É certo que, na hypothese de se converterem em tomadores de emprestimo todos os accionistas proprietarios, o que difficilmente se realisará, porque os suppomos proprietarios abastados, a garantia seria egual em qualquer dos systemas. Mas ainda assim, a associação de capitalistas, pondo-se em immediata relação com os proprietarios territoriaes, não póde tornar tão sensivel a benefica influencia de um intermedio, que modera as exigencias daquelles e satisfaz ás necessidades destes, que é o mais interessado, em fim, na existencia e prosperidade do banco, embora delle tire pouco ou nenhum interesse pecuniario.

Em presença destas considerações, julgamos preferivel o systema d'associação livre de proprietarios territoriaes, postoque, em quanto o nosso paiz se não affizesse ás instituições

de credito agricola, fôra conveniente que na empresa entrasse algum capitalista, para que a associação tivesse uma porção de numerario com que occorresse ás despesas primarias do estabelecimento, á compra d'alguns titulos recusados pelos capitalistas, e a pequenas perturbações que possam provir de falta de cumprimento da parte d'alguns tomadores de emprestimo. Fundado solidamente o credito, todo esse capital poderá ser empregado na compra de titulos, donde ha-de resultar o beneficio de diminuir a taxa do juro.

V.

As vantagens que da instituição do credito territorial tiraria o nosso paiz, são tantas e tão transcendentes, que não comporta este limitado trabalho enumeral-as por menor.

Ao principio não conviria ao proprietario recorrer ao banco, senão para obter capitaes com que melhorasse o material d'exploração; porque é necessario distinguir duas cousas — o rendimento do fundo, e o lucro da industria do cultivador. Quem pedir emprestado a 8 %, por exemplo, para comprar terras que só rendem 2 ou 3 % fará, com effeito, muito mau negocio; mas quem tomar de emprestimo, para melhorar a cultura de suas propriedades, deverá poder pagar um juro tão elevado como qualquer outra industria. Prosperando as associações territoriaes, aconteceria o que sempre succede, beneficio inestimavel do credito, descer consideravelmente a taxa do juro. Na Silesia, por exemplo, era a taxa 12 ou 13 %; fundada a associação territorial, baixou a 2 ½ %.

Uma massa enorme de numerario que existe repartido por milhares de mãos, encerrado em coffres, e até no seio dos campos, correria a empregar-se em titulos de penhor, ou a depositar-se nas caixas economicas. E este capital perdido para a producção, porque não circula, posto em movimento, levaria a fecundidade até os logares mais remotos, onde suas parcellas disseminadas são de todo estereis.

As caixas economicas estabeleceriam relações, conta corrente com as associações territoriaes, entregando-lhes seus fundos. Onde acharíam ellas mais garantias, mais segurança? As grandes sommas que se depositam nas caixas economicas constituem um grande perigo para estes estabelecimentos: são como uma letra de cambio de muitos milhões sacada sobre ellas, e vencida todos os dias. Porque as caixas economicas, desemparadas das associações territoriaes, não podem satisfazer a esta dupla condição de sua existencia — empregar os depositos de um modo lucrativo, e entregal-os aos depositantes quando estes lh'os pedirem. Em vez de abaixar o limite dos depositos, como se tem feito, o que cumpre é regular o emprego dos fundos das caixas economicas que, com rasão, tem sido chamadas escholas primarias dos capitaes; e para isso é condição indispensavel a organisação do credito territorial.

As economias que o trabalhador deposita nas caixas economicas não são unicamente uma reserva para os maus dias de sua vida, um dote que se accumula para seus filhos; são tambem um meio de poder estabelecer-se por sua conta, de subir o grau mais difficil e invejado da escala social; são um meio de emancipar o trabalho, de ligar pelo vinculo da dependencia as classes superiores com as inferiores; são uma propriedade que se funda, que se adquire de dia para dia, com todos os seus resultados, todas as suas garantias, todos os seus beneficios.

Entre um paiz, cujo solo estivesse onerado com dividas hypothecarias consideraveis, que absorvessem toda a parte do rendimento destinado a melhoramentos territoriaes, e outro paiz que, livre de suas dividas, gozasse de um credito territorial florescente, empregado todos os annos em fazer novos melhoramentos, não haveria concurrencia possivel na producção agricola. A renda perpetua desses melhoramentos, augmentando o bem estar de todas as classes sociaes, animaria prodigiosamente as artes, facilitaria a cobrança dos impostos, e favoreceria empresas gigantes.

.....

.....

.....

.....

Dizia Colbert, lançando uma vista d'olhos para os arredores de Versailles: — « quizera que estes campos fossem felizes, que nelles reinasse a abundancia, embora, sem emprego, sem honras, banido desta terra, eu soubesse que más ervas cresciam no pateo do meu palacio. » E quem não sentirá brotar-lhe n'alma esse tão grande e humano sentimento que expressam estas memoraveis palavras?

Os grandes, os ricos proprietarios e capitalistas que abandonaram os campos pelas populosas cidades, onde vivem na opulencia, que se não esqueçam do que devem á terra, nossa mina mais fecunda.

Os governantes, mandatarios da nação, e os que sem mandato a querem governar, quando repousarem desse fatal afan da *politica*, que volvam os olhos para o povo dos campos, sempre tão laborioso e sempre deslembrado, sempre tão util e sempre opprimido.

JACINTHO A. DE SOUZA.

UMA PERDA PARA AS LETRAS.

Quando desapparece da superficie da terra, para se esconder nas sombras da sepultura, um cultor tão assiduo das letras, como o sñr. José Maria da Costa e Silva, é dever dos que amam a gloria do seu paiz, vir ao tribunal da imprensa registar as virtudes e merecimentos d'esse homem; ou isso seja um in-

centivo para os que vierem depois, ou seja um tributo devido ao que se finou.

Mais ou menos assim o tem practicado uma parte do jornalismo portuguez, e eu venho tambem hoje pedir uma pagina ao *Instituto*, para, exonerando-me da divida, ahi deixar consignada uma pequena noticia de tão illustre escriptor. Não a tomem como biographia acabada, que o não é, nem o podia ser. Por um lado não ha, que eu saiba, bastantes subsidios escriptos que consultar, por outro lado mal conheci o sñr. Costa e Silva, e só tive a honra de lhe fallar uma vez. A esta entrevista é que eu devo o pouco que vou dizer, mas como ainda assim este pouco é mais que o que se tem publicado, e geralmente se sabe, entendo que o não devo occultar.

O meu estimavel amigo J. F. Ayres de Gouvêa havia-me escripto de Pariz, em abril de 1852 pedindo-me entre outras coisas, alguns apontamentos biographicos, afim de os offerecer a Mr. Ferdinand Diniz, que proseguindo na generosa tarefa de se occupar das nossas cousas, queria tanto d'este, como d'outros escriptores portuguezes, dar uma noticia na grande biographia universal, que se estava publicando. Para satisfazer a este empenho procurei o sñr. Costa e Silva, expuz-lhe a minha missão, e com quanto a sua reconhecida modestia pretendesse esquivar-se a tão justo pedido, consegui, que o seu dedicado amigo, o ex.^{mo} sñr. José Caetano de Campos me desse no dia immediato alguns apontamentos para a sua biographia.

O sñr. José Maria da Costa e Silva nasceo em Lisboa a 15 d'agosto de 1788, Foi o primeiro filho de Francisco Antonio da Silva, thesoureiro, que foi, do terreiro publico d'aquella cidade, e de sua mulher D. Marianna Roza dos Prazeres. Veio ao mundo em tal estado de debilidade, que se julgou que a sua vida seria de muitos poucos dias; felizmente este prognostico não se verificou, mas a sua infancia foi sempre valetudinaria.

Estudou latim com o celebre professor José da Costa e Silva, e grego com Manoel Moreira de Carvalho, rhetorica com o Dr. Maximiano Pedro d'Araujo Ribeiro, philosophia racional e moral, com o padre Fr. João de Souza, Religioso trino, Physica no convento de S. Vicente, e theologia na congregação da oratoria de Lisboa. Seus paes o destinavam para a medicina, sciencia da sua predilecção, mas circumstancias de familia e a morte de seu pae obstaram á verificação d'este projecto. O sñr. J. M. da C. e Silva começou muito cedo a cultivar a poesia. N'um dos seus poemas invocando a muza diz-lhe:

> « Companheira fiel tu me tens sido
> Desde a mimosa infancia, e me influistes
> Esta ancia de saber, que me devóra
> E tão pouco medrou entre as procellas
> D'uma vida agitada ! »

Companheira fiel lhe foi desde bem cedo, é certo; tinha apenas 17 annos quando compoz o poema descriptivo intitulado o *Passeio*, que tantos elogios lhe mereceu; e se não fossem as procellas d'uma vida agitada muitas mais riquezas litterarias teriam ennobrecido a sua juventude. Que cabedal d'intelligencia e saber não esperdiçou elle vendo-se obrigado a escrever perto de vinte annos para o theatro? Que trabalhos inglorios não teve para lançar ao minotauro da scena, por um tão longo espaço de tempo, alem de muitos elogios dramaticos, mais de duzentos dramas, tanto traduzidos, como imitados de diversas linguas e alguns originaes? Que paginas brilhantes não contaria hoje a litteratura portugueza se o esperançoso auctor do *Passeio* podesse continuar desassombrado a cultivar os dotes da sua vigorosa imaginação? Assim mesmo de todos esses trabalhos, que a scena diariamente lhe pedia, e que elle a correr lhe dedicava, alguns existem, que ha todo o interesse em colligir, e fará um bom serviço quem os publicar.

Entre outras peças traduzio o sñr. Costa e Silva do inglez — *The fairy penitent*, tragedia de Rowe, e o *Catão* d'Addison. Do italiano a *Myrrha* e o *Saul*, tragedias d'Alfieri, e o *Salto* de *Leucate* — de Pinelemonti.' Do francez *Zelmire* e o *Cerco de Calais* — ambas de De-Belloy; — a *Alzira* e a *Zaira* de Voltaire; — o *Macbeth* e *Roi Lear* de Ducis.

Qualquer homem sufficientemente lido conhece o valor d'estas peças. *Saul*, peça modellada pelas de Shakspeare, é d'entre as d'Alfieri a que elle tinha em maior conta, e a que sobre a scena encontrou sempre os mais constantes applausos. *A Bella Penitente* de Rowe é um dos dramas do seculo XVIII que se conservam com merecida celebridade no reportorio do theatro inglez. O *Cerco de Calais* de De-Belloy é a peça conhecida de toda a França, a que valeu uma medalha d'ouro e o titulo de cidadão de Calais ao seu auctor, a que lhe trouxe os elogios de Voltaire e de todos os homens esclarecidos do seu tempo. *Macbeth* e *Le Roi Lear*, imitados de Shakspeare são duas peças, que fizeram a reputação de Ducis, e que por confissão do proprio La-Harpe, que lhe não era affeiçoado, tiveram nos theatros de França applausos eguaes aos da *Zaira* e da *Merope*.

Das tragedias de Voltaire não fallaremos, são bem conhecidas. Estas obras primas perderiam muito na traducção? Não o acreditamos. O snr. Costa e Silva era bastante poeta para as comprehender, e era bastante versado nas linguas para as traduzir. Do poeta depõem os numerosos versos que nos deixou. Do traductor depõem a *Imaginação* e os *Argonautas*, que ahi correm impressos.

Entre os seus escriptos para o theatro encontram-se tambem trez tragedias originaes, e d'assumpto portuguez — *D. Sebastião*, *D. Affonso Henriques*, e *D. João de Castro*.

Em 22 de fevereiro de 1836 foi o sñr. Costa e Silva nomeado director da secretaria

da camara municipal de Lisboa, sem o haver requerido, como consta dos livros da mesma camara; e em 17 d'agosto de 1841 foi nomeado, tambem sem o requerer, secretario da mesma municipalidade, e confirmado por carta regia de 17 de dezembro de 1841.

As obrigações d'este cargo, que elle desempenhava como homem exacto e escrupuloso que era, não o impediram de continuar a litteratura e a poezia. De 1836 para cá data uma grande parte dos seus escriptos, e entre elles sobresahe pelo genero o — *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portugueses, desde o principio da monarchia até ao nosso tempo.* Esta obra se não veio preencher veio diminuir um grande vacuo, que havia em a nossa historia litteraria, se acaso temos o que póde e deve chamar-se uma historia litteraria. O *Ensaio*, como o seu mesmo nome está dizendo, não é um trabalho complecto: para o ser era mister que existissem mais elementos de que lançar mão, que o passado nos legasse mais memorias, maior cópia de subsidios, que consultar. Era necessario que o seu auctor tivesse uma vida de mais repouso e o houvesse emprehendido em edade menos adiantada. Assim mesmo, obra de solida erudição, e de consciencia a ponto de se não citar um unico poeta, que se não tivesse lido, o *Ensaio* veio occupar um logar distincto entre as nossas pouquissimas obras de critica litteraria, e entre estas é de certo a mais complecta que temos.

Em 1851 disse-me o sñr Costa e Silva que calculava que esta obra lhe deitaria uns dez volumes, e que se achava quasi terminada. A morte veio surprehendel-o quando a publicação hia no 7.° tomo, mas é de crer que o seu auctor houvesse concluido este trabalho, e que ainda o venhamos a possuir todo. Alem d'esta parte do *Ensaio*, que ficou por publicar, e das peças de theatro, que ha pouco mencionei, deixou o sñr. Costa e Silva em manuscripto:

Um poema em 18 cantos, em tercêtos, intitulado *a Sepultura de Maria.* — Os quatro primeiros cantos da traducção da *Iliada* d'Homero. — Um grande numero *d'Odes, Epistolas* e outras poesias ligeiras, tanto originaes, como traduzidas de differentes linguas antigas e modernas.

Impressas ficaram-nos as seguintes obras:

A Imaginação—poesia de Delille traduzida verso por verso, 2 volumes. — *O Passeio* — poema descriptivo em 4 cantos, 1 volume. — *Os Amantes Suevos* — poema romantico, 1 volume. — *Izabel* ou a Heroina d'Aragão, poema romantico, 1 volume. — *O Espectro* — poema romantico em 4 cantos, 1 volume. — A traducção em verso dos *Argonautas* — poema d'Apollonio de Rhodes, 1 volume — *Odes*, 1 volume — *fabulas*, 1 volume — *Epistolas e Sonetos*, 1 volume. — *Ensaio biographico-critico*, 7 volumes.

Eis o inventario das riquezas litterarias do infatigavel escriptor, que não duvidou aferir os seus vôos pela verdade da moderna eschola, sem com tudo renegar as tradicções da clasica, em que foi emballado — 17 volumes impressos, e talvez mais de 10 por publicar.

É necessario accrescentar que morreu pobre? Os seus escriptos, uma reputação sem mancha e uma escolhida livraria, ajuntada por espaço de 50 annos, e adquirida com o que sobrava da sua decente sustentação — eis tudo o que ficou á sua viuva, a snr.ª D. Rita de Cassia e Silva, e a dois filhos menores. Em 1854 ainda elle podia com verdade repetir o que escreveo em 1832:

« Tu só, Musa, só tu visitar ousas
Do pobre vate o solitario albergue!
Não te hospeda opulencia apparatosa
Vistosos camarins, tremós dourados;
Poucos livros e amigos inda menos
E exacta probidade — eis meus thesouros. »

Diz-se que a actual vereação pretende dar um testimunho do apreço em que tinha o seu secretario, prestando-se a proteger a familia do fallecido. Se o fizer terá os elogios de todos os homens que ainda teem n'alguma conta a illustração da patria. Não o ouso agora affirmar, mas parece-me que o poeta desceu á sepultura sem que uma unica fita lhe enfeitasse o peito. Não é desdouro o trazel' as, mas a homens como este, é que ellas de preferencia deviam ser dadas. Era socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa, socio honorario da academia Lisbonense das sciencias e das letras, e socio correspontente do gabinete de leitura do Rio de Janeiro.

Eis os titulos honorificos do homem que a morte subitamente nos roubou, e *que meia duzia d'amigos fieis* acompanharam á ultima morada faz hoje 19 dias. Cousa notavel! Em quanto, tão modestamente, se faziam entre nós estas honras funebres traziam-nos os jornaes da America a noticia de haver fallecido a celebre bailarina Rosalia Bustamante, cujo enterro se havia feito em Havana com uma pompa raras vezes vista.

« O seu sahimento, diziam, foi acompanhado por artistas, commerciantes, officiaes do exercito e da armada, escriptores publicos, poetas, medicos distinctos, e uma grande multidão de pessoas notaveis de todas as classes da povoação em rigoroso lucto. O coche funerario era seguido de mais de duzentas carruagens. »

Não trago isto para censurar os habitantes de Havana. O parallelo vem só para dizer, sem receio de ser desmentido, que entre os povos do Novo Mundo é mais uma boa dançarina, do que entre nós um homem de letras, mesmo um homem de letras como os queria Andrieux, e como era decididamente o sñr. Costa e Silva.

L'accord d'un beau talent et d'un beau caractére.

Leiria 1854. A. X. R. CORDEIRO.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO
DA
SOCIEDADE DE FLORA E POMONA.

O Jury nomeado por Sua Magestade El-rei o Senhor D. Fernando, na qualidade de Presidente da Sociedade de Flora e Pomona, para conferir os premios da exposição, a que a mesma sociedade procedeu nos dias 12, 13 e 14 do mez de maio, no Passeio publico, depois de examinar convenientemente todos os objectos, que concorreram á exposição, unanimemente concordou no juizo seguinte.

Que se devem agradecimentos ás pessoas, que immediatamente concorreram para o modo artistico e gracioso porque as plantas alli reunidas foram dispostas, e se offereciam á observação dos espectadores. Contribuiu para isso o conhecido bom gosto do sñr. Cinnati, e o do sñr. Bonnard, jardineiro d'El-rei, os quaes foram encarregados de todo o arranjo do local e collocação das plantas, pela commissão nomeada para levar a effeito a primeira exposição da sociedade.

Outro reconhecimento ha a tributar; é o que se deve ao publico da capital. Apesar de ter concorrido grande numero de pessoas em todos os tres dias da exposição, e de lhes não haver sido vedado o aproximarem-se de cada um dos objectos, as plantas não soffreram o menor prejuizo, e foram entregues todas a seus respectivos donos em tão bom estado, como aquelle em que haviam sido recebidas, graças ao extremo bom senso e docilidade dos habitantes desta cidade.

Neste ajuntamento de plantas, o que mais immediatamente feria a attenção era o magnifico grupo de vegetaes dos tropicos, que guarnecia a parte mais eminente das bancadas centraes, composto quasi todo das numerosas e mui vistosas Palmeiras, Musaceas e Pandanaceas, pertencentes ás collecções do jardim das Necessidades. Dominava o centro deste extenso grupo de plantas a magestosa Latania borbonica com a sua magnifica e brilhante folhagem. A imaginação poderia fazer-nos crer transportados a essas regiões intertropicaes, aonde só é possivel ver e admirar a vigorosa vegetação, que chega a crear as brilhantes fórmas e ao mesmo tempo as enormes proporções, que as diversas partes dos vegetaes alli adquirem.

De palmeiras os nossos jardins não possuiam mais do que a palmeira das igrejas (Phœnix dactylifera) e a muito nacional palmeira das vassouras (Chamærops humilis). A collecção d'El-rei o senhor D. Fernando veio alargar este estreito campo da observação, e nos fez conhecer perto de mais quarenta especies nos generos Phœnix, Cocos, Jubæa, Latania, Sabal, Bactris, Chamædorea, Corypha, Diplothemium, Saribus, Rhapis, Borassus, Drymopalæus, Acrocomia, Pinanga, Ceroxylon, Qualielma, Dæmonorops, Copernicia, Astrocaryon, Caryota, Attalea e Geonoma. Entre as especies destes generos figurava o coco da praia dos brazileiros (diplothemium maritimum); o Ceroxylon andicola, notavel ~~pela~~ quantidade de materia gorda que accumula na base das folhas; o Borassus flabelliformis, e a Corypha gebanga, palmeiras do maior prestimo na Asia, pelo succo sacharino e licôr fermentado que fornecem, pela materia feculenta que lhes aproveitam do tronco, as cordagens, tecidos e variados utensilios, que se fabricam com as suas folhas. Podia igualmente ver-se entre as palmeiras d'El-rei um coqueiro (Cocos nucifera) bem desinvolvido e pegado ao coco, de que nascera; era da quinta das Larangeiras do sñr. Conde de Farrobo, idonde tambem veio uma outra palmeira, que se pensa ser do genero Acrocomia.

É certo porem que estes soberbos vegetaes, adorno e riqueza das regiões que habitam, pelos seus limites geographicos de 40° no hemispherio boreal e 35° no hemisferio austral, limites que difficilmente transpõem, nunca poderão, mesmo no nosso clima, esperar em geral outro asylo mais do que o das estufas.

O nosso Chamærops humilis já paga com sua humildade a latitude, a que estende a sua habitação: o Phœnix dactylifera, transportado desde muito tempo do norte d'Africa para a nossa cultura, desenvolve-se, é verdade, bem neste clima, mas não fructificando mostra não achar nelle todas as condições do clima que lhe é proprio.

Não será comtudo impossivel, que ao menos deste mesmo modo se possa obter a acclimatação no nosso sólo, e especialmente no Algarve, de outras palmeiras, que posto pertençam a latitudes tanto ou mais austraes do que a do Phœnix dactylifera, tenham alli pela maior altura que habitam, um clima que não defira muito do nosso. O trabalho e diligencias dos horticultores intelligentes e perseverantes é que poderão resolver o problema dessa acclimatação; não podendo comtudo deixar de reconhecer-se que na Europa a cultura das palmeiras, ou dos muito bem chamados principes da vegetação, ha-de ser sempre cultura só para principes, ou para estabelecimentos publicos muito bem dotados; e que nunca se deverá esperar dessa cultura outro interesse mais, que o do estudo, e o do ornato dos grandes jardins.

Sabemos que sua magestade El-rei o senhor D Fernando conseguira ter da Abyssinia sementes de palmeiras de região elevada daquella parte d'Africa, e que estas sementes no jardim das Necessidades poderam germinar bem. Prosegue-se em diligencias para saber até que ponto se poderá conseguir o seu desenvolvimento, e ao ar livre. É um bello ensaio, muito bem começado, e cujos resultados hão de por certo interessar bastante não só a curiosidade, mas a sciencia.

As Musaceas tinham os quasi unicos tres generos que as constituem, representados na

exposição. O genero Musa, de que só conhecianos nos jardins as quatro especies. Musa paradisiaca. M. sapientum, M. coccinea, e M. Cavendishii ou sinensis, nos mostra hoje mais seis, que são a M. macrocarpa, M. argentea, M. violacea, M. brasiliensis, M. pumilla, e a muito engraçada M. zebrina; todas das collecções do jardim das Necessidades.

Igualdente se via a Ravanala madagascariensis do jardim do Lumiar: e a Heliconia furfuracea, H. variegata, e H. bihai; todas tres do jardim das Necessidades.

Todas estas Musaceas, novas nos nossos jardins, são tambem, excepto a ultima, de recente introducção nas culturas da Europa.

As Cycadeas, alem da Cycas revoluta, e da C. circinalis, já conhecidas nos jardins, eram alli representadas por tres bons exemplares de Zamia, a Zamia picta, a Z. mexicana, e a Z. lanuginosa; todos das collecções de El-rei o senhor D. Fernando, os primeiros que apparecem nos nossos jardins, e tambem de recente introducção nos da Europa. Entre os exemplares de Cycas fez-se notar o pertencente ao sñr. Santos, pelo seu bom estado e maior desenvolvimento; era do Cycas revoluta, especie aliàs que a observação tem mostrado receber muito bem as condições do nosso clima. Deste mesmo expositor era uma outra planta, o Laurus cassia, uma das arvores da canella, e que mais especialmente fornece a da China; fazia-se notar pela excellente vegetação e perfeito desenvolvimento em que se achava.

As Pandanaceas eram representadas pelo Pandanus utilis. P javanicus, e um exemplar da Carloduvica sobæa; exceptuando a primera, todas tambem de recente introducção nas nossas culturas, e pertencentes a primeira e terceira especies ao jardim das Necessidades, e a segunda ao do Lumiar.

Chamava a attenção, por suas grandes proporções, um Crinum insigne do jardim das Necessidades; dois bons exemplares da Bonapartia gracilis, e B. juncea, e duas outras Bromeliaceas floridas, que não vinham nomeadas, mas que devem ser do genero Pourrhetia ou Tillandsia, das que vegetam simplesmente suspensas no ar.

Contribuiam tambem para constituir o grupo central de plantas a Dracæna nobilis, a D. reflexa, a D. umbraculifera, o Calladium bicolor, o Dracontium pertusum, e uma nova Maranta, a M. atro purpurea do jardim do Lumiar.

Depois das Palmeiras e demais plantas, que temos indicado, e que assim sobresaíam no centro da exposição, a attenção não podia deixar de se fixar em duas grandes collecções de Coniferas, que se viam do lado esquerdo.

Uma destas collecções é do jardim das Necessidades, e contava para mais de cento e vinte exemplares, a outra do sñr. Bento Antonio Alves tinha uns oitenta.

Alem das Araucarias mais conhecidas existia a Araucaria Bidwillii, e um exemplar com a indicação de A. columnaris, cuja exactidão porem ficou para nós em duvida á vista da descripção e estampa que vimos da A. columnaris no jornal *Flore des Serres*. O exemplar pareceu-nos ser da Araucaria excelsa. É certo que as duas Araucarias andaram confundidas, o que prova a sua similhança. Se insistimos nestes pormenores é porque sendo o exemplar, a que nos referimos, a verdadeira Araucaria columnaris, tornava-se uma novidade importante, mais uma especie que veriamos representada nos nossos jardins, pertencente a um genero, que nos merece o maior interesse pelo bem que o nosso clima tem hospedado outras especies congeneres, e pelo futuro que promette á sylvicultura do paiz.

Quasi todos os Juniperus conhecidos, grande numero de Cupressus, de Pinus, de Thuya, de Taxus, de Cedrus tinham individuos nestas collecções; alem disso, eram representados os generos Libo-cedrus, Taxodium, Cryptomeria, Phyllocladus Callitris, Biota, Dacrydium, Frenella, Chamæcyparis, Cephalotaxus, Widringtonia, Retinispora, e Podocarpus. A colossal Sequoia gigantea, que no seu paiz, a California, chega a ter tresentos pés de altura e trinta pés de circumferencia no tronco, lá tinha tambem um pequeno representante. Tambem os tinham a Saxe-gothæaconspicua, e a Fitz-roya patagonica, novissimas especies introduzidas na horticultura, e trazidas dos Andes da Patagonia por um collector da casa Veitch de Exeter, o sñr. Lobb. São tambem arvores, que tomam grandes dimensões, habitam regiões frias, proximas mesmo aos gelos perpetuos, e que soffrem alem dos effeitos da baixa temperatura o embate de fortissimas ventanias; devendo por tudo esperar-se destas arvores excellentes povoadores para as cumiádas de muitas das montanhas da Europa. A Saxe-gothæa recebeu o nome do Principe Alberto, de Inglaterra, a quem fôra dedicada.

A proposito das Coniferas devem mencionar-se dois exemplares de Araucaria-excelsa, obtidos no jardim das Larangeiras por estacas feitas com os ramos lateraes e enxerto nelles da cabeça da arvore; um dos modos porque se tem conseguido multiplicar a especie. Os dois exemplares assim obtidos eram perfeitos nas suas fórmas, e bem desenvolvidos. Mas o problema da verdadeira multiplicação da Araucaria-excelsa por semente ha-de resolver-se em poucos annos no nosso paiz: attesta-o a Araucaria do Lumiar, que todos alli pódem vêr, actualmente guarnecida de immensas flores masculinas, e de bem formadas pinhas na sua parte superior, apesar da especie ser dioica; e promette-o principalmente o pequeno e interessante pinhal de Araucarias, mandadas plantar em Cintra por Sua Magestade El-rei o Senhor D. Fernando.

O gosto pela cultura das Coniferas tem

augmentado muito entre os horticultores mais intelligentes. Procuram-se individuos desta ordem de plantas em todas as regiões do globo, e fazem-se constantes diligencias para as trazer ás culturas da Europa. O motivo é obvio; são arvores pela maior parte de maxima utilidade por suas madeiras, resinas, etc.; e muitas dellas guarnecem ao mesmo tempo agradavelmente os nossos jardins, passeios e bosques de recreio. Póde antever-se quanto ha a esperar da cultura das Coniferas em Portugal, reflectindo-se que nas matas contamos apenas o Pinus maritima, o P. pinea, e o Cupressus glauca ou cedro de Gôa, que tão bem se acclimatou na serra do Bussaco; e ponderando-se ao mesmo tempo, que a maior parte dos nossos terrenos montanhosos e do littoral estão sem arvoredo, aliàs tão indispensavel. Quanto não é por isso digno de appluso e de imitação o exemplo de El-rei o senhor D. Fernando, fazendo povoar, como o tem em parte conseguido, a serra de Cintra, deste tão valioso arvoredo!

A menos attenta observação deixaria conhecer a todos os visitantes a variada collecção de craveiros floridos do mais agradavel effeito, a de muito boas variedades de Geranium e de Fuchsia; pertenciam ao jardim das Necessidades. Outra collecção rica e vistosa era a dos Rhododendros e Azaleas do Lumiar, alguns ainda em magnifico estado de florescencia. Era igualmente para notar-se a variada collecção de Iris-germanica, de Gladiolus, e de Antirrhinum majus, pertencentes ao sñr. Bonnard. Guarneciam tambem as bancadas, em grande extensão, numerosas petunias, parte do jardim de S. Pedro de Alcantara, parte pertencentes ao sñr. Bonnard. Appareceram tambem as petunias de S. Pedro de Alcantara, devidas aos cuidados do sñr. Conselheiro Agostinho da Silva, que apresentou igualmente uma numerosa e variada collecção de amores perfeitos, agradaveis Verbenas e Fuchsias, e alem disso um exemplar da Swainsonia coccinea.

Não faltou á exposição a bem conhecida e variada collecção de Cactos do sñr. Machado, unica desta ordem que existe em Lisboa.

Os Fetos e Lycopodiaceas não foram esquecidos pelos expositores. Appareceram bons exemplares de fetos indigenas e da Madeira, pertencentes ao sñr. Alves.

O sñr. Monró apresentou um exemplar vistoso de Pteris elegans, e outros da Davallia pyxidata, de alguns asplenios, do Lycopodium scandens, e o Platicerium grande, feto curioso pelas fórmas e modo de vegetação, que pôde obter, adherindo unicamente a uma taboa. Outro Platicerium muito bem desenvolvido e curioso foi exposto pelo sñr. Schmittaus, a quem a exposição deveu tambem alguns bons geranios.

Recommendavam-se por fim á attenção por seu perfeito desenvolvimento, e boa cultura, por sua belleza ou novidade as seguintes plantas, que os observadores achariam dispersas por toda a exposição.

Pertencentes ao jardim das Necessidades:

Rhopala corcovadensis: proteacea de muito recente introducção na Europa.

Stiptia chrysantha; composta arborea, e por isso menos commum entre as da sua ordem.

Simplocos limonicilia; simplocacea tambem de moderna introducção nos jardins.

Spathodea speciosa; bignoneacea.

Eugenia villosa; myrtacea novamente introduzida.

Stadmannia australis; sapindacea da N. Hollanda.

Franciscea speciosa, e F. longifolia; especies tambem muito novas nos jardins.

Theophrasta longifolia; myrcinea de Caraccas.

Allamanda verticillata, e A. spec.; apocyneas.

Hexacentris mysorensis; acanthacea.

Coleus Blumei; vistosa labiada.

Clivia nobilis; muito mimosa Amaryllidea do Cabo de Boa Esperança.

Um Metrosideros em flôr, que fôra de proposito arrancado da terra para vir á exposição.

Pertencentes ao jardim do Lumiar do sñr. Duque de Palmella:

Tres formosas Catleyas em flôr, das quaes excitou a admiração de todos por sua belleza a Catleya mossiai.

Erica Cavendishii; mui vistoso exemplar cheio de flôres amarellas, que todos igualmente notariam.

Diosma crenata, e D. ciliata; ambos floridos.

Ipomæa-Horsfeldii; especie muito brilhante.

Aralia quinquefolia; araliacea.

Schædophyllum pulchrum.

Ramos floridos da Grevillea robusta, mãi da maior parte das arvores da mesma especie que se tem espalhado pelos outros jardins.

Outros ramos floridos do Philadelphus mexicanus, e da graciosa Fumariacea Dielytra spectabilis.

E alem destas bastantes outras plantas de recente introducção nos jardins da Europa.

O sñr. Marquez de Vianna, que do seu rico jardim de Cintra não podia mandar vir, sem as sacrificar, maior numero de plantas das suas já muito extensas e bem escolhidas collecções, remetteu para a exposição, como documentos daquella riqueza, ramos floridos de muitas plantas de estimação, e alguns vasos com plantas inteiras. Entre estes objectos distinguiam-se boas Rosas, algumas Calceolarias, muitas Acacias, boas variedades de Azaleas, de Cratægus, a Brunia lanuginosa, a vistosa Erica linoides, alguns Ribes, a Magnoliæ tripetala, variadas Verbenas, alguns Phlomis, e outras plantas que attestavam o variado e subido gráo de cultura,

em que se acha o jardim de Cintra do mesmo sñr. Marquez de Vianna.

O sñr. Ayres de Sá expoz um exemplar bem creado do jaboticareiro, e outro do cambocareiro; e não apresentou mais plantas, porque o passeio publico, reorganisado por suas incessantes diligencias, é todo elle uma exposição constante, e vivo documento da sua actividade e zêlo que tem desinvolvido pela horticultura.

Do sñr. Bonnard, além do que já se referiu, appareceram outras plantas, das quaes podem indicar-se mais especialmente as seguintes:

Xylophylla longifolia; euphorbiacea.
Westringia grandiflora; labiada vistosa.
Hoteia ou Spiraea japonica; saxifragea.
Ruellia maculata; bella acanthacea.

Concluiremos esta rapida enumeração mencionando ainda uma planta das expostas, muito humilde na apparencia, e para a qual o maior numero de pessoas de certo não prestou attenção por falta de prevenç o, mas que a merecia debaixo do ponto de vista scientifico, e ainda a outros respeitos. O seu nome era o de Tavaresia angolensis, e pertencia ao sñr. Monró, a quem a mandou de Angola o sñr. Dr. Frederic Welwichtz. O conhecimento da planta é fructo das excursões deste naturalista no sólo africano, aonde está. E' uma Stapeliacea, reputada formar não só especie, mas genero novo. Pelo direito que assiste aos naturalistas nas suas descubertas, o sñr. Welwichtz escolheu um dos seus amigos para lhe dedicar o novo genero, e este amigo foi o sñr. Tavares de Macedo; ficará por isso sendo a planta uma Tavaresia, e o bom nome do sñr. Tavares de Macedo, por este motivo mais, registado nos livros da sciencia. A planta habita nos campos de Loanda, perto do sitio do Penedo e do Cacuaco; o seu habito externo é o das Stapelias, mas os orgãos floraes, segundo a observação do sñr. Welwichtz, affectam a apparencia das Orchideas. A existencia desta Stapeliacea no sitio aonde foi achada, é por elle considerada tanto mais importante, quanto é sabido que na Africa tropical se não tinham ainda encontrado especies desta ordem de vegetaes. Compraz-nos ter esta occasião de recordar o nome d'um naturalista, a quem o estudo da Flora portugueza muito deve, e que tambem prestou bom serviço á horticultura em Lisboa. Queira a Providencia, que a saude e as forças lhe não faltem, para prestar á sciencia os muitos serviços, que na actual situação, elle póde fazer.

Foram tambem expositores o sñr. Pastor, e algumas outras pessoas, cujas plantas se não mencionam, por serem de cultura mais conhecida; não deixando por isso de haver motivo para agradecer a estes, como a todos os outros expositores, a boa vontade com que concorreram ao chamamento que se fez, e contribuiram para guarnecer a exposição do modo agradavel e satisfactorio por que se apresentou a todos.

Temos ainda de fallar de alguns instrumentos agrarios, que appareceram como que constituindo o fundo do gracioso quadro d'esta exposição, a saber: um ventilador para limpeza de cereaes e legumes, pertencente ao sñr. Conde do Farrobo, e exposto pelo seu jardineiro; e outros objectos pertencentes todos ao Instituto agricola. Entre elles se notava um carro feito por um modelo, que o sñr. Conde do Farrobo mandára vir de Italia; consta-nos ter todos os seus movimentos tão faceis, que póde conduzir, com menos incommodo dos animaes, o dobro do peso que os nossos carros ordinarios costumam carregar: a charrua de Dombasle, a de roteação, a de sub-solo, o arado inglez, o sachador de Dombasle, o belga de Rosè, o extirpador de Grignon, e o rolo Kroskul; instrumentos todos de reconhecida utilidade na agricultura das nações mais cultas, e quasi desconhecidos entre nós. E seria uma grave falta deste relatorio, se por ventura nelle não agradecessemos ao Instituto agricola de Lisboa a boa vontade e presteza com que concorreu por este modo á nossa primeira exposição; esperando para o futuro da illustrada direcção do mesmo Instituto, que elle concorrerá com os variados productos horticolas da sua quinta exemplar, para tornar mais variadas e mais completas as exposições da sociedade de Flora e Pomona; tornando-se igualmente por este modo aquella utillissima instituição mais proveitosa ao paiz, que tanto deve esperar della.

Quanto ao ventilador, é o que os francezes chamam Tarare: observámol-o trabalhando, e podemos assegurar, que preenche muito bem o seu fim; extremando com a maior facilidade o trigo ou cevada limpos, a palha miuda, e a terra, que tem misturada: o expediente deste apparelho é tal, que no trabalho regular de um dia é possivel limpar cincoenta moios de trigo. Suppomos ser um apparelho muito para recommendar aos nossos lavradores, e cuja pratica deverá substituir com muita vantagem o processo de arneirar o trigo antes de o recolher.

O jury tendo a dispor, confórme o programma da sociedade, de tres medalhas de ouro, tres de prata, e tres de bronze, poz primeiramente fóra da competencia as collecções dos jardins reaes, como lhe foi ordenado por sua majestade El-rei o senhor D. Fernando, presidente da sociedade; e considerando todas as outras, intendeu conferir os premios da maneira seguinte:

Ao sñr. Bonnard, director e jardineiro dos jardins reaes, uma das medalhas de ouro pelas plantas que expoz, e alem disso pela pericia de que deu sempre provas no desempenho do seu cargo como cultivador.

Ao sñr. Alves outra medalha de ouro pelo zelo e sacrificios que lhe tem merecido a

horticultura, e pela importante collecção que apresentou de Coniferas e de Fetos.

Ao sñr. Weis a outra medalha de oiro, na qualidade de jardineiro do sñr. Duque de Palmella, como bom e intelligente cultivador, e pelas plantas que concorreu a fazer expor, vindas do Lumiar, principalmente a collecção de Rhododendros, de Azaleas, e Orchideas.

Ao sñr. Bonnard, filho, uma medalha de prata, como jardineiro do sñr. Marquez de Vianna, e pelas numerosas e bem cultivadas plantas vindas do jardim de Cintra; especialmente algumas Ericas, Azaleas, Coniferas, Acacias, e um dos vistosos exemplares da Indigofera decora, que appareceram na exposição.

Ao sñr. conselheiro Agostinho da Silva uma medalha de prata, pelas collecções que apresentou do jardim de S. Pedro d'Alcantara, cuja cultura é sabido lhe merece especiaes cuidados, e como amador que é enthusiasmado da horticultura.

Ao sñr. Pedro Maurieu uma medalha de prata, como jardineiro do sñr. conde do Farrobo, e pelas Araucarias obtidas de enxerto que apresentou, bem como a maquina de limpar cereaes, cuja introducção no paiz lhe é devida.

Foram considerados dignos de menção honrosa:

O sñr. Machado, como um dos zelosos e intelligentes amadores da horticultura, e pela sua conhecida e estimada collecção de Cacteas.

O sñr. Monró, pelos curiosos exemplares de Fetos, e pela interessante Tavaresia angolensis que expoz; certo, além disso, que o sñr. Monró é um dos zelosos promotores da horticultura entre nós.

O sñr. Santos, pela sua bem desinvolvida Cycadea, e bem creado exemplar do Laurus cassia.

Concluindo este relatorio, entende o jury que nos podemos felicitar por este primeiro ensaio de exposição da sociedade, que correspondeu a quanto podia esperar-se, tendo para isso concorrido principalmente a muito decidida protecção que a este objecto se dignou prestar Sua Magestade Elrei o Senhor D. Fernando, cujos desejos e diligencias é de esperar sejam correspondidas pela sociedade e pelo publico, a fim de conseguirmos a introducção do maior numero de plantas uteis, a sua acclimatação, o maximo aperfeiçoamento em todo o genero de culturas, e a prosperidade e bem-estar geral, que tudo isso necessariamente traz ao paiz.

Por toda a parte as sociedades horticulas tem sido um poderoso meio d'alcançar estes beneficios; devemos, por conseguinte, empenhar esforços, para que a nossa não satisfaça menos o seu fim.

Sua Magestade Elrei o Senhor D. Fernando visitou repetidas vezes a exposição, e acompanhado de Sua Magestade Elrei o Senhor D. Pedro, e de Sua Alteza Real o Senhor Infante D. Luiz, dignou-se presidir o jury encarregado da distribuição dos premios.

Aos membros do jury foi particularmente agradavel a impressão que lhes fez o muito conhecimento de causa que os jovens Monarcha e Principe mostraram, percorrendo os objectos da exposição; e o modo por que a attenção dos Augustos Visitadores se fixava justamente nas plantas, que por sua novidade ou outro motivo de interesse a deviam excitar.

Sua Alteza Real o Senhor Infante D. Luiz, como quem lhe era tudo muito familiar, escolheu na collecção dos pinheiros do sñr. Alves, e para mais completar a do jardim das Necessidades, todos os exemplares, que se recommendavam pela maior novidade ou importancia das especies, e que mais interesse promettem por sua introducção na nossa cultura.

Uma tão esmerada educação, como a que demonstram similhantes factos, é da mais lisongeira esperança para um paiz, como o nosso, que tanto precisa e tem a obter do espirito illustrado dos Soberanos, que o hão-de continuar a governar.

As sciencias naturaes, que entre nós tem quasi sempre sido tractadas como filhas bastardas, não obstante a dependencia em que dellas está immediatamente a resolução de quasi todos os problemas do desenvolvimento social, teram por fim nos chefes do Governo zelosos protectores, porque teem já e terão quem as comprehenda e estime.

Este sólo fertil, e este bom clima do nosso Portugal convidam-nos incessantemente, e quasi que nos arguem sem cessar do nosso inqualificavel atrazo nas differentes culturas; nós que somos dos povos que as poderiamos apresentar no estado mais florescente da Europa. Mas se ao abrigo de uma paz imperturbavel, e sob a direcção de um Rei esclarecido, a Belgica pôde reorganisar em 1826 a antiga confraria de Santa Dorothea, debaixo do nome de Sociedade de Horticultura de Bruxellas, que é hoje talvez o typo classico das sociedades d'esta ordem, que não devemos nós tambem esperar da nossa Sociedade de Flora e Pomona abrigada sob o manto de um Principe tão esclarecido, e votado cordealmente a todos os progressos agricolas d'esta nossa abençoada terra? Nós esperamos sinceramente que ajudados pela Providencia, e dirigidos pelo conselho tão competente e illustrado patriotismo de nosso Presidente Sua Magestade Elrei o Senhor D. Fernando, desempenharemos fielmente o nosso programma, e concorreremos de um modo mui assignalado para a prosperidade de todas as culturas em Portugal, que são a primeira de suas industrias.

Marquez de Ficalho=Barão do Castello de Paiva—Caetano Ferreira da Silva Beirão—Duarte Cairns—Dr. Bernardino Antonio Gomes. (*Diario do Governo.*)

ESTATISTICA PATHOLOGICA DOS HOSPITAES DA UNIVERSIDADE.

HOMENS. — TRIMESTRE DE JANEIRO A MARÇO DE 1854.

	MOLESTIAS.	EDADES				Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
		Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.				
3	Febre gastrica	»	1	2	»	3	»	»	3
79	Febre intermittente	2	16	13	4	35	»	»	35
	» » *Bronchite*	»	1	»	»	1	»	»	1
	» » *Ascite*	1	»	2	1	3	»	1	4
	» » *Anasarca*	»	»	2	»	2	»	»	2
	» » *Diarrhea*	»	»	»	1	1	»	»	1
	» » *Obstrucção do baço*	6	19	9	»	20	14	»	34
	» » *Vermes*	»	1	»	»	1	»	»	1
	» » *Ulceras no veu palatino pendulo*	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Febre intermittente gastrica	»	»	»	1	1	»	»	1
1	Angina	»	1	»	»	1	»	»	1
8	Pneumonia	»	2	4	2	6	1	1	8
2	Pleuresia traumatica	»	2	»	»	2	»	»	2
2	Gastrite chronica	»	1	1	»	»	2	»	2
1	Splenite — *Anazarca*	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Cystite	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Uretrite	1	»	»	»	1	»	»	1
2	Ophtalmia	»	1	»	1	2	»	»	2
1	Rheumatismo articular	»	»	1	»	1	»	»	1
14	Rheumatismo articular chronico	2	6	5	1	7	7	»	14
21	Bronchite	1	1	10	5	17	»	»	17
	» *Febre intermittente*	»	1	»	»	1	»	»	1
	» *Rheumatismo articular chronico*	»	»	»	1	1	»	»	1
	» *Hemorrhoidas*	»	1	»	»	»	1	»	1
	» *Pustulas nas pernas*	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Mania	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Asma	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Cephalalgia	»	1	»	»	1	»	»	1
3	Gastralgia	»	»	»	3	»	3	»	3
1	Apoplexia	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Paraplegia	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Amaurose	»	»	1	»	»	1	»	1
7	Tisica pulmonar	»	1	4	2	»	3	4	7
17	Ascite	»	1	5	2	4	3	1	8
	» *Febre intermittente*	»	»	2	»	2	»	»	2
	» *Febre intermittente — anasarca*	»	»	1	»	1	»	»	1
	» *Febre intermittente — obstrucção do baço*	1	»	»	»	1	»	»	1
	» *Anasarca*	1	»	»	»	»	»	1	1
	» *Amaurose*	»	»	1	»	»	1	»	1
	» *Epistaxis*	»	»	1	»	»	»	1	1
	» *Obstrucção do baço*	»	1	1	»	2	»	»	2
3	Hydrothorax	»	»	»	1	»	»	1	1
	» *Ascite — Obstrucção do baço*	»	»	1	»	»	1	»	1
	» *Tympanite — Ictericia*	»	1	»	»	»	»	1	1
2	Hydrocelle	»	1	»	1	1	1	»	2
7	Anasarca	»	2	2	1	3	1	1	5
	» *Bronchite*	»	1	»	»	1	»	»	1
	» *Sarna*	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Edema na glolte	»	1	»	»	»	1	»	1
2	Edema nas pernas	»	»	»	1	1	»	»	1
	» » *Bronchite*	»	»	1	»	1	»	»	1
2	Hemoptysis	»	»	1	»	1	»	»	1
	» *Sarna*	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Hemerrhoidas	»	»	1	»	1	»	»	1
2	Diarrhea	1	»	»	1	1	1	»	2
1	Ileus	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Escorbuto	1	»	»	»	1	»	»	1
2	Ictericia	»	1	1	»	1	»	1	2
2	Cachexa	»	1	1	»	»	1	1	2
4	Congestão pulmonar	»	2	1	1	4	»	»	4
9	Obstrucção do baço	2	4	3	»	5	4	»	9
1	Cancro do estomago	»	»	»	1	»	»	1	1
1	Vermes	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Miliare	»	1	»	»	1	»	»	1
2	Herpes	»	2	»	»	1	1	»	2
1	Elephantiase	»	1	»	»	»	1	»	1
215		19	81	84	31	151	49	15	215

Movimento	*Janeiro*	*Fevereiro*	*Março*	*Trimestre*
Existiam	67	65	54	
Entraram	62	59	88	209
Sairam	56	67	77	200
Falleceram	6	4	5	15
Relação dos fallecidos para os entrados	1:10,3	1:14,7	1:17,6	1:13,9
—— para os saidos	1:9,3	1:16,7	1:15,4	1:13,3
—— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:21,5	1:31	1:28,4	1:18,4

Movimento de todas as enfermarias dos hospitaes da universidade	*Homens*	*Mulheres*	*LAZAROS*		*Todos*
			Homens	*Mulheres*	
Existiam	126	85	18	10	239
Entraram	376	251	2	3	632
Sairam	343	194	0	1	538
Falleceram	31	25	0	0	56
Relação dos fallecidos para os entrados	1:12,1	1:10	»	»	1:11,2
—— para os saidos	1:11	1:7,7	»	»	1:9,6
—— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:19,3	1:14,4	»	»	1:15,5

Observações meteorologicas [1]		*Janeiro*	*Fevereiro*	*Março*
Media	Temperatura atmospherica ao meio dia	8.°7 C.	9.° 8	12.° 4
	Altura barometrica a 0.° C.	mil 752,759	757,357	757,831
Ventos predominantes		S. e SE.	E. e N.	N. e E.

[1] Instituto de Coimbra n.os 21 e 23 do 2.° anno e n.° 1 do 3.° O gabinete de physica, onde se fazem estas observações, apenas dista 13m do hospital do collegio das artes.

Tenho comprehendido todas as enfermarias de homens nas estatisticas pathologicas de 1852 e 1853; mas n'este primeiro trimestre de 1854 começo a publicar só a estatistica das enfermarias de molestias internas, que se acham a meu cargo. Não ha grande inconveniente n'esta restricção, em quanto não se publicar uma estatistica geral de todos os hospitaes da universidade.

O doente de febre intermitente, que apparece na casa dos fallecidos, morreu da ascite que veio complicar aquella febre; e os 14, que se acham na casa dos não curados, sairam antes da cura da abstracção do baço, mas depois de curada a febre intermittente. A cura da obstrucção do baço em 20 doentes de febre intermittente, e em 2 que entraram só com a primeira molestia, deve-se em grande parte ao emplasto de iodureto de potassio da Ph. de Lond., juntamente com os desobstruentes internos.

A um dos doentes de hydrocelle não se fez a operação, por ser ainda pequeno o cumulo do liquido. O outro foi curado radicalmente por meio de injecções de partes iguaes de tintura de *iodo* e agua distilada. Anteriormente havia-se tentado, sem proveito, a mesma cura radical com uma parte de tintura de iodo, e tres partes de gua distillada.

A mortalidade de 1:13,9 em relações aos entrados em todo o trimestre nas minhas enfermarias, e ainda a mortalidade de 1:11,2

de todo o hospital, continua offerecendo extraordinaria vantagem sobre a mortalidade do hospital de S. José de Lisboa, que foi de 1:4,9 no mesmo trimestre. [1]

Com a media de 1000 doentes gasta o hospital de S. José 130:000$000 reis annualmente [2]; e todos sabem que, longe de haver desperdicios na boa administração d'esta casa, ainda alguns melhoramentos se vão addiando por falta de meios. Na mesma proporção os hospitaes da universidade, com a media de 240 doentes, deveriam gastar 31:200$000 reis. Custa a crer! O rendimento dos bens dos hospitaes está reduzido, 3:863$150 reis, que junto a 5 031$910 reisa que dá o thesouro, constitue uma dotação certa de 8:895$060 reis. De receita incerta apenas tem a importancia dos pagamentos militares das praças que alli são tratadas, que poderá dar 876$000 reis [3], e dos doentes não pobres que andará por 80$000 reis [4]. Está pois reduzida a 9:851$060 reis [5] a receita certa e incerta dos hospitaes da universidade, quando estes deveriam gastar, em proporção com o de S. José, 31:200$000 reis!!

Tirem os hospitaes da universidade da miseria em que se acham; menistrem-lhe uma dotação regular e rasoavel, que a boa casa do novo hospital, no bom clima de Coimbra, de pressa se converterá n'um dos hospitaes mais concorridos e acreditados da Europa.

[1] Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias de Lisboa n.os de fevereiro, março e abril de 1854.

[2] O Hospital de S. José e annexos em 1853. Opusculo por Manoel Cesario de Araujo e Silva, pag. 12.

[3] A media da receita dos ultimos 3 annos foi 12:745$540, mas figuram aqui verbas extraordinarias com que não podemos actualmente contar, como são — 1.° uma grande parte dos 11:589$440 reis de vencimentos militares, que se achava em divida ao hospital antes d'estes 3 annos: 2.° 914$040 reis com que a dotação dos estabelecimentos da universidade acudiu aos apuros do hospital: 3.° 1:000$000 reis que deu a misericordia de Coimbra, em virtude d'uma portaria do governo.

[4] Calculando 10 praças diarias no hospital.

[5] Um pouco mais do termo medio dos ultimos 3 annos.

A. A. DA COSTA SIMÕES.

Receberam-se na Bibliotheca do Instituto de Coimbra, *alem das mencionadas em o n.° 3 d'este jornal, as seguintes obras offerecidas por seus respectivos auctores.*

POESIAS por Antonio de Serpa, socio da A. R. das sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra.

BOSQUEJOS BIOGRAPHICOS, o abbade Correa da Serra e Felix Avelar Brotero, por Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, bacharel formado em medicina e cirurgia, socio do Instituto de Coimbra e membro correspondente da sociedade das sciencias medicas de Lisboa.

A ORGANISAÇÃO DOS ESTUDOS MEDICOS EM PORTUGAL, discurso proferido na sociedade de sciencias medicas de Lisboa pelo socio da mesma, Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu, socio do Instituto de Coimbra.

OS VINCULOS EM PORTUGAL, por D. Antonio d'Almeida 1.° e 2.° folheto.

CONSELHOS TENDENTES A PREVENIR, abrandar e curar a doença das vinhas, para o anno de 1854, escriptos por Antonio José da Silva Leitão.

COMPENDIO DA HISTORIA DE PORTUGAL desde os primeiros povoadores até nossos dias, por Joaquim Lopes Carreira de Mello.

ELEMENTOS DE METHAPHYSICA, por M. da Conceição Barros, professor de philosophia racional e moral e principios de direito natural, no seminario diocesano de Braga.

A' SAUDOSISSIMA MEMORIA da serenissima Princeza imperial a senhora D. Maria Amelia — folheto, pelo mestre da Finada.

VARIEDADES.

REPLANTAÇÃO DO TRIGO. — No jardim botanico de Cambridge fez-se uma curiosa experiencia sobre a replantação do trigo.

Havendo-se semeado em junho alguns grãos de trigo, um dos pés que nasceram pareceu querer ramificar-se. Arrancaram-no em agosto, e dividiram-no em 18 partes, cada uma das quaes foi separadamente plantada. As novas plantas que nasceram dos rebentos lateraes arrancaram-se no fim de setembro, separaram-se e plantaram-se novamente. Obtiveram-se assim 67 pés de trigo que ficaram na terra todo o inverno. Em abril seguinte, estes 67 pés foram outra vez divididos e produziram 500 pés, donde se colheram 21:000 espigas, que deram 21 kilogrammos de grãos.

Segundo a quantidade media de grãos contidos em um kilogrammo, póde-se dizer que um só pé de trigo dividido e plantado repetidas vezes, produziu um numero total de 576:840 grãos. (*Cosmos.*)

REPUBLICA DE LIBERIA. — Este pequeno estado nascente fundado na costa occidental do continente d'Africa, cujos cidadãos são negros arrancados á escravidão e reexportados da America pela influencia das sociedades abolicionistas, marcha com passos rapidos no caminho do progresso. Esta sociedade negra procura imitar, o melhor que póde, a civilisação do antigo e novo mundo. Ha pouco começou alli a publicar-se um jornal que deve satisfazer ás necessidades intellectuaes politicas e commerciaes da colonia. Este jornal denomina-se *Liberia Herald;* é escripto em inglez, e seus redactores, edictores, impressores, etc., todo o pessoal é exclusivamente composto de negros. (*L'Athenæum*).

RECTIFICAÇÃO. — No artigo — *Enxofragem a secco* publicado em o n.° 24 do 2.° vol. deste jornal, conforme com o que vem no *Journal d'Agriculture practique*, vem mencionada a despesa que demanda a enxofragem completa de um hectare de vinhas. Segundo mr. Dubreuil devem rectificar-se aquelles dados do modo seguinte,

Para um hectare de vinhas

60 kilogr. de flor d'enxofre	21 fr.
6 dias de trabalho de um homem	12 fr.
total	33 fr.

A enxofragem a secco foi aconselhada em França por uma commissão official composta de mrs. Rendu, Bonbardat, Chatin, Dubreuil e Duchartre.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA. — RELATORIOS.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Conferencia de 28 d'abril de 1854.

Senhores: — Para cumprimento das obrigações impostas pelo regulamento de 10 de novembro de 1845 tem d'apresentar-se pela 3.ª secção (a d'instrucção superior) d'este conselho um relatorio sobre o estado, e necessidades da instrucção superior no semestre, que decorreu desde outubro ultimo ategora, acompanhado dos mappas correspondentes. Muito imperfeito foi já o que em outubro proximo passado se apresentou, porque a maior parte dos delegados do conselho superior não tinham remettido os que deviam pelo artigo 37. §. 4.° do sobredito regulamento; porem mais imperfeito tem de ser este porque desde outubro ategora nenhum dos delegados remetteu relatorio respectivo a este semestre: e tendo o conselho superior representado já a S. M. em consultas de 16 de janeiro ultimo, e 4 do corrente, aguardam-se ainda as providencias, que S. M. houver por bem, para fazer cessar taes faltas, que tornam impossivel ao conselho superior o cumprimento dos seus deveres. Adiante vai a relação dos relatorios, que ainda faltam pertencentes ao anno findo em outubro de 1853.[1]

Dos relatorios, que faltaram em outubro, só veio posteriormente em 21 de dezembro, o da universidade pertencente ao anno lectivo de 1852 a 1853. Nelle se referem os melhoramentos, que no decurso de todo o anno tiveram logar em cada uma das faculdades e estabelecimentos annexos para aperfeiçoamento do ensino; e se pedem providencias, e alguns meios para outros melhoramentos, que nem o prelado, nem os conselhos das faculdades podem adoptar sem serem auxiliados pelo governo de S. M. — Alguns dos melhoramentos nesse tempo ainda pendentes acham-se já concluidos, como a mudança dos hospitaes para differentes edificios. — Algumas das providencias já foram pedidas em relatorios anteriores, como a annexação da cadeira de lingua hebraica para a faculdade de theologia; — a uniformidade de compendios para o ensino nos lyceus; — reforma dos estudos na faculdade de philosophia, tendente a tornal-os mais practicos, para na universidade se crearem não só homens sabios, mas cidadãos uteis ao estado pela applicação das sciencias, e evitar divorcio entre a theoria e a practica; — meios pecuniarios para grandes concertos indispensaveis na real capella da universidade. — Sobre outras já pelos respectivos conselhos das faculdades, e repartições competentes, se tem representado directamente, como a conveniencia de se transferir de Viseu para Coimbra o Instituto agricola; — augmento d'amanuenses para a secretaria; e melhoramento d'ordenados a alguns empregados. — Sobre algumas já o conselho superior tem representado, e até feito propostas em annos anteriores, como — á cerca d'ensino particular de disciplinas preparatorias para matricula na unversidade, feito fóra das aulas publicas; — exame de grego para matricula de 1.° anno nas faculdades, em que se exige; — ensino de geometria n'uma cadeira especial no lyceu d'esta cidade, e ser essa disciplina preparatorio obrigado para todas as faculdades. — As outras providencias são de tal modo pedidas, e exposta a necessidade e conveniencia dellas no relatorio da universidade, que bastará offerecel-o, e eleval-o á soberana consideração de S. M. com os especiaes, em que foi fundado, para se poder esperar, que serão attendidas, como a S. M. melhor parecer em sua alta sabedoria: e com ellas ficará melhorado o ensino em cada uma das faculdades, e no lyceu, que forma uma secção da universidade, como os respectivos conselhos desejam, e é reclamado pelo bem publico.

A universidade no anno lectivo de 1852 a 1853 foi frequentada por 970 alumnos, contados individualmente, incluidos os do lyceu; e as matriculas na universidade, incluindo as repetidas nas faculdades, e sciencias naturaes, e algumas em positivas, foram 951. D'estes perderam o anno 95; não fizeram acto, para que ficaram habilitados, 104; foram approvados nemine discrepante 687, e simpliciter 60; e foram reprovados 15; foram premiados 28, e tiveram honras *d'accessit* 41. Tudo se vê circumstanciadamente pelos mappas da secretaria, que acompanharam o

relatorio. O lyceu foi frequentado por 346 alumnos; e fizeram-se 1:247 exames preparatorios para matriculas na universidade, nos quaes foram approvados nemine discrepante 766, simpliciter 255, e reprovados 226.

A receita de propinas de matriculas, e cartas de formatura importou em 19:243$175 reis, e a despesa toda da universidade em pessoal, material, e expediente importou em 53:670$880 reis vindo a ficar sobre o thesouro somente a despesa de 34$427:705. Custou cada alumno incluindo os do lyceu, ao thesouro 35$492 $\frac{33}{191}$. reis.

No relatorio d'esta secção d'instrucção superior, apresentado em outubro ultimo se disse, que o conselho superior estava cuidando dos projectos de regulamento para desenvolvimento e execucção das leis de 17 e 19 d'agosto ultimo; mas agora declara-se que já ambos foram elevados á soberana presença de S. M., sendo um — sobre jubilações, aposentações, vencimentos dos professores em casos de licença, molestia, commissão do governo, e dos substitutos pela regencia de cadeiras, — e outro á cerca dos concursos para provimento de substitutos extraordinarios na universidade e promoções dos logares do magisterio superior. Alem d'estes regulamentos expediram-se desde 17 de outubro ultimo até 24 do corrente por esta secção d'instrucção superior mais as 103 consultas, portarias e officios constantes do mappa da secretaria, que vai junto [2]: no semestre d'abril a outubro de 1853 tinham sido 26 as consultas, e as ordens para concursos 64.

[1] Academia real das sciencias
Conservatorio real
Eschola Medico Cirurgica do Funchal
Dita ..... de Lisboa

[2] *Consultas*:

Sobre propostas para cadeiras.....	4
» transferencias de professores	1
» aposentações e jubilações com augmento d'ordenado	2
» » e continuação no magisterio.....	1
» ».....	8
» vencimentos	1
» admissão a exames de Pharmacia.	4
» varios objectos e informes	9
Contra a representação da Eschola Medico Cirurgica de Lisboa propondo a adopção dos exames vagos oraes.	1
Propondo varias providencias para obstar ás cartas falsas no exercicio da medicina	1
Propondo a suspenção por 3 mezes do Lente — Lima Leitão.....	1
Com o regulamento para habilitação aos logares do magisterio na universidade e escholas d'ensino superior.	1
Com o projecto de lei para o restabelecimento da cadeira de clinica cirurgica na faculdade de medicina (*Resolvida contra*)	1
Com o projecto de lei para augmento do pessoal na faculdade de medicina	1
» — » — para compra de maquinas, modêlos etc, para a faculdade de philosophia.....	1
Propondo a separação dos empregos de Cirurgião ajudante e Fiscal dos hospitaes da universidade.	1
Portarias e officios para concursos, informações e intimações.....	65
	103

COMMEMORAÇÃO.

Uma triste nova, atravessando, ha pouco, as vagas do oceano, veio envolver-nos o coração no crepe da angustia.

Escondeu-se mais uma existencia querida no pó do tumulo!

O astro, que scintilava com uma luz tão vivaz, tocou o occaso.

Foi mais uma alma, que rasgando o seu fragil involucro voôu para o Creador. A patria conta hoje de menos um filho, o Instituto, um socio.

O sr. Antonio Alves da Silva soltou o derradeiro suspiro no fatal dia 19 de janeiro do corrente anno, sorrindo para a esposa que o estremecia, e para a mãe que o idolatrava. Havia completado 31 annos. A sua morte foi pungentemente sentida por todos. A imprensa, tanto do continente como d'ultramar, esqueceu os odios politicos para tributar unisona á memoria do distincto finado a homenagem devida á virtude e á intelligencia.

Nós faltariamos a um devêr sagrado, se por ventura não viessemos tambem derramar uma lagrima de sincera saudade.

Que de recordações não aviva aqui o nome do sr. Alves da Silva, aqui, em Coimbra, onde elle passou a quadra dourada da sua curta peregrinação, onde a universidade lh'exornou a fronte com os laureis immarcessiveis da sciencia, onde a antiga Revista academica recebeu as primicias litterarias do seu, então, esperançoso talento, onde o Instituto, desejoso d'esplendôr, vendo-o coroado pela aureola da gloria, o chamou para o seu gremio, e o considerou sempre, como um dos filhos mais predilectos!?

Já que não podemos ir ajoelhar sobre a campa, que occulta as suas cinzas, murmuramos uma prece fervorosa pelo eterno repouso da sua candida alma.

TORRES E ALMEIDA.

A CONCORRENCIA.

O elemento economico, um dos fundamentaes da ordem social, tem tido sempre uma grande missão a cumprir — a fusão das individualidades, e das nações: aquella manifesta-se mais particularmente na industria e no commercio interno; esta, no commercio externo. Desde que a industria se relegou para uma classe despresada e opprimida, até que foi emancipada pelas conquistas da egualdade, que vasto e variado quadro se nos não apresenta? O escravo no ergastulo, o servo adstricto á terra, o operario vergado debaixo da prepotencia do privilegio, são phases de opressão que, tristes sim, mas progressivas em seus effeitos, foram preparando para o futuro a absoluta emancipação social, o nivelamento perante a lei.

Hoje que o credito e a industria são uma potencia donde se póde esperar que nasça um dos maiores elementos de melhoramento, a determinação da sua marcha é uma questão vital para a sociedade. ¿Que atrazo não póde resultar d'uma errada direcção? Hespanha e Portugal ahi estão a dar-nos disto irrecusavel e triste testimunho.

Estabelecida e garantida a propriedade individual, reconhecida, por isso, a legitimidade do capital, mil questões, todas importantes, se apresentam no campo da economia applicada; mas entre ellas levanta-se uma, que as domina todas, é a da *concorrencia*, tanto *interna* como *externa;* questão que só póde ser apreciada em face dos principios que expendemos de direito social, os quaes determinam a acção do Estado, influindo e determinando toda a vida da economia social.

A questão da concorrencia póde ser encarada debaixo de tres aspectos: *em relação á* sua natureza, indagação toda subjectiva, ou transcendente; ao estado actual da sociedade; e á sua sorte futura.

¿A questão da concorrencia será a questão da liberdade, a melhor conquista da epocha actual, a ultima palavra do progresso, o *statu quo* para todas as gerações futuras? Ou pelo contrario, filha do individualismo, e mãe da pobreza, será a concorrencia um systema de exterminio, uma tyrannia infatigavel para o povo, e para o rico um ameaço permanente? Será a morte da familia, pela miseria que vai derramar em seu seio? Irá buscar o filho do pobre ao berço para bem depressa lhe soffocar a intelligencia, e depravar o coração, ao passo que lhe róe o corpo? Será finalmente a concorrencia uma causa ruinosa para a burguezia, logo na sua infancia; a sentença exterminadora do principio da egualdade?

Em nosso entender, encarar assim a questão é collocal-a n'um falso campo, donde resultarão sempre consequencias exageradas, se não falsas para ambos os partidos. A concorrencia não é nem a melhor conquista da intelligencia, absolutamente fallando; nem, tão pouco, o peor elemento das sociedades modernas, que haja de as conduzir ao precipicio — *in medio consistit virtus.*

As epochas provocam os elementos sociaes, e estes trazem a mudança das epochas. Reprovar absolutamente quaesquer daquelles elementos em si, sem indagar as causas que os provocaram, as circumstancias, em que predominaram, as consequencias a que conduziram, e sem apreciar, em summa, todo o meio social, em cujo centro se desenvolveram, é querer recusar a obra da humanidade, lançar sobre ella o stygma d'uma reprovação absoluta, e, aproveitando-nos dos seus trabalhos, não querer bemdizer a mão benefica que os prodigalisou; é legar um triste exemplo ás gerações futuras, que egualmente nos poderão pedir contas dos nossos trabalhos, e despresando-os, lançar sobre sobre nós o anathema que fulminamos contra as gerações passadas.

Instituição alguma social, embora defeituosa em si mesma, deixou de convergir para o futuro desenvolvimento da humanidade. Esta não progride senão pela lei da serie, e por isso qualquer elemento social exige que o analysemos em harmonia com o meio em que se desenvolveu, e que o provocou. É o que succede com a concorrencia: germen d'um grande desenvolvimento social, apresenta-se nos como um elemento de transição que acabará, logo que tenha realisado o fim a que se dirige.

¿Porque ordem de successões desde os primeiros tempos historicos, não tem passado o elemento que hoje chamamos *burguezia?* Sujeito ao duro dominio do senhor na antiguidade, realisava, como escravo, os mesmos misteres que hoje cumpre como livre; foram por uma parte necessarios seculos, e todos os trabalhos theoricos d'uma religião de egualdade e amor, todas as lucubrações da philosophia; e por outra parte, toda a importancia resultante do seu augmento parallelo com o enfraquecimento dos seus dominadores, para que elle alcançasse sacudir o pó da abjecção, e respirar n'uma atmosphera mais livre. Mas estes passos ainda o não emanciparam de todo: se o escravo da antiguidade não permaneceu tão ligado ao senhor, foi para ficar prezo á terra pela servidão da gleba. Elemento vicioso, como as preteritas fórmas sociaes, o *feudalismo* não podia aspirar á perpetuidade sem dar um desmentido á natureza humana; tinha de cahir aos golpes da philosophia dos seculos XVII e XVIII: foi o que succedeu; e a burguezia sentiu aproximar-se a hora da sua emancipação, com o cahir do privilegio. Porém o desmoronar do principio feudal, e do privilegio levou, como já mostramos, ao principio da grande centralisação, que, como meio forte para fazer face ás tendencias reaccionarias do individualismo poderoso que acabava de ser derrocado, foi antes uma necessidade do que um abuso. Com quanto porém

dahi viessem bens relativos, porque em grande parte foram essas as fórmas provocadas pelas necessidades das epochas, isso não impediu que similhantes fórmas involvessem em si vicios radicaes, que apressaram cada vez mais a sua ruina. A humanidade não pára.

Apenas emancipada do dominio do privilegio exclusivista, a burguezia não nos parece haver-se achado desde logo preparada para o systema industrial a que a nossa epocha se encaminha, o qual symbolisa o futuro da sociedade, o triumpho seguro da individualidade. De feito, não tendo cessado rapidamente os elementos que, decahindo, davam logar aos novos, porque tal é a natureza das cousas, essa influencia secundaria que os velhos elementos de força ficam exercendo em os novos, constitue a parte que primeiro se vai, em certo modo, gastando, e cedendo á acção do novo principio, e assim progressivamente: é por isso que a queda do privilegio não arrastou comsigo todos os monopolios, que no systema actual constituem a sua anomalia.

Aproximando estas considerações geraes da organisação moderna da sociedade, e especialmente d'um dos seus elementos vitaes, a *concorrencia*, vemos nesta, não obstante os ataques que se lhe tem feito, o elemento que ha de provocar no futuro o systema da grande associação livre.

Todos os elementos que contradizem a constituição moral do homem, são, por isso só, anomalos na ordem social, e quando legalisados, teem sido elles que, pela maior parte, deram origem aos successivos cataclysmos por que a ordem social tem passado na successão dos tempos. A liberdade é um desses elementos constitutivos do homem, que é mister respeitar sempre; d'outra sorte desceria a personalidade da altura em que deve desenvolver-se: assim é que a liberdade de imprensa, a liberdade de suffragio, e de representação, a liberdade de consciencia, a liberdade de escolha em todos os fins humanos, quando não transcendem os limites do direito, são conquistas theoricas, que a humanidade nunca mais abandonará, mas antes procurará alcançar-lhes garantias reaes. Este principio, em nosso entender, não póde soffrer excepção absoluta e radical em qualquer dos meios, que o homem empregue para realisar o seu destino sobre a terra; elle é que deve servir de guia no exterminio das anomalias, que impedindo a sua acção desafrontada, causam perturbações, que não contemplaremos agora.

Se ás conquistas progressivas da liberdade se devem os passos que a humanidade tem dado desde o seu começo, cada um dos quaes é um testimunho indelevel do predominio daquelle principio sobre um ou outro ramo da actividade humana na sua realisação exterior; pretender agora destruir esse elemento natural do homem, e de progresso, desde as primeiras idades, é pretender não só buscar um meio de aperfeiçoamento humano n'uma mutilação, mas até despresar os esforços feitos pela humanidade, desde o seu berço, para obter a sua emancipação; é um delirio similhante ao da pretendida felicidade d'um estado de natureza fóra da sociabilidade. Ao nosso parecer, pois, todos os ensaios repressivos da justa liberdade para melhorarem a sociedade, levariam ao resultado opposto. O reinado da escravidão já vai tão longe que não ha retrogradar para o seu principio fundamental; no futuro, não já no passado, é que está o destino da sociedade; o passado entra na grande evolução social como meio organico, e nunca como fim.

Em nosso tempo uns exaltam a humanidade até o extremo, esquecendo-se das suas imperfeições, desconhecendo até a possibilidade de novos progressos; outros, lançando mão dessas imperfeições, deprimem a humanidade até o aviltamento. O que notamos na actualidade achamol-o egualmente realisado nas apreciações do passado: Herder e Dunoyer attacam Roma de frente, e ella parece succumbir aos seus golpes; Montesquieu e Laurent engrandecem as suas virtudes, e ella se nos mostra como uma republica de heroes. ¿Haverá tal contradição no campo da realidade? Por certo que não: é porque uns aproveitam os claros, outros, as sombras do quadro.

Similhantemente, na ordem industrial não tem faltado escriptores, desde remotos tempos, que tenham atacado a industria como inconciliavel com o espirito de liberdade. Nas primeiras epochas da sociedade, a industria era atacada por servir de obstaculo ás paixões guerreiras sobre que se baseava a sociedade de então. Mais tarde notaram-se-lhe os defeitos oppostos, e a industria foi considerada como um incentivo para a guerra: o mal d'um estado commerciante é o ser condemnado a fazer a guerra, diz Bonald; o que constitue o proveito d'um, causa o damno do outro, argúe Montaigne; se uma fortuna se augmenta, é mister que as outras se diminuam, conclue Galiani; Rousseau não acredita que na sociedade possa haver interesse commum. Por outros a industria é accusada de ser um principio de depravação, materialisando o homem; de matar a imaginação e o gosto; de substituir o ideal por uma realidade grosseira, depravando as artes da mesma maneira que corrompe os costumes. Outros, pelo contrario, vêem na industria o mais poderoso elemento civilisador; o centro em roda do qual se tem desenvolvido a humanidade, e até, sem se elevarem ao ideal da industria, vêem nella a imagem da realidade, a que julgam unicamente dever attender-se. Mas nós ainda diremos que de ambas as maneiras não se faz uma exacta idea do elemento industrial. Os primeiros attribuem á industria o que não póde ser considerado como sua consequencia necessaria, mas sim o resultado de mil circumstancias viciosas, que mancham

a sociedade: os segundos dão uma errada idea de industria, não se elevando aos principios superiores que a dominam, e não apreciando as consequencias civilisadoras a que conduz o trabalho intelligente.

Continúa. J. B. DA S. F. DE C. MARTENS.

A POESIA SLAVA NO SECULO DECIMO-NONO

SEU CARACTER E SUA ORIGEM.

O facto mais notavel da historia das litteraturas slavas no seculo XIX, é o de voltarem outra vez á poesia de raça e ás origens populares. O respeito pelas tradições nacionaes, é que distingue essencialmente o movimento actual destas litteraturas dos periodos d'imitação e de tentativas incoherentes que o precederam. Desde o seculo XV até ao seculo XVIII póde com effeito affirmar-se, que a poesia Slava, nos seus monumentos escriptos, não passou de uma reproducção, mais ou menos fiel, das litteraturas da Europa germanica ou latina. Pelo contrário no seculo XIX, uma vida nova se infiltrou nesta poesia e o *gouslo* [1], restituido ao apreço antigo por grandes poetas, foi substituido, como fonte d'inspiração, ás influencias estrangeiras. Desde então, com o elemento nacional, a originalidade e a vida se mostram tanto na litteratura escripta dos Slavos como na sua poesia popular.

Este novo despertar, que ainda se está completando debaixo dos nossos olhos, todo este movimento contemporaneo de renascença, é para onde desejâmos particularmente dirigir os nossos estudos.

Como é que se operou este movimento; como é que alcançou triumphar esta influencia do *gouslo?* que relações se podiam estabelecer entre os novos poetas e os cantores populares? É esta a primeira questão que cumpre examinar, e que nos obriga a mostrar o laço que liga a poezia dos rapsodas ou *gouslars*, que é hoje a base da poesia contemporanea dos Slavos, á vida destes povos, e ás suas crenças mais vivas. Se conseguirmos esclarecer este ponto, o estudo do movimento poetico actual dos Slavos deixará de offerecernos obscuridade. Comprehender-se-ha então como a poesia dos sabios soube aperfeiçoar os elementos fornecidos pela poesia cantada, e será facil reconhecer as obras que resultaram desta alliança da inspiração natural com o genio disciplinado pelo estudo, enriquecido pela sciencia e pelas experiencias modernas.

I.

O segredo deste imperio que o *gouslo* está hoje exercendo, acha-se no proprio caracter de raça, cujos instinctos elle reflecte profundamente. É por isso que o genero do maravilhoso ou do ideal que lhe é proprio se resume n'um culto geral da natureza viva, e este culto é a feição distinctiva das populações slavas. Podem parecer extravagantes as superstições que perpetua, mas é certo que conservam a nacionalidade; pelo encanto das suas recordações, ellas relevam aos olhos dos opprimidos as tristes vulgaridades da sua vida actual. Lavradores, mais que tudo, os Slavos acham-se por mil modos ligados com os phenomenos do mundo physico, sobre os quaes o seu genero de vida os obriga a ter os olhos constantemente abertos. A sua poesia acha-se assim compenetrada com o caracter das estações, com a côr dos lagos, das nuvens, das florestas, e do proprio solo em que se radicou. Os Slavos como que tem conservado uma recordação vaga das antigas crenças da metempsycose, e nas suas legendas dão sempre animação a toda a natureza.

O papel que distribuem ás feiticeiras ou *vilas* corresponde a esta tendencia do genio slavo. Não ha fonte, nem collina, que não tenha por guarda uma feiticeira ou *vila*. Estas nymphas ora se representam propicias, ora inimigas; cavalgam atravez das florestas em animaes incantados: á noite dansam todas em roda á borda dos ribeiros; tomam-se ás vezes de amores pelos mancebos, mas nunca se deixam apanhar. Como as *vilas*, tambem as aves são objecto d'uma especie de culto. Contam as mulheres servias como uma menina, que perdera seu irmão, nunca se pudera consolar; e á força de gemer e chorar, acabou por ser transformada na ave lastimosa a que hoje se dá o nome de cuco. Esta ave é o symbolo dos funeraes, e muitas vezes se encontra representada na cruz dos cemiterios. Na Russia, na Polonia, por toda a parte, o grito do cuco faz nascer presentimentos lugubres e annuncia as desgraças das familias. Em quanto ao rouxinol, symboliza para todos os Slavos a tristeza; e quando de noite se ouve a sua voz, é para os amantes um presagio d'infidelidade. É por isso que se lê n'uma *kracoviaka* [1]: « Fallou verdade a avezinha melodiosa que, esta noite, no bosque, me annunciou trahição! — Não, não será a minha noiva, aquella que lançou a outros um olhar de meiguice. As aves apparecem muitas vezes feitas mensageiras de Deus. Os Bulgaros conhecem nos seus Balkans uma especie d'aguia, que dizem parte para o Jordão, quando se lhe approxima a velhice. Banhando-se no rio sagrado, recupera uma plumagem branca, e volta para as suas montanhas pura e remoçada. D'ahi a origem da aguia branca.

Em todas as canções guerreiras dos Slavos, o cavallo faz sempre para com seu amo o papel de conselheiro, de seu companheiro intelligente. É assim que Marko, o filho dos

[1] Debaixo deste nome comprehende-se a poesia não escripta, de que os rapsodas slavos, tocadores do *gouslé* ou *gousla*, são os depositarios.

[1] Cantiga para dança.

reis ou *krals*, consulta a sua cavalgadura, o famoso *Charats*, nas circumstancias difficeis. E é *Charats* que choroso annuncia a Marko que breve vae morrer. Quem não conhece as apostrophes continuadas do guerreiro polaco ao seu cavallo? Quem ignora que os Cosacos do Don amam os seus cavallos quasi como o Arabe ama o seu. A mesma inspiração que por esta fórma idealisa os animaes, multiplica as personificações da natureza inanimada. As montanhas, os rios, tomam parte tanto nas alegrias como nas penas do homem; auxiliam os heroes com os seus conselhos e combatem a par delles como os deuses d'Homero combatiam a par dos Gregos. Assim, no canto bohemio de *Zaböi*, os rios que o exercito victorioso vae encontrando successivamente na sua passagem, sepultam nas suas ondas os Alemães, e lançam os Tchekhs sãos e salvos sobre a outra margem.

O Danubio interrogado repetidas vezes pelos Servios, responde quasi sempre moroso e aspero, em harmonia com a turbulencia das suas aguas. « O'Danubio, rio profundo, por que assim corres tam fogoso? Foi o veado com as suas pontas ou o voïevoda Mirtcheta com a sua lança, quem te ha turvado a limpidez da tua corrente? Não é o veado com as suas pontas, nem o voïevoda Mirtcheta com a sua lança, quem turva o cristal das minhas aguas; são essas raparigas malditas, que, todas as manhãs, vem ás minhas margens arrancar flores, e lavar as suas brancas faces. » Representam-nos o Danubio como muito amigo das danças; tem-no em conta do primeiro mestre de musica dos tocadores do *gouslé*; e é elle que dirige os chóros triumphantes dos guerreiros. Esta consideração dada ao seu rio pelos Illyro-Servios estendeu-se até á Russia. Um archeologo de Moscou, Makrof, no seu livro das *tradições russas*, cita uma canção de *moujik*, que diz: « Danubio, Danubio nosso, os môços te convidam a que venhas presidir-lhe ás danças, e assentar-te nos nossos festins. O Danubio, o joven Danubio veio assistir ás nossas festas religiosas, assentou-se com nosco nos banquetes, e tocou-nos lindas cantigas para a dança » Cumpre porém notar que para os Russos é nas margens do Danubio que de ordinario se passam as scenas mais lugubres das suas legendas, o assasinato dos seus heroes, a derrota dos exercitos, ou a desesperação das raparigas abandonadas pelos seus amantes. Para os Russos, o Danubio é um rio inimigo; ao contrario do Volga que é uma ribeira toda amiga e benefica. Chamam-lhe em todas as canções a *mãe volga*, do mesmo modo que os Alemães chamam pae ao Rheno. O Don é tambem para os Russos o objecto de um culto supersticioso. Um poderoso genio preside á sua origem, nas profundezas do lago de S. João, perto de Poula, na Moscovia. O Don, como um filho docil, obedece ao impulso paterno; corre tranquillamente pelos steppes, e entra no mar com o nome de rio manso (*Tskhy-Don.*)

Finalmente na poezia do *gouslo*, as estrellas, os ventos, as doenças e o raio fallam, tem paixões como o homem, e entram como actores na sua vida quotidiana. Uma canção servia da Bosnia mostra-nos uma menina, que, erguendo-se, saúda a estrella d'alva e a interroga sobre o seu noivo.

« Salve! estrella Danitsa, minha irman! Tu que passas d'oriente ao occidente por cima de Hertsegovine, vês tu lá o meu voievoda Stevão? As portas do seu branco *konak.* (palacio) estão abertas? Manda elle sellar o seu arabe fogoso? Está a armar-se para vir ter com a sua noiva? — A estrella Danitsa lhe responde com suavidade: — Minha linda irmanzinha, eu vou de oriente a occidente, passo todas as manhãs por cima de Hertsegovine, e agora estou vendo o bello voïevoda Stevão defronte do seu konak. As portas brancas do seu palacio estão abertas; o seu cavallo de telizes doirados o espera todo enfreado; o heroe arma-sè para ir ter com a sua noiva escolhida. Mas essa noiva, não és tu. »

Continúa.

UM BANHO NO TÉJO.

..... e logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.
CAMÕES.

Téjo, Téjo, onde levas tuas ondas,
Que as quero seguir, quero punil-as
De ousarem, loucas, imprimir mil beijos,
Nas puras faces, nas douradas tranças,
No niveo cóllo, nos airosos braços,
No peito virginal do bem que adoro.
Mais ousaram as loucas; mas não posso,
Não me quero lembrar do mais que ousaram.
Malditas ondas, castigar-vos quero,
Quero luctar comvosco, ouvir o pranto,
Que, domadas por mim, em vão soltardes,
E se tal não poder, ondas, matae-me!
Matae-me, por piedade, que não quero,
Não posso mais viver. Ouvi meus rogos!
No peito me apagae o fogo vivo
Que mil mortes me dá, sem nunca a vida
De todo me tirar. Ondas, matae-me!
Arrojae-me depois a praia ignota,
Que dos homens, jámais, soffresse o trilho;
Alli deixae-me, qual gelada rocha,
Exposto ao temporal, embora tenha
O ceo por campa, por mortalha o lôdo,
Por preces, o carpir do mar profundo.
E tu, mar que me escutas, se algum dia
Tu gosares tambem ventura tanta,
Não permittas, ó mar, por este pranto
Mais amargo que o sal das aguas tuas,
Não permittas que as ondas, que me matam,
Depois de beijos mil, vão sobre a praia
Cuspir a injuria vil na face fria,
E o morto coração pisar folgando;
Não permittas, pois temo que ao sentil-as,
Mornas ainda do folgar continuo,
Deixe, mau grado meu, a paz da campa,
P'ra de novo soffrer, viver de novo.

Lisboa 184....

SECÇÃO DE MATHEMATICA.

Principiamos a publicar na conformidade do que se disse a paginas 1.ª e 7.ª, um trabalho utilissimo que obtivemos do sñr. Rufino Guerra Ozorio lente cathedratico da faculdade de mathematica, por quem foi feito quando na qualidade de lente substituto da cadeira de hydraulica explicou as respectivas doutrinas pelo tratado de mechanica de S. D. Poisson, onde na hydrodynamica e acustica, julgou necessario para melhor intelligencia do livro, introduzir esta importante ampliação sobre integraes definidos com formulas, que servem para determinar as circumstancias do movimento de uma corda ou vara elastica; e tambem as do calorico nos corpos liquidos ou solidos, em casos particulares; e as do ar nos tubos cylindricos.

Os RR.

INTEGRAES DEFINIDOS.

1. Supponhamos que $\varphi(x)$ não é infinita quando x é igual a x_0, ou a x_n, ou quando x está comprehendido entre estes limites.

Dividamos $x_n - x_0$ em n partes, em geral, desiguaes, e sempre mui pequenas em comparação de $x_n - x_0$. Designemos por $\delta_1, \delta_2, \delta_3, \delta_4, \ldots, \delta_n$ a estas partes; de sorte que seja $x_n - x_0 = \delta_1 + \delta_2 + \delta_3 \ldots + \delta_n$.

Representemos por $\psi(x)$ uma funcção desconhecida de x, porem ligada a $\varphi(x)$ pela seguinte igualdade:

$$(1) \ldots \ldots \ldots \ldots \ldots \ldots \quad d.\psi(x) = \varphi(x)\,dx.$$

Trataremos de deduzir algumas formulas, por meio das quaes se possa calcular $\psi(x_n) - \psi(x_0)$ com uma approximação indefinida; quando for conhecida a expressão analytica de $\varphi(x)$, ou quando $\varphi(x)$ e as suas derivadas forem quantidades dadas.

Façamos por brevidade $x_0 + \delta_1 = x_1$; $x_0 + \delta_1 + \delta_2 = x_2$; $\ldots$; $x_0 + \delta_1 + \delta_2 \ldots + \delta_n = x_n$.

Pelo theorema de Taylor acharemos:

$$\psi(x_1) = \psi(x_0) + \delta_1 \varphi(x_0) + \frac{\delta_1^2}{1.2}\varphi'(x_0) + \frac{\delta_1^3}{1.2.3}\varphi''(x_0) + \ldots$$

$$\psi(x_2) = \psi(x_1) + \delta_2 \varphi(x_1) + \frac{\delta_2^2}{1.2}\varphi'(x_1) + \frac{\delta_2^3}{1.2.3}\varphi''(x_1) + \ldots$$

$$\psi(x_3) = \psi(x_2) + \delta_3 \varphi(x_2) + \frac{\delta_3^2}{1.2}\varphi'(x_2) + \frac{\delta_3^3}{1.2.3}\varphi''(x_2) + \ldots$$

$$\ldots\ldots \quad \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$\psi(x_n) = \psi(x_{n-1}) + \delta_n \varphi(x_{n-1}) + \frac{\delta_n^2}{1.2}\varphi'(x_{n-1}) + \frac{\delta_n^3}{1.2.3}\varphi''(x_{n-1}) + \ldots$$

Sommando e reduzindo, obteremos:

$$(2) \ldots \psi(x_n) - \psi x_0) = \delta_1 \varphi(x_0) + \delta_2 \varphi(x_1) + \delta_3 \varphi(x_2) \ldots + \delta_n \varphi(x_{n-1})$$

$$+ \frac{1}{1.2}[\delta_1^2 \varphi'(x_0) + \delta_2^2 \varphi'(x_1) + \delta_3^2 \varphi'(x_2) \ldots\ldots + \delta_n^2 \varphi'(x_{n-1})]$$

$$+ \frac{1}{1.2.3}[\delta_1^3 \varphi''(x_0) + \delta_2^3 \varphi''(x_1) + \delta_3^3 \varphi''(x_2) \ldots + \delta_n^3 \varphi''(x_{n-1})]$$

$$+ \text{etc.}$$

Por quanto $(x_{n-1})=x_n-\delta_n$, e $\psi(x_{n-1})=\psi(x_n-\delta_n)$; poderiamos ter procedido do seguinte modo:

$$\psi(x_{n-1})=\psi(x_n)-\delta_n\varphi(x_n)+\frac{\delta_n^2}{1.2}\varphi'(x_n)-\frac{\delta_n^3}{1.2.3}\varphi''(x_n)+\ldots.$$

$$\psi(x_{n-2})=\psi(x_{n-1})-\delta_{n-1}\varphi(x_{n-1})+\frac{\delta_{n-1}^2}{1.2}\varphi'(x_{n-1})-\frac{\delta_{n-1}^3}{1.2.3}\varphi''(x_{n-1})+\ldots.$$

$$\ldots\ldots\quad\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$\psi(x_0)=\psi(x_1)-\delta_1\varphi(x_1)+\frac{\delta_1^2}{1.2}\varphi'(x_1)-\frac{\delta_1^3}{1.2.3}\varphi''(x_1)+\ldots\ldots\ldots$$

Das quaes equações tirariamos, como acima:

$$(3)\ldots\ldots\psi(x_n)-\psi(x_0)=\delta_1\varphi(x_1)+\delta_2\varphi(x_2)+\delta_3\varphi(x_3)\ldots\ldots+\delta_n\varphi(x_n)$$

$$-\frac{1}{1.2}[\delta_1^2\varphi'(x_1)+\delta_2^2\varphi'(x_2)+\delta_3^2\varphi(x_3)\ldots\ldots\ldots+\delta_n^2\varphi'(x_n)]$$

$$+\frac{1}{1.2.3}[\delta_1^3\varphi''(x_1)+\delta_2^3\varphi''(x_2)+\delta_3^3\varphi''(x_3)\ldots\ldots+\delta_n^3\varphi''(x_n)]$$

$$-\text{etc.}$$

Se fizermos $\delta_1=\delta_2=\delta_3=\ldots.=\delta_n$, e designarmos por δ sua commum grandeza; tanto a equação (2) como a equação (3), poderão escrever-se:

$$(4)\ldots\ldots\psi(x_n)-\psi(x_0)=\delta\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi(x_i)+\frac{\delta^2}{1.2}\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi'(x_i)+\frac{\delta^3}{1.2.3}\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi''(x_i)+\text{etc.}$$

$$(5)\ldots\ldots\psi(x_n)-\psi(x_0)=\delta\sum_{i=1}^{i=n}\varphi(x_i)-\frac{\delta^2}{1.2}\sum_{i=1}^{i=n}\varphi'(x_i)+\frac{\delta^3}{1.2.3}\sum_{i=1}^{i=n}\varphi''(x_i)-\text{etc.}$$

Cada somma indicada por Σ tem n termos que se formam, na primeira equação, dando a i todos os valores desde $i=0$ até $i=n-1$; e é isto o que pertendemos indicar, escrevendo $\sum_{i=0}^{i=n-1}$ antes de φ: do mesmo modo discorreremos a respeito da segunda equação.

Sommando (4) e (5), e repartindo por 2, facilmente acharemos:

$$(6)\ldots\ldots\psi(x_n)-\psi(x_0)=\delta\sum_{i=0}^{i=n}\varphi(x_i)\quad-\frac{\delta}{1.2}[\varphi(x_n)+\varphi(x_0)]$$

$$-\frac{\delta^2}{1.2.2}[\varphi'(x_n)-\varphi'(x_0)]$$

$$+\frac{\delta^3}{1.2.3}\sum_{i=0}^{i=n}\varphi''(x_i)\quad-\frac{\delta^3}{1.2.2.3}[\varphi''(x_n)+\varphi''(x_0)]$$

$$-\frac{\delta^4}{1.2.2.3.4}[\varphi'''(x_n)-\varphi'''(x_0)]+\text{etc.}$$

Façamos $m=\varphi(x_n)-\varphi(x_0)$: $m'=\varphi'(x_n)-\varphi'(x_0)$: $m''=\varphi''(x_n)-\varphi''(x_0)$: etc.:

e tambem $A_1=\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi'(x_i)$: $A_2=\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi''(x_i)$: $A_3=\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi'''(x_i)$: etc. A equação (4) dará as seguintes:

$$m=\delta A_1+\frac{\delta^2}{2}A_2+\frac{\delta^3}{2.3}A_3+\frac{\delta^4}{2.3.4}A_4+\frac{\delta^5}{2.3.4.5}A_5+\frac{\delta^6}{2.3.4.5.6}A_6+\text{etc.}$$

$$m' = \delta A_2 + \frac{\delta^2}{2} A_3 + \frac{\delta^3}{2.3} A_4 + \frac{\delta^4}{2.3.4} A_5 + \frac{\delta^5}{2.3.4.5} A_6 + \frac{\delta^6}{2.3.4.5.6} A_7 + \text{etc.}$$

$$m'' = \delta A_3 + \frac{\delta^2}{2} A_4 + \frac{\delta^3}{2.3} A_5 + \frac{\delta^4}{2.3.4} A_6 + \frac{\delta^5}{2.3.4.5} A_7 + \frac{\delta^6}{2.3.4.5.6} A_8 + \text{etc.}$$

$$m''' = \delta A_4 + \frac{\delta^2}{2} A_5 + \frac{\delta^3}{2.3} A_6 + \frac{\delta^4}{2.3.4} A_7 + \frac{\delta^5}{2.3.4.5} A_8 + \frac{\delta^6}{2.3.4.5.6} A_9 + \text{etc.}$$

$$m^{IV} = \delta A_5 + \frac{\delta^2}{2} A_6 + \frac{\delta^3}{2.3} A_7 + \frac{\delta^4}{2.3.4} A_8 + \frac{\delta^5}{2.3.4.5} A_9 + \frac{\delta^6}{2.3.4.5.6} A_{10} + \text{etc.}$$

.....

Por meio destas equações, obteremos:

$$\delta A_1 = m - \frac{\delta}{2} \left[\delta A_2 + \frac{\delta^2}{3} A_3 + \frac{\delta^3}{3.4} A_4 + \frac{\delta^4}{3.4.5} A_5 + \frac{\delta^5}{3.4.5.6} A_6 + \text{etc.} \right]$$

$$\delta A_1 = m - \frac{\delta}{2} \left[m' - \frac{\delta^2}{2} A_3 - \frac{\delta^3}{2.3} A_4 - \frac{\delta^4}{2.3.4} A_5 - \frac{\delta^5}{2.3.4.5} A_6 \ldots + \frac{\delta^2}{3} A_3 + \frac{\delta^3}{3.4} A_4 + \text{etc.} \right]:$$

$$\delta A_1 = m - \frac{\delta}{2} m' + \frac{\delta^2}{3.4} \left[\delta A_3 + \frac{\delta^2}{2} A_4 + \frac{3\delta^3}{4.5} A_5 + \frac{\delta^4}{5.6} A_6 + \text{etc.} \right]:$$

$$\delta A_1 = m - \frac{\delta}{2} m' + \frac{\delta^2}{3.4} \left[m'' - \frac{\delta^2}{2} A_4 - \frac{\delta^3}{2.3} A_5 - \frac{\delta^4}{2.3.4} A_6 \ldots + \frac{\delta^2}{2} A_4 + \text{etc.} \right]:$$

$$\delta A_1 = m - \frac{\delta}{2} m' + \frac{\delta^2}{3.4} m'' - \frac{\delta^4}{2.3.4.5.6} \left[\delta A_5 + \frac{\delta^2}{2} A_6 + \text{etc.} \right]:$$

$$\delta A_1 = m - \frac{\delta}{2} m' + \frac{\delta^2}{3.4} m'' - \frac{\delta^4}{2.3.4.5.6} \left[m^{IV} - \frac{\delta^2}{2} A_6 - \text{etc.} + \frac{\delta^2}{2} A_6 + \text{etc.} \right]$$

Por consequencia, aproveitando as sextas potencias de δ, virá:

$$(7) \ldots\ldots\ldots \delta A_1 = m - \frac{\delta}{2} \cdot m' + \frac{\delta^2}{2.2.3} m'' - \frac{\delta^4}{2.3.4.5.6} m^{IV}$$

Da equação (7) deduzem-se as seguintes:

$$\frac{\delta^1}{1.2} A_1 = m \frac{\delta}{1.2} - m' \frac{\delta^2}{1.2.2} + m'' \frac{\delta^3}{1.2.2.2.3} - m^{IV} \frac{\delta^5}{1.2.2.3.4.5.6}$$

$$\frac{\delta^2}{1.2.3} A_2 = m' \frac{\delta^2}{1.2.3} - m'' \frac{\delta^3}{1.2.2.3} + m''' \frac{\delta^4}{1.2.3.2.2.3} - m^{V} \frac{\delta^5}{1.2.3.2.3.4.5.6}$$

$$\frac{\delta^3}{1.2.3.4} A_3 = m'' \frac{\delta^3}{1.2.3.4} - m''' \frac{\delta^4}{1.2.3.4.2} + m^{IV} \frac{\delta^5}{1.2.3.4.2.2.3}$$

$$\frac{\delta^4}{1.2.3.4.5} A_4 = m''' \frac{\delta^4}{1.2.3.4.5} - m^{IV} \frac{\delta^5}{1.2.3.4.5.2} + m^{V} \frac{\delta^6}{1.2.3.4.5.2.2.3}$$

$$\frac{\delta^5}{1.2.3.4.5.6} A_5 = m^{IV} \frac{\delta^5}{1.2.3.4.5.6} - m^{V} \frac{\delta^6}{1.2.3.4.5.6.2}$$

$$\frac{\delta^6}{1.2.3.4.5.6.7} A_6 = m^{V} \frac{\delta^6}{1.2.3.4.5.6.7}$$

Sommando todas estas equações, e representando por S esta somma, acharemos:

$$S = m\frac{\delta}{2} - m'\frac{\delta^2}{2.2.3} + m'''\frac{\delta^4}{2.3.4.5.6} - m^v\frac{\delta^6}{2.3.2.3.4.5.6.7}$$

Pondo em S os valores de m, m', m''', etc., e escrevendo o resultado em (4), concluiremos:

$$(8)\ldots\ldots\ldots \psi(x_n) - \psi(x_0) = \delta\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi(x_i) + \frac{\delta}{2}[\varphi(x_n) - \varphi(x_0)] - \frac{\delta^2}{3.4}[\varphi'(x_n) - \varphi'(x_0)]$$
$$+ \frac{\delta^4}{2.3.4.5.6}[\varphi'''(x_n) - \varphi'''(x_0)] - \frac{\delta^6}{2.3.2.3.4.5.6.7}[\varphi^v(x_n) - \varphi^v(x_0)]$$

Despresando nesta equação os termos multiplicados por δ^2, δ^3, etc., ficará:

$$\psi(x_n) - \psi(x_0) = \delta\left\{\frac{\varphi(x_0)+\varphi(x_1)}{2} + \frac{\varphi(x_1)+\varphi(x_2)}{2}\ldots + \frac{\varphi(x_{n-1})+\varphi(x_n)}{2}\right\}$$

Se os δ são tão pequenos que podemos considerar, como linhas rectas, as porções de curva, comprehendidas entre duas ordenadas, separadas pelo intervallo δ, teremos $\frac{\varphi(x_i)+\varphi(x_{i+1})}{2} = \varphi[\frac{x_i+x_{i+1}}{2}]$. Façamos $x_0 = 0$; acharemos:

$$(9)\ldots\ldots \psi(x_n) - \psi(x_0) = \delta\left\{\varphi\left(\frac{\delta}{2}\right) + \varphi\left(\frac{3\delta}{2}\right) + \varphi\left(\frac{5\delta}{2}\right)\ldots + \varphi\left[\frac{(2n-1)\delta}{2}\right]\right\}$$

Se $\varphi(x)$ não for dada por uma expressão analytica de fórma conhecida, e sómente tivermos em numeros os valores della, não poderemos achar em (8) o valor, $\psi(x_n) - \psi(x_0)$, aproveitando os termos, em que entra δ^3, isto é, aproveitando $\frac{\delta^2}{3.4}[\varphi'(x_n) - \varphi'(x_0)]$; porque não podemos formar as derivadas $\varphi'(x_n)$, $\varphi'(x_0)$. Trataremos pois de remediar esta difficuldade.

Sendo os δ pequenos podemos suppor que a curva representada por $\varphi(x)$ se confunde sensivelmente com a curva parabolica $a + bx + cx^2$ em cada extensão 2δ da abscissa.

Seja i um numero inteiro positivo, a hypothese precedente reduz-se a dizer que $\varphi(x) = a + bx + cx^2$ para o valor de x, desde $x + i\delta$ até $x + i\delta + 2\delta$ inclusivamente. Os parametros a, b, c, variarão com o numero i; e com elles podemos, para cada numero i fazer passar $\varphi(x) = a + bx + cx^2$ por os tres pontos, correspondentes ás abscissas $x + i\delta : x + i\delta + \delta : x + i\delta + 2\delta$: isto nos permitte alcançar a, b, c para o indice geral i.

Para termos um numero exacto de arcos parabolicos, que correspondam á hypothese de que cada um delles passa pelos pontos respectivos a $x + i\delta : x + i\delta + \delta : x + i\delta + 2\delta$: admittiremos que o numero dado de ordenadas é impar, ou que $x_n - x_0$ se compõe de um numero par $2m$ de partes iguaes. Ora ou o numero dado de ordenadas é impar, ou se póde reduzir a isso pela interpolação.

Posto isto, sejam a, b, c, os parametros, que pertencem ao arco parabolico, que passa pelas extremidades das ordenadas, cujas abscissas são $x + i\delta : x + i\delta + \delta : x + i\delta + 2\delta$: teremos:

$$\varphi(x_i) = a + b(x_0 + i\delta) + c(x_0 + i\delta)^2:$$
$$\varphi(x_{i+1}) = a + b(x_0 + i\delta + \delta) + c(x_0 + i\delta + \delta)^2:$$
$$\varphi(x_{i+2}) = a + b(x_0 + i\delta + 2\delta) + c(x_0 + i\delta + 2\delta)^2:$$

logo
$$\varphi(x_{i+2}) - \varphi(x_{i+1}) = b\delta + c[2x_0 + \delta(2i+3)]\delta:$$
$$\varphi(x_{i+1}) - (x_i) = b\delta + c[2x_0 + \delta(2i+1)]\delta:$$

ou $\varphi(x_i) - 2\varphi(x_{i+1}) + \varphi(x_{i+2}) = 2c\delta^2$: que é o mesmo que:

(10) ..... $2[\varphi(x_i) - 2\varphi(x_{i+1}) + \varphi(x_{i+2})] = 4c\delta^2$.

As derivadas de $\varphi(x)$ dão:

$$\varphi'(x_i) = b + 2c(x_0 + i\delta)$$

$\varphi'(x_{i+2}) = b + 2c(x_0 + i\delta + 2\delta)$. Destas duas equações resulta:

(11) ..... $\delta[\varphi'(x_{i+2}) - \varphi'(x_i)] = 4c\delta^2$

Das equações (10) e (11) conclue-se:

(12) ..... $\varphi'(x_{i+2}) - \varphi'(x_i) = \frac{2}{\delta}[\varphi(x_i) - 2\varphi(x_{i+1}) + \varphi(x_{i+2})]$.

Da equação (12) deduzem-se as n seguintes:

$$\varphi'(x_2) - \varphi'(x_0) = \frac{2}{\delta}[\varphi(x_0) - 2\varphi(x_1) + \varphi(x_2)]$$

$$\varphi'(x_4) - \varphi'(x_2) = \frac{2}{\delta}[\varphi(x_2) - 2\varphi(x_3) + \varphi(x_4)]$$

$$\varphi'(x_6) - \varphi'(x_4) = \frac{2}{\delta}[\varphi(x_4) - 2\varphi x_5) + \varphi(x_6)]$$

....

$$\varphi'(x_{2m}) - \varphi'(x_{2m-2}) = \frac{2}{\delta}[\varphi(x_{2m-2}) - 2\varphi(x_{2m-1}) + \varphi(x_{2m})].$$

Sommando todas estas equações, e reduzindo, acharemos:

$$\varphi'(x_{2m}) - \varphi'(x_0) = \frac{2}{\delta}\Big\{\varphi(x_0) - \varphi(x_{2m}) - 2[\varphi(x_1) + \varphi(x_3) + \varphi(x_5) \ldots + \varphi(x_{2m-1})]$$

$$+ 2[\varphi(x_2) + \varphi(x_4) + \phi(x_6) \ldots + \varphi(x_{2m})]\Big\}$$

Multiplicando toda a equação por $-\frac{\delta^2}{3.4}$, podemos-lhe dar a fórma:

(13) ..... $-\frac{\delta^2}{3.4}[\varphi'(x_{2m}) - \varphi'(x_0)] = \frac{\delta}{2.3}[\varphi(x_{2m}) - \varphi(x_0)]$

$$+ \frac{\delta}{3}[\varphi(x_1) + \varphi(x_3) + \varphi(x_5) \ldots\ldots + \varphi(x_{2m-1})]$$

$$- \frac{\delta}{3}[\varphi(x_2) + \varphi(x_4) + \varphi(x_6) \ldots\ldots + \varphi(x_{2m})]$$

A equação (8) póde pois tomar uma nova fórma pela substituição do valor (13); para o que em (8) faremos $n = 2m$, e despresando os termos, em que δ entra na quarta potencia, virá:

$$\psi(x_{2m}) - \psi(x_0) = \delta[\varphi(x_0) + \varphi(x_1) + \varphi(x_2) + \varphi(x_3) \ldots\ldots + \varphi(x_{2m-1})]$$

$$+ \frac{\delta}{3}[\varphi(x_1) + \varphi(x_3) + \varphi(x_5) + \varphi(x_7) \ldots\ldots + \varphi(x_{2m-1})]$$

$$- \frac{\delta}{3}[\varphi(x_2) + \varphi(x_4) + \varphi(x_6) + \varphi(x_8) \ldots\ldots + \varphi(x_{2m})]$$

$$+ \frac{2\delta}{3}[\varphi(x_{2m}) - \varphi(x_0)].$$

Juntando ao segundo membro a quantidade nulla $+\frac{3\delta}{3}\varphi(x_{2m})-\frac{3\delta}{3}\varphi(x_{2m})$; juntando $-\frac{\delta}{3}\varphi(x_0)$ á terceira linha, e $+\frac{\delta}{3}\varphi(x_0)$ á quarta; acharemos:

$$\psi(x_{2m})-\psi(x_0)=\delta[\varphi(x_0)+\varphi(x_1)+\varphi(x_2)+\varphi(x_3)\ldots.+\varphi(x_{2m})]$$

$$+\frac{\delta}{3}[\varphi(x_1)+\varphi(x_3)+\varphi(x_5)+\varphi(x_7)\ldots\ldots+\varphi(x_{2m-1})]$$

$$-\frac{\delta}{3}[\varphi(x_0)+\varphi(x_2)+\varphi(x_4)+\varphi(x_6)\ldots\ldots+\varphi(x_{2m})]$$

$$-\frac{\delta}{3}[\varphi(x_{2m})+\varphi(x_0)].$$

Reflectindo n'esta somma, vê-se facilmente que:

A somma dos termos com indice impar, é:

$$+\frac{2\delta}{3}\left\{2[\varphi(x_1)+\varphi(x_3)+\varphi(x_5)\ldots.+\varphi(x_{2m-1})]\right\}:$$

A somma dos termos com indice par, é:

$$+\frac{2\delta}{3}[\varphi(x_0)+\varphi(x_2)+\varphi(x_4)+\varphi(x_6)\ldots\ldots+\varphi(x_{2m})].$$

Finalmente, a quarta linha póde escrever-se:

$$-\frac{2\delta}{3}\left\{\frac{1}{2}[\varphi(x_{2m})+\varphi(x_0)]\right\}.$$

Logo:

$$\psi(x_{2m})-\psi(x_0)=\frac{2\delta}{3}\left\{[\varphi(x_1)+\varphi(x_3)+\varphi(x_5)+\varphi(x_7)\ldots\ldots+\varphi(x_{2m-1})]\right.$$

$$+[\varphi(x_0)+\varphi(x_1)+\varphi(x_2)+\varphi(x_3)+\varphi(x_4)\ldots\ldots+\varphi(x_{2m})]$$

$$\left.-\frac{1}{2}[\varphi(x_0)+\varphi(x_{2m})]\right\}.$$

Ou tambem:

$$(14)\ldots.\ \psi(x_{2m})-\psi(x_0)=\frac{2\delta}{3}\left\{[\varphi(x_0)+\varphi(x_0+\delta)+\varphi(x_0+2\delta)+\varphi(x_0+3\delta)..+\varphi(x_0+2m\delta)]\right.$$

$$+[\varphi(x_0+\delta)+\varphi(x_0+3\delta)+\varphi(x_0+5\delta)\ldots.+\varphi(x_0+(2m-1)\delta)]$$

$$\left.-\frac{1}{2}[\varphi(x_0)+\varphi(x_0+2m\delta)]\right\}.$$

O primeiro multiplicador de $\frac{2\delta}{3}$, na primeira linha, é a *somma de todas as ordenadas*: a segunda linha, contém *a somma da segunda, quarta, sexta,...., ordenadas até á penultima:* em fim a ultima linha, é a *semi-somma das ordenadas extremas*, tomada com o signal menos.

Continúa

RUFINO GUERRA OZORIO.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE MEDICINA.

1853—1854.

2.º ANNO.

CADEIRA DE PHYSIOLOGIA E HYGIENE.

COMPENDIO — *J. J.* DE MELLO — PRIMEIRAS LINHAS DE PHYSIOLOGIA. — J. P. F. GALVÃO — CURSO ELEMENTAR DE HYGIENE.

Lente — *Dr. Jeronymo José de Mello.*

PHYSIOLOGIA GERAL.

Definição. Divisão. Entes organicos, e anorganicos. Caracteres communs — differenciaes — vida — propriedades vitaes — propriedades physicas, e chimicas — relação d'estas e das vitaes. Imponderaveis — acção d'estes nos corpos vivos — Leis constantes do principio vital — vida organica, e animal — Como chegamos ao conhecimento das forças em geral — como nos elevamos ao das vitaes. Phenomenos communs a entes organicos e anorganicos.

PHYSIOLOGIA ESPECIAL.

Sangue — quantidade no homem — questão de homogeneidade — vida no sangue — transfusão — formação do sangue — composição physica — composição chimica.

Circulação do sangue — geral — respiratoria — portal. — Circulação nos vertebrados — nos invertebrados — Coração considerado como centro de circulação — Acustica do coração — Arterias; sua acção na circulação — Systema capillar rubro — veias; acção d'estas na circulação — Acção dos vasos no processo da absorpção — causas de absorpção — differença de absorpções.

Lympha, vasos lymphaticos, corações lymphaticos — origem da lympha — causas do movimento no systema lymphatico.

Respiração — nos vertebrados — nos invertebrados. Propriedades do ar — Apparelho respiratorio — Processo e mechanismo — Hematose — Theoria da respiração — influencia dos nervos na respiração, phenomenos physicos, chimicos, e vitaes della.

Nutrição — crescimento — regeneração — Theoria da nutrição — Processo nutritivo — Processos regeneradores.

Calor animal — Analyse das diversas theorias da calorificação — Differenças de calor nos entes organicos — Differenças na especie humana, segundo idades, temperamentos, estados, climas.

Digestão considerada em todos os animaes — No homem — Funcções preparatorias da digestão — sentimento de fome, e sede — causas d'estas sensações — Considerações geraes sobre alimentos — Digestão estomacal — duodenal — intestinal.

Secreção — Divisão de secreções — Apparelhos, e systemas vasculares secretores — Theoria da secreção — secreção renal-cutanea — cellular — mucosa — orgãos de secreção duvidosa.

FUNCÇÕES ANIMAES.

Definição — Divisão — Nervos — Physiologia comparada da acção nervosa — Nervos organicos — animaes — respiratorios — Theoria d'acção nervosa — Leis de acção dos nervos — Acções nervosas reflexas — Apreciação da doutrina de M. Hall — Doutrina de sympathias — Visão — audição — olfacto — gosto — tacto e toque — Sentidos internos — Doutrina phrenologica — exame, e apreciação d'esta doutrina — Differença de opiniões entre os metaphysicos e phrenologistas — Doutrinas philosophicas de Kant, Hegel, Schelling, Condillac — Theoria phisiologica de sentidos internos. —

Movimento — orgãos de movimento nos differentes animaes — Mechanica animal — theoria da voz e loquella.

Geração — considerada em toda a classe animal — relação d'estas com as outras funcções — Geração espontanea — Processos de geração sexual — Funcções de geração sexual — Theoria da geração — Influencia dos pais na prole — Parto — proporção de nascimentos com relação a sexos — criação dos recem-nascidos.

Somno, sonhos, sonambulismo, magnetismo animal. — Morte — signaes da morte — geral — parcial.

Curso pratico de physiologia experimental (na primavera).

HYGIENE INDIVIDUAL.

Definição — Divisões — Relação d'esta com outras sciencias — Differença de planos nos tratados de hygiene — Differenças organicas individuaes — Modificadores internos — Applicação dos principios geraes ás funcções do organismo — Educação physica — Educação intellectual, e moral — Melhoramento de raças — relações da sciencia com a civilisação — Influencia d'ella sobre a arte de curar.

CADEIRA DE OPERAÇÕES CIRURGICAS.

COMPENDIO — BÉGIN — NOUVEAUX ÉLÉMENS DE CHIRURGIE OU DE MEDICINE OPÉRATOIRE.

Lente — *Dr. Francisco Fernandes da Costa.*

3.º ANNO.

CADEIRA DE PATHOLOGIA GERAL, THERAPEUTICA GERAL, PATHOLOGIA E THERAPEUTICA CIRURGICA.

COMPENDIO — CHOMEL — ÉLÉMENS DE PATHOLOGIE GÉNÉRAL. — BÉGIN — NOUVEAUX ÉLÉMENS DE CHIRURGIE ET DE MÉDICINE OPÉRATOIRE.

Lente — *Dr. Cezario Augusto Pereira d'Azevedo.*

CADEIRA DE MATERIA MEDICA E PHARMACIA.

COMPENDIO — BOUCHARDAT — MANUEL DE MATIÉRE MÉDIC.

——— ALBANO — CODIGO PHARMACEUTICO LUSITANO.

Lente — *Dr. Florencio Peres Furtado Galvão.*

PHARMACONOMIA THEORICA E PRACTICA.

Definição de Pharmaconomia — partes em que se divide — definição de medicamentos e sua divisão pharma-

ceutica — utensilios — fornalhas — vasos — instrumentos — pesos, e medidas nacionaes — francezes — inglezes — relação d'uns com outros — barometro — thermometro — reducção dos principaes d'uns em outros — areometros — reducção d'uns em outros — alcoolometro — operações chimico-pharmaceuticas — divisão, extracção, processo de deslocação, mistão, acção chimica — escolha, e colheita das diversas partes dos vegetaes, e animaes — sua exsicação, conservação, reposição e duração — classificação *pharmaconomica* dos medicamentos — excipientes, e suas purificações — hydrolicos, ou preparações, cujo excipiente é a água — hydrolatos, ou aguas distiladas por diversos *processos* — *hydroinfusos, ou infusões aquosas* — hydrosolutos ou soluções — decoctos — succos expressos — sua preparação, classificação, depuração, e conservação por diversos processos — caldos medicinaes — hydroleos — extractos aquosos obtidos por decocto, infusão, digestão, maceração, succos depurados, e não depurados, e pelo processo da deslocação, feitos em diversos utensilios evaporatorios — sua classificação e conservação — vinoleios, ou vinhos medicinaes — extractos vinosos — alcoolicos, ou preparações, cujo excipiente é o alcool — por deslocação — alcoolatos por diversos processos — extractos alcoolicos; ou preparações, cujo excipiente é o vinagre — acetoleos, ou vinagres medicinaes — extractos acetosos — brytolicos, ou preparações, cujo excipiente é a cerveja — oleos fixos — oleos volateis, ou essenciaes — saccorolicos (impropriamente) ou preparações, cujo excipiente são sustancias saccarinas — *Xaropes por solução, por ebullição, e mistos* — applicação da theoria dos decoctos, infusos, maceratos, e succos expressos aos xaropes — sua conservação — mellites — oxymellites — therolicos, ou preparações, cujo excipiente é o ether — theoria dos ethers — etheroleos, ou tinturas ethereas — ammonialcoolicos, ou preparações, cujo excipiente é a ammoniaca — ammonialcoolios, ou tinturas volateis. Pós medicinaes por diversos processos — feculas — polpas — conservas — electuarios — pastas solidas — pilulas em pilulador — e sem elle — cataplasmas — especies — eleoleos, ou oleos compostos — balsamos, ou myrolicos — linimentos — ceratos — pommadas — unguentos, ou retinoleos molles — emplastos ou retinoleos duros por diversos processos — sparadrapos feitos em machina — preparações chimicas — theoria dos saes — reagentes chimicos — aguas mineraes, e seu ensaio — principaes nacionaes — *artificiaes* — modo de preparar, doçar, e administrar os medicamentos homœopathicamente.

PHARMACOLOGIA.

Definição de Pharmacologia, e de Materia Medica — dita de medicamento — *differença entre alimento*, medicamento, veneno, e remedio — origem dos medicamentos, e alimentos — diversos modos de determinar e conhecer as virtudes dos medicamentos — pelos caracteres physicos, chimicos — por analogias botanicas — por experiencias em animaes mais similhantes ao Homem — ditas no Homem enfermo — ditas no Homem no estado physiologico — acção dos medicamentos, chimico, dynamico, chimico-dynamico — effeitos dos medicamentos, primarios, ou physiologicos, secundarios, curativos — locaes, distantes, ou remotos — estes por que vias se transmittem, como se explicam — affinidade electiva dos medicamentos para determinados orgãos, systemas ou apparelhos — theoria *homoeopathica a este respeito* — *influencia* do habito sobre os effeitos dos medicamentos, e a explicação homoeopathica — administração dos medicamentos, e por que vias se faz — doses d'*elles*, e *effeitos segundo ellas* — sua natureza — medicamentos simples, e compostos — monopharmacia — polypharmacia — apreciação d'ambas — arte de formular, e leis portuguezas, que a regulam em especial — classificação dos medicamentos — a que ponto póde ser conveniente n'este ramo de sciencias, e no estado actual — noções de doutrina homoeopathica em geral. Seguiremos o texto na pharmacologia especial, por isso estudaremos já os medicamentos narcoticos — considerações geraes á cerca do seu modo de obrar em geral, e de cada uma *substancia* em particular — sua descripção — suas applicações therapeuticas geraes e especiaes — doses — preparações — substancias incompativeis — o mesmo das solaneas virosas — o mesmo das *ombelliferas* virosas — o mesmo das elleboreas — o mesmo das cyanicas — o mesmo das tetonicas — o mesmo dos medicamentos emmenagogos, excitantes do utero, dos propriamente dictos, dos abortivos — o mesmo dos medicamentos anti-spasmodicos — o mesmo dos medicamentos estimulantes, ou excitantes — o mesmo dos medicamentos aphrodisiacos — o mesmo dos medicamentos sudorificos, e diaphoreticos — Hydrotherapia — o mesmo dos medicamentos diureticos — o mesmo dos chamados expectorantes — o mesmo dos medicamentos emeticos — o mesmo dos medicamentos purgantes — o mesmo dos medicamentos emollientes, e analepticos — o mesmo dos medicamentos contra estimulantes, e temperantes — o mesmo dos medicamentos adstringentes — o mesmo dos medicamentos tonicos, e corroborantes — o mesmo dos medicamentos alterantes e substituitivos — o mesmo dos medicamentos revulsivos, *rubeficientes*, e *epispacticos* — o mesmo dos *medicamentos anthelminticos*. — Analyse pharmaceutica, e pharmacologica das formulas da Pharmacopêa portugueza legal, e substituição d'ellas por outras.

(POESIA SLAVA MODERNA).

Continuado de pag. 58.

Por este papel distribuido ús differentes forças da natureza, bem se vê que a poesia dos *gouslars* corresponde a uma das mais pronunciadas inclinações do caracter slavo, que ella lisongea tambem celebrando essa antiga crença nos presagios e nos presentimentos, que exerce ainda ao presente tamanho imperio sobre estes paizes. Uma menina cantada nas *picsnas* (balladas) servias, vae colhendo cravos ao longo de um ribeiro; faz com elles tres corôas; põe uma sobre a sua cabeça para lhe realçar a formosura, guarda a segunda para sua irmã, e atira com a terceira ao ribeiro, dizendo: voga, minha corôa, até defronte da porta do meu amante. Se lá chegares, sem te afundar, não será uma prova de que sua mãe consente que elle me despose? « O excellente drama intitulado *Gorski Vienats*, obra prima do derradeiro vladika dos Montenegrinos [1], appresenta-nos, n'um grande banquete commum de todo o povo, os velhos, á maneira dos antigos augures etruscos, lendo os destinos de cada uma das tribus, inscriptos pela mão da natureza, em signos ou linhas misteriosas, sobre as espadoas dos bois e dos carneiros servidos no banquete ou sacrificio nacional. » O *serdar* (juiz) Janko pega n'uma espadoa de carneiro; tira-lhe a carne com o seu cutello, e olhando-a com admiração, exclama: De quem era este carneiro? « — Respondem-lhe: De Martinho Baitsa. — Bemaventurado pae Baitsa, replica o *serdar*, o teu carneiro traz uma inscripção maravilhosa sobre o glorioso futuro da tua familia! Eu, que tenho descarnado milhares de espadoas, nunca em nenhuma dellas li um tão bello destino! — E esta coxa, em que agora peguei, de quem era ella? Vejo que

[1] *Pedro II.* que por suas obras numerosas se collocou na primeira ordem dos poetas illyrico-servios.

a raça do seu dono vae extinguir-se. O galo deixa de cantar as horas na sua casa, que se transforma n'uma caverna funebre, n'um vasto sepulchro, onde aprodrecem mais de vinte cadaveres, sahidos todos d'um mesmo tronco. « Um Montenegrino incredulo zomba então dos seus companheiros. « Estaes-me parecendo, diz elle, as nossas velhas avós, que leem a signa ás creanças na palma das mãos, ou lhe fazem tirar favas á sorte. Como é que os ossos cozidos e mortos podem saber o que tem de acontecer aos vivos? » Póde a logica cançar-se a fallar, mas não alcançará nunca destruir os instinctos.

Na Polonia, o povo acha pelo mesmo theor presagios nos accidentes mais fortuitos da natureza, na direcção do vento, por exemplo, como prova esta canção lithuania « Sôbre o ramo florido de uma tillia, estava empoleirada uma avezinha. Do alto de uma collina, uma menina examinava inquieta de que lado soprava o vento. Era por esse lado, pensava ella, que devia chegar o seu amado! — Ah! o vento sopra dos valles de Kovno. O meu joven desposado chega da Samogitia: corre apressado, o seu cavallo preto branquea de escuma o freio dourado. »

A mesma tendencia que impelle os Slavos a interpretar os phenomenos da natureza, e a dar uma vida mysteriosa tanto aos animaes como aos seres inanimados, marcou tambem com o seu cunho certos apologos, dos quaes offerecem mais que um exemplo as cantigas das mulheres, e que tem toda a apparencia de fabulas, sem ter o seu sentido moral. São visitas muito polidas entre os animaes dos montes ou as aves das capoeiras, conversas entre as arvores de fructa, ou é um noivado de avezinhas cantado com todas as miudezas, ou o casamento de uma mosca viuva com um joven moscardo. Algumas vezes tambem depara-se no meio destes caprichos com certa agudeza e originalidade, como por exemplo, na *piesna* montenegrina intitulada: *A mais linda flor deste mundo.*

« Uma larangeira, coberta de botões de suave perfume, gabava-se á borda do mar, que não havia n'aquella hora por todo o mundo nada mais lindo que ella. — Sou mais linda que tu, exclamou o prado esmaltado de boninas. — Nenhum de vós póde comparar-se comigo, disse a ambos um vasto campo coberto de branca seara. — Uma videira, carregada de cachos nascentes, escutou-os e disse: — Não vos glorifiqueis por esse modo, que a todos vos levo vantagem. — Então uma menina solteira, que ouvira esta disputa, disse tambem: — Vossa belleza é passageira, não val a minha belleza.

Um joven que ia passando, respondeu surrindo: — As laranjas, côr d'oiro, quando estiverem maduras, hei-de comel-as. O prado, quando acabar de florir, hei-de deitar-lhe a foice. A branca seara, hei-de ceifal-a. Do cacho vermelho, hei-de extrahir um succo generoso para beber em companhia dos bravos. Em quanto a ti, menina, quando te chegar a edade, eu te desposarei, e tu serás minha. — Não ha por tanto em todo o universo flôr mais linda que um rapaz inda solteiro.

Um camponez slavo conheceu todas as familias das plantas e das aves da sua terra; tem nomes para um numero pasmoso de estrelas; fórma um relojo particular para cada estação, para cada mez do anno. Em qualquer momento da noite que lhe perguntardes as horas que são, olhará para o céo e vos responderá sem se enganar. O Cossaco tem nos seus olhos uma bussola natural: se o mandarem a uma provincia distante onde nunca tenha ido, partirá direito como uma frecha, e chegará ao seu destino no dia marcado. O *izvostchik* moscovita [1], perdido na steppe no meio d'um redemoinho de neve ou de arêa fina, espera que passe a tempestade; depois, ainda mesmo que o açoite da tempestade tenha apagado todo o vestigio dos caminhos, consegue orientar-se, e continúa a sua derrota atravez do deserto. Esta união intima dos Slavos com a natureza leva-os a acreditarem facilmente, se não nos sanctos, pelo menos nos prodigios. Em nenhum outro paiz, como entre os Slavos, se fazem em tão subida escbala as romarias ás imagens milagrosas de Nossa Senhora. Os antigos Polacos julgavam que a sancta Virgem (a *Bogarodzica*) marchava á sua frente nos combates; pela mesma fórma que os Russos modernos tem visto, por mais de uma vez, apparecer-lhe, no meio do fumo da artilheria, a imagem veneranda de S. Sergio. Não devemos porém concluir d'aqui que o mundo sobrenatural tenha um papel distincto na poesia do *gouslo*. Por mais que se remonte, á força de estudo, até ás primeiras origens desta poesia de raça, não se conseguirá descubrir nella, como na poesia dos Hindous, dos Scandinavos e dos Gregos, o caracter sacerdotal. Estranha a toda a especie de mysticismo, conserva-se constantemente ou politica ou domestica. Todas as nações slavas cantam os seus heroes, as suas glorias e desgraças terrestres; mas preoccupam-se pouco do mundo invisivel. A religião dos primitivos Slavos limitava-se aos sacrificios nos cespedes ou *Kourgans* funeraes dos seus chefes mortos pela patria; o seu paraizo não se elevava acima das nuvens dos montes Karpathos; era lá que pairavam os manes dos seus antepassados, em constante relação com a sua posteridade. É lá, que ainda hoje vagueam errantes as sombras do *Kralievitj* [2] Marko, de Skanderbeg, do erimita Sava, do beato Lazaro de Kossovo. Na Russia, Vladimiro e Olga são tidos pelos genios da steppe; Sancto Alexandre Nevski vive deitado no seu caixão de Petersbourg, e Pedro Grande véla sempre, no meio dos nevoeiros, pela sua creação do Neva.

1 Izvostchik, especie de postilhão.
2 Filho de *Krals*.

Não insistiremos mais sôbre estas provas do instincto natural dos Slavos, taes como nol-as offerece o *gouslo*. O que pertendiamos mostrar por meio d'alguns exemplos, é o laço estreito que liga a poesia popular dos Slavos com as suas tendencias nacionaes. Parece-nos que é este o meio mais facil de explicar como a influencia desta poesia passou do dominio da vida domestica para o da litteratura dos sabios Resta-nos agora indicar a última causa do prestigio que exerce o *gouslo*: a saber, a sua intima união com a musica.

Continua.

INSTRUCÇÃO PUBLICA NA SUECIA E NORUEGA.

Continuado de pag. 16.

III.

ESCHOLAS DO DOMINGO.

Viu-se já como estavam organisadas em Stockholmo as escholas do domingo. São 20 o numero d'ellas, ha 24 mestres ordinarios, e o termo medio dos alumnos é 750. As escholas da *classe media*, e as da *Sociedade das artes e officios* devem considerar-se tambem como escholas da tarde; porque além do domingo, estão abertas de tarde certos dias da semana, peio que de vez em tempo carecem de mestres supplementares.

As materias do ensino nas escholas de *catechismo* teem por fim principal o estudo da religião; nas de *soletração*, a leitura; nas da *classe media* e *dos officios*, a escripta e o calculo; finalmente nas escholas da *Sociedade das artes e officios*, os estudos technologicos.

Tanto na Suecia como na Noruega as escholas do domingo teem tido impugnadores. Pertendeu-se que a maior parte d'ellas, não differindo das escholas primarias propriamente ditas, podiam sem inconveniente supprimir-se. Alguns espiritos serios e practicos encarregaram-se todavia da defeza da instituição combatida, e pelos seus argumentos, que referiremos, melhor poderá apreciar-se o complexo do systema.

O estatuto real de 18 de junho de 1842 sobre a instrucção primaria, tomando em consideração a impossibilidade que muitos meninos tinham de seguir um curso completo de estudos escholares, obrigou-os sómente ao *minimo* d'instrucção, que se reduz aos seguintes pontos:

1.° Leitura corrente da lingua materna;

2.° Conhecimento da doutrina christã e da historia biblica, no gráo necessario para seguir as lições do catechismo da primeira communhão;

3.° Canto da egreja;

4.° Escripta;

5.° Arithmetica até ás fracções exclusivamente.

Com effeito, se das escholas primarias os meninos sahissem com este *minimo* d'instrucção, de que serviriam as escholas de catechismo bem como as da classe media e dos officios? Mas a experiencia mostra que, nem sequer um terço dos meninos que frequentam as escholas primarias, obtem o *minimo* official.

Attribuir semelhante resultado a vicio na organisação d'estas escholas, seria injustiça. E a próva está em que os meninos que seguiram regularmente os cursos, satisfazem a todos os artigos do seu programma. Se alguns são inferiores, é porque tendo-se matriculado, com tudo raras vezes compareciam nas aulas. Uns foram sómente cinco semanas, e outros durante um periodo escholar apenas alguns dias. A verdadeira causa está na pobreza e miseria das familias que carecem do trabalho dos meninos, ainda em tenra edade. Em Stockholmo ha só duas escholas que obviam este inconveniente: a de S. Jacques e S. João, e a de S. Philippe; porque independentemente da instrucção, dão tambem a seus alumnos sustento e vestido; mas está bem de vêr que taes estabelecimentos não pódem multiplicar-se em grande escála.

Assim que, bem longe de sêr inutil a instituição das escholas do domingo, pelo contrario são para as escholas primarias como auxiliar indispensavel, ou supplemento natural. Ainda mesmo aos que menos aproveitaram nos cursos elementares, são de grande vantagem. É tão facil deixar esquecer na casa dos paes, ou nas officinas, o que os meninos teem aprendido, que as escholas do domingo tornam-se necessarias até para conservar e fortalecer n'elles os conhecimentos adquiridos. Além d'isso, qual seria o meio de reparar a falta d'instrucção nos adultos e nas pessoas d'edade madura, que ou por negligencia, ou pela fatalidade de sua posição, a não receberam na infancia? E observe-se que até aqui consideramos as escholas do domingo quanto ao *minimo* official; porque se attendermos ao fim mais completo e serio, a que se propoêm elevar este ramo da instrucção, mais evidente será a sua utilidade.

Outra questão contra as escholas do domingo, é á cêrca da sua organisação. Diz-se que do modo por que estão organisadas em Stockholmo, não differem umas das outras, e por isso podem considerar-se sem fim especial, e até serem indifferentemente frequentadas por qualquer especie d'alumnos.

Uma tal apprehensão deixa d'existir a respeito das escholas de catechismo e de soletração. Posto que a doutrina christã e a leitura, entrem no programma de todas as outras escholas, não formam todavia especialidade exclusiva; são apenas accessorio ou instrumento. O estudante admittido aos estudos superiores deve necessariamente saber lêr

e conhecer os primeiros elementos da religião.

A questão torna-se mais delicada entre as escholas dos officios e as da classe media. E na verdade parece que umas e outras tendem para o mesmo fim; e de tal sorte o publico de Stockholmo tem-se preoccupado que, cada dia está tirando os meninos das primeiras para os mandar ás segundas. É um erro. Ainda que as escholas dos officios se propoëm como as da classe media a formar bons artistas, os meios que empregam para o conseguir não são identicos. As escholas dos officios são para as da classe media o mesmo que os rudimentos a respeito da sciencia, e a iniciação para o aperfeiçoamento. A consideral-as no todo, póde dizer-se que é um estabelecimento unico em dous gráos. Assim como é necessario passar pelo gráo inferior antes de subir ao gráo superior, assim tambem nos actos dos fundadores das escholas sobresahe bem claramente esta necessidade, por quanto assignaram sete horas d'estudo por semana ás escholas da classe media, e tres somente ás dos officios.

O antagonismo das escholas da *Sociedade das artes e officios* com as da classe media ainda é mais especioso. Todavia os habitantes de Stockholmo não teem cedido á apparencia, de sorte que o contingente respectivo nas duas escholas tem sido, como devia ser, superior nas da classe media. Entre a eschola da *Sociedade das artes e officios*, e a eschola da classe media, as relações são as mesmas que entre a ultima e a eschola dos officios: uma é o desinvolvimento, o aperfeiçoamento da outra. Entra-se na eschola da classe media para adquirir conhecimentos de redacção e de contabilidade que exigem as profissões industriaes, depois passa-se á eschola da *Sociedade das artes e officios* para fazer applicação technica d'estes conhecimentos. O menino ou adulto que sahe da eschola da classe media está habilitado para vir a ser um bom artista, ou habil industrial; mas já o deve ser quando sahe da eschola da *Sociedade das artes e officios*.

Cada eschola do domingo tem por tanto seu fim especial, e funcção independente; nenhuma rivalidade existe entre ellas, nem é de recear que a prosperidade d'uma promova a decadencia ou extincção d'outra; mas por mais isolada que seja a sua esphera d'acção respectiva, ha um laço que as une instinctivamente, e que de certo modo as submette á lei d'uma solariedade commum. Donde resulta para os fundadores a obrigação de as não separar em seu zêlo, mas antes apertal-as cada vez mais n'uma estreita jerarchia, e sem diminuir a força particular de cada uma, fazel-as convergir todas systematicamente para o fim principal.

Para melhor fazer sentir esta necessidade, diz Walander [1], e para esclarecer ao mesmo tempo a questão, convém estudar, como termo de comparação, as escholas do domingo em todos os paizes da Europa, onde sua organisação offerece as melhores condições. Por este motivo escolhe as de Munich: e com effeito as escholas do domingo em toda a Allemanha são as que mais se distinguem pela excellencia de seus resultados.

Wallander apresenta um bosquejo geral do systema d'escholas practicas ou technologicas estabelecidas na Baviera, comprehendendo tanto as escholas quotidianas como as do domingo.

Desde os ultimos annos que em toda a Allemanha este genero d'escholas teve immenso desinvolvimento. Tal devia ser o effeito das tendencias progressivas d'este paiz para a vida practica. Na Baviera, o estabelecimento das escholas technologicas data propriamente de 1833, epocha em que o rei reorganisou n'este sentido quasi todo o systema d'instrucção publica de seus estados.

O systema d'instrucção publica da Baviera, considerado no todo, parte-se em duas grandes divisões, a saber: 1.° divisão scientifica, subdividida em duas secções, classica, e technologica superior; 2.° divisão popular, ou secção technologica inferior. O estudo da lingua latina é obrigatorio para todos os que seguem os cursos da divisão scientifica.

A secção technologica inferior é a que tem relação com o nosso objecto, pelo que nos occuparemos especialmente d'ella.

A ordenança real de 16 de fevereiro de 1833, une a esta secção tres generos de estabelecimentos: lyceu, gymnasio, eschola.

O lyceu, verdadeiro instituto polytechnico, é o ponto culminante de toda a instrucção technologica popular.

Segue-se o gymnasio, que fórma industriaes e agricultores; n'elle ha tres escholas do domingo, sendo uma dellas d'instrucção primaria.

A eschola finalmente, prepara para o gymnasio, e occupa-se tanto dos elementos de technologia, como dos principios d'instrucção popular.

Além da universidade technologica, isto é, da eschola superior para a instrucção technico-scientifica, cuja séde é em Munich, tem a Baviera tres escholas polytechnicas estabelecidas em Munich, Augsburgo, e Nuremberg, vinte e seis gymnasios technologicos, e grande numero de escholas do mesmo genero diffundidas por todas as localidades do paiz.

O alumno é admittido na eschola desde a edade de seis annos, e continúa até á edade de doze ou treze annos. Passa depois, se quer proseguir em seus estudos, ou para o gymnasio industrial, ou para o agricola. Se escolhe o ultimo, a sua educação termina desde que seguiu todos os cursos; se preferiu o primeiro, póde ainda depois frequentar a eschola polytechnica. No caso de sahir da eschola para tomar um estado que lhe faça

[1] Om Stockholms stads Sôndagsskolor, 1851.

interromper seus estudos, será obrigado a frequentar alguma eschola do domingo.

Este rapido esboço mostra dè que modo a instrucção technologica da Baviera está organisada; mas para formar ideia inteiramente completa, cumpre examinar qual é o programma d'estudos em vigor nas escholas do domingo pertencentes aos gymnasios, isto é, nas escholas que correspondem ás dos officios, da classe media, ou da *Sociedade das artes e officios* de Stockholmo.

Desde 1793 que na Baviera existem escholas do domingo; mas em 1833 foram, como se observou, reorganisadas e ligadas ao systema geral da instrucção publica do reino. As materias que fazem objecto do ensino, segundo o programma publicado em 1837, e em pleno vigor, são as seguintes [1]:

1.° *Religião* — Doutrina christã. Historia resumida da religião da egreja. Moral e curso abbreviado de jurisprudencia, comprehendendo as questões de direito que mais frequentes vezes se apresentam na vida civil.

2.° *Mathematicas.* — Algebra até ás equações do segundo gráo inclusivamente. Geometria. Geometria descriptiva.

3.° *Historia natural.* — Botanica. Zoologia. Physica. Technologia chimica. Technologia mechanica. Estudo de mercadorias, isto é, das materias mineraes, vegetaes e animaes, como artigos de commercio.

O ensino d'estes diversos ramos deve ser puramente popular; não é permittido aos mestres tratar as questões theoricas senão as que forem absolutamente indispensaveis para intelligencia das questões practicas; pois que o fim das escholas technologicas do domingo não é fazer sabios, porém homens de applicação illustrada, e de trabalho util.

4.° *Sciencia das machinas.* — Rodas. Parafuso. Emprego das cadeias, cabres, ferrolhos, etc. Hydrodynamica e machinas de vapor.

5.° *Mechanica practica.* — Emprego das diversas ferramentas ou instrumentos mechanicos. Fabricação de modelos dos instrumentos de physica, d'optica e de mathematicas.

6.° *Artes ceramicas.* — Moldar em cera ou n'outras materias ornamentos, baixos-relevos, bustos, capiteis, candelabros, vasos, etc., tudo segundo os trabalhos dos melhores mestres.

7.° *Desenho.* — Desenho d'ornato. Architectura. Machinas.

8.° *Estudos practicos.* — Calligraphia. Orthographia. Formulas de commercio. Contabilidade. Systemas monetarios. Historia e geographia, consideradas com relação á industria e aos productos naturaes.

Taes são as materias da instrucção nas escholas do domingo da Baviera. É de advertir que cada eschola particular não comprehende todas estas materias ao mesmo tempo; são distribuidas por muitas escholas, de sorte que o seu ensino tem logar simultaneamente em sallas separadas, ou nas mesmas sallas em horas differentes. Todos estes estabelecimentos porém, sejam quaes forem as suas condições d'exercicio, estão ligados estreitamente, formando um systema d'escholas donde dimana a mais perfeita unidade d'ensino.

Comparando as escholas bavaras com as de Stockholmo, resulta nova prova da utilidade, ou antes necessidade de cada uma das ultimas, e sobresahe egualmente um modelo magnifico pelo qual a *Sociedade das artes e officios*, bem como as escholas da classe media e as dos officios, não teriam mais do que regular-se para estabelecer com toda a perfeição essa unidade systematica que sómente póde á sua acção assegurar efficaz effeito.

Por fim Wallander faz longas considerações á cèrca das reformas que ainda são necessarias nas escholas do seu paiz para chegarem a maior gráo de perfeição, e propõe os meios para o conseguir, e que em geral consistem em centralisar a administração de todas as escholas do domingo, e reorganisar o programma das doutrinas debaixo de novo plano, intervindo para se realizarem as reformas propostas o governo, por cujo concurso, que effectivamente teve logar, as escholas do domingo na Suecia dentro em pouco egualarão as da Baviera.

[1] Programm. über die verschie de nen Unterrichts-Gegens ständ der Handlw. und Feiertagsschule in München, 1837.

CONCORRENCIA.

Continuado de pag. 57.

Mas, voltando ao objecto de que nos occupamos, vemos que na ordem economica o *facto* da especie humana não ter á sua disposição um fundo de riquezas inesgotavel, creou, em começo, a concorrencia, e depois a accumulação das forças, a fim de fazerem convergir sempre para o interesse commum todos os resultados da actividade, pela vantagem reconhecida dessa reciprocidade. A concorrencia pois tem a sua origem na insufficiencia dos bens, a que se aspira, e no desejo, bem natural, que cada um tem de obter a melhor parte. « Nascida com os homens, ella viverá em quanto estes não tiverem achado o meio de multiplicar infinitamente todos os objectos dos seus desejos. » diz Ch. Coquelin.

Que a base ou origem da concorrencia seja a que assigna este estimavel economista, não o duvidamos; que ella porém, tal qual hoje se apresenta, haja de ser a sorte permanente da sociedade, não o acreditamos. Em nosso entender, a concorrencia é um elemento de transição entre o systema de privilegio, e o

da livre e geral associação a que a concorrencia ha de conduzir. Com esta idêa não queremos proclamar a anniquilação da concorrencia; é ella a lei superior da ordem economica, lei que sempre a ha de acompanhar; queremos sim dizer, que a concorrencia tende a manifestar-se debaixo d'uma outra face: a sua essencia porém é a mesma.

Se a lei das necessidades é uma lei necessaria, a lei dos meios de as satisfazer deve sel-o egualmente. Tal é a lei suprema que subordina toda a esphera economica: desenvolvamol-a. O principio das necessidades e dos meios de as satisfazer, é o principio supremo de todas as sciencias practicas, e ainda theoricas; aquellas satisfazendo as necessidades da vida practica; estas as da vida intellectual, se assim póde dizer-se. Analysal-a-hemos unicamente na esphera economica, notando todavia a ligação que aqui mesmo tem a sciencia economica com todas as sciencias filhas da razão practica, até mesmo pela identidade da lei que é chamada a realisar. As necessidades, ou reaes ou ficticias, quando são apreciadas nas suas manifestações, revestem ambas um mesmo caracter; isto é, são todas determinadas pela natureza humana na qual se contém real ou eminentemente. Se nos elevamos a toda altura dos principios, ahi reconhecemos que toda a sciencia economica se refere á esphera das necessidades humanas, pela parte em que dizem respeito ás exigencias economicas, e aos meios egualmente economicos de as satisfazer.

O homem carece de meios de desenvolvimento: eis o typo por onde se hão de aferir todas as sciencias, filhas da razão practica; a natureza porém desses meios determina a natureza da sciencia, á qual incumbe realisal-os. Nesta esphera a somma effectiva das necessidades deve, em regra, determinar a somma dos meios, que teem de ser empregados; e entendemos por somma effectiva de necessidades, aquella que resta depois de apreciadas as condições que as embaraçam ou modificam, porque só depois de um tal processo de subtracção é que ellas se apresentam no fôro externo exigindo satisfação.

¿Qual é porém o principio que determina o numero e grau das necessidades? Nenhum outro, por certo, senão a natureza humana em todos os seus modos de exigir realisação: a natureza humana pois é o principio supremo, é a lei pela qual devem, e só podem ser marcadas as necessidades humanas em seu numero e intensidade. Relativamente aos meios, e por consequencia á acção economica, a lei deve ser a mesma; se só a natureza provoca as necessidades, só ella póde determinar a quantidade e qualidade dos meios; só pois a natureza humana é a lei suprema na esphera economica. Não basta que todos os empregos da industria estejam occupados sem solução de continuidade, e sem lacunas; é mister além disso que elles sejam empregados na medida conveniente, isto é, que o numero dos homens, que os preenchem, e a somma das forças ou dos capitaes que lhes são consagrados, sejam sempre proporcionados á extensão real dos trabalhos que devem fazer-se. ¿Quem será porém capaz de fornecer esta justa medida? Se a natureza, isto é, se a evolução livre do homem e da sociedade, na escala social, determinam o numero e intensidade das necessidades[1], o numero e intensidade dos meios acha-se por ahi, e só por ahi determinado. Mas se as necessidades são um resultado da evolução da actividade livre do homem, na determinação das condições elle não póde apartar-se desse caminho, sob pena de faltar-lhe a proporcionalidade: o elemento da liberdade é pois uma condicção indispensavel nesse processo, em que são determinados os meios, o seu numero e intensidade. Se esta deducção porém é logica, tambem o é a sua consequencia, e por isso a *livre concorrencia* apparece desde logo como expressão practica ou realisada desse principio subjectivo.

Effectivamente supponhamos a hypothese opposta, em que a um poder social incumba determinar essa ordem de meios em quantidade e qualidade. Se os meios são provocados pelas necessidades, e devem ser-lhes proporcionaes, para sustentar a harmonia economica seria mister, ou que esse poder social podesse determinar, ou crear as necessidades; ou que ao menos podesse prompta e rapidamente aprecial-as, e apreciar egualmente e pela mesma fórma os meios de as satisfazer, para que determinando-as assim, mantivesse o equilibrio e harmonia, em que deve basear a sociedade. Cicero dizia que os estados das causas eram infinitos, — *infinitam silvam*; nós poderemos dizer o mesmo relativamente ás necessidades. Com effeito, pertender que o poder social determine as necessidades, é uma aberração tão saliente do senso commum, que não nos cansaremos em refutar um tal systema.

Mas nem sequer concedemos a esse poder a prompta e exacta apreciação das necessidades individuaes, e por isso dos meios proximos de lhes occorrer. Esse inventario, por assim nos explicarmos, das necessidades humanas em todas as suas escalas e variadas combinações, seria o inventario das forças todas da humanidade. ¿Que força artificial ha ahi que as possa apreciar a todas com exactidão? Haveria pois uma impossibilidade absoluta, insuperavel, para que um tal poder social podesse funccionar.

1 Ainda as mesmas necessidades naturaes, para terem representação na esphera economica, carecem da manifestação e acção livre dos homens; e por consequencia, quando podem ser chamadas verdadeiramente economicas, são sempre essencialmente dependentes da liberdade, porque é quando se referem á acção de lhes procurar realisação.

Só a natureza pois, que determina as necessidades, póde determinar o numero e qualidade dos meios de as satisfazer. O facto da *offerta* e do *pedido*, manifesta os resultados practicos dessa mysteriosa acção social. A mesma acção que determinar as necessidades provoca os meios: esta acção é a acção da natureza toda, é a acção da liberdade, e por isso, em phrase economica, a *concorrencia*. Originariamente é o pedido o que determina a offerta; esta depois influe no pedido, mas a ordem natural é a que indicámos. O homem, sentindo necessidades, provoca a sua satisfação, —*pedido:* os outros homens, reconhecendo este chamamento, concorrem offerecendo os meios que possuem capazes de satisfazerem essa ordem de necessidades, —*offerta*. Elevemos este processo a toda a altura da theoria, e teremos a concorrencia. Eis-aqui a base da concorrencia, tanto *individual* como *social*, aquella, em que se dá uma especie de combate entre individuo e individuo, ha de provocar esta, como meio mais proficuo de satisfazer as exigencias individuaes, fazendo-lhes perder esse caracter todo *accidental* de guerra, que mostraremos não ser *essencial* á concorrencia.

No seio de uma vasta associação economica para os socios internamente não ha guerra; todavia essa associação, pelo facto de não ser forçada, conserva em si o elemento da liberdade: é elle o seu motor. É então mesmo que a liberdade encontra o seu triumpho verdadeiro, desprendendo-se de toda a força extranha que a limitasse. Generalize-se esta idêa a toda a esphera social, constituam todos os ramos sociaes vastas associações, diversificando só pelas localidades, mas intimamente ligadas pelos interesses, e essa generalisação será a solução do grande problema social. Mas a concorrencia é a liberdade; consequentemente a concorrencia, como hoje a concebemos, perde tanto do caracter de *verdadeira concorrencia*, e por isso de *liberdade*, quanta é a acção coercitiva dessa liberdade, isto é, em proporção com a intensidade da acção, que limita ou restringe a liberdade; o reinado pois da concorrencia ainda não está chegado: o que existe é um imperfeito preparo.

Nesta acção da liberdade, que produz, ou tem como effeito a concorrencia, manifesta-se esta como o maior estimulo da actividade geral. Não podemos todavia negar que pela concorrencia individual, isto é, fóra d'um estado compacto de associação livre, ao passo que muitas vezes é exaltada a actividade, outras, pela natureza da acção da concorrencia, essa actividade, é extincta ou neutralisada. ¿Como poderá o pequeno industrial, por mais habil que seja, concorrer com um grande capitalista, que na mesma localidade, e na mesma industria, pela força dos capitaes de que dispõe, centralisa esse ramo de industria, reduz o empresario inferior á dura condição de ou ir engrossar a empresa do capitalista, na qualidade de operario, ou ter de mudar de empresa? Aqui evidentemente a concorrencia produz um effeito contrario ao que naturalmente se lhe nota. Esse facto reproduzido conduz a uma diminuição do emprego da actividade, porque onde cessa a liberdade, ou é reprimida, os seus effeitos o são tambem.

Já assim não succede no regimento da associação livre; ahi, sem predominio de forças sobre forças, a actividade do homem ha de manifestar-se em toda a sua extensão, por isso que obra com toda a sua liberdade: consequentemente o reinado da concorrencia não é o regimen economico actual, pois que nelle a actividade não se desenvolve sempre livremente, e por isso com toda a sua inergia. O estado actual pois é uma transição para o estabelecimento da *verdadeira e livre concorrencia* das forças humanas, desembaraçadas de qualquer coacção ou embaraço exterior proveniente da vontade do homem. Só a associação livre satisfaz esta exigencia.

¿Se a concorrencia de hoje tende a destruir por toda a parte o monopolio; se esse facto é essencial á concorrencia, qual será o motivo por que delle não havemos de tirar as ultimas consequencias? Se a concorrencia faz guerra aos monopolios legalisados com o capital, com este mesmo ella a deverá fazer aos monopolios do capital, porque os capitaes mais diminutos, não podendo a sós concorrer, procurarão na associação a poderosa alavanca com que possam destruir essas desegualdades, que os opprimem. Se o *trabalho, comprehendendo o seu poder*, se apresentar em frente do capital (trabalho accumulado), de qual será a victoria? Não duvidamos affirmar que o capital, sob pena de ficar improductivo, terá de abrir suas portas ao operario, e reconhecendo nelle um capitalista, associar-se para procurarem conjuntamente o seu engrandecimento, em vez da sua destruição, a paz em vez da guerra.

Continúa. J. B. DA S. F. DE C. MARTENS.

ORIGEM DOS NOMES DE MAR *VERMELHO*, MAR *AMARELLO*, MAR *BRANCO*, ETC.

A existencia de certos phenomenos locaes, como algas microscopicas rubras ou amarellas, de que por vezes se tem occupado a academia de França, não é segundo Paravey a causa porque os mares diversos teem sido denominados por essas côres ou por outras.

Ignora-se que no Mediterraneo, chamado mar *Branco* no Oriente, tenham apparecido algas brancas; não se tem encontrado algas negras no Ponto-Euxino, donde recebesse o nome antigo de mar *Negro*. O *golpho Persico* chama-se mar *Verde* entre os Orientaes, e o

Oceano, a éste da China, tem egualmente o nome de mar *Verde (Tsing-Hay)*; n'elle não teem sido achadas algas microscopicas coloradas de verde.

O calendario *Yue-ling* composto no tempo d'Alexandre, e conservado na China, calendario combinado em Assyria, paiz central, e não na China, designa: o *norte*, de *negro;* o *éste*, pela côr *verde;* o *sul*, *pela rubra;* o *oéste*, de *branco;* e o *centro* pela côr *amarella* ou *alaranjada*.

E ainda hoje as cidades orientadas do reino de *Tong-king* teem as portas do norte pintadas de negro; a éste, de verde; do sul, de vermelho; a oéste, de branco; em quanto o palacio central do soberano é, como tambem na China, coberto de telhas esmaltadas e amarellas. Tal systema mnemonico existe desde a mais remota antiguidade na Asia, e entre os antigos Arabes e Chaldeos.

Supponha-se estar junto de *Palmyra*, como centro, e na Syria, paiz central e *amarello*, sentido essencial do nome de *Syria*, e que fez chamar o Jaxarte, *Sir-Daria* ou rio Amarello, entre nós côr de cêra; ao *norte* fica o Ponto-Euxino, d'ahi nomeado mar *Negro;* ao *sul* o golpho Arabico, donde vem dizer-se *Vermelho;* a *éste* o golpho da Persia, chamado mar *Verde* entre os Orientaes; a *oéste* o Mediterraneo, denominado mar *Branco (ac Thalassa)* pelos Orientaes.

O systema antigo da civilisação hieroglyphica da Assyria e da Syria, é seguido aqui do mesmo modo que o foi depois na China, quando os livros da Babylonia e do Egypto para alli foram levados para serem felizmente conservados, mas ainda não comprehendidos.

Todavia os *Scythas* que muito antes de nós sabiam que os montes Pamer eram o ponto culminante do globo, applicaram os mencionados nomes dos quatro pequenos mares aos quatro Oceanos limites da Asia, onde habitavam.

O Oceano *Glacial* foi chamado mar *Tenebroso* ou *Negro;* o Oceano ao sul dos montes Pamer e dos Indos, foi nomeado mar *Erythreo* ou *Vermelho*, porque recebeu tambem o nome d'um rei que ahi dominou, e que citam os livros conservados na China: o *Mediterraneo*, a oéste, conservou o nome de mar *Branco;* e o nome de mar *Verde*, do golpho Persico, deu-se como fica dito ao Oceano que banha a China a éste, mar *Tsing-Hay*.

O mar *Caspio* e central, onde desagua o rio Amarello, *Sir-Daria* ou *Jaxarte*, era pois o verdadeiro mar *Amarello*, por isso que banha a *Media*, ou o paiz do *Meio;* e se o golpho de *Peking* tem sido chamado mar *Amarello*, foi pelas mesmas causas de orgulho que depois d'Alexandre fizeram com que a China por muito tempo barbara, se chamasse *Imperio do Meio*.

Finalmente como prova d'antigas migrações d'Asia para America, Paravey mostra a semelhança de duas palavras que significam planta, uma em Guarani, e a outra em Cochinchinez.

P. OVIDIO NAZÃO:

Dos Tristes — Livro 5.°: *Elegia* 14.

ARGUMENTO.

É esta elegia, a última dos cinco livros dos tristes, dirigida por Ovidio a sua esposa, na qual lhe promette uma gloria immortal, e accrescenta que muitas haverá, que embora a tenham por miseravel, hão-de assim mesmo invejar-lhe a sorte, e julgal-a feliz. Diz-lhe mais, que não poderia dar-lhe um bem maior do que immortalisal-a nos seus escriptos; e sendo assim, exhorta-a a que lhe permaneça sempre fiel, a fim de que por ninguem possa jámais ser accusada: e prova-lhe com grande numero de exemplos de igual fidelidade de differentes esposas para com seus maridos, que a memoria destas nunca em tempo algum deixou de ser celebrada.

Quanta os meus versos nomeada possam
Dar-te, ó consorte, para mim mais chara,
Do que a mim mesmo o sou, bem vês, bem sabes,
Embora ao seu auctor roube a fortuna
Quanto bem lhe aprouver; tu sempre illustre,
Do meu engenho viverás nas obras;
E, em quanto eu lido fôr, a fama tua
Igualmente será lida comigo.
Nem toda poderás da triste pyra
Nos ares desfazer-te e evaporar-te.
Do marido infeliz possas embora,
Parecer com o infortunio miseranda,
Algumas acharás, que ser quizessem
O mesmo que tu és; e que ditosa,
Te julguem e te invejem dos meus males,
O ser, bem como tu, participantes:
Nem, se riquezas muitas eu te desse,
Muito mais te daria: (á muda styge
Nada leva d'um rico a vacua sombra).
— Dei-te de um nome perennal o fructo;
A dadiva tens pois maior, que eu pude
Offertar-te: accrescenta-lhe o quilate,
Da honra não exigua, que te enfeita,
Da unica seres defensora minha.
De emudecida nunca em teus louvores,
Andar a minha voz; e um nobre orgulho
Deves sentir, ao ver que o teu consorte
Sabe ao justo estimar tuas virtudes:
Trabalho por fazer, que temerarios
De ti ninguem formar juizos possa,
E conjugal tambem fidelidade,
Conserva ao esposo teu misero ausente:
Pois sem torpeza conjugal viveste,
Irreprehensivel na bondade e fama,
Em quanto nos unio a sorte em Roma,
E a fama propria minha á tua agora
Desbarate causou; com mais conspicuas
Obras tua virtude se assignale.
— Facil cousa é ser boa, quando ao longe
A causa existe, que o contrario veda;
Nem a casada tem nada que lhe obste,
A que aos deveres seus dê cumprimento;
Mas, quando sobre o esposo o céo fulmina,
Aquella, que á borrasca não se evade
Dá do amor conjugal eximias provas:
Sim é rara a virtude, que a fortuna
Com soberano imperio não governa;

Porém, quando esta foge, a que em seu posto
Estavel se mantem, (se alguma existe)
Do seu porte em si mesma a paga encontra,
E nos trances extrenua se apresenta.
— Qualquer o tempo seja, que ennumeres,
Nenhum calará seculo o teu nome,
Todos te admirarão, logares quantos
Do orbe os caminhos abrem, patenteam:
Não vês com após inda extensa idade
De Penelope a fé louvada existe?
Como d'ella perenne o nome dura?
D'Heitor, d'Admeto como são contadas
Hoje ainda as espozas, e a memoria
Da filha de Iphis vive, porque ousára
Sobre a accessa fogueira arremessar-se?
Como na fama existe a Philagêa
Consorte, cujo esposo o chão troiano
Com seus ligeiros pés calcou primeiro?
— Não precisas por mim morrer, só basta
O mostrar-te fiel e terna amante,
Sem buscar fama por difficeis artes:
Nem julgar deves, porque assim não obras,
Que estas admoestações eu te dirijo;
Desfraldo as vellas, posto que o navio,
Só dos remos levado, as ondas corta:
Quem te admoesta e exhorta a que pratiques
O mesmo que já fazes, quando admoesta
Tambem ao mesmo tempo as obras tuas
Com a sua exhortação louva, e approva.

F. DE CARVALHO.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546)

Continuado de pag. 35

Tãobem lhe tomamos mais todalas monições de seu campo, e aos Lascarins concedi o saco da cidade. Da minha gente morrerão obra de sessenta homẽs, e ficarião feridos trezentos. Os mais destes mortos e feridos forão ao sair da fortaleza, e trepar das muralhas, que sobimos sem escadas, nem outro estormento de guerra, salvo ajudando huns a outros. Para o que nos deu grande alivio Nicoláo Gonçalves, o qual com a armada das fustas, que lhe deixei, arremeteo a praya do baluarte de Diogo Lopes em amanhecendo com grande estrom de trombetas, e atabales, que era o tempo, que eu saía da fortaleza, desparando toda a artelharia dos navios. E no de mais se deo a tão boa manha, mostrando que dezembarquava, e fazendo cheguar as fustas á praya, que teve sospenso muito tempo hũ capitão, que com muita gente estava em deffensão della, para registir a sayda por aquella parte. O qual capitão nunqua acabou de conhecer a cylada, senão depois que tinhamos avido grão parte da victoria: de maneira que foi grande ajuda, e mui importante a deste ardil; como quer que constrangeo aos mouros a tirar de sobre a fortaleza muita parte de sua artelharia, e gente, pera a pôr em defensão desta praya. O numero da gente, que estava sobre a fortaleza era sessenta mil homẽs; a saber, Rumes, Arabios, Abexins, Reisbutros vinte mil: e de Guzarates corenta mil. Esta victoria assim como foi a maior, que se vio em todo o Oriente, assĩ he bem, que v. a. a festeje; e saiba, que se não podia alcansar sem muitos, e evidentes millagres, como todos tem por couza mui averiguada, e os mouros o afirmão, verem sobre a igreja hũa molher muito resplandecente, que os ceguava, e não deixava ter o rosto direito aos christãos. Polo que he necessario, que v. a. mande fazer muitas porcições, e dar muitas graças a nosso Senhor; pois lhe fez tamanha merçê: que a dez de novembro, vespora de São Martinho lhe deo de novo toda a India, e hũa tamanha victoria com obra de dous mil homẽs, que pera todo sempre ficaraa della memoria nestas partes. E tãobem fazerme mercê da minha joia, como sempre foi costume dos reis e principes, quando algũu seu capitão vence batalha, ou toma cidade, o que eu tudo fiz em hũ soo dia com ajuda de nosso Senhor. Mas porque pode ser, que v. a. ma faça dalgũa cousa impropria a minha condição, e maneira de vida, lha quero nomear, e pedir, e he, que me faça mercê de hũ castanhal, que tem na serra de Cintra, onde chamão a fonte delrei, que estaa a par da minha quinta; para que, tendo os meus moços que comer no meu, não vão destruir, e fazer damno no alheio. O castanhal poderaa valer de compra dez ou doze mil reis; mas para mĩ serão muitos mil cruzados.

Hos homẽs nobres, e fidalgos, que nesta batalha morrerão são os seguintes: dom João Manoel, filho de dom Bernaldo Manoel, o qual foi hũ dos primeiros homẽs, que cheguarão ás muralhas: ferido de hũa espinguardada, e tendo hũa mão em sima pera sobir, lha cortárão, e com a outra tornou a ferrar do muro: e comessou de sobir, sem embargo de lhe darem muitas feridas, e sobindo em sima desparou nelle hũa peça dartelharia, que o matou logo. Morreo mais Jorge de Sousa, filho dAnrrique de Sousa, que tãobem foi dos primeiros ao sobir dos muros, e o matarão nessa demanda como valente cavaleiro. Faleceo tambem Francisco dAzevedo na dianteira, de hũa espinguardada que lhe deu, e Cosmo de Paiva, alem das muralhas, e Jam Falcão como valente homẽ que era. Morreo mais Vasco Fernandes, capitão dos pyões de Goa, e Julião Fernandes, Duarte Rodrigues Mousinho, Lucas dAbreu, Balthezar Jorge, Ayres Gomes de Quadros. Os feridos forão: Manoel de Souza de Sepulveda, o qual, ao passar das muralhas, lhe derão com hũ canto na cabeça, e outro no rosto, de que o desatinárão; mas tornando em si; tornou a emtrar na batalha. Tãobem foi ferido Jorge de Mendonça, Miguel da Cunha, Pero Lopes de Souza, Jam Figueira, dom João dAbranches, filho de dom Antão, Garcia Rodrigues de Tavora, filho de Christovão de Tavora, Manoel Telles, Alvaro da Gama, filho de Antonio de Sequei-

ra, Lopo Botelho, filho de Jam Guago, Luis dAlmeida, que steve em hũa caravella na bataria, Simão Botelho, veador da Fazenda, e Tristão de Paiva·

Ho serviço, que este dia fiserão os fidalgos a v. a., e quão bem pelejarão todos, e quão bem me acompanharão sempre em toda a jornada com grandes gastos de suas fazendas he couza para nunqua se acabar de diser: a saber, Gracia de Saa, dom Manoel de Lima, dom Manoel da Silveira, Manoel de Souza de Sepulveda, Francisco da Cunha, Paio Rodrigues d'Araujo, capitão, que foi, de Cochim, Jorge Cabral, o qual, tendo sua molher em Gôa, nunqua se quis ir té se acabarem as obras, e trabalhos de Dio: Dyegalvares Telles, Jam Juzarte, Antonio de Saa, dom João Lobo, dom Alvaro de Crasto, dom Roque Tello, com os quaes me aconselhava sempre em todalas couzas, que avia de fazer; por nelles aver muito sizo, e cavalaria, e grandes dezejos de em tudo servirem v. a. E assĩ fui tambem mui ajudado, e guardado de Francisco de Almeida, Manoel Sodree, dom Jorge de Saa, Heronimo de Souza, Fernão Peres d'Andrade, Jam de Magalhaes. Polo que todos merecem a v. a. fazer-lhes muita honrra; e mercê. Pois os leterados não comerão seus ordenados muito ociosos; por que o secretario veio em hũa fusta, o ouvidor geral em outra com muitos homẽs, e armas, os quaes na batalha se ouverão mais como valentes cavaleiros que como leterados mui sesudos que elles são. As finezas, que fizerão os cazados de Goa e Chaul nunca se lerão de Romanos; porque ás suas custas, e com muitos homẽs vierão servir v. a. e não contentes com isto, me oferecião dinheiro pera as couzas de seu serviço. Em todo o tempo, que durou o cerco derão de comer a muita gente, e vigiárão a fortaleza, pelejando em todolos combates mui estremadamente, Tristão de Payva, Jam Guarces, Domingos Fernandes, Antonio Fernandes, Jacome do Couto, Domingos Pires, Paio Rodrigues d'Araujo, Jorge de Souza, Pero Preto, Tristão d'Orta, o qual veio comigo em hũ galeão com muita gente, e sempre deu meza a muitos homẽs, e assĩ na batalha, como no fazer das obras servio v. a. muito bem. Antonio Martins tãobem trouxe muita gente, e lhe deu sempre de comer, e servio grandemente nas obras, e em todalas outras couzas, que se quá fizerão. Miguel Rodrigues, cazado de Goa, me ofereceo por muitas vezes dinheiro pera as necessidades, que eu tinha, e veio com dom Alvaro em hũa fusta com muitos homẽs, aos quaes deu de comer todo o tempo, que durou o cerco; pelejou sempre muito bem. O dia da batalha foi ferido ao passar das muralhas; mas nem por isso deixou demtrar na batalha, e peleijar como valente homẽ. Polos quaes serviços v. a. me farà a mercê descrever hũa carta á cidade de Gôa, e outra á de Chaul de muitos aguardecimentos e contentamentos do que fizerão: porque será a grande parte para doutras vezes folgarem de guastar suas fazendas, e pôr em risco suas pessoas por serviço de v. a. E assĩ escrever particularmente, a todalas pessoas, que nesta carta lhe nomeey; porque nenhũa couza dá qua espirito aos homẽs, e os aviventa tanto como as cartas, e favores de v. a.

Acabado de me nosso Senhor dar esta victoria, a primeira couza que fiz, foy cortar as pontes, comque o rio estava atravessado, e fazello navegavel de maneira, que ficasse em ilha como dantes. E logo mandei recolher toda a artelharia, e monições para dentro da fortaleza, e juntamente mandei derribar os muros da cidade, que correm ao longo do rio; para que ficasse aberta da banda do mar. Estas pontes erã hũa obra tão espantosa, que parecia escurecer as que Xerxes fez sobre o Elesponto pera passar a Europa; porque com ellas ajuntarão a ilha de Dio da outra banda da terra firme, e por esta maneira ficava a ilha em terra firme. A primeira ponte, que fizerão, a dalfandegua da cidade até á villa dos Rumes, tem de comprido cento e trinta braças, de largo seis, e dalto outras seis, toda de mui grandes, e poderosas pedras lavradas. A ponte de sima he muito mais comprida, e larga. As obras que fizerão sobre a fortaleza parecem mais que de humanas; porque o proprio capitão, e moradores d'ella me não sabião dizer onde estavão os baluartes, e por onde corrião os muros, e o luguar, onde jazia a cava: tamanhas montanhas de pedra tinhão lansado em todas estas partes, de maneira que parecia impossivel, e hum trabalho incomportavel poder tirar esta pedra e terra, e tornar a erguer a fortaleza polo luguar, por onde primeiro estava. Polo que me foi forçado fazella de novo per fora da cava; assĩ porque se pudesse fazer neste verão, como por ser por esta parte mais forte; por caso de hũs oiteiros altos, onde os baluartes caem. O que me dera muito trabalho, senão acertára de vir do reino Francisco Pires; porque não ha qua official, que saiba nada. E por esta rezão me cumpre têllo qua este verão, e não no mandar a Moçambique. A maneira de que faço a fortaleza he pollo debuxo de Ceyta. Parece-me, que espantaraa muito a gente desta terra, mayormente depois que se fizer hũa cava per fóra do muro novo; porque então ficaraa Dyo com duas cavas, e duas muralhas, remedeando-se os muros velhos demaneira, que fiquem em terraplenos sobre a cava antigua.

E posto que os modernos não aprovem aver muitos recursos nas fortalezas; todavia para estes mouros servẽ assĩ muito, e vem mais a preposito; maiormente, que não era possivel poderse fazer doutra maneira dentro deste verão, por em todo elle senão poder fazer luguar polos muros velhos pera comessar a obra, como já tenho dito a v. a. Eu estive muito perto de acabar de desfazer de

todo esta fortaleza, e hilla fazer na ilha dos mortos: porque creia v. a. que Dio daa muito maior opreção á India, que os Rumes; e cada vez que quizer elrey de Cambaia poraa todo o estado da India a hũ tombo de dado; nem nos serve esta fortaleza qua pera outra couza, salvo pera nos pôr de contino as tripas na boca: o que escuzara de todo, se a fizera na ilha dos mortos; por caso de ser hũa ilha mui forte de sytio, e estar mais apartada da terra firme, e ter grande, e singular porto, no qual com todolos ventos podem entrar e sahir. Polas quaes rezões a não podia nunqua vir cercar elrei de Cambaia, e não na cercando, lhe puderamos fazer tanta guerra por mar, que fôra nosso tributario: o que até gora; por não poderem os governadores levar o milhor de Cambaia lhe sofreram tantas injurias e ofensas, para lhe não vir cercar Dio: per onde tinhão jaa os portuguezes perdido todo o credito e reputação entre os Guzarates. Mas lembrando-me que foi pregoado em Portugual nos pulpitos a tomada de Dio; e que em Roma se fizerão muitas percições, e de toda a christandade mandarão dar os profaças a v. a.: não ouzei de fazer tamanha novidade. E tãobem estava já em toda a India tão assentado nos mouros, e gentyos, que elrei de Cambaia tinha tomado esta fortaleza, que, se a deixára, sem embargo da grande victoria, que ouve, e a descercar com tamanha honrra de v. a., nunqua acabarão de crer a couza como passou, e soara per todo o mundo, que elrei de Cambaia nos tomára a fortaleza de Dio. E como quer que n'estas partes, mais que noutras algũas se viva de credito; podera nos esta infamia vir a fazer muito mal.

Tendo per esta maneira que digo a v. a., descercado a fortaleza de Dio, provi logo a costa do Malavar, e mandei a ella Francisco de Sequeira para a guardar; por ser homẽ que a milhor sabe de todos, e lhe terem em todo Malavar grande medo. O qual Francisco de Sequeira veio servir v. a. a Dio com quatro fustas suas mui bem aparelhadas, e armadas, e no dia da batalha fez hũ grande esquadrão de frecheiros malavares, que pelejarão muito bem: pello que v. a. lhe deve escrever muitos agardecimentos, e fazer muitas mercês. E assĩ mandei dom Manoel de Lima a fazer a guerra na emseada com vinte fustas; e Antonio Moniz á costa de Mangalor. Dom Manoel queimou duas cidades, a saber Goga e Gandar; e destruio-as de demaneira, que quasi não deixou maneira dellas: destroindo tãobem outros muitos lugares da costa, e queimando muitas náos, e navios. Antonio Moniz destrohio tãobem hũ grande luguar, que se chama Poor, e fez outros damnos pola costa. [1]

Continúa. N.

[1] Parece-me qne ha aqŏi huma lacuna; porqne o que se segue não tem ligação immediata com o que fica dito antes. (Nota do compilador d'estes documentos.

MATHEMATICAS. — DISCUSSÃO DE DOUS METHODOS. ARABES.

O conhecimento de dous methodos arabes para determinar um valor approximado de *sen.* 1.° é, segundo Woepcke, devido a Sédillot (*Prolegomenos das Taboas astronomicas de Oloug-Beg*, traducção e commentario pag. 69—83), que os distinguiu na obra mui extensa de Meriem-Al-Tchelebi, commentador de Oloug-Beg, e que n'elles encontrou uma prova do consideravel desinvolvimento da Algebra entre os Arabes.

O primeiro é um methodo de interpolação semelhante ao que empregára Ptolemeo para determinar a corda de 1.°, porém melhor entendido e dando resultado mais exacto. Woepcke compara este methodo com o de Ptolemeo, demonstra a sua superioridade, e examina seus pontos de semelhança com as formulas modernas d'interpolação.

O segundo methodo trata directamente o problema do terceiro gráo, de que depende a determinação de *sen.* 1.°, estabelece a equação por que se exprime, e a resolve numericamente por um processo que se reduz no essencial a desinvolvimento em serie, ou a fazer applicação do methodo dos coefficientes indeterminados. O segundo methodo além de levar a um resultado ainda mais exacto do que o primeiro, é curioso não só por differentes particularidades que apresenta, senão tambem pela engenhosa ideia em que é fundado.

Do que fica exposto resulta nova prova do interesse que apresentam as indagações sobre trabalhos dos geometras arabes, para esclarecer uma das partes menos averiguada da historia das sciencias mathematicas.

ERRATA DO N.° 4.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro.*	*Emend.*
No alto da pag. 50			Homens — trimestre de, etc.	Homens — enfermarias de molestias internas — trimestre de, etc.
51		No movimento de todas as enfermarias – relação dos fallecidos para todos os tratados	1:19,3 1:14,4	1:14,4 1:13,4
51	1.ª	14	abstracção	obstrucção
52	1.ª	ordem das notas	1, 2, 3, 4, 5	1, 2, 5, 3, 4

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Ministerio do reino — 1.ª direcção — 1.ª repartição — livro 12. — n.° 40 = Sua Magestade El-Rei, Regente em nome do Rei, sendo-lhe presente a representação do conselho superior de instrucção publica, de 24 de janeiro findo, na qual o mesmo conselho pede licença para publicar no periodico de Coimbra intitulado — Instituto — os seus relatorios annuaes, enviados a este Ministerio: Ha por bem conceder a pedida permissão, para que os dictos relatorios sejam effectivamente publicados, conforme o que o conselho superior propõe, a começar do primeiro por elle elaborado, e assim successivamente os outros, segundo a sua ordem chronologica, até o ultimo, que não será, todavia, em regra, publicado sem que haja decorrido um anno depois da sua remessa a este Ministerio. O que se participa, pela secretaria de Estado dos Negocios do reino ao mesmo conselho, para seu conhecimento. Paço das Necessidades, em 17 de julho de 1854. *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*

Está conforme.
O Secretario Geral,
José Antonio d'Amorim.

CONSELHO SUPERIOR.

RELATORIO ANNUAL DA INSTRUCÇÃO PUBLICA.

1844—1845.

O conselho superior de instrucção publica, tendo de levar á presença de V. M. o relatorio do estado d'aquelle ramo de administração no passado anno lectivo, não póde deixar de ponderar a impossibilidade, em que se acha de o fazer com regularidade e exactidão, por falta dos subsidios e esclarecimentos necessarios. Na portaria circular de 6 de agosto proximo passado, Foi V. M. servida de ordenar a todos os directores de estabelecimentos litterarios, que remettessem a este conselho os respectivos relatorios até o fim de septembro: porém muitos d'elles deixaram de cumprir este dever; e a maior parte dos que o cumpriram, em logar de fazer uma exposição methodica, e muito circumstanciada do estado material, litterario, e moral dos estabelecimentos, como lhes foi ordenado na citada portaria, encheram os relatorios com projectos vãos e chimericos, e alguns com a renovação de pretensões caprichosas, já desattendidas e rejeitadas.

Não pretende o conselho, allegando esta falta, eximir-se do cumprimento do seu dever: porém, tendo a sua obra de saír imperfeita, espera que V. M. se digne desculpar os defeitos, attendendo a ser invencivel a causa d'elles.

A instrucção publica acha-se classificada em tres graus no decreto de 20 de septembro de 1844; e por isso a exposição do seu estado deve seguir naturalmente a mesma ordem. Mas convirá dar primeiro alguma noticia do estado da sua organização em geral; e por isso o relatorio será distribuido nos capitulos seguintes: — 1.° Organização geral de instrucção publica. — 2.° Instrucção primaria. — 3.° Instrucção secundaria. — 4.° Instrucção superior. — Conclusão.

CAPITULO I.

Organização geral da instrucção publica.

A instrucção publica fórma desde muito tempo entre nós um ramo especial de administração; porque, na verdade, os seus objectos teem uma natureza tão particular, e demandam conhecimentos tão especiaes, que mal se podiam confundir na administração geral. Assim, já em 1759, por alvará de 28 de junho, foi creado um director geral dos estudos, cuja directoria passou para a mesa censoria por alvará de 4 de junho de 1771: d'esta para a commissão geral de censura, por carta de lei de 21 de junho de 1787: d'esta para a juncta da directoria geral dos estudos por carta regia de 7 de dezembro de 1794: e d'ahi para o conselho geral director pelo decreto de 15 de dezembro de 1836.

Esta directoria, porém, comprehendia sómente os estudos chamados menores, e de humanidades; e não os superiores: e no entretanto é certo, que todos os ramos de instrucção teem entre si tal ligação, e são tão dependentes uns dos outros, que mal se podem organizar separadamente. No desinvolvimento da instrucção deve haver variedade, porque o genio é livre; mas na sua direcção

deve haver unidade, para evitar a anarchia moral, que é origem de todas as outras. Foi com estas vistas, que o decreto de 20 de septembro de 1844 creou um conselho superior de instrucção publica, que, debaixo da presidencia do ministro dos negocios do reino, servisse de centro a toda a instrucção publica.

Este conselho, tendo sido installado em 9 de outubro de 1844, tractou logo de formar as tres secções, em que aquelle decreto o manda distribuir, repartindo por todas ellas, os vogaes ordinarios e extraordinarios na ordem, em que vão designados no mappa n.° 4. Assim organizado, e tendo a secretaria, que fóra do conselho geral director, na fórma indicada no mesmo mappa, começou os seus trabalhos, que teem continuado até hoje, procurando corresponder á alta confiança que V. M. n'elle tem depositada. Além dos negocios do expediente ordinario, tinha o conselho a formar os regulamentos, instrucções, e mais providencias necessarias, para dar andamento a uma Instituição nova, ou reformada; e por isso, empregando as suas conferencias alternadamente n'estes objectos, conseguindo satisfazer o primeiro com regularidade, e levar á approvação de V. M. os projectos do regulamento do conselho, das escholas normaes, de provimento dos professores de instrucção primaria e secundaria, das jubilações, aposentações, exonerações dos professores, do processo das folhas, verificação de faltas, e pagamentos: instrucções para os professores de rhetorica, historia, geographia, e chronologia, e de grego dos lyceus; para os commissarios dos estudos, e para regular os cursos de habilitação para a universidade: programmas para os exames dos professores de instrucção secundaria, e diversas consultas com providencias geraes e permanentes.

Bem conhece o conselho que, a pezar d'estes seus trabalhos, ainda lhe resta muito que fazer, para tornar completa a execução do decreto de 20 de septembro de 1844: e desempenhar cabalmente a alta missão, que lhe foi encarregada; mas tambem conhece que, se todas as instituições precisam de tempo e experiencia para o seu completo desinvolvimento, nas de instrucção publica são essas duas condições indispensaveis, para vencer habitos e prejuizos, sobre que nada podem os meios materiaes, mas sómente os moraes; que são sempre lentos, e morosos; e cuja falta torna muitas vezes inefficazes, e até prejudiciaes, providencias o mais bem calculadas.

Depois do Conselho, não ha empregados que tenham inspecção sobre toda a instrucção; mas acham-se os diversos ramos, em que está dividida, confiados a diversas auctoridades. Os estabelecimentos de instrucção superior estão confiados aos respectivos chefes, como é a universidade ao seu reitor; a academia polytechnica e escholas cirurgicas aos seus directores, debaixo da inspecção do conselho; e todos elles teem desempenhado com ponctualidade os seus deveres. A instrucção primaria e secundaria está debaixo da inspecção dos commissarios dos estudos na parte litteraria; e no que não é litterario, acha-se confiada aos governadores civís, e administradores dos concelhos.

Os governadores civís teem procurado cumprir as ordens do conselho: porém entre elles alguns, como o de Béja, Castello-Branco e Porto teem mostrado um zelo mais fervoroso em promover a instrucção publica, cumprindo não só com ponctualidade, mas com devoção este dever; que é um dos mais importantes, que está a seu cargo. Em quanto aos commissarios, apenas se acha nomeado o do districto de Braga, que ainda ha pouco tomou posse. O conselho tem levado á presença de V. M. as propostas da maior parte dos outros; e não se descuida de tomar as informações necessarias para as completar; porque reconhece, que sem commissarios, não póde haver inspecção, e que sem inspecção serão baldados todos os esforços, para promover a instrucção publica.

É verdade, que no decreto de 20 de septembro ainda se acha outro meio de inspecção, pelas visitas extraordinarias: mas é destinado sómente para os casos urgentes, e extraordinarios; e por isso não póde supprir a inspecção ordinaria, seguida e permanente, que sómente póde ser feita pelos commissarios e seus subdelegados, e por alguma commissão, de que elles se auxiliem no desempenho de seus deveres. É por isso que o conselho ainda não deu providencia alguma para dissolver o conselho d'instrucção publica da provincia oriental dos Açores; porque, em quanto não estiverem as auctoridades destinadas pelo decreto de 20 de septembro, para a inspecção litteraria, julga que não será prudente acabar com as que existem, posto que sejam extranhas áquelle decreto.

CAPITULO II.

Instrucção primaria.

A instrucção primaria, a pezar de ser a que influe mais directamente na felicidade dos povos, e que por isso é denominada, por excellencia, nacional, porque dispõe o homem para os usos mais ordinarios da vida; foi com tudo a ultima, que entrou no quadro da administração do estado. Quando já a secundaria e superior se achavam contempladas na universidade, fundada pelo sr. D. Diniz, ainda a instrucção primaria andava abandonada aos cuidados dos particulares, e pelos claustros dos cabidos e conventos, a quem o estado pagava, quando muito, alguma pensão para o sustento de alguma cadeira. Recebeu porém tal impulso no decreto de 6 de novembro de 1772 e seguintes, que não

teve que invejar á das nações civilizadas d'aquelle tempo.

A pezar d'isso, o systema, com que foi promovida, resentia-se, principalmente, de dous defeitos, que a experiencia tornou sensiveis. A escolha de bons professores é condição indispensavel para o progresso da instrucção primaria; porém mal se poderá fazer essa escolha de professores, sem providencias para os formar, e eram estas, que faltavam n'aquelle systema. Além disso era deficiente nos objectos de ensino, porque, limitando-se aos conhecimentos mais elementares e communs, deixava incompleta a educação do povo, e imperfeitos os conhecimentos necessarios para os empregos mais ordinarios da vida. Era por tanto forçoso aos que os queriam completar, recorrer aos estudos superiores, em que adquiriam habitos e tendencias, que os desviavam da carreira, que as suas circumstancias lhes tinham marcado; lançando-os n'outra, em que, a maior parte, não tinham saída; e por isso sobrecarregavam o publico de proletarios e parasitas.

Para reformar estes inconvenientes é que, no decreto de 20 de septembro de 1844, se ordenaram as escholas nacionaes, e se augmentaram os objectos do ensino, accrescentando o 2.° grau; porém a sua execução ainda não póde ter pleno effeito, sendo preciso vencer obstaculos materiaes e moraes, que sómente o tempo poderá aplanar. O estabelecimento das escholas normaes traz comsigo despesas, que o estado da fazenda publica obriga a economizar; e demanda directores e professores, que, no estado actual, não é facil encontrar. O conselho, tendo levado á sancção de V. M. o projecto de regulamento para aquellas escholas, julga necessario ensaial-o primeiro n'uma em Lisboa, sobr'estando no estabelecimento de outras até verificar o seu resultado.

No entretanto talvez sería conveniente, ensaiar tambem outro systema para a formação de professores, que, a pezar de mais imperfeito, será por ventura mais accommodado ás nossas circumstancias actuaes. A creação de ajudantes para as escholas do 2.° grau, que pela frequencia e aproveitamento dos discipulos dessem provas de maior desinvolvimento, sería talvez um meio de formar professores com pouca despesa; porque a gratificação, que o estado lhes désse, era paga com o serviço que faziam: e este systema daria occasião para aproveitar algum alumno da eschola, que désse provas de vocação para o magisterio.

Em quanto ás escholas de 2.° grau, a falta de professores tem retardado o seu estabelecimento, por quanto os oppositores ás cadeiras actuaes, que são consideradas de 1.° grau, apenas, com raras excepções, teem mostrado aptidão sufficiente para escholas parochiaes do campo; vendo-se o conselho na necessidade de os prover temporariamente, para não privar os povos de toda a instrucção elementar; e por isso mal póde ter a esperança de os encontrar habilitados para o 2.° grau. Attendendo a esta falta, já o conselho propoz a V. M. a conversão das cadeiras de ensino-mutuo nas de 2.° grau; porque, a pezar das duvidas, que se teem levantado sobre a sua utilidade, são entre nós as mais frequentadas, talvez pela maior aptidão dos professores: e no entretanto não se descuida o conselho de preparar o provimento de outras, tendo feito o regulamento para esse provimento, e remettido aos examinadores os respectivos programmas para se prevenirem com os conhecimentos necessarios para os desempenhar, logo que, pelo exercicio das escholas nacionaes, ou por outro qualquer motivo, possa haver esperança de ter professores mais qualificados.

O numero das escholas publicas no continente, sustentadas pelo estado, não excede ainda a 1:116: algumas teem sido transferidas para locaes mais convenientes; e tem-se provido outras, que de ha muito estavam vagas. São 1:075 do sexo masculino; e 41 do feminino: 1058 do methodo simultaneo; e 17 de ensino mutuo; havendo 16 d'estas em exercicio e frequentadas por 2:756 discipulos. Nas Ilhas ha 73 escholas primarias, com a que ha pouco se creou na Ilha do Côrvo: 5 de ensino mutuo; 68 de ensino simultaneo: 3 d'estas, 1 de ensino mutuo, são escholas de meninas.

Acham-se as cadeiras distribuidas pelos differentes districtos administrativos na fórma que se segue:

Aveiro 68 — Béja 43 — Braga 76 — Bragança 56 — Castello-Branco 49 — Coimbra 70 — Evora 28 — Fáro 29 — Guarda 92 — Leiria 41 — Lisboa 144 — Portalegre 41 — Porto 84 — Santarém 52 — Viana 45 — Villa-Real 69 — Viseu 129; = 1:116 no continente: = Angra 30 — Funchal 14 — Horta 9 — Ponta-Delgada 20; = 73 nas ilhas.

D'estas cadeiras insulares 18 são pagas pelos rendimentos das confrarias; e 2 conjunctamente pelas confrarias e thesouro publico.

Ha no continente 1:084 escholas particulares, sustentadas, em geral, pelos alumnos, com poucas excepções de algumas instituidas por legados, e outras creadas e sustentadas pela beneficencia particular. Nas ilhas, onde se tem seguido a practica (digna de ser imitada) de applicar á instrucção primaria os sobejos dos rendimentos das confrarias e junctas de parochia, ha proporcionalmente maior numero de escholas particulares; não podendo ainda designar-se o numero total, por faltarem alguns elementos estadisticos.

O numero dos alumnos frequentando as escholas publicas no continente, póde hoje calcular-se approximadamente em 45:600, pelo augmento de concurrencia experimentado, principalmente, nos districtos de Béja e

Castello-Branco, devido aos effeitos da persuasão dos governadores civís respectivos. N'este numero entram 1:641 do sexo feminino. As escholas particulares são frequentadas por 18:776 alumnos de ambos os sexos.

Nas ilhas poderemos dizer que não é proporcionalmente inferior o numero, segundo as noticias vagas, que temos recebido: faltam porém ainda os mappas estadisticos, que deveriam ter chegado.

Avaliada em 3.412:500 habitantes a população total, é approximadamente 1 para 53. D'onde se póde inferir que vai progressivamente crescendo a *intellectualidade nacional;* porque ha poucos annos a proporção pelos calculos estadisticos extrangeiros era a de 1 para 88; e no anno findo era o nosso calculo de 1 para 55. Feito o calculo em relação á população das provincias dá em resultado:

Em Trás-os-Montes, como 1 para 43 — Beira 1 para 50 — Minho 1 para 43 — Alemtéjo 1 para 75 — Algarve 1 para 92 — Estremádura 1 para 83.

Mas comparando o numero de alumnos com o de individuos de 7 a 15 annos, em edade e circumstancias de frequentar as escholas, desapparece a grande desproporção, para ficar reduzida a mais justo valor, formando-se um calculo approximado, pelos poucos esclarecimentos, que atégora teem chegado á secretaria do conselho.

É certo que o sexo feminino se acha ainda *muito desfavorecido;* e póde offerecer-se em prova o concelho de Povoa do Varzim com 300 meninas de 5 a 12 annos, e destas apenas 110 applicadas a instrucção elementar.

Traz-os-Montes, Beira e Minho são pois as provincias aonde a instrucção primaria é mais frequentada. Egualmente são as que tem mais habeis professores, e as que offerecem maior concurrencia ás cadeiras vagas. As provincias da Estremadura, Alemtéjo e Algarve teem-se feito notaveis n'este ponto pela difficuldade de achar mestres, pela insufficiencia d'estes em geral, e pelo pequeno numero de discipulos.

N'este ramo de instrucção somos actualmente inferiores aos Estados-Unidos Americanos, á Prussia, Baviera, Reino Lombardo-Veneziano, Hollanda, Inglaterra, Austria, França e Suissa: e superiores por ventura unicamente á Russia e Polonia, se accreditarmos os jornaes de estadistica.

O numero de professores de instrucção primaria é egual ao das escholas, se exceptuarmos as de ensino mutuo, em que ha de mais um ajudante para cada eschola, e alguns substitutos creados por impedimento dos proprietarios. Nem o nosso systema de instrucção admitte a congregação de avultado numero de alumnos, que exija em geral mais de um professor por eschola; nem a frequencia actual o consente nas escholas de ensino simultaneo.

A despesa total da instrucção primaria no continente, paga pelos cofres do estado, anda por 103.943$324 reis. Nas ilhas a despesa publica não excede a 5:951$996 reis; sendo uma parte da despesa paga pelas confrarias em numerario, ou generos cereaes.

Comparada a despesa da instrucção primaria entre nós com a frequencia das escholas, fica a despesa de cada alumno por 2$285 reis annuaes, muito superior á d'outros paizes, mormente da Hollanda, Austria e França, não obstante serem maiores os lucros dos professores n'aquelles estados. A differença reconhece por causa a menor frequencia das escholas; e é por este motivo que o conselho se não tem deliberado a propor, por ora, a creação de mais escholas, a pesar das repetidas instancias dos povos.

Não póde porém o conselho deixar de reconhecer, que o numero das cadeiras existentes não satisfaz ás necessidades dos povos, e que em quanto as não multiplicar de modo, que torne facil a sua frequencia, não póde exigir d'aquelles a rigorosa observancia do artigo 32.° do decreto de 20 de septembro de 1844.

Para satisfazer a esta necessidade, e attender, ao mesmo tempo, ás do thesouro publico, tomou o conselho o expediente de promover a creação das cadeiras sómente pelo modo indicado nos artigos 9.° e 45.° daquelle decreto, já practicado nas ilhas; porque assim, além da vantagem da fazenda publica, livra-se de pretensões interessadas, que as camaras não hão de querer pagar, e obriga estas a tomar na inspecção das escholas uma parte activa, e a não a olhar com indifferença, como succede quando são inteiramente pagas pelo estado. Assim tomará a instrucção primaria o verdadeiro caracter de nacional, ou antes municipal, que mais lhe convém.

N'este sentido já o conselho encarregou a todos os governadores civís o importante serviço de promoverem por meio das junctas de districtos, e por todos os que estiverem ao seu alcance, aquelle expediente: e em breve espera poder levar á presença de V. M., algumas propostas d'aquella natureza. Julga porém o conselho, que se aquelle systema fôr do agrado de V. M., muito conviria despertar o zelo dos governadores civís, em o promover, com especial recommendação de V. M..

Ainda este systema se poderia levar a effeito com mais facilidade, se para a instrucção primaria se estabelecesse um gráu inferior ao 1.°, que seria sufficiente para algumas aldêas de pequena consideração, e facilitaria a concurrencia dos professores com um ordenado mais modico, e os recursos para o pagamento d'este. Além disso, estabelecida uma escala de tres graus, por onde os professores podessem ir subindo, dar-se-hia consideração a todos, accrescentando a esperança aos proventos reaes, e um estimulo para estudarem

e fazerem esforços por melhorar e serem promovidos. Está geralmente reconhecido, que o progresso sómente se póde esperar, da carreira aberta ao talento: em quanto os ordenados, e recompensas, por maiores que sejam, não o despertam, se se lhe tira a seductora perspectiva de um futuro mais feliz.

O conselho tem feito todos os esforços por fazer collocar todas as escholas em edificios publicos, porém a falta de edificios do estado em muitos concelhos, e a de recursos dos municipios em outros, ainda lhe não permittiu levar a pleno effeito este empenho; de que, com tudo, não desiste, convencido de quanto a disciplina das escholas n'elle interessa.

Todas as de ensino-mutuo se acham collocadas em edificios publicos, e algumas das outras, ainda que poucas: porém o conselho espera do zelo dos governadores civís, que vencerá os obstaculos, que até'gora se teem opposto á collocação de todas.

Outro empenho do conselho tem sido o arranjo de livros elementares; porque sem elles não ha que esperar progresso na instrucção primaria. Tem encarregado a alguns dos vogaes extraordinarios a formação ou traducção dos que julgarem melhores: e com esses, alguns, que lhe teem sido offerecidos, e outros, que se achavam publicados, espera poder formar uma collecção de todos os ramos de instrucção popular para uso das escholas.

Por esta resumida exposição do estado actual da instrucção primaria, se vê, que não é plenamente satisfactorio, se o compararamos com o incremento progressivo, experimentado em povos, que reconhecem a instrucção, como a base da organização das sociedades modernas, e principio elementar da força dos governos; mas confrontado com a decadencia anterior a 1834 é innegavelmente um estado de melhoramento sensivel, e abonada fiança a um futuro elevado.

Continua.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE MEDICINA.

1853—1854.

4.º ANNO.

CADEIRA DE PATHOLOGIA E THERAPEUTICA MEDICA E APHORISMOS.

COMPENDIO — HUFFELAND, MANUEL DE MÉDECINE PRATIQUE — HYPPOCHRATIS APHORISMI.

Lente — *Dr. João Lopes de Moraes.*

Começa pela Pathologia e Therapeutica, definindo o que é uma e outra, consideradas em geral ou em especial; e depois entra-se na exposição e explicação das generalidades do livro que serve de texto; as quaes fazem para assim dizer uma transição da Pathologia geral, e da Therapeutica para a Pathologia e Therapeutica medicas, a que servem de prologo.

Entra-se depois na Pathologia especial, seguindo a classificação e methodo adoptado no compendio; porque seria confusão adoptal-o, e regeitar-lhe o methodo: entretanto nas generalidades se tem adduzido considerações sobre os differentes methodos e classificações, apontando os mais seguidos no estado actual da sciencia; e concluindo pela necessidade d'adoptar algum; preferindo o do compendio pelo facto de o ser, e tomando-o como ponto de comparação com os mais seguidos, adoptando d'estes o que melhor parece á medida que se vai tratando da materia.

Tratando de cada classe, segue-se por tanto a ordem adoptada no texto; expondo os caracteres da classe, tirados dos symptomas communs, cujo grupo e combinação constitue o diagnostico physiographico da mesma; sem com tudo deixar de corrigir de qualquer maneira o que se julga a proposito segundo o estado actual da sciencia; supprindo principalmente a falta dos caracteres anatomaticos nas classes de molestias, em que elles se dão.

Da mesma maneira se procede a respeito da Pathogenia; sem despresar a doutrina das *(causas proximas)*, adoptada pelo auctor; e pondo-a em harmonia com o estado da medicina em França, aonde parece dar-se-lhe menos attenção, mas que nem por isso se despresa; pois se acha consignada no fim de cada capitulo sôb classes, generos, ou especies de molestias debaixo do titulo — natureza — do mesmo modo se procede a respeito dos generos e especies de molestias.

Em quanto á Therapeutica das molestias, consideradas como classes, generos, especies ou individuos, expõe-se a do compendio com as modificações, addições, ou substituições que reclamam o estado da sciencia, sobre tudo em França; o clima e as observações e mesmo os usos medicos do paiz, em que se ensina; procurando em tudo conciliar a observação e a experiencia com o que dicta a razão e a philosophia. Não se regeita systema ou methodo algum, escolhe-se de todos o que melhor parece, e a experiencia confirma.

Finalmente, segundo o nosso methodo d'ensino, todo didactico e sem apparato, em lições diarias, forçoso é que haja um compendio que sirva de texto; porque sem elle não póde haver explicação nem commentario; mas nem por isso se jura nas palavras d'esse texto; deixa-se a cada um o direito d'exame, d'analyse, e de critica, que o Professor tambem gosa, substituindo, ampliando, corrigindo e modificando como lhe parece melhor, segundo o estado da sciencia, e as suas proprias observações.

Em quanto aos Aphorismos consignados, n'esta cadeira, por uma especie de homenagem ao creador da sciencia, dá-se primeiro uma breve noção historica do estado da medicina na Grecia antes de Hypocrates; qual é o espirito da sua doutrina toda fundada na observação, na experiencia e na razão; e qual é o estado em que elle deixou a medicina.

Depois entra-se na explicação e interpretação de alguns dos seus Aphorismos, segundo o espirito da doutrina de Hypocrates, e comparando as suas sentenças com o que offerece o estado actual da sciencia, em confirmação ou reprovação das mesmas.

Eis-aqui em summa o programma, seguido nas lições consignadas á cadeira de Pathologia e Therapeutica medica e Aphorismos. Escusado é entrar em minudencias, porque seria indispensavel copiar o indice do livro que serve de texto, aquillo em que é substituido, modificado ou alterado pelas doutrinas de Grisolle e outros Pathologistas modernos; e o que póde tirar-se de proveitoso dos varios diccionarios de medicina, e que o tempo permitte expender nas lições d'esta cadeira.

JERUSALEM E O MAR-MORTO.

ARCHEOLOGIA HEBRAICA.

A religião, a sciencia e a poesia, consagram o merecido tributo das suas homenagens a esta terra assignalada pelas gloriosas tradições dos livros sagrados. A religião comtempla

alli com verdadeira emoção o tumulo do Homem-Deus; a sciencia encontra nesta região, outróra tam florescente, os mais ricos mananciaes da historia; um ceo brilhante, e a immensidade do deserto, representando a imagem do infinito, excitam no poeta as mais sublimes inspirações. Não há paiz algum, se exceptuarmos Meca, que em seu seio tenha contado tantos peregrinos como a Terra sancta. D'estes os primeiros pertencem áquelle seculo extraordinario, apaixonado do proselytismo, em que a religião, depois de crueis perseguições e longo captiveiro, triumphante de seus inimigos, lográra em fim a auctoridade, que por tanto tempo lhe fòra disputada. As segundas peregrinações apparecem no meio d'essa era cavalleirosa, em que o christianismo, modificado pelo primitivo character das nações occidentaes, servia de pretexto ao espirito guerreiro, e ao genio aventuroso, que fôra a characteristica da sociedade europeia n'esta epocha. Em fim, quando os ultimos peregrinos penetraram na Judea, a Europa tomára já uma nova face pelo contacto com a antiguidade profana, e entrára neste periodo, assignalado pelo nascimento da moderna civilisação, e que vira desapparecer os ultimos germens da barberia. Hoje o viajante percorre aquella terra, cheia de tantas recordações, não já brandindo a espada, porem tomando na mão a Biblia, e a penna. Nesta cruzada de nova especie, animada pelas sublimes aspirações a que tende a sociedade moderna, o viajante não se limita só a contemplar n'aquelles venerandos monumentos as gloriosas tradições consagradas pela fé, e pela religião; os costumes, a geographia, e o clima d'aquelles sanctos logares fazem tambem um dos principaes objectos das suas investigações. Assim a fé e o amor da sciencia se ligam admiravelmente, e são o verdadeiro incentivo, que transporta ao meio d'estas regiões essas pacificas cruzadas, que no volver dos annos se vão succedendo umas ás outras sobre aquella terra inhospita.

No começo d'este seculo o illustre A. do Itinerario de Paris a Jerusalem abriu este novo e até então quasi desconhecido caminho, dirigindo as suas observações com a exactidão, e soberana liberdade de um verdadeiro sabio, e de um philosopho consummado. O exemplo do illustre viajante teve numerosos imitadores. Desde logo os dois grandes centros da religião reformada, a Allemanha, e a Inglaterra, assim como a America do Norte, que parece conhecer só um unico livro, enviaram successivamente sobre as costas da Syria novos observadores para explorar este paiz. Aquelle unico livro desta raça emprehendedòra, criada sobre um sólo ainda virgem, aquelle livro, que, desde a queda do paganismo, tem, como outr'óra Roma, governado o Occidente, é a historia da Judea. A biblia, abstraindo de sua divina origem, e considerada só humanamente, é um poema sublime. A verdadeira historia dos triumphos e dos grandes infurtunios d'aquelle povo singular, que parece fôra talhado para viver inteiramente separado dos outros povos, é descripta n'aquellas eloquentes paginas com tão vivo colorido, com tanta força de expressão, em estilo tão conciso, e ao mesmo passo tão energico, que nenhum outro livro pôde ainda, nem se quer egualar. Na immensa variedade das suas descripções a biblia abrange tudo quanto constitue á historia physica, moral, e politica de um povo, que tão distincto logar occupa nos annaes do mundo; os seus uzos civis, e religiosos, suas leis, e seus costumes, seu clima, configuração, e geographia; e eis aqui porque a biblia é o primeiro, e melhor guia do viajante, n'aquelle vasto theatro de tão memoraveis acontecimentos.

Não vem ao nosso intento referir aqui os profundos e importantes trabalhos scientificos, de que a biblia tem sido objecto sobre tudo em Allemanha, onde a critica moderna, e o espirito de livre exame tantos progressos tem feito; o que importa notar, é o facto singular, e caracteristico da archeologia hebraica — a completa ausencia de todos os elementos, que constituem, o que ordinariamente se chama *antiguidade figurada*. Este facto mui notavel, é attestado por todos os viajantes, e confirmado pelo testemunho dos homens mais eminentes na sciencia desde Rosenmuller até Gesenius, e desde Michaëlis até Ewald.

Dá-se o nome de *antiguidade figurada* ás obras d'arte, que tem escapado á destruição. Quando a antiguidade litteraria parece fugir-nos, ou perder-se na obscuridade dos seculos, a antiguidade figurada vem, por assim dizer, servir-nos de marco milliario nesta longa via, onde o viajante se perderia em mil encontradas conjecturas. As recordações, a tradição e os sonhos do passado tornam-se palpaveis, e apresentam-se-nos aos olhos com toda a força da realidade.

Em Herculano, e Pompeia a antiguidade figurada revela até os factos mais particulares da vida e costumes dos seus antigos moradores. Na India, na Italia, e na Grecia os templos, e as estatuas são documentos eloquentes das magnificencias do paganismo. A Judea pelo contrario não nos offerece um unico monumento da sua primitiva civilisação, ou de sua antiga religião. A raça, que primeiro pisou este solo, como todas as raças semiticas, tinha pouco gosto pelas imagens, e já mais se dedicou á cultura das bellas artes. Na Judea não se observam, como sobre os promontorios da Sicilia, ou junto das margens do Nilo essas bellas ruinas, que tornam a paisagem tão rica e tão variada; não se veem alli nem edificios coroando a crista das montanhas, nem pedestaes sem estatuas: falta esta bella harmonia da natureza e dos monumentos. N'aquelle paiz não se conhece a ligação do Acropole com o Parthenon, ligação tam intima, que o rochedo athe-

niense seria o mais espantoso rochedo do mundo, se não tivera aquella formosa coroa de alabastro. Estas sublimes harmonias, talhadas para a phantasia do pintor, e para a imaginação do poeta, não existem na Judea, porque tão difficil é hoje reconhecer os vestigios dos primeiros dominadores deste paiz, como achar as pegadas dos arabes na area do deserto, que está ás suas portas.

E de feito a nação judaica teve um unico monumento, destruido ha dois mil annos. Deste grandioso monumento resta apenas a confusa descripção, que se lê nas paginas sagradas. É por isso que os auctores, que se tem occupado da architectura das nações antigas são conformes em dizer, que mui pouco se sabe da dos hebreus. E Michaëlis, um dos mais distinctos e abalisados conhecedores das antiguidades biblicas, não duvida sustentar, que no tempo de Salomão e ainda muitos annos depois os architectos judeus erão mui ignorantes. Copear os phenicios parece ter sido o objecto de todos os seus esforços.

Ora como os phenicios não deixaram um unico monumento, digno deste nome, facil é de ver, quam difficil será conhecer, e avaliar exacta e rigorosamente a architectura dos hebreus.

Nem era para estranhar aquella ignorancia n'uma raça tão proxima do deserto, e nomade por consequencia na sua origem; que certo não poderia medir-se na arte de construir com as nações agricolas e sedentarias. Outras circunstancias, porem, não menos importantes, vem confirmar o testemunho dos historiadores no que respeita á completa ausencia dos monumentos biblicos. A Judea foi por largos annos theatro de sanguinolentas lutas, e continuas devastações. A terra classica dos milagres, não tem sido menos — a terra das revoluções. A Judea era o vasto caminho para os conquistadores do Egypto ou da Asia. Odiosos aos outros povos, os judeus viviam cercados de poderosos inimigos. A sua historia é uma constante alternativa de sangrentas victorias, de crueis revezes, e de longos captiveiros. Batalhando incessantemente por libertar-se do jugo estrangeiro, tiveram por fim que ceder, e sua capital até o nome perdeu. Jerusalem desassete vezes foi saqueada, e um milhão de seus heroicos defensores deram a vida pela liberdade junto de seus muros. E no meio de tão espantosas catastrophes impossivel fóra descobrir as reliquias da architectura hebraica, ainda que os Judeus possuissem esta arte em tão subido gráo, como os Romanos. A todas estas causas, que seriam de persi bastantes para fazer desaparecer de sobre a face deste paiz até os ultimos vestigios da primitiva civilisação hebraica, acaso se juntára uma outra, não menos poderosa, se não, talvez, mais efficaz, e duradôra. O genio hellenico com todas as suas galas, cercado de todos os primores d'arte, estendera sua dominação sobre as aridas montanhas da Judea. A sua magnificencia ainda hoje se admira nas magestosas columnas de Palmyra, e até sobre os rochedos de Petra. A nova Jerusalem, levantada sobre as ultimas ruinas da cidade de David, é um glorioso tropheo da grandeza e excellencia d'aquelle genio portentoso, que em todos os seus monumentos deixára estampado o cunho das artes e das sciencias. A terceira reedificação do templo de Salomão fôra, segundo Herodoto, obra prima da riquesa, e elegancia de Athenas ou de Corintho. Assim de tantas grandezas restam-nos hoje ruinas de ruinas; os vestigios de uma nova civilisação, que fizera desapparecer a da geração, que a precedeu, e que para sempre ficára confundida no pó dessas mesmas ruinas.

A impossibilidade, por tanto, de encontrar os menores vestigios da antiguidade hebraica, é um ponto assentado, e sobre o qual as tradições, o testemunho dos mais eruditos antiquarios, dos peregrinos, e viajantes estam em pleno accordo.

Um illustre viajante, porem, n'uma recente publicação [1] pertende reconhecer n'alguns monumentos da Judea a obra primitiva d'antiga civilisação hebraica, das suas artes, e da sua industria. Em apoio desta theoria, contradicta por tantos e tão numerosos documentos, Saulcy invoca o descobrimento do tumulo de David, e das ruinas de Sodoma. A autenthicidade, porem, destes factos é ainda mui problematica, e não será porventura difficil reconhecer n'esta theoria as erradas consequencias d'alguma preoccupação, ou de um falso systema. A questão é evidentemente uma das mais importantes, que pode offerecer-se no estudo da archeologia hebraica, e que não deixará por isso de merecer a attenção dos eruditos.

Continua.

CONCORRENCIA.

Continuado de pag. 72.

Accusa-se geralmente a concorrencia de arrastar comsigo a miseria d'uma classe, ao passo que centralisa no dominio do capitalista todas as fortunas; que o capitalista se torna o rei da sociedade, a burguezia a sua escrava: que a miseria cresce á medida que a civilisação augmenta. É uma queixa similhante á que se faz relativamente á moralidade; em nosso entender esta accusação basêa-se n'um duplo erro.

A concorrencia absoluta não domina ainda hoje a sociedade, porque os monopolios lega-

[1] Saulcy. *Voyage autour de la Mer-Morte et dans les terres bibliques.* 2 vol. Paris 1853.

lisados, e o monopolio do capital ainda offerecem uma barreira ao livre desinvolvimento da liberdade, como temos feito ver. Mas se a tendencia geral é para a generalisação da livre associação; se esta tendencia cada vez mais se realiza pelo conhecimento das vantagens que della resultam; e se esse progresso se apresenta como resultado da liberdade, como o complemento, a que tende o systema actual, pois que é o complemento da liberdade de que a actualidade apresenta um grande ensaio; é inexacto sustentar-se que as tendencias actuaes se dirigem a extremar duas classes; uma que só procura centralisar, e estabelecer o dominio exclusivo para si do capital; outra que augmenta proporcionalmente na miseria. A logica porém leva-nos a uma conclusão inteiramente differente; por uma parte mostra-nos a concorrencia muito longe ainda de ser a lei da sociedade, mas dirigindo-se todavia para esse fim; por outra faz-nos ver que a riqueza está hoje melhor repartida, que não o estava em epochas mais remotas. Tudo quanto levamos dito prova, nos parece, a primeira conclusão; os trabalhos estadisticos confirmam a segunda.

Hoje não é possivel sustentar-se que o facto do accrescentamento das riquezas seja superior ao da sua diffusão. Se Mr. Blanqui diz que a miseria publica é um grande facto social, particular aos tempos modernos, manifestando-se cada vez mais á medida que a civilisação se diffunde; nós respondemos ao estimavel e eloquente economista, que o que é particular ao tempo actual é a agitação de todas as classes; é a sua inquietação, a sua impaciencia e a impossibilidade de contentar-se; porque, vendo raiar a aurora da sua total emancipação, conscia do seu poder, já não póde, como outr'ora, soffrer o jugo, ainda que muito mais suave.

A epocha actual mal poderá confrontar-se com exactidão com as da antiguidade em relação ao problema da miseria. A differença essencial que reina na vida intima da sociedade d'hoje para a da antiga sociedade, é a causa dessa difficuldade. Que miseria não deveria haver n'uma sociedade sem commercio e sem industria, cujos unicos elementos de producção eram a guerra e a pilhagem? Onde as classes medias olhavam o trabalho como uma obra servil, e a ociosidade como o attributo do cidadão? Mr. Moreau-Christophe faz ver que nos antigos povos, especialmente os romanos, entre a herilidade e a servidão havia uma classe proletaria, composta de cidadãos pobres ou d'uma fortuna mediocre, que não tinham escravos, que os não podiam ter, e para os quaes a sua liberdade original era precisamente uma origem de indigencia, de oppressão e de miseria; liberdade que constituia para elles uma especie de titulo de nobresa, que não lhes permittia entregarem-se a occupações manuaes exclusivamente reservadas para os escravos. Em Roma apresentam-se frequentes exemplos, que bem provam a existencia dessa classe proletaria votada á pobresa: quantas revoltas, fructo dessa miseria, não presenciou a Cidade por excellencia? Mas, quando mesmo antes da epocha em que começaram a haver libertos, não se quizesse admittir mais que as duas classes de senhores e escravos, estariam os escravos sempre ao abrigo da miseria, prodigalisar-lhes-hiam sempre seus senhores com que satisfizessem a todas as suas necessidades? As medidas severas contra os escravos fugitivos; as rebeliões dos Ilotes em Sparta, dos escravos em Roma, são uma triste recordação da miseria d'esses infelizes! Ha hoje acaso pintura dos males que affligem a humanidade, por mais habil que seja a mão que a desenhe, que possa egualar a impressão de horror, que nos causa a só idêa d'um *ergastulo*?!

Que idêa poderemos nós fazer da sexta classe romana, cuja denominação de *proletaria* é o mais manifesto testemunho da miseria que a devorava? N'uma republica onde a riqueza consistia principalmente em terras, que idêa se póde fazer do proletario chamado tambem *inops*, porque não possuia um só palmo de terra; e *capite censi*, porque só eram recenciados por cabeça? E desta classe contavam-se em Roma no tempo de Cesar trezentos e vinte mil, quando a massa total da população não excedia a quatrocentas e cincoenta mil almas. Quem desconhece o — *panem et circenses?* Um pedaço de pão, *panem*, acompanhado de festejos e de jogos *circenses*, e distribuido cada dia gratuitamente a cada um dos trezentos e vinte mil ociosos de que temos fallado, constituia para esta massa degradada a maior somma de felicidade que ella podia ambicionar.

Garnier de Cassagnac diz, que a mendicidade era um facto quasi desconhecido dos antigos nos tempos da servidão primitiva, por causa do pequeno numero de libertos, que havia antes da era christã: esta opinião hoje não sustenta o rigor da analyse. Depois da batalha de Cannas, Roma armou oito mil dos seus escravos, a que deu a liberdade; desde o anno 240 a 210 antes de J. Christo, mais de cem mil libertos haviam entrado na sociedade romana; e acabaram por tornar-se tão numerosos, que Scipiam Emiliano dizia, que o povo romano não era outra cousa. Quando Mario quiz destruir em Roma a aristocracia da nobreza, encarregou deste cuidado milhares de democratas infelizes, que elle foi buscar d'entre os escravos; Sylla distribuiu a cada uma das trinta e cinco tribus dez mil novos cidadãos libertos, que haviam sido escravos dos patricios proscriptos. Isto fez com que Cicero dissesse de seu tempo, que os libertos predominavam não somente nas quatro tribus urbanas, mas até nas trinta e uma tribus ruraes. Já se vê pois que antes da era christã havia grande numero de libertos; mas se attendermos á massa da mendicida-

de, não se achava tanta nelles, porque trabalhavam, como nos cidadãos ociosos de que fallámos, os quaes não trabalhando, e não tendo patrimonio, deviam soffrer as tristes consequencias d'um tal estado. Além disso, os escravos enfermos e impossibilitados de trabalhar augmentavam grandemente o numero das victimas da fome.

Na epocha da barbaridade o quadro ainda é mais carregado: quasi toda a parte penal da lei Salica, prova Mr. Pardessus, era contra as rapinas e assassinatos; de trezentos e quarenta e tres artigos de direito penal, que esta lei continha, diz Mr. Guizot, haviam cento e cincoenta que se referiam a casos de roubos, e cento e treze que se referiam a ataques contra as pessoas. Nestes tempos calamitosos não era possivel andar pelos campos sem o perigo eminente de cahir, ou nas mãos dos bandos de ladrões, ou nas dos inimigos. Os nomes antigos das ruas de París testemunham o espirito anti-social deste tempo, e a miseria, que era a sua consequencia. O terço ou talvez a metade da população da Europa, e d'uma parte da Africa e da Asia, succumbiu pela guerra, pela peste e pela fome! Quando Julianno passou para a Gallia, quarenta e cinco cidades acabavam de ser destruidas pelos Allemães. Depois da invasão d'Attila só duas cidades foram salvas ao norte do Loire — Troyes e París. Em Metz os Hunos degolaram toda a gente, até as crianças. Salvianno conta ter visto cidades, cujos viventes eram unicamente as feras e as aves, que devoravam os cadaveres em putrefacção. Em Hespanha as feras embaraçavam o transito pelo campo, e chegavam a atacar as povoações. Uma mulher tinha quatro filhos, matou-os e devorou-os a todos! Na Africa os Vandalos arrancaram as vinhas, as oliveiras e mais arvores fructiferas, para que os povos encerrados nas cidades tivessem de perecer á necessidade.

Na Asia, diz Châteaubriând, as invasões dos Godos produziram uma fome e uma peste que durou quinze annos; cinco mil pessoas morreram n'um só dia. « Roma, quatro vezes sitiada e tomada duas vezes, soffreu os males que havia feito soffrer á terra. As mulheres, segundo S. Jeronymo, não perdoaram mesmo aos filhos que pendiam de seus peitos, e fizeram entrar de novo em seu seio o fructo que dahi acabava de sahir. Roma tornou-se o tumulo dos povos de que havia sido a mãe. A luz das nações extinguiu-se, decepando a cabeça do imperio romano, abateu-se a do mundo! » A peste e a fome espantosa foram as consequencias necessarias destas devastações.

Mais adiante a historia nos faz ver, desde o fim do seculo decimo até ao principio do duodecimo, a fome, que nos seculos precedentes havia já feito terriveis estragos, tornar a apparecer treze ou quatorze vezes, quasi sempre acompanhada da peste, durando cincoenta annos n'um periodo de cento e doze annos; a historia nos mostra uma fome tal em Inglaterra, que chegou a comer-se carne humana.

O seculo dezesseis não apresenta signaes de grande melhoramento para o proletariato. Fortescue, que havia percorrido a França no tempo da Reforma, dizia, fallando dos colonos: « elles bebem agua, comem pomos, fazem com centeio um pão negro, e não sabem mesmo o que é carne. » No tempo de Luiz XIV contavam-se em París 40:000 vagabundos e mendigos, e 200:000 em toda a França: e já desde o seculo XII a mendicidade de profissão era tão numerosa, que se havia tornado objecto de serias inquietações.

Vauban (an. 1698) este homem tão conhecedor do estado da França no seu tempo, expressa-se assim: « É certo que o mal da indigencia tem subido em excseso, e se não se tratar de lhe dar remedio, o povo baixo cahirá n'uma extremidade de pobreza, de que não se tornará a levantar. As estradas principaes do campo, e as ruas das cidades e das villas estão cheias de mendigos, que a fome, e a nudez d'alli fazem sahir. Quasi uma decima parte do povo está reduzida á mendicidade, e effectivamente mendiga; das outras nove partes, cinco não estão em estado de darem esmolla a esta, porque muito perto se acham da mesma condicção; e das quatro que restam, tres são muito pouco abastadas. » Hoje a França, paiz que tanto tem augmentado em industria, não apresenta um quadro de pobreza comparavel com este, e a França hoje é povoada por 34 milhões de habitantes, e então apenas por 16.

Entre nós mesmo, não obstante Portugal ser uma nação agricola, e a fertilidade dos nossos campos offerecer abundantes recursos contra a miseria, todos sabem de quantas leis não foi objecto a mendicidade desde os antigos tempos. As leis de D. Fernando contra os mendigos são disso um testemunho; e em tempos mais proximos os alvarás de 9 de janeiro de 1604, de 25 de dezembro de 1608, de 25 de junho de 1760, edital de 17 de maio de 1780, etc.

Já se vê pois que a razão e a historia contradizem formalmente esse augmento sempre progressivo da miseria, que sustenta a opinião que impugnamos.

J. B. DA S. F. DE C. MARTENS.

PHYSICA DO GLOBO.

EXPOSIÇÃO DO SYSTEMA DOS VENTOS.

O vento é uma parte de nossa atmosphera posta em movimento por alguma alteração em seu equilibrio: esta alteração é produzida por differenças de temperatura.

Sendo o ar mais quente, e por conseguinte mais rarefeito junto do equador que dos pólos, estabelecem-se, em cada hemispherio, correntes d'ar que se dirigem dos polos para o equador. Estas correntes chamadas *ventos polares*, ordinariamente nas zonas temperadas sopram entre o noroeste e o norte no hemispherio boreal, e entre o sudoeste e o sul no austral; a direcção d'ellas approxima-se de léste, ao passo que avançam para a zona torrida, onde formam os ventos alizados. As nuvens frequentes vezes indicam, que as correntes variam mais depressa nas camadas inferiores que nas superiores, e que conservam sua primitiva direcção nas regiões elevadas.

Algumas vezes os ventos polares tomam proximo dos polos a direcção entre o norte e nordéste ou entre o sul e sueste, conforme o hemispherio, e a conservam até na zona torrida, e nas mais elevadas regiões da atmosphera.

Os ventos polares occupam uma extensão limitada; mas reinam ao mesmo tempo em muitos logares, e nos intervallos que os separam, encontram-se os *ventos tropicaes*, que sopram entre o sul e oéste no hemispherio boreal, e entre o norte e oéste no austral. Estes ventos são ordinariamente as contracorrentes dos ventos alizados do hemispherio em que sopram.

Os ventos alizados formam duas correntes distinctas, que estão em contacto nos mares livres e sobre as costas orientaes, a uma distancia do equador, que depende de sua intensidade relativa. Estão ás vezes afastados uns dos outros a oéste dos continentes, nos mares estreitos ou semeados de numerosas ilhas; no intervallo que os separa, existem calmarias, ou antes ventos que sopram entre o sul e oéste no hemispherio boreal e entre o norte e oéste no austral: chamam-se *ventos variaveis da zona torrida;* mas nos mares da India da-se-lhes o nome de *monção do sudoéste* ou *monção do noroéste.*

Os ventos são pola maior parte as contracorrentes dos ventos alizados do hemispherio opposto áquelle, em que sopram.

Quando os ventos polares e os ventos alizados teem uma certa intensidade, podem chegar ás mais elevadas regiões da atmosphera; mas quando são fracos, os ventos do hemispherio austral passam por cima dos ventos polares e alizados do hemispherio boreal, ou vice-versa.

Em qualquer logar que os ventos polares e alizados deixam de reinar á superficie da terra, são substituidos pelos ventos superiores. Quando os ventos alizados dos dous hemispherios estão em contacto, os ventos superiores tocam a superficie fóra dos limites exteriores dos ventos alizados; mas desde que as zonas d'estes ventos se separam, o intervallo é preenchido pelos ventos superiores.

Estes ventos reunem-se ora aos ventos tropicaes, ora aos ventos variaveis da zona torrida, e até algumas vezes a ambos. Augmentam de intensidade que todavia é pouco consideravel, excepto se os ventos polares ou alizados do hemispherio a que chegam, lhes oppõem obstaculo; e apenas variam a oéste do sudoéste ou do noroéste por effeito dos mesmos ventos.

Os ventos tropicaes formam muitas vezes uma zona ou parte d'uma zona comprehendida entre o parallelo de 35 graos e o de 45 ou 60 graos. Grande numero de correntes d'ar polares estabelecem-se ao mesmo tempo entre esta zona e a dos ventos alizados; estas correntes teem origem junto dos polos, mas tendo menos intensidade que os ventos tropicaes, passam acima d'estes, e retomam seu curso á superficie da terra perto do limite equatorial dos ventos tropicaes.

Quando os ventos polares sopram entre o norte e nordéste ou entre o sul e suéste, segundo o hemispherio, tiveram origem junto dos polos, e dominam á superficie do mar. Se são mais fortes que os ventos tropicaes, continuam seu curso á superficie, e obrigam estes a remontar ás regiões elevadas; mas se são mais fracos, desviam-se de sua primitiva direcção, e tomam a do léste ou de lés-sueste no hemispherio boreal, e a direcção do léste e de lésnordeste no outro hemispherio.

Depois de calmarias, o vento eleva-se ordinariamente nas zonas temperadas do sus-sueste, no hemespherio boreal; varía depois ao sul e ao sudoeste, e até ao oéssudoéste, donde passa instantaneamente ao noroeste. No hemispherio austral, gyra em sentido inverso; começa ao nornordeste, varia depois ao norte, ao noroeste e a oesnoroeste, donde vira ao sudoéste.

Os ventos polares adquirem logo que começam a soprar, grande força que conservam por um periodo que dura tres dias junto dos tropicos; extendem-se depois para oéste, e até ás vezes transportam-se n'esta mesma direcção; porem esta mudança não se effeitua com regularidade a não ser a grande distancia das costas e abaixo do parallelo de 35 graos. Os ventos tropicaes sahem ao mesmo tempo dos logares em que estavam, e que passam a ser occupados pelos ventos polares.

Nos dous hemispherios, os ventos polares n'uma estação duram a respeito dos ventos tropicaes muito mais tempo nas costas orientaes dos continentes que nas occidentaes; e vice-versa na estação opposta, em que os ventos tropicaes são mais frequentes nas costas orientaes que os polares, e o contrario a respeito das costas occidentaes.

Os ventos alizados approximam-se ou afastam-se do equador conforme a intensidade dos ventos polares de que são a continuação, e conforme a intensidade dos ventos do hemispherio opposto; pelo que os seus limites variam consideravelmente ainda na distancia de alguns dias.

Os ventos variaveis da zona torrida occupam grande extensão, que augmenta ou diminue com a intensidade dos ventos alizados dos dous hemispherios; os seus limites occidentaes approximam-se dos continentes ao passo que os seus limites polares se approximam do equador.

A causa principal das differentes rarefacções do ar que produzem os ventos polares, é o sol [1]; mas em virtude da configuração do terreno, e como por outra parte este astro aquece e rarefaz mais ou menos a atmosphera n'um hemispherio que no outro segundo as estações, os ventos polares adquirem tambem differentes intensidades nos dous hemispherios. Pelas differenças d'intensidade é que os ventos não se dirigem em todas as partes das zonas temperadas constantemente dos polos para o equador.

(M. Lartigue, da Acad. das Sc. de França.)

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546)

Continuado de pag. 76.

Primeiramente faço lembrança a v. a. que não devia de ter qua nenhũ governador, nẽ official assĩ de justiça, como de fazenda mais tempo, que de tres annos; posto que lhe affirmassem, que saravão enfermos, e resucitavão mortos; porque a terra é de tal calydade, que não sinto qual seja a natureza tão forte, que possa resistir muito tempo ás cobiças, e vicios, que se nella uzão, e pratiquão: os quaes tem cobrado tamanha posse, e authoridade, que nenhũa couza se pode já qua fazer, por feia que seja, que dos homens seja estranhada; nem pello contrairo algũ genero de virtude, que se aprove, e aja por bem feita, e delles seja bem tomada, e recebida. Ora pois, senhor, se em Portugal acaso podemos com pessoa, que as primeiras palavras nos não tragam á memoria como ha paraiso, e inferno, e a pouca conta, que devemos fazer desta vida, salvo para obrar, e fazer bem; e lá ha tantos pregoeiros das virtudes, e acuzadores dos vicios, e pecados; e com tudo isso não deixa daver quem sirva mal v. a., e lhe roube a sua fazenda, a que laa, e qua chamão saber, e aproveitar: que fará n'estas partes da India, onde tudo se faz polo contrairo, e não crê nenhũa pessoa, que haja hy mais de nacer; e morrer, sem terem, não digo por pecado, mas por cousa mal feita; fazerem furtos, azarem mortes, viverẽ em luxurias, e, em conclusão, em nenhũa maldade os podem comprehender, de que ajam hũa piquena de vergonha. Eu confesso a v. a., que não sou já o que party de Portugual, e que cada vez me vou enchendo de ferrugem, e apodrecendo como as armas dos seus almazèis. Mas com tudo tenho muita esperança em Deus, que até tres annos me não arrombe de todo. Polo que peço muito por mercê a v. a, que não queira cheguar ao cabo de espirimentar n'esta terra minha constancia, e fortaleza, e aja por seu serviço mandar outro governador: porque lhe juro em verdade, que os trabalhos da India me tem guastado as carnes, e os cuidados de tantas, e tam desvairadas couzas moidos os ossos, e o máo viver dos homẽs danada a alma. Demaneira, senhor, que cumpre muito a v. a. não me ter qua mais tempo que tres annos; e á minha conciencia recolher-me outra vez aos matos da serra de Sintra, pera dar algũs dias a Deus de quantos annos me tem levado o mundo. E não me empute v. a. a fraqueza desejar eu em estremo de me sair dũa terra; pois são Thomé recusava tanto de o nosso Senhor mandar a ella. E tãobem não he possivel poder-se mais tempo soster hũ governador sem mostrar o fio; como quer que he sobejamente perseguido dos homẽs, dos quaes hũs lhe pedem dinheiro, outros o peitão com elle, e outros pedem officios, e viagens, e elle ainda não tem cinco paẽs, e dous peixes pera cinco mil homẽs, nem merecimento pera nosso Senhor fazer millagres por elle.

Garcia de Saa he hũ fidalgo muito honrrado, e todo o tempo, que esteve em Portugual servio v. a. na côrte, e o que esteve fóra o servio na guerra. Quando vim a descercar esta fortaleza de Dio estava sua molher muito doente; e sem embargo disso a deixou, e veio comigo servir v. a.: e depois de me Deus dar victoria dos mouros lhe trouxerão novas, que sua molher era falecida, da qual lhe ficárão duas filhas muito fermosas, e muito virtuosas: beijarei as mãos a v. a. favorecello no contracto, que com elle fez do gingivre; pera que comisso que puder guanhar possa cazar suas filhas. Elle estaa pobre, e anda muito desfavorecido de v. a., por nunqua lhe escrever. Se isto é, por ter algũa maa enformação d'elle, eu lhe juro em minha conciencia, que lha derão falsamente; porque o tem tãobem servido em Malaqua, que não sei quem chegasse a elle: e assĩ velho como he, em todalas couzas do serviço de v. a. he o primeiro, que se oferece, e que o serve per obra; e toda a mercê, que lhe fizer, elle a merece por seu serviço: e em satisfação de quanto tem gastado; e tãobem com ella empararaa v. a. suas filhas. Vasco Fernandes, capitão dos piães de Goa, que morreo na batalha, era

[1] Na sociedade meteorologica de Londres, n'uma das sessões do principio do corrente anno, foi lida uma memoria de C. Bulard sobre certa lei existente na direcção dos ventos. Duas mil observações levaram o auctor a concluir que a direcção dos ventos depende principalmente da differença de declinação do sol. e da lua. *(Nota da redacção.)*

muito valente cavaleiro, e tinha servido v. a. em Africa, e qua na India se tinha achado em todalas couzas de guerra. Era muito pobre: cuido que a cauza disto era ser muito bom homẽ. Ficão-lhe dous filhos, e muitas filhas: beijarei as mãos a v. a. tomar-lhe os filhos por seus moços da camara; porque soaraa qua muito bem nas orelhas do povo verem, que estaa v. a. emparando de cinco mil legoas os filhos dos homẽs, que morrem em seu serviço.

Ho doutor Simão Martins ouvidor geral da India he hũ dos boõs homẽs, ou o milhor que nunqua veio a esta terra de seu officio; porque he muito livre, e izento no fazer da justiça, e tão inteiro, que não toma hũ pucaro dagoa de ninguem; e com isto é muito bem quisto de todos; por verem sua bondade, e direita justiça. Estaa tão pobre, que se póde aver delle muita piedade. Anda sempre comigo, na guerra o acho a par de mĩ, como cavaleiro, na pax me aproveito de seu conselho; porque tenho por certo, que mo daa bem, e verdadeiramente. Na batalha, que com ajuda de nosso Senhor vency, ganhou muita honrra: polas quaes couzas, receberei em mui grão mercê de v. a. mandar-lhe o habito com vinte mil reis de tença. Bem sei que toda a outra pessoa lhe mandára pedir mais pera elle; mas eu estimo tão pouco rendas, e riquezas, que venho a ser máo juiz, e máo requerente dos merecimentos alheios; e por isso venho a pedir tam pouco a hũ rei como v. a., sobre todolos outros liberal, e virtuozo, o que me faz inda mais culpado.

O anno passado escrevi a v. a, pedindo-lhe por mercê, que tomasse Duarte Pereira por cavaleiro de sua caza: bem creio, que me faria essa mercê; mas porque póde ser, que com outras occupações lhe esquecesse, lho torno agora a pedir outra vez; porque tẽ muito bem servido v. a. n'estas partes, e n'esta jornada de Dio trabalhou grandemente. Elle foi o que meteo meus filhos em Dio no tempo do inverno; por ser o mais soficiente homẽ de navios de remo, que até o dia doje tenho visto. [1]

N.

SELENOGRAPHIA. [2]

Com o titulo de — Relêvo do hemispherio visivel da lua, executado por Th. Dickert, guarda do museu de historia natural da universidade de Bonn, na escala de 1:600,000 para as distancias, e de 1:200,000 para as alturas, foi presente á academia de França em sessão de 5 de junho um opusculo, impresso em allemão, redigido por J. — F. Julius Schmidt astronomo do observatorio de Olmütz, na Moravia, opusculo do qual o secretario perpetuo fez as seguintes citações:

Os diametros das *crateras* propriamente ditas variam de seis milhas apenas alguns centos de pés. São numerosas e encontram-se em todas as regiões da superficie da lua. As paredes circulares teem quasi sempre consideraveis profundidades. A situação de muitos milhares de pequenas crateras fez presumir aos observadores, que algumas são d'origem recente, por isso que veem-se claramente os effeitos produzidos por ellas nas montanhas antigas em que estão abertas.

As *fendas* que teem a fórma de rêgos ou fóssos estreitos e profundos, são de grande numero de milhas de comprimento em quasi todas as regiões da superficie da lua, constituem uma formação particular, e á excepção de tres, todas as outras teem sido descobertas nos ultimos trinta annos. A direcção das mesmas parece ser inteiramente independente dos accidentes do sólo nas suas proximidades, ou sejam montanhas ou planicies; atravessam em seu curso montanhas inteiras bem como os elevados contornos circulares de crateras profundas. O delicado estudo telescopico deixa vêr n'ellas um phenomeno estreitamente ligado á formação de crateras alinhadas. Nas fendas descobre-se a formação a mais moderna d'accidentes na superficie da lua, e talvez actualmente ainda outros tenham logar.

Esta noticia é acompanhada d'um programma das diversas regiões mais importantes publicadas por Th. Dickert; a saber:

1.° A região de Mosenberg e o lago de Meerfeld, junto de Manderschied no Eifel;

2.° Os banhos de Bertrich e suas circumvisinhanças ao pé da Moselle;

3.° O lago de Uelmen e seus arredores no Eifel;

4.° A ilha de Palma, no archipelago das Canarias;

5.° A ilha de Teneriffe, com o pico de Teyde.

Os relêvos são executados em folhas delgadas de cobre, o que os torna de facil transferimento, resultando assim a grande vantagem de nos cursos ser á vista patente a demostração dos phenomenos geologicos.

SOCIEDADE GEOLOGICA DE LONDRES.

Na sessão de 22 de março mereceu especial menção um trabalho extenso e conscienciozo de Charles Lyell sobre a geologia de algumas partes da Madeira e das ilhas visinhas, onde o auctor esteve muitos mezes na companhia de C. Bunbury, que dirigiu tambem uma communicação sobre as plantas fosseis, urzes e dicotyledones, descobertas por Ch. Lyell, debaixo da camada de basalto na barroca de Gorge, ao norte da ilha da Madeira. O naturalista allemão Hartung, que estava no Funchal, entrou n'esta exploração com Ch. Lyell.

[1] Esta longa, e tam notavel carta no manuscripto não tem data; mas bem se vê, que foi escripta logo depois da grande victoria de Dio nos fins do anno de 1416. (Nota do compilador d'estes documentos.)

[2] Esta palavra deriva-se da raiz grega *seléné* lua.

ESTATISTICA PATHOLOGICA DOS HOSPITAES DA UNIVERSIDADE.

HOMENS. — ENFERMARIAS DE MOLESTIAS INTERNAS — TRIMESTRE DE ABRIL A JUNHO DE 1854.

	MOLESTIAS.	EDADES				Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
		Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.				
4	Febre nervosa	1	2	1	»	3	»	1	4
5	Febre gastrica	»	1	1	1	3	»	»	3
»	» *Apoplexia*	»	»	»	1	»	»	1	1
»	» *Anasarca*	»	»	1	»	1	»	»	1
49	Febre intermittente	»	8	7	4	16	3	»	19
6	» *Pneumonia*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» *Bronchite*	»	1	2	»	3	»	»	3
»	» *Ascite*	1	»	1	»	1	1	»	2
»	» *Anasarca*	»	»	1	»	»	1	»	1
»	» *Anasarca-Obstrucção do baço*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» *Sarna*	»	»	»	1	1	»	»	1
»	» *Obstrucção do baço*	»	14	7	»	16	5	»	21
1	Febre intermittente gastrica	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Angina	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Parotidite	»	1	»	»	1	»	»	1
19	Pneumonia	»	4	11	1	11	1	4	16
»	*Rheumatismo articular chronico*	»	»	2	»	1	»	1	2
»	*Sarna*	»	»	1	»	1	»	»	1
2	Pleuresia	»	»	1	1	2	»	»	2
2	Cystite	1	»	1	»	1	1	»	2
1	Ophtalmia — *Blennorrhagia*	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Erysipela	»	»	1	»	1	»	»	1
3	Rheumatismo articular	1	2	»	»	1	2	»	3
13	Rheumatismo articular chronico	»	5	7	»	8	4	»	12
»	*Herpes na face*	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Pleurodynia	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Lumbago	»	»	1	»	1	»	»	1
2	Embaraço gastrico	»	1	»	1	2	»	»	2
8	Bronchite	2	2	4	»	8	»	»	8
2	Bronchite chronica	»	»	1	1	2	»	»	2
1	Epilepsia	»	1	»	»	»	1	»	1
1	Cephalalgia	»	»	1	»	1	»	»	1
6	Gastralgia	1	1	4	»	4	2	»	6
1	Apoplexia	»	»	»	1	1	»	»	1
1	Hemiplegia	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Paraplegia incompleta	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Amaurose	»	1	»	»	»	1	»	1
7	Tisica pulmonar	»	1	4	2	»	2	5	7
13	Ascite	»	1	4	1	2	1	3	6
»	*Febre intermittente*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	*Hydrolorax — pneumonia*	»	1	»	»	»	»	1	1
»	*Obstrucção do baço*	1	»	2	»	1	2	»	3
»	*Vermes intestinaes*	»	»	»	1	»	»	1	1
»	*Herpes*	»	1	»	»	1	»	»	1
2	Hydrothorax	»	»	2	»	»	»	2	2
1	Anasarca	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Anasarca — *Ascite*	»	1	»	»	1	»	»	1
2	Hemoptysis	»	1	»	»	1	»	»	1
»	*Anasarca — edema pulmonar*	»	1	»	»	»	»	1	1
1	Hemorrhoidas	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Diabetes	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Catarrho vesical	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Diarrhea	»	»	»	1	»	»	1	1
3	Ictericia — *Obstrucção do figado*	»	1	1	»	2	»	»	2
»	*Obstrucção do figado e do baço*	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Escrophulas — *Herpes*	1	»	»	»	»	1	»	1
2	Syphilis geral	»	»	2	»	1	1	»	2
2	Aneurisma do coração — *Ascite-Hydrothorax*	»	»	»	1	»	1	»	1
»	» *Hydropericardio — Hydrotorax*	»	»	»	1	»	»	1	1
1	Aneurisma da crossa da aorta	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Obstrucção do baço — *Ascite*	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Obstrucção do baço e figado — *Ascite*	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Cancro do estomago	»	»	»	1	»	»	1	1
1	Cancro do figado	»	»	»	1	»	»	1	1
1	Vermes intestinaes	»	1	»	»	1	»	»	1
1	Herpes	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Elephantiase	»	1	»	»	»	1	»	1
1	Prolapso do recto	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Abcesso do figado	»	»	1	»	»	»	1	1
2	Molestias não classificadas (um entrou moribundo)	»	1	»	1	»	1	1	2
178		9	59	88	22	112	40	26	178

Movimento	Abril	Maio	Junho	Trimestre
Existiam	59	70	43	
Entraram	69	41	46	156
Sairam	53	57	41	151
Falleceram	5	10	11	26
Relação dos fallecidos para os entrados	1:13,8	1:4,1	1:4,1	1:6
—— para os saidos	1:10,6	1:5,7	1:3,7	1:5,8
—— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:25,6	1:11,1	1:8	1:8,2

Movimento de todas as enfermarias dos hospitaes da universidade em todo o trimestre.	Homens	Mulheres	LAZAROS		Todos
			Homens	Mulheres	
Existiam	128	117	20	12	277
Entraram	342	210	»	1	553
Sairam	332	234	5	3	574
Falleceram	35	23	1	1	60
Relação dos fallecidos para os entrados	1:9,7	1:9,1	»	»	1:9,2
—— para os saidos	1:9,4	1:10,1	»	»	1:9,5
—— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:13,4	1:14,2	»	»	1:13,8

Observações meteorologicas. [1]	Abril	Maio	Junho
Media — Temperatura atmospherica ao meio dia	15,°9 C.	16,°8 C.	18,°7 C.
Media — Altura barometrica a 0.° C.	mil 751,039	mil 751,774	mil 752,962
Ventos predominantes	S.E. e E.	N.O. E. e S.O.	N.O. N. e S.O.

[1] Instituto de Coimbra N.° 3.

Dos tres doentes de febre intermittente, não curados, um foi despedido por conveniencias de disciplina, e dois não esperaram pelo tratamento, saindo 24 horas depois da entrada.

Dos 5 que morreram de pneumonia, entraram 2 com seis dias de molestia, e 1 com oito dias; e o que apparece na casa dos não curados entrou com seis dias de molestia.

O doente de cancro do estomago, Francisco Antonio, de 67 annos de idade, casado, trabalhador de enxada, natural de Ramalhaes, freguezia de Aviul, esteve quatro mezes no hospital e morreu, sem que a molestia se revelasse pelos symptomas locaes, que a costumam caracterisar. Sobresaía grande palidez por toda a pelle e na lingoa, emmagrecimento geral, cançasso, alguma tosse e fastio. O murmurio respiratorio estava quasi sumido, o pulso tardo e linear, e todas as mais funcções se executavam a custo. Via-se o apparato d'uma anemia, e, se quizerem, d'uma diatheze cancrosa adiantada, sem que a percussão, auscultação, apalpação etc, podessem descobrir lezão organica no estomago, e em nenhum outro orgão, que désse a razão d'esta deterioração geral da economia. A autopsia resolveu o problema, mostrando a parede posterior do estomago toda cancrosa, e esta degeneração propagada ao figado e baço, nos pontos de contacto destas visceras com o cancro do estomago.

O que morreu de abcesso do figado tambem offerece uma particularidade, que deve registar-se entre aquelles factos pathologicos, que ás vezes eludem as deducções diagnosticas. Chamava-se João Carvalho, de 39 annos de idade, casado, trabalhador,

natural de Trouxemil. O correr dos symptomas mostrou com facilidade uma hepatite aguda, e revelou igualmente a sua terminação por um abcesso do figado. Neste estado sobreveiu uma diarrhea sanguineo-purulenta, e depois mucoso-purulenta, coincidindo com ella o abaixamento do tumor hepatico, e uma consideravel melhora no estado geral do individuo. Passados 6 dias, suspendeu-se a diarrhea, peorou o estado geral, e começou a apparecer um tumor com fluctuação sobre as falsas costellas do lado direito. Com uma puncção neste ponto dei saida a 8 libras de puz pouco mais ou menos; e, passados 4 dias, reappareceu a diarrhea purulenta, que foi acompanhando por tres semanas a saida do puz pela abertura exterior. O homem, depois d'uma demora de dois mezes no hospital, morreu no estado de marasmo e consumpsão propria destas suppurações internas.

Tudo levava a suppor que o abcesso do figado, primeiro, se abrira no canal intestinal; que, depois, obstruida esta communicação, o puz atravessára os planos musculares, para se apresentar em tumor sobre as costellas falsas; e que, em seguida á puncção exterior, a primeira abertura interna se renovára, despejando-se ultimamente o abcesso do figado pelo canal intestinal, e pela abertura externa. A autopsia verificou tudo, á excepção da abertura do abcesso pelo tubo degestivo, de que não appareceu o menor vestigio. A espessura anormal das paredes intestinaes em parte do colon e mesmo nas ultimas porções dos intestinos delgados, e muitas ulceras que se viam na sua mucosa, fizeram conhecer a origem das materias purulentas e sanguineas, que durante a vida pareciam ter vindo do figado.

A mortalidade de 1:9,2, em relação aos entrados nos hospitaes da universidade em todo o trimestre, se bem que mais favoravel que a do hospital de S. José e annexos de Lisboa, que foi de 1:6,3 no mesmo trimestre [1] é com tudo menos lisonjeira que a do trimestre passado: e esta differença ainda se torna mais sensivel, confrontando-se o movimento das enfermarias de homens de molestias internas nos dois trimestres. Não posso deixar de attribuir este augmento de mortalidade á resolução, tomada pela directoria dos hospitaes, de difficultar extraordinariamente a aceitação dos doentes, movida pelos apuros, não direi extraordinarios, por que desgraçadamente são permanentes, mas apuros lamentaveis do miseravel cofre d'um estabelecimento, que tantos beneficios poderia prestar á humanidade enferma; e que, se o não tirarem da penuria em que se acha, ir-se-ha convertendo o seu futuro tão esperançoso n'uma perfeita illusão publica, n'uma desgraça de mais, sobre tantas que já soffrem os desgraçados que alli concorrem.

Não se diga que effectivamente não augmentou a mortalidade, e que o desfavoravel da proporção provém unicamente da diminuição no numero das entradas. O numero absoluto dos fallecidos em todo o hospital, no trimestre de janeiro a março, foi 56; e, havendo menos doentes no trimestre de abril a junho, o numero dos fallecidos neste trimestre subiu a 60. E note-se que a differença ainda é mais saliente nas enfermarias de molestias internas no hospital dos homens, que, tendo dado no primeiro trimestre 15 fallecidos, deu 26 no trimestre seguinte. Nem podia deixar de ser: com a *rigorosa* difficuldade na aceitação, os doentes gastavam os melhores dias de tratamento em applicações caseiras, as mais das vezes nocivas; e, só em ultimo recurso, batiam ás portas do hospital, já com a molestia adiantada, como aconteceu aos doentes de pneumonia, que entraram com 6 e 8 dias de molestia!! Aceite quem quizer a pesada responsabilidade destes factos, que, n'um paiz civilisado, não pódem qualificar-se. Pela minha parte acompanharei os desvalidos enfermos no seu protesto, pouco ouvido, mas solemne, contra a *rigorosa* difficuldade na aceitação dos doentes, e ainda mais contra a miseria, e mesquinhez, da actual dotação dos hospitaes da universidade.

A. A. DA COSTA SIMÕES.

Na sociedade metereologica de Londres leu-se em sessão de 28 de março ultimo uma memoria do Dr. Moffat, sobre a metereologia medical e a *ozone* atmospherica. Entre outras conclusões d'este trabalho, o Dr. Moffat estabelece que: o *maximo* das doenças tem logar com os ventos do sul, e o *minimo* de mortalidade com os ventos do norte; algumas doenças são proprias de certas direcções do vento, a apoplexia, a epilepsia, a paralysia e as mortes subitas são mui communs no tempo de saraiva e de neve, e com os ventos em que estes phenomenos geralmente se produzem, isto é, noroeste e sueste.

Ainda subsistia em 1837 no concelho de Balazuc (Ardeche) um antigo uso, a que Comarmond dá o nome de *taurobolia*, e que consistia em immolar um touro todos os annos em dia fixo. Uns fazem remontar ao paganismo a origem d'este costume, outros o reportam somente á epocha d'uma epizootia.

[1] Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa — folhetos de maio junho e julho de 1854.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia
Mez de Maio		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor aquoso contido no ar.	Pressão do ar secco	Gráu de humidade do ar	Quantidade de vapor contido em um metro cubico de ar.	
Dias	Gráus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas.	
1	16	743,354	9,299	734,055	0,6879	9,332	S.
2	16	744,821	10,449	734,372	0,7724	10,485	S.
3	15	745,398	9,752	735,646	0,7684	9,819	S.
4	13	749,757	8,159	741,598	0,7314	8,273	O.
5	13	756,094	8,247	747,847	0,7389	8,362	N.
6	13,5	755,517	8,656	746,861	0,7508	8,761	N.
7	15	754,572	9,624	744,948	0,7579	9,690	O.
8	16	753,689	10,317	743,372	0,7622	10,355	N.
9	15	753,557	8,161	745,396	0,6427	8,217	N.
10	14	753,934	7,998	745,936	0,6717	8,081	N.
11	18	754,710	10,384	744,302	0,6762	10,348	S.
12	15	753,811	9,745	744,066	0,7674	9,812	N.
13	16,5	753,830	8,992	744,838	0,6436	9,007	E.
14	17	749,766	9,321	740,445	0,6464	9,321	O.
15	18	749,138	10,883	738,255	0,7087	10,820	O.
16	18	748,632	11,029	737,603	0,7182	10,991	N.
17	18	748,886	10,931	737,955	0,7118	10,893	E.
18	18,5	751,356	10,239	741,117	0,6462	10,198	E.
19	19	752,561	10,121	742,440	0,6192	10,051	E.
20	18,5	753,382	10,766	742,616	0,6795	10,710	N.
21	17	754,427	10,153	754,274	0,7041	10,153	O.
22	18	752,581	11,534	741,047	0,7511	11,466	O.
23	16	751,762	8,697	743,065	0,6425	8,727	N.
24	17	753,566	9,202	744,364	0,6381	9,202	N.
25	16,5	754,083	9,220	744,863	0,6599	9,235	N.
26	17	751,539	9,684	741,855	0,6715	9,684	N.
27	18	751,164	9,655	741,509	0,6131	9,621	N.
28	17	753,566	10,154	743,412	0,7041	10,154	N.
29	17	753,062	9,575	743,487	0,6640	9,575	N.
30	18	751,671	9,298	742,373	0,6055	9,266	N.
31	17	751,033	9,575	741,458	0,6082	9,575	N.
media do mez	16,8	751,774			0,6891		

Extremas do mez	*Temperatura*	*Pressão atmospherica*	*Gráu de humidade do ar*	*Vento predomin.*
	Maxima absol. . . 19.°	Maxima absoluta . . 756,094	Maxima absoluta . . . 0,7724	N.
	Minima . . . . . 13.°	Minima 743,354	Minima 0,6055	
	Maxima variaç. . . 6.°	Maxima excursão . . 12,740	Variação maxima . . 0,1669	

Coimbra 1.° de Junho de 1854.

O Demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Miguel Leite Ferreira Leão.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL.[1]

1844—1845.

Continuado de pag. 81.

CAPITULO III.

Instrucção secundaria.

A instrucção secundaria foi um dos principaes objectos da reforma do marquez de Pombal; porque, achando-se até então confiada aos padres da companhia de Jesus, foi preciso reparar os estragos, talvez exaggerados, que lhes imputa o auctor da Deducção Chronologica. Começou aquella reforma no alvará de 28 de junho de 1759, e instrucções, que o acompanharam: porém resentiu-se do mesmo defeito, que notamos na da instrucção primaria, em quanto á estreiteza das materias de ensino.

A instrucção secundaria é a que forma o homem, e por isso mereceu o nome de humanidades, porque completa o desenvolvimento da sua intelligencia, com relação aos empregos ordinarios da vida, agricultura, commercio e artes. Deve por tanto abranger todos os conhecimentos necessarios, para satisfazer este fim: porém a mencionada reforma reduziu a instrucção secundaria a pouco mais, do que os estudos classicos e litterarios; tocando apenas nos scientificos. No entretanto é certo, que sómente pela alliança d'estas duas qualidades de estudos, se desenvolve a intelligencia humana, polindo-nos o nosso espirito, e elevando o nosso pensamento; e allargando os outros a esphera dos nossos conhecimentos, com relação aos usos mais ordinarios e indispensaveis da vida. Com este fim foi aquella reforma adeantada no decreto de 17 de novembro de 1836, e mais ainda no de 20 de septembro de 1844, entrando na instrucção secundaria os estudos scientificos, principalmente os ramos industriaes.

Antes porém de plantar é preciso dispor o terreno; e por isso no artigo 49.° d'este decreto, se deixa á prudencia do governo o crear algumas cadeiras d'aquelles estudos, quando o julgar conveniente. O conselho, convencido da necessidade d'esta mesma cautela, em quanto ao provimento de algumas já creadas, procura dispor os elementos indispensaveis para o seu exercicio; tendo distribuido pelos vogaes extraordinarios a formação de compendios, instrucções e programmas: e quando tiver feito estes preparos, *não* se descuidará de fazer a proposta d'aquellas, que houver esperança de terem professores e alumnos; porque a experiencia tem mostrado, que mesmo algumas das outras, já providas, são pouco frequentadas: e não será justo dispender a fazenda publica sem proveito, como o conselho já ponderou na consulta, que levou á presença de V. M. sobre este objecto.

É este um dos motivos por que os lyceus se acham ainda incompletos, e até mesmo alguns por installar. Apenas estão constituidos definitivamente os cinco principaes, de Lisboa, Porto, Coimbra, Evora e Braga: e nas outras capitaes de districto, vão-se dispondo os elementos para elles. Assim mesmo o de Evora é tão pouco frequentado, que o conselho, em logar de propor o provimento de mais cadeiras para elle, proporia a suppressão de algumas, que apenas são frequentadas por um ou dous discipulos, se não tivesse a esperança de ver removidos, com o tempo, alguns dos embaraços, que impedem a frequencia d'ellas. Pelo contrario o lyceu de Braga tem grande concurrencia; e por isso o conselho vai fazer a proposta de algumas cadeiras, que nelle faltam.

Outra causa para os lyceus estarem ainda incompletos, é a falta de commissarios, porque apenas se acha nomeado e em exercicio o de Braga: e no entretanto, tendo elles de ser os reitores dos lyceus, é d'elles, que o conselho espera informação, para saber as cadeiras, que serão frequentadas, e mesmo para formar o seu regulamento economico e litterario, sem o qual mal se podem constituir, e muito menos ter andamento regular. Os estudos dos lyceus ainda se não acham classificados; e por isso é livre a qualquer alumno, depois dos de latim, applicar-se aos que bem lhe parecer; mas entre elles ha uns que dão luz para os outros: alguns precisam de uma intelligencia mais desenvolvida do que outros; e por isso é indispensavel distri-

[1] Os mappas a que se refere este relatorio e seguintes, serão publicados no fim da collecção.

buil-os em classes, para que se não possa passar das inferiores para as superiores, sem dar provas, por exame, de possuir os conhecimentos d'aquellas. Assim haverá occasião de remover da instrucção secundaria, logo na entrada d'ella, os alumnos, que se mostrarem ineptos e descuidados, e não lhe permittir que entretenham n'ella, sem proveito, o tempo, que podem empregar com vantagem em outro mister, para que tenham aptidão.

Fóra dos lyceus acham-se em exercicio alguns cursos biennaes e cadeiras de latim: porém no estabelecimento d'aquelles offerece-se grande difficuldade nos logares, aonde as cadeiras teem professores antigos; porque muitos d'elles, não teem os conhecimentos precisos: e no entretanto, não lhes tendo sido exigidos para o seu provimento, seria duro, senão injusto, prival-os d'elle por uma falta, em que não são culpados; e que muitos não estarão em circumstancias de poder remediar. Limitou-se por isso o conselho a recommendar o desempenho do curso, mas não quiz impor rigorosa obrigação, como já levou ao conhecimento de V. M.

Em quanto ás cadeiras de latim: o conselho recebe continuadamente representações das camaras, pedindo o seu augmento: porém tem-se limitado ao numero estabelecido no decreto de 20 de septembro de 1844, satisfazendo algumas d'aquellas representações com a transferencia das cadeiras, que são pouco frequentadas em alguns logares. E bem longe de propor o augmento d'aquelle numero, antes julga que o ensino do latim se deve ir reconcentrando nos lyceus. É verdade que a multiplicação d'aquellas cadeiras evita aos paes de familias, que as teem á porta; o sacrificio da separação dos filhos, e da despesa, que com elles fazem em logar distante: porém a instrucção secundaria é destinada para as classes medias da sociedade, que devem fazer aquelles sacrificios, para a terem perfeita.

Quando a instrucção primaria era incompleta e limitada á leitura e escripta, serviam as cadeiras de latim de a completar, porque sómente n'ellas se podiam apprender os principios grammaticaes; e por isso justo era que se multiplicassem; mas logo que na instrucção primaria ha o 2.° gráo, que comprehende não só Grammatica Portugueza, mas todos os conhecimentos necessarios, para as classes inferiores da sociedade, o estudo de um pouco de latim serve sómente para arredar essas classes, das profissões proprias das suas circumstancias, e obrigal-as a despesas e sacrificios, com que não podem, para sustentar a vaidade, que aquelles estudos lhes despertam.

No decreto de 20 de septembro de 1844 tambem se acham comprehendidas na instrucção secundaria as duas academias de bellas artes de Porto e Lisboa, e o conservatorio real: porém a academia de Lisboa não enviou ao conselho o relatorio; e por isso não póde elle dar noticia alguma do seu estado. Em quanto á do Porto: consta do seu relatorio terem estado em exercicio as suas cadeiras, com frequencia e aproveitamento; e achar-se em bom estado aquelle estabelecimento, menos no que respeita ao edificio, em que se acha collocado; porque é o da academia polytechnica, aonde não ha accommodação para todas as aulas: e por isso estão algumas em edificio separado, com grave perjuizo do ensino. Seria conveniente completar aquelle edificio, porque n'elle, se poderiam accommodar os dous estabelecimentos.

O conservatorio real de Lisboa teve 167 alumnos: porém 130 d'estes frequentaram a eschola de musica, que se acha em grande progresso, devido aos cuidados do professor Laureti; em quanto as outras de declamação e dança, se acham em grande decadencia. As providencias que no relatorio d'aquelle estabelecimento se indicam, para remediar este mal, demandam, pela maior parte, sacrificios pecuniarios, que o conselho julga incompativeis com os apuros da fazenda publica: e parecendo-lhe que a frequencia d'aquellas escholas, depende principalmente do cuidado e zelo dos professores, e mesmo dos caprichos do gosto e da moda, espera que com o tempo este se forme.

Ainda o conselho não póde conseguir dos governadores civís uma informação exacta dos collegios e escholas particulares, a pesar das recommendações, que para isso teem feito: apenas o do Porto no seu relatorio dá alguma noticia dos do seu districto. Procede este defeito de se não ter cumprido o artigo 84.° do decreto de 20 de septembro de 1844; porque deixando os directores d'aquelles estabelecimentos de apresentar aos administradores de concelho e commissarios ou reitores dos lyceus as suas habilitações, mal podem aquellas auctoridades ter noticia d'elles, para informarem os governadores civís e estes o conselho. Julgou por tanto o conselho que devia mandar observar aquella disposição, expedindo circulares com as instrucções necessarias para isso, e espera que os governadores civís, conseguindo, por este modo, informações exactas d'aquelles estabelecimentos, não deixarão de dar ao conselho nos seguintes relatorios informações e esclarecimentos a este respeito.

Aquellas providencias eram tanto mais necessarias, quanto a falta de frequencia dos lyceus, é devida, em grande parte á facilidade, com que nas escholas particulares, se ensinam os preparatorios para a instrucção superior. É verdade que este abuso tem o principal correctivo no rigor dos exames: porém seria não conhecer a fraqueza do coração humano, para confiar tudo d'aquelle remedio; e por isso melhor e mais seguro será accompanhal-o do da frequencia, e estu-

do regular, que são as mais seguras garantias do saber.

O mappa n.° 2 *A*, mostra que o numero dos alumnos da instrucção secundaria no continente do reino é de 2:932, e por isso está para o total da população 3:391:772 na razão de 1 para 1:156. Esta proporção porém varía em cada um dos districtos, como se vê do mesmo mappa, sendo os de Béja e Guarda os menos favorecidos, e os de Lisboa e Coimbra aquelles em que a proporção é mais vantajosa: mas a qualidade de ser uma capital do reino e a outra o assento da universidade explica a razão d'esta grande differença.

O mesmo mappa mostra ser de reis 48:803$333 toda a despesa da instrucção secundaria: e por isso sendo o numero dos alumnos 2:932, custa cada um ao estado reis 16$645: proporção esta, que tambem varía em cada um dos districtos, segundo a natureza dos estabelecimentos, que conteem.

Por estes calculos estadisticos se deprehende, que a instrucção secundaria entre nós não é tão restricta, nem tão cara, como alguns pertendem inculcar; porque se é inferior á da Prussia, aonde a proporção dos alumnos com a população é de 1 para 489; é superior á da Hollanda, aonde está de 1 para 2.015.

Accresce, que pela falta dos relatorios parciaes, não vão incluidos n'aquelle calculo os alumnos, que frequentam as escholas particulares, com os quaes se poderia talvez duplicar o numero calculado: e então desapparceria quasi de todo a desvantagem para com a Prussia, e duplicaria a vantagem, que levamos á Hollanda.

Tambem a despesa da instrucção secundaria não é, entre nós muito mais crescida do que n'aquellas duas Nações; por quanto ainda que a quantia de reis 16$645, que entre nós custa cada alumno, seja superior á de 64 fr. e 51 c., que custa na Prussia, e á de 63 fr. e 63 c., que custa na Hollanda, como entre nós a instrucção secundaria é toda nacional, e paga pelo estado, não sobrecarrega os municipios, como n'aquellas nações, em que em parte é municipal; e por isso seria preciso levar em conta a despesa dos municipios, para a comparação ser exacta; e talvez desapparecesse a vantagem, que nos levam por se comparar sómente a despesa do estado.

O seguinte é o resultado do calculo dos alumnos, que frequentaram a instrucção secundaria nos lyceus e cadeiras dispersas, em relação á população dos 17 districtos do continente do reino; a saber:

No districto d'Aveiro, de 1 para 1:774 — Béja, de 1 para 4:978 — Braga, de 1 para 900 — Bragança, de 1 para 1:083 — Castello-Branco, de 1 para 748 — Coimbra, de 1 para 693 — Evora, de 1 para 1:580 — Fáro, de 1 para 1:863 — Guarda, de 1 para 2:203 — Leiria, de 1 para 2:066 — Lisboa, de 1 para 685 — Portalegre, de 1 para 1:760 — Porto, de 1 para 2:007 — Santarém, de 1 para 2:100 — Vianna, de 1 para 1:029 — Villa-Real, de 1 para 961 — Viseu, de 1 para 1:374.

CAPITULO IV.

Instrucção superior.

A instrucção superior é destinada para as classes elevadas da sociedade, d'onde sáem, pela maior parte, os funccionarios publicos: e é por isso talvez, que tanto entre nós, como nas outras nações mereceu os primeiros cuidados aos governos. Ainda a instrucção primaria e secundaria andavam abandonadas aos cuidados dos particulares e de algumas corporações religiosas, e já a universidade, aonde a instrucção superior se achava reconcentrada, tinha sido generosamente dotada, e os seus professores gozavam da maior consideração, e muitos tinham assento nos maiores tribunaes do reino.

Desta desigualdade porém, com que eram contemplados os diversos ramos de instrucção publica, proveiu o mal, que ainda hoje se sente, da demasiada affluencia de alumnos para a superior, sem os conhecimentos necessarios, em que esta podesse assentar, para ser sólida; e sem que todos os que a seguem possam ter emprego; porque o seu numero é excessivo, principalmente nas sciencias positivas. Este mal tem já o principal remedio na extensão, que se deu aos estudos da instrucção primaria e secundaria; porque comprehendendo todos os conhecimentos necessarios, para os usos ordinarios da vida, dispensa muitos de os procurarem na instrucção superior, que os desviava da carreira, que as suas circumstancias lhes marcavam, tentando-os a entrar n'outra, em que não achavam saida; e por isso eram muitas vezes levados pelas necessidades, e desesperação a excessos, a que se teriam poupado, se tivessem seguido outro destino.

Mas ainda a experiencia reclama outro remedio, que será por ventura, o mais efficaz para evitar aquelle mal. Os exames de habilitação para a instrucção superior, segundo o artigo 95.° do decreto de 5 de dezembro de 1836, mandado observar pelo artigo 130 do de 20 de septembro de 1844, são feitos por secções em cada uma das disciplinas das diversas cadeiras: de modo que sendo estas estudadas em differentes tempos, e descuidando-se os alumnos de as recordar, depois de feito o respectivo exame entram na instrucção superior, tendo esquecido o pouco, que dellas tinham aprendido, para satisfazerem a um exame immediato, ao seu estudo. Não succederia assim, sendo o exame um só sobre todas as disciplinas; porque para as conservar na memoria, seria preciso estudar com intelligencia, e recordal-as continuadamente. O exame de habilitação, deve ser o resumo

da instrucção secundaria, que se julgar necessaria para o ramo de instrucção superior, a que o examinando se destinar. E quem no momento de entrar para esta, não poder dar provas de que possue todas as partes essenciaes daquella, não deve ser admittido; porque pretenderia formar um edificio sem alicerce.

As habilitações para as matriculas são objecto de disposições regulamentares, segundo o artigo 165.° do decreto de 20 de septembro de 1844; e por isso, se aquella alteração no systema d'ella for do aggrado de V. M., poderá o conselho desenvolvel-a mais circumstanciadamente, no competente regulamento, para que a sancção de V. M. possa ser dada com mais conhecimento de causa. Assim poderá a instrucção superior assentar em alicerces mais solidos: e serão removidos della, logo á porta, aquelles que não tiverem dado esperança de tirar proveito dos seus estudos.

A maior affluencia na instrucção superior é para os estudos juridicos da universidade; porque sendo habilitação essencial para a magistratura, dão esperança de emprego. Essa esperança, porém fica illudida em muitos, por não chegar para todos os logares da administração judicial: e dessa illusão seguem-se as pretensões, com que assaltam o governo, e a guerra que muitas vezes passa das secretarias para a praça. Esta concurrencia, poderia talvez dividir-se, formando um curso de estudos economico-politico administrativos, como habilitação indispensavel para os empregos de fazenda e administração civil. Em verdade: se é precisa uma habilitação para a administração judicial, que tem uma marcha legal e invariavel; mal se póde conceber, como na civil, dependente, pela maior parte, do arbitrio e talento do administrador, se deixe a escolha deste ao azar, sem dar provas de estudos, e conhecimentos, que deem esperança, de que aquelle arbitrio será bem regulado, e o talento illustrado e intelligente.

É esta talvez a unica reforma de que precisem os estudos da universidade, porque a ultima feita no decreto de 20 de septembro de 1844, accrescentando alguns que o progresso das sciencias tornava necessarios elevou-os á perfeição dos das mais bem constituidas da Europa. Aquella reforma, tendo sido pela maior parte, o resultado dos votos de cada uma das faculdades, foi por todas abraçada com a maior vontade, e por isso, se acha em plena execução; mostrando-se todas empenhadas em promoverem o acerto d'ella, pelo seu bom resultado.

Ha porém uma falta, que, principalmente nas sciencias naturaes, não deixará colher aquelle resultado, em quanto não for remediada. A reducção feita na dotação dos estabelecimentos indispensaveis para o desenvolvimento practico das sciencias, não permitte a conservação delles, e muito menos o seu melhoramento, porque a quantia de seis contos de reis, sendo absorvida, na maior parte, pelas necessidades do hospital, a que se não póde faltar, apenas chega para os reparos dos edificios. Assim a bibliotheca, estabelecimento indispensavel n'uma universidade, acha-se reduzida a não poder prover-se de livros modernos, nem mesmo dos jornaes litterarios, e scientificos; interrompendo as collecções d'elles, que assim incompletas, perdem o seu valor: e nem mesmo póde completar o arranjo das livrarias dos conventos, com que foi dotada. O observatorio astronomico, e os diversos gabinetes do museu, estabelecimento grandioso, e formado com mão tão larga, não pódem adquirir novos productos, e machinas, nem melhorar as antigas. O laboratorio chimico, jardim botanico, e finalmente todos os estabelecimentos d'esta natureza, que para serem uteis, demandam continuados melhoramentos, estão estacionarios, e mesmo em decadencia, em quanto V. M. se não dignar de augmentar aquella dotação; como foi indicado no orçamento da universidade, para os melhoramentos ordinarios; porque os estraordinarios precisam d'ella mais avultada.

O unico estabelecimento que se acha em termos de prosperar é o da imprensa da universidade, porque tendo satisfeito, pelos cuidados e boa economia da actual administração, as dividas, com que a anterior a deixára, sobrecarregada, tem um saldo importante, que póde ser convertido no seu melhoramento; e tira de si mesma continuados recursos, que pódem tornar progressivo aquelle melhoramento, até a levar á perfeição, em que se acha a imprensa regia de Lisboa, que, segundo o relatorio respectivo, se acha no estado de maior prosperidade tanto no pessoal como no material. Porém esta precisou para isso, de ser auxiliada com recursos do governo; e a da universidade contenta-se com os proprios; sendo a sua administração auctorisada para os empregar em melhoramentos, de que dará contas.

As escholas medico-chirurgicas de Lisboa e Porto occupam uma boa parte dos seus relatorios, com a reproducção da antiga rivalidade com a faculdade de medicina da universidade. A do Porto já se contenta com a concessão dos gráos em chirurgia, para os seus alumnos: porém a de Lisboa tacha de injustiça manifesta, tudo o que não fôr dar a todos igual consideração á dos da universidade, com pleno exercicio de medicina, sem a restricção do decreto de 25 de junho de 1825.

— Coherente com este systema de engrandecimento, argue de insufficiente a quantia de um conto de reis para a sustentação, dos estabelecimentos de que a eschola deve cercar-se: e insta pelo augmento da sua dotação, não só para sustentar os designados no decreto de 20 de septembro de 1844, senão tambem para crear muitos outros, que julga

necessarios depois que lhe foi concedida aquella consideração. De modo que, sendo estas escholas, na sua origem destinadas para o ensino da chirurgia, instaram pelos estudos de medicina como auxiliares daquelle; agora depois de lhe serem concedidos, substituem os meios ao fim, trocam o accessorio pelo principal, e quando o publico esperava duas escholas de chirurgia, acha-se com tres faculdades de medicina!

A experiencia tem mostrado, que as sciencias para prosperar, precisam de estar reunidas em grandes centros scientificos, cercados de bibliothecas, museus, observatorios, e outros estabelecimentos indispensaveis para o seu desenvolvimento, bem fornecidos e dotados, os quaes por isso não pódem ser multiplicados, ainda nas nações mais ricas, do que a nossa; mas quando todas procuram reconcentral-os, somente entre nós se forceja, pela dispersão d'elles, desmembrando a universidade, e creando tres faculdades de medicina, com tal apparato, que apenas n'uma se póde sustentar.

Algumas outras providencias reclamam aquellas escholas, que merecem mais attenção: porém depende de um regulamento de que o conselho se occupa, procurando obter os esclarecimentos necessarios para o formar. Entre ellas e as commissões administrativas dos hospitaes teem-se levantado conflitos, que tornam complicadas as suas pretensões, e o conselho, antes de as resolver, precisa de averiguar a verdade, o que não é muito facil no meio de taes conflictos.

Tambem nas provincias Insulares as escholas, dictas medico-chirurgicas teem corrido, até agora, sem direcção regular. A falta de regulamento, que desenvolva a lei da sua creação tem-nas constituido excentricas a administração litteraria. O conselho, reconhecendo a urgente necessidade de revestir de caracter litterario aquellas escholas, confiadas, até agora, á administração e quasi exclusiva fiscalisação das commissões administrativas das misericordias, vai propor em breve um projecto de regulamento geral, que as ha-de collocar no logar, que de direito lhes pertence no quadro da instrucção publica.

A academia polytechnica do Porto merece ao conselho especial cuidado; porque estabelecida no meio de uma população numerosa, rica e laboriosa, não póde deixar de prosperar; quando a utilidade do seu ensino se for tornando sensivel. Por vezes tem ella reclamado um regulamento para o seu governo litterario, e economico, de que o conselho se não descuida: porém não é obra mui facil, extrair dos projectos, que lhe foram enviados um que satisfaça plenamente a todas as necessidades daquelle estabelecimento.

No entretanto acha o conselho mui digna de attenção a requisição, que a dicta academia faz de um local para jardim botanico, e laboratorio chimico, e de augmento de dotação para a formação d'elles e de gabinetes de historia natural, physica, mineralogia, e outros accessorios indispensaveis a um estabelecimento daquella ordem. Para jardim e laboratorio lembra ella a cêrca do convento das extinctas religiosas Carmelitas, que a não haver algum inconveniente seria bem aproveitada para aquelle fim.

O numero dos alumnos da instrucção superior, segundo o mappa n.° 3 é de 1:716; e a sua despesa importa em reis 95:031$833: e por isso está para o da população na razão de 1 para 1:976: e custa ao estado cada alumno reis 55$379.

Faltam porém naquelle numero, os alumnos da eschola polytechnica de Lisboa, que não está debaixo da inspecção do conselho; e na despesa da universidade não vae descontado o producto das matriculas, cartas e sêllo, que importa em vinte e tantos contos, e reverte em favor do thesouro: e cada uma d'estas addições tornaria mais vantajosas as proporções.

Assim mesmo não são inferiores ás da Prussia, e Hollanda; porque n'aquella estão os alumnos para a população na razão de 1 para 2:545, e custa cada um ao estado 348 fr. e 47 c.; e n'esta estão na razão de 1 para 1:609, e custa cada um 390 fr. e 28 c., como se vê dos mappas, que acompanham a memoria de Mr. Cousin sobre a instrucção publica na Hollanda.

CAPITULO V.

Conclusão.

A falta de muitos relatorios parciaes, não permitte fazer este geral mais circumstanciado, e regular; nem deduzir d'elle combinações e resultados practicos, em que consiste a maior utilidade de taes obras. Com a practica é natural que se vá emendando aquelle defeito, sendo essa a sorte de todas as instituições nascentes, começarem imperfeitas; e quando o conselho tiver elementos estatisticos, em que se possa firmar com segurança, poderá então expor com maior regularidade o estado da instrucção publica, e propor as providencias, que elle reclamar.

Por agora parece ao conselho que a reforma emprehendida no decreto de 20 de septembro de 1844 contém todos os elementos necessarios, para a prosperidade da instrucção publica, e que alguns embaraços, que a sua execução encontra na practica, são filhos da natureza do objecto, e taes que o tempo e a mesma instrucção os hão de ir applanando. Julga por tanto o conselho que aquelle decreto não precisa de alteração alguma essencial: e parecendo-lhe que a instrucção publica se promove melhor com providencias lentas e parciaes, que o tempo e a experiencia vão auxiliando, do que com projectos gigantescos e alterações radicaes,

que tendo, de ordinario, mais de apparato, do que de solidez, procura limitar-se a propor medidas, que estejam ao alcance do governo, e não vão desafiar na tribuna parlamentar, discursos estrepitosos, que, muitas vezes, servem mais de abalar a instrucção publica, do que de a promover. Reduzem-se pois aquellas providencias ás seguintes:

1.° Recommendação aos governadores civís para promoverem o estabelecimento de cadeiras pelo expediente apontado nos artigos 9.° e 45.° do decreto de 20 de septembro de 1844.

2.° Estabelecer tres gráos na instrucção primaria sendo o primeiro destinado para terras de pouca consideração: exigindo-se dos professores menos conhecimentos, e dando-se-lhes menores ordenados, para facilitar a concurrencia d'aquelles, e os recursos para o pagamento destes.

3.° Conversão das escholas de ensino mutuo nas do 2.° gráo, conservando n'ellas aquelle, em quanto a experiencia não desmentir o bom resultado, que entre nós o abona.

4.° Creação de ajudantes para as escholas do 2.° gráo, mais desenvolvidas e frequentadas; não só para auxilio dos professores, se não tambem como meio de os formar, economisando a despesa da multiplicação de escholas normaes.

5.° Classificação dos estudos de instrucção secundaria: e necessidade de provas, por exame, para passar das inferiores, para as superiores.

6.° Exames de habilitação para a instrucção superior, reduzidos a um só em todas as disciplinas, que forem preparatorio para o ramo d'aquella, que se pertender seguir.

7.° Formação de um curso de sciencias economico—politico—administrativas, como habilitação indespensavel para ser provido nos logares de fazenda e administração.

8.° Nomeação dos commissarios dos estudos.

9.° Ainda o conselho lembraria a reunião periodica dos professores de instrucção primaria e secundaria, perante os commissarios dos respectivos districtos, para fazerem o relatorio do estado das suas cadeiras, methodos de ensino, escolha de compendios, e apontarem e discutirem as providencias com que julgam poder melhorar-se: mas no estado de falta de conhecimentos em que a maior parte delles se acha, julga que essa providencia se deve differir para melhores circumstancias, ficando por agora ao arbitrio dos commissarios, consultar somente aquelles, de quem possam esperar algum bom conselho.

Estas providencias são todas de natureza regulamentar, e por isso se todas, ou algumas d'ellas, merecerem a consideração de V. M, o conselho as desenvolverá nos competentes regulamentos, para as submetter á approvação de V. M. — Coimbra, em sessão ordinaria do conselho de 2 de dezembro de 1845. = *Conde de Terena*, vice-presidente — *Basilio Alberto de Sousa Pinto* — *Manoel Antonio Coelho da Rocha* — *João Thomaz de Sousa Lobo* — *Jeronymo José de Mello* — *Antonio Cardoso Borges de Figueiredo* — *Luiz Ignacio Ferreira*.

POESIA SLAVA MODERNA.

Continuado de pag. 68.

Tanto entre os Gregos antigos como entre os Hebreus, os sons da lyra e da harpa eram o accompanhamento obrigado da poesia popular. Entre os Slavos, o *gouslar* não póde recitar os seus versos sem se accompanhar de um instrumento. As rapsodias heroicas são todas cantadas n'um recitativo musico, de notas faceis, e que tem alguma analogia com o cantochão dos psalmos. É certo que a musica do *gouslo* tem muito de elementar e de limitada, reduzindo-se o seu material a tres ou quatro instrumentos. Tem a *gouslé*, a *tambura*, a *duda* e as differentes especies de *svira*, flauta ou pifano. A *svira* mais commum é um simples cannudo comprido, com sette buracos, que se toca com ambas as mãos, e cujo som agudo e mavioso, produz uma especie de melancolia. Não se encontra pastor que não traga esta *svira* pendente do cinto, pois que se lhe torna quasi tão necessaria como o cajado para guiar os seus rebanhos, que não caminham bem sem serem accompanhados dos sons da flauta. A *duda* é uma especie de gaita de folle muito semelhante á dos serranos de Auvergne e do Poitou. A *duda* é que preside as mais das vezes ás festas aldeãs, dá o primeiro signal para a dansa, e de ordinario conduz os ranchos dos camponezes á *moba*, isto é, aos trabalhos rusticos feitos em commum. Em quanto á *tambura*, instrumento mais aperfeiçoado, e posto que inferior ao violão, mais melodioso que as nossas guitarras, esse só é tocado por mãos de mulher.

Em qualquer parte que se ouça, ou entre arvoredos ou nas cidades, encontra-se um encanto singular nesta musica primitiva, que parece transportar-nos pelas suas melodias a um mundo anterior, todo de paz e d'innocencia. Entre os Slavos orientaes, ordinariamente é um homem só que canta em quanto os outros o escutam; entre os Slavos occidentaes, a *picsna* é cantada por dous. Um que imita a voz de mulher, começa n'um tom muito agudo e elevado; em quanto o outro o segue fazendo-lhe o baixo, e demora o final de cada verso á espera que o primeiro comece o verso seguinte. Dous Illyrios dos Alpes são capazes de se deixarem ficar assim immoveis, assentados ambos por mais de doze horas, bebendo e cantando á borda do Adriatico. Depois, ao cahir da noite, veem-

se saltar ambos dentro de um carro e voltar a todo o galope para a sua aldêa, pondo-se muitas vezes em pé, para melhor excitar os seus cavallos.

Já em 1829 um Servio de Smyrna, Manuel Kolarovitj, havia publicado um centenar de cantigas nacionaes das *piesnas* servias as mais populares nos paizes Slavos e em volta do Danubio. Outros artistas completaram depois esta collecção, ao passo que os Bohemios, os Polacos e os Russos reuniam da sua banda todos os fragmentos das suas antigas melodias locaes. É aos Tcheks a quem principalmente cabe o merito de haverem revelado á Europa o genio musico slavo. Os restos dos antigos cantos pagãos, as cantigas para dansa dos Karpathos, os canticos da epocha hussita, todos esses thesouros d'harmonia desenterrados das ruinas de um mundo desapparecido, representam-nos, como por encanto, uma parte da magía da edade media. É fóra de duvida que as melodias tcheques já tem perdido do seu perfume original; as dos Russos do Sul e as proprias *krakoviaks*, a pezar da sua rara simplicidade, ressentem-se todavia de um certo artificio, muito mais sensivel nellas do que nos cantos espontaneos dos Servios; mas todas as melodias slavas distinguem-se mais ou menos por um colorido antigo, que lhes dá uma notavel semelhança com os primeiros fragmentos conhecidos da musica dos Hellenos. Até mesmo desde tempos immemoriaes, cantam-se entre os Servios um certo numero de melodias identicas, nota por nota, ás melodias dos Gregos do Pindo e da Attica. Os Russos receberam tambem evidentemente dos Byzantinos muitas das suas cantigas, a pezar de que uma grande parte dellas na sua expressão mostram uma originalidade completa, por que na Slavia esta originalidade é tão inherente á musica popular como á propria poesia. A maior parte das suas arias são cantadas n'um tom menor, significativo da melancolia e do soffrimento; sómente as cantigas para dansa e as marchas guerreiras são em tom maior, expressão da alegria e dos transportes bellicosos Logo desde o seu principio cada uma das arias vos arremessa, por assim dizer, com perfeita clareza, o seu pensamento que parece vir directamente das profundidades da natureza; cada um d'estes pensamentos, tão simples na apparencia, desenrolam diante da vossa imaginação um poema todo inteiro e como um rio de harmonias. O prestigio destas arias nacionaes estende-se muito para além dos paizes em que são cantadas, e poderia talvez affirmar-se sem temeridade, que são os Slavos, pelo intermedio dos compositores tcheks, quem aviva incessantemente a musica allemã. As collecções dos contos populares slavos tem pela maior parte, ao lado do texto, as notas por meio das quaes estes textos se transmittem de paes a filhos; e são em numero tão subido estas collecções, que bastariam ellas sós por si para formar uma pequena bibliotheca.

A combinação do canto com a poesia, entre os prophetas hebreus e os poetas gregos antigos, soube guardar um repouso harmonico e uma justa medida, já no meio dos transportes mais sublimes da alma para Deos, ja no meio das mais ardentes paixões. Este elemento de equilibrio perdeu-se no Occidente, quando os poetas arremessando com a lyra para longe, se puzeram a compor, sobre frias abstracções, versos mathematicamente cadenciados. A poesia slava ainda não chegou a esta ultima phase. Nas regiões em que já abandonou o *gouslo*, tem pelo menos conservado ou recobrado a sua prosodia nativa, o seu estilo de proseguir por longas e por breves, o que constitue uma verdadeira musica. A verdadeira poesia não será uma intuição das harmonias secretas que prendem todos os seres uns aos outros? A poesia não será acaso a linguagem humana elevada ao estado de musica interior?

Continua.

CRISE DA PHILOSOPHIA ALLEMÃ.

Aquillo que menos conhecemos é o que temos mais perto de nós, disse um grande philosopho do seculo passado. Poderiamos acrescentar, é o que está em nós mesmos.

A luz, que illumina, e faz visiveis todos os objectos, que nos cercam a mais ou menos distancia; a visão que de continuo exercemos; a audição; os muitos e variados phenomenos electricos, mormente os dos processos por inducção, e contacto; os phenomenos admiraveis do Daguerreotypo; as maravilhas do Stereoscopo apresentadas por Wheatstone encerram ainda mysterios tão sublimes, tão acima da nossa limitada comprehensão, que apenas permittem por ora o extasiar-se o philosopho diante delles, e inclinar a cabeça com reverencia.

Acima de todos os phenomenos do mundo exterior se elevam os da intellectualidade no homem. A sua natureza, importancia, e sublimidade parece que deveram ter prendido a attenção do espirito humano em todas as idades para se conhecer a si proprio: e todavia por uma fatalidade quasi inexplicavel a intelligencia tem-se dirigido mais ao conhecimento do que existe fóra do homem. O *nosce te ipsum* foi preceito, a que geralmente se tem faltado.

Mas ha ahi um motivo poderoso, que desculpa a transgressão, São tão elevados, de tão superior cathegoria os phenomenos intellectuaes, que exigem uma intelligencia de esphera mui superior á nossa para se lhe revelarem. A elevação da empreza exige tão profundo e aturado estudo, tão fadigosa contensão de espirito, que chega a descoroçoar o espirito mais vigoroso, esclarecido, e perse-

verante, à pezar dos capitaes, que no volver dos seculos vão legando as passadas ás gerações futuras, e das conquistas proprias da perfectibilidade humana.'

Ha uma difficuldade irresistivel, que embarga o passo entrando-se na analyse do intendimento humano. Decompõe se o raciocinio; resolve-se nos seus elementos o juizo; percebe-se a idèa; chega-se á sensibilidade perceptiva, como ultimo dos phenomenos intellectuaes Mas ignorando-se a parte que toca ao organismo material; a cada uma das repartições, em que se divide anatomica, e phisiologicamente; as mutuas relações entre a materia extensiva e o principio sensiente immaterial; as ligações e harmonias entre sentidos externos e internos; o que é do dominio do instincto, e o que toca á razão, não é facil descobrir o ponto de partida seguro para proceder na constituição de uma sciencia intellectual; e o fio de Ariadne que sirva de guia no labyrinto, que se offerece á nossa contemplação.

Difficuldades de tal ordem explicam facilmente, justificam até, os variados systemas philosophicos, as opiniões contrarias e contradictorias, a marcha do espirito vagaroso, contrastada, e intermittente; a deficiencia, e atrazo de uma sciencia de toque mui subido, a Psychologia.

Platão dotado de um espirito transcendente que lhe dera o nome de divino, marcou uma epocha tão notavel na philosophia, que atravez de largos seculos tem chegado aos nossos dias, e prestado os alicerces a systemas philosophicos elevados á celebridade. Admittindo a eternidade da materia, explicou a formação do universo por uma intelligencia infinita; mas levou a ideologia espiritualista a ponto que parece esquecer-se da realidade da materia. As idêas eram em sua opinião o que ha no mundo real, necessario, e absoluto: eram typo, e causa de tudo o que existe no universo. A esta elevada abstracção juntava a eschola academica fórmas tão mysteriosas, phrase tão obscura, e nebulosa, que não só faz difficil a intelligencia da doutrina, senão que frequentes vezes a figura contradictora.

No seculo XVII Spinoza seguio o espiritualismo, admittindo uma só substancia no universo, com dois attributos, pensamento, e extensão. Segundo este philosopho tudo o que vemos no exterior, quanto sentimos no interior são meros fenomenos dessa unica substancia. Não ha contingencia, não ha liberdade, tudo é necessario, tudo se move ao acêno dessa unica substancia. Por esta doutrina mereceu o nome de *santo do panteismo.*

Já por fins do seculo XVI Descartes se havia levantado contra o methodo systematico das escholas. No seu immortal discurso sobre o methodo ensinou a duvidar das opiniões recebidas como dogmas; e da duvida nasceu o principio fundamental do seu systêma — eu penso, logo existo — eis o facto fundamental que resiste a toda a duvida. Tomando este facto por ponto de partida a philosophia não podia deixar de tender ao espiritualismo, e Descartes foi em verdade espiritualista. Mas o espiritualismo não absorveu o mundo material. Se o pensamento era, segundo elle, o attributo do espirito, a extensão era o da materia. Combatendo o sensualismo de Aristoteles não quiz Descartes negar o dominio aos sentidos. Sentiu que nem todos os conhecimentos nos provem dos sentidos externos; mas não admittiu idêas innatas, como typos preexistentes em nosso espirito: quiz unicamente assentar o principio incontestavel de haver pensamentos que não procediam de objectos externos, nem determinação de vontade. O systema de Descartes purificado de algumas illusões, e defeitos communs a todos os systemas poderia ainda hoje ser a base da verdadeira philosophia racional.

Partindo do mesmo principio fundamental, mas inquirindo a fonte e origem do pensamento chegou Locke a um resultado mui diverso collocando a origem dos nossos conhecimentos na sensação; reproduzindo assim a antiga maxima escholastica — *nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu.* Eu penso, dizia o illustre philosopho, mas o espirito não tem outro objecto de pensamentos, e de raciocinios que as idêas; e estas outra fonte, que não seja os sentidos. Mas Locke não rouba o imperio á reflexão para entregar exclusivamente aos sentidos o sceptro da intelligencia. Ao principio da experiencia sabe associar o da razão, posto que o phenomeno inicial do pensamento esteja na sensação.

Condillac quiz simplificar o systema de Locke julgando a reflexão uma complicação desnecessaria. Reduziu as funcções intellectuaes á pura sensação; e esta primitiva, ou transformada. E foi-lhe facil a demostração do seu systema imaginando uma estatua organisada, animada de um espirito, mas destituida de idêa. Vai-lhe abrindo os sentidos por meio de impressões feitas seguidamente em cada um delles: e como nos effeitos das impressões o ideologista fallava pela estatua era de esperar que em seguida á sensação encontrasse o juizo, o raciocinio, o entendimento, o desejo, a vontade, e quanto mais constitue o complexo de phenomenos intellectuaes.

A um sensualismo tão puro, e descarnado era infallivel seguir-se a reacção. Os antagonismos não dominam menos o mundo moral que o mundo phisico.

As idêas espiritualistas de Platão e de Spinoza ressuscitam em um povo de pensadores profundos, que facilmente se elevam ás regiões da abstracção Kant encastellado no mesmo principio de Descartes, mas dando ao — *eu* uma direcção bem differente da do philosopho francez, toma as sensações em abstracto como puras representações independentes dos objectos, modificações da facul-

dade representativa, do — *eu* — differentes da intuição empirica com referencia ao mundo exterior. Assim chega o chefe do racionalismo a assentar a razão como a primeira fonte dos nossos conhecimentos, o mundo exterior como uma apparencia em relação a nós.

Collocando na razão o ponto de partida das funcções intellectuaes admitte idêas a *priori*, as do tempo, e do espaço: e quatro cathegorias, ou funcções logicas da razão, a quantidade, a qualidade, a relação, e modalidade, a que devem ser conformes as representações dos objectos externos para haver realidade. Donde se deduz logicamente que a realidade existe só no subjectivo, a que o objectivo fica subordinado. E na verdade abstrahindo de tudo o que ha além de nós em tudo o que sentimos ha realidade; mas Kant concentrado todo no seu espirito assim como o estava no seu gabinete, não viu a questão senão por um lado; e a força dos factos o obrigou alguma vez a contradizer-se, concedendo aos sentidos em segunda instancia, o que lhes negára na primeira.

Um systema sustentado por genio tão transcendente como o de Kant não podia deixar de ter grande influencia na philosophia. Com as doutrinas de Kant começa e extravio philosophico da Allemanha, dividida em dogmatismo, e scepticismo. A philosophia do — *eu*—, a critica da razão pura teve sectarios, e antagonistas illustres.

Fichte levou ao extremo a doutrina de Kant. Não ha nada real senão o — *eu* — na opinião do philosopho: tudo o mais é illusão. Ainda o *não eu* é o mesmo *eu* opposto a si proprio. O — *eu* — é absoluto, infinito, illimitado; nelle se encerra toda a realidade. O — *eu* — fica o rei solitario no universo. A condição social do homem desapparece diante desta doutrina, que condemna a realidade de quanto existe; e só póde levar-nos ao egoismo, e ao atheismo.

Para combater esta extravagancia levantou Schelling a sua voz respeitada: e não era necessaria tanta auctoridade. Os nossos instinctos são mais indestructiveis que as subtilezas de um pensador abstracto; e Fichte offendia violento os instinctos e a razão, dando ao idealismo uma grandeza heroica; desprezando os sentidos, e reduzindo a uma illusão a majestade da natureza. Schelling veiu justificar as nossas crenças; e por uma ironia refutou Fichte adoptando o seu principio, e elevando-o a um valôr obsoluto.

Ha um — *eu* — obsoluto, diz Schelling, que domina o universo, que apparece em todas as suas. obras O — *eu* — subjectivo de Fichte não podia existir senão como dependencia do absoluto. Manifestando-se este em todos phenomenos desde o cristal até a organisação das plantas, e a do animal, não ha opposição entre materia e espirito, entre natureza e — *eu* — subjectivo; porque são dois modos de ser do — *eu* — infinito, que anima todo o universo Nas suas manifestações esse *absoluto* vae-se elevando de reino em reino; vae-se espiritualisando mais e mais até se desenvolver no homem, e chegar á consciencia de si proprio. O — *eu* — de Fichte é um reflexo, o mais perfeito do — *eu* — absoluto — *divinæ particula auræ*.

Foi geral o enthusiasmo, a embriaguez com que se abraçou uma philosophia, que satisfazia ao bom senso com que se crê no mundo exterior, á sympathia que nos liga á natureza.

Hegel tentou dar ainda maior desenvolvimento á theoria de seu mestre, voltou de novo á analyse da razão, e entrou nella com tal vigor de raciocinio, que a intelligencia fica extasiada em prescindindo de tudo o que vem do mundo exterior, de tudo o que não for abstracto, e universal. A logica de Hegel é o seu verdadeiro titulo de gloria.

Elevou-se Hegel á abstração suprema, á idêa mais geral, ao conceito irresistivel, á idêa do *ser*. O *ser* não se póde negar; mas ao *ser* oppõe-se o não *ser*; este póde significar o *nada*. e algũa coisa intermedia entre o *nada* e o *ser*. Buscou um meio termo que conciliasse os dois extremos, achou o *ser* potencial que não é *ser*, nem é *nada*. Mas o espirito não socega, não para nas considerações do *nada*, do *ser potencial*, do *ser* sem que chegue á idêa do ser absoluto, em que repousa. Partindo da certeza mais inabalavel Hegel com dialectica invejavel vae filiando todas as operações intellectuaes por fórma que se póde asseverar haver feito a phisiologia da razão, de que fizera Kant a anatomia. A logica de Hegel é a philosophia do infinito. O infinito, segundo elle, nunca se póde manifestar no finito; e assim o *absoluto* não se manifesta no homem, mas na humanidade. Fallando dos attributos do ser absoluto Hegel affecta um tal mysticismo, que não é facil prescrutar o seu verdadeiro modo de pensar, parece até por vezes cahir em contradicção.

Os discipulos de Hegel foram mais francos. Nos annaes de Halle desenvolveram os extremos da philosophia do mestre. Negaram sem rebuço Deos, o Céo, e a immortalidade; e estes principios subversivos passaram infelizmente dos bancos da eschola para a praça.

Sentiram alguns philosofos menos preoccupados que a todos os systemas, de que havemos fallado, faltava o verdadeiro caracter de sciencia. Krause quiz remediar essa falta.

Tomou por idêa fundamental a do *ser*, o *ser* comprehende todos os *seres* com todos os seus attributos; e assim representa a unidade; e esta é a primeira cathegoria do *ser*. As cathegorias immediatas a esta são a *substancialidade*, e a totalidade. A primeira refere-se ao *ser* subsistente por si, e para si; a segunda ao multiplo na unidade. Admitte em todas as coisas um fundo, que chama essencia: a realisação desta dá a existencia; de sorte que ha um germen que se vae desenvolvendo, e manifestando de diversas fórmas, sem que haja

mudança na essencia das cousas. As essencias individuaes emanam da essencia fundamental do espirito universal: e esta essencia offerece-se em duas manifestações, *espirito* e *natureza*. Em ambas as expressões ha communidade de essencia como o *ser absoluto*, apezar da differença da materia e do espirito.

Para combater todos os systemas do idealismo transcendental bastava exigir as provas do que se assevéra; por que todos se reduzem a meras hypotheses ontologicas. São systemas subjectivos, a que não corresponde realidade objectiva Serão evidencias para seus auctores, que vivem de sua imaginação; mas evidencias que não convencem; porque evidencia individual póde ser um erro de boa fé. O pantheismo idealista será, quando muito, a poesia da intelligencia.

A razão é inquestionavelmente um principio dos nossos conhecimentos. Mas ha outro, que é a experiencia. Sem que ambas se associem não ha sciencia possivel. A esta verdade chegou ultimamente Schelling empenhado em combater os Hegelianos, e fazer a apologia do christianismo. A philosophia, que elle hoje ensina em Berlim, contradiz a que de primeiro ensinára em Munich; e de balde se esforça o illustre philosopho por nos persuadir que não ha contradicção, reputando esta doutrina de hoje a segunda parte do seu systema; dizendo que na primeira se elevára pela razão ao *absoluto*, e pela experiencia agora descera á realidade dos factos. Uma doutrina repelle a outra. O Deos pessoal, a que o philosopho chega pelo principio da experiencia, *não é o absoluto* cahotico, que se vae transformando nos tres reinos da natureza. Admittido o segundo principio, abjurou o primeiro O que Schelling demonstra nesta segunda parte, antes phase, da sua philosophia é que uma philosophia puramente logica não póde ser christã. Se houver um *Pierre le Roux* que lhe negue o christianismo, desaba todo o edificio que está levantando.

A crise da philosophia transcendental começou com a phrenologia de Gall, e a craniosco-pia de Carus. A psychologia organica abriu brecha no pantheismo idealista, que representam todos esses systemas philosophicos vazados no mesmo molde: porque, comparados elles, vê-se que não são mais que evoluções do primeiro systema do pae do racionalismo. Kant desenhou a estatua que os outros abriram a seu bel-prazer, dando-lhe os contornos, rasgando-lhe as feições, que mais convinham ao seu fim.

A reflexão chegou. O *absoluto* ou é um puro ente de razão; ou a divindade creadora, fóra dos dominios da philosophia natural; ou esse principio animador universal, que Hartley chamou *ether*.

Abaladas as crenças, vai em decadencia essa philosophia transcendental. A transição está sendo preparada por um dos seus mais robustos campeões. M.

A IMITAÇÃO DE *JESUS CHRISTO*[1].

Fontenelle insigne escritor do ultimo seculo, fallando da Imitação de Christo, diz: « Esta obra é a mais bella que tem sahido da mão dos homens, porque o Evangelho tem outra origem. »

Poderá por ventura haver maior elogio do que este, ao qual a data e o nome do auctor dá tão verdadeiro, tão justo valor? Como fazer melhor sobresahir o subído merito d'um livro, que ao mesmo tempo é a consolação dos animos mais puros, e faz as delicias dos espiritos mais cultivados, e que teve a feliz e singular sorte de ser adoptado sem controversia pelos catholicos, e pelos protestantes? Traduzido em todos os tempos, em todas as linguas, em verso e em prosa, as diversas edições d'este precioso livro são sempre esgotadas rapidamente, e formam sós por si uma bibliotheca immensa.

Ha duas d'entre todas ellas, mais dignas de serem assignaladas. A primeira veiu do fundo da Allemanha, e deve-se aos extremados desvelos do sabio director do gymnasio catholico de Dresda, João Hrabieta que deu um texto latino[2] *de Imitatione Christi*, texto revisto com grande cuidado sobre os mais antigos manuscriptos *(codex de advocatis)* e sobre as edições de Desbillon, de Weigl e de Gence. O volume impresso em caracteres claros e faceis de lêr, termina pelo ordinario da missa e por alguns de nossos hymnos sagrados mais bellos.

Na França um novo e modesto editor acaba de dar á luz uma especie de fac-simile delicioso d'es-es edificativos e bons livros d'outr'ora, onde o texto revisto com escrupulosa attenção e por assim dizer com verdadeiro zêlo, onde os caracteres finamente desenhados, o papel bem escolhido, formam um complexo tão raro de qualidades, que poucas vezes os bibliophilos as encontrarão reunidas.

Fallamos da reimpressão d'uma traducção feita ha mais de dous seculos, e á qual o nome do auctor o chanceller Miguel de Marillac augmenta o valor. A traducção foi composta antes da desgraça d'este magistrado, e revista por elle *em seu duro captiveiro*. As palavras de Lamennais, juiz competente em semelhante materia, são o seu melhor elogio: « A mais antiga das traducções que merecem ser citadas, tem por auctor o chanceller de Marillac e foi publicada em 1621. Approxima-se mais do que nenhuma outra

[1] Uma nova edição, revista e cuidadosamente correcta por U. S. de Sacy, da *Imitação de Jesus Christo*, fielmente traduzida do latim por Miguel de Marillac, chanceller de França, foi no corrente anno publicada em Paris; á cêrca d'ella parecen-nos digno de especial menção o resumido mas assaz importante artigo de Os. de Wattevil-le que, em assumpto de tamanho interesse religioso e litterario, apresenta com perfeito conhecimento tudo o que estava em mais immediata relação com este objecto.

[2] De Imitatione Christi, libri quatuor ad optima exemplaria, collata cum vetustissimo codice quem nuncupant de advocatis, accurate editi, curavit *Johannes Hrubieta*. I. vol. in—12. Leipzig.

do texto original, e tem nos labios d'este ancião tanta graça como candura, sendo que os traductores subsequentes nada mais tem feito do que a custo imital-a. » Sacy reviu esta edição e ajuntou-lhe um prefacio. Ter-se-hia julgado que tudo estava dito á cêrca da Imitação, mas lendo o prefacio reconhece-se o contrario. Já que os estreitos limites d'um artigo não nos permittem apresental'o por extenso; sirvirá de prova o fragmento em que Sacy examina qual foi o auctor da Imitação. Nunca problema litterario excitou controversia mais vehemente. Será por ventura a S. Bernardo, a fr. Thomaz A Kempis, ao chanceller de França João Gerson, ou a Gersen abbade de Verceil, que deve attribuir-se esta obra prima? Centenares de criticos, os mais illustres, teem pro e contra escrito milhares de volumes. Ducange, Mabillon, Naude, Quatremaire, Rosweide, Cajetan, o cavalheiro de Gregory, Gence, O. Leroy, Faugeres, e muitos outros teem defendido calorosamente seus campeões, e a pesar de tão sabias discussões, e mesmo até da resolução do parlamento de Paris com a data de 12 de fevereiro de 1652, declarando que o livro da Imitação não seria mais impresso com o nome de João Gerson, mas com o de Thomaz A Kempis, a questão ficou ainda indecisa, e a Sacy coube apresental'a sòb fórma inteiramente nova, como vamos vêr.

« Quanto á questão de saber quem é o verdadeiro auctor da Imitação de Jesus Christo, não entrarei n'ella por não ter feito o profundo estudo que seria mister; persuado-me todavia que jámais será resolvida sem contrariedade.

« Uma das bellezas moraes do livro é no meu entender a duvida que ha sobre o nome de seu auctor; é uma graça especial com que a Deus aprouve glorificar a humildade do piedoso auctor qualquer que seja. Na consideração puramente litteraria, é admiravel que a Imitação de Jesus Christo não tenha auctor certo. Não ha auctor para um livro como este, senão a humanidade christã toda inteira. Assim como os poemas de Homero eram o livro de toda a Grecia, ou antes o genio grego em si mesmo, assim tambem a Imitação de Jesus Christo é o resumo de todos os sentimentos christãos, a propria alma christã. Livros de tal natureza ha poucos, absorvem o auctor e fazem-no esquecer; o auctor perde-se, a bem dizer, no meio de tanta gloria, e a sua obra adoptada pela humanidade, não é já d'um só, mas de todos. É de advertir tambem que ou pertença a composição da Imitação de Jesus Christo ao seculo XV, como querem os que seguem a opinião de Thomaz A. Kempis e de Gerson, ou ao seculo XIII, como querem os seguidores de Gersen, os contemporaneos parece não terem conhecido senão a obra, sem preoccuparem-se á cêrca do auctor. A controversia durará por tanto eternamente; ninguem se dará por vencido. Gersen terá sempre defensores, e n'este seculo ainda teve um muito sabio, Gregory. Ha alguns annos, parecia que Gerson ficava vencedor em virtude dos esforços de Onesyme Leroy, e mais recentemente a causa de Thomaz A Kempis foi sustentada com summa habilidade por Malou conego honorario da cathedral de Bruges. Como esta obra é a ultima, diz Sacy, que eu li sobre a Imitação, inclino-me em favor de Thomaz A Kempis, mas não se me accuse de abandonar o interesse da França, que revindica a Imitação de Jesus Christo para Gerson, pois que, ainda outra vez o digo, creio que a honra de ser esquecido é uma graça concedida por Deus ao sancto auctor. [1] »

NOTICIA SOBRE A BACIA CARBONIFERA DO CABO MONDEGO.

Descripção do jazigo.

A bacia carbonifera do Cabo Mondego existe no terreno jurassico em um grupo de rochas arenaceas e calcareas, que é pouco desenvolvido para S.S.E., terminando proximo do casal da Serra, e apresentando-se por este lado com condições favoraveis para a lavra na extensão de $2^k,5$ a $3^k,0$ da costa. As camadas continentes e o carvão têem maior desenvolvimento para O.N.O., correspondendo a maior espessura d'este á linha da costa na praia. Continuam além d'esta linha no solo que fórma o fundo do mar, não só porque a camada de carvão tem ahi maior possança e pureza, mas porque se achou effectivamente no avanço dos trabalhos antigos, que penetram 200^m por baixo do Oceano.

Não se conhece o limite d'esta bacia, no sentido da profundidade; tem-se reconhecido que continúa 90^m abaixo da galeria geral d'esgoto, e é provavel que se estenda até 250^m de profundidade sobre o plano da camada a contar d'esta galeria.

A camada em lavra apresenta dois accidentes mui importantes no sentido da sua direcção: — 1.° o adelgaçamento até á completa desapparição do carvão; este accidente produz notaveis lacunas no deposito; — 2.° a existencia de settas de calcareo carbonoso schistoide, que dividem a espessura da camada em tres grossas laminas.

As camadas d'este grupo, e o carvão que contém, seguem a direcção geral O.N.O. a E S.E. inclinando 40° para S.S.O. O tecto e muro são de calcareo algilo-carbonoso consistente e estavel, condição importante para a economia da lavra.

[1] Estas palavras fazem lembrar uma passagem sublime da Imitação; « Senhor concedei-me a graça de morrer para todas as cousas mundanas, e de por amor de vós desejar ser menosprezado e desconhecido do mundo. »

O carvão é negro, brilhante, em laminas grossas parallelas á stratificação, gordo, e dá coke muito poroso; o sulphureto de ferro, que abunda nelle, torna-o inapplicavel a muitos usos. Os schistos carbonosos pyritiferos, expostos ao ar, entram espontaneamente em combustão lenta, que dura por muito tempo até se consumir toda a porção carbonosa que contém.

O *grisou* appareceu uma unica vez no anno de 1852, em um dos talhões da mina Farrobo; a sua presença foi annunciada por uma violenta detonação, que apagou as luzes, e feriu tres homens; conseguiu-se pôr o massiço incommunicavel, e desde essa épocha não tornou mais a manifestar-se este terrivel accidente.

Continúa.

UMA TRAGEDIA ARABE[1].

Vivia em Bagdad um mancebo, Abder-Rahman-ben-Ismail, que por sua extrema bellesa, e superiores dotes intellectuaes merecêra o appellido de *Brilhante*. Enamorou-se d'elle tão perdidamente Oumm-el-Benine, mulher do kalifa El Oulid ben abd-el-Melik, que veiu a adoecer. Todos os dias queria vêl-o no seu quarto, e se acaso vinham ter com ella, quando estava com o seu amante, escondia-o n'um dos seus cofres.

Certo dia fizeram ao kalifa presente d'um rico collar d'ouro e brilhantes; tão lindo o achou elle, que disse « guardae-o para minha mulher » e chamando um escravo o mandou por elle á sultana.

Quando o escravo chegou á porta do quarto d'ella, para cumprir as ordens de seu amo, ficou surprehendido, vendo-a aberta, e depois de scismar no que isto significaria, entrou pé ante pé, ouviu gargalhadas de rizo, e, dirigindo-se para o logar d'onde vinham aquellas rizadas, toparam seus olhos com os do mancebo, cujo rosto se cobriu com a palidez da morte. Mal Oumm-el-Benine deu por isto, logo escondeu no cofre do costume o seu amante; mas era tarde: o escravo tinha percebido tudo, e, apresentando o collar á sultana, disse-lhe « Senhora, peço-vos uma d'estas joias. » Indignada com tamanha ousadia, Oumm-el-Benine, fel-o sair immediatamente do seu quarto, dizendo-lhe « afasta-te da minha presença, creatura immunda. »

O escravo, ardendo em raiva, determinou vingar-se; foi procurar o sultão, e disse-lhe « Senhor, vi hoje um homem em familiaridade com vossa esposa; encontrei-os ambos sós em tal aposento; elle ficou sobresalteado com a minha presença, mas a sultana escondeu-o precipitadamente em tal cofre. »

[1] Extraido da — *Revue de l'Orient*, abril de 1854, e traduzido de arabe para o francez por M. Cherbonneau.

Ouvindo estas palavras, o kalifa, em vez de enfurecer-se contra sua mulher, voltou a sua colera contra o escravo; e n'um accesso de desesperação exclamou « tu mentes cão infiel » e dirigindo-se aos guardas do palacio, gritou-lhes « cortai-lhe a cabeça » e alguns instantes depois a cabeça do pobre escravo rolava por terra..... !

Terminada a fatal execução, o kalifa levantou-se, calçou as chinelas, e dirigiu-se aos aposentos de sua esposa, que se estava toucando; e sentando-se defronte d'ella, no cofre, que lhe designára o escravo, perguntou-lhe « porque tens tanta predilecção por este quarto ? » por que tenho aqui os meus vestidos, e as minhas joias « respondeu Oumm-el-Benine. » Queres tu, continuou o sultão, dar-me um dos cofres, que ornam este quarto ? « Escolhei, senhor, o que mais vos agradar, á excepção d'aquelle, em que estais sentado » « pois é este exactamente o que eu quero, disse o kalifa, porque me é necessario. » Então é vosso, disse el-Benine depois de um momento de indisivel perturbação. O kalifa fez um signal aos negros, que fóra da porta aguardavam as suas ordens. « Levai este cofre, lhes diz elle, para a sala do meu conselho, e esperai-me lá. » Em quanto os escravos cumpriam esta determinação do seu senhor, todas as feições da sultana se desfiguravam de um modo espantoso. « Que tens tu lhe perguntou El-Oulid, por que estás tão desfigurada ? Acaso será caro ao teu coração aquelle cofre ! Não, senhor, perdoai-me; não tenho nada, que me prenda a esse cofre; se a minha physionomia se altera, é porque me sinto indisposta. « Deos te curará » disse o kalifa, saindo do quarto da sultana.

Quando El-Oulid entrou na sala da audiencia já o cofre estava pousado no pavimento. « Levantai a alcatifa, disse elle aos negros, e abri uma cova da altura de um homem, » depois, mandando chegar o cofre á borda da cova, e pondo-lhe um pé em cima, pronunciou as seguintes palavras. « Deram-me uma noticia; se ella é verdadeira, seja a tua mortalha o teu vestido, e este cofre o teu caixão mortuario; e Deos é que te immola; se a noticia é falsa, não se perdem senão umas poucas de taboas; » e fazendo com o pé um pequeno movimento, o cofre tombou no fundo da cova..... « Que Deos me perdoe » disse elle então, lançando-lhe em cima um punhado de terra. Os negros arrasaram logo a cova, e tornaram a estender por cima a alcatifa.

Concluido este acto, o Kalifa sentou-se na cadeira, em que costumava dar audiencia, e á hora do almoço entrou no seu quarto, aonde os dois esposos confundiram suas almas n'uma commum alegria, como se cousa alguma sinistra não houvera occorrido entre elles; e a mais ditosa paz uniu estas duas existencias até á hora da morte.

SECÇÃO DE MATHEMATICA.

INTEGRAES DEFINIDOS.

Continuado de pag. 64.

2. A formula (4) ou (5) do n.° 1 é a de Francoeur Calc. int. n.° 843, ediç. de Coimbra de 1839. A formula (6) é a de Lacroix Calc. int. 2.° vol. pag. 148, edit. de Paris de 1798. A fórmula (8) comprehende a de Poisson Mech. 1.° vol. n.° 15, edit. de Paris de 1833. De (9) sahe a formula de Fontaine Mem. da Acad. das Sc. de Lisboa. A formula (14) é a de Simpson, em cuja deducção seguimos a nota ao calculo de Francoeur, que vem no 2.° vol. pag. 273, ediç. de Coimbra, e que foi feita pelos Traductores.

3. Se na formula (6) do n.° 1 tirarmos $\varphi(x_n)$ para fóra do signal Σ, e despresarmos depois os termos, em que entra δ^2, δ^3, etc, e na formula (8) do mesmo n.° rejeitarmos os termos da mesma ordem em δ^2, δ^3, etc., tanto a formula (6) como (8) ficarão reduzidas á seguinte expressão:

$$(1)\ldots\ldots\ldots\int_{x_0}^{x_n}\varphi(x)\,dx=\delta\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi(x_i)+\frac{\delta}{1.2}[\varphi(x_n)-\varphi(x_0)].$$

Se acaso é pequena a differença numerica entre $\varphi(x_n)$ e $\varphi(x_0)$, e se além disto $\varphi(x_n)$ e $\varphi(x_0)$ tem o mesmo signal, a quantidade $\frac{\varphi(x_n)-\varphi(x_0)}{1.2}$ será tambem muito pequena, e por isso quando fôr n extremamente grande, o que suppõe δ extremamente pequeno, podemos desprezar o segundo termo do segundo membro de (1), e escrever simplesmente:

$$(2)\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\int_{x_0}^{x_n}\varphi(x)\,dx=\delta\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi(x_i).$$

Logo:

Poderá mudar-se em integral um sommatorio, quando as funcções extremas forem pouco differentes, quanto ao seu valor numerico, e tiverem além disso o mesmo signal.

4. Pela equação (2) do n.° 3 conhecemos que nos é permittido partir um integral definido em tal numero de partes, que nos convier: por exemplo, seja $x_r=a$; $x_k=b$; $x_s=c$, aonde r, k, s, são numeros inteiros, cada um menor do que n: a somma $\delta\sum_{i=0}^{i=n-1}\varphi(x_i)$ póde decompor-se nas seguintes:

$$\delta\sum_{i=0}^{i=r-1}\varphi(x_i)+\delta\sum_{i=r}^{i=k-1}\varphi(x_i)+\delta\sum_{i=k}^{i=s-1}\varphi(x_i)+\delta\sum_{i=s}^{i=n-1}\varphi(x_i);$$

cuja somma é o mesmo que

$$\int_{x_0}^{a}\varphi(x)\,dx+\int_{a}^{b}\varphi(x)\,dx+\int_{b}^{c}\varphi(x)\,dx+\int_{c}^{x_n}\varphi(x)\,dx.$$

Entendemos no que fica dito: que $r<k$; $k<s$; $s<(n-1)$. Em consequencia disto, se $\varphi(x)$ mudar de signal, em certos valores de x, podemos decompôr (2) do n.° 3 em partes, cada uma das quaes dê a somma de termos positivos debaixo do signal $\int$: seja por

exemplo $\varphi(x)$ positiva desde $x = x_0$ até $x = x_1 = a$; e $\varphi(x)$ negativa desde $x = a$ até $x = x_n$: podemos escrever

$$\int_{x_0}^{x_n} \varphi(x)\,dx = \int_{x_0}^{a} \varphi(x)\,dx - \int_{a}^{x_n} \varphi(x)\,dx\,;$$ aonde $\int_{x_0}^{a} \varphi(x)\,dx$, e $\int_{a}^{x_n} \varphi(x)\,dx$ são quantidades positivas.

5. Seja $\varphi(x)$ positiva desde $x = x_0$ até $x = x_n$, e inclusivamente nestes limites; e M o maior, assim como m o menor valor, que $\varphi(x)$ tem desde $x = x_0$ até $x = x_n$, comprehendendo tambem estes limites: digo que

$$(1) \ldots\ldots \begin{cases} M(x_n - x_0) > \int_{x_0}^{x_n} \varphi(x)\,dx \\ m(x_n - x_0) < \int_{x_0}^{x_n} \varphi(x)\,dx \end{cases}$$

Porque:

$$\int [M - \varphi(x)]\,dx = Mx - \int \varphi(x)\,dx\,,$$

$$\int [\varphi(x) - m]\,dx = \int \varphi(x)\,dx - mx.$$

Passando aos limites, acharemos:

$$(2) \ldots\ldots \int_{x_0}^{x_n} [M - \varphi(x)]\,dx = M(x_n - x_0) - \int_{x_0}^{x_n} \varphi(x)\,dx\,,$$

$$(3) \ldots\ldots \int_{x_0}^{x_n} [\varphi(x) - m]\,dx = \int_{x_0}^{x_n} \varphi(x)\,dx - m(x_n - x_0).$$

Porém considerando estes integraes, como somma de elementos differenciaes, os primeiros membros de (2) e (3) são essencialmente positivos: logo as desigualdades (1) são verdadeiras.

Se $\varphi(x)$ fosse negativa, em logar de positiva, tomariamos por M o menor valor negativo de $\varphi(x)$, e por m o maior, e concluiriamos:

$$(4) \ldots\ldots \begin{cases} M(x_n - x_0) < \int_{x_0}^{x_n} \varphi(x)\,dx\,, \\ m(x_n - x_0) > \int_{x_0}^{x_n} \varphi(x)\,dx. \end{cases}$$

Seja $\varphi(x)$ da fórma $f(x)\,\varphi_1(x)$, positiva nos limites da integração, e dentro d'elles, e seja além disso $f(x)\,dx$ integravel, de modo que $\int f(x)\,dx = F(x)$: supponhamos tambem, como acima, que M e m são o maior e menor valor que $\varphi_1(x)$ póde ter: digo que

$$(5) \ldots\ldots \begin{cases} M[F(x_n) - F(x_0)] > \int_{x_0}^{x_n} f(x)\,\varphi_1(x)\,dx\,, \\ m[F(x_n) - F(x_0)] < \int_{x_0}^{x_n} f(x)\,\varphi_1(x)\,dx. \end{cases}$$

Porque

$$\int [Mf(x) - f(x)\varphi_1(x)]\,dx = MF(x) - \int f(x)\,\varphi_1(x)\,dx\,,$$

$$\int [f(x)\,\varphi_1(x) - mf(x)]\,dx = \int f(x)\,\varphi_1(x)\,dx - mF(x).$$

Donde, passando aos limites, se conclue a exactidão das desigualdades (5).

6. Seja a funcção proposta $\varphi(x, \alpha)$, e admittamos em primeiro logar que x_n e x_0 não variam com as variações de α: digo que teremos:

$$(1)\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \frac{d.\int_{x_0}^{x_n}\varphi(x,\alpha)\,dx}{d\alpha}=\int_{x_0}^{x_n}\frac{d.\varphi(x,\alpha)}{d\alpha}.dx.$$

Por quanto $\int_{x_0}^{x_n}\varphi(x,\alpha)\,dx=\psi(x_n,\alpha)-\psi(x_0,\alpha)$, segue-se que, se tivermos de achar a derivada em ordem a α, do primeiro membro da equação, devemos nelle fazer sómente variar o que no segundo membro varia com α: mas temos tambem pela equação (2) do n.° 3

$$\psi(x_n,\alpha)-\psi(x_0,\alpha)=\delta[\varphi(x_0,\alpha)+\varphi(x_1,\alpha)+\varphi(x_2,\alpha)+\ldots\ldots\ldots\ldots]:\text{ logo}$$

$$\frac{d.[\psi(x_n,\alpha)-\psi(x_0,\alpha)]}{d\alpha}=\delta\left\{\frac{d.\varphi(x_0,\alpha)}{d\alpha}+\frac{d.\varphi(x_1,\alpha)}{d\alpha}+\frac{d.\varphi(x_2,\alpha)}{d\alpha}+\ldots\ldots\right\}$$

$$=\delta\sum_{i=0}^{i=n-1}\frac{d.\varphi(x_i,\alpha)}{d\alpha}=\int_{x_0}^{x_n}\frac{d.\varphi(x,\alpha)}{d\alpha}.dx,$$

como tinhamos asseverado (1).

Seja em segundo logar: $x_n=F(\alpha):x_0=F_1(\alpha)$: acharemos

$$(2)\ldots\ldots \frac{d.\int_{x_0}^{x_n}\varphi(x,\alpha)\,dx}{d\alpha}=\int_{x_0}^{x_n}\frac{d.\varphi(x,\alpha)}{d\alpha}.dx+\varphi(x_n,\alpha)\left(\frac{dx_n}{d\alpha}\right)-\varphi(x_0,\alpha)\left(\frac{dx_0}{d\alpha}\right).$$

E na verdade

$$(3)\ldots\ldots\ldots\ldots \frac{d.\psi(x_n,\alpha)}{d\alpha}=\left(\frac{d.\psi(x_n,\alpha)}{d\alpha}\right)+\left(\frac{d.\psi(x_n,\alpha)}{dx_n}\right)\left(\frac{dx_n}{d\alpha}\right),$$

$$(4)\ldots\ldots\ldots\ldots \frac{d.\psi(x_0,\alpha)}{d\alpha}=\left(\frac{d.\psi(x_0,\alpha)}{d\alpha}\right)+\left(\frac{d.\psi(x_0,\alpha)}{dx_0}\right)\left(\frac{dx_0}{d\alpha}\right).$$

Porém a equação (1) do n.° 1 dá $\left(\frac{d.\psi(x_n,\alpha)}{dx_n}\right)=\varphi(x_n,\alpha)$; e $\left(\frac{d.\psi(x_0,\alpha)}{dx_0}\right)=\varphi(x_0,\alpha)$:

e temos demonstrado ser $\left(\frac{d.\psi(x_n,\alpha)}{d\alpha}\right)-\left(\frac{d.\psi(x_0,\alpha)}{d\alpha}\right)=\int_{x_0}^{x_n}\frac{d.\varphi(x,\alpha)}{d\alpha}.dx$: logo, tomando a differença dos primeiros membros das equações (3) e (4) obteremos

$$\frac{d.[\psi(x_n,\alpha)-\psi(x_0,\alpha)]}{d\alpha}=\int_{x_0}^{x_n}\frac{d.\varphi(x,\alpha)}{d\alpha}.dx+\varphi(x_n,\alpha)\left(\frac{dx_n}{d\alpha}\right)-\varphi(x_0,\alpha)\left(\frac{dx_0}{d\alpha}\right),$$ que é a equação (2).

7. Se na equação (2) do n.° 2 se tornar δ infinitamente pequeno, ou se fizermos $\delta=dx$, será tambem $n-1$, ou $n=\infty$, o que suppõe que naquella equação e debaixo do signal Σ entra tambem $\varphi(x_n)$.

Chamaremos funcção *par* áquella funcção, que conserva o mesmo valor, quando se dão á variavel dous valores iguaes, mas de signal contrario; assim y, em $y=x^2$, é uma funcção par. Pelo contrario $y=px$ dará para y uma funcção *impar*, por que para os valores de $x=\pm a$, y tem o mesmo valor numerico, mas de signal contrario.

Seja ε uma quantidade essencialmente positiva, e que possamos fazer decrescer tanto, quanto quizermos, de modo que ella possa chegar a ser menor do que qualquer outra quantidade dada, por mui pequena que esta seja. Posto isto, acharemos:

$$(1)\ldots\ldots \int_{-a}^{-\varepsilon}\varphi(x)\,dx+\int_{\varepsilon}^{a}\varphi(x)\,dx=dx\{[\varphi(-a)+\varphi(a)]+[\varphi(-a_1)+\varphi(a_1)]\ldots\ldots$$

$$+[\varphi(-\varepsilon)+\varphi(\varepsilon)]+[\varphi(-\varepsilon_1)+\varphi(\varepsilon_1)]\ldots\ldots\}$$

Seja φ uma funcção par, ou $\varphi(-x)=\varphi(x)$: resultará

$$(2)\ldots\ldots\int_{-a}^{-\varepsilon}\varphi(x)\,dx+\int_{\varepsilon}^{a}\varphi(x)\,dx=2\int_{\varepsilon}^{a}\varphi(x)\,dx.$$

Seja φ uma funcção impar, ou $\varphi(-x)=-\varphi(x)$ resultará

$$(3)\ldots\ldots\int_{-a}^{-\varepsilon}\varphi(x)\,dx+\int_{\varepsilon}^{a}\varphi(x)\,dx=0.$$

Ora como nós podemos fazer decrescer ε até abaixo de qualquer grandeza, por mais pequena, que esta grandeza seja, segue-se que as relações (2) e (3) serão ainda realisaveis, quando nellas fizermos $\varepsilon=0$. Mas neste *limite* do decrescimento de ε temos, pelo n.° 4.,

$$\int_{-a}^{-\varepsilon}\varphi(x)\,dx+\int_{\varepsilon}^{a}\varphi(x)\,dx=\int_{-a}^{0}\varphi(x)\,dx+\int_{0}^{a}\varphi(x)\,dx=\int_{-a}^{a}\varphi(x)\,dx.$$

Por consequencia:

$$(4)\ldots\ldots\int_{-a}^{a}\varphi(x)\,dx=2\int_{0}^{a}\varphi(x)\,dx,\ \text{quando}\ \varphi(x)=\varphi(-x),$$

$$(5)\ldots\ldots\int_{-a}^{a}\varphi(x)\,dx=0,\ \text{quando}\ \varphi(x)=-\varphi(-x).$$

8. Em hypotheses particulares é conveniente e *permittido* extender os limites do integral definido. Seja, por exemplo, dado

$$(1)\ldots\ldots\ldots\ldots F=\int_{-a}^{a}\varphi(x)\,dx.$$

Supponhamos que é $k_1, k_2, k_3, \ldots\ldots, k_i$ uma serie de valores positivos, e crescentes; e que sabemos, de qualquer modo, que $\varphi(a+k_1)=0$; $\varphi(a+k_2)=0$; $\ldots\ldots$; $\varphi(a+k_i)=0$: e tambem que $\varphi(-a-k_1)=0$; $\varphi(-a-k_2)=0$; $\ldots\ldots$; $\varphi(-a-k_i)=0$.

Seja tambem a differença successiva entre dous valores de k tão pequena, quanto quizermos. Se F póde considerar-se, como somma de elementos differenciaes, equação (2) do n.° 2, será

$$(2)\ldots\ldots\ldots F=\int_{-a}^{a}\varphi(x)\,dx=\int_{-(a+k)}^{a+k}\varphi(x)\,dx=\int_{-(a+k_1+k_2)}^{a+k_1+k_2}\varphi(x)\,dx$$

Continúa.

RUFINO GUERRA OZORIO.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL.

1846—1847.

Quando no decreto de 20 de septembro de 1844, confirmado por lei de 29 de novembro do mesmo anno, Vossa Magestade houve por bem ordenar a reforma da instrucção publica, e criar o conselho superior para a superintender e dirigir, os vogaes ordinarios que então tiveram a honra de ser por Vossa Magestade chamados a compor este conselho, possuidos do seu dever não se poupavam a trabalhos, para levar a effeito o profundo pensamento desenvolvido n'aquelle decreto. Confiados no seu zelo, alimentavam a esperança de poderem em breve, fazendo-o executar, preparar entre nós, melhores dias para a instrucção, e para as sciencias, e offerecer a Vossa Magestade um novo motivo de satisfação; e assim ousaram indical-o nos relatorios de 1844 e 1845.

Porém a desgraçada crise porque ultimamente passou a nação, não só inutilisou todas as medidas, e destruiu todos os melhoramentos principiados; mas veiu pôr em tão completa desordem este ramo de administração, que não tem sido possivel, até agora, restituil-a completamente ao seu andamento regular. A pezar da disposição da lei, e de repetidas instancias, ainda não chegaram os relatorios d'alguns estabelecimentos; e a maior parte dos que se tem recebido, em logar de exporem o quadro da instrucção, limitam-se á narração dos estragos, que soffreram, e á simples declaração de que, neste periodo de dous annos tiveram de todo, ou quasi, interrompidos os seus trabalhos.

Nestes termos, o relatorio que o conselho em observancia do seu regulamento, tem hoje de levar á Augusta presença de Vossa Magestade, não póde ser senão muito imperfeito. Como o ensino esteve sem exercicio, é impossivel por falta de elementos, satisfazer o ponto mais interessante em documentos desta natureza; e mais importante para se fazer notar perante as camaras legislativas; e por isso especialmente recommendado na lei, que vem a ser o juizo comparativo do adiantamento ou decadencia da instrucção e das letras com o dos annos anteriores á vista do numero e aproveitamento dos alumnos, do zelo e desenvolvimento dos professores, e da observancia e execução dos regulamentos. O conselho não póde fazer mais do que expor o estado do ensino nos principios do anno de 1846, e dar a noticia dos acontecimentos mais importantes, que depois sobrevieram em alguns estabelecimentos. E para proceder com clareza nesta exposição, entende o conselho dever principiar pela organisação ou direcção geral de toda a instrucção, seguindo depois pelo ensino primario, secundario, e superior.

Direcção geral da Instrucção.

A superintendencia e direcção da instrucção está encarregada a este conselho superior que consta de 8 vogaes ordinarios presididos pelo prelado da universidade, e dos vogaes extraordinarios que são os aspirantes ás cadeiras das faculdades, todos repartidos nas 3 secções da instrucção. Pelo decurso deste periodo não houve outra alteração no pessoal dos vogaes ordinarios, senão a ausencia, em commissão, do vogal o doutor José de Sá Ferreira dos Sanctos Valle, o qual havia sido substituido pelo doutor Antonio Ribeiro de Liz Teixeira, ha pouco fallecido, cuja falta o conselho deplora.

No decurso do anno de 1846, o conselho, alem do expediente ordinario, occupou-se em preparar os regulamentos, que ainda faltavam para executar o decreto de 20 de septembro; alguns dos quaes estão já dependentes da approvação de Vossa Magestade, como o das escholas chirurgicas do ultramar, o da criação das escholas do 2.º gráu: em outros trabalhava-se com assiduidade e zelo, como o regulamento para a academia polytechnica, o regulamento dos lyceus, o regulamento para os exames preparatorios da universidade. As desordens da guerra vieram então interromper estes trabalhos. O conselho entendeu que não devia abandonar o seu posto, mas collocado no centro da lucta, limitou-se a algumas providencias de expediente esperando as ordens do governo. Nem podia obrar d'outra maneira porque, além da in-

terrupção das correspondencias, o pessoal da sua secretaria não póde escapar á voragem dos partidos, e em um corpo deliberante a falta do secretario, que deve estar senhor de todos os negocios, não póde deixar de prejudicar gravemente o seu andamento.

Anticipadamente tinham pelas secções do conselho sido encarregados aos vogaes extraordinarios, trabalhos de grande valor para a instrucção, e proprios a exercital-os para o seu adiantamento, que eram em grande parte os compendios para as differentes disciplinas. Ao conselho parece que todos se applicavam a esta tarefa com zêlo, e alguns effectivamente já tinham apresentado trabalho d'algum merecimento. Porém com a desordem a maior parte viram-se obrigados a abandonar esta cidade, de maneira que na conferencia geral que ultimamente celebrou este conselho em 25 de novembro do corrente anno, grande parte não appareceram, e os que foram presentes, somente offereceram escusas attendiveis, e promessas de continuar os trabalhos interrompidos.

Um dos objectos que nos principios do anno de 1846 levou ao conselho os seus principaes cuidados, foi a nomeação dos commissarios nas capitaes dos districtos administrativos, em conformidade do artigo 161 do decreto de 20 de septembro; por meio dos quaes, além do serviço de reitores dos lyceus que lhe incumbe, o conselho espera obter execução mais prompta, e inspecção mais esclarecida no ramo da instrucção, do que dos governadores civis, que além do pezo d'outros negocios, derigem este serviço por via dos administradores dos concelhos, ordinariamente pouco habeis para interpor juizo seguro sobre objectos litterarios.

Effectivamente estão nomeados por Vossa Magestade, sobre proposta do conselho, os commissarios dos districtos d'Aveiro, Beja Braga, Bragança, Castello-Branco, Evora, Faro, Guarda, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarem, Villa-Real, Vizeu, Angra, Horta, e Funchal.

O conselho para os fazer possuir das funcções do seu cargo, dirigiu-lhes as instrucções, que constam do documento n.° 1. Como o seu exercicio activo somente agora vai principiar, o conselho espera a continuação dos seus trabalhos, e próvas do zelo, para ajuizar do merecimento de cada um. O conselho espera egualmente ter em breve obtido as informações necessarias sobre os sub-delegados que na forma do art.° 161 §. 2.° do mesmo decreto devem coadjuvar os commissarios.

Instrucção primaria.

No anno de 1845, o numero das escholas de ensino primario pagas pelo governo no continente, entrando 41 de meninas, era de 1116 e havia noticia official de 1084 particulares frequentadas umas e outras, por 64:276 alumnos, os quaes estavam para a população na razão approximadamente de 1 para 53; razão que não é inferior á d'alguns dos paizes da europa que passam por cultos. E ainda que o conselho não possa attestar, que na enumeração dos alumnos não haja excesso, ou ao menos, que muitos d'elles, que figuram na cifra da matricula, nada aproveitem na instrucção, contudo insiste em que neste gráu da instrucção se notava um progresso sensivel, assim na frequencia das escholas, como no zêlo e assiduidade dos professores

O conselho se occupava então principalmente de dar uma organisação regular á superintendencia e vigilancia dos commissarios sobre este ensino, obrigando-os a adquirir conhecimento especial de cada eschola, por meio de correspondencias regulares, e visitas periodicas, exigindo-lhes contas frequentes do seu movimento mensal com a nota do merecimento assim litterario e moral como pedagogico dos professores: recommendando-lhes a escolha e indicação dos melhores methodos, e o estimulo de sociedades que promovessem nas aldèas o gosto, e zelo pela instrucção.

A guerra civil veiu cortar estes melhoramentos: alguns professores, esquecidos dos deveres do seu ministerio, compromettêram-se e soffreram a necessaria consequencia das vicissitudes dos partidos. Não foram muitos, mas todas as escholas se ressentiram, mais ou menos, das desordens da lucta, do abandono das authoridades, e da irregularidade do pagamento dos ordenados.

A creação das escholas normaes, aonde os professores fossem apprender a practica do ensino, e adquirir o sentimento, e o habito d'uma moral severa, para a transmittir aos meninos, era um dos objectos que o governo de Vossa Magestade tinha, n'esse tempo, mais a peito, em execução do art.° 10 do decreto de 20 de septembro. Já por decreto de 24 de dezembro de 1845 se tinha mandado crear uma eschola destas, junto á Casa Pia em Belem; e publicado o regulamento para ella, e ainda ultimamente por decreto de 17 de março de 1846 foi para ahi nomeado um professor.

A educação moral dos povos, que antigamente estava encarregada á ordem ecclesiastica principalmente aos parochos, está hoje em tal estado de desorganisação, que deve cauzar mui serias apprehensões sobre a sorte futura do paiz. O clero depois da revolução porque passou, não póde desempenhar aquelle encargo; perdeu a influencia; e a maior parte dos parochos, até estão esquecidos, de que era aquelle o seu principal dever. Longo espaço hade decorrer até se formar um novo clero, capaz de moralizar os povos. É necessario por isso encarregar esta missão aos professores, os quaes nunca a poderão desempenhar dignamente, se elles

mesmos por meio d'uma educação regular, não estiverem possuidos do sentimento da virtude, e do habito de a practicar; por que a moral ensina-se mais com o exemplo, do que com a palavra. As escholas normaes que tem este fim, são por isso indispensaveis no estado actual: e o conselho entende que qualquer sacrificio do thesouro que se faça para as estabelecer, dará em resultado, mui transcendentes vantagens que o indemnizem

No mesmo decreto de 20 de septembro mandavam-se crear escholas de ensino primario do 2.° gráu, não differem das do 1.° senão em ensinar-se nellas o ensino primario em toda a sua latitude, e com mais perfeição. A grammatica portugueza, o desenho, a geographia, a escripturação, a arithmetica são as disciplinas especiaes deste gráu. Estas escholas pertencem ás povoações dadas á industria, ao commercio, cujos habitantes querem seus filhos habilitados, para manejarem com intelligencia as suas profissões, sem os passar ao ensino secundario. Mas para o seu estabelecimento, além do local com grande capacidade, é indispensavel o concurso de muitos professores, como se practica em França, e nas nações do norte. O conselho julga possivel converter nestes estabelecimentos as escholas d'ensino-mutuo onde se acham já alguns elementos, sobre o que já teve a honra de fazer subir um projecto á Augusta preseaça de Vossa Magestade. Mas como este plano exige augmento de despesa, o conselho não se attreve propor novos encargos sobre o thesouro; e julga prudente esperar occasião opportuna, em que se possa obter das camaras municipaes respectivas os principaes subsidios para estes estabelecimentos; que não são de immediato interesse senão de cada um dos municipios.

Em execução do art.° 5.° do decreto de 15 de novembro de 1836 tinham-se creado nas capitaes dos districtos administrativos do continente escholas primarias pelo methodo d'ensino mutuo ou de Lancaster, que ainda então era geralmente applaudido: e que sendo mais vantajoso para as escholas mui numerosas, é sem inconvenientes no ensino das disciplinas, em que da parte dos meninos senão exige tanto a reflexão, como a promptidão e uma especie de facilidade machinal, como na escripta, na leitura simples, na arithmetica: ainda que na verdade não póde produzir resultados senão mui lentos, em quanto ás disciplinas em que se exige pensamento e reflexão; como doutrina, historia, grammatica. Como em poucas das nossas escholas primarias se ensinam estas ultimas disciplinas, o methodo d'ensino mutuo parece até agora ter produzido entre nós bons effeitos. No anno de 1844 — 15 escholas por este methodo eram frequentadas por 2:235 alumnos. Porém depois que se vulgarizou a viagem de Mr. Cousin á Hollanda para observar a instrucção, e que apparecerão em publico as reflexões dos grandes professores d'aquella nação, pouco favoraveis ao methodo d'ensino mutuo, elle já não acha apologistas. No decreto de 20 de septembro nada se diz em seu abono. E ou seja por essa, ou por causa das nossas dissenções, as escholas por este methodo vão em decadencia, a de Braga está fechada, e mandada por isso converter em ensino simultaneo; a de Evora está quasi sem discipulos; a de Bragança, e a de Coimbra hão de decair pela saida, para outros empregos, dos bons professores que até agora as regiam. Em taes circumstancias estas escholas vão-se encaminhando para a conversão em escholas do segundo gráu, que fica indicada, logo que, se proporcionem os subsidios indispensaveis.

Ao conselho continuadamente chegam representações dos povos a pedirem a creação de novas cadeiras d'este ensino: o conselho conhece que o numero actual d'ellas é inferior ás necessidades da população, mas no estado do thesouro não se attreve a propor a este, novos encargos: limita-se a insinuar estes estabelecimentos pelos rendimentos das juntas de parochia, ou das camaras, em quanto por lei se lhes não impoem difinitivamente este encargo.

A instrucção das meninas está entre nós apenas em principio; em Lisboa existem 18 escholas, no Porto 6, e uma em cada uma das capitaes dos outros districtos do continente, e mais uma em Lagos, e outra em Lamego total 41: que em 1844 foram frequentadas por 1:835 meninas.

Se do continente se não tem podido obter todos os esclarecimentos sobre o ensino, muito menos se tem conseguido das ilhas. Apenas se recebeu o relatorio do commissario de Angra donde consta que o numero dos meninos que frequentaram este ultimo anno a instrucção primaria fôra de 1:265. Do mappa n.° 1 verá V. M. o numero das escholas de ensino primario em cada um dos districtos, assim do continente, como das ilhas e o seu estado, assim como o numero de alumnos, que as frequentaram, ainda no meio das desordens do ultimo anno lectivo; á excepção d'aquellas de que não chegaram ainda os relatorios.

No meio dos barulhos da guerra, impossivel seria, esperar trabalhos litterarios, ou livros elementares para a instrucção. Entre alguns que appareceram, o conselho sómente julga dignos de ser mencionados, os que elle auctorisou para uzo das escholas, cuja relação V. M. poderá ver do mappa n.° 2.

A despesa d'esta parte da instrucção feita pelo thesouro era no anno de 1845 no continente de 106:023:324: e nas ilhas de 5:951:996.

Instrucção secundaria.

A instrucção secundaria, denominada em outro tempo, estudos das humanidades ou

aulas maiores, tinha então por unico fim habilitar alumnos para a ordem ecclesiastica, e para os estudos da universidade; aos quaes servia como de degráu. Reduzia-se por isso então, aos estudos chamados classicos, latim e grego, rhetorica e logica; a que nos ultimos tempos, se accrescentou a historia. Hoje porém além d'aquelle, a instrucção secundaria, seguindo a tendencia do nosso seculo, e a practica das outras nações, propõe-se um outro fim; que vem a ser, o desenvolvimento da industria, assim agricola, como fabril ou commercial: e é para o obter que tanto no decreto de 17 de novembro de 1837, como no outro de 20 de septembro de 1844, se incorporaram aos lyceus os estudos das linguas vivas, e os de geometria applicada ás artes, e economia industrial e agricola.

Este ramo da instrucção consta d'um lyceu em cada uma das capitaes dos districtos administrativos, com o numero de cadeiras proporcionado á sua população e circumstancias, que aqui não vão indicadas por constar da lei. Assim o de Lisboa compõe-se de 3 secções collocadas em tres differentes pontos da cidade, a saber: central, oriental e occidental, e a elle está tambem annexa a secção commercial. Este o do Porto, e os de Coimbra, Braga, e Evora, que podemos chamar principaes, estão já ordenados em estabelecimento regular com reitor e secretario, e apenas estão ainda vagas algumas cadeiras, parte, por se presumir, que não terão ouvintes, e parte, por não terem tido oppositores. O conselho já publicou os programmas para differentes cadeiras, como V. M. poderá ver do mappa n.° 3. Os restantes estão encarregados aos vogaes extraordinarios. Os lyceus das outras capitaes ainda não estão instalados em fórma regular: nem o poderão ser tão breve; porque, além das difficuldades do thesouro para supprir o excesso da despesa, em muitas nem casas publicas ha accommodadas para aquelle fim; e além disso porque, devendo supprimir-se alguns dos districtos administrativos, ainda se não sabe quaes serão. Accresce, que na fórma da lei, estes lyceus constam de tres professores a saber: um que ensina latim, outro logica e geometria em curso biennal, e outro historia e oratoria, tambem alternadamente. Alguns dos professores providos antigamente estão-se ainda preparando para poder ensinar aquella disciplina, que de novo lhes é encarregada, e em quanto o pessoal não estiver ainda completo, e habilitado, mal se podem dizer organisadas.

Nos quatro districtos insulares existe tambem um lyceu em cada uma das capitaes. O conselho não recebeu dahi os relatorios, senão o d'Angra, redigido pelo habil e zeloso commissario Jeronymo Emiliano d'Andrade, professor da 5.ª e 6.ª cadeira, que dá do seu estado uma idêa vantajosa, pedindo a creação d'uma cadeira de theologia moral.

Do mappa n.° 2 consta o numero de cadeiras de cada um dos lyceus, e a disciplina respectiva com a indicação do seu estado, e o numero dos discipulos, que o frequentaram no ultimo anno.

Além das cadeiras encorporadas nos lyceus; existem em todos os districtos um maior, ou menor numero das de latim, collocadas nas povoações centraes, e mais importantes, que é necessario conservar, e talvez ainda crear mais algumas como permitte o decreto de 20 de septembro: ou seja por contemplação ao antigo prejuizo dos nossos paes de familias, que julgam que nada se póde saber, se se não começar pela lingua latina, ou seja por attender á necessidade das familias menos necessitadas das aldêas que commummente destinam seus filhos para o ministerio ecclesiastico. Cadeiras fóra das capitaes dos districtos que não sejam de latim só existem duas, em Lamego uma de logica e outra de oratoria. Do mappa n.° 2. consta o numero d'estas cadeiras, o seu estado e alumnos que no ultimo anno as frequentaram.

O conselho não póde deixar de observar que, não obstante todas estas providencias, este ramo de instrucção não progride: o que facilmente se collige assim do pequeno numero comparativo d'alumnos que frequentam os lyceus como do seu pouco aproveitamento. O povo ainda não conhece a vantagem das disciplinas tendentes ao desenvolvimento industrial e economico: não sabe avaliar esta parte da instrucção. Nos estudos classicos encontra-se uma falta mui sensivel, entre o grande numero d'alumnos, que todos os annos vem examinar-se para seguir a carreira da universidade, muito poucos sabem com perfeição a lingua latina: com o desapparecimento da eloquencia sagrada entre nós, acabou a applicação á oratoria. Hoje encontra-se nos alumnos dos lyceus, uma tintura do francez, e de mais algumas disciplinas do que antigamente, mas em geral, menos solidez de conhecimentos, e menos perfeição.

Ainda prescindindo das occurrencias politicas, a causa d'este desalento provém do effeito das reformas e das circumstancias, da nossa epocha de transição. Entre nós, em todos os tempos, poucos paes mandavam seus filhos á instrucção secundaria com o simples fim de saber; a maior parte sómente a consideravam como habilitação para o seu adiantamento futuro. Em quanto a ordem ecclesiastica offereceu a um grande numero, uma carreira rica e brilhante, as classes das aulas maiores estavam cheias de alumnos, hoje aquella carreira está de todo obstruida. Os bispos depois de 1835, por necessidade, na falta de outros mais instruidos, tem admittido ás ordens alumnos que apenas sabem latim, e mal. Não restam por isso hoje a frequentar as eschalas dos lyceus, senão os mancebos que se destinam para a instrucção superior, numero pequeno ainda quando se não

descontassem aquelles que fazem os seus estudos em casas particulares. Os professores vendo-se sem ouvintes, e mal pagos desgostam-se, e este desgosto traz comsigo a falta do aperfeiçoamento, e dahi a decadencia.

O meio mais proficuo, que o conselho julga proprio para animar este ramo da instrucção, sería exigir por lei os diplomas dos cursos dos lyceus, como habilitação indispensavel, ou ao menos como motivo de preferencia no provimento de quaesquer empregos publicos, em que se necessite d'alguma instrucção, á excepção d'aquelles em que já se exige a superior; providencia que se acha já em algumas das leis novissimas, mas que até agora se não tem executado. Este meio, além de chamar alumnos aos lyceus, teria a vantagem de fechar a porta dos empregos ao grande numero de pertendentes indignos, que importunam o governo.

É verdade que esta idêa não póde ser exactamente levada a effeito, em quanto as disciplinas dos lyceus não forem organisadas em cursos differentes, accommodadas aos conhecimentos, que especialmente se requerem para o desempenho de cada um dos empregos; por que seria duro para os alumnos, e talvez sem vantagem, para a instrucção, exigir-lhes o estudo de todas as disciplinas. O conselho occupa-se actualmente d'um regulamento geral, d'este ramo de instrucção, em que se execute este pensamento, assim como se providenceie sobre a maneira, porque hão-de ser examinados, e passados os diplomas aos estudantes, que tiverem frequentado as escholas que ainda não estão constituidas em lyceu: e tem esperanças de que por esta fórma melhorará o ensino secundario.

Os relatorios das duas academias de bellas artes de Lisboa e Porto, ou pretençam a este gráu da instrucção, ou pertençam á superior, nenhum esclarecimento dão sobre o estado d'estes estabelecimentos, senão a noticia de que durante a guerra civil, estiveram occupados militarmente, e por tanto interrompidas, não só as lições, mas tambem todo o outro serviço.

Continúa.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE MEDICINA.

1853—1854.

4.° ANNO.

Continuado de pag. 81.

CADEIRA DE PARTOS, DAS MOLESTIAS DE PUÉRPERAS E DOS RECEM-NASCIDOS.

COMPENDIO — CHAILLY, TRAITÉ PRATIQUE DE L'ART DES ACCOUCHEMENS.

Lente — *Dr. João Maria Baptista Callisto.*

O objecto da cadeira de partos, das molestias de puérperas, e dos recem-nascidos, creada pela lei de 5 de dezembro de 1836, e confirmada pela de 20 de setembro de 1844, é mais vasto e comprehende maior numero de considerações, e de factos, do que os que o seu ennunciado exprime, que considero incomplecto, e por isso inexacto.

O objecto da sobredita cadeira, considerado d'um modo mais geral e philosophico, deve comprehender toda a sciencia dos partos, ou é um complexo de todos os conhecimentos relativos á reproducção da especie considerada no sexo feminino, e no producto da conceição.

Este interessante ramo da sciencia medica, que póde denominar-se — Tocologia; divide-se em parte theorica, e practica. — A primeira forma-se de todas as noções scientificas, que por sua natureza pertencem a ramos particulares da medicina, dos quaes se teem separado, a fim de se reunirem em um corpo de doutrina, para esclarecimento dos principios especiaes, que se dirigem mais particularmente ao fim practico d'arte dos partos: taes são a Anatomia, a Physiologia, a Hygiene, a Pathologia, etc. A segunda só deve ser considerada na sua applicação aos casos occorrentes na practica.

Todos os conhecimentos pois, de cujo complexo é formada esta sciencia são considerações, e factos anatomicos, e physiologicos sobre a estructura, e acção dos orgãos da mulher, que servem directamente á reproducção, e ao parto — sobre a formação e desenvolvimento do feto, ou a *Embryologia* — sobre todas as mudanças nos orgãos da mulher durante a prenhez, no tempo do parto, e depois d'elle — e sobre as particularidades d'estructura, de funcções, e modo d'existencia dos recem-nascidos. São além d'isso as considerações, e os factos physiologicos, e pathologicos, relativos ás condicções, tanto externas como internas, que podem alterar a funcção da reproducção na mulher, e ameaçar a integridade, e a vitalidade do feto — São todas as molestias, que tiram a sua origem da disposição especialissima, em que se acham então as mulheres, ou que teem relação mais ou menos directa com esta disposição. — São finalmente todas as condicções favoraveis á saude dos recem-nascidos; e todas as causas morbificas, e molestias diversas de que podem ser affectadas as crianças, durante as primeiras relações com sua mãi, na vida extra-uterina.

De todos estes conhecimentos, e dos do mechanismo do parto em particular, se deduzem, pela maior parte, os preceitos, e regras hygienicas, therapeuticas, e operatorias que constituem propriamente a arte obstetricia.

Tal é o quadro geral e resumido de todas as noções que formam a sciencia dos partos; e tal é por conseguinte o objecto da cadeira, de que me acho encarregado, e cujo ensino publico a lei me tem commettido.

Para satisfazer pois ao que se me exige, e apresentar o programma do ensino publico da referida cadeira, passo a indicar mais miudamente cada uma das partes d'aquelle quadro geral de todas as noções, que constituem a sciencia dos partos, as quaes fazem o objecto das minhas prelecções; e a expôr ao mesmo tempo a ordem, pela qual trato das diversas partes de tão interessante materia. O que farei pelo modo e maneira seguinte.

Para proceder com a ordem, e methodo, que me parece ser mais natural, divido todo este curso em cinco partes.

PRIMEIRA PARTE.

Principio n'esta primeira parte pela descripção — dos orgãos da mulher, que mais directamente concorrem para o parto — da bacia considerada em geral, e em particular, e as modificações, que as partes molles determinam na sua estructura — dos orgãos genitaes femininos, tanto internos, como externos — em fim, dos orgãos annexos do apparelho da geração.

SEGUNDA PARTE.

N'esta segunda parte trato: da prenhez considerada debaixo dos differentes pontos de vista physiologico, hygienico, e pathologico, desde o momento da conceição até á epocha em que principia o parto.

Depois d'algumas breves considerações sobre a conceição, trato — da prenhez simples considerada no estado normal — das modificações do utero e do producto da conceição, nos diversos mezes d'ella — do seu diagnostico em geral, e em cada mez em particular — do toque, da

palpação abdominal, e da auscultação, como meios de diagnostico — do ovo humano em geral e do feto a-termo em particular; da sua attitude n'esta epocha; da sua physiologia ou funcções; e da sua capacidade para viver vida extra-uterina. — Em seguida, trato — da prenhez composta, da prenhez anormal, extra-uterina; da prenhez falsa, e das circumstancias anormaes que lhe podem dar origem.

Passo depois a tratar dos incommodos, e molestias que podem sobrevir durante o curso da prenhez — das lesões das diversas funcções; dos vicios da conformação da bacia — do uso do pelvimetro — do parto prematuro artificial — dos vicios da conformação das partes molles — da deslocação do utero — da tumefação e dores dos peitos — da tensão das paredes abdominaes, e com especialidade da pélle.

Por esta occasião trato do aborto, e da hemorrhagia durante a prenhez — dos meios de remediar os accidentes que a podem complicar, e da sahida das páreas n'este accidente — do parto prematuro natural — da ruptura do utero — dos signaes da morte do feto — e da prenhez complicada d'ascites.

Finalmente, termino esta parte com os preceitos e regras hygienicas, relativas á prenhez; e com a influencia d'este estado sobre as molestias.

TERCEIRA PARTE.

É n'esta terceira parte que eu trato — do parto em geral — dos nascimentos antecipados, e tardios; do parto espontaneo a-termo — das suas causas — dos phenomenos physiologicos do parto, considerados nas suas differentes epochas; e de alguns d'estes em separado — da sua duração.

Depois d'isto trato das apresentações, e posições variadas do feto — da apresentação do vertice em particular, — das suas causas, e diagnostico — do mechanismo do parto espontaneo — e das suas anomalias — do parto pelo vertice na prenhez dos gemeos — com seu diagnostico, e pronostico.

Os cuidados que se deve ter com a mulher, durante o parto — os instrumentos e mais objectos, de que o parteiro deve munir-se — os cuidados, que se deve ter para com a mãe, e para com o filho logo depois do parto; e a sahida natural das secundinas, merecem a minha particular attenção.

Procuro indicar, e descrever com o maior empenho: — os accidentes, que podem apparecer durante o parto, na apresentação do vertice — os accidentes proprios a retardar, ou a impedir o parto, e os meios de os remediar — as molestias estranhas ao parto, que necessitam os cuidados, ou a intervenção do parteiro — os accidentes, que podem comprometter a vida da mãe, e do filho — e as difficuldades resultantes das anomalias, no mechanismo do parto, segundo os differentes tempos d'elle.

Julgo muito a proposito o tratar em seguida — dos diversos obstaculos mechanicos ao parto — das operações obstetricias proprias para afastar muitos d'elles — do forceps, e da sua applicação nas diversas circumstancias da apresentação do vertice, e nas variadas posições d'esta apresentação — das circumstancias, que excluem o uso d'este instrumento quando a cabeça se acha encravada no estreito superior — e dos accidentes que podem resultar da sua applicação.

Continúo ainda com algumas considerações relativas ao uso da alavanca — e muito principalmente com a descripção da versão, e das suas especies, e em particular com a da versão pelviana — com a descripção da cephalotomia, comprehendendo a perforação do craneo, e a applicação do cephalotribo, ou forceps compressor da cabeça — e com a das operações que se praticam na mulher, taes como — a symphyseotomia, e a operação cezareana.

Termino em fim esta terceira parte, fazendo a applicação das mesmas considerações, e dos mesmos principios que acabo de fazer n'esta apresentação do vertice, respectivamente á apresentação da face — á apresentação pelviana — e ás diversas apresentações do tronco: não esquecendo por esta occasião de tratar — do parto artificial das secundinas — das suas causas — e accidentes.

QUARTA PARTE.

Faz o objecto d'esta parte, sómente — a exposição dos accidentes, e molestias variadas, consecutivas ao parto, e que podem affectar a mulher puérpera: assim como a historia das diversas molestias, a que estam sujeitos os recem-nascidos.

QUINTA E ULTIMA PARTE.

Concluo finalmente o meu curso, n'esta ultima parte, tratando da educação physica das creanças, desde o momento do seu nascimento até ao fim da amamentação. — Então trato tambem — da amamentação materna — da amamentação feita por mulher estranha, ou por ama — e da amamentação artificial. — E por ultimo tenho muito em consideração o indicar os preceitos, e regras hygienicas, indispensaveis á saude dos recem-nascidos, ou a sua *hygiene*.

Eis aqui mais circumstanciadamente os numerosos, e variados objectos do quadro geral de todas as noções, que constituem a sciencia dos partos, e que fazem o objecto das minhas lições: e eis aqui tambem a ordem, pela qual os exponho, analyso, e ensino, em todo este curso.

Todas as considerações, e factos, que acabo de apresentar, e todos os principios, que d'elles se deduzem, formam a parte theorica da sciencia dos partos, cuja utilidade real, e immediata seria apenas reconhecida, como a de outra qualquer sciencia, se o seu estudo fosse somente considerado d'um modo *abstracto, e especulativo*, e sem a necessaria applicação dos seus verdadeiros principios aos casos occorrentes na practica.

A theoria com effeito não deve ter por fim senão melhorar, e aperfeiçoar a practica; porque sem esta a theoria chega á utopia, ou especulação. E não póde certamente haver boa practica, sem que seja esclarecida pela theoria, porque tambem sem esta a practica vem a degenerar em rotina. Por consequencia estas duas partes da sciencia devem prestar ambas um mutuo apoio, e devem ambas caminhar a par, a fim de servirem ao seu verdadeiro progresso, e aperfeiçoamento.

Procuro por tanto combinar quanto me é possivel, em attenção aos meios de que posso dispor, a exposição, e a analyse de todos os factos, e principios, no ensino da parte theorica d'aquella sciencia, com todos os exercicios *practicos, proprios para o seu esclarecimento*, e verdadeira intelligencia, usando para este fim das diversas machinas, e apparelhos, e auxiliando-me frequentemente com estampas apropriadas; e com a sua applicação a todos os casos occorrentes na practica do hospital, aonde existem effectivamente os exemplares necessarios na enfermaria de partos, ou com a clinica de partos; para que do ensino publico d'esta sciencia, tão humana, como interessante, pelo seu fim, a toda a sociedade, se possa tirar aquella utilidade, que sempre nos resulta, quando depois de dictarmos a regra, e o preceito, apontamos o exemplo.

Tal é o programma que sigo em todo o curso da cadeira da sciencia dos partos, cujo ensino publico me é commettido.

RELAÇÕES LITTERARIAS COM AS UNIVERSIDADES DE HESPANHA.

A necessidade de estabelecer relações litterarias entre a nossa universidade e as do reino visinho era de ha muito reconhecida, quando, por occasião da visita, que em 1852 fez a algumas cidades de Hespanha, o sñr. douctor Vicente Ferrer, aproveitando as boas disposições dos mais distinctos professores d'aquellas academias e especialmente do mui digno reitor da universidade de Madrid, o sñr.

marquez de Morante, propoz ao governo de S. M. que se adoptassem algumas providencias para realisar aquelle importante pensamento.

O que se fazia mais que tudo necessario, era a reciproca troca dos compendios adoptados nas aulas, e dos jornaes e obras litterarias ou scientificas, dadas á luz pelas universidades, ou pelos seus membros em ambos os paizes, que, a pesar de tão estreitamente unidos pela sua posição geographica, e até pela communidade de interesses, viviam mais separados, e ignorados no que respeita áo seu trato litterario, e ao seu desinvolvimento intellectual, que as nações mais afastadas de nós, e com quem não temos quasi relações algumas.

O governo auctorisou logo o prelado da universidade para enviar ao reitor da universidade de Madrid uma collecção completa das obras e compendios, que serviam de texto ou de commentario ás lições nos cursos de todas as faculdades academicas.

O sñr. vice-reitor, que então era da universidade, o ex.^{mo} bispo de Bragança, satisfez áquella determinação remettendo a indicada collecção de obras portuguezas, e da legislação sobre instrucção publica em data de 23 d'agosto de 1852, de que demos conta neste jornal [1].

O governo hespanhol pela sua parte, attendendo ao que lhe representára o marquez de Morante, expediu em 22 de janeiro uma real ordem para que a universidade de Madrid remettesse á de Coimbra as collecções de obras hespanholas, que aquella academia julgasse dignas d'este destino. E effectivamente foi recebida na bibliotheca de Coimbra uma mui rica, e importante collecção das principaes obras dos mais acreditados auctores hespanhoes, de que já fizemos menção neste mesmo jornal [2].

Na remessa, porém, que a universidade fez para Madrid não se comprehenderam senão as obras portuguezas, que tinham uso nas aulas, e ainda d'estas algumas foram omittidas. Era portanto indispensavel não só reparar esta involuntaria falta, mas continuar regularmente a remessa das obras publicadas desde aquella data pelos diversos professores da universidade e das outras escholas do reino, addicionando-lhe tambem as obras mais importantes, que ultimamente se teem publicado em portuguez por diversos auctores estranhos ao magisterio, para d'este modo corresponder aos votos das universidades do reino visinho e realisar cabalmente o fim que estas corporações se propozeram.

Para satisfazer a este importante trabalho o ex.^{mo} sñr. vice-reitor da universidade José Ernesto de Carvalho e Rego, nomeou uma commissão, de que elle é presidente, e composta dos sñrs. douctores Vicente Ferrer Neto Paiva, lente de direito, José Ferreira de Macedo Pinto, lente de medicina, Florencio Mago Barreto Feio, lente de mathematica, e José Maria de Abreu, lente de philosophia, e do decano do lyceu de Coimbra Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, professor de eloquencia.

A commissão installou-se no dia 29 do mez findo, distribuindo pelos seus membros o trabalho de colligir as mais importantes obras relativas aos diversos ramos de sciencias, e litteratura para com a possivel brevidade serem enviadas á universidade de Madrid, e se estabelecer regularmente para o futuro esta correspondencia litteraria, que tão proveitosa ha de ser para o progresso dos estudos nos dois paizes, e para o credito das respectivas universidades e academias.

[1] Vol. II. pag. 82.
[2] *Idem.*

OS ISRAELITAS EM ROMA.

Ha em Roma um bairro separado para os Israelitas; é o *Ghetto*, banhado pelo Tibre, e situado entre a ponte dos *quatro Capi*, e a *Pente-rotto*; é um dos mais tristes, e immundos bairros da cidade; na occasião das enchentes as casas ficam alagadas, e os desgraçados habitantes veem-se obrigados a refugiar-se nos andares superiores, aonde se conservam até que o rio torne a entrar no seu leito, e ha bem poucos annos ainda este bairro tinha umas portas, que se fechavam todas as noutes; porem a revolução de 1848 abuliu este costume; mesquinho progresso, em comparação dos que ainda carece, para que os judeus em Roma gozem a liberdade, que disfructam os de França; devemos comtudo reconhecer, que a sua posição tende sempre a melhorar-se, e que estamos bem longe dos tempos em que o papa, depois de lançar a benção ao povo catholico no domingo de paschoa, lançava o anathema sobre os filhos de Abrahão. Mas, voltando ao Ghetto, o observador, que para ahi fôr passear, verá as mulheres sentadas em seus balcões, fiando linho, ou remendando o facto de seus maridos, e filhos, em quanto estes se entreteem brincando pelas ruas com bandos de galinhas, que abundam na judiaria. Este quadro pintado de uma maneira tão risonha pela imaginação, é, visto á luz da verdade, bem desagradavel. Nas faces palidas, e maceradas das mulheres traduz-se o soffrimento; o typo oriental, que destingue a raça hebraica só alli se faz notavel pela fealdade; não se encontra no Ghetto uma só destas bellas judias, tão communs nos nossos paizes; a perseguição e o soffrimento tem degenerado o typo primitivo dos israelitas romanos. Descrevemos as occupações domesticas das mulheres; cum-

pre-nos fallar tambem dos homens. Á excepção de alguns cordoeiros ou chapeleiros, todos os mais se dão ao negocio, e nem elles podiam occupar-se de outra cousa, pois, que mesmo admittindo, que as leis um dia lhes permittam o accesso a todas as carreiras, e industrias, os numerosos prejuizos que ha a seu respeito entre os romanos, lhes hão de servir longo tempo de obstaculo.

(Archives israélites.)

EDUCAÇÃO DOS ANIMAES NA ANTIGUIDADE. [1]

Os romanos excederam a todos os povos da antiguidade na arte de amestrar e domesticar diversas especies de animaes; mas os seus cuidados nos ultimos tempos da republica, e durante o imperio versaram mais sobre as especies, que concurriam para os prazeres dos seus espectaculos, ou para o luxo dos seus banquetes, do que sobre aquellas, cuja multiplicação e aperfeiçoamento podia contribuir para o progresso d'agricultura, ou da industria.

N'aquelle ponto os romanos nada tem, que invejar aos modernos. Nos ultimos seculos da republica os consules e ediles deram nas praças de Roma o triste espectaculo de immolarem muitos animaes de grande preço pela sua raridade. Nos jogos, que se celebraram no anno de 55 por occasião da inauguração do theatro de Pompeo, foram mortos sobre o circo quatrocentas e seis pantheras, seiscentos leões e vinte elefantes. Cansado, porém, já o povo deste barbaro divertimento, começaram a industriar os animaes nos diversos exercicios, em que os faziam andar nos dois pés, para assim excitar a attenção publica.

Marco Aurelio foi o primeiro, que em Roma fez conduzir o seu coche por uma parelha de leões. Heliogabalo fez outro tanto, querendo comparar-se á mãe dos Deuses, e, immitando Baccho, jungiu tambem ao seu carro tigres, e algumas vezes veados, e até caẽs. Avestruzes de extraordinaria grandeza puxaram o carro do imperador Firmo com tal destreza, que mais pareciam voar do que correr. Estes factos não são sem exemplo na epocha actual. No theatro de Paris um domador de feras se apresentou, não ha muito, dentro de um carro tirado por dois leões; mas de elefantes dançando na corda, como muitas vezes se viu em Roma, não ha memoria na epocha actual.

Germanico, diz Pouchet, n'um trabalho mui importante sobre estes animaes, aprezentou elefantes que dansavam grosseiramente. Nos jogos instituidos por Nero em honra de Agrippina foram vistos com geral admiração alguns destes animaes dansando sobre uma corda teza; facto este attestado por Cassius, Plinio, Suetonio, e Marco Aurelio.

A arte de domar os animaes, diz Cuvier, estava tão aperfeiçoada, como a de os caçar. No triumpho de Germanico os elefantes dansavam em pé sobre a corda. No tempo de Galba um destes animaes subiu n'uma corda com um cavalleiro romano em cima até ao tecto do theatro. Cuvier assevera, fundando-se n'uma passagem d'Elien, que os elefantes assim adestrados tinham nascido em Roma de individuos desta especie, que viviam em prisão; a auctoridade, porém, d'Elien não parece sufficiente para firmar um facto, inteiramente contrario a todas as observações feitas na Europa, e até na India.

A par d'aquella arte maravilhosa de ensinar os animaes a tão variados exercicios, os romanos cuidavam com muito esmero em multiplicar, e engordar aquelles, que serviam para os seus banquetes, e particularmente as aves, de muitas das quaes ainda hoje usamos.

« *Clausae pascuntur aenates, querquedulae, boschides, phalerides, similesque volucres quae stagna et paludes rimantur.* »

Engordavam as lebres, arganazes, pavões, grous, e sustentavam em grandes tapadas javalis, veados, e cabritos montezes, que acudiam ao son de uma trombeta. Tambem, segundo Dureau de Malle, sustentavam caracoes, que lhe serviam como eguaria mui estimada.

A piscicultura estava levada a um gráu de perfeição, a que ainda hoje estamos mui longe de chegar. O sargo fôra trasido do mar da Grecia para o da Toscana, onde se naturalisára. Tinham grandes viveiros d'agoa doce, e salgada. Para estabelecer um destes viveiros, Lucullo mandou cortar uma montanha, pelo que Pompeo o chamou — *Xerxes togatus*. Nestes viveiros criava-se uma prodigiosa multidão das mais estimadas, e variadas especies de peixes.

Em fim a multiplicação artificial dos peixes estava em practica, e já então se obtinham especies ichthyologicas hybridas; e estes processos artificiaes applicavam-se até a algumas especies de moluscos.

Os romanos neste ponto faziam ha vinte seculos, mais, do que nós ainda hoje practicamos.

[1] Extrahido de uma obra de I. G. de S. Hilaire, ainda no prélo, sobre a educação e naturalisação dos animaes uteis.

PHYSICA DO GLOBO.

INFLUENCIA DA LUA NOS TERREMOTOS.

Desde as mais remotas eras acha-se arreigada na maioria da população de todos os paizes a crença de que a lua influe poderosa-

mente em muitos dos phenomenos physicos e vitaes, que se passam na terra.

Homens dados ao estudo da natureza regeitaram por longo tempo esta crença, na maior parte dos seus pontos, como preconceito popular; talvez porque o amor da sciencia, por mais puro que seja, tem sempre alguma liga d'amor proprio, que procura lisonjear-nos dando por impossivel o que não podemos comprehender. Mas na presença de factos constantemente repetidos parece forçoso reconhecer, que a attracção da lua sobre a terra e atmosphera, e por ventura a sua acção chimica sobre a luz solar que nella se reflecte, tornam sensivel a influencia d'este satellite em muitos phenomenos que se passam acima, na superficie, e no interior do nosso globo.

Entre estes phenomenos avulta o dos terremotos, que muito importa saber se devem considerar-se como resultado de percussões causadas na crusta solida da terra por marés internas. Na verdade, se em virtude de sua elevada temperatura, a parte interior do globo terrestre se conserva fluida, devem a lua e o sol causar nella movimentos, semelhantes ás marés do Oceano, que dependam em direcção e intensidade das posições d'estes astros; e a resistencia opposta pela crusta solida á accumulação de fluido, que esses movimentos tendem a produzir na direcção dos raios vectores dos mesmos astros, póde causar rupturas e abalos nos pontos correspondentes da superficie terrestre.

Vê-se pois, que esta explicação, estabelecendo uma mutua dependencia entre a fluidez da parte interior da terra e as marés internas, manifestadas pelos terremotos, é de summa importancia na primeira e mais difficil questão da geologia.

Nas sessões da academia das sciencias de Paris de 21 de março de 1853 e 2 de janeiro de 1854 apresentou M. Alexis Perrey uma memoria, e uma nota, cujo objecto é mostrar a influencia das posições da lua em relação ao sol e ao perigeu sobre os terremotos em geral, e das suas posições relativamente ao meridiano d'um logar terrestre sobre os terremotos nesse logar.

Na memoria o auctor dá conta de todos os terremotos, de que pôde obter noticia, desde o anno de 1801 até o de 1850; e computa-os de tres modos differentes, enumerando: no primeiro os dias em que teve logar algum terremoto; no segundo todos os terremotos que houve, quer no mesmo dia, quer em diversos dias; no terceiro todos os abalos que se sentiram, quer pertencessem ao mesmo terremoto, quer a terremotos differentes. Procedendo assim, a collecção apresenta um quadro de 5:388 phenomenos pelo primeiro modo, e de 6:596 pelo segundo. Em quanto porém ao terceiro modo, não pôde M. A. Perrey obter noticias que referissem os abalos de cada terremoto senão a respeito d'alguns d'elles; e por isso apenas conseguiu fazer um quadro de 931 abalos sentidos na America Meridional, que achou consignados no 5.° volume *das viagens ás partes centraes da America do Sul de M. de Castelnau.*

Formou tambem pelo primeiro modo um quadro de 422 dias de terremotos desde 1841 até 1845. E finalmente organisou quadros parciaes, repartindo cada quadro total em grupos correspondentes ás subdivisões do periodo da lunação media $29^{d},531$ em doze, dezeseis, e oito partes.

Em todas estas combinações, pondo de parte algumas anomalias, achou o auctor uma preponderancia dos numeros relativos ás syzygias sobre os relativos ás quadraturas, a qual o levou a concluir que: *ha meio seculo os terremotos são mais frequentes nas syzygias do que nas quadraturas.*

Examinando a mesma collecção d'observações, e usando dos mesmos modos de contagem, de que se servira para formar os quadros referidos, M. A. Perrey contou os terremotos correspondentes aos dias das passagens perigêa e apogêa da lua, e aos dois dias anteriores e aos dois posteriores a cada uma d'ellas; e subtraindo o numero respectivo a cada posição proxima do apogêu do respectivo á posição correspondente proxima do perigêu, achou differenças positivas, que divididas pelas sommas davam quocientes comprehendidos entre $\frac{1}{50}$ e $\frac{1}{10}$. Estas differenças indicavam pois uma preponderancia sensivel dos numeros relativos ao perigêu sobre os relativos ao apogêu; d'onde concluiu o auctor, que os terremotos são mais frequentes na passagem da lua pelo perigeu do que na passagem pelo apogeu.

Reconhecendo a importancia do trabalho do sabio professor de Dijon, poderiamos talvez desejar que, seguindo um methodo semelhante ao que lhe serviu na repartição dos quadros em partes correspondentes ás sub-divisões da lunação media, e applicando-o não só ao mez synodico, mas tambem ao anomalistico, comparasse separadamente: os numeros proximos da mesma distancia da lua, mas correspondentes a diversas phases lunares, para estabelecer com mais clareza a proposição relativa á influencia d'estas phases; e os numeros proximos da mesma phase, mas correspondentes a diversas distancias da lua, para estabelecer a proposição relativa á influencia da distancia.

Finalmente o auctor da nota discutindo os 824 abalos sentidos em Arequipa, que refere a citada obra de M. de Castelnau, e calculando as horas decorridas desde a passagem da lua pelo meridiano até o instante de cada um d'elles, achou, quer por este modo de comparar, quer pela repartição do dia medio lunar, $24^{h}\ 50'\ 30''$, em dezeseis ou em oito partes, e dos abalos em grupos correspondentes: que o maximo numero d'aba-

los teve logar na visinhança das passagens da lua pelos meridianos superior e inferior; e o minimo, quando a lua estava proxima de 90° de distancia ao meridiano.

De todo este trabalho resulta a conclusão seguinte. *O numero dos terremotos é maximo nas syzygias, e minimo nas quadraturas; maximo na distancia perigêa da lua, e minimo na apogêa; maximo para um logar na passagem da lua pelo seu meridiano, e minimo a 90° d'este.*

O que concorda com o que deve acontecer, se os terremotos são devidos ás marés interiores do globo terrestre que produz a attracção da lua.

Para tornar mais sensiveis estes resultados M. A. Perrey procura representar os numeros de cada um dos quadros por expressões da fórma

$$\varphi = m + A \text{ sen } (t+\alpha) + B \text{ sen } (2t+\beta) + C \text{ sen } (3t+\gamma) + \ldots\ldots;$$

sendo m, A, B, C,...., constantes da natureza de φ; α, β, γ...., angulos constantes; e t a distancia angular da lua ao sol, contada desde 0° até 360°. E determinadas as constantes de modo que satisfaçam aos numeros, acha que na curva relativa a cada um dos quadros a maxima ordenada principal corresponde ás syzygias, e a minima ás quadraturas.

A commissão da academia, que examinou este trabalho, dando-lhe grande inportancia, propoz que fosse approvado, e que a academia empregasse uma parte dos seus fundos em auxiliar a continuação d'elle.

(Vej. o *Comptes Rendus* de 12 de junho de 1854). S. P.

NOTICIA SOBRE A BACIA CARBONIFERA DO CABO MONDEGO.

Continuado de pag. 104.

Historia da mina.

Os trabalhos começaram n'esta mina chamada de Buarcos, em 1775, por conta do Governo, sendo dirigidos por um capitão da companhia de mineiros da praça d'Elvas, chamado José Nunes, com dois soldados da mesma companhia; estes trabalhos duraram doze annos.

Em 1787 foi este capitão substituido pelos irmãos (Ricardo e Francisco) Raposos, majores engenheiros, sobrinhos do Inspector que então era do Arsenal do Exercito, o tenente-general Bartholomeu da Costa. Abriram tres galerias descendentes na ponta mais occidental do Cabo e mesmo ao nivel da camada de carvão, sendo a distancia da 1.ª á 2.ª bôca de $14^m,0$, e a da 2.ª á 3.ª de $26^m,0$: estas galerias eram abobadadas, revestidas com enxilhares de cantaria até grande distancia das bôcas, e têem na secção d'estas 4 metros de altura $1,^m3$ e $3,^m0$ nas bases. Hoje estão entulhadas e completamente inutilisadas. Foram levadas a 100^m pouco mais ou menos sobre o plano da camada; abriram-se nellas avanços, que entraram pelo fundo do Oceano, e cortaram-se estes por outras galerias para retalhar o massiço em pilares prismaticos: um sarilho movido por bois fazia a extracção pelas bôcas de serviço. O carvão de primeira qualidade era transportado para Lisboa e empregado na refinação do salitre.

A lavra era pouco activa, pelo limitado consumo que tinha o combustivel, e por isso durou annos este campo de mineração, e continuaria por muito mais se não occorresse um sinistro em 1798 ou 1800, que a interrompeu completamente. Uma galeria ascendente chegou muito perto do afloramento da camada no fundo do Oceano, á distancia de 28^m da Pedra da Náu; as aguas do Oceano romperam a mossa que as separava dos trabalhos, e precipitaram-se nelles abrindo uma ampla brecha.

Em 1801 foram os Raposos substituidos pelo doutor José Bonifacio de Andrade, nomeado então intendente geral das minas e metaes do reino: mandou abrir a mina Mondego a N.E. das primeiras bôcas, e a $5^m,0$ a $8^m,0$ acima do seu respectivo nivel; por meio d'esta mina communicou com a parte dos velhos trabalhos não alagada.

Esta mina deu, com varias interrupções, o carvão necessario até 1819,[1] e o doutor Andrade fez construir um forno de cal, a trabalho continuo, e outro de cozer tijolo junto á mina, nos quaes consumia o carvão miudo, continuando a ser conduzido para Lisboa o carvão grado, de primeira qualidade.

A ausencia do doutor José Bonifacio de Andrade, que se retirou para o Brasil, a abundancia de pyrite que o carvão encerra, a ignorancia dos encarregados dos trabalhos, foram as causas pelas quaes o Governo, soffrendo perda na lavra da mina, ordenou a sua suspensão em 1819, ou antes em 1822,

[1] Em 1803, com a saída de D. Rodrigo de Sousa Coutinho do Ministerio, foram suspensos todos os trabalhos, e por tanto os d'esta mina por ordem do Presidente do Real Erario, Luiz de Vasconcellos; o que causou a ruina d'esta mina, porque se encheu de agua, mas recomeçaram outra vez em 1804; a invasão dos francezes em 1807 veiu de novo suspendel-os até ao principio de 1812. Em 1816 fizeram-se trabalhar por conta da Administração das minas os fornos de cal em Alcantara para dar consumo ao muito carvão, miudo existente nas eiras da mina.

por ordem do ministeriro do reino, sobre proposta da direcção da real fabrica das sedas, que havia sido em 1804 encarregada da fiscalisação das minas.

Por Alvará de 5 de Julho de 1825, contratou o governo a lavra das minas de carvão com uma Companhia, que deixou a de Buarcos em total abandono.

Em 1838 para 1839 tentou o cessionario da companhia, Jacintho Dias Damazio, esgotar os trabalhos da mina, e proseguir na sua lavra: pozeram-se em actividade os trabalhos da mina Mondego, tirou-se algum carvão, e mandou-se despilar. Logo depois, abrindo-se uma sanja de pesquiza da linha de maxima inclinação do monte, deparou-se com a continuação da camada de carvão poucos metros a N.N.E. da mina antecedente, e em posição mais elevada sobre o monte; abriu-se um novo campo de lavra, denominado *Mina Esperança*, que mais tarde se fez communicar com a mina *Mondego*. Este campo desceu poucos metros abaixo da actual galeria de avanço, pelas difficuldades de extração e esgoto, cuja despesa não era compensada pelo preço do carvão obtido, e ainda mais pelo máo systema de ataque, fazendo-se a extracção, serviço, esgoto, e ventilação por duas bôcas contiguas, abertas ao mesmo nivel, sobre o affloramento da camada.

Os avanços praticados nesta mina tocaram a lacuna, que lhe fica a E.S.E., e como receiaram descer além dos limites que tocavam, resolveram proceder ao despilamento da mina Esperança.

Passou-se á abertura da mina *Farrobo*, a uns 300^{m} de distancia para N.E. da precedente, e em posição mais elevada por se ter descoberto a camada nesse ponto. Executaram-se os trabalhos ao modo ordinario, mas não desceram muito com elles (apesar de se apresentar ahi a camada com melhores auspicios), porque as aguas eram abundantes; a lacuna a S.E. era já conhecida; uma pesquiza feita mais para N.E. no Valle das Fontainhas, provavelmente sobre alguma das camadas delgadas, deu apenas 0^{m},2 de possança; e sobre tudo, por se ignorarem as condições em que a camada se acha, e os accidentes que frequentemente interrompem a continuidade das camadas de combustivel. Acreditou-se por estas razões, que o carvão acabava todo nesta mina, e suspenderam-se os trabalhos della em 1845 a 1846.

Appareceram neste anno de 1846 em Lisboa Michon e Casimir Pièrre, mineiros francezes, que visitaram as minas de combustivel, e dirigiram á companhia propostas para a sua lavra; a companhia contratou com Michon a lavra da de Buarcos.

Para renovar a lavra da mina *Farrobo*, assentaram-se na bôca da galeria uma machina de vapor da força de doze cavallos, e as bombas necessarias para o esgoto: em pouco tempo se esgotaram as aguas dos trabalhos, e recomeçou a lavra. Em 1847 cresceram as aguas subterraneas; as bombas não podiam esgotal-as, a accumulação era rapida e a mina foi inundada.

Na presença deste sinistro Michon e Casimir investigaram os meios de salvar a mina procedendo aos estudos para esse fim necessarios. Determinaram a direcção e inclinação da camada, fizeram o nivelamento do terreno entre a bôca da mina *Farrobo* e o sólo onde estão as bôcas da mina velha; reconheceram que a linha de direcção da camada que passa no terreno contiguo ás minas velhas ía passar proximo da mina *Farrobo* a 130^{m} de profundidade, a contar da bôca da referida mina, e a 500^{m} na horisontal, tiradas pelas bôcas das primeiras minas. Projectaram a abertura de uma galeria de esgoto geral, seguindo esta linha, e começaram a executal-a em 1847. Esta galeria, avançando sempre sobre o muro da camada, atravessou o fundo dos trabalhos das minas *Mondego* e *Esperança*, e neste segundo ponto estabeleceram-se alguns trabalhos descendentes, que todavia foram pouco profundos. Em 1851 chegou o avanço proximo do campo inundado; os trabalhos continuaram por meio de tres furos de exploração de sonda, até que chegando ao dito campo, se operou o esgoto, derivando-se assim as aguas para os trabalhos velhos.

Esta galeria é uma obra importantissima, porque torna aproveitavel a mina de Buarcos, apesar de ter sido só destinada, no principio ao esgoto das aguas accumuladas na mina *Farrobo*: cortando a camada a mais de 130^{m} dos affloramentos, permitte a exploração da camada, e a sua lavra por galerias descendentes mais prompta e economica, do que pelas galerias abertas á superficie: mostrando a continuidade da camada no sentido da sua direcção, faz ver tambem que o seu eixo está longe do plano da galeria; facilita consideravelmente os esgotos; torna rapido e economico o serviço de extracção, e permitte finalmente uma melhor ventilação.

Em consequencia d'estas reconhecidas vantagens tem-se progredido com esta galeria, que contava em Junho d'este anno 950^{m} a 1000^{m} de comprimento; com o seu respectivo caminho de ferro; acha-se pois debaixo do Valle das Fontainhas onde se deverá abrir uma galeria ascendente de 80^{m}, pouco mais ou menos, até á superficie, para servir á ventilação e á lavra da parte da camada superior á galeria geral.

Continúa.

ERRATA DO N.° 7.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro.*	*Emend.*
88	1.ª	60	de 1416	de 1546.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia	Estado do céo e do tempo.
Mez de Junho		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor aquoso contido no ar	Pressão do ar secco	Gráu de humidade do ar	Quantid. de vapor contido em um metro cubico de ar		
Dias	Gráus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas.		
1	17	748,752	7,588	741,164	0,5262	7,588	N.	Claro e limpo. B. temp.
2	16	747,370	9,523	737,847	0,7035	9,556	S.	Nublad. temp. chuvos.
3	17	749,006	10,155	738,851	0,7042	10,155	S.	O mesmo. O mesmo.
4	17	749,008	10,148	738,860	0,7037	10,148	S.	O mesmo. O mesmo.
5	16	746,695	9,911	736,784	0,7322	9,946	S.	O mesmo. O mesmo.
6	17	748,500	10,154	738,346	0,7041	10,154	O.	Encoberto. B. tempo.
7	18	749,137	11,029	738,108	0,7182	10,991	N.O	Nublado. O mesmo.
8	18	751,720	11,175	740,545	0,7277	11,136	N.	Clar. e limp. O mesmo.
9	18	751,670	10,374	741,296	0,6755	10,338	N.	O mesmo. O mesmo.
10	18	753,898	9,655	744,243	0,6287	9,621	N.	O mesmo. O mesmo.
11	16	753,688	8,794	744,894	0,6497	8,824	N.	O mesmo. O mesmo.
12	20	756,590	11,281	745,309	0,6487	11,165	N.	O mesmo. O mesmo.
13	19	756,713	12,802	743,911	0,7832	12,714	N.	O mesmo. O mesmo.
14	18	755,650	11,250	744,400	0,7326	11,211	N.	O mesmo. O mesmo.
15	20	754,473	13,094	741,379	0,7529	12,958	N.O.	Nublado. B. tempo.
16	20	749,399	13,754	735,645	0,7909	13,613	S.O.	Encobert. T. chuviscos.
17	19	748,640	12,617	736,023	0,7719	12,530	O.N.O.	Encoberto. T. ventoso.
18	18	752,683	10,883	741,800	0,7087	10,845	N.O.	Nublado. B. tempo.
19	19	755,346	11,655	743,691	0,7130	11,575	N.O.	Encoberto. B. tempo.
20	19	755,649	12,018	743,631	0,7352	11,935	N.O.	Nublado. B. tempo.
21	20	756,792	12,857	743,935	0,7393	12,725	N.O.	Encobert. T. chuvisc.
22	20	758,058	12,261	745,797	0,7050	12,135	N.	Cl. e limpo. T. sereno.
23	21	755,606	14,117	741,489	0,7633	13,913	N.	O mesmo. O mesmo.
24	21	755,100	13,904	741,196	0,7518	13,715	N.	O mesmo. O mesmo.
25	21	754,341	13,904	740,437	0,7518	13,715	N.O.	Nublado. B. tempo.
26	20	754,970	12,801	742,169	0,7361	12,670	N.O.	O mesmo. O mesmo.
27	20	752,792	11,368	741,424	0,6537	11,252	N.O.	O mesmo. O mesmo.
28	19	755,092	11,517	743,575	0,7046	11,438	N.	Cl. e limpo. B. tempo.
29	19	755,952	12,020	743,932	0,7354	11,950	N.	O mesmo. O mesmo.
30	19	754,586	12,331	742,255	0,7544	12,246	N.	O mesmo. O mesmo.
media do mez	18,7	752,962			0,7135			

Extremas do mez	*Temperatura*	*Pressão atmospherica*	*Gráu de humidade do ar*	*Ventos predominantes*
	Max. absol. . 21.°	Max. absol. 758,058	Max. absol. . 0,7909	N. e N.O.
	Minima . . . 16.°	Minima . . 746,695	Minima . . . 0,5262	
	Max. variaç. . 5.°	Max. excurs. 11,363	Var. max. . . 0,2647	

Coimbra 1.° de Julho de 1854.

O Demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Joaquim Augusto Simões de Carvalho.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL.

1846—1847.

Continuado de pag. 113.

Instrucção superior.

A instrucção superior commettida á direcção do conselho, compõe-se da universidade, da academia polytechnica, e das duas escholas medico-chirurgicas de Lisboa e do Porto.

A universidade de Coimbra, notavel pela sua antiguidade, e pelo credito litterario, de que tem gozado em todos os tempos, principalmente no reinado de elrei D. João III no seculo XVI, e no de elrei D. José I no seculo passado, fórma entre nós um centro d'instrucção tão solido, que não tem podido, até hoje, ser abalado, nem pelas vicissitudes do tempo, nem pelos ataques de outros estabelecimentos rivaes. Ella contém os elementos sufficientes para ahi se ensinarem todas as sciencias, com a ultima perfeição; não só em razão do grande numero de cadeiras, como por meio dos grandes, e ricos estabelecimentos que lhe estão reunidos.

O ensino continuava nella com a regularidade ordinaria no anno lectivo de 1845 a 1846, quando os acontecimentos daquelle tempo vieram interrompel-o: foram despedidos os estudantes sem poderem fazer os seus actos. Em outubro seguinte, por ordem do governo, foi mandada abrir, mas apenas estavam principiados os actos, que as novas desordens vieram, outra vez interrompel-os. D'esde então até agora, o ensino esteve fechado; e o edificio foi pela maior parte occupado militarmente. D'esta desgraçada epocha por tanto, não tem o conselho nada que deva relatar a respeito d'este estabelecimento, limitar-se-ha a fazer algumas reflexões sobre seu estado actual.

O ensino na universidade, consta de cinco faculdades, cujos professores de cada uma, se podem reunir em conselho, para promoverem o seu andiantamento respectivo; e são: theologia, direito, medicina, mathematica, e philosophia. Do mappa n.° 4 verá V. M. o quadro das cadeiras, e o seu estado.

Ainda que a tendencia das reformas modernas, por toda a parte, se dirija manifestamente a desinvolver os interesses materiaes da humanidade, e que esteja hoje mui esfriado o zelo espiritual, e por isso acolhidos, com menos favor, os estudos theologicos, com tudo a faculdade de theologia, coherente com os nossos costumes, serve de exprimir a unidade da religião christã, proclamada na Carta, como a religião publica do estado; e de protesto contra o indifferentismo religioso, que com o nome mais honesto de tolerancia, tem penetrado na maior parte das nações, que vão á testa da civilisação da Europa. Além disto esta faculdade, depois que admittiu ás suas lições, com o nome de ouvintes, uma classe d'alumnos modestos, que não aspiram já aos grandes empregos ecclesiasticos d'outro tempo, mas sómente pretendem habilitar-se para o exercicio parochial, hoje mal retribuido, satisfaz até certo ponto, uma das maiores necessidades da epocha. Em quasi todas as dioceses do reino acabaram, por falta de meios, as escholas ecclesiasticas para a instrucção dos ordinandos: a faculdade de theologia encarregando-se da instrucção d'esta classe, não só suppre esta falta na diocese de Coimbra, mas hoje que está ordenado, por decreto, o provimento canonico das egrejas por meio de concurso, habilita alumnos instruidos que por este meio em breve, se irão dispersar pelas outras dioceses; e talvez a esta circumstancia se deve o augmento de discipulos, que nella se nota.

A faculdade de direito, é a unica que tem constantemente obtido uma notavel affluencia de alumnos. O seu numero annual sempre tem excedido a 500. Alguns consideram esta affluencia, como uma calamidade nas actuaes circumstancias politicas. Ao conselho não compete decidir sobre este modo de pensar; o que lhe parece provavel, é, que esta faculdade, ha de ser sempre muito frequentada. Não tem outra eschola, que lhe dispute a concurrencia; e offerece o ensino a um grande numero, como habilitação legal, para a maior parte dos empregos do estado, a outros como meio de industria; para o exercicio do fôro, e a todos como instrucção, para reger as suas casas, e se dirigirem nos negocios quotidianos da vida civil, e domestica. Esta mesma circumstancia, e a outra da

confusão da legislação patria, tem servido de estimulo a alguns dos professores, para publicar obras, que accreditando-os, contribuem poderosamente para o melhoramento da sciencia.

A faculdade de medicina tem sempre gozado, e goza ainda hoje, d'um credito decidido, que os seus rivaes se não attrevem a negar: proveniente não só dos profundos e variados conhecimentos, preparatorios como propriamente medicos, que exige nos seus alumnos, como do distincto merecimento de muitos professores que a tem illustrado, e continuam a illustrar. A regularidade do ensino, assim theorico, como práctico, que n'ella se ministra, é igual ao rigor e severidade das provas, porque faz passar os alumnos, antes de lhe conferir o diploma da habilitação. N'esta parte, é tão superior ás academias da maior parte das outras nações, que a pezar da nossa, mal entendida predilecção por tudo que é estrangeiro, os medicos, que não são da eschola portugueza, não tem entre nós achado favoravel acolhimento. Esta faculdade é frequentada por poucos alumnos, o que é devido ás circumstancias peculiares da profissão medica, á penuria do paiz, e sobre tudo á concurrencia das duas escholas, de Lisboa e Porto; onde se habilitam alguns alumnos, senão perfeitamente instruidos, ao menos munidos d'um diploma, que lhes faculta o uso da medicina.

As duas faculdades de mathematica e philosophia, aliás notaveis pela importancia das disciplinas, que as compõem, e pelo distincto merecimento de muitos dos seus membros, a pezar de ter por fim principal, a applicação ao desinvolvimento da industria, e melhoramento material dos povos, que faz a tendencia da epocha actual; com tudo, como sempre aconteceu, poucos mais alumnos contam, além dos que se destinam á medicina.

E' facil achar a causa d'este phenomeno no pouco valor, que no estado do atrazamento da nossa industria, se dá a taes conhecimentos, e na concurrencia das duas polytechnicas de Lisboa e do Porto; onde os alumnos acham uma instrucção menos severa, e menos solida. Em quanto se não executar o artigo 116, do decreto de 20 de septembro, e se não destinarem empregos, exclusivamente para taes alumnos, debalde se pretenderá tornal-as mais frequentadas.

Dos outros estabelecimentos dependentes do conselho, somente se receberam os relatorios das bibliothecas de Lisboa e de Braga, e da imprensa nacional. A bibliotheca de Lisboa corresponde á grandeza e importancia da capital: e se se ajuizar pelo movimento dos que alli vão consultar livros, a litteratura entre nós não decae. A de Braga esteve fechada e occupada, militarmente, durante a guerra: felizmente não soffreu estragos notaveis. A imprensa nacional de Lisboa tem chegado a tal perfeição, principalmente depois que contém alguns prelos movidos a vapor, que eguala as melhores da Europa. Os estabelecimentos annexos á universidade, ressentem-se da falta dos subsidios do thesouro: quasi todos desfallecem pouco e pouco. A pezar disto no observatorio astronomico trabalha-se com assiduidade na ephemeride; e os seus trabalhos sobre este objecto, já chegam ao anno de 1850. A imprensa da universidade a pezar das perdas que soffreu, por occasião da guerra civil, ainda se sustenta com lustre.

A academia polytechnica do Porto creada por decreto de 13 de janeiro de 1837, tem por objecto privativo o ensino das sciencias industriaes; e habilitar pessoas que promovam o desinvolvimento da industria em todas as suas direcções; engenheiros de minas, de pontes, e estradas; engenheiros constructores; officiaes de marinha, pilotos; commerciantes, agricultores, e artistas de todas as classes. Para este fim aproveitou-se a academia real do commercio e marinha que já alli existia, augmentou-se com grande numero de cadeiras, e estabeleceram-se os cursos necessarios para o fim especial, a que cada um dos alumnos se propoem.

Esta academia está em principio; lucta com vigor contra as difficuldades do começo, e sobre tudo contra as desgraçadas occurrencias, que desde a sua creação, até agora, não tem cessado de affligir a nação. A sua principal necessidade, é a de estatutos ou regulamento; o qual este conselho ha pouco tempo acaba de submetter á approvação de V. M. Esteve fechada como todos os outros estabelecimentos no ultimo anno. O conselho não póde remetter o mappa do quadro, e estado das cadeiras, por que o não recebeu.

As antigas escholas chirurgicas creadas em Lisboa e Porto, com o fim unicamente de habilitar chirurgiões, foram pelo decreto de 29 de dezembro de 1836 elevadas á cathegoria de escholas medico-chirurgicas, augmentadas com o ensino das disciplinas medicas, e com um pessoal mui dispendioso. O conselho não recebeu o relatorio da de Lisboa, e o da do Porto contém a noticia, de que tambem esteve fechada, e a expressão do receio de grande decadencia por falta d'alumnos. No mappa n.º 5 será presente a V. M. o quadro dos professores. A unica reflexão que o conselho julga poder fazer aqui sobre estes estabelecimentos é, que nem as necessidades do paiz exigem, nem as forças do thesouro permittem, tres escholas de medicina em Portugal. Seria necessario reduzir estas duas, ao que foram na sua origem; porém esta idêa não póde desde já executar-se, talvez o tempo aplanará o caminho para isso.

Em resultado do exposto o conselho não se lisonjea de apresentar um quadro brilhante do estado das letras, ou da instrucção entre nós. Permitta V. M. que o conselho accres-

cente a este respeito uma observação que naturalmente se offerece. As sciencias, e as bellas artes, são mui melindrosas; são fidalgas, permitta-se a expressão; não estabelecem o seu domicilio nas nações, senão na epocha da sua grandeza e prosperidade; apenas estas vão em decadencia, as sciencias começam a retirar-se; se algumas continuam, vivem uma vida valetudinaria, e enfezada. O homem sabio não póde viver no meio da anarchia: precisa de recursos para subsistir com decencia, e procurar os livros, e meios d'instrucção. Os estabelecimentos publicos em penuria, não podem ministrar ás sciencias os meios progressivos do desinvolvimento. Eis aqui o estado em que nos achamos. Não é sem um sentimento de tristeza, e magoa, que o conselho faz esta observação; mas julgou devel-a consignar aqui, para servir de resposta ás pessoas menos reflectidas, que se lembram de attribuir á falta de zelo do governo de V. M. ou dos seus agentes subalternos a decadencia das letras entre nós. Provém de causas mais graves, que a ninguem é possivel directamente remover. Coimbra em conselho de 21 de dezembro de 1847. *Basilio Alberto de Souza Pinto servindo de presidente — Agostinho José Pinto d'Almeida — Manoel Antonio Coelho da Rocha — João Thomaz de Sousa Lobo — Jeronymo José de Mello — Antonio Cardoso Borges de Figueiredo — Luiz Ignacio Ferreira.*

(Segue o documento n.° 1 citado n'este relatorio.)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE MEDICINA.

1853—1854.

Continuado de pag. 114

5.° ANNO.

1.ª CADEIRA DE CLINICA (CLINICA DE MULHERES).

Lente — *Dr. João Alberto Pereira d'Azevedo*

(A esta aula concorrem tambem os estudantes do 3.° e 4.° anno).

2.ª CADEIRA DE CLINICA (CLINICA DE HOMENS).

Lente — *Dr. Manoel Paes de Figueiredo.*

(A esta aula concorrem tambem os estudantes do 4.° anno).

CADEIRA DE MEDICINA LEGAL.

COMPENDIO — BRIAND, MANUEL COMPLET DE MÉDÉCINE LÉGALE. — NOVISSIMA REFORMA JUDICIARIA. — CODIGO ADMINISTRATIVO PORTUGUEZ.

Lente — *Dr. Antonio Joaquim Barjona.*

Por determinação do conselho da faculdade medica, tem de ser ensinadas n'esta cadeira não só a Medicina forense, e a Hygiene publica, mas tambem a Historia da Medicina.

Começarei pela definição de Jurisprudencia medica, e pela divisão d'esta sciencia nos dous ramos penal e civil.

Fallarei logo depois da natureza do homem, expondo os phenomenos de suas funcções, com especialidade os que pertencem ás funcções animaes, e fazendo ver a applicação d'esta doutrina á phylosophia da Jurisprudencia.

Do ramo penal da Jurisprudencia medica, farei uma divisão secundaria em duas secções; a primeira d'estas comprehende as leis criminaes relativas ás funcções necessarias para a conservação do individuo; a segunda contém as que dizem respeito ás funcções da conservação da especie.

Fallarei particularmente, na primeira secção, dos ferimentos e do veneficio; na segunda do estupro violento, do aborto promovido ou procurado, do parto prematuro, serotino, simulado, e do infanticidio.

O ramo civil da Jurisprudencia medica, será tambem dividido em duas secções, e a divisão será fundada em principios similhantes aos que serviram de base á divisão do ramo penal.

Na primeira secção tratarei da relação entre os direitos civis e as condições physicas e mentaes do homem, fallando com a possivel individuação do que é concernente á faculdade de testar: e na segunda explicarei as condições essenciaes ao estado do matrimonio.

Antes porém de entrar na discussão especial de cada um dos ramos da Jurisprudencia medica, occuparme-hei do exame das diversas idades do homem; mostrarei o uso d'este exame em varias questões importantes de direito; e provarei a utilidade das sciencias physicas n'algumas causas mais delicadas de identidade de pessoa.

Acabada a Medicina forense, explicarei a theoria da sciencia administrativa, com referencia á administração medica, propriamente dita, e darei uma breve noticia do pessoal d'esta administração.

Distribuirei por cinco secções todas as differentes materias da Hygiene publica.

Tratarei na primeira das condições sanitarias das povoações em tempos ordinarios. Fallarei especialmente das comidas, das bebidas, do ár, dos edificios, etc. Por occasião da salubridade do ár, exporei as cautelas com que devem ser construidos e conservados os matadouros, os açougues, e os cemiterios.

Á segunda secção pertencem as condições sanitarias das povoações nas circumstancias em que é preciso prevenir ou combater uma doença contagiosa ou epidemica.

A terceira tem por objecto a salubridade dos logares, em que vive um grande numero d'individuos por um tempo mais ou menos longo dentro d'um espaço limitado. Esta secção comprehende as casas d'expostos, os hospitaes, as cadêas, etc.

A quarta não é mais que a investigação das condições physicas e moraes, que devem reunir os homens que se destinam a certas profissões especiaes, como a militar e a maritima.

A quinta finalmente limita-se aos signaes de morte em geral, e de morte violenta em particular.

Terminada a Hygiene publica, passarei á Historia da Medicina. Dividil-a-hei em antiga e moderna: as descobertas de Harveo, relativas á circulação do sangue, formam a epocha divisoria.

A Historia antiga divide-se em seis periodos:

O primeiro abraça toda a Historia medica desde o principio da sciencia até o tempo d'Hyppocrates;

O segundo contém o que decorre desde Hyppocrates até Galeno;

O terceiro o que vai de Galeno até á destruição das letras pelos Barbaros;

O quarto começa com a Medicina dos Arabes, e finda no principio do decimo quinto seculo, ou n'applicação da Chimica á Medicina;

O quinto acaba na eschola de Paracelso;

O sexto principia n'esta eschola, e termina com a Historia antiga.

A Historia moderna é dividida em cinco periodos:

O primeiro é marcado pelas obras de Sydenham;

O segundo pelas escholas de Stahl, Boerhaave e Offmann;
O terceiro pela theoria de Brosn;
O quarto pelos primeiros escriptos de Broussais:
O quinto chega á epocha presente.
Não deixarei de mencionar, em cada um dos referidos periodos, o que é privativo da Medicina portugueza.
A practica da Toxicologia será ensinada depois de concluido o curso theorico.

JERUSALEM E O MAR-MORTO.

ARCHEOLOGIA HEBRAICA.

Continuado de pag. 83.

O tumulo dos reis [1] é o mais bello e mais notavel monumento, que se encontra nas visinhanças da cidade sancta. Todos os peregrinos, que visitam Jerusalem, vão admirar sempre aquellas venerandas reliquias do antigo jazigo real; objecto de particulares estudos dos differentes archeologos, que teem tirado a planta d'aquelle monumento, sobre cujo funereo destino reina a maior incerteza. A pomposa, designação de *tumulos reaes*, é tão vaga, que deixa á imaginação vasto campo para se espraiar em mil encontradas conjecturas. Nem é empreza facil atinar quaes fossem os reis, cujos restos mortaes alli jazem; alguns pertendem que fôra alli o jazigo de Herodes o Tetrarco, e outros de Helena, rainha de Adiabena; Saulcy pela sua parte sustenta, serem aquelle os verdadeiros tumulos dos reis de Judá; mas esta opinião singular tem contra si o testemunho das paginas sagradas, e o consenso unanime de todos os historiadores, que assignam o jazigo dos reis de Judá, sobre o monte Sião; archeologicamente considerado aquelle monumento, a sua architectura se apresenta muito mais caracterizada pelo estilo grego, do que pelo gosto oriental.

Saulcy, porém, para sustentar a sua opinião, soccorre-se unicamente á interpretação das palavras — *cidade de David*, com que nas escripturas hebraicas se designava o bairro mais antigo, e melhor fortificado de Jerusalem. Aquelle archeologo pertende, que a *cidade de David*, não comprehendia exclusivamente o bairro, levantado sobre o rochedo de Sião, mas toda a área sobre que estava assentada Jerusalem, e por consequencia, que as sepulturas dos reis de Judá, tanto podiam existir dentro do recinto da *cidade de David* propriamente dicta, como em qualquer outro ponto d'aquella vasta povoação. Para apreciar devidamente esta hypothese, é mister examinar a topographia de Jerusalem.

No tempo de Flavio José, a cidade assentava sobre duas collinas, fronteiras uma á outra, ao norte e meio dia; uma d'ellas era mais elevada, e entre ambas corria um valle profundo; a cidade compunha-se por tanto de dois bairros, occupando um a parte mais baixa, e outro a mais elevada. A cidade alta, ou a antiga Jerusalem, occupava a collina mais meridional, que uma estreita garganta torneava ao E, S. e OE. Era o pequeno valle dos filhos de Hinnon. Pelo norte uma grossa muralha circumdada de torres, defendia o bairro alto. Este ponto culminante constituia a collina de Sião. A collina do norte, que se chamava Acra, dominava o templo levantado sobre o monte Moria ao O., que era um appendix da collina de Sião, com a qual communicava por uma ponte lançada sobre a estreita garganta, chamada *Tyropéon*, ou valle dos queijeiros. Jerusalem occupava por tanto um terreno cortado por muitos valles estreitos, e profundos, que o dividiam em numerosas planuras, e lhe davam um aspecto, que fazia lembrar a cidade das sete collinas, que na historia, e no respeito do mundo lhe disputava a primasia.

Sião, estando sobranceira a toda a cidade, devia naturalmente ser escolhida de preferencia ao monte Acra por David para sua habitação; accrescêra, porém, um outro motivo, que determinou aquelle rei a fundar alli o seu palacio, e dar a este bairro da cidade o seu nome. David conquistára Jerusalem aos Jebusenos, seus primeiros moradores, tomando-lhes a fortaleza de Sião, e estabeleceu por isso aqui a sua residencia. Foi este o principio da verdadeira Jerusalem. [1]

Com o andar dos tempos, e sob a protecção dos reis da casa de Judá, a *cidade de David* crescêra em riqueza e população, e tanspondo os seus antigos e estreitos limites, estendera os braços sobre o monte Moria, onde edificára seu templo, e sobre a collina d'Arca; mais tarde estendera-se para o norte sobre a collina Bezetha.

E de feito assim devia acontecer pelo progresso da civilisação, e pelo desenvolvimento das diversas industrias, que augmentando a riqueza e o luxo dos moradores da cidade, creára nelles novos habitos, e novos gostos, que não podiam lograr, redusidos só ao apertado recinto da primitiva cidadella; era por isso natural seguirem o pendor da collina, para buscar na amenidade dos valles a frescura, e commodidades, que lhe não offerecia o rochedo natal. Algumas vezes os pro-

[1] A meia milha de Jerusalem, saindo pela porta de Damasco, sobre uma planura, onde crescem algumas oliveiras, encontra-se uma excavação, como de uma pedreira abandonada; um caminho largo e um pouco em declive dá serventia até ao fundo d'esta excavação, onde se encontra uma arcaria, pela qual se entra para uma sala talhada na rocha; esta sala tem trinta pés de cumprido, e doze a quinze de altura. Os arabes, dão a esta excavação o nome de *Qbour-el-Molouk*, que significa, *grutas reaes* ou *tumulos dos reis*. E. VINET.

[1] Esta cidade fôra por muito tempo uma aldeia, conhecida com o nome de *Salem*, e só depois de conquistada por David, é que começou a gozar de maior consideração. Joab, sobrinho de David, continuou os trabalhos começados pelo propheta rei, e Jerusalem tomou então nova fórma.

phetas, e os poetas, fallando emphaticamente, e com liberdade poetica, tomavam a parte pelo todo, dando a Jerusalem o titulo da cidade de David; no livro, porém, dos Macchabeos o nome da *cidade de David*, é applicado exclusivamente ao monte de Sião, que o historiador dos Judeos chama sempre cidade alta, querendo mui de industria callar o nome de David, mas assignando-lhe os mesmos limites, que os livros sagrados.

« David, diz Mr. Cahen, foi sepultado em Jerusalem, chamada cidade de David, porque era a séde da sua côrte, e o berço da sua dinastia. » D'esta passagem é que Saulcy pertende deduzir, que o tumulo d'aquelle rei podia estar fóra das portas de Sião. A inexactidão, porém, d'esta asserção, é de todo o ponto evidente. Quando o judeu Nehemias foi auctorizado por Artaxerces Longa-Mão, para reconstruir Jerusalem, distribuiu os trabalhos da reedificação pelas principaes pessoas da cidade, que particularmente se occuparam de levantar as muralhas, e diz a Escriptura, que Sellum, filho de Cholosa fôra encarregado « de reedificar a muralha da piscina de Siloé ao longo do *jardim do rei*, até aos degráos que descem da cidade de David. » Depois d'elle, Nehemias filho de Azboc, continuou a restauração da muralha da cidade de David « até á frente dos *tumulos de David*, até á piscina, e até á casa dos *fortes de David*. » Esta prova irrecusavel da historia hebraica, não deixa a menor duvida sobre a existencia dos tumulos d'aquelle rei na extremidade meridional da cidade de seu nome. A antiga topographia, é indicada aqui por uma testemunha muda, mas incontestavel; é a piscina de Siloé, que ainda hoje existe ao S. O. do rochedo de Sião, onde o valle dos filhos de Hinnon vem desembocar na garganta de Tyropeon, no logar em que outr'ora estava o *jardim do rei*.

E' verdade, que entre os povos da antiguidade, e particularmente entre os judeos, era costume collocar os cemiterios fóra das povoações; *mas não é menos certo que* a respeito dos reis, e dos prophetas se fazia uma excepção a esta regra em toda a Palestina por uma especie de homenagem tributada á auctoridade d'aquellas personagens. Samuel foi sepultado em Ramatha, na sua propria casa; Basa, general dos exercitos de Nadab, que traiçoeiramente occupara o throno, em Thersa cidade, que escolhera para capital. Amari, fundador da Samaria, Joachas, rei de Israel, e seu filho Joas, fôram sepultados na cidade de Samaria. Não ha por tanto razão alguma para suspeitar, que os habitantes de Jerusalem practicassem na pessoa do seu illustre fundador um acto, que sería *offensivo* á sua memoria, e á veneração, que lhe deviam.

Saulcy deixára-se dominar neste ponto pelas idêas de Prisse d'Avesnes, que na sua historia inedita da arte entre os Egypcios pertende, que os Gregos e Hebreus aprenderam a architectura dos Egipcios, que, mais adiantados na carreira da civilisação e das artes, deviam transmittir aos outros povos suas idêas, e estilos. Mal póde, porém, sustentar-se uma tal opinião, quando são completamente desconhecidos os monumentos phenicios e hebraicos, que podiam servir de ponto de comparação entre as differentes architecturas. Além disto as relações entre o Egypto e a Grecia datam apenas de seiscentos annos antes da era christã, e não remontam além do reinado de Psammitichus. A raça egypcia essencialmente sedentaria, era pouco apaixonada pelas expedições longinquas; temiam tanto confiar-se ao capricho das ondas, que os Pharaós não tinham no Mediterraneo um unico porto, e por largos tempos as costas septemtrionaes estiveram fechadas aos estrangeiros, como ainda hoje succede no Japão E não era por certo com disposições taes, que se podiam transmittir facilmente as idêas, os costumes, e até o gosto das artes, e das sciencias do Egypto aos outros povos, que tão isolados viviam d'este paiz. Nem por outro lado é verissimil, que a incomparavel delicadeza da arte grega, e sua infenita variedade fosse o simples desenvolvimento de um germen oriental ou egypcio.

Nem tão pouco póde suppor-se, que essa encantadora liberdade, que é uma das maiores bellezas da architectura hellenica, nascesse sob o dispotismo asiatico, ou debaixo da rigidez egypcia. A delicadeza e sublimidade da arte grega certo não podia ajustar-se com tão rudes elementos, e a historia da sua decadencia não deixa a menor duvida sobre a causa dessa architectura hybrida, que se observa em tantos monumentos da epocha da dominação dos imperadores romanos, e que provavelmente tem dado logar ás duvidas e escrupulos de alguns archeologistas, que, não ponderando bem estas circumstancias, procuram attribuir aos hebreus os vestigios de uma architectura, que lhe é completamente estranha, e que fôra obra dos seus conquistadores.

Os documentos historicos provam por tanto, que não pertencem á familia real de Judá os chamados *tumulos dos reis*, e que por consequencia carecem de fundamento as conjecturas dos que pertendem ver n'elles um monumento da pimitiva architectura hebraica; pelo contrario a construcção e ornatos d'este monumento revelam claramente um misto do estilo grego e romano, que caracterisa esse periodo memoravel, em que todos os cultos, e todas as civilisações se confundiam, constituindo uma verdadeira Babel na historia profana, e que fôra uma epocha de decadencia para a architectura da Grecia, que *dominadôra no Oriente e no Egypto* por seu genio, e suas antigas conquistas perdêra no contacto com estes differentes povos a pureza de sua elegante simplicidade, semelhante ao caudaloso rio, cujas cristalinas

aguas perdem sua limpidez, transbordando sobre suas margens. E d'aqui nasceu esta architectura *syncretica*, que Saulcy tomou como typo d'architectura hebraica.

Chateaubriand descreve com rara singeleza e concisão as principaes feições do tumulo dos reis, nestas palavras: « No centro da muralha do meio dia ha uma grande porta quadrada de ordem dorica, aberta na rocha a grande profundidade; um friso fantazioso, mas de esquesita delicadeza está esculpido por sobre a porta, primeiramente é um triglypho seguido de uma metopa ornada com um simples anel, depois um cacho d'uvas entre duas corôas, e duas taças. Dezoito polgadas a cima d'este frizo ha uma folhagem enterlaçada de pinhas. »

Fallando d'este mesmo monumento, o A. do melhor livro, que se conhece sobre a Judea, diz « esta rocha está elegantemente esculpida, porém pertence á ultima epocha da arte entre os romanos, *in the latter Roman style.*[1] Saulcy porem considera estes tumulos, que Chateaubriand comparava aos banhos de architectura romana, e que evidentemente são uma amostra da decadencia da arte grega, como um maravilhoso especimen da architectura hebraica, um edificio comtemporaneo de Homero, que excede em antiguidade a todos os monumentos gregos, e que data de mil annos antes de J. C.! Saulcy viajando á roda do Mar-morto, encontrára no paiz de Moab o capitel de uma columna derrocada, este capitel, diz elle, não tem com o capitel ionico senão mui remota analogia, e certo fôra trabalhado por selvagens, que provavelmente precederam os artistas gregos, a quem devemos as bellas proporções da ordem ionica. « A descoberta deste capitel sobre o solo arabe no meio de ruinas, que Saulcy considera como anteriores á civilisação grega e romana, é o principal fundamento da sua nova e mui singular theoria sobre a architectura hebraica, theoria que se resume nestas palavras. « O rochedo em que está aberto o vestibulo dos tumulos reaes apresenta triglyphos e taças, as molduras da cornija tem a elegancia das molduras gregas; mas quem poderá affirmar que são de invenção grega as ordens dorica, e ionica? » E quem poderá assegurar que aquellas ordens foram originariamente inventadas na Judêa, ou que passaram por ella antes de chegar á Grecia?

Continúa.

[1] ROBINSON — *Biblical Research, in Palestine.*

JARDINS D'ACCLIMATAÇÃO NA MADEIRA E ANGOLA NA AFRICA AUSTRO-OCCIDENTAL.

O desenvolvimento consideravel que tomou, mormente neste ultimo decennio, a horticultura em Portugal, é um facto por todos reconhecido; o que porém não é menos certo, é que, a maior parte ou quasi todos os vegetaes que hoje estão ornando os jardins portuguezes, têem sido comprados e introduzidos da Belgica, França e Inglaterra, levando d'esta arte cada anno sommas assaz consideraveis para fóra deste paiz. Ora, ponderando attentamente o bonançoso, e comtudo tão variado clima de Portugal, e a feliz posição geographica das suas provincias ultramarinas, que offerecem uma escala completa de todos os climas, desde o temperado até á zona equatorial, devemos concluir que este reino, em logar de comprar todos os adornos dos seus jardins aos estrangeiros, podia e devia ser elle mesmo o grande emporio das riquezas horticolas para toda a Europa: sim, Lisboa e Porto deviam ser o mercado abundante, aonde todos os paizes menos favorecidos pelo clima viessem comprar, tanto as plantas ornamentaes, como todos os mais vegetaes uteis, exigidos cada anno em maior numero e variedade pelas culturas rural e florestal dos mencionados paizes; e conquistados, cada vez em maior proporção, até ás mais longinquas regiões, por uma habil e bem entendida acclimatação em estabelecimentos creados para este fim nas differentes Possessões ultramarinas de Portugal. Queremos conceder que algumas d'estas conquistas estão feitas; pois já se encontram nos jardins de Lisboa, Coimbra e Porto, etc., varias plantas ornamentaes ahi educadas de sementes vindas das provincias ultramarinas de Portugal e d'outros paizes remotos; mas, com tudo isso, é mister confessar que estas isoladas curiosidades não passam das primeiras tentativas, e estão ainda muito longe d'aquella grande perfeição e d'extenção a que estas culturas podiam chegar n'um paiz dotado d'um clima tão variado e favoravel, e que possue nas suas collinas tropicaes e sub-tropicaes uma fonte inexhaurivel de vegetaes preciosos á horticultura, agricultura e á cultura florestal. Era portanto muito para desejar que se tirasse melhor proveito da fertilidade e do excellente clima do continente do reino, explorando e aproveitando simultaneamente as immensas riquezas vegetaes das provincias ultramarinas. Entre os meios d'alcançar tão desejavel fim em maior escala e no mais breve tempo possivel, julgo dever apontar principalmente *tres*, os quaes, sem causarem grandes despezas ao Estado, quando convenientemente applicados, não deixarão de conduzir ao mais prospero resultado. São estes meios: — 1.° a fundação de jardins d'acclimatação em varios pontos das Possessões ultramarinas; — 2.° a coadjuvação energica dos empregados mais habilitados nas colonias e no serviço da marinha do Estado; e 3.° finalmente — perseverança da parte do governo de Sua Magestade. Eu digo muito de proposito — *perseverança da parte do governo*, porque, tendo tomado parte activa, desde ha

doze annos, na successiva metamorphose que se operou na horticultura d'esta capital e seus contornos, cheguei a conhecer pela propria experiencia os numerosos obstaculos, que, tanto na fundação como na gerencia posterior d'estabelecimentos horticolas, se alevantam de toda a parte; obstaculos que, sendo já bastante fortes no continente do reino, porventura se tornarão ainda mais embaraçosos em remotas provincias ultramarinas, e que só poderão ser vencidos por um desvelo energico e perseverantemente continuado. Os jardins d'acclimatação, cuja fundação desde já julgo dever lembrar ao Governo de Sua Magestade, são *dois*: um na cidade capital da provincia d'Angola, em S. Paulo de Loanda, e outro no Funchal, na ilha da Madeira. O jardim estabelecido em Loanda deve-se considerar e tractar como *jardim tropical*, sujeitando n'elle os vegetaes uteis das zonas tropicaes, desde o Capricornio até ao Cancro, a uma cultura regular; estudando-se ao mesmo tempo o modo mais conveniente de propagação e multiplicação d'estes vegetaes bem como as qualidades climaticas e de terreno que cada um especialmente exige, etc. etc. O jardim creado no Funchal formará um *jardim sub-tropical*, recebendo os vegetaes tropicaes já habituados a certa cultura regular, naturalisando-os ahi, para depois se poderem cultivar com melhor resultado em climas *menos* quentes; bem como d'outro lado acostumando as plantas, para ahi remettidas de paizes mais frios, a vegetarem n'uma temperatura mais elevada, adaptando-as d'este modo a não estranharem tanto a sua cultura em regiões da zona tropical, etc. etc. Os jardins scientificos em Lisboa, Coimbra e Porto offerecem convenientemente o terceiro e infimo grau d'esta escala de successiva acclimatação, recebendo do jardim do Funchal os vegetaes tropicaes e sub-tropicaes alli acclimatados, e remettendo-lhe em retribuição as plantas uteis vindas de paizes mais frios, para ahi se acclimatarem. Sería de grande vantagem, não só para a climatologia geral, como particularmente para adiantar os conhecimentos ainda tão fragmentarios á cerca das condições climatologicas da Africa tropical, se em cada um d'estes jardins d'acclimatação se fizessem *observações metereologicas* ás mesmas horas e debaixo de principios identicos préviamente fixados. Se a naturalisação de vegetaes uteis de todas as regiões phytogeographicas do globo terrestre, é o fim principal dos jardins d'acclimatação, este, comtudo, não é o unico destino d'elles; pelo contrario, podem estes estabelecimentos, mediante uma organisação conveniente, ao mesmo tempo vantajosamente servir de *passeios de recreio e d'instrucção* aos habitantes das cidades em cujos contornos forem fundados. Ora, tanto a capital da ilha da Madeira como a d'Angola reclamam, por causa da sua posição isolada, e por ainda serem inteiramente desprovidas de recreios instructivos, desde ha muito tempo, a creação de jardins publicos; e como não é difficil organisar um jardim d'acclimatação de modo que possa servir igualmente de passeio publico, alcançar-se podem ambos estes fins sem augmentar muito as despesas, ornando as ditas capitaes com estabelecimentos, que por todas as nações cultas são considerados como um dos meios mais poderosos d'influir suave e beneficamente sobre o estado moral e intellectual da população circumvisinha. Mas para colonias agricolas, cujo prospero futuro depende principalmente d'uma bem acertada escolha e conveniente variação dos generos mais apreciados de suas culturas, os mencionados estabelecimentos adquirem ainda maior importancia, e tornam-se em institutos de maxima utilidade e d'incalculavel vantagem para toda a colonia. Pois um jardim d'acclimatação organisado conforme os principios de climatologia e phytogeographia moderna, e modificado completamente para servir de passeio, não só offerece aos ociosos um passatempo saudavel e divertido, mas desperta quasi involuntariamente no animo dos que o visitam um sem numero de reflexões proveitosas á cerca da patria, do modo de cultura e da applicação dos respectivos vegetaes; e contribue deste modo efficazmente á excitação d'uma nobre curiosidade, e mediante esta á diffusão de muitos e variados conhecimentos que em breve se tornam profícuos aos colonos, e por conseguinte á mesma colonia inteira. De mais a mais, se o governo de Sua Magestade porventura chegar a estabelecer cadeiras d'historia natural nas provincias ultramarinas, o que de certo havia de contribuir muito para o prospero desenvolvimento d'ellas, por serem as sciencias naturaes a chave de quasi todas as operações agricolas, os competentes lentes destas cadeiras encontravam nos jardins d'acclimatação já os primeiros e mais necessarios elementos para a instrucção practica dos seus discipulos. Se os argumentos acima apontados, talvez já por si só parecem assaz valiosos para convidar o governo de Sua Magestade á creação dos lembrados estabelecimentos, accrescem ainda, tanto em respeito á ilha da Madeira, como em relação á provincia d'Angola varios outros motivos especiaes, que, sendo competentemente ponderados, designam a presente épocha como a *mais opportuna* para emprehender, quanto antes, as supra indicadas tentativas.

Continúa. DR. F. WELWITSCH.

ESPIRITOS PERCUSSORES.

Uma das ultimas sessões do senado Americano tornou-se notavel por um incidente assaz curioso, e que deu logar a grandes rizadas.

Eis aqui como á cêrca d'elle se exprimiu Shields:

« Tenho a honra d'apresentar ao senado uma petição com 15:000 assignaturas sobre objecto tão singular como novo.

« 1. Os signatarios representam que alguns phenomenos physicos e moraes, de natureza toda mysteriosa, attrahem a attenção publica no paiz, e até na Europa. A analyse parcial d'estes phenomenos revela, dizem elles, a existencia d'uma força occulta, que se patentea por agitação, escorregadura, suspensão, e por fim movimento, que communica aos corpos ponderaveis de modo contrario ás leis naturaes.

« 2. Esta força manifesta-se por clarões ou luzes que apparecem subitamente em logares onde nenhuma acção chimica, nem phosphorescencia poderia desinvolver-se.

« 3. Manifesta-se tambem por sons mysteriosos, semelhantes ora a pancadas batidas por um espirito invisivel, ora ao zunido dos ventos ou ao estrondo do trovão. Algumas vezes ouve-se o som de vozes humanas ou d'algum instrumento de musica.

« 4 As funcções animaes interrompem-se ás vezes instantaneamente, e por tal agente mysterioso teem desapparecido affecções reputadas incuraveis.

« Os requerentes discordam entre si quanto á origem d'estes phenomenos, que uns attribuem á potencia intelligente d'espiritos despojados da apparencia material, e que outros pretendem poder explicar-se d'uma maneira racional e satisfactoria. Mas estão todos confórmes á cêrca da realidade dos phenomenos, e pedem que seja nomeada uma commissão para proceder a madura e scientifica investigação.

« Tenho fielmente exposto o resumo d'esta petição, que, a pezar do seu objecto, é redigida convenientemente, pois que tenho adoptado o systema de não vos apresentar petições offensivas. Mas tendo preenchido este dever, permitta-se-me agora dizer que o imperio de semelhantes aberrações em grande numero de nossos contemporaneos, e n'um seculo tão illustrado, provém a meu vêr, ou d'um systema defeituoso d'educação, ou d'um desarranjo parcial das faculdades intellectuaes, produzido por alguma desorganisação physica. Não posso tambem crêr que taes aberrações estejam tão generalisadas como indica esta petição.

« Em differentes epochas do mundo teem havido illusões do mesmo genero. A alchimia por muitos seculos occupou a attenção de homens eminentes. Com tudo havia, quanto ao essencial, alguma cousa de sublime e real na alchimia; estudava-se com affinco a natureza, e se os alchimistas não obtiveram quanto esperavam, foram todavia recompensados com descobrimentos muito importantes. »

Além d'isto menciona Shields as illusões e decepções dos Rosa-Cruzes, e de varios espiritualistas, comprehendendo Cagliostro, esse celebre professor que vendia a immortalidade aos velhos, e a belleza aos jovens; e termina com a seguinte sentença de Burke: A credulidade dos parvos é tão inexgotavel como as artimanhas dos impostores. »

Referiremos tambem, o que á cêrca do mesmo objecto se passou ultimamente n'uma sessão da academia de França.

Rayer communicou a seguinte observação e experiencia do doutor Schiff, de Francfort sobre o Meno, relativas aos *espiritos percussores*:

« Tem-se presentemente fallado muito de certos ruidos ou estrondos que se attribuem a suppostos *espiritos percussores*, e o nosso collega Chevreul publicou á cerca d'este objecto um trabalho notavel no *Jornal dos Sabios*. Mas nenhuma experiencia tinha sido feita em França nem na Allemanha, com o fim de explicar taes ruidos, antes das observações do doutor Schiff. A respeito d'uma joven, que teve occasião d'observar, e em casa da qual ouviam-se estrondos attribuidos aos espiritos percussores, reconheceu elle, que a percussão tinha logar no corpo d'esta joven e não fóra; e demostrou experimentalmente que semelhante estrondo póde ser produzido pela deslocação reiterada do tendão do longo musculo peroneu, da sua membrana passando atras do malleolo externo. Com effeito Schiff chegou a produzir em si mesmo o phenomeno absolutamente como tinha logar naquella menina sôb a influencia do supposto *espirito percussor*.

« Quando a membrana fibrosa em que escorrega o tendão do longo peroneu, é delicada ou está relaxada, o phenomeno é mais facil de produzir. A percussão póde todavia effeituar-se, sem que se observe no pé, movimento bem apreciavel, e sómente quando se appôia o dedo por detras do malleolo externo no momento em que se produz o estrondo, é que sente-se perfeita e mui distinctamente a deslocação alternativa e reiterada do tendão, animado d'um movimento de elevação e abatimento mui arrebatado. Esta experiencia de Schiff considerada physiologicamente offerece verdadeiro interesse. »

Por convite do secretario perpetuo, a que se juntaram tambem as instancias de muitos membros da academia, o doutor Schiff, que tinha continuado a estar presente em quanto se leu a sua memoria, repetiu perante a academia a experiencia. A percussão é tão distincta que póde ouvir-se a muitos metros de distancia, ainda que não haja completo silencio; e os pés collocados bem á vista, não parecem animados de movimento algum.

(Athenæum Franc.)

GEOLOGIA.

Jazigos do ouro e da prata.

M. Murchison acaba de publicar uma obra

com o titulo de *Siluria*, em que pertende provar por considerações geologicas, que não ha motivo para recear a baixa do ouro em relação á prata, pela descoberta dos jazigos auriferos da California, e da Australia. De feito o ouro é de todos os metaes preciosos o mais escasso na sua distribuição nativa. Pelo contrario a prata e o chumbo argentifero existem tão larga e profundamente disseminados nas rochas, que a sua exploração não póde deixar de ser mui lucrativa, mormente empregando-se nestes trabalhos melhores apparelhos mecanicos, e novos methodos que facilitem a mineração.

Um relatorio ultimamente apresentado pelo encarregado de negocios de Inglaterra na Bolivia demonstra, que a prata póde actualmente extrair-se em enormes porções das minas de Copiapo, e d'outras d'America do Sul. Em fim a sciencia moderna confirma plenamente as palavras do prepheta Job.

« A prata tem um principio das suas veias: e o ouro tem um proprio logar, onde se forma.[1] » *L'Institut.*

MOLESTIA DAS VINHAS.

A sociedade propagadora da industria nacional em França, destinou uma somma para premiar os auctores das melhores memorias, fundadas em rigorosas observações, e experiencias authenticas sobre a origem, progresso e natureza intima da molestia das vinhas, e sobre os resultados obtidos pelos diversos meios preventivos, ou curativos, applicados para a debellar.

O concurso terminou a 31 de dezembro ultimo. Cento e dezeseis concurrentes apresentaram as suas memorias sobre este importante assumpto; mais de quarenta memorias foram dirigidas á sociedade depois de fechado o concurso.

As cento e dezeseis memorias, foram remettidas a uma commissão, composta de membros das duas secções de agricultura e artes chimicas. Em sessão de 14 de julho ultimo a commissão apresentou o competente relatorio, de que extractamos os seguintes periodos.

« A vossa commissão, sñrs, julga que as duas principaes questões, que foram objecto do concurso, isto é, o tratamento mais efficaz da molestia das vinhas, e a natureza d'ella, não estão ainda completamente resolvidas; *entretanto reconheceu*, que muitas das memorias, que lhe foram enviadas, lançam uma nova luz sobre muitos phenomenos importantes, e que seus auctores são por isso dignos de algum premio. N'estas circumstancias a commissão propõe, que se abra novo concurso, cujo prazo deverá terminar no ultimo de dezembro do corrente anno.

« O governo, associando-se aos vossos generosos esforços acaba de estabelecer um premio de sete mil francos, para se addicionar ao primeiro premio, proposto por esta sociedade, que era de tres mil francos. E este é mais um motivo para se abrir de novo o concurso.

« Entre todas as substancias até hoje empregadas para destruir o *oïdium* nas vinhas, a que tem produzido melhores effeitos, foi incontestavelmente a flor d'enxofre. Esta substancia desde 1848, deu os melhores resultados a Keyle, horticultor inglez de Lyton. Em 1851, foi ella empregada com vantagem nos jardins de Versailles por Duchartre, então professor do Instituto agricola. Carecia-se, porém, de um meio commodo para lançar a flor de enxofre sobre as videiras atacadas do mal.

Gontier imaginou para este fim um folle, que pela sua efficacia, e barateza reunia todas as condições, que podiam desejar-se na práctica. Por este meio Gontier conseguiu debellar completamente o mal das vinhas, nos annos de 1851, 1852 e 1853, mas é preciso empregar este remedio desde o momento em que a molestia se manifesta. Primeiramente regam-se as cêpas com uma bomba portatil, inventada tambem por Gontier. A rega por meio da bomba deve ser feita debaixo para cima, para humedecer as folhas de ambos os lados, em seguida lança-se por meio do competente apparelho a flor d'enxofre, que cae sobre as videiras, como uma nuvem de pó. A rega é desnecessaria, quando a vinha está humedecida pelo orvalho.

« O methodo de Gontier, foi empregado em grande não só nas estufas, mas tambem nas vinhas de Thomery, perto de Fontainebleau A *enxofragem* a sêcco, deu tambem excellentes resultados. As vinhas não tractadas pelo enxofre foram accomettidas da molestia a par d'aquellas, que, tendo-se-lhe empregado o processo de Gontier, ficaram completamente livres d'ella; de maneira que as experiencias comparativas não deixam a menor duvida sobre este ponto. A *enxofragem* repete-se tres vezes, e calcula-se a despesa em cinco mil e duzentos réis, por cada hectare, despeza não muito consideravel para as vinhas, que dão vinhos de superior qualidade, ou boas uvas de comer.

« Mas não terá o emprego do enxofre algum inconveniente? As experiencias feitas no museu de historia natural em Paris, tem deixado algumas apprehensões sobre os máus effeitos, que poderiam resultar para as vinhas tractadas por este processo. Esta circumstancia obriga a vossa commissão a esperar novos ensaios, não vos propondo por isso, que se dê o premio, estabelceido no programma, a M. Gontier; entre tanto a memoria por elle apresentada, é digna de alguma recompensa, e vós fareis um acto de justiça, dando-lhe em remuneração d'este trabalho, que numerosas experiencias tem confirmado, uma gratificação de mil francos. »

(*Journal d'Agricult. Pratiq. n.° 15 — de 5 de Agosto de 1854.*) *Continúa.*

[1] Cap. XXVIII, v. 1.

SECÇÃO DE MATHEMATICA.

ADVERTENCIA.

Annuimos á publicação d'estes apontamentos pela imprensa, por nos ter mostrado a experiencia que d'elles póde resultar alguma utilidade no estudo elementar da Trigonometria spherica, a qual faz parte do curso de mathematicas puras na faculdade de mathematica.

S P.

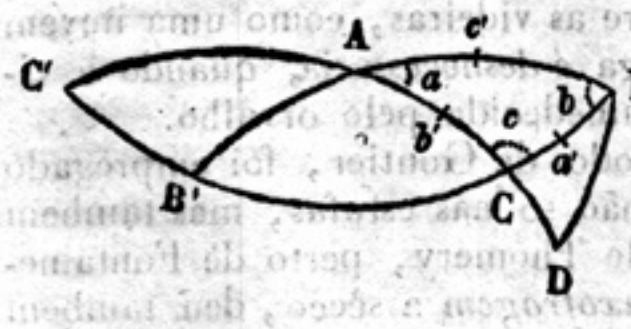
APONTAMENTOS DE TRIGONOMETRIA SPHERICA.

1. O theorema fundamental

$$\cos a = \frac{\cos a' - \cos b' \cos c'}{\operatorname{sen} b' \operatorname{sen} c'} \ldots\ldots\ldots\ldots (1)$$

costuma demonstrar-se construindo o quadrilatero, de que são lados as tangentes e secantes dos dois arcos b' e c' do triangulo spherico, e de que é um dos angulos o angulo a do mesmo triangulo. Mas a construcção deixa de ser a mesma, quando não são menores que 90° ambos os lados b', c'; porque, se um d'estes lados é $>90°$, a secante respectiva não encontra a tangente, mas sim o seu prolongamento; e se um dos mesmos lados é $=90°$, a secante respectiva é parallela á tangente.

No entretanto, sem fazer nova construcção, póde mostrar-se que ainda nos casos mencionados tem logar o theorema (1).



I. Se $b'<90°$, $c'<90°$; a construcção dá, como dissemos, no triangulo ABC a formula (1).

II. Se $b'<90°$, $c'>90°$: produzam-se BA e BC até completar em B' o fuso spherico BB'. No triangulo $B'AC$ serão:

$B'A = 180° - c'$, $B'AC = 180° - a$, $B'C = 180° - a'$,

e a formula (1), que tem logar para o angulo $B'AC$ d'este triangulo, dá

$$\cos B'AC = \frac{\cos B'C - \cos AB' \cos AC}{\operatorname{sen} AB' \operatorname{sen} AC},$$

ou (1).

III. Se $b'>90°$, $c'>90°$: o triangulo $B'AC$, relativamente ao angulo $B'AC$ está no caso precedente (II); e por isso ainda tem logar a mesma demonstração.

Ou tambem: produzindo os lados BA e AC até encontrarem em B' e C' o arco BC produzido, será no triangulo $C'AB'$:

$B'AC' = a$, $AB' = 180° - c'$, $AC' = 180° - b'$, $C'B' = a'$; e applicando-lhe o theorema virá a formula (1).

IV. Se $b'=90°$, $c'=90°$: a formula (1) dá

$$\left\{\begin{array}{ll} \text{para o angulo } a, & \cos a = \cos a',\ a = a' \\ \text{para os angulos } b \text{ ou } c, & \cos b = o,\ b = 90°;\ \cos c = o,\ c = 90° \end{array}\right\}$$

o que concorda com as propriedades conhecidas dos pólos.

V. Se é sómente $c=90°$; produza-se, ou corte-se AC, até que seja $AD=90°$.

1.° Se BD não é $=90°$; o theorema será applicavel ao angulo D no triangulo CBD; e dará

$$\cos D = \frac{\cos a' - \cos BD \cos CD}{\operatorname{sen} BD \operatorname{sen} CD},$$

que, por ser $\cos D = o$, se reduz a

$$\cos a' = \cos BD \cos CD = \cos a \operatorname{sen} b':$$

e como a formula (1), applicada ao angulo a no triangulo ABC, dá tambem $\cos a = \frac{\cos a'}{\operatorname{sen} b'}$ ou $\cos a' = \cos a \operatorname{sen} b'$, segue-se que aquella formula é ainda verdadeira neste caso.

2.° Se é $BD = 90°$: como tambem é $AB = 90°$, será B pólo de AC, e conseguintemente $a' = 90°$; logo (IV) o theorema é ainda verdadeiro no caso de que se tracta. (Veja-se a Anal. appl. á Geometria de M. Leroy nn. 453—455; e a memoria do sr. J. Cordeiro Feyo nas da academia das scienc. de Lisboa de 1829.)

2. A formula (1) dá

$$\left\{\begin{array}{l} \operatorname{sen}\frac{1}{2}a = \sqrt{\frac{\operatorname{sen}\left(\frac{a'+c'-b'}{2}\right)\operatorname{sen}\left(\frac{a'+b'-c'}{2}\right)}{\operatorname{sen} b' \operatorname{sen} c'}} \\ \cos\frac{1}{2}a = \sqrt{\frac{\operatorname{sen}\left(\frac{a'+b'+c'}{2}\right)\operatorname{sen}\left(\frac{b'+c'-a'}{2}\right)}{\operatorname{sen} b' \operatorname{sen} c'}} \end{array}\right\}.$$

Seja b' o maior dos tres lados. Serão $a'+b'>c'$, $c'+b'>a'$; e para que $\operatorname{sen}\frac{1}{2}a$ seja real, teremos $a'+c'>b'$. Logo: *a somma de dois lados quaesquer é maior que o terceiro.*

Para que seja $\cos\frac{1}{2}a$ real, deve ser $a'+b'+c'<360°$. Por tanto a somma dos tres lados está comprehendida entre 0° e 360°. Se esta somma fosse 0, o triangulo seria rectilineo; e se fosse 360°, o triangulo seria um fuso spherico.

3. A mesma formula (1) applicada aos tres angulos a, b, c, e eliminados depois b', c', dá

$$\operatorname{sen}\frac{1}{2}a' = \sqrt{\frac{-\cos\left(\frac{a+b+c}{2}\right)\cos\left(\frac{b+c-a}{2}\right)}{\operatorname{sen} b \operatorname{sen} c}}.$$

Seja a o maior angulo. A expressão de $\operatorname{sen}\frac{1}{2}a'$ mostra que, para que ella seja real, deve ser $\frac{a+b+c}{2} > 90°$ e $< 270°$, ou $a+b+c > 180°$ e $< 540°$. Por tanto a somma dos tres angulos está comprehendida entre 180° e 540°. Se esta somma fosse 180°, o triangulo seria rectilineo; e se fosse 540°, o triangulo tornar-se-hia em uma semi-sphera, de sorte que os seus tres vertices seriam pontos do circulo maximo.

No caso de não ser a o maior angulo, a expressão de $\operatorname{sen}\frac{1}{2}a'$ mostra que ainda deve ser: $b+c-a<180°$; e por isso esta propriedade tem logar, qualquer que seja o angulo a.

As propriedades relativas aos angulos, que acabamos de referir, resultam egualmente, como deve ser, das relativas aos lados, quando estas se applicam ao triangulo supplementar. Porque $a'+b'+c'>0$, e $<360°$, e $a'+b'>c'$, dão $540°-(a+b+c)>0$, e $<360°$, e $360°-(a+b)>180°-c$, ou $a+b+c<540°$, e $>180°$, e $a+b-c<180°$.

4. Para evitar enganos nos signaes podem os quatro theoremas fundamentaes, que todos se encerram no (1), enunciar-se do seguinte modo:

1.° *Coseno d'um lado é egual ao coseno do angulo opposto multiplicado pelo producto dos senos dos outros dois lados, mais o producto dos cosenos dos mesmos lados.*

2.° *Senos dos angulos são proporcionaes aos senos dos lados oppostos.*

3.° *Producto dos cosenos das partes medias é egual á differença dos senos das mesmas partes multiplicados respectivamente pelas cotangentes das extremas, lado com lado e angulo com angulo; sendo negativo o termo em que ha só angulos.*

4.° *Coseno d'um angulo é egual ao coseno do lado opposto multiplicado pelo producto dos senos dos outros dois angulos, menos o producto dos cosenos dos mesmos angulos.*

Nos theoremas 1.°, 3.°, e 4.° é negativo no segundo membro o termo em que entram só angulos. E note-se que a inicial *n* de negativo entra na palavra *angulo*, e não entra na palavra *lado*: observação esta que torna impossivel o engano nos signaes.

5. Advertiremos que no 3.° theorema tanto importa dizer que entram dois lados e dois angulos, sendo um d'elles comprehendido e o outro opposto, como dizer que ha quatro partes conjunctas. Continuando a, b, c a designar angulos, e a', b', c' os lados oppostos, as partes medias serão duas letras differentes, uma applicada a lado e outra a angulo, e as partes extremas serão a terceira letra applicada a angulo e a lado.

Por exemplo: se forem a' e b' os lados, e c o angulo comprehendido, teremos

$$a',\ c,\ b';$$

e a quarta quantidade será um dos angulos oppostos a a' e b': de sorte que se formará um dos systemas

$$b,\ a',\ c,\ b';\qquad a',\ c,\ b',\ a;$$

nos quaes são medias as letras differentes a' e c, ou c e b', uma angulo e outra lado, e extremas a terceira letra b ou a, applicada a angulo e a lado.

6. Applicando a um d'estes systemas, por exemplo, ao primeiro, o enunciado do theorema 3.°, acha-se

$$\cos a' \cos c = \operatorname{sen} a' \cot b' - \operatorname{sen} c \cot b.$$

E dividindo ambos os membros por sen a' sen c, resulta a equação

$$\cot a' \cot c = \frac{\cot b'}{\operatorname{sen} c} - \frac{\cot b}{\operatorname{sen} a'},$$

na qual só entram *cotangentes* e *senos*, e que dá para o theorema 3.° o novo enunciado seguinte:

Producto das cotangentes das partes medias é egual á differença das cotangentes das extremas divididas respectivamente pelos senos das mesmas medias, lado com lado e angulo com angulo; sendo negativa a fracção cujo numerador tem angulo.

Esta transformação, á qual, como se vê, corresponde tambem um enunciado que facilmente se póde decorar, foi lembrada pelo distincto geometra portuguez o sr. Manoel Pedro de Mello, lente de mathematica na universidade, cujo nome por mais d'uma vez se lê na Astronomia de Delambre. [Vej. Astronom. de Delambre, tomo 1.° cap. X n.° 194 (*)].

Lembraremos com tudo que muito convém acostumar-se cada um a enunciar os theoremas d'um só modo, para evitar a confusão que do habito contrario resulta sempre, como nos tem mostrado a experiencia.

7. Quando se quer usar dos logarithmos no calculo das formulas, deduzidas dos quatro theoremas fundamentaes, ou se transformam estas formulas nas de seno ou coseno d'a-metade d'arco ou d'angulo (nn. 2 e 3), ou se emprega a transformação seguinte, quando a expressão proposta é da fórma:

$$M \cos \alpha + N \operatorname{sen} \alpha.$$

Como esta expressão equivale a

$$M\left(\cos \alpha + \frac{N}{M} \operatorname{sen} \alpha\right),\ \text{ou}\ N\left(\frac{M}{N} \cos \alpha + \operatorname{sen} \alpha\right),$$

as hypotheses $\frac{N}{M} = \operatorname{tang} \varphi$, ou $\frac{N}{M} = \cot \psi$, transformam-na em um dos systemas:

$$\left\{\frac{N}{M} = \operatorname{tang} \varphi;\ \text{e}\ \frac{M \cos (\alpha - \varphi)}{\cos \varphi},\ \text{ou}\ \frac{N \cos (\alpha - \varphi)}{\operatorname{sen} \varphi}\right\};$$

$$\left\{\frac{N}{M} = \cot \psi;\ \text{e}\ \frac{M \operatorname{sen} (\alpha + \psi)}{\operatorname{sen} \psi},\ \text{ou}\ \frac{N \operatorname{sen} (\alpha + \psi)}{\cos \psi}\right\}.$$

8. Estas transformações analyticas são as mesmas que se obtem, quando se decompõe o triangulo proposto em dois triangulos rectangulos por meio d'um arco perpendicular abaixado d'um dos vertices sobre o lado opposto.

Mas n'esta decomposição convém abaixar a perpendicular de modo que parta o menor numero d'elementos que entram na questão. Se estes elementos são dois lados e dois angulos oppostos, a perpendicular abaixada do terceiro angulo não parte nenhum dos elementos; e cada um dos triangulos rectangulos tem então dois elementos, com os quaes e com a perpendicular commum se formam duas equações, e se elimina entre ellas a mesma perpendicular.

Nos outros casos o menos que se parte é um elemento, angulo ou lado, e ficam então dois elementos em um triangulo, e um no outro triangulo. Com os dois elementos do primeiro triangulo determinam-se os segmentos do elemento que se partiu: depois forma-se no segundo triangulo uma equação entre o elemento d'elle, o segmento achado, e a perpendicular; e no primeiro triangulo outra equação semelhante entre as partes analogas d'elle: e finalmente divide-se uma d'estas equações pela outra, o que elimina a perpendicular. Ficam assim duas equações, a primeira das quaes dá o segmento, e a segunda dá o elemento que se procura.

O segmento é o angulo auxiliar, de que se fallou no n.° precedente.

9. N'este calculo dos triangulos póde haver duas especies d'erros, que são: erros dos elementos, e erros das taboas dos logarithmos de que nos servimos. É necessario pois conhecer a influencia d'estes erros sobre as partes que se procuram, ou para escolher as formulas, ou para apreciar o gráo de confiança que se deve ter nos resultados.

Examinemos, por exemplo, a expressão de $\operatorname{sen}\frac{1}{2}a$ (n.° 2). Se para o culculo d'ella usarmos das taboas de logarithmos das linhas trigonometricas com um dado numero de casas decimaes, por exemplo, de sete nas taboas de Callet, o limite do erro d'um logarithmo é 0,5 d'essa ultima casa, e por conseguinte o limite do erro do logarithmo do segundo membro é $\frac{4\times 0{,}5}{2}=1$. Fazendo pois $\operatorname{sen}\frac{1}{2}a=M$, $\delta \log \operatorname{sen}\frac{1}{2}a=\delta \log M<1$, e chamando m o modulo, resulta, em minutos

$$\delta a=\frac{2\operatorname{tang}\frac{1}{2}a.(R')}{m}\delta \log M;$$

onde (R') é o raio em minutos, ou, sem erro sensivel, $(R')=\frac{1}{\operatorname{sen} 1'}$. Vê-se pois que a formula proposta póde dar erros consideraveis quando o angulo auxiliar fôr muito proximo de 180°.

Semelhantemente fazendo a expressão de $\cos\frac{1}{2}a=N$, vem

$$\delta a=-\frac{2\cot\frac{1}{2}a.(R')}{m}\delta \log N;$$

e a formula é muito sujeita a erro quando o angulo a é muito pequeno.

Emfim, dividindo uma das equações pela outra, resulta $\operatorname{tang}\frac{1}{2}a=P$, que dá

$$\delta a=\frac{\operatorname{sen} a.(R')}{m}\delta \log P;$$

por onde se vê que a nova formula é muito vantajosa quando o angulo a é muito pequeno, e que nunca é sujeita a grandes erros. [Vej. calc. das Eph. Astr. n.° 48 (*)].

10. Em quanto aos elementos, devem escolher-se aquelles cujos erros menos influirem nas quantidades procuradas; mas, feita a escolha, não influirão por parte d'elles no resultado as transformações, que se fizerem.

Com effeito, qualquer que seja a fórma da funcção $f(x,y)=0$, sempre se tirará d'ella $y=\varphi(x)$, sendo φ a mesma para a mesma questão; e por isso a relação entre os erros de y e x será sempre $\frac{dy}{dx}=\varphi'(x)$.

Continúa.

RODRIGO RIBEIRO DE SOUSA PINTO.

Conta demonstrativa d'applicação que teve a verba de 9:510$000, *volada no orçamento para o anno economico de* 1853 *a* 1854, *para despesas dos diversos estabelecimentos da Universidade de Coimbra.*

Designação da despesa.	*Verbas parciaes*	*Totalidades.*
LYCEU DE COIMBRA.		
Despesas d'expediente	46$010	
Ditas de reparos feitos pela casa das obras	61$195	
		107$205
UNIVERSIDADE DE COIMBRA.		
SECRETARIA E GERAES.		
A amanuenses extraordinarios, empregados na secretaria, e serviço da Vice-reitoria	191$600	
Ao armador da salla dos capellos	10$000	
	201$600	
Despesas d'expediente da secretaria, aulas, e conselhos das faculdades academicas	82$770	
		284$370
THEATRO ANATOMICO.		
Ao ajudante preparador, gratificação concedida pela portaria do ministerio do reino de 30 de dezembro de 1852	109$500	
Ao moço pelo seu vencimento de 3$000 por mez	36$000	
Ao coveiro, pela conducção de cadaveres para o theatro anatomico	17$200	
	162$700	
Pela compra d'um microscopio, um *triloupe*, e uma lente	85$340	
Despesas em livros e encadernações 4$920		
Ditas d'expediente e reparos 66$750		
	71$670	
		319$710
LABORATORIO CHIMICO.		
Ao guarda, gratificação concedida pela portaria do ministerio do reino de 18 de dezembro de 1852	30$000	
A um aprendiz, de salarios	43$840	
A um moço effectivo	43$640	
	117$480	
Despesas em livros e encadernações 4$540		
Ditas de expediente, e manutenção 74$885		
Ditas de reparos feitos pela casa das obras 135$455		
	214$880	
		332$360
GABINETES DE HISTORIA NATURAL.		
Ao guarda, gratificação concedida pela portaria de 30 d'abril de 1853	30$000	
Ao mesmo guarda, gratificação pelos preparados, que apresentou, segundo a portaria de 3 de março de 1837	50$000	
A um aprendiz, de seus vencimentos	54$080	
	134$080	1:043$645

Designação da despesa.		Verbas parciaes.	Totalidades.
Transporte		134$080	1:043$645
Despesas d'expediente e costeamento	9$260		
Ditas de reparos feitos pela casa das obras	1$750		
		11$010	
		145$090	
DE MINERALOGIA E GEOLOGIA.			
Despesa em compra de livros para a aula		80$989	
DE PHYSICA.			
Despesas d'expediente		6$650	232$729
JARDIM BOTANICO.			
A um aprendiz, moços effectivos e jornaleiros		397$640	
Despesas em livros e jornaes	56$440		
Ditas de expediente, utensilios e reparos	75$210		
		131$650	
			529$290
OBSERVATORIO ASTRONOMICO.			
Aos dois collaboradores temporarios para o calculo das ephemerides astronomicas, segundo a portaria do ministerio do reino de 6 d'outubro de 1852		290$000	
Despesas d'expediente, e conducção dos novos instrumentos	31$795		
Ditas de reparos feitos pela casa das obras ...	26$485		
		58$280	
			348$280
HOSPITAES.			
Dietas dos doentes, e comedorias dos empregados		4:488$000	
DISPENSATORIO PHARMACEUTICO.			
A pharmaceuticos temporarios	21$440		
Ao moço da botica	4$800		
	26$240		
Medicamentos e outras despesas	170$325		
		196$565	
			4:684$565
BIBLIOTHECA.			
A um moço effectivo a 200 reis por dia		73$000	
Despesas em compra de livros, jornaes, e encadernações	141$120		
Ditas d'expediente	21$330		
Ditas de reparos feitos pela casa das obras	208$395		
		370$845	
			443$845
CAPELLA.			
Aos dois moços da capella, de seus vencimentos		91$995	
		91$995	7:282$354

Designação da despesa.	Verbas parciaes.	Totalidades.
Transporte.....	91$995	7:282$354
Aos dois moços da capella, para bécas, que vencem de dois em dois annos	24$000	
Aos ditos para barretes.....	1$440	
	117$435	
FESTIVIDADES.		
Santa Isabel	61$120	
Prestito a Santa Clara em 1853	94$800	
S. Miguel, e o juramento	12$445	
Todos os Santos	2$520	
Conceição	12$870	
Purificação	172$235	
Annunciação.....	8$340	
Semana Santa.....	254$365	
Exequias do sñr. D. João III	48$150	
Propinas aos lentes e mais empregados	50$800	
	717$645	
Diversas despesas.....	22$925	
	740$570	
		858$005
CASA DAS OBRAS.		
Ao mestre das obras, a 300 reis por dia	109$500	
Ao fiel apontador, de seu vencimento	100$000	
	209$500	
Jornaes, materiaes e reparos nos edificios, e estabelecimentos não especificados.....	509$770	
		719$270
ARCHEIROS.		
Aos 10 archeiros, pelas suas soldadas a 160 réis diarios a cada um	584$000	
Aos ditos, por compra de pannos para o fardamento annual de policia	66$371	
		650$371
	Reis....	9:510$000

RESUMO.

Despesas feitas com o lyceu	107$205	
Ditas com os estabelecimentos e repartições da universidade	4:718$230	
Ditas com os hospitaes, e dispensatorio pharmaceutico	4:684$565	
	Reis....	9:510$000

Secretaria da Universidade em 13 de Julho de 1854.

Vicente José de Vasconcellos e Silva. *Eugenio Antonio Galeão.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Ministerio do reino—1.ª direcção—1.ª repartição—livro 12—n.º 293.=Sua Magestade El-Rei, Regente em nome do Rei, a quem foi presente o officio do vice-reitor da universidade de 7 do corrente mez, dando conta do resultado dos exames preparatorios feitos no lyceu nacional de Coimbra, e do modo como neste serviço se houveram os presidentes e vogaes dos diversos jurys qualificadores: Manda pela secretaria d'estado dos negocios do reino, que o mesmo vice-reitor louve em seu real nome os ditos presidentes e vogaes pelo zelo, que uns e outros mostraram, tanto na assiduidade do trabalho, como no bem entendido rigor e na igualdade da justiça para com todos,—e bem assim o doutor Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida, pelo aproveitamento com que tem sido por elle regida gratuitamente a cadeira de geometria, em cujos exames teve grande parte. Paço de Cintra em 18 d'agosto de 1854.=*Rodrigo da Fonseca Magalhães.*

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

SOBRE O NOSSO INSIGNE POETA LUIZ DE CAMÕES.

Quando abrimos o livro d'ouro, com que o principe dos poetas portuguezes enriqueceu a nossa lingua, e illustrou a nossa historia, elevando a superiores regiões as acções estremadas daquelles portuguezes, que tanto se destinguiram no Oriente, no seculo XVI; e lemos aquelles versos cheios de conceitos, e harmonias poeticas, que alli se encontram, não sabemos qual se deva mais admirar, se o genio da poesia, em que a alma se arrebata contemplando tanta sublimidade, se o amor da patria, que tanto em Luiz de Camões avulta, *não movido do premio vil;* mas daquelle fogo d'imaginação, daquella viveza, e força d'expressão com que faz esquecer quanto ha de sublime nas antigas e modernas Epopeas, para levantar um padrão eterno á memoria gloriosa de seus compatriotas. O poema de Camões ha de ter tanta duração, e ha de ser estimado pelo mundo litterato em quanto durar a lingua em que foi escripto, apezar dos defeitos, que uma apurada critica lhe nota, bem desculpaveis, certo na apoucada humanidade, cujas obras jámais podem sair perfeitas!

Que um tão insigne poeta, um tão raro engenho, um competidor não indigno dos sublimidades de Homero e Virgilio, vivesse e morresse na obscuridade, é um tão extraordinario phenomeno, que não podemos encaral-o sem nos subir a côr ao rosto, contemplando o pouco zelo, com que os seus contemporaneos deixaram definhar na miseria, e no leitò da morte tão aprimorado auctor, esquecendo logo sua honrosa memoria!

Fluctuando em incertezas sobre a sua filiação e naturalidade, e sobre os particulares de sua vida toda cheia de mysterios, e d'amarguras, apenas ousamos arriscar conjecturas, e firmar hypotheses para dellas tirarmos consequencias sem podermos até'gora descobrir documentos, que nos guiem á verdade, e nos dissipem as trevas, que quanto mais queremos penetrar mais parece se condensam. A pouca ventura d'este poeta, e sua natural infelicidade talvez se possa mais attribuir a este secreto destino da Providencia, a esta negra fatalidade marcada por mão occulta na sua estrada da vida, do que a outras causas, que, como consequencias d'esta, prepararam seu desgraçado estado durante sua existencia, como a historia nos mostra em muitos casos semelhantes, elevando uns e abatendo outros, segundo seus desvairados caprichos! Alexandre Pope, bem conhecido poeta, depois de muito estudo e meditação, além de outras obras com que ennobreceu a sua patria, offereceu ao publico a sua traducção de Homero, e para a sua publicação as subscripções que obteve subiram a duzentos mil cruzados, com que fez a sua fortuna, e segurou sua subsistencia, como nos diz um grave escriptor. Milton compõe um poema elegante, e original, que tanto honra os annaes poeticos da Inglaterra, e morre na indigencia, sem auxilio, e desconhecido de seus compatriotas, e ainda hoje o fôra, e sua memoria estivera no esquecimento se não fossem as annotações de Adisson, que o fez conhecer ao mundo illustrado! O cantor da Jerusalem, Torquato Tasso, depois de immortalizar a memoria das cruzadas, e perpetuar

a lembrança do reinado do seu heroe Godofredo *em frauta sonora e belicosa*, atravessa a Calabria quasi descalço, e chegando ás portas de Turim os guardas lhe vedam a entrada como se fosse um empéstado, vendo-o coberto de farrapos, palido, e enfiado. O cantor dos Lusiadas, que tanta honra deu ao nome portuguez; o estremado historiador das navegações do illustre Gama, morre pobre, e ignorado, sem com certeza sabermos se no hospital de Lisboa, se em casa sua! Tal é o destino que a providencia tem marcado aos homens na sua breve carreira, como elle proprio diz na estancia 38 do cant. 10.

Occultos os juizos de Deos são
As gentes vãas, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deus pura.

Grande é ainda a duvida, que até'qui tem enleado os biographos sobre a naturalidade do nosso poeta. Manoel Corrêa, seu amigo, e contemporaneo, como elle proprio confessa nos seus commentarios, podendo de tudo darnos cabal conhecimento; tão escasso, e avaro se mostra em demasia a tal respeito, que nada grangeamos de sua leitura, que satisfaça nossa curiosidade, e nos solte as difficuldades em que nos achamos. Desculpa nenhuma elle merece por tão censuravel silencio, ou antes reprehensivel reserva! Pedro de Mariz, querendo remediar a falta do precedente, caiu em enganos, de que com bastante razão o accusam os criticos. Manoel Severim de Faria, chantre d'Evora, incansavel em descobrir com muita diligencia, e boa critica documentos com que tanto enriqueceu a nossa litteratura, nada fez para nos tirar das duvidas, e dos enlêos, em que nos achamos enredados. Manoel de Faria e Sousa em nada inferior ao precedente, e talvez antes superior em conjecturas, que faz com denodo, nem corta os embaraços, nem solta as duvidas, que sobre estes pontos a cada passo se levantam. O illustre, e eruditissimo bispo de Viseu o snr. D. F. A. Lobo na memoria sobre Camões, que offereceu á Academia, e corre impressa entre as da mesma como seu socio, tendo consultado todos os que escreveram sobre a genealogia, e vida do nosso poeta, ainda que declara seus paes e avós, não produz documento algum em prova de sua opinião, não devendo por isso ter mais credito, do que aquelles donde elle tirou taes noticias, e que primeiro as publicaram. Não fez por tanto mais do que escolher aquella que mais avisada lhe pareceu entre as differentes opiniões dos que antes delle escreveram; extremando a que achou mais conveniente, fundado em conjecturas e argumentos á cerca da sua naturalidade!

Tão pouco relevante ella se conhece, que no programma da mesma Academia para o anno de 1856, que se annunciou na sessão publica de 5 de julho do presente anno, vê-se publicado para concurso = Uma vida de Luiz de Camões mais completa, e mais exacta, que as até'gora publicadas, fundando-se o seu A. quanto for possivel em documentos, ou testemunhos ineditos.[1] = Daqui se conhece quanto é incerto tudo o que até'gora se tem escripto relativamente ao nosso poeta, e quanto é difficil penetrar certos mysterios debaixo dos quaes se esconde a historia da sua vida; por que aonde os documentos fallecem nada esta póde affirmar, sem receio de degenerar em fabula.

Diversas são as opiniões, que até'gora teem corrido sobre a sua naturalidade, dizendo uns ser de Coimbra, outros de Lisboa, e outros de Santarém. Á segunda destas se inclina a citada memoria do erudito bispo de Viseu, e para prova serve-se da Elegia III do poeta— « em que de certo modo se diz desterrado da « patria ao mesmo tempo que é constante, « que a escreveu andando desterrado de Lis- « boa. Alli se compára com o terno Ouvidio « que—de sua patria os olhos apartando— « ia dizendo aos montes e rios as suas quei- « xas: e fallando em maviosos versos com as « aguas do Téjo lhes diz que espera aquelle « alegre dia—Que eu va onde vós ides livre, « e ledo.[2]—Mas mal póde concluir-se d'este pequeno razoado que fosse Lisboa a terra da sua naturalidade, quando graves fundamentos me induzem a pensar de differente modo, como adiante direi; e quando mesmo o proprio poeta, fallando das margens do Mondego e suburbios de Coimbra na canção IV parece inculcar esta cidade como terra da sua naturalidade, pois dirigindo-se ás aguas claras do Mondego, e sobre ellas soltando suas queixas por não gozar já daquelle riso brando, e suave olhar sereno, que sempre n'alma lhe estará pintado; assim se exprime:

Nesta florida terra
Leda fresca e serena
Ledo e contente para mim vivia
.... Contente com a pena
Que de tão bellos olhos procedia
Um dia no outro dia....
Longo tempo passei
Com a vida folguei.[3]
etc.

Ninguem exprimiu até'gora o tempo do tirocinio academico por *longo tempo* que passasse nesta terra, antes elle mesmo parece lastimar-se de sua mofina sorte o fazer apartar della, e viver longe daquella, que tanto do coração amava, e a quem parece dedicar tanta ternura, como pessoa conhecida, e relacionada já desde o primeiro verdor dos annos, cujas impressões mais difficeis são de apagar.

[1] Vej. o discurso ou relatorio da Acad. real das scienc. dando conta da sessão de 5 de julho de 1854.
[2] Tom. 1.° das suas obras, pag. 29.
[3] Camões. Rimas — Canção 4.ª

Se della pois se auzentou, como é certo, em idade já adulta, tenho para mim que nella foi o seu berço e de alguns mais de sua familia, até que de todo se extinguiu, perdendo-se com seus bens a memoria de todos elles na escuridade dos tempos.

Foi Luiz de Camões filho de Simão Vaz de Camões, segundo diz o citado e erudito Bispo de Viseu[1] e neto de João Vaz de Camões, e não de Antonio Vaz, como elle diz sem prova alguma. Assim o encontro em um documento sem duvida, nem suspeita alguma. É este documento uma escriptura de renovação de prazo, que o Cabido da cathedral de Coimbra fez em 3 d'agosto de 1552 ao dito Simão Vaz[2] de umas casas que já tinham sido de seu pae João Vaz de Camões (que nos diversos documentos do Cartorio da dita cathedral é designado com o alcunho de Villa Franca), e que elle possuia na rua da Porta-nova, que hoje conhecemos com o nome de rua dos Coutinhos; as quaes tendo sido mais tarde alheadas, foram compradas por Manoel de Brito Barreto e Castro, e actualmente pertencem á snr.ª herdeira da casa da Portella e Villa Franca, em que ora vive o sr. D. Salvador Manoel de Vilhena, e sua esposa, viuva que ficou do sr. Antonio de Brito, herdeiro que foi de toda a casa de seus paes.

Foi João Vaz Camões (que d'alcunho chamavam João Vaz de Villa Franca, como fica dito) fidalgo e cidadão d'esta cidade, e já em 1502 nella vivia; porque em 9 de janeiro d'este mesmo anno elle renunciou a terceira vida que tinha em um prazo no sitio do Alvor, perto d'esta cidade, *e do senhorio directo d'este Cabido, a favor de sua mulher Catalina Pires, e para um filho ou filha d'entr'ambos*[3], e n'este documento se designa o dito João Vaz por escholar em direito e morador nesta cidade. Donde podemos concluir, que nesta data era o dito João Vaz estudante, morador ou cidadão de Coimbra, e casado com Catharina Pires, sua primeira mulher, a qual ainda vivia em 1508, e seu nome se achava averbado como foreira a esta Sé no livro dos fóros d'azeite daquelle mesmo anno[4]. Não aparece d'este anno em diante mais o nome d'esta Catharina Pires: talvez falecesse pouco depois; por isso que em 1528 acha-se mencionado este mesmo João Vaz de Camões, escudeiro, cidadão, morador em a dita cidade, casado com sua segunda mulher Branca Tavares.[5] Mostra geralmente a experiencia terem d'ordinario os paes maior inclinação e affecto aos filhos do segundo que aos do primeiro matrimonio, neste caso se achou João Vaz, porque tendo tido do primeiro Simão Vaz de Camões, achamos o mesmo João Vaz a contractar em 1530 com seu irmão Pero Vaz, morador na Villa de Lagos, reino do Algarve, *escudeiro do sr. conde de Monsanto*, a renuncia das casas que este possuia na rua dos Coutinhos, a seu favor, e de sua mulher Branca Tavares, e para um filho ou filha, dentre ambos qual o derradeiro nomeasse em terceira vida, excluindo desta sorte seu filho primogenito Simão Vaz.[1] Desta arte vio elle passar a casa paterna aos irmãos do segundo matrimonio; entre os quaes foi Isabel Tavares a nomeada por successora do dito prazo das sobreditas casas.

Faleceu João Vaz pouco mais ou menos em 1550, pois que em 7 de maio d'este mesmo anno, se acha uma escriptura de renovação de vidas a favor de sua filha Isabel Tavares[2], moradora nesta cidade, em casa de sua thia (irmã de sua mãe) Filippa Tavares, pela qual o Cabido a requerimento seu, e por já ser falecido seu pae lhe emprazou as casas na rua da Porta-nova (rua dos Coutinhos) já mencionadas nestes apontamentos, por lhe ficarem em terceira vida pela nomeação que dellas lhe fez o referido João Vaz, seu pae. — Conclue-se do exposto que João Vaz de Camões fôra duas vezes casado, a primeira com Catharina Pires, de quem teve Simão Vaz, e a segunda com Branca Tavares de quem teve Isabel Tavares, cuja familia vivia nesta cidade com geração, que mostro na arvore junta no fim d'estes apontamentos, e que pelas vicissitudes dos tempos, e má fortuna, ou antes desgraça dos Camões ficou confundida sua geração com a dos Tavares, e toda a sua casa passou para os parentes collateraes (preterindo a linha de successão) cujo tronco foi Branca Tavares, e sua irmã Filippa, que foram os continuadores da successão, até que de todo se extinguiu esta linha em 1643, e passou algum resto ainda para outros parentes e collateraes dos Tavares[3], como se vê na arvore que fiz á vista dos documentos.

Continúa.

MIGUEL RIBEIRO DE VASCONCELLOS.

ASTRONOMIA.

CONJECTURAS SOBRE O ESTADO PRESENTE DOS PLANETAS JUPITER E SATURNO EM RELAÇÃO Á SUA TEMPERATURA.

M. Nasmyth acaba de apresentar á Sociedade astronomica de Londres algumas mui importantes considerações sobre os phenome-

---

1 Tom. cit. pag. 27 e 28, e concorda com o que diz Moreri Dicc. art. Camões, fazendo-o neto de Antonio Vaz, o que assim não é.

2 Veja-se documento n.º 1.

3 L. 4.º dos emprazamentos da cathedral fol. 175.

4 L. do azeite de 1508 fol. 2.

5 L. 7.º dos emprazamentos fol. 222.

1 L. 8.º dito fol. 58. Vej. o documento n.º 1.

2 L. 9.º dito fol. 167.

3 Vej. o documento n.º 2 e a arrore a final em que vai a descendencia dos Tavares.

nos especiaes, que caracterisam a superficie dos dois planetas, e lhe dão um mui singular aspecto.

Estas judiciosas considerações, que aqui extractamos, foram offerecidas pelo auctor para excitar a attenção dos sabios e chamar a discussão sobre este grave assumpto, que se liga ás mais elevadas theorias da cosmogonia, e que é por isso digno de mui serio exame.

« N'uma memoria sobre a estructura e estado da superficie da Lua, diz M. Nasmyth, fiz algumas observações á cerca do principio, que me parece, explica a marcha progressiva do arrefecimento dos planetas; isto é, se a propriedade de conservar em si o calor fosse devida á massa do planeta; a da sua dispersão seria proporcional á sua superficie, e como a primeira cresce como o cubo do diametro do planeta, em quanto a segunda não augmenta, senão como o quadrado do mesmo diametro: o espaço de tempo necessario aos planetas de tamanho volume, como Jupiter, e Saturno para arrefecerem desde o primitivo estado de fusão e incandescencia até uma temperatura, que permittisse á sua materia oceanica condensar-se permanentemente, e fixar-se á sua superficie, seria infinitamente maior, que no caso de um planeta tão pequeno comparativamente, como a terra.

« Admittindo os resultados, que as indagações geologicas teem claramente estabelecido, quanto á primitiva fusão da terra, como guia para reconhecer o estado de todos os outros planetas, parece-me, que tomando este ponto de partida, se deve chegar a estabelecer alguma lei relativa ao estado actualmente provavel, dos planetas de tão extraordinaria grandeza, como Jupiter e Saturno, e que explique certos phenomenos, que se veem á sua superficie.

« Dando como demonstrado o estado originario da fusão da terra, e remontando até ás epochas primitivas da historia geologica do globo, podem descortinar-se alguns vestigios da causa d'esses espantosos diluvios, de que os phenomenos geologicos nos offerecem tantas provas, particularmente pelas acções chimicas e mechanicas exercidas sobre as formações igneas, unicas então existentes, e que sós por si deviam fornecer os materiaes da crusta da terra. Se unicamente nos referirmos pelo pensamento a esta antiga epocha da historia geologica do nosso planeta, em que era tão elevada a temperatura da superficie, que a agua só podia existir alli debaixo da forma de vapor, e se observarmos seu estado desde esta condição não oceanica até ao periodo, em que, por effeito do arrefecimento da sua superficie, começára a terra a ser inundada por torrentes parciaes, e passageiras do oceano, que até então só existira sob a forma de um grande involucro vaporoso em torno d'ella; taes considerações são, não só o mais elevado assumpto de importantes reflexões a respeito da primitiva condição do nosso globo, mas tambem, segundo parece, uma base legitima para estabelecer as nossas conjecturas sobre o estado actual dos dois grandes planetas, que por isso considero dotados ainda de uma tão alta temperatura, que não permitte, que a sua materia oceanica abandone a forma vaporosa, com que os involve, para se precipitar em abundantes chuvas, deixando-os por consequencia expostos a repetidas perturbações, causadas pelas infructuosas tentativas, que esse mesmo involucro faz para descer temporaria e parcialmente sobre a superficie ainda incandescente do planeta.

« Lancemos ainda os olhos sobre esse primitivo periodo da historia geologica da terra, em que este planeta estava cercado de um denso involucro vaporoso, contendo toda a agua, que constitue hoje o oceano. A porção exterior d'este involucro vaporoso deve, em virtude da irradiação do seu calorico no espaço, ter caído continuamente em torrentes de agua quente sobre a superficie rubra da terra. Uma acção tal devia produzir terriveis e extraordinarias commoções atmosphericas, e nos ultimos periodos d'este estado de cousas, quando mui grandes quantidades de vapor aquoso, que mais tarde devia constituir o oceano, se precipitaram em forma de torrentes d'agua sobre a crusta já solida, mas ainda mui delgada da superficie da terra, a instantanea contracção, que estas passageiras inundações do oceano deviam causar sobre essa mesma crusta, traria em resultado espantosas deslocações na sua superficie, e numerosas erupções de materias em fusão. As extraordinarias deslocações, e completa inversão das primitivas camadas sedementarias, dos gneiss, schistos, e micaschistos são uma prova evidente do estado das cousas n'aquelle periodo, em que o oceano, ainda suspenso, queria tomar a disputada posse da superficie da terra.

« Se um expectador collocado por exemplo no planeta Marte, podesse n'esta epocha da historia geologica da terra, lançar d'aquella distancia uma vista sobre o nosso planeta, de certo se lhe representaria com um aspecto pouco differente a todos os respeitos, d'aquelle, que actualmente nos apresenta Jupiter. Em quanto o corpo da terra estivesse occulto pelo vasto involucro vaporoso, que o cercava, as terriveis convulsões, que debaixo d'este denso véo se passavam, seguramente seriam indicadas por fachas ou roturas á superficie, eguaes ás que ainda hoje se observam em Jupiter; e em consequencia das erupções dos immensos volcões, que n'esta epocha deviam ter a maxima actividade, o involucro vaporoso apresentaria manchas, e cintas brancas ou negras, irregularmente disseminadas, como as que em Jupiter tornam tão caracteristica a sua região equatorial, e que pro-

vavelmente são devidas ás cinzas, pedras, e outras materias, que estes volcões equatoriaes arrojam de tempos a tempos até aos limites exteriores do involucro atmospherico onde apparecem, dando-lhe um tão singular aspecto. Pela minha parte duvido que jámais tenha podido ver-se o corpo de Jupiter, que permanecerá occulto para nós por muitos seculos, até que tenha arrefecido a ponto de permittir ao seu oceano fluctuante pousar permanentemente sobre a sua superficie.

« Applicando estas considerações a Saturno parece-me, que póde esclarecer-se um pouco a causa das mudanças, que se observam nos seus anneis, mudanças, que tem excitado o mais vivo interesse.

« Se o calor originario em Saturno ainda é tal, que o seu futuro oceano está suspenso no estado vaporoso em torno d'elle, é possivel, que uma porção d'este vapor se afaste em virtude de condições electricas especiaes, que os anneis podem ter em relação ao corpo do planeta, e que n'esta deslocação o vapor, passando ao estado de intensa congelação, que é o resultado de uma tal situação, appareça em diversas epochas, como acontece com o *annel phantasma*, e que além disto incruste a porção interna do antigo annel interior com uma grande camada de materia gelada, que dá logar á notavel alvura, que distingue particularmente esta parte dos seus anneis. »

(*Edimb new phil. Jour.*, t. 54, n.° 108.)

POESIA SLAVA MODERNA.

Continuado de pag. 99

II.

Acabâmos d'indicar rapidamente todas as causas que devem ter attrahido para o *gouslo* a attenção dos poetas slavos contemporaneos. Contra semelhante genero de poesia pódem formar-se sobejos artigos d'accusação, póde elle ser arguido das suas tendencias sensuaes, do seu culto exagerado do passado; mas bem longe de concluir de tudo isto, como muitos teem feito, a necessidade da sua completa destruição, considerâmos pelo contrario esta poesia primitiva como um dos vivacissimos elementos de restauração e de renascença, que ainda possue o mundo civilisado. Tam sensual, como quizerem, o *gouslo* é actualmente o unico adversario serio das doutrinas, que tendem por toda a parte a diminuir as influencias da fé religiosa e da nacionalidade.

Por isso, deixando por agora no silencio as imperfeições do *gouslo*, nós desejariamos mostrar claramente, com citações litterarias e factos historicos, todas as vantagens que já se tem alcançado, e que se alcançarão cada vez maiores com o estudo intelligente dos *gouslars*.

Se se pretendesse remontar até ás origens da influencia exercida pelo *gouslo* sôbre as quatro litteraturas slavas, sería forçoso retroceder até essa epocha já bem afastada, em que a lingua latina deixou de ser, entre os Slavos occidentaes, entre os Bohemios, Polacos e Croatas, a lingua exclusiva dos escriptores. Assim na Bohemia, desde a edade media, o *gouslo* resuscitou para repellir o germanismo; mas a theologia não tardou em vir açaimal-o, quando, nos seculos XIV e XV, elle forcejava por transformar a poesia feudal germanica, arreigada em Praga, na poesia popular slava. A mesma evolução, com pequenissima differença, se effectuou na Polonia; mas alli o *gouslo*, depois de algumas fracas tentativas para despertar, se extinguiu ainda mais completamente do que nas outras partes. Entre todos, só os Slavos orientaes é que não puderam nunca esquecer completamente o seu querido *gousle*; mas não lhes era permittido servir-se delle nos paços reaes, nos castellos dos senhores, nas grandes reuniões officiaes, a não ser com a condição de cantar em lingua esclavonia ou ecclesiastica, e esta lingua, muito sancta, muito austera, para exprimir com fogo as paixões da vida terrena, punha muitas vezes em constrangimento os *gouslars*, impondo-lhes formas de convenção, frias imitações biblicas, que gelavam nelles a espontaneidade natural.

Assim o esclavão tinha acabado por tornar-se para os *gouslars* do Oriente, o que o latim era para os do Occidente. Por fim, quando ao esclavão chegou a sua vez de ser tambem excluido, como o latim, das litteraturas profanas e nacionaes slavas, não tardou o *gouslo* a recuperar o seu logar e a fazer rebentar de novo do seu tronco já velho flores cada vez mais viçosas. O seu revelador foi uma nação inteira, a dos Servios, nação onde não nasce, por assim dizer, um homem que não seja *gouslar* e poeta.

A luta em que o gouslo teve de empenhar-se, para reconquistar de todo o sceptro da poesia entre os Slavos do Sul, resume-se historicamente em quatro ou cinco nomes grandiosos. Temos por uma banda os prelados Slavos Raitch e Muchitski, escriptores cuja pureza toda classica advoga com uma eloquencia sublime a causa do passado, isto é a lingua esclavonia; temos por outro lado, a favor da lingua vulgar, Dositheo Obradovitj, Vuk Karadchitj e Sima Milutinovitj.

O monge philosopho Dositheo Obradovitj foi o primeiro dos Servios que se attreveu a escrever as suas obras numerosas e ousadas, imbebidas tão admiravelmente no espirito slavo, em lingua toda vulgar, sem nunca se soccor-

rer ao idioma ecclesiastico. Soffreu por isso mil desgostos da parte dos campeões dos tempos passados, e a sua luta contra os esclavonisadores durou até á sua morte.

O definitivo triumpho da poesia nacional sérvia não podia comtudo fazer-se esperar por mais tempo. O bispo Muchitski, com as suas odes sublimes, escriptas todas ellas em lingua esclavonia, só alcançou retardal-o por algum tempo. Por fim um pastor obscuro, Milutinovitj appresenta-se armado com o seu *gousle* bosnio, para arrancar a indole do seu povo ás garras da aguia esclavonia. Por desgraça este joven vaqueiro dos Balkans servios havia deixado as suas manadas de bois para ser estudante em Leipzig; a Allemanha tinha-o iniciado em todos os mysterios das suas sciencias e da sua civilisação, e em quanto elle viveu, conservou bastante imperio sôbre o seu espirito fascinado. Milutinovitj não deixa por isso de ser o primeiro poeta verdadeiramente convertido pelo *gouslo*; com a differença que a philosophia occidental disputava ao *gouslo* esta alma ardente, e lhe infligia um martyrio terrivel, que acabou por destruil-o prematuramente. A prova deploravel das lutas interiores deste genio pasmoso, acha-se na sua epopea a Serbianka, obra d'uma fôrça prodigiosa, mas aonde o ideal popular slavo e o ideal classico greco-latino visivelmente se combatem, e aonde as expressões esclavonias se cruzam d'um modo o mais extravagante com as expressões da lingua popular. Tendo por scopo a historia das extremadas façanhas servias no tempo de Kara-George, a apotheose dos heroes da guerra da independencia, esta epopea, moldada nas fórmas das rapsodias populares, fez uma impressão profunda sobre todos os espiritos cultivados da Jugo-Slavia. Todo o mundo admirou a Serbianka, mas foi pouca a gente que a leu, e menos ainda a que soube comprehendel-a. Os olhos pódem adivinhar as proporções gigantescas do seu todo; mas nas suas differentes partes encontra-se uma obcuridade de linguagem que a tornam incomprehensivel; parece, por assim dizer; que está escripta em caracteres hieroglyficos. Uma traducção resumida e approximada da Serbianka, em lingua vulgar, seria o mais proveitoso ensino que poderia dar-se a esses poetas, que ainda se lembram de poder conciliar o racionalismo occidental e o slavismo, e de se tornarem poetas nacionaes sem deixar de ser poetas cosmopolitas. A Serbianka é a prova irrefragavel da incompatibilidade que existe entre a fé e o scepticismo, e entre os dois generos de poesia que emanam destas duas origens.

Milutinovitj pertence a essa familia de talentos excepcionaes que sabem crear mundos e renovar as sociedades. Se elle se tivesse deixado conservar na fé e na vida tradicional, ter-se-hia tornado no Homero do seu seculo. « Aconteceu com elle, escreve um poeta tambem servio, Subbotitj, com uma ingenuidade perfeita, o mesmo que se passou com um aldeão cuja inimitavel destreza em curar as doenças d'olhos as mais rebeldes era admirada por todos os medicos. Os doutores, persuadidos de que este homem estava destinado para realizar grandes progressos na sciencia oculistica, levaram-no comsigo para inicial-o em todos os segredos da medicina. Depois, quando se achou aggregado á faculdade scientifica, e quando quiz começar ontra vez com as suas maravilhosas operações da cataracta, esse homem não passava de um operador vulgar, muito inferior áquelles que dantes o tinham admirado e proclamado inimitavel. » Parece-nos, que não é possivel formular, de uma maneira mais frisante, o antagonismo innato entre a sciencia empirica e a sciencia tradicional, entre a indole occidental e a indole slava, entre a poesia cosmopolita e a poesia do *gouslo*.

É fóra de duvida que foi ás escholas de Berlin, de Paris e d'Inglaterra, que o regenerador da litteratura servia no começo deste seculo, Dositheo Obradovitj, veiu pedir a chave da iniciação europêa, porém logo que esta obra de iniciação se completou, devia renascer o antagonismo entre as litteraturas occidentaes e a poesia slava. Apenas foi iniciado na vida intellectual, o povo servio achou-se, a seu pesar, em contradicção flagrante com os seus iniciadores europeos. Passa de trinta annos que os Servios tem academias modeladas pelas nossas, e apesar disso ainda o gosto academico pela litteratura não tem podido fazer o menor progresso. A poesia do *gouslo* é o unico typo do bello ideal que ainda persiste, o unico centro para onde gravita a poesia dos sabios.

Continua.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE VETERINARIA, OU CURSO COMPLETO DE ZOOIATRICA DOMESTICA, PELO SR. D.r JOSÉ F. DE MACEDO PINTO, LENTE DA FACULDADE DE MEDICINA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA—2.ª EDIÇÃO—2 VOL. EM 8.º—1854.

Um dos mais importantes melhoramentos da agricultura moderna; aquelle, talvez, a quem ella deve o seu maior progresso e adiantamento, é o grande e extraordinario desenvolvimento que se tem dado á multiplicação e aperfeiçoamento dos animaes domesticos, e por consequencia aos estudos veterinarios. Hoje aquella industria constitue não só uma parte essencial de todas as empresas agricolas, mas é tambem um dos primeiros e principaes elementos da riqueza das nações, e por isso os governos e as sociedades agronomicas, tem

promovido por meio de premios as exposições publicas de gados, e procurado generalisar os estudos veterinarios, creando escholas para o ensino d'esta sciencia, e premiando os auctores das melhores obras sobre os seus diversos ramos.

Reduzida entre nós quasi a um simples empirismo, a Veterinaria, ou antes a alveitaria, que a tanto montavam os conhecimentos dos nossos poucos veterinarios, jazêra por longos annos em quasi completo abandono, estranha ao grande impulso que dilatára os limites da sciencia, e que elevára a Veterinaria ao ponto em que hoje a vemos nos outros paizes.

A intima ligação dos estudos medicos e veterinarios; o profundo conhecimento da anatomia e physiologia comparadas; a estreita relação das sciencias physicas e historico-naturaes com a zooiatrica; os principios da hygiene e da jurisprudencia Veterinaria, eram de todo despresados, senão ignorados nos raros escriptos dos nossos auctores de Veterinaria.

O estabelecimento da eschola veterinaria militar, de que já n'outra occasião nos occupámos [1], se algum melhoramento introduziu nestes estudos, foi exclusivamente na alveitaria. E póde com verdade dizer-se, que o Compendio de Veterinaria, de que o sr. Dr. Macedo Pinto deu a primeira edição em 1852, foi tambem o primeiro e mais feliz ensaio, que entre nós viu a luz publica, dessa nova ordem de estudos veterinarios, apresentados pelo A. em harmonia com os mais recentes progressos da sciencia, e com tanta concisão, e clareza, que de per si recommendavam aquelle importantissimo trabalho.

O publico illustrado acolheu desde logo com o merecido favor o compendio de Veterinaria, cuja avultada edição se exaurira completamente no primeiro anno da sua publicação; o que em Portugal raro acontece aos auctores de obras de sciencias naturaes.

O Curso completo de Zooiatrica, que o sr. Macedo Pinto acaba de publicar com o modesto titulo de « segunda edição » é uma obra inteiramente nova, onde todos os ramos da Veterinaria são concisamente expostos com a maior clareza, e profundo conhecimento da materia.

A obra consta de dois volumes; no primeiro o A. tracta da Pathologia geral, comprehendendo a Etiologia, a Symptomatologia, e a Pathogenia. A segunda parte é consagrada á Pathologia especial, e comprehende as molestias da pelle, e dos differentes orgãos e systemas, indicando a par de cada molestia o seu tractamento conveniente, ou a sua therapeutica especial. A terceira parte tem por objecto as molestias privativas dos differentes animaes domesticos.

O segundo volume começa pela Therapeutica geral, na qual comprehende os agentes pharmacologicos, ou a Pharmacologia—a pequena Chirurgia—e a Hygiene.

A Zootechnia occupa a segunda parte d'este volume. Alguns artigos extrahidos d'este importante trabalho foram já publicados pelo A. no segundo volume d'este Jornal [1], e escusado é por isso recommendar a leitura d'esta parte, talvez a mais notavel e interessante de toda a obra.

Tratando do melhoramento dos animaes domesticos, e da sua multiplicação e aperfeiçoamento, o A. não esqueceu uma só das considerações, que devem ter-se em vista para conseguir aquelle desejado fim. Expondo as doutrinas, e os methodos mais acreditados, e as mais recentes observações, e experiencias feitas nos paizes mais cultos da Europa, o A. procurou fazer d'ellas util e conveniente applicação ao nosso paiz. E não são unicamente os preceitos da sciencia que tornam digna de especial attenção esta parte do compendio de Veterinaria; mas tambem a maneira philosophica, e verdadeiramente tanscendente, com que são expostas em resumido quadro as mais elevadas theorias, e os mais importantes problemas das sciencias physicas e historico-naturaes em relação ao assumpto.

A ultima parte da obra comprehende a Jurisprudencia veterinaria, objecto entre nós quasi inteiramente desconhecido. O A. dividiu esta parte do seu trabalho em Jurisprudencia veterinaria propriamente dita, que tracta dos casos redhibitorios; em Medicina legal, que diz respeito aos ferimentos e envenenamentos, e em Policia sanitaria, que tracta dos meios de prevenir o desenvolvimento e progresso de epizootias, e enzootias contagiosas.

Nesta parte, uma das mais difficeis mas tambem das mais uteis do seu trabalho, o A. colligiu toda a legislação patria, que respeita ao assumpto, apresentando ao mesmo tempo a legislação estrangeira nos casos omissos na nossa.

Em fim a obra termina por um Indice alphabetico geral, coordenado de modo, que se póde considerar como um diccionario de Veterinaria, que muito facilita o uso d'este livro até aos menos entendidos em taes materias.

Indicamos apenas mui summariamente os principaes capitulos da nova edição do Compendio de Veterinaria do sr. Dr. Macedo Pinto, porque não cabe em pequeno espaço fazer o juizo critico d'este valioso e importante trabalho scientifico, fructo de longas horas de profundos estudos, e assiduo trabalho do joven professor, que, illustrando com taes publicações o seu nome, fez ao seu paiz, e especialmente á agricultura patria, um relevantis-

[1] Vol. I, pag. 320.

[1] Vol. II, pag. 199 e segg.

simo serviço, tornando accessivel a todas as intelligencias os conhecimentos veterinarios, com tanto rigor, e clareza, e com tanta amenidade de estilo, que a leitura da sua obra é ao mesmo tempo util e aprasivel.

Apesar de volumoso, este compendio parece-nos digno de ser adoptado em todas as escholas regionaes agricolas, como já o foi na universidade, porque uma bôa parte da obra não carece de ser explicada nas respectivas cadeiras, mas é unicamente destinada para se consultar; e os alumnos que tiverem seguido com attenção a leitura desta obra, ficarão por certo mui habilitados para se darem á pratica veterinaria.

J. M. DE ABREU.

JARDINS D'ACCLIMATAÇÃO NA MADEIRA E ANGOLA NA AFRICA AUSTRO-OCCIDENTAL.

Continuado de pag. 127.

Os habitantes da ilha da Madeira, aonde uma desastrosa epiphytia no decurso d'este anno tem destruido os preciosos vinhedos que até agora ahi formaram o principal e quasi exclusivo genero d'agricultura, devem sem demora e mui sériamente esforçar-se de remediar este mal, *variando e multiplicando os generos de suas culturas*, e deste modo *tirar maior vantagem* d'um clima, que é considerado melhor e mais favoravel a certas culturas do que o de todas as mais ilhas do hemispherio boreal; mas para iniciar as primeiras tentativas, e para experimentar e estudar a cultura de novos generos agricolas, qual será o instituto mais conveniente a este fim, a não ser um jardim d'acclimatação?! A fundação de tão util estabelecimento havia desde já occupar muitos braços, que pelo desastre nas vinhas ficaram desoccupados; o numero cada vez maior de vapôres que alli aportam, crusando o atlantico em todas as direcções, offerecia frequentes e opportunas occasiões d'uma rapida communicação com as mais longinquas terras, facilitando assim a prompta acquisição de muitos vegetaes raros e apreciados; e finalmente, a existencia d'um bem organisado jardim, povoado com as mais vistosas producções da Flora de todas as zonas, havia forçosamente chamar para ahi um avultado numero de viajantes curiosos, e augmentar consideravelmente a já não pequena concorrencia de doentes, e convidar uns e outros a mais prolongada demora n'aquella ilha dos encantos. Ponderadas todas estas circumstancias favoraveis, e avaliadas as vantagens que d'ellas devem resultar aos madeirenses, parece a creação d'um jardim d'acclimatação, com as competentes modificações, para ao mesmo tempo servir de passeio publico, uma das mais efficazes providencias que o Governo de Sua Magestade actualmente podia legislar n'aquella ilha, para mitigar algum tanto as tristes consequencias da devastadora epiphytia; bem como para evitar a futura repetição de similhantes desastres, que mais cedo ou mais tarde sempre se deveria recear, se os madeirenses continuassem a basear exclusivamente, como até agora, todas as suas esperanças agricolas sobre um só genero de cultura. N'um igual estado de crise e de transição, ainda que por motivos bem differentes, representa-se a riquissima provincia d'Angola na Africa austro-occidental; é igualmente sabido que o extenso territorio d'esta valiosa possessão, desde ha muito tempo, era o principal mercado d'escravos, os quaes, juntamente com alguns generos acarretados do interior do continente por esses mesmos escravos, formavam o limitado repertorio do commercio colonial. O repentino acabamento d'este trafico, pouco honesto, mas summamente lucrativo, destruiu numerosas fortunas, estagnou o giro d'avultados capitaes, e paralisou por um momento quasi toda a vida commercial d'aquella colonia. Porém, mediante este estado de geral consternação, a bemfazeja providencia effectuou a successiva transição d'um povo puramente commerciante n'uma esperançosa colonia agricola; e dentro em breve tempo o café, o algodão, o anil e muitos outros generos coloniaes fornecerão abundantemente aquelles mercados que n'outro tempo só foram povoados pela illicita fazenda d'um trafico deshumano. Mas, para facilitar aos colonos a introducção e naturalisação de novos generos agricolas; para experimentar os methodos mais convenientes de sua cultura, bem como para depositar e estudar os muitos vegetaes uteis que sem duvida nenhuma hão-de encontrar-se no immenso sertão d'aquella provincia, até agora apenas superficialmente explorado; em fim, para satisfazer a todas estas exigencias urgentes d'uma nascente colonia agricola, não ha de certo instituição nenhuma que seja mais adequada e de maior vantagem aos colonos do que um bem organisado estabelecimento d'acclimatação. Acabando de expôr, ainda que em traços ligeiros, as reciprocas vantagens que se podiam tirar da creação de jardins d'acclimatação, tanto para as colonias aonde forem estabelecidos, bem como para o paiz materno, passo agora a apontar algumas providencias que considero como mais acertadas e necessarias relativamente á fundação e bon gerencia dos ditos estabelecimentos. Em quanto ao *local* ou *sitio* em que se deviam collocar estes jardins, pouco se póde dizer sem conhecimento perfeito da localidade e mais circumstancias modificadoras que influem no prospero desenvolvimento de similhantes institutos: entretanto julgo dever lembrar que elles devem ser estabelecidos tão proximo, quanto possivel,

das respectivas cidades capitaes, e em sitios algum tanto abrigados dos ventos reinantes n'aquellas regiões, para assim mais facilmente evitar as mudanças repentinas da temperatura, tão nocivas a todas as plantações; em fim, o sitio escolhido para fundação dos ditos estabelecimentos deve offerecer todas as condições favoraveis da exposição e do terreno, e deve ser provido d'aguas convenientes a uma cultura por sua natureza e destino mui variada. A direcção d'estes estabelecimentos deve ser entregue a pessoas da plena confiança do Governo, e que tenham os conhecimentos sufficientes para principiar e continuar com a cultura e multiplicação dos vegetaes que para ahi forem enviados, bem como para fazer os necessarios apontamentos metereologicos e d'outras observações proveitosas, que por força haviam de resultar das varias tentativas de cultura. Probidade, inclinação para occupações deste genero, e conhecimentos, mórmente practicos, das differentes manipulações de jardinagem, são qualidades indispensaveis para quem dirigir similhantes institutos. Depois d'estabelecidos os jardins, será conveniente dar o Governo de Sua Magestade ordens aos governadores das provincias ultramarinas, bem como a todos os consules de Portugal em paizes estrangeiros, para estes diligenciarem a acquisição de *sementes*, *cebolas*, *tuberculos*, *estacas* ou *pés* de quaesquer plantas importantes, remettendo-as com a possivel brevidade e convenientemente acondicionadas, ou directamente aos ditos jardins, ou a Lisboa, para d'aqui se remetterem. Da mesma maneira se deve animar os commandantes dos navios do estado para alcançarem e mandarem colher sementes, etc., etc., de quaesquer plantas uteis ou ornamentaes nos paizes onde aportarem, trazendo-as ou remettendo-as ao supra designado destino. Os ecclesiasticos e chirurgiões que se destinam para o embarque, ou ao serviço no Ultramar, devem receber, antes de seguir viagem, breves e bem concertadas instrucções (se fôr possivel impressas) sobre a maneira mais conveniente de colher e acondicionar os objectos em cima apontados. Achando-se uma vez os jardins do Funchal e de Loanda em certo estado de prosperidade, devia-se proceder á creação d'analogos *jardins filiaes* nas mais provincias ultramarinas, particularmente nas ilhas de Cabo Verde, em S. Thomé, Quilimane e em Gôa, pois em todas estas terras, similhantes institutos não deixarão d'excitar e de fomentar poderosamente o gosto para a horticultura e agricultura, como isso se está experimentando nos jardins d'acclimatação em *Cayenne*, *Pondichery*, *Cabo de Boa-Esperança*, *Calcutá e Batavia*, creados pelos francezes, inglezes e hollandezes, para fins analogos, e em grande proveito para as respectivas colonias das nações mencionadas.

DR. F. WELWITSCH.

SOCIEDADE ASIATICA.

O coronel inglez Rawlinson relata de Bagdad novos descobrimentos que fez, principalmente de cylindros d'argila desenterrados das ruinas d'Um-Queer (antiga Ur dos Chaldeos). Dous dos cylindros examinados por este sabio archeologo, continham a enumeração dos trabalhos mandados executar por Nabonidos, ultimo rei de Babilonia, na Chaldêa meridional; taes eram a reedificação de templos que havia dez seculos tinham sido construidos pelos monarchas Chaldeos, e a desobstrucção de canaes abertos no tempo de Nabopolassar e Nabuchodonosor. O ponto mais importante esclarecido pelo descobrimento destes cylindros é que, o filho primogenito de Nabonidos chamava-se Bel-shar-ezar e governava juntamente com seu pai. Bel-shar-ezar é mui provavelmente o Balthazar de Daniel, e facil agora se torna comprehender que este principe fosse governador de Babilonia, quando foi tomada pelas forças combinadas dos Medos e dos Persas, e que morresse no ataque, ao mesmo tempo que Nabonidos, chegando em soccorro da praça, era derrotado e constrangido a refugiar-se em Borsippa.

Por fim apresenta Rawlinson, fundando-se nos mais recentes documentos, um bosquejo historico das dynastias babylonicas e assyrianas.

R. COLLEGIO URSULINO DAS CHAGAS EM COIMBRA.

PROGRAMMAS.

1854.

Por decreto de 21 de junho de 1851 foi dado o convento de S. José, em Coimbra, para definitivo assento do real Collegio Ursulino, que fôra fundado na villa de Pereira; e no dia 13 de dezembro do mesmo anno verificou este Collegio a sua transferencia para aquella sua nova casa.

O edificio de S. José, considerado em quanto á sua posição, a mais bella, sadia e pitoresca de Coimbra, melhor póde ser representado por obra de pincel, do que de penna; porque será sempre curta qualquer narração, que se pretenda fazer de suas bellezas. Em quanto á sua capacidade, não póde fazer-se idêa d'ella pela humildade de sua entrada, que parece buscada de proposito para encobrir a largueza do interior. Tem optimas salas para aulas e dormitorios, quartos arejados e bem alumiados, corredores alegres e desafogados, boas casas de cosinha e refeitorio, e outras commodidades para todas as officinas. Em um dos lados, fazendo angulo com o mesmo edificio, corre de nascente a poente uma espaçosa varanda, que, abrigada do norte, e aberta ao meio-dia, não póde havel-a mais a geito para gozar o soalheiro

nos dias de inverno, e o fresco em as noutes de verão. Sobranceira ao Mondego, e senhoreando suas deliciosas margens, d'ella póde não só espraiar-se e deleitar-se a vista pelas muitas quintas, hortas, e laranjaes, que bordam uma e outra beira do rio, e que na maior parte do anno mantêem verdura perpetua; mas tambem, desfructar-se a formosa perspectiva da cidade, que a pouca distancia pousa docemente reclinada na encosta de um monte, com a fronte ao occidente, coroada pelos magestosos edificios e reaes paços da universidade.

Estende-se na frente d'aquella varanda, e ao longo de todo o edificio, um bello jardim, cercado de muro, e dividido por muitos alegretes em ruas de murta, o qual offerece ás meninas passeio o mais aprazivel, e distracção a mais agradavel, para n'elle se recrearem, sem serem devassadas de parte alguma, e podendo ser observadas das janellas do collegio, que quasi todas para ali cáem; não faltando para maior desafogo uma extensa e bem situada cerca, aonde, acompanhadas das mestras, as meninas podem dar mais longos passeios, tão recommendados como hygienicos, para o desenvolvimento physico, e conservação da saude.

As Religiosas Ursulinas, querendo satisfazer aos encargos de seu Instituto, que tem por fim e objecto principal a «educação e instrucção do seu sexo» e desejando corresponder á protecção regia, com que sempre têem sido, e ultimamente tão soberanamente foram contempladas; bem como ao benigno acolhimento, que têem recebido do publico, estão decididas a empregar os meios ao seu alcance para aproveitarem as commodidades d'esta bella casa, a fim de n'ella estabelecerem todos os ramos d'ensino necessario a suas educandas; e aperfeiçoarem o dos estudos e prendas, que actualmente professam, e constam do seguinte:

PROGRAMMA DO ENSINO.

I.

ENSINO RELIGIOSO, MORAL E CIVIL.

Doutrina christã: catechismo: preparação para a primeira communhão: práctica dos exercicios religiosos e christãos, etc.

Explicação succinta do Evangelho: applicação moral de todas as suas maximas aos usos da vida, etc.

Principios e regras de civilidade, comprehendendo os elementos do estilo epistolar, etc.

II.

ENSINO LITTERARIO.

SECÇÃO 1.ª

Ler, escrever, e contar: Grammatica Portugueza.

Grammatica Franceza, Italiana e Ingleza.

SECÇÃO 2.ª

Desenho linear com applicação aos lavores e bordadura.

Geographia: Chorographia Portugueza; noções de Cosmographia (tratado da esphera) e de Chronologia.

Historia: Sagrada do antigo e novo Testamento.

Profana, especialmente a Portugueza.

Mythologia (elementos escolhidos).

SECÇÃO 3.ª

Principios, regras e uzos geraes de economia domestica (governo de casa).

Noções elementares de Hygiene.

III.

ENSINO ARTISTICO.

SECÇÃO 1.ª

PONTO DE MALHA. Fazer meia: rendas: *crochet*, espigar: fazer luvas, e variedade d'obras de lã, etc.

COSTURA. Cozer: talhar, e marcar, etc.

BORDADURA. Bordar de branco: a *cordonnet*: a cabello, etc.: de matiz: a sedo: a froco: a escomilha: a ouro e prata: a missanga: a pó de lã: *petit point*: em vidro, de varios modos; em madeira, etc.

SECÇÃO 2.ª

MUSICA. Cantar e tocar piano.

FLORISTICA. Fazer flores: e de cera.

DEZENHO. De figura, paizagem, etc.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.[1]

INSTRUCÇÕES PARA OS COMMISSARIOS DOS ESTUDOS.

Art. 1.° As attribuições dos commissarios dos estudos acham-se principalmente indicadas nos artigos 78 e 161 do decreto de 20 de setembro de 1844, e podem reduzir-se ás funcções de reitores dos lyceus, e á vigilancia e direcção das escholas de ensino primario e secundario com subordinação ao conselho superior de instrucção publica.

Art. 2.° Como reitores dos lyceus, incumbe-lhes o desempenho das funcções marcadas nos artigos 63 e seguintes, do decreto de 17 de novembro de 1837, e em outros logares da legislação sobre a instrucção, da qual devem obter perfeito conhecimento; e n'este sentido pertence-lhes:

§. 1.° Fazer executar as leis, regulamentos e mais providencias, por que se governam os lyceus; e evitar qualquer relaxação, ou abuso, que descubram nessa execução.

§. 2.° Convocar e presidir aos conselhos dos lyceus sempre que o julguem conveniente, ou lhes for requerido por algum de seus membros, allegando motivo justo.

§. 3.° Propôr ao conselho do lyceu as providencias, que julgarem necessarias para promover o melhoramento dos estudos, ou seja na parte litteraria, ou seja na disciplinar, ou na economica.

§. 4.° Fazer executar as resolucções do conselho do lyceu nos objectos de sua com-

[1] Documento n.° 1 citado a pag. 123.

petencia; e propôr em nome d'elle ao conselho superior o que depender de auctorização superior.

Art. 3.° Na mesma qualidade competelhes fazer proceder, e presidir aos exames dos professores, que pretendem habilitar-se assim para as cadeiras do ensino publico, como para ensinar particularmente, guiando-se pelas instrucções e programmas respectivos. Decreto de 20 de setembro de 1844, artigo 18, e de 15 de novembro de 1836, artigo 12.

Art. 4.° Os secretarios dos lyceus servirão de secretarios do commissario unicamente para aquelles actos, que não podérem ser expedidos sem secretario, como são os exames.

§ *unico.* Nas capitaes de districto, onde não estiverem ainda constituidos os lyceus, para estes actos, os commissarios requisitarão um official do governo civil, que sirva de secretario, bem como a casa e utensís necessarios para o mesmo fim.

Art. 5.° Em quanto á direcção do ensino primario e secundario, competem-lhes as funcções, que pelo artigo 37 do decreto de 15 de novembro de 1836, tinham sido fixadas para as commissões inspectoras, a saber: guiar e dirigir os professores, assim de palavra, como por escripto, no que diz respeito ao ensino; providenciar nos casos de sua competencia; dar conta ou representar ao conselho superior tudo o que a exceder; cumprir as ordens d'este; informar com exactidão as auctoridades; e formalizar e remetter os relatorios e mappas estatisticos nos termos do artigo 37 do regulamento do mesmo conselho de 10 de novembro de 1845.

Art. 6.° Para satisfazer estes fins, e especialmente o relatorio, que devem remetter ao conselho por occasião das duas conferencias ordenadas no artigo 21 do mesmo regulamento, deverão em cada semestre fazer antecipadamente uma visita a todas as escholas do seu districto, na qual procurarão obter pérfeito conhecimento do estado assim pessoal, como material e litterario d'ellas, notando as alterações, que nos intervallos forem occorrendo.

§. 1.° *Em quanto ao pessoal: notarão em* cada uma o gráu de merecimento dos professores nas tres considerações da sua capacidade litteraria, do zêlo e aptidão para o ensino, e o do seu comportamento moral e religioso, indicando, quando o julguem necessario, os factos comprobativos do seu juizo: marcando outrosim o numero e affluencia dos meninos, a sua regularidade e aproveitamento, o numero d'elles, que annualmente sáem sufficientes, e o tempo, que ordinariamente para isso gastam.

§. 2.° Em quanto ao material: notarão se a eschola está collocada na posição mais favoravel, attentas as circumstancias para a concorrencia do maior numero d'alumnos; se em casa publica, ou particular do professor; a capacidade e disposições della, bem como a mobilia e utensís; com outras quaesquer observações.

§. 3.° Em quanto ao litterario e economico: examinarão o methodo de ensino usado na eschola, se o mutuo, se o simultaneo ou o mixto; a maneira por que o professor o desempenha, e os seus resultados; as differentes classes dos alumnos, e as disciplinas, que nellas se ensinam, com especialidade as que dizem respeito á moral e religião; os livros, tabellas, impressos e manuscriptos, de que se usa na eschola, interpondo o seu juizo sobre elles, e lembrando e aconselhando os melhores; averiguarão outrosim a disciplina da eschola, as horas das lições, e o modo de as combinar com os trabalhos e necessidades dos povos; e promoverão a practica dos exames annuaes feitos com a publicidade e importancia propria a estimular os meninos, e satisfazer os paes.

§. 4.° E todas estas observações terão um registo conforme o modelo junto, que os habilite para ministrar quaesquer esclarecimentos que lhes forem pedidos, e donde extractem os mappas estatisticos, que devem remetter ao conselho superior nos termos do artigo 37 do regulamento.

Art. 7.° Por occasião das visitas, ou em outra qualquer, que lhes pareça favoravel, e sem inconveniente para as lições, farão reunir aquelles professores, que lhes parecerem mais zelosos e mais habeis para o fim de conferirem com elles sobre a excellencia dos differentes methodos, sobre os melhores compendios, reforma da disciplina escholar, e meios de a fazer observar, e em fim sobre quaesquer melhoramentos, que se possam effectuar, ou seja no systema geral do ensino, ou no especial de algumas escholas, bem como sobre a maneira de propagar nos povos o gosto da instrucção.

Art 8.° Promoverão o estabelecimento de associações de beneficencia, e fundações de escholas e casas d'asylo, dando parte ao conselho superior nos termos do artigo 28 do citado decreto de 20 de setembro.

Art. 9.° Em quanto ás escholas e collegios particulares, executarão, na parte que lhes diz respeito, o disposto no artigo 83 e seguintes do mesmo decreto.

§ *unico.* Taes escholas e collegios são sujeitos tambem á inspecção e visita dos commissarios, e devem fazer parte da estatistica em mappas especiaes.

Art. 10.° O que fica dito a respeito das escholas de meninos, é tambem applicavel ás escholas do sexo feminino, tendo em consideração a parte, que pertence ás prendas, que n'ellas se devem ensinar.

Art. 11.° Para a execução d'estas funcções poderão, no caso de impedimento, os commissarios fazer-se coadjuvar pelos subdelegados, de que falla o artigo 161, §. 2, do citado decreto de 20 de setembro; mas em todo o caso sob sua propria reponsabilidade.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia
Mez de Julho		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor atmospherico.	Pressão do ar secco	Gráu de humidade do ar	Quantidade de vapor aquoso contido em um metro cubico de ar.	
Dias	Gráus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas.	
1	20	754,677	13,004	741,673	0,7551	12,87	N.
2	21	753,075	13,902	739,173	0,7590	13,71	N.
3	20	753,461	13,290	740,171	0,7676	13,15	N.
4	20	753,461	13,125	740,336	0,7581	12,99	N.
5	20	750,667	13,993	736,674	0,8082	13,84	S.
6	19,5	750,738	11,678	739,060	0,6951	11,57	S.
7	19,5	754,538	10,940	743,598	0,6512	10.84	N.
8	19	754,064	10,976	743,088	0,6739	10,90	N.
9	19	753,454	10,820	742,634	0,6643	10,74	N.
10	19	752,692	11,217	741,475	0,6823	11,14	N.
11	19,5	753,901	11,732	742,169	0,6983	11,63	N.
12	20	753,461	12,073	741,388	0,6973	11,94	N.
13	21	749,248	12,439	736,809	0,6791	12,26	N.
14	20	749,776	11,835	737,841	0,6836	11,71	N.
15	20	752,982	12,580	740,402	0,7266	11,45	E.
16	21	750,888	13,058	737,830	0,7129	12,83	E.
17	22	755,454	13,419	742,035	0,6911	13,19	N.
18	21	750,888	11,706	739,182	0,6391	11,64	N.
19	21	749,248	11,971	737,277	0,6536	11,80	E.
20	19	753,302	11,282	742,020	0,6927	11,20	O.
21	24	752,892	16,789	736,103	0,7700	16,39	E
22	24	752,892	15,291	737,601	0,7013	14,93	O.
23	24	752,130	17,350	734,780	0,7957	16,94	O.
24	22	754,206	15,984	738,222	0,8232	15,71	O.
25	22	754,460	15,782	738,678	0,8128	15,51	O.
26	22	753,393	15,026	738,367	0,7739	14,77	N.
27	23	752,306	13,434	738,872	0,6529	13,16	N.
28	22	753,749	12,871	740,878	0,6629	12,65	N.
29	22	753,749	14,044	739,705	0,7233	13,80	N.
30	23	754,084	15,552	738,532	0,7558	15,23	O.
31	22,5	750,200	14,905	735,795	0,7454	14,62	N.
media do mez	21	752,726			0,7196		

Extremas do mez						Ventos dominantes
	Temperatura		*Pressão atmospherica*		*Gráu de humidade do ar*	
	Maxima absoluta . .	23°	Maxima absoluta . .	755,454	Maxima absol.	0,8232	N.
	Minima	19°	Minima	749,248	Minima	0,6391	
	Maxima variaç. . .	4°	Maxima excursão . .	6,206	Maxima variação . . .	0,1841	

Coimbra 1.° de Agosto de 1854.

O Demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Manoel dos Santos Pereira Jardim.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL.

1847—1848.

Senhora! O relatorio, que o conselho superior de instrucção publica tem a honra de levar á Augusta Presença de V. Magestade em observancia do art.° 40 do decreto de 10 de novembro de 1845, se não dér do estado da instrucção publica do paiz, uma noticia tão completa e satisfactoria, como o conselho sinceramente deseja, e desveladamente promove, desde o primeiro momento da sua existencia, dará, pelo menos, um conhecimento fiel, e tão exacto, d'aquelle estado, e das necessidades do ensino, quanto se póde exigir dos poucos elementos estadisticos colligidos dos variados ramos da administração litteraria, elementos, em que, sem embargo de incessantes esforços, ainda não foi possivel alcançar o grau de perfeição indispensavel a trabalhos positivos d'este genero.

Progredindo lenta, mas gradual e regularmente, como de razão, em objecto de tal natureza, os melhoramentos excitados na instrucção publica pelas sabias provisões de 1844 e 1845, vieram subita e inesperadamente os desastrosos acontecimentos politicos de 1846 paralysar o andamento regular da administração litteraria, e não obstante o empenho sincero e assiduidade do conselho, os effeitos d'aquelle violento abalo ainda se não dissiparam; e por algum tempo tornaram a marcha dos melhoramentos litterarios vagarosa, contrastada, e interrompida.

Muito fizeram recuar (é força dizel-o) a instrucção do paiz os movimentos politicos, por que temos passado nos dois ultimos annos decorridos. É que as letras fogem do estridor das armas; e só no remanso da paz, e á sombra da prosperidade podem medrar. A machina da instrucção publica, dizia o maior genio do nosso seculo, deve ser como a machina do mundo—*mover-se sem se sentir*—, e com quanto parallela, sempre distante da esphera da politica.

A instrucção primaria foi a que mais sentiu os lamentaveis effeitos das discordias civis. As apuradas circumstancias da fazenda publica, não podendo acudir ao pagamento regular dos professores, teem motivado o abandono d'algumas cadeiras, que estão sem exercicio, por não ter apparecido quem a ellas se opponha em concursos, por vezes repetidos. Era natural este resultado; porque os professores d'instrucção primaria, mais desamparados de meios, não podem supportar o atraso de ordenados, de que geralmente falando, vivem exclusivamente, e suas familias.

Na secundaria tem apparecido tambem alguma falta de concurrentes aos logares vagos; e por isso ainda não está completa a organisação dos lyceus em todos os districtos: nem ainda se acham constituidos os de Bragança, Villa-Real, Aveiro, Guarda, Castello-Branco, Leiria, Portalegre, Beja, Faro, Ponta-Delgada, e Horta.

A instrucção superior mais consolidada, e robustecida, pôde melhor resistir ás oscillações politicas, e crises financeiras. Os interesses que ella offerece ainda convidam ao concurso para os logares do magisterio, a pezar da diminuição e irregularidade de pagamentos. Mas é neste, mais do que nos outros ramos, que a disciplina das escholas se sentiu quebrantada, em consequencia da febre de delirio, que costuma de preferencia invadir a mocidade fogosa e inexperta.

Mas é de esperar que o restabelecimento da ordem, e conservação da tranquillidade publica, ponham termo a estes males; e prestem abonada fiança a um futuro mais agradavel. Cumprindo o seu dever vai o conselho dar conta do—*estado da instrucção*.

Administração central.

No serviço do conselho superior houve na maior parte do anno apenas cinco vogaes. Dois falleceram, cuja perda o conselho deplora, e um não foi ainda substituido: outro foi empregado fóra de Coimbra em commissão gratuita. Continuando repartidos em tres secções os trabalhos do conselho, mal podiam os vogaes em exercicio satisfazer ás exigencias que o serviço lhes incumbe, sem se achar completo o numero da lei, que não é de sobejo para os muitos, variados, e graves negocios de administração; e para a discussão necessaria d'estes, e dos trabalhos de projectos, que repetidas vezes tem de offerecer á consideração de V. Magestade.

Na secretaria do conselho tambem faltou um official ordinario, que ainda não consta ao conselho fosse substituido; e faltam, sobre tudo, os meios para pagar a amanuenses, por vezes indispensaveis para a prompta expedição dos negocios.

Ainda não ha commissarios d'estudos nos districtos de Ponta-Delgada, Funchal, Beja, Castello-Branco, Coimbra, Portalegre, Viana, Horta. Alguns d'estes já nomeados não teem tomado posse de seus logares; outros não foram propostos por falta das informações necessarias.

A creação dos sub-delegados é indispensavel para a regular inspecção das escholas. O conselho superior, reconhecendo a necessidade do mais perfeito accordo entre estes empregados e os commissarios, a quem são subordinados, tem recommendado a estes que lhe indiquem as pessoas mais capazes de bem desempenharem o importante mister, que se lhes ha de confiar. A circumspecção e madureza, que devem presidir a escolhas tão melindrosas, serão por ventura a causa de se não realisarem com a promptidão que o conselho deseja, e alguns commissarios reclamam.

Os governadores civis em geral teem prestado sincera e efficaz coadjuvação ao conselho; e alguns teem até mostrado decidido zelo, e dedicação á instrucção publica; mas n'uma instituição nascente, não é logo de esperar toda a perfeição de serviço, e por essa causa os resultados são por ora menos valiosos.

Serviços geraes.

As circumstancias excepcionaes, em que o paiz tem estado, teem estorvado as visitas de inspecção, que os commissarios de estudos devem fazer em seus respectivos districtos. D'estas visitas, e d'outras prescriptas no art.° 162 do decreto de 20 de septembro de 1844, feitas não regular e periodica, mas inesperadamente, colherá a instrucção copiosos fructos, quando a ordem publica e a segurança individual se achem plenamente consolidadas. No districto de Lisboa é, sobre todos, necessaria essa fiscalisação, e inspecção, como em seu relatorio confessa o commissario respectivo, quando para aquelle importante trabalho se ache habilitado com a coadjuvação dos sub-delegados.

Os negocios de expediente do conselho não se acham atrasados, não obstante a falta que houve de alguns vogaes ordinarios, de um official do quadro da secretaria, e de meios pecuniarios.

O conselho tem colligido dos livros elementares nacionaes, os mais adaptados ao ensino da instrucção primaria; e annualmente tem communicado ao governo de V. Magestade a collecção adoptada. É para lamentar que ainda se não publicasse a collecção relativa ao corrente anno litterario; e que esta falta tenha motivado as duvidas, que alguns commissarios de estudos expõem sobre os livros convenientes ao ensino.

Nesta collecção figuram alguns, cujos auctores são vogaes do conselho superior. E tanto neste, como nos outros ramos de ensino publico, tem-se estampado obras de merecimento distincto, adoptadas hoje por compendios nas respectivas escholas.

As Typographias publicas teem procurado melhorar-se. Na Imprensa Nacional teem progredido os melhoramentos a ponto de hoje rivalisar com os mais accreditados da Europa.

Das Bibliothecas publicas apenas póde o conselho superior dar conta das de Evora e Braga, unicas que cumpriram o seu dever na remessa dos relatorios. A d'Evora, contendo 25:000 volumes singelos—5:000 volumes dobrados—1800 codices mss.—6:000 e tantas medalhas, e 300 e tantos paineis, precisa, diz o relatorio, de meios para a conservação do que existe, e acquisição d'outros productos. Requer o bibliothecario auctoridade e meios para effeituar compras fortuitas e fugitivas, e um escripturario. A de Braga acha-se em lastimoso estado, estando mais de 20:000 volumes em estantes velhas de pinho que ameaçam arruinar o deposito dos livros contido em 31 cubiculos improprios para salas de bibliotheca.

Serviço especial do conselho.

Consta actualmente o pessoal do conselho superior de sete vogaes ordinarios, e 12 extraordirarios (mappa n.° 1). D'estes acham-se ausentes 19. A secretaria tem menos um official ordinario do que compete ao seu quadro provisorio, por não ter ainda sido provido o logar que vagára. Cresce de dia para dia o numero de negocios do expediente, como era de esperar, á medida que se fosse centralisando uma administração, outr'ora vaga, e dispersa; e se creassem os novos elementos de administração, e inspecção indispensaveis á unidade e força de direcção.

Os vogaes extraordinarios pertencentes ao corpo universitario, e como taes subjeitos ao serviço de suas respectivas faculdades, nem sempre pódem empregar, no serviço do conselho, toda a assiduidade e zelo, que a vocação, e o seu proprio interesso lhes podem inspirar. E não foi por outro motivo que no findo anno litterario, não poderam cumprir com os trabalhos de organisação de compendios, que pelo conselho lhes foram encarregados: acham-se todavia alguns d'esses trabalhos muito adiantados, e confia o conselho, que no decurso d'este anno possam ser apresentados.

Não obstante a repetição de avisos a todos os delegados do conselho, e a especial menção, que nos relatorios anteriores se tem feito, da falta de cumprimento dos §§. 2, 3, e 4.° do

art.º 37 do decreto de 10 de novembro de 1845, ainda não foi possivel obter, com regularidade, os esclarecimentos e mappas estadisticos, que devem servir de base ao relatorio geral da instrucção publica. São todos incompletos os relatorios dos commissarios e chefes de estabelecimentos litterarios: faltam mappas de frequencia e aproveitamento de 337 professores d'instrucção primaria; do maior numero dos d'instrucção secundaria; e de todos os estabelecimentos scientificos de Lisboa.

Esperava o conselho que em septembro ao menos se cumprisse rigorosamente o dever, que de todo se esquece nos outros periodos marcados no citado decreto. Infelizmente assim não acontece; e julgando indispensavel algum exemplo de severidade, sem o qual não póde já nutrir esperanças de conseguir o cumprimento da lei, não dissimulará a falta em que estão os delegados das Ilhas Adjacentes, que nunca até agora satisfizeram ás citadas disposições, e actualmente collocam o conselho na impossibilidade de dar noticia do estado da instrucção n'aquella parte da monarchia.

Além dos trabalhos de serviço diario, e da expedição de portarias, officios, e provimentos temporarios a muitos professores d'instrucção publica e particular, tem o conselho remettido ao governo de V. Magestade, desde dezembro de 1847 até ao principio d'este mez, 163 consultas sobre objectos de interesse geral ou possoal, expedido 3 circulares aos sub-delegados; e discutido 2 projectos de regulamentos, que prepara para submetter á regia approvação de V. Magestade, além do que fôra offerecido em consulta de 26 de maio do corrente anno para a administração da bibliotheca de Braga.

Continúa.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

SOBRE O NOSSO INSIGNE POETA LUIZ DE CAMÕES.

Continuado de pag. 139.

Simão Vaz de Camões, filho do dito João Vaz de Villa Franca e Catharina Pires, viveu em Coimbra, e tendo servido na guerra d'Africa e na Marinha[1], esteve ausente d'esta cidade como era indispensavel a quem andava em serviço do rei e da patria alguns annos, durante os quaes é natural passasse seu pae a segundas nupcias com Branca Tavares, com a qual já em 1528 se achava casado; e devia seu neto Luiz de Camões ter neste tempo quatro annos, creando-se em casa do avô que então residia nesta cidade[2], e aqui havia de continuar até que mudando-se a universidade de Lisboa para Coimbra em 1537 para 1538, nella começaria os seus estudos por esta occasião, pois devia contar já 14 annos, tempo em que um talento penetrante, e um engenho dotado de uma vêa rica e fina, em breve estaria prompto para com bom aproveitamento se aperfeiçoar nos estudos superiores, e continuar este longo tempo que nesta cidade passou, como elle diz.[1]

Ausentando-se depois de Coimbra, provou todos os contratempos da fortuna, e os acerbos fructos de Marte, como elle proprio conta[2], que o obrigaram a saír do reino, e a ír nas aventuras do mar e terras estranhas buscar a fortuna, que a sua má sorte lhe não pôde fazer propicia. Não podemos saber o anno, em que saiu do reino; mas, segundo as mais discretas e precatadas conjecturas, tendo este acontecimento tido logar depois de 1550, foi neste mesmo tempo que sua thia, meia irmã de seu pae, Isabel Tavares, renovou em si o prazo das casas na rua dos Coutinhos (que como já dissemos naquelle tempo se chamava da Portanova), visto ter succedido nelle pela morte de seu pae; o qual possuiu por dois annos, findos os quaes renunciou as vidas e direito que nellas tinha, a favor de seu irmão Simão Vaz de Camões, fazendo-as reverter a seu irmão primogenito, mediante uma doação, que este lhe fez de muita parte de sua fazenda para ella casar com Alvaro Pinto[3], como consta dos documentos extraídos dos livros dos emprazamentos da Sé de Coimbra; documentos que mostram a qualidade da pessoa e familia de Simão Vaz, por nelles se designarem as condecorações que tinha, e a sua residencia nesta cidade; e que por arranjos domesticos, e para casar a dita sua irmã com o dito Alvaro Pinto, havendo-lhe cedido a maior parte da sua fazenda, ella lhe cedeu as casas de que se lavrou escriptura em 3 d'agosto de 1552[4], para nellas viver, podendo-as nomear a um filho ou filha que tivesse até á hora de sua morte. Parece que por este novo contracto se abria um novo caminho para a successão de Luiz de Camões na casa paterna, e nos mais bens em que devêra ter quinhão; mas a fortuna, que sempre lhe era avessa, em breve lhe tornou a fugir, porque Simão Vaz, ausentando-se para o Porto, alli esteve residente alguns annos, em quanto o filho vagava pela India, e com a sua prolongada ausencia, a casa se arruinou, e Luiz de Camões, tambem ausente, nem tractou, nem podia acudir ao desmantelamento dos bens, que a prolongada ausencia dos donos deixa perder, e em breve caír em ruinas[5], até que voltando outra vez do Porto com animo de

[1] Bispo de Viseu, tom. 1 pag. 27 e 28.

[2] Cit. bispo de Viseu, pag. 29, fallando do anno em que o nosso poeta nasceu, diz = o anno do seu nascimento não foi o de 1517.... mas o de 1524. =

[1] Canção IV.

[2] Canção XI.

[3] Vej. o documento n.º 2.

[4] Docum. cit. n.º 2.

[5] Vej. o docum. n.º 3.

residir nesta cidade, novamente requereu ao Cabido senhorio directo das ditas casas innovação do contracto emphyteutico por mais outras tres vidas, além das que já tinha, attendendo á muita ruina em que o predio se achava, e á muita despesa que nelle tinha de fazer, o que tudo o mesmo Cabido lhe concedeu por escriptura em 22 de setembro de 1570 [1]. Nem nesta, nem na antecedente escriptura lavrada a 3 d'agosto de 1552, se faz menção da mulher de Simão Vaz, que devia ser Anna de Sá e Macedo [2], signal de ser já fallecida nesta ultima data; nem tão pouco se falla em filho que della houvesse, e este silencio nos faz presumir, que ou desgostoso Simão Vaz de seu filho por algum verdor d'annos, (que nas suas rimas elle dá a entender) o teria feito embarcar para a Africa, e na volta daqui para a India, o que teve logar em 1553 [3]; ou que a má sorte do nosso poeta, seu genio fogoso e insoffrido, o faria despresar todas as relações domesticas, e os laços da propria conveniencia, e abandonado de seus mais proximos e familiares parentes correr á discripção e vontade de seus caprichos, exulado de todo da familia a que pertencia. Nem podemos imaginar outra coisa, vendo preferidos os ramos collateraes da madrasta ao proprio filho, verdadeiro successor dos bens paternos, quando voltando o poeta da India, e sendo seu pai ainda vivo, se não houvesse estas antecedencias, não deixára caír na miseria o proprio filho, de quem tanta honra lhe vinha, com a publicação dos Lusiadas, que viram a luz publica em 1572, e no mesmo anno, nova edição; coisa original nos annaes da nossa litteratura! Tão grande foi o enthusiasmo que com esta producção elle adquiriu, que todos á porfia demandavam um exemplar da sua epopêa, o que egualmente demonstra o bom gosto e apreço da nossa litteratura no seculo XVI [4].

Teve João Vaz de Camões, d'alcunha o de Villa Franca, outro irmão por nome Pero Vaz, d'alcunha de Coimbra, ambos foram cidadãos, e moradores nesta cidade [5]; e Pero Vaz, como se estabeleceu no Algarve, ahi esteve por escudeiro do conde de Monsanto, como se diz na escriptura de 9 d'agosto de 1530.

E por que aqui se falla no conde de Monsanto em cuja valiosa protecção se achava Pero Vaz de Camões, farei uma pequena digressão sobre esta familia, a quem o nosso poeta foi devedor de mui assignalados favores.

Eram os condes de Monsanto dos principaes, e mais nobres fidalgos portuguezes. A sua ascendencia (seguindo D. Luiz Salazar no livro intitulado—Glorias da Casa Farnese—ao mesmo tempo que se entronca na estirpe real de D. Garcia, filho de D. Fernando o grande, rei de Castella, perde-se na escuridade dos seculos: mas approximando-nos mais aos tempos modernos sabemos, que o 3.° conde de Monsanto D. Pedro de Castro, foi alcaide mór e fronteiro mór de Lisboa nos reinados de elrei D. Manoel e D. João III [1], e era neto de D. Fernando de Noronha, 1.° marquez de Villa Real, por ter sido sua mãe D. Joanna de Castro casada com D. João de Noronha, filho do dito marquez.[2] Seu filho D. Luiz de Castro 4.° conde do mesmo titulo, casou com D. Violante de Tavera, filha do 1.° conde da Castanheira D. Antonio d'Ataide, e de D. Anna de Tavera (da casa dos condes de Portalegre).[3] Seus netos com o senhorio de Cascaes passaram a marquezes d'este titulo, e havendo faltado a descendencia directa acha-se hoje encorporada a casa e titulos na de Niza.[4] Deste tracto mais familiar e frequente de Pero Vaz de Camões, thio do nosso poeta, com o conde de Monsanto nasceu senão com certeza, provavelmente a estremada amisade com que Luiz de Camões foi honrado por D. Antonio de Noronha, filho dos condes de Linhares, e dos mais fidalgos seus parentes, grangeando com ella o favor que na India lhe deu D. Constantino de Bragança, e D. Manoel de Portugal, da casa do Vimioso [5] favor que elle retribue com agradecida correspondencia nas suas eclogas, elegias e sonetos, em que se nota a amisade ou antes veneração que tributava a tão elevadas personagens. Voltemos porém ao nosso assumpto.

Casou o sobredito Pero Vaz no Algarve com Brites Gomes, alli deu principio ao ramo d'algumas familias nobres, que ainda hoje aparentam com a do nosso poeta pelo lado d'este seu thio, pois que a descendencia de seu pai com elle se perdeu, ficando só a de Filippa Tavares, irmã de sua madrasta Branca Tavares [6]. Sábia, e discreta provisão da Providencia, que não querendo crear outro genio egual ao nosso poeta na linha descendente de

[1] Documento cit. n.° 3.
[2] Bispo de Viseu cit. pag. 29.
[3] Idem pag. 46 e seguintes.
[4] Id. pag. 87 = quando Camões apparecia nas ruas de Lisboa paravam as pessoas, que iam passando a vêl-o e não continuavam sem que primeiro tivesse desapparecido.=
[5] Vej. o documento n.° 1.

[1] Faria e Lemos. Polit. Mor. e Civil tom. 4.° pag. 504.
[2] Moreri Diccion. art. — Castro — onde refere estas noticias que alcançam mais do que as referidas na Historia Genealog. da C. R, e por isso as vamos seguindo.
[3] Provas da Historia Geneal. tom 11 cap. 5 n.° 15 pag. 930.
[4] Memorias para a Hist. Eccles. do Algarve pelo socio da Academia Silva Lopes, 1848 pag. 495 onde se diz administrar a casa de Monsanto o vinculo que o bispo Alão instituira em Lisboa na egreja de S. Bartholomeu, e hoje a casa de Niza.
[5] Sobre os favores destes fidalgos veja-se o que diz o bispo de Viseu na sua Memoria citada no tom. 1 das suas obras pag. 38. e sobre os versos aos fidalgos leam-se as Rimas de Camões nos logares apontados, aonde d'elles faz especial lembrança.
[6] Sua irmã Isabel Tavares, que deixo casada com Alvaro Pinto, presumo não ter tido geração, por que o resto dos bens de Simão Vaz, tudo passou aos collateraes desta, até que se extinguiu de todo em 1643.

sua familia com elle terminou toda a sua posteridade. Sobre a qualidade de sua pessoa não só era fidalgo d'elrei, seu pai Simão Vaz; senão tambem seu avô João Vaz, para cuja prova basta só ver os documentos juntos a estes apontamentos, onde são designados por escudeiros, e cavalleiros, sobre cuja noção diz o Elucidario[1]—Em quanto os fidalgos se não armavam cavalleiros serviam na milicia com o nome de escudeiros.—Ora sendo João Vaz designado por esta qualificação nos documentos que offerecemos, fica manifesta a sua nobreza naquelle tempo. Da descendencia de Pero Vaz de Camões, que se estabeleceu no Algarve, dá testemunho com outros o citado e eruditissimo bispo de Viseu[2], e porque não é do nosso assumpto descrevel-a, passo-a em silencio, até por não ter visto documentos, que me podessem pôr a salvo d'alguns enganos, excepto o que no seu logar apontamos, e que demonstra a sua existencia no reino do Algarve. Ora tendo seu avô vivido nesta cidade e designando-se cidadão, assim como seu pai Simão Vaz, tendo nella bens e propriedades, grande presumpção me fica (para não dizer certeza) de ter sido a sua naturalidade d'esta, e não da cidade de Lisboa. Faria e Sousa, apurado indagador d'antiguidades, tendo-o dado por natural de Santarém, na segunda vida que deu do nosso poeta, muda de parecer fazendo-o natural de Lisboa. Domingos Fernandes, na dedicatoria das Rimas que offereceu á universidade de Coimbra, e publicou em 1607, o declara natural d'esta cidade, dizendo—pois nascendo elle nessa vossa cidade de Coimbra—expressão que denota estar certificado mais que os outros biographos da sua naturalidade; o que tudo combina muito com os documentos que nestes apontamentos offerecemos, a ver se algum mais habil indagador póde descobrir outros que nos soltem as difficuldades, e esclareçam as trevas em que nos achamos envolvidos. Em 1584 já Simão Vaz era falecido, e as suas casas tinham passado para um parente de sua madrasta, que casou com sua segunda mulher D. Francisca, a qual tinha ficado herdeira de seu marido Simão Vaz de Camões, e por esta razão encontramos uma determinação do Cabido concedendo a um seu conego Francisco Pessoa, o direito de as revindicar da mão do Dr. Roque Pereira Tavares, que as possuia, por sua dita mulher D. Francisca, viuva do sobredito Simão Vaz.[3] Daqui se conclue que tambem Simão Vaz, depois que voltou do Porto em 1570, novamente casára nesta cidade com uma D. Francisca, cujos appellidos mais se não podem saber pelo apoucado do assento, e falta noticiosa que encerra. Não encontramos o resultado e decisão da questão que o dito conego Francisco Pessoa intentára contra o referido doutor. Acho porém que em 1605 este requerêra ao Cabido para não emprazar umas casas na rua de S. Christovão a um seu cunhado, sem lhe darem vista[1] do requerimento e pertensão do dito cunhado, e em 1628 se encontra outra pertensão de Manoel Corrêa, a quem o Dr. Roque Pereira tinha deixado o direito de renovação do referido prazo, signal de que nesta data já era falecido, não se sabendo se tambem teria tido egual sorte sua mulher D. Francisca, viuva do dito Camões. Taes são as noticias que encontramos nos emprazamentos da cathedral, unicos que descobrimos, e assim mesmo ainda minguados de esclarecimentos maiores, que muito se desejam para poder documentar uma historia, que tão cara se torna a quem tem amor pela patria, e pela gloria nacional, de que o nosso poeta foi estremado admirador, e sublime pregoeiro.

MIGUEL RIBEIRO DE VASCONCELLOS.

Continúa.

[1] Viterbo. Elucid. art. Cavalleiro, no fim.
[2] Mem. de Camões nas suas obras tom. 1. pag. 28.
[3] Vej. o documento n.° 5.

NOVAS TABOAS DA PARALLAXE DA LUA.

POR J. C. ADAMS.

Pela comparação da parallaxe das taboas lunares de Burckhardt com a parallaxe que Damoiseau deu em suas taboas, Adams achou que muitas das pequenas equações da parallaxe deduzidas das taboas de Burckhardt, differiam completamente de seus valores theoricos dados por Damoiseau. Foi então que elle soube ter já Clausen advertido (*vol.* XVII dos *Astronomische Nachrichten*) que havia uma differença entre as equações da parallaxe de Burckhardt e as de Bürg e Damoiseau, n'uma analyse comparativa d'estas taboas.

A inexactidão dos coefficientes de quatro das pequenas equações da parallaxe, explica Adams, suppondo que Burckhardt empregou por engano a longitude verdadeira em vez da longitude media do sol, na formação dos argumentos da evecção e da variação. A respeito d'uma outra d'estas equações o seu coefficiente foi tomado com signal contrario, e finalmente n'outra equação mais o argumento é falso.

No tomo X das *Memorias da Sociedade real astronomica* de Londres apresentou Henderson uma nova determinação da parallaxe da lua por meio das observações que tinha feito no cabo de Bôa Esperança, e das correspondentes feitas em Greenwich e Cambridg: para constante da parallaxe achou 3422″,46, comparando a parallaxe observada com a parallaxe calculada pelas taboas de Damoiseau. Mas como a parallaxe das taboas é estrictamente o seno da parallaxe reduzido em segun-

[1] Documentos n.° 5 e 6.

dos d'arco, é necessario por isso tirar 0″,15 de 3422″,46, o que reduz segundo Henderson a 3422″,31 a constante da parallaxe. Este resultado está em perfeito accordo com o valor de 3422″,385 que Adams obteve fundando-se nas theorias de Damoiseau e Plana.

Transformando a expressão da parallaxe

0″,34 — 0″,34 cos (1)
1,73 + 1,73 cos (2)
1,46 + 1,46 cos (4)
0,87 + 0,87 cos (5)
0,71 — 0,71 cos (6)
0,11 — 0,11 cos (7)
0,62 — 0,62 cos (8)
1,81 — 0,05 cos (9) + 1″,81 cos 2 (9)
0,21 — 0,21 cos (12)
0,16 — 0,16 cos (13)
0,14 + 0,14 cos (16)
0,12 + 0,12 cos (23)
0,10 + 0,10 cos (25)
36,81 + 37,22 cos (E) + 0″,41 cos 2 (E)
55′50,92 + 187,14 cos (A) + 10,27 cos 2 (A) + 0″,64 cos 3 (A) + 0″,04 cos 4 (A)
— 26,18 — 0,94 cos (V) + 26,34 cos 2 (V) + 0,16 cos 4 (V).

N'esta formula desprezou-se um pequeno termo, menor que 0″,08.

A pequenissima differença que ha entre a somma 3422″,29 das constantes da formula, e a constante da parallaxe adoptada por Adams, é uma consequencia da mudança na fórma do desinvolvimento.

As novas taboas de Adams foram por tanto construidas pela dita formula com os mesmos argumentos que as taboas XXXVI, XXXVII, XXXVIII, e XXXIX de Burckhardt (edição de Coimbra). Assim que, tendo-se formado os argumentos 1, 2, 4, etc. e os argumentos da evecção, anomalia e variação, devem procurar-se com elles nas taboas correspondentes de Adams, as equações da parallaxe horisontal equatoria.

Adams deduziu tambem a formula por que foram construidas as taboas da parallaxe de Burckhardt, e achou a mesma que vem na edição de Coimbra a pag. X da explicação. Burckhardt diz expressamente na introducção das suas taboas ter seguido quanto á parallaxe a theoria de Laplace; porém omittiu a fórma que lhe deu apropriada aos argumentos que adoptou.

O emprego da longitude verdadeira em vez da longitude media do sol, produziu na formação do argumento da variação, erros nos coefficientes das equações 2 e 12, e na formação do argumento da evecção, erros nos coefficientes das equações 4 e 13. Os erros da parallaxe provenientes d'aquellas equações, serão geralmente grandes em março e setembro, e pequenos no principio de janeiro e julho, em que se dá coincidencia quasi entre o logar verdadeiro e o medio do sol.

A quação 6 foi tomada com signal contrario, e na equação da variação parece ter-se empregado 3 (V) por 4 (V).

dada pela theoria, a fim de depender dos argumentos de longitude de Burckhardt, Adams chegou á seguinte formula, em que os argumentos da evecção, anomalia e variação são expressos por E, A, V, e os argumentos das pequenas equações por seu numero, como em Burckhardt:

O erro total das taboas da parallaxe de Burckhardt póde chegar a 6″, independentemente d'1″,8 que n'ellas a constante da parallaxe tem de menos.

Depois de havermos dado noticia das taboas de Adams, acrescentaremos que no *connaissance des temps* para o anno de 1856, onde encontramos as novas taboas copiadas do *Nautical Almanac* do mesmo anno, ainda não vem calculada a parallaxe da lua por ellas, de sorte que as nossas ephemerides para o anno de 1857 podem sahir com mais este aperfeiçoamento, além dos que ultimamente foram n'ellas introduzidos; e não ficará por este lado mais avantajado o conhecimento dos tempos de Paris.

Para semelhante effeito acham-se já no prélo as taboas de Adams que reduzimos á mesma fórma em que publicámos as de M. Burckhardt, e que servirão de complemento a este trabalho, e de substituição ás taboas respectivas da parallaxe, quando se pretender calcular esta com maior gráo de perfeição.

F. M. B. FEIO.

JERUSALEM E O MAR-MORTO.

ARCHEOLOGIA HEBRAICA.

Continuado de pag. 126.

O menos conhecido de todos os lagos, attenta a sua grande celebridade, é o Asphaltite. Um véo mysterioso envolve sua origem, natureza e producções: collocado no meio de um medonho deserto, suas aguas estagnadas e immoveis, em cuja superficie verdenegra se

reflecte o céo, apresentam um tão lugubre aspecto, que por isso lhe deram o nome de *Mar-morto*.

Os antigos tinham mui escassas noticias á cerca do lago Asphaltite, que só começára a ser mais estudado nos primeiros annos d'este seculo. Fóra este lago, segundo todas as probabilidades, theatro de uma grande catastrophe. O notavel aspecto das suas aguas; os singulares phenomenos, que ellas apresentam, attestados por todos os observadores, dignos de maior credito; e a espantosa desolação da sua praia meridional, são outros tantos vestigios de alguma grande revolução physica, que transformára completamente a superficie do solo n'aquella região, onde hoje só reina a solidão, e o silencio dos tumulos. Neste mesmo logar, segundo a tradição hebraica, existiram outr'ora cinco cidades, que, tendo incorrido na colera divina, foram fulminadas, e completamente destruidas. Acaso entre o facto physico de uma grande revolução, de que tantos indicios restam, e a tradição hebraica haverá alguma relação, mas neste ponto os mais eruditos archeologos não estão de acordo.

Alguns julgam que o lago coexistira com o Jordão, e outros rios, que nelle desembocam, regeitando como inadmissivel a opinião de Cellario, que o Jordão corrêra outr'ora no golpho arabico, porque o Asphaltite recebe ao sul um rio, que vem em direcção inversa do Jordão, concluindo d'aqui que o lago já existia, quando teve logar a destruição parcial de que faz menção o Genesis.

O celebre Michaëlis, o sabio geographo Busching e outros, suppõem pelo contrario, que podem facilmente conciliar-se as paginas sagradas com a historia d'aquelles importantes phenomenos da physica do globo.

A Escriptura diz, que o valle de Siddim, ou a planicie de Sodoma, convertida depois em mar de sal, ou lago Asphaltite «continha sobre uma vasta extensão poços de bitume, e que era toda regada como o paraizo do Senhor, e como o Egypto» e d'aqui concluiram aquelles auctores, que uma parte das aguas do Jordão, depois de alimentarem os numerosos canaes, que fertilisavam aquelle paiz, se reuniam formando um lago subterraneo, e que no momento em que os raios inflammaram os poços de bitume espalhados á superficie d'esta planicie, o solo se abatêra pela violencia d'este terrivel incendio, e as cidades se abysmaram com elle no fundo do lago.

Ha trinta annos esta hypothese pareceria completamente destituida de fundamento. Um habil observador, porém, que modernamente visitára o lago Asphaltite, corroborou em parte aquella doutrina, sustentando que o lago cobre hoje a antiga planicie de Siddim. Primeiramente, diz Robinson, a parte meridional do Mar-morto differe completamente, quanto ao seu aspecto, da do norte, que lhe fica separada por uma especie de peninsula, que parece cortar em dois o lago. N'aquella parte meridional o mar é pouco profundo; na sua extremidade ao sudoeste vê-se uma massa de sal gemma na altura de duzentos pés, a que dão o nome de *Promontorio d'Usdum, ou de Sodoma;* as suas margens ao oeste e sudoeste são planas e escalvadas. Observada das montanhas do oeste, aquella massa de sal gemma póde comparar-se á fóz de um rio na vasante da maré. Em segundo logar esta região é toda volcanica e sujeita a repetidos terremotos, cujos vestigios estão ainda frescos na região do lago Tiberias, que lhe fica não mui distante. Em terceiro logar o asphalto, hoje muito menos abundante que antigamente, só se encontra na parte meridional do lago, apparecendo á superficie das aguas apoz algum abalo do terreno; em 1834 e 1837, por occasião dos grandes terremotos que desolaram este paiz, os ventos arrojaram sobre a praia grande quantidade d'aquelle bitume.

Robinson admitte por tanto a tradição hebraica quanto á destruição por effeito dos raios celestes das cidades criminosas; mas a esta causa ajunta a acção volcanica, concurrendo simultaneamente para abrasar aquellas cidades, inflammando os numerosos depositos de bitume accumulados ha seculos nos poços, de que faz menção a Escriptura. Acaso tambem estas grandes massas de bitume, extendendo-se por entre as diversas camadas do terreno, segundo a sua stractificação, tornavam o terreno de Pentapole um immenso foco de incendios subterraneos. Uma ou outra daquellas causas bastava por tanto para a destruição do valle de Siddim, e immediata formação da bacia meridional, resultando d'aqui o engrandecimento do lago Asphaltite. Se esta catastrophe se realizasse por abatimento do terreno, as aguas se precipitariam neste abysmo formando uma nova bacia no Mar-morto: e se o phenomeno teve logar por sublevação volcanica, é natural que as aguas, transpondo seus antigos limites, se espalhassem para o sul sobre os grandes baixos, desde a peninsula de El-Mezraa até á extremidade do Mar-morto.

A theoria de Robinson está tambem d'accordo com a maneira por que os geologos consideram hoje os betumes naturaes, ou asphaltos, que são contados entre os productos volcanicos indirectos, do mesmo modo que o sal gemma, as erupções gazosas, e as fontes thermaes, e por isso o distincto geologo de Buch não duvidou confirmar em muitos pontos a theoria do archeologo inglez, que um insigne poeta, e um abalisado orientalista tão vivamente combateram, talvez por demasiado escrupulo religioso.

«A presença nestes logares d'aguas thermaes, enxofre e asphalto, diz Chateaubriand, não é prova sufficiente da existencia de um volcão; por tanto reporto-me pura e simples-

mente á Escriptura sagrada, quanto ás cidades abismadas, sem recorrer aos argumentos physicos. »

Quatremére admitte a hypothese de Michaëlis com algumas modificações, mas regeita expressamente a acção volcanica. « A catastrophe da planice de Sodoma, diz o sabio orientalista; não póde ser o resultado de um terremoto, por que estes não deixam apoz de si tanta desolação e tão profundos estragos; se uma erupção volcanica, ou um terremoto fossem a causa unica da ruina de Sodoma, e das cidades circumvisinhas, aquelles phenomenos deviam ter-se repetido no andar dos tempos, e Jerusalem teria experimentado tambem graves catrastrophes. » Sem negarmos a força d'estas objecções, não nos parece, com tudo, que ellas possam refutar os fundamentos da theoria de Robinson.

Uma theoria, que poderá chamar-se philologica, pertende sustentar com numerosas citações arrastadas para o assumpto, que o lago Asphaltite não occupa o proprio logar de Pentapole. Reland, hollandez de nação, e reputado um dos mais profundos sabedores em antiguidades sagradas, é o auctor d'esta theoria, que mais tarde Malte Brun apoiára, e de que ultimamente Saulcy se declarára ardente partidista.

Fôra na verdade grande loucura da parte dos fundadores de Pentapole, diz um dos mais illustres adversarios d'esta theoria, se elles tivessem preferido um pequeno canto de terra, encaixada n'um estreito valle da ardente montanha, á fertil planice de Siddim, cortada de tantos riachos e tão aprasivel, a pesar dos ardores do clima, que alguns commentadores acreditam, que fôra n'esta parte da Canaan, que Deos collocára o paraiso terreal.

Nas differentes passagens de Jeremias, de Sophonia, e d'Amos, tractando-se da destruição das cidades criminosas, só se faz menção do *enxofre*, de *sarças*, de *lições*, e de *incendios*, mas ninguem ignora que a linguagem dos profetas, é muitas vezes mysteriosa; e quasi sempre vaga, e allegorica, e que não póde por isso ser invocada, quando se tracta de avaliar um facto physico, do mesmo modo que ninguem se lembrou ainda de invocar o Apocalypse para resolver uma questão de geographia.

Os auctores profanos cujo testemunho citam os defensores da theoria philologica, não provam melhor a favor d'ella, que os livros sagrados.

A submersão de Pentapole não é contestada pelos historiadores profanos anteriores a José, se exceptuarmos Strabão e Tacito. O primeiro, assignando sessenta estadios de circumferencia ás ruinas de Sodoma, parece, que não visitára nunca a Judêa, confundindo até o lago Asphaltite com o Sirbon, situado no Egypto a distancia de mais de sessenta leguas do Asphaltite; nem era verosimil que as ruinas de uma cidade sobre a qual pezam quarenta seculos, e levantada por uma pequena tribu arabe no meio de um oasis, podessem ainda ter, ao cabo de tantos mil annos, tres leguas de circumferencia. Tacito, que faz os Judeus oriundos do monte Ida, porque delle tomaram o nome, não é neste ponto testemunho de maior auctoridade.

José nas suas *antiguidades judaicas*, diz « que a Sedomicia desapparecêra, e com ella as fontes, que tornavam esta região tão fertil; Sodoma desapareceu, e o lago Asphaltite occupa hoje o valle todo. »

Estevam de Bysancio, geographo, que escrevia no seculo V, fallando de Sodoma, diz tambem que « esta cidade era a capital de dez outras, que jazem sepultadas no lago Asphaltite. »

Por tanto nem nos escriptores profanos, nem nos sagrados se encontram provas sufficientes em abono da theoria de Reland, que Saulcy pertende sustentar na sua viagem ás terras biblicas, tomando como ruinas da antiga Sodoma, alguns montões de pedra bruta, e calcinada, descriptos já por outros observadores ao norte da *montanha de sal*.

Nem essas suppostas ruinas podiam pertencer a alguma das miseraveis cidades de Pentapole, tão pouco importantes, que uma só noute bastára para Abrahão as conquistar, e que, como a maior parte das cidades do oriente ainda hoje, deviam ser construidas com simples tijolos. Os Hebreus quando conquistaram Canaan, e muitos tempos depois, não empregavam na construcção dos edificios publicos e particulares, senão madeira e barro. Uma torre de madeira era a unica defesa da cidade Sichem; e a cada passo se lê na Biblia a descripção dessas mesquinhas construcções, que constituiam toda architectura habraica. A lei de Moises punia com a penna de açoite ao ladrão que n'uma noite arrombasse as paredes de uma casa, tal era a solidez que ellas tinham; e Job diz que muitas vezes o vento do deserto derribava estas pobres cabanas.

Eis aqui porque em toda a Palestina, e nas regiões visinhas não se encontra um unico monumento, cuja existencia remonte á epocha de Abrahão, ou mesmo á de David.[1]

J. M. DE ABREU.

MOLESTIA DAS VINHAS.

Continuado de pag. 129.

» Adolpho Targioni e Emilio Bechi, de Florença, apresentaram uma memoria mui importante sobre a natureza da molestia das vinhas, e tornam-se por isso dignos na opinião da commissão d'uma recompensa de mil

1 Veja-se a *Revue des Deux Mond.* — Paris 1854 — tom. VI.

francos. Estes dois sabios, juntamente com Cozzi e Thomaz Funk, tem feito numerosas analyses chimicas, que nos parecem dignas de attenção. Analysaram comparativamente muitas variedades de cachos d'uvas atacadas da molestia, e outras inteiramente sãs, no estado sêcco, e normal. Fizeram tambem uma especie de analyse mechanica, separando a polpa, a pele, e grainha dos diversos cachos d'uvas, e procederam á analyse chimica destas differentes partes do fructo da videira. Estes auctores acharam, que as uvas atacadas da molestia continham uma porção muito maior de azote, dupla, e até tripla da que existe nas uvas sãs; no mosto é que se encontram mais substancias azotadas. O cacho d'uvas contaminado contém mais saes mineraes, e menos materia sacharina. Os mesmos auctores analysaram tambem outras plantas egualmente atacadas por diversas cryptogmas.

« N'uma outra memoria Gasparini de Napoles, descreve a molestia da vinha com grande talento, examinando a parasita em todas as phases da sua evolução, e termina com uma historia mui completa da germinação dos spores do *oïdium tuckeri*, posto que os não observou nas condições normaes do seu desinvolvimento; por todos estes motivos a commissão entende que o A. merecia, como prova de distincção, uma gratificação de 500 francos.

« Dois outros concurrentes italianos são dignos de mencionar-se pela serie de bem dirigidas experiencias, que communicaram á sociedade na conformidade do seu programma.

« O grande numero de documentos que nos fôram enviados d'alem dos Alpes, e a importancia das experiencias, que alli tem sido feitas, pode avaliar-se pelos grandes trabalhos de que nos occupamos; trabalhos, que revelam bem a gravidade da molestia das vinhas na Italia.

« Vos sabeis, senhores, que, de todas as experiencias, são as agricolas as mais difficeis e delicadas; raro acontece serem ellas comparativas, e a sciencia agricola carece sempre de proceder com a maior cautela

« O doutor Polli, professor de chimica na eschola technica de Millão, e Manoel Bouzanini, engenheiro civil n'aquella cidade, distinguiram-se pela boa direcção de suas experiencias sobre a applicação das dissoluções de sulphidrato de cal, chlorureto de cal, sal commum, sulphato de zinco, agua amoniacal, proveniente da reinação do gaz do carvão de pedra, do gesso em pó, da essencia de terebenthina dissolvida em agua, em fim da agua de lavagem das folhas de tabaco, lavagem, que se faz em uma dissolução de sal de 3 a 4.° do areometro de Beaumé. Os dois observadores ensaiaram estas differentes dissoluções n'uma vinha, applicando-as a algumas videiras collocadas no meio d'outras, a que nenhum tratamento se fizera. De todos estes remedios, a agua do tabaco foi o unico que deu um resultado satisfactorio. Sería curioso indagar se no emprego da agua do tabaco é a nicotina que obra, como nós julgamos; por que n'este caso a nicotina poderia ser substituida por algum dos alcoholoides, modernamente conhecidos, que se obteriam sem grande despesa, e que deveriam empregar-se no estado de saes. M. Fox tinha já experimentado com bom resultado a agua de tabaco.

« Ha um facto digno de notar-se, posto que d'elle se não possa tirar uma conclusão definitiva. Livre o cacho d'uvas do *oïdium*, o fructo continúa a amadurecer sem difficuldade. Muitos meios tem sido propostos pelos diversos auctores de memorias para expulsar o *oïdium*. Um dos que maior credito tem tido, é o do vapor da agua a ferver. Guillot salvou a colheita d'uma vinha entre duas outras completamente perdidas, injectando sobre os fructos, logo depois da floração, vapôr da agua d'um regador quente, condusido n'um carro de mão pelo meio das vinhas.

« Dois pharmaceuticos Collinet e Malapert observaram, que barrando as uvas com um polme feito com agua de sabão e argilla fina não os atacava *o oïdium*. »

O parecer da commissão foi approvado em todos os seus artigos.

(Journal d'Agricult. Pratiq. n.° 15, de 5 d'agosto de 1854.)

AS MULHERES HISTORICAMENTE CONSIDERADAS [1].

Os annaes do mundo apresentam uma singular contradição na historia das mulheres. N'um mesmo povo, n'uma mesma epocha, e sob as mesmas leis as mulheres são tractadas como seres superiores, e como as mais infimas creaturas! Poderia dizer-se que algum insondavel misterio occulta na mulher aos olhos dos legisladores a verdadeira natureza d'ella.

Segundo a Biblia a mulher não podia trabalhar nas vestes sagradas dos sacerdotes, nem se lhe concedia o direito de prestar um juramento, por que não tinha palavra. « A mulher, que jura, diz Moises, não é obrigada a sustentar a sua palavra, se o esposo, ou o pai lh'o não concentem » o que equivalia a confessar que ella não tinha alma! E todavia o mesmo legislador, lhe concedria o dom mais eminente da natureza humana, ou antes superior a essa natureza, o dom da profecia.

Roma condemnava a mulher a uma perpetua tutella, e Roma a fazia confidente dos designios celestes! Os oraculos de Cumas eram annunciados pela boca de uma mulher. Depositaria dos livros sybillinos era tambem uma mulher; parece que os deoses só fallavam pela boca das mulheres. Na Grecia a contradicção era ainda mais flagrante. Os

[1] Legouve, Hist. morale des femmes. —Paris 1849.

Gregos contestavam á mulher o amor, que é a sua propria essencia. Plutarco no seu tractado do amor, diz que o verdadeiro amor é impossivel entre um homem e uma mulher, e todavia os Gregos pelo mais notavel contrasenso concediam-lhe a sabedoria divina. Foi uma mulher que no *banquete* de Platão iniciou o principe dos philosophos na verdade, e esclareceu a alma de Socrates, como o proprio Platão confessa. « Eu só comprehendi a divindade e a vida, repete elle, nas minhas conversações com a cortezã Theopompa. »

Assim no mundo antigo aquella creatura tam despresada, era sempre por um lado considerada superior ao homem. A cortezã conselheira de Pricles, e amiga de Socrates é como um symbolo. Nos antigos povos da Germania as mulheres não representavam papel algum na carreira publica, porém Tacito diz, que aquelles povos reconheciam n'ellas alguma cousa de divino e de profetico, e as respeitavam como seres, que tinham relações com o ceo. Na Galia as funcções das *druidas* erão superiores ás dos sacerdotes deste culto. Na ilha de Sena havia um collegio de nove virgens, que curavam molestias reputadas incuraveis, e aplacavam o furor das ondas, quando lhes aprazia. Estas virgens dictavam seus oraculos no meio das tempestades sobre escarpados e agrestes rochedos. Veda uma destas famosas sacerdotisas, invisivel e sempre presente, governava todas as povoações, que lhe ficavam em torno, e do alto de uma torre dictava a paz e a guerra. Eis aqui factos quasi incriveis, e que a nossa razão não póde bem comprehender. Como podia conciliar-se tanta elevação com tamanha subserviencia? Como explicar-se as homenagens de admiração apar do completo desprezo com que o homem tractava creaturas, que na apparencia lhe são semelhantes e que elle colloca sempre ou superiores, ou inferiores a elle? Que papel se lhe quer fazer representar nos designios de Deus, e nos destinos do mundo?

Por que motivo, em quanto se lhe vedavam os mais simples exercicios, lhes permittiam as mais sublimes funcções do sacerdocio? Por que em fim se lhe prohibia o exercicio da vida, e ao mesmo passo se lhe deixava tomar tão grande parte na formação e no culto das ideas, que constituem a propria vida —na religião?

Certo a mulher tem qualidades muito caracteristicas, e muito poderosas para ter conquistado sobre os espiritos um tão restricto, mas ao mesmo tempo tão elevado, e singular imperio.

A vista d'este resumido quadro historico poderá concluir-se, que a mulher é mais que o homem, e menos que elle ou que a sua natureza se traduz n'estas palavras. — « Egual- « dade com o homem, porém egualdade na « differença. »

A.

NOTICIA SOBRE A BACIA CARBONIFERA DO CABO MONDEGO.

Continuado de pag. 119.

Estado actual da mina.

Sendo a galeria geral a primeira e mais essencial obra desta mina, está, em relação á sua importancia e permanencia, em parte acanhada; as suas dimensões são variaveis: satisfaz comtudo ao serviço, e em todo o seu cumprimento circulam wagons de 1^m de largura na bòca.

A lavra da mina é feita de um modo simples; divide-se o massiço em porções prismaticas, que se chamam pilares, por meio de galerias de avanço, descendentes ou ascendentes; os pilares tem $7^m,7$ de lado; as galerias $4^m,4$, dos quaes se entulham $2^m,6$, e ficam de vão $1^m,8$.

As aguas affluem em pequena quantidade, de verão, aos trabalhos; mas no inverno, a sua accumulação é sensivel: por em quanto, como todas vem dos trabalhos superiores, é facil derival-as para os trabalhos velhos.

A renovação do ar faz-se por uma corrente natural, determinada pela differença de nivel entre as bócas da galeria geral, e a mina *Farrobo*, estando para este fim interrompidas todas as outras communicações com o esgoto: comtudo já se faz com difficuldade no fim da galeria geral, e exige a prompta abertura da galeria ascendente, já indicada, que communique com o exterior no sitio das Fontainhas

As madeiras necessarias para as construcções subterraneas faltam completamente nesta localidade: tem de prover-se do pinhal de Foja, a duas legoas de distancia: este pinhal, já mui derrotado, deixará em breve de fornecer madeiras, e então será necessario obtel-as do pinhal de Leiria.

Continúa.

R. COLLEGIO URSULINO DAS CHAGAS EM COIMBRA.

PROGRAMMAS.

1854.

DISPOSIÇÕES REGULAMENTARES.

A educação religiosa, moral e civil; bem como a direcção especial, e toda a economia particular de cada educanda, comprehendendo a fiscalisação do uso do dinheiro dado ás meninas, ainda mesmo para seus divertimentos, objectos de recreio, etc., estão a cargo das religiosas, mestras directoras, a quem as educandas, logo que admittidas e matricula-

das no collegio, são entregues e confiadas pela madre superiora, distribuidas em diversas classes ou familias, presidida cada uma d'estas pela sua respectiva mestra directora.

Estas religiosas olham tambem com especial cuidado, cada uma *na sua familia*, pela educação physica, pela saude das meninas, etc.

A instrucção litteraria e artistica corre sob a immediata inspecção de uma religiosa, a prefeita das classes: e é dada em diversas aulas ou classes, a que correspondem os diversos estudos ou ramos do ensino, sendo cada uma d'ellas regida pela sua respectiva mestra professora, e em conformidade com os estatutos e regulamentos do collegio.

As educandas frequentam as classes, que lhes são designadas pela madre prefeita, ouvidas as respectivas professoras, e em attenção á capacidade e adiantamento de cada uma, seguindo depois no curso dos estudos a ordem prescripta nos regulamentos respectivos e programma geral do ensino, precedendo os competentes exames e approvações.

O anno classico principia no 1.° de outubro, e termina em agosto com os exames, que cada educanda deve fazer nos estudos, em que estiver habilitada.

A exames publicos sómente serão admittidas as que forem julgadas dignas d'esta distincção.

Para promover o adiantamento não só estão adoptados os methodos tidos por mais convenientes; mas tambem se empregam os meios adequados para despertar entre todas uma nobre emulação e amor ao trabalho, com louvores, distincções, premios, etc.

Os paes ou protectores das educandas, de fóra de Coimbra, terão regular conhecimento do estado de aproveitamento das que lhes pertencem. Além d'esta regular informação, serão escrupulosamente avisados os paes das educandas, quando alguma d'ellas se ache doente com molestia de alguma gravidade.

As educandas só podem receber visitas de seus paes, protectores ou tutores, thios ou irmãos, e de outras pessoas, que venham na companhia d'estas; excepto no caso de licença de seus paes, protectores, ou tutores, directamente declarada ou enviada á madre superiora, ou á respectiva mestra directora.

Estas visitas só podem ter logar nos dias sanctificados, ou feriados no collegio; e nunca em dias lectivos, ainda mesmo nas horas vagas das aulas; excepto unicamente as de pessoas, que venham de fóra da cidade, e de fóra dos suburbios; ás quaes porém não póde o collegio fazer hospedagem.

Não são permittidas as saídas temporarias das educandas, ainda mesmo a pretexto de férias; excepto em caso de molestia com declaração por escripto do facultativo. As que para uso de banhos ou remedios, satisfeita a condição posta, saírem em agosto, ou antes d'elle, convem, que se recolham por todo o mez d'outubro, para não soffrerem atraso nos estudos, que se leccionam nas classes, desde o primeiro dia da sua abertura: e cujo ensino não póde tornar a principiar-se por cada uma, que se recolhe fóra de tempo.

As educandas estão sujeitas não só a estas disposições mais geraes, mas tambem aos demais regulamentos e bons usos do collegio; quer sejam de disciplina geral, na parte respectiva; quer especiaes, relativos á educação e instrucção.

As correspondencias sobre admissão e entrada das meninas educandas devem ser dirigidas á superiora do Collegio; e depois da entrada, ás respectivas mestras directoras.

SOCIEDADE AZIATICA DE LONDRES.

O professor Wilson apresentou uma memoria, em que pertende mostrar, que não é exacto, o que até aqui se tem dito sobre o costume singular das viuvas, no Industão, se lançarem nas fogueiras, onde se queimavam os restos de seus maridos, para serem devoradas pelas chammas com estes.

Segundo aquelle erudito professor a má interpretação do texto dos livros dos Vedas, que se invocava para auctorisar aquella barbaridade, ordenava pelo contrario, que as viuvas procurassem sobreviver a seus maridos, em logar de se immolarem com elles. O erro estava na palavra *agre*, que ou de proposito, ou por ignorancia se lêra *agnhe*, que quer dizer « que ellas caminhem para o fogo » em quanto a palavra *agre* diz pelo contrario « que vão para sua casa. »

Aswalayana, auctor dos *Grihya Sutras*, obra quasi de tanta auctoridade como os Vedas, confirma a opinião de Wilson, por que designa até a pessoa aquem compettia acompanhar a casa a viuva, depois de assistir aquella ultima ceremonia funebre de seu marido.

Com os annos vem a prudencia e a sabedoria. Com elles se extingue a ambição. Ama-se a solidão, onde o pouco parece sobejo. Tranquillos em fim no porto, e volvendo os olhos com espirito verdadeiramente philosophico sobre as tempestades das paixões, a agricultura dos campos paternos, torna-se-nos a mais doce e aprazivel tarefa; ou ao menos vê-se correr placidamente o rio da vida, que dentro em pouco vai perder-se no Oceano da eternidade.

E. SUÉ.

A tristeza é um dos mais poderosos meios de seducção de uma mulher formosa.

A. DUMAS.

CONTA da Receita e Despesa dos Hospitaes, annexos á Universidade, em todo o trimestre d'Abril a Junho de 1854.

Receita

Recebido do Thesouro em metal	1:122$000
Idem do cofre das rendas dos Hospitaes	900$000
Idem da mesa do governo da Misericordia da cidade	500$000
Idem por conta de vencimentos militares	131$040
Idem de dietas pagas por doentes tractados no Hospital	54$220
Idem por desconto ao padeiro por falta de pezo no pão	$075
Idem d'esmolla dada aos doentes Lazaros	$885
Idem do importe de banhos a um doente	$120
	2:708$340
Alcance da Fazenda em 30 de Junho	25$680
Reis	2:734$020

Despesa

Alcance da Fazenda em 31 de Março	94$945
Despendido com ordenados pelos mezes de Dezembro de 1853, Janeiro e Fevereiro de 1854	214$980
Idem com as comedorias aos Empregados	414$869
Idem com as dietas aos doentes	1:514$576
Idem em combustivel e illuminação	130$805
Idem em utensilios	53$770
Idem em reparos e obras nos edificios	50$810
Idem em guizamentos das Capellas	20$670
Idem em vestuario dos Lazaros do numero	3$250
Idem em roupas	2$585
Idem ao Dispensatorio Pharmaceutico 4.ª parte de vencimentos militares	32$760
Idem ao dito por deliberação do Conselho da Faculdade	150$000
Idem ao dito pelo dinheiro recebido da Misericordia	50$000
Reis	2:734$020

MAPPA do movimento dos doentes, nas enfermarias dos Hospitaes da Universidade, no trimestre d'Abril a Junho de 1854.

HOMENS					MULHERES					LAZAROS										SOLDADOS					TODOS				
										HOMENS					MULHERES															
Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.
117	248	237	34	94	117	210	234	23	70	20	0	5	1	14	12	1	3	1	9	11	94	95	1	9	277	553	574	60	196

Hospital 30 de Junho de 1854.

Dr. *José Gomes Ribeiro*,
Director dos Hospitaes.

Herculano Aprigio Alves d'Araujo Santa Barbara,
Cartorario da Fazenda.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL.

1847—1848.

Continuado de pag. 151.

Instrucção primaria.

Ha 1:169 escholas d'instrucção primaria pagas pelo estado no continente do reino e ilhas adjacentes (mappa n.° 2). D'estas são 46 do sexo feminino, 20 do methodo de ensino mutuo, e o resto de ensino simultaneo. Nem todas se acham em exercicio; havendo actualmente a concurso 64, e muitas d'ellas sem que tenham encontrado oppositores em concursos repetidos; e 24 reservadas.

Do numero d'escholas particulares, não teve o conselho conhecimento pelos relatorios de seus delegados. Mas é de suppor que, tendo estado muitas escholas publicas fechadas por falta de mestres, não tenha diminuido, mas antes augmentado o numero de 1084, de que se dera conta no relatorio de 1845.

Nas ilhas é avultado o numero d'escholas particulares; porque nestas se contam tambem as que ha sustentadas, exclusivamente, pelos rendimentos de corpos moraes, como são as municipalidades e confrarias. No continente ha 13 sustentadas por legados.

As escholas publicas acham-se distribuidas pelos differentes districtos, na fórma seguinte: Angra 13 — Aveiro 68 — Beja 44 — Braga 76 — Bragança 56 — Castello-Branco 49 — Coimbra 70 — Evora 29 — Faro 29 — Guarda 92 — Horta 10 — Funchal 14 — Leiria 41 — Lisboa 143 — Portalegre 40 — Porto 84 — Santarem 52 — Viana 45 — Villa-Real 69 — Viseu 129 — Ponta-Delgada 16.

São 744 os mappas que se tem recebido até fins d'outubro na secretaria do conselho; faltando 337 das cadeiras actualmente em exercicio. O numero de alumnos que frequentaram as 744 escholas, é de 30:180. Calculando approximadamente a frequencia das 337, não se póde reputar inferior o numero total a 45:500, que fôra a frequencia em 1845.

A frequencia das escholas particulares, devendo augmentar pelas razões expostas, póde com segurança adoptar-se a cifra de 18:786, que marcára a frequencia no relatorio do anno acima indicado; sendo assim 64:276 o numero provavel dos alumnos de ambos os sexos, que frequentaram a instrucção primaria.

Suppondo que a população do reino não tenha augmentado consideravelmente, pelas causas que a todos são patentes, desde os ultimos trabalhos estadisticos neste genero, adoptando-se em consequencia a cifra de 3:412:500, será o numero de alumnos da instrucção primaria para a massa total da população, na razão de 1:53. Mas calculando pelos trabalhos estadisticos d'outros paizes em 682:500 o numero total de individuos chamados pela lei á frequencia d'este ramo d'instrucção, será o numero dos que frequentaram para o dos que deviam frequentar, na razão de 1: $10\frac{3}{5}$, pouco mais ou menos.

Não segue porém razão d'egualdade aquella frequencia em todas as provincias; e neste sentido a classificação observará a ordem seguinte: Trás-os-Montes — 1:$8\frac{3}{4}$ — Beira 1:10 — Minho 1:$8\frac{3}{5}$ — Alémtejo 1:15 — Algarve 1:18 — Estremadura 1:$16\frac{3}{5}$.

É porém de notar que, firmando-se este calculo no conhecimento que o conselho tem das escholas particulares que existem, e havendo muitas, que elle ignora, porque a pezar das repetidas ordens e instancias, não foi ainda possivel conseguir que os mestres particulares se habilitem todos, na conformidade do art. 84 do decreto de 20 de septembro de 1844, é possivel que ao menos nas terras mais populosas, como Lisboa e Porto, haja muitas escholas particulares, illegalmente instituidas, e subtrahidas á inspecção geral.

É por extremo diminuto (força é dizel-o) o numero de escholas primarias com relação á população e necessidades do paiz, se o compararmos, não diremos já, com alguns dos Estados Unidos da America, com a Hollanda, Prussia, Suissa, e Escossia, mas com a França e Lombardia, aonde o desinvolvimento da instrucção popular data de poucos annos. E ainda é mais para lamentar, que das poucas, que ha, muitas se acham vagas por falta de professores; e outras regidas por mestres pouco competentes, e tolerados por não privar total-

mente a massa popular de todo o genero de instrucção.

Sente-se entibiar o desejo de multiplicar o numero das escholas primarias, quando se vê a pouca frequencia das que existem, e a falta de concurrencia ás que vagam. Todavia se do genero das que existem não convem augmentar o numero, em quanto não tivermos professores formados em escholas normaes, sem cujo auxilio será baldado todo o esforço por melhorar este ramo da instrucção, outras escholas ha de gràduação inferior, accommodadas ás necessidades locaes, as quaes podem e devem ser creadas por interesse publico, havendo para as disciplinas, que lhes competem, mestres convenientemente habilitados. Falamos das escholas de freguezias ruraes, que se devem limitar ao ensino de ler, escrever, contar, e principios de religião, e cujo ordenado deverá ser inferior ao que actualmente teem as outras escholas do 1.° grau.

Já esta idêa foi proposta no relatorio de 1845: e são estas realmente as escholas de que mais havemos mister; e para exemplo da necessidade d'ellas, apontaremos o districto d'Evora, em que ha 29 escholas e 112 freguezias.

O conselho conhece que as circumstancias desfavoraveis do thesouro offerecem resistencia, quasi invencivel, á practica d'esta idêa, justificada pela necessidade e exigencias dos povos, que diariamente pedem ao conselho a creação de novas escholas. Mas a instrucção popular é digna de todos os sacrificios; é a base da organização da sociedade moderna, e a origem real da força dos governos. Talvez que applicando ao paiz a practica adoptada em outras nações illustradas, fazendo intervir na creação das novas escholas os rendimentos municipaes, confiando o ensino d'ellas aos parochos ruraes, se podesse alcançar o desejado fim, sem gravame notavel do thesouro.

Tambem o conselho espera que o pagamento regular dos professores, á medida que o estado da fazenda publica melhorar, fará concorrer oppositores ás cadeiras vagas, como d'antes acontecia. Não se póde crer que a causa do desvio seja a pouquidade dos ordenados, porque nesta parte não somos excedidos por muitas nações. Na França era menor o vencimento da maior parte dos professores primarios, ainda contando o estipendio dos alumnos, até o principio do corrente anno. Na Escossia e na Suissa não podem reputar-se superiores os ordenados.

O que todavia muito convirá, é estabelecer categorias nas escholas existentes, com referencia a vencimentos e collocação das cadeiras. Assim irá suscitar-se entre os professores o salutar principio da emulação; assim se lhes abre uma carreira de esperanças, e amostra um melhor futuro; e será consequencia legitima o empenhar-se cada qual por conseguil-o. Na verdade o professor, que vê no presente o quadro de todo o seu futuro, esfria, esmorece, e cái na indifferença.

Importa a despesa da instrucção primaria no continente e ilhas, regulando-a pela verba votada no ultimo orçamento, em 108:823$775 rs. Subtrahindo d'esta somma o que provavelmente se despende com a parte material das escholas, pouco excede a despesa de cada alumno a 1$600 rs. por anno.

É superior esta cifra á de outros paizes principalmente da Hollanda, Suissa, Escossia, e Prussia; porque a maior frequencia das escholas n'aquelles paizes diminue o custo de cada um dos alumnos, ainda dado o mesmo ordenado do professor. Mas não é tanta a differença, como á primeira vista parece; porque saindo da bolsa dos alumnos uma parte dos vencimentos dos professores, os ordenados pagos pelo estado, ou pelas municipalidades, são inferiores aos nossos.

Nem fará alterar estes calculos o facto de que nem todos os alumnos, inscriptos nos respectivos mappas, frequentam todo o anno; sendo certo que nas freguezias ruraes se empregam nos trabalhos do campo, e não frequentam as escholas, grande parte do anno, os alumnos das classes laboriosas; por que esta mesma nota se encontra nos relatorios, e trabalhos estadisticos de todos os outros paizes.

Avaliando a *intellectualidade* das differentes provincias do reino pela frequencia e aproveitamento d'estas escholas primarias, apparece em resultado, que aquella está mais desinvolvida nas tres provincias do Minho, Trás-os-Montes, e Beira; e menos nas do Alémtejo, e Algarve. E acha-se este facto em harmonia com outro facto capital: nas tres primeiras provincias é aonde se encontram melhores professores em geral, e aonde os concursos são mais povoados de oppositores.

O ensino d'este ramo d'instrucção acha-se confiado a 1:235 professores; havendo um ajudante em cada eschola de ensino mutuo, e 46 substitutos em escholas de ensino simultaneo, cujos professores vitalicios se acham impedidos (mappa n.° 2). Naquelle numero se contam 46 mestras de meninas; e este pequeno numero indica, o quanto o sexo feminino ainda se acha desfavorecido na repartição do ensino publico.

Instrucção secundaria.

Repartido por lyceus e escholas dispersas pelas povoações mais notaveis do reino se acha este ramo d'instrucção. Ha 5 lyceus maiores em Lisboa, Porto, Evora, Coimbra e Braga: e acham-se estes completos, se exceptuarmos algumas cadeiras e substituições

que não teem achado concurrentes; e 3 cadeiras no lyceu d'Evora, uma no de Lisboa, e outra em Braga, que não teem sido postas a concurso, por não haver probabilidade de serem frequentadas, segundo as informações chegadas ao conselho.

Nos outros districtos acham-se constituidos os lyceus de Santarem, e Viseu, Angra, e Funchal; e aguardam a concessão d'edificio, para se constituirem, os de Leiria, Castello-Branco, e Portalegre. Em todas as outras capitaes de districto ha os elementos para se constituirem; mas não se teem ainda habilitado os antigos professores, com os exames e provas publicas das disciplinas, que o decreto de 20 de septembro de 1844 incorporou nas cadeiras, que regiam, para constituirem os cursos biennaes.

Annexas aos lyceus ha nas povoações mais consideraveis 79 cadeiras de grammatica e lingua latina, e 2 de philosophia racional e moral (mappa n.° 3).

São frequentes as representações que os povos dirigem a este conselho, pedindo a creação de cadeiras de latim. É natural o desejo nos paes de familias de habilitarem seus filhos á carreira, a que os destinam, sem o sacrificio de despesas, e da ausencia. O conselho porém, pesando, como deve, os interesses de todas as classes, não julga de conveniencia a multiplicação demasiada d'aquellas cadeiras; não só porque hoje, que a instrucção primaria tem alcançado maior desinvolvimento, se não póde justificar a necessidade d'aquelle ramo da secundaria, como complemento da primaria, outr'ora escassa e deficiente, senão tambem com o proposito de não desviar, da carreira propria de suas circumstancias sociaes, a muitos individuos que, fascinados com a instrucção da lingua latina, se julgam deprimidos e rebaixados com o destino á cultura das artes; provindo de tão infundada vaidade a falta de braços em muitos ramos de industria, de que a sociedade tirará mais necessarias e solidas vantagens. Accresce ainda a regularidade do ensino, que não é de esperar tanto d'uma cadeira só e isolada, como dos centros litterarios, estabelecidos nos lyceus. Assim que, no intuito de conciliar os interesses locaes com os geraes do estado, o conselho tem sido escrupuloso até em completar o numero das 120 cadeiras concedidas ao estudo da lingua latina.

A instrucção secundaria, Senhora, no estado, em que ella se acha entre nós, e com relação aos fins a que hoje póde ser destinada, não precisa de ser mais diffundida. Ninguem a procura só com vistas de se instruir; e os que a frequentam é para se habilitarem aos empregos. O desinvolvimento, que ella apresenta no paiz, habilita apenas para os estudos superiores e professionaes, e para a carreira ecclesiastica. A frequencia mingoada de alguns dos lyceus, e de muitas das cadeiras annexas, bem claramente o demonstra.

Não satisfaz ella assim ás necessidades publicas; porque, sendo certa a instrucção, que completa o desinvolvimento do espirito humano, e o habilita para as occupações mais ordinarias da vida, mal se póde conceber, que o consiga com os estudos classicos sómente. A agricultura, o commercio, e a industria demandam conhecimentos de ramos philosophicos indispensaveis. As sciencias naturaes com applicação ás artes devem ser uma parte integrante do ensino secundario. Assim o pensou e legislou V. Magestade no decreto de 17 de novembro de 1836, e prudentemente o regulou no de 20 de septembro de 1844, commettendo ás sabias lições do tempo, e da experiencia, a creação das disciplinas de sciencias industriaes nos lyceus do reino, conforme o exigissem as necessidades locaes.

É este o ponto a que hoje devem convergir as nossas attenções, em vez de multiplicar cadeiras de latinidade. Mas o ensino dos ramos industriaes no ponto de vista practico, que respeita á instrucção secundaria, carece do conhecimento dos methodos, e practicas seguidas nos povos illustrados, que ha muito nos precedem neste genero d'instrucção, com que teem enriquecido e nobilitado os seus paizes.

Os estabelecimentos da instrucção secundaria, que enviaram a este conselho os mappas da frequencia, foram os lyceus de Lisboa, Evora, Santarem, Braga, Coimbra; e 61 escholas annexas. O numero de alumnos nestes estabelecimentos foi de 2:098; sendo maior a frequencia em Braga e Lisboa, e muito insignificante em Santarem. A despesa do estado com estes estabelecimentos orça por 36:833$325, regulando-a pelas verbas votadas no ultimo orçamento: importando assim a despesa de cada alumno em 17$558$\frac{1}{4}$, e devendo ainda subtrahir-se d'esta cifra 1$920 rs. que cada um paga de propinas de matriculas.

Não se achará superior esta despesa á de outros paizes, em que todavia a frequencia é muito maior; porque tambem n'elles são maiores os ordenados dos professores, e mais despendiosa a administração litteraria; sendo que nesta despesa, não se ha de attender só aos encargos do thesouro, mas aos das provincias e municipios, que para ella concorrem.

Sente profundamente o conselho não poder calcular a frequencia neste ramo d'instrucção, com relação á população em geral, e á das provincias em especial. Faltam-lhe porém os documentos, em que deveria firmar os seus calculos.

Queixam-se alguns dos commissarios de

..

estudos, da facilidade com que em estudos superiores, e mórmente nas habilitações ecclesiasticas, são admittidos individuos com simples attestados de frequencia em escholas particulares: fazendo este abuso diminuir muito a frequencia nos lyceus, em que se observa mais regularidade no ensino, e rigor de disciplina. No que é de estudos superiores, é chegado o prazo de se não admittirem a exames de capacidade, senão os alumnos que mostrarem approvação prévia nos lyceus. Na repartição ecclesiastica não deve consentir-se a indulgencia, sendo que nos funccionarios d'esta ordem é que se requer mais solida instrucção, e pureza de costumes. Julga pois o conselho de summa conveniencia, que se insinue aos prelados diocesanos o escrupulo, que deve observar-se em não admittir a exames os ordinandos, que não legitimarem o seu aproveitamento por documentos legaes e insuspeitos; dando-se preferencia aos habilitados nos lyceus.

É summamente attendivel a requisição, que alguns delegados do conselho fazem, d'um regulamento economico e litterario para os lyceus. O conselho, querendo proceder, como lhe cumpre, em assumpto de tanta gravidade, quiz de primeiro ouvir os votos dos principaes lyceus do reino, e resolver com madureza um negocio, em que a precipitação muito podia comprometter a instrucção. Ainda não recolheu os votos de todos os lyceus consultados; e logo que os obtenha, não se descuidará de um objecto, que tem incessantemente occupado a sua attenção. E por esta occasião permitta V. Magestade, que o conselho lembre a urgencia da resolução do projecto das habilitações dos professores de instrucção secundaria, remettido em consulta de 4 de março de 1845; porque deve esse trabalho fazer uma parte essencial do regulamento geral dos lyceus.

Mas o conselho tem desejado supprir com instrucções remettidas aos directores dos lyceus, a falta d'aquelle regulamento: e nunca podia receiar a notavel irregularidade que o reitor do lyceu de Santarem diz em seu relatorio ter havido neste estabelecimento, que no estado nascente devêra começar por dar provas de mais amor ás letras. O conselho porém espera, que poderá introduzir n'elle a devida regularidade, sustentando com firmeza e resolução a execução das leis.

Parece digna de attender-se a requisição do commissario d'estudos de Lisboa, d'um secretario para a sua repartição. A affluencia de negocios na capital, e n'um districto de grande extensão, parece tornar indispensavel a creação d'aquelle logar; que talvez, mediante alguma gratificação, possa ser desempenhado pelo secretario do lyceu. Tambem parece conveniente, á perfeição e commodidade no ensino, a lembrança proposta pelo mesmo commissario, de confiar o ensino de francez e inglez singularmente a cada um dos 2 professores d'essas linguas, que ha no lyceu de Lisboa.

A lembrança, que propõe o commissario d'estudos de Bragança, de se conceder o edificio do extincto convento de S. Francisco d'aquella cidade para casa do lyceu, é digna de ser tomada por V. Magestade na mais séria consideração; porque, sem esse ou outro qualquer edificio adequado, não será possivel installar aquelle lyceu.

A falta de edificios publicos para collocação das escholas tanto primarias, como secundarias, é ponto em que tocam todos os relatorios chegados ao conselho. A parte material das escholas merece de preferencia a mais séria sollicitude, pela influencia que tem sobre a parte intellectual e moral da educação. Escholas nas casas particulares dos professores, nem podem ser vigiadas tão livremente pelo publico e pelas auctoridades inspectoras, nem obrigam os professores á decencia e aceio, em que devem servir de espelho aos seus discipulos.

A representação, que faz o commissario da Guarda, sobre a necessidade de uma cadeira d'instrucção primaria em Quadrazaes, e da transferencia da cadeira de latim de Linhares para Manteigas, carece de mais pausada meditação. Em tempo opportuno proporá o conselho o que mais convenha.

Continúa.

A POESIA SLAVA MODERNA.

Continuado de pag. 142.

Bem extranho nos parece ter passado até aqui desapercebida a enorme influencia produzida pelos *gouslars* sobre os poetas sabios da Slavia contemporanea, não só em Belgrado e Agram, mas tambem em Praga, em Petersburgo e em Moscou. Se muitos delles se teem finalmente desviado da trilha cosmopolita, se teem voltado de novo ás côres locaes, á natural, ao singelo, ás inspirações nacionaes, devem-no ao *gouslo*. Para mostrar como os poetas illyrios e servios teem tomado os *gouslars* por modelo, o melhor meio é, como já dissemos, citar aqui e acolá alguns cantos populares, e fazer sentir como elles se reflectem na poesia dos salões. Limitar-nos-hemos neste intuito a algumas indicações essenciaes. Entre os Illyrio-Servios, tres poetas contemporaneos, Subbotitj, Stanko-Vraz e Ostrojinski; —na Russia, na Polonia e na Bohemia, Lermontof, Visniviski e Kolar, servir-nos-hão para characterizar a renascença da poesia slava, debaixo da influencia do *gouslo*, nos seus aspectos principaes. Como esta renascença teve

o seu principio entre os Illyrio-Servios, é bem que entre elles se estude primeiro.

De raça pura servia, Subbotitj tornou-se a gloria da voïevodia, em quanto Stanko-Vraz, natural da Styria, n'um sólo quasi completamente germanisado, educado nas escholas allemãs, achou em si bastante energia para arcar com os prejuizos de nascimento e de educação, e soube por impulso proprio remontar-se ás origens as mais puras da inspiração slava. Pelo que respeita a Ostrojinski, croata da borda do mar, o seu merecimento consiste em ter sido o primeiro que abriu aos contemporaneos a estrada da nova poesia. De Ostronjinski citarei apenas, como amostra, a sua ode sobre a origem do *gouslé*, intitulada *Uzrotsi*, palavra que se não póde traduzir nas nossas linguas racionalistas, mas que só por si involve uma philosophia inteiramente nova, porque comprehende na sua significação as causas e os prodigios, — dois factos identicos para todo o Slavo verdadeiro.

« Um bravo *iunak* atravessa a cavallo a floresta montanhosa; fatigado pára juncto de uma faia carcomida, prende a sua cavalgadura ao tronco da arvore, e, deitando-se á sua fresca sombra, adormece n'um somno profundo. Do concavo da faia que se entreabre, lhe apparece em sonhos a *vila*, e, com um sorrir divino, lhe diz: Heroe, filho d'heroes, lembra-te que lá em baixo, nas planicies, definham os teus irmãos, escravos de extrangeiros: vae-te a libertal-os. » Elle ergue-se de um pulo, corre armado para seus irmãos, e consegue despedaçar-lhes as algemas. Não tardou que viesse o inverno cobrir com o seu manto de geada a floresta montanhosa. O joven vencedor torna a subir pelos atalhos conhecidos; busca a faia idosa inspiradora, debaixo da qual tivera a visão, derruba-a com o seu machado, fabrica um *gouslé*, e presentêa com ella um cego rapsoda da sua tribu, para lhe ajudar a cantar os bravos que deram a liberdade ao povo. O *gouslar* começa o seu canto heroico, mas estrêa-se invocando a *vila* da floresta, sem a qual o heroe se não lembraria de combater pelo livramento dos seus. Invoca a *vila*, joven e immortal, dos seus avós, que alcançou o triumpho da sua tribu, e a quem unicamente o heroe deveu a idêa de transformar a faia idosa no sagrado *gouslé* que perpetúa na terra o culto dos genios superiores. »

O Illyrio dos Alpes Stancko-Vraz desinvolveu nas suas baladas mais de um pensamento, que antes delle tinha já inspirado os *gouslars*. Basta comparar estas baladas com as peças mais ou menos analogas da collecção consagrada por Vuk ao *gouslo*. Entre os poemetos de Stanko-Vraz, escolheremos um intitulado o *Caçador*:

« Já os carvalhos perderam a folha; as nossas montanhas erguem ao ceo as suas cabeças calvas, como velhos que sentem rarear-lhes as ultimas cans. A buzina retine pelos bosques, o latir dos cães estruge os valles e os campos. Todo entregue ao prazer que o arrasta, um joven caçador passa a galope, perseguindo os gamos e as lebres. — No anno seguinte, ao despontar da primavera, as montanhas despidas de folhagem convidam o joven caçador a entregar-se de novo aos mesmos prazeres; mas já não é a caça quem o arrebata. Em roda delle tudo é silencio: a sua buzina coberta de pó está dependurada da parede; os seus libreos definham presos. É melhor caça a que persegue: suspira de amores por uma donzella. »

O canto popular citado por Vuk, que tracta o mesmo objecto, considera tambem a conquista do coração de uma mulher como a *melhor caçada (naibolii lov)* que o homem póde fazer cá na terra.

« Parti ao romper da aurora para ir caçar o veado nos nossos montados; e o sol que declinava já começava a lançar sobre mim a sombra dos verdes pinheiros. Eis que deparo, sozinha, deitada ao pé d'uma arvore, com uma linda donzella, com a cabeça sobre um feixe de trevo cortado de ha pouco, com duas brancas rolinhas sobre o seio, e um veadozinho a seus pés. Feliz com a minha preza, lá passei a noite. Dei ao meu cavallo o feixe de trevo para cear, ao meu falcão as duas rolinhas, aos meus cães o veadozinho, e guardei para mim a donzella formosa. »

Outra *piesna* collacionada por Vuk, mostra-nos debaixo do titulo: *Amor reciproco*, uma rapariga lavando a roupa da sua familia na torrente arrebatada. Seu amante que passa, vendo desenhadas na arêa do ribeiro os seus pés brancos como a neve, suspira ao vel-os, e pergunta-lhe se quer ser delle. « Oh! responde ella, se eu podesse ser tua, lavar-me-hia nesse dia com leite para me tornar ainda mais alva, esfregaria as faces com agua de rosas para as tornar ainda mais vermelhas, e apertar-me-hia com um cinto de seda para me tornar ainda mais esbelta. » Uma balada de Stranko-Vraz mostra-nos do mesmo modo a joven Bïelana, que, desde a aurora, se vai lavar á ribeira. O sol nascente reflecte no espelho do rio as suas fórmas encantadoras. Não se póde imaginar coisa mais linda. « Os seus olhos são duas estrellas que sáem scintillantes do seio de uma nuvem, suas faces são duas rosas que o sol acaba de entre-abrir, seus labios são tenros como uma maçã que começa de amadurecer. Ella mesma se admira mirando-se no crystal das aguas, e entra a dizer: — só me falta a corôa de casada, para que a minha belleza seja completa. — Sozinha, julgava que ninguem a ouvia; mas do pincaro de um rochedo, um mancebo que a admira e a escuta, corre para ella. Apresenta-lhe a corôa de desposada, e cobre-a de beijos, di-

zendo-lhe: Agora és minha para sempre!— Pela paschoa, depois de acabada a sancta quaresma, celebra-se o casamento, e Bielana ditosa caminha da egreja para casa de seu esposo.»

Dos tres poetas aquelle que transportou com mais successo a inspiração do *gouslo* para a poesia escripta foi Subbotitj. Para nos convencermos, basta comparar com os cantos do poeta illyrio os cantos populares collacionados por Vuk. As *Noites d'Inverno do bem-amado* inspiraram aos *gouslars* duas estrophes de uma perfeita naturalidade:

« O furacão nocturno sopra lá em baixo na planicie, lá em cima sibilla contra a fortaleza; mas na fortaleza uma joven desposada diz surrindo: soprae, aquilões, durante as compridas noites d'inverno.—Quando eu dormia em casa de meus paes, estendida sobre nove almofadas bem moles, tendo em cima de mim nove cobertas, então as noites mais curtas me pareciam compridas. Agora durmo juncto do meu *voino*, sôbre um só colchão, e com uma só coberta. As noites mais compridas parecem-me curtas.»

Vê-se bem que Subbotitj se lembrava d'estas estrophes na sua ode intitulada *Momtche i Grmliavina (O Amante e a Tempestade)*:

« O corisco rasga as nuvens, o raio fende os ceos. Troae, trovões, brilhae relampagos scintillantes, para illuminar o atalho que vai dar a casa da minha amada! Afugentae os maus olhos para que nenhum maldizente me presinta, e eu possa acalental-a nos meus braços até á aurora.—Redobra o vento, arranca iroso o colmo das choupanas, desfaz os tectos e leva os seus destroços pelos ares, desarreiga as arvores que me cercam; mas eu, tranquillo, vou cantando os meus amores. As ribeiras vão cheias, e embaraçando-me o caminho, ameaçam de submergir-me na passagem. Todos os viventes erguem ao ceo um grito de angustia; mas no meio deste tumulo da natureza que a cada passo se me abre debaixo dos pés, o astro do amor me allumia, e desfaz com seus raios os terrores da morte. Canto o que mais amo, e se a terra neste momento me engulisse nos seus abysmos, eu morreria cheio todo de amor.»

As lamentações funebres sobre as campas dos mortos occupam um logar distincto nos cantos do *gouslo*.

« Desabou uma pedra da montanha de Buda; caindo no valle matou um mancebo, o formoso André. Ao chegar-lhe esta noticia, a pobre noiva d'André disse comsigo:—Ai! se eu me puzer a gritar, se eu repetir em tristes endeixas todas as virtudes do meu amado, as minhas endeixas repetidas de bôcca em bôcca, acabarão por passar para os labios sarcasticos desses que nunca amaram. Se para eternizar o seu nome, eu lhe erguer um mausoleo n'um longo poema impresso, o livro passará de mão em mão até chegar ás dos maus. Mais me val o calar-me, ó tu que devias ser meu esposo; e, longe do mundo, elevar-te dentro do meu coração magoado um tumulo que não possa ser manchado.»

Parece-me difficil encontrar cousa mais maviosa e ao mesmo tempo mais slava do que a seguinte elegia de uma das mães bosnias:

« Unica felicidade de sua mãe, o joven Konda morreu. Não podendo apartar-se do corpo de seu filho, a pobre mãe enterra-o juncto da sua habitação, n'um bosque de verdura. Debaixo de uma laranjeira de fructos dourados se ergue o tumulo de Konda. Todas as manhãs, a mãe desconsolada vai deitar-se sobre a campa, e conversa com a alma do seu filho.—Meu pobre filho, dize-me, a terra pesa-te muito? o teu peito está opprimido pelas taboas do teu caixão? Um som lastimoso e suave sái das entranhas da terra:—Não é o peso da terra, ó minha querida mãe, nem as taboas do meu caixão, que me opprimem; o que me atormenta, é a dor e a afflicção da minha noiva. Todas as vezes que ella chora, a minha alma geme nos ceos, e quando chega a desesperar-se, os meus ossos quebram-se em batendo uns nos outros dentro do tumulo.»

Em Subbotitj encontra-se um canto funebre, que por todos os motivos, tem o seu logar marcado a par d'esta endeixa tocante; intitula-se o *Orvalho*, é do orvalho do coração de que se tracta:

« Que figura é aquella que, á tarde e de manhã, se vê sentada aos pés da cruz musgosa? será acaso a de uma menina que perdeu por aqui um annel de pedras preciosas, ou alguma prenda rica? Ou antes a de um amante que vem encontrar-se aqui com o anjo dos seus pensamentos?—Não é uma menina que procura um objecto perdido, nem um amante procurando aquella que guarda a sua fé; é uma pobre mãe que vem chorar sobre o tumulo de seu filho unico. Aqui vem todos os dias desfazer-se em pranto. Das suas lagrimas, umas, derramadas quando nasce o sol, são para chorar o filho que já não existe; as outras, derramadas quando o sol se põe, são para conjurar a Deus que a leve tambem para si. As lagrimas que derrama, para pedir aos ceos que a reunam a seu filho, brilham ao luar como as perolas mais puras; e as lagrimas que derrama sobre a morte de seu filho, sobem, orvalho ardente, nos raios da aurora, que as levam para Deus.»

Continúa.

METEOROLOGIA.

A distribuição do calor á superficie do globo terrestre é um dos pontos mais transcendentes da meteorologia, e o que offerece

talvez maiores difficuldades, em razão do grande numero de factos, que abrange, e do pequeno numero de leis conhecidas, que estabelecem as suas relações. Para resolver completamente esta questão, seriam necessarias longas series d'observações em todos os pontos do globo; observações, de que a sciencia ainda carece, não obstante as numerosas viagens scientificas, feitas por physicos distinctos em todos os mares e em differentes paizes. Creada no principio do seculo actual pelo barão de Humboldt, a cujos interessantes trabalhos deve a sua origem, esta parte da physica está ainda longe do grau de perfeição, a que outras teem chegado. Teem com tudo os physicos dado tamanha importancia a este objecto, que não ha precaução, que se não tenha tomado na avaliação da temperatura do ar, a fim de que os resultados obtidos se possam haver por exactos. Esta consideração e a leitura d'uma nota de Mr. Le Verrier na occasião, em que apresentára á academia das sciencias de Paris um resumo das observações meteorologicas, feitas nos mezes de janeiro, fevereiro, março e abril do corrente anno, moveram-nos a dizer alguma cousa sobre o assumpto.

Os thermometros liquidos, sendo de um uso facil e commodo, são por isso mesmo os que se empregam geralmente nas observações meteorologicas. A regularidade das dilatações do mercurio dentro dos limites ordinarios da escala thermometrica, sobre outras muitas vantagens, torna os thermometros construidos com este metal preferiveis a todos os outros; são com tudo indispensaveis os de alcohol na avaliação de temperaturas muito baixas. Para se poder fazer uso d'estes thermometros, é necessario que sejam graduados por comparação com um bom thermometro de mercurio entre 0° e 25°, em razão da irregularidade das dilatações do alcohol em temperaturas um pouco elevadas. Assim graduados, teem estes thermometros a vantagem de serem muito mais sensiveis, do que os de mercurio, e podem ser empregados, sem erro sensivel, na determinação de todas as temperaturas inferiores a 35.°

No emprego dos thermometros liquidos, é mister não perder de vista que o zero da escala é sujeito a deslocar-se com o tempo, quando se tomam por pontos fixos, na graduação do instrumento, as temperaturas do gelo fundente e do vapor da agua fervente; e que deslocações similhantes teem tambem logar, quando se submette o thermometro a uma temperatura elevada. Nas observações, em que se precisa sómente de certa approximação, usa-se de thermometros d'escala fixa, graduados muitos mezes depois da sua construcção, a fim de que o zero da escala não possa soffrer variações sensiveis; nas investigações, que exigem muita precisão, empregam-se thermometros d'escala movel, que permittem verificar os pontos fixos de tempos a tempos.

Além d'estas, outras precauções são necessarias, para que os resultados das observações sejam exactos. Uma condição indispensavel é que o thermometro tenha pequeno reservatorio, para que as suas indicações sejam muito promptas. Não é menos importante que o thermometro esteja exposto ao norte e á sombra dos edificios, a fim de não ser influenciado pela irradiação das paredes aquecidas directamente pelo sol. Seria tambem conveniente, como adverte um physico[1] distincto, collocar o thermometro entre dois discos de madeira de grande diametro, que interceptassem a irradiação da terra e dos espaços planetares; o thermometro indicaria assim com maior exactidão a temperatura da camada d'ar, em que elle se acha.

No observatorio de Paris observa-se, ha muitos annos, a temperatura do ar com um thermometro de mercurio, munido d'escala de vidro, e abrigado da chuva por um tecto conico de metal. Este thermometro, fixado sobre um tambor de madeira, que póde gyrar em torno d'um eixo de ferro, é exposto directamente ao norte, e não recebe por conseguinte os raios do sol senão durante algumas horas desde o equinoccio da primavera até ao do outomno. Quando isto acontece, faz-se gyrar o tambor, e põe-se o thermometro á sombra. As observações são feitas ás 9 h. da manhã, ao meio dia, ás 3 h. da tarde e ás 9 da noite.

Mr. Le Verrier, receando que o thermometro, de que acabamos de falar, fosse influenciado pela irradiação das paredes do observatorio, massas consideraveis, que não tomam immediatamente a temperatura do ar, tractou d'esclarecer este ponto. Para isto, collocou ao lado do thermometro fixo outro thermometro, comparado com o primeiro, e ao qual se póde imprimir um movimento de rotação alternado e assás rapido, para augmentar, quanto é possivel, a influencia directa do ar sobre a temperatura do thermometro. As observações, começadas em março d'este anno, teem mostrado que as indicações dos dois thermometros não são comparaveis. No mez de março as indicações do thermometro fixo, ás 3 h. da tarde, foram quasi constantemente superiores ás do thermometro *gyrante*, sendo de mais d'um grau as differenças individuaes. O mesmo aconteceu em abril ás 3 h. da tarde, sendo pelo contrario as indicações do thermometro fixo ás 9 h. da noite um pouco inferiores ás do thermometro *gyrante*.

Mr. Le Verrier entendeu que devia registrar em columna separada os resultados obtidos

[1] Peclet.

com o thermometro *gyrante*, cujas indicações se devem considerar como mais proximas da verdadeira temperatura do ar. Desde o mez de março os mappas das observações meteorologicas, feitas no observatorio de Paris, trazem as temperaturas indicadas pelos dois thermometros. Veremos, se estes resultados são confirmados pelas observações, que se fazem no gabinete de physica da nossa universidade, para onde se mandára já vir um thermometro *gyrante*. As differenças, sendo muito consideraveis, merecem por certo a attenção dos physicos, e fazem crêr que darão origem a novos aperfeiçoamentos, que muito contribuirão para os progressos da sciencia n'esta parte.

S. G.

LIVROS SAGRADOS DOS INDIOS.

O RIG-VÉDA.

Passa de tres mil annos, que um pequeno povo pastor e guerreiro, partindo das planicies entre o mar Caspio, e o lago Aral, descêra das frias regiões da alta Asia, e se encaminhara para esse formoso paiz banhado pelo Idus, pelo Ganjes, e pelo Dejamounâ. Os Aryenos eram este pequeno povo.

Impellidos pelo instincto da emigração, buscavam resolutamente uma terra de promissão, uma nova patria, onde um ou dois seculos antes da expedição de Alexandre se achavam já estabelecidos com o nome de Indios. Este povo, porém, que a si mesmo dava o nome de veneravel — *âryas* — constituia unicamente um dos tres ramos da grande familia asiatica, iranienna, ou aryenna, cujo berço fôra a Chaldêa. Dos outros dois ramos permaneceu um no solo natal, foram os *Zendes* d'onde provieram os Medos, e Persas; o outro deu origem ás nações, que, seguindo desde o Caucaso as duas margens do mar negro, occuparam a Asia menor, e se espalharam em toda a Europa: foram os Gregos, Romanos, Celtas, Germanos e Slavos. Eis aqui em duas palavras a historia da raça japhetica, desses descendentes do filho segundo de Noé, dos quaes a Escriptura diz » Estes repartiram entre si as ilhas das nações, estabelecendo-se em diversos paizes, onde cada um teve sua lingua, as suas familias e o seu povo particular [1]. »

A philologia tem completamente confirmado as palavras da Escriptura sagrada, e demonstrado cabalmente o laço que entre si une todos os antigos e modernos idiomas falados pelos povos dos tres ramos da raça aryenna.

Não é, porém, só na linguagem que existem estas affinidades. O estudo da litteratura *sanscrita* [2] mostrou, que existiam as mais notaveis relações entre o genio destas nações asiaticas, e o dos povos do Occidente. Nos Aryenos da India dá-se esta tendencia para a reflexão e meditação, que produz a philosophia e a poezia; e a imaginação brilhante que é o apanagio dos povos japheticos. Os Aryenos não conseguiram menos que as mais celebres nações d'antiguidade, levando a luz da civilisação ao meio das tribus selvagens, e dos povos a quem impozeram suas leis, costumes, e linguagem. Como os Gregos, prezaram o sentimento da sua superioridade intellectual; e orgulhosos, como os Romanos, dilataram suas conquistas até aos confins do mundo então conhecido. Desgraçadamente para elles o isolamento em que se collocaram dos grandes povos, a quem no volver dos seculos coube uma parte brilhante nos destinos da humanidade, não lhes permittiu participar dos novos elementos, e das idèas regeneradoras, que completamente renovaram a face do mundo. Enervados por sua longa residencia sôb um clima tão benefico, e enlaçados no andar dos tempos com as raças indigenas, não souberam resistir ao poder invasor do islamismo. Oito seculos ha que começára para elles a era da sua decadencia, e todavia este longo periodo não lhes afrouxou o zelo pela conservação de suas tradições religiosas. No momento, porém, em que o imperio das novas idèas penetrára por uma força irresistivel no seio das mais antigas nações, e que aquellas tradições corriam risco de perder-se, foi a propria Europa, e particularmente os sabios inglezes, a quem se deveu a salvação dos mais venerados monumentos da litteratura sanscrita, e os brahmanes depositarios dos textos antigos consentiram em iniciar nos segredos do seu idioma sagrado esses europeus, cujo character e dedicação pelas sciencias lhes inspirára completa confiança [1].

O texto das leis de Manou, duas vezes impresso em Calcuta, fizera conhecer a organisação da sociedade aryenna dividida por *castas* dez seculos antes da nossa era, quando o brahmanismo estava no seu maior auge, e dominava a realeza pela supremacia da força espiritual sobre o poder temporal. As grandes epopeas o *Mahâbhârata*, e *Râmâyana*, verdadeira Iliada e Odyssêa destes povos adoradores dos heroes, mostram a altura a que chegára o genio poetico dos Indios.

Recentemente Burnouf, e Wilson publicaram dois *Pourânas* [2] mui importantes, e que podem considerar-se como *specimens* d'essas immensas miscellaneas, onde se encontram

[1] Genes. cap. X. v. 5.

[2] O *sanscrit* é a antiga lingua dos brahmanes, que ficou considerada a lingua sagrada do Indostão: distingue-se dos outros idiomas da India pela perfeição do seu mechanismo grammatical. Os Inglezes, e particularmente William Jones, foram os primeiros que excitaram a attenção dos sabios da Europa sobre o estudo do *sanscrit*.

[1] William Jones — Colebrooke — Wilkins, e outros.

[2] É o nome de muitos poemas em lingua *sanscrita*, que contém a theogonia e a cosmogonia dos Indios. Dezoito *Pouranas* tractam da creação e renovação dos mundos, da genealogia dos deuses, dos reinados dos Manous, e dos feitos de seus descendentes.

Becherelle, Diction. Nacion.

reunidas todas as descripções mythologicas com as legendas populares, que vogavam entre os Indios; o dogma e a poesia auxiliando-se mutuamente para animar os objectos physicos, e dar ás abstracções metaphysicas as fórmas corporeas. A philosophia speculativa e a dogmatica, o drama e o apologo favorito dos orientaes, em fim as suas chronicas maravilhosas, teem sido tambem publicadas em Inglaterra, França e Allemanha pelos cuidados e pelos esforços dos seus mais eminentes escriptores, e com o auxilio e protecção dos respectivos governos. É assim que na primeira metade d'este seculo a Europa tem feito as mais importantes e valiosas conquistas nos dominios da litteratura indiana. Entre tanto os quatro *Vedas*, ou os livros sagrados jaziam ainda manuscriptos na mão dos brahmanes ou nas bibliothecas da India e da Europa, e sem este auxilio, difficil senão impossivel fôra conhecer a fundo a primeira edade dos povos indianos. Debalde se procurára sua diversa origem, e as condições da sua primitiva existencia nos poemas e na compilação das suas leis, o passado perdia-se sempre de vista involvido em vaporosos mythos, e desapparecia como as illusões da *miragem*.

Os *Vedas*, porém, acabam de ser publicados, e traduzidos quasi na sua integra [1], e hoje, como diz um escriptor distincto, aquelle magestoso e profundo rio da litteratura sanscrita tem sido explorado até á sua origem.»

Continúa.

[1] *Rig-Veda-Sanhita* by Max. Müller. Oxford 1849 — 1854 = *Rig-Veda* par H. A. Wilson. vol. 1.°, Oxford 1850 = *Rig-Veda*, ou *Livre des Hymnes* traduit en français par Langlois 4 vol. 8 — Paris, 1848 — 1851 = *Des Vedas* par Barthélemy S.t Hilaire — 1 vol. Paris, 1854.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS SOBRE O NOSSO INSIGNE POETA LUIZ DE CAMÕES.

GONÇALO VAZ DE CAMÕES

TALVEZ TRONCO DOS SEGUINTES [1]

Continuado de pag. 153.

João Vaz de Camões, chamado nos documentos J. V. de Villa Franca, vivia em Coimbra em 1502

CASOU COM

1.ª Catharina Pires † em 1508

2.ª Branca Tavares, que cedeu um prazo que tinha com seu marido no sitio do Alvor, em sua irmã e cunhada, em frente

Pero Vaz de Camões que nos documentos se chama P. V. de Coimbra, casou no Algarve com Brites Gomes c. g. Ahi viveu em 1530

Philippa Tavares ficou com o prazo do Alvor por nomeação de seu cunhado e irmã c. c.

Gaspar Nicolas, escrivão das sizas nesta cidade

Simão Vaz de Camões — da 1.ª mulher
c. c.
1.ª Anna de Sá e Macedo [2]
2.ª D. Francisca . . . . [3] depois de viuva casou com o Dr. Roque Pereira Tavares [4]

Isabel Tavares da 2.ª mulher
c. c.
Alvaro Pinto.
s. g.

Antonio Tavares, escrivão como seu pae c. c.
Maria Rodrigues, e viveram nesta cidade com mais parentes.

Luiz de Camões † solteiro, em 1579.

Pedro Tavares, o qual casou nesta cidade com F. . . .

Anna Tavares, que casou com Giraldo Lopes 2.° marido, e teve do 1.° matrimonio

---

Uma doida que † em 1643. s. g. e passou o prazo a um filho do padrasto por nome Luiz Lopes de Moraes. Desta sorte terminou nesta cidade a casa dos Camões, e de seus parentes.

[1] Digo talvez por não constar dos documentos quem verdadeiramente seja pae dos dois irmãos. Vej. a memoria do cit. bispo de Viseu.

[2] Foi a mãe do poeta, conforme o citado bispo de Viseu tom. 1 pag. 28.

[3] Assenhoreou-se do prazo das casas da rua dos Coutinhos, por ter ficado herdeira de seu marido Simão Vaz. Documento n.° 4.

[4] Já tinha fallecido o poeta.

DOCUMENTOS

EXTRACTADOS DOS LIVROS DE EMPRAZAMENTOS DA SÉ DE COIMBRA NOS LOGARES ABAIXO APONTADOS.

I.

Aos 16 dias do mez d'agosto do anno do nascimento de N. S. J. Christo de 1530 annos em a cidade de Coimbra, dentro na sé della em cabido chamados a elle os srs. Degnidades e Conegos ao deante nomeados; e bem assi estando o muito honrado João Vaz de Villa Franca, cavalleiro cidadão da dita cidade, e em ella morador, logo por elle foi apresentado um instrumento de renunciação, e trespassamento assignado em puvrico, de que o traslado delle de verbo a verbo é tal como se segue = Saibam quantos este estrumento de renunciação, e trespassamento virem, que no anno do nascimento de N. S. J. Christo de 1530 annos, aos 12 dias do mez de junho do dito anno em a villa de Lagos, nas casas da morada de Pero Vaz de Coimbra, escudeiro do sr. conde de Monsanto, estando elle hi de presente e Brites Gomes, sua mulher, logo por elles *foi* dito que era verdade que elles traziam por titulo de prazo umas casas, que estão na rua que vai para o chão de Joane Mendes, na cidade de Coimbra, as quaes são foreiras á sé e cabido da dita cidade, no qual prazo elle dito Pero Vaz era a derradeira pessoa, e que consirando elle como ora vivia neste reino do Algarve, e João Vaz de villa Franca, cidadão e seu irmão; que presente estava morava na dita cidade de Coimbra, disseram elles ditos Pero Vaz, e a dita sua mulher que a elles lhes aprazia, e de facto aprouve de renunciar a dita vida e direito que tem nas ditas casas, nas mãos delles ditos srs. Denidades, e Conegos e cabido da dita sé, com tanto que a dita vida e casas, fique e se traspasse ao dito João Vaz, seu irmão, por se seguir mais utilidade e proveito ao dito cabido por o dito João Vaz ser mais velho, aos quaes srs. Denidades e cabido pedem por mercê que hajam por bem de fazer a dita trespassação ao dito João Vaz, por quanto a elle dito Pero Vaz, e a dita sua mulher lhe apraz de hoje para sempre de renunciarem, e trespassarem a dita vida com todo seu direito que nas ditas casas tem no dito João Vaz, e por este se obrigam a terem e a cumprirem, e a haverem por bem todo o que o dito cabido fizer ao dito João Vaz, seu irmão, sob obrigação de seus bens moveis e de raiz que para elle obrigaram. E em testemunho de verdade mandaram dello ser feito este estromento de renunciação e traspassamento. Testemunhas que foram presentes Alvaro Diz, cavalleiro, e Alvaro Fernandes, creado do dito João Vaz, e Rui Bertes, cavaleiro, que assignou por a dita Brites Gomes, e por si e por outros. E eu Vicente Lourenço, pruvico tabelião por elrei nosso senhor em esta villa de Lagos, que este escrevi, e aqui meu pruvico sinal fiz que tal é. = Segue-se o emprazamento e traspasse feito entre o cabido e o dito João Vaz, irmão mais velho de Pero Vaz, das casas da rua dos Coutinhos, a favor delle João Vaz, e de sua mulher Branca Tavares, e para um filho ou filha d'entre ambos, etc. *(L. 8 dos emprazamentos fl. 58.)*

II.

Saibam quantos este instrumento virem como aos 3 dias de agosto de 1552 dentro na sé cathedral de Coimbra, estando presente os srs. Degnidades e Conegos, estando hi Simão Vaz de Camões, fidalgo da casa d'elrei nosso senhor, por o qual foi dito em presença de mim tabelião pubrico, e das testemunhas ao diante scriptas que era verdade que Isabel Tavares sua irmã, trazia por titulo demprazamento em tres vidas um assento de casas e quintal nesta cidade, que pertencem ao dito cabido, as quaes lhe ficaram per falecimento de João Vaz, seu pae, que sancta gloria haja, cidadão desta cidade, as quaes lhe o dito cabido ennovara a dita sua irmã, e ella era ora nas ditas casas e quintal a primeira vida, e dellas pagava de pensão em cada um anno ao dito cabido mil reis em dinheiro e dois capões: as quaes casas estão na freguezia da dita sé, e partem de um cabo com Jeronymo Salvago, conego na dita sé, e do outro com quintal do Protonatario Heitor Roiz de Gouvêa, conego outro si na dita sé, e por detraz entestam em casas do licenciado João Vaz, e por deante partem com rua puvrica, e com outras confrontações com que de direito devem partir, dizendo elle mais Simão Vaz de Camões, que elle casara ora a dita sua irmã e lhe dera a maior parte de sua fazenda em casamento, por a qual razão ella com seu marido Alvaro Pinto lhe fizera doação das ditas casas, pera que elle as houvesse e innovasse em si pera o que lhe fizeram procuração, e nella lhe deram todo o seu comprido poder para que elle Simão Vaz em seu nome delles Alvaro Pinto, e Isabel Tavares, sua mulher, renunciasse as ditas casas na mão do dito cabido e directo senhorio dellas, para que lhes innovassem a elle Simão Vaz, e lhe fizessem novo titulo dellas, segundo logo hi mostrou por o dito estromento de doação e procuração que anda neste livro de notas de mim tabelião, etc. E visto todo pelos ditos srs. Denidades, Conegos e cabido, disseram que elles recebiam em si a dita renunciação do dito assento de casas e quintal, e desobrigavam aos ditos Alvaro Pinto e sua mulher dos encargos em que eram ao dito cabido etc. *(L. 12 fl. 31 e 32.)*

III.

Saibam os que este pubrico instrumento de novo emprazamento em tres vidas pola maneira adeante declarada virem, que aos 22 dias do mez de setembro de 1570 annos, em esta cidade de Coimbra e casa do cabido da sé cathedral della, onde estavam presentes os muito magnificos srs. Denidades e Conegos e cabido adeante nomeados, e nesta nota assignados: e outro si estando hi presente o sr. Simão Vaz de Camões, fidalgo da casa d'elrei nosso senhor, e ora morador na cidade do Porto, por elle foi dito que elle no cabido passado fizera uma petição na qual lhe fôra dado um despacho de que todo o traslado de verbo ad verbum é o seguinte. Muito illustres srs. Diz Simão Vaz de Camões que elle possue per titulo de emprazamento de vossas mercês umas casas, que tem á rua do Adeão em tres vidas, em que elle é a 1.ª, as quaes são um sitio muito grande antigo, e muito arruinado, que quasi estão no chão como dirão os srs. que as foram ver, e estão de maneira que se se não fizerem de novo se perderão de todo, e por que elle supplicante se quer vir viver a esta cidade, e fazer no dito sitio umas casas nobres em que se obriga gastar 300$000, sem os quaes se não podem fazer, e inda com muito mais, no que vossas mercês recebem muito proveito por razão dos dizimos que elle supplicante ha de pagar de sua fazenda por ser seu freguez e vassalo. Pede a vossas mercês havendo respeito ao sobredito lhe deem mais cinco vidas além das vidas que tem, as quaes não paguem mais pensão, que a que tem, que são mil reis e dois capões, que é muito grande fôro pera o dito sitio e gasto que se ha de fazer. Despacho. Apraz ao cabido havendo respeito á calidade do supplicante e vistas as razões em sua petição declaradas, que gastando elle em quatro annos cem mil reis, e em mais dois annos os 200$ que ficam nestas casas de lhe darem mais tres vidas das tres que agora tem, as quaes correrão acabadas as tres que tem, com obrigação .... que cada uma das ditas vidas que for nomeada dentro em um mez se virá apresentar em cabido com a nomeação que tiver, sob penna de lhe não valer coisa alguma, e as ditas casas ficarem vagas, e devolutas a nós e á nossa meza capitular: como tambem ficarão vagas e vagarão falecendo a pessoa que for viva sem nomear .... D'esta maneira lho faz, aliás não. —O licenciado Francisco Pessoa, conego e escrivão do dito cabido o fez por seu mandado aos 20 de setembro de 1570 annos. O chantre Pero Brandão. A qual petição assi feita e trasladada ficou em poder do dito Simão Vaz de Camões, o qual disse mais que as sobreditas casas estão na dita rua do Deão freguezia da dita sé, e partem de um cabo com casas de Jeronymo Salvágo, conego della, e da outra com quintal que foi do protonatario Heitor Rodrigues de Gouvêa, conego que foi na dita sé, que Deus haja, e por detraz entestam em casas dos herdeiros do licenciado João Vaz, e por deante partem com rua pubrica e com outras confrontações.... estas são as conteudas no titulo que tem do dito cabido, porque é elle Simão Vaz nas ditas casas a primeira vida, como delle constou por o presentar, e que ora pedia lhe fizessem novo titulo de emprazamento conforme ao despacho atraz. O que visto por elles senhores, disseram em presença de mim tabellião e testemunhas adeante nomeadas que por todo o sobredito passar assi e na verdade, e o cabido ter feito vedoria nas ditas casas, e se achar que estavam muito danificadas, e que fazendo o supricante e inclino Simão Vaz as ditas bemfeitorias, seria muito em proveito e utilidade da sua meza capitular, assi pela nobreza da propriedade, e terradegos e dizimos que se aquiriam por estarem na freguizia da dita sé, e deferindo á calidade de sua pessoa delle Simão Vaz, e por outros justos respeitos, que os a isso moviam e conforme ao dito despacho lhe emprazavam, e defeito emprazaram as ditas casas, etc. *(L. 14 dos emprazamentos fl. 20.)*

IV.

Anção dada ao sr. licenciado Francisco Pessoa nosso irmão das casas que foram de Simão Vaz Camões que estão defronte das suas.

Aos 7 de novembro de 1584, sendo chamados para cabido se deu anção ao sr. licenciado Francisco Pessoa, nosso irmão pera poder tirar e demandar ao Dr. Roque Pereira, *e sua mulher D. Francisca, como herdeira e successora de seu marido Simão Vaz Camões, que Deos tem, umas casas* de que o cabido é directo senhorio que estão junto com as do sr. Jeronymo Casco, e defronte das que elle sr. Francisco Pessoa vive, pera o que lhe dão todo o direito, que pera as poder tirar, tem ou por vagas, ou por qualquer outro direito, que o cabido, ou sua meza capitular tem, porque todo trespassam nelle pera este effeito, por acharem ser isso proveito da casa, e si obrigou as custas; e elle assi aceitou. E mandarão fazer este assento e assignou comigo. —Antonio Moutinho, Francisco Pessoa. — *(Accordão do cabido. L. 6 fl. 131. vers.)*

V.

Ao derradeiro de janeiro de 1605 annos fez o Dr. Roque Pereira Tavares uma petição ao cabido, em que narrou que sua mãe Antonia Tavares o nomeou em testamento em umas casas prazo do cabido que estão a S. Christovão, em as quaes casas se meteu de posse

dellas Antonio Manso, cunhado do dito Roque Pereira, para que vindo o dito Antonio Manso ou sua mulher pedir innovação das ditas casas, se não faça nem defira, sem mandarem dar vista ao dito Roque Pereira: o que visto pelo dito cabido mandaram que se não faça titulo algum sem se dar vista ao dito Roque Pereira, para certeza do sobredito fiz eu Vasco d'Almeida este assento no dito dia mez e anno, em que assinou o sr. Deão. — Vasco d'Almeida. (*L.* 8 *dos accordãos fl.* 67.)

VI.

Anno do nascimento de N. S. J. Christo de 1628 aos 14 dias do mez de janeiro na sé cathedral della onde estavam especialmente congregados os srs. Dignidades e Conegos, etc., e sendo presente Manoel Corrêa morador na sua quinta de Lordemão por elle foi dito que entre os mais bens e propriedades de que o dito cabido e sua meza capitular era senhorio, bem assi era uma murada de casas, que elle tinha e possuia na rua de S. Christovão da dita cidade prazo do dito cabido que nelle nomeara o Dr. Roque Pereira Tavares, as quaes casas partiam da do soão com quintal das casas de Marçal de Macedo cidadão da dita cidade, e da banda do sul com casas do mesmo Marçal de Macedo, e do aguião com rua publica que vai de S. Christovão para a sé, e com as mais confrontações com que de direito deviam partir, e que per entender que as vidas do dito prazo eram acabadas pedia a elles senhores lhe fizessem mercê de lhe renovar as vidas do dito prazo havendo elle de ser a primeira com poder de nomear a segunda, e a segunda a terceira até hora da sua morte: o que tudo assi visto, disseram que por já ter precedida neste caso verdadeira informação haviam por bem que se lhe fizesse novo titulo etc. (Extrahido do *L.* 19 *dos prazos a fl.* 154.)

BIBLIOGRAPHIA.

ELEMENTOS DE DESENHO LINEAR PARA USO DO REAL COLLEGIO URSULINO DE COIMBRA. 1 VOL. EM 8 COM FIG. COIMBRA 1853.

A falta de compendios adaptados para uso das escholas primarias é um dos maiores obstaculos, que entre nós se oppõe ao adiantamento d'este importantissimo ramo da instrucção publica. Nas mais cultas nações tem-se procurado com todo o cuidado popularisar as differentes sciencias, tornando-as accessiveis a todas as intelligencias por meio de manuaes e compendios de principios elementarissimos d'essas sciencias, que mais util applicação teem nos usos da vida, ou que servem de proveitosa habilitação para maiores estudos. Mas o que sobre tudo até hoje tem ficado em mais lamentavel esquecimento, ou antes reprehensivel falta, é a instrucção do sexo feminino. E os raros collegios de educação de meninas, dignos d'este nome, que entre nós existem, careciam completamente de livros proprios para o ensino das suas educandas, e não fòra facil, nem talvez conveniente supprir esta falta com livros extranhos, que ou por mui volumosos, ou porque suppõem maiores conhecimentos, do que realmente se podem adquirir no estado, em que se acha a nossa instrucção primaria, são menos proprios para o fim, que se deve ter em vista no ensino do sexo feminino.

Annunciamos por isso com satisfacção os novos *Elementos de desenho linear* ordenados com toda a precisão e clareza, para servirem de thema ás lições, que sobre este assumpto se explicam ás meninas principiantes no collegio ursulino de Coimbra.

O modesto A. mui singelamente declara o fim, que se propozera neste seu *opusculo* nas palavras, que aqui copiamos.

« Levou-nos a este pequeno trabalho a consideração de que lhes faltava um livro em linguagem, que fosse adaptado ás circumstancias d'aquelle estabelecimento. Como só era para servir de introducção a estudos mais amplos, démol-o á estampa tão compendioso, deixando para obra mais auctorisada e competente, o maior desinvolvimento d'estes principios, e a sua applicação aos bordados e ornatos das senhoras, na qual se devem exercitar as meninas mais adiantadas. »

Estes elementos são divididos em duas partes; a primeira comprehende o desenho linear a olho, e tracta das linhas, superficies e solidos: a segunda parte é dedicada ao desenho linear graphico, comprehendendo a resolução de alguns problemas geometricos.

Era muito para desejar que outros imitassem o exemplo do illustrado A. dos *Elementos de desenho linear*, e que sobre tudo no que respeita aos diversos ramos das sciencias physicas, e historico-naturaes se dessem á modesta, mas utilissima tarefa de estampar em linguagem os elementos d'aquellas sciencias, ordenados de modo, que servissem de recreio, e proveitosa instrucção á numerosa classe dos alumnos de ambos os sexos, que frequentam as escholas, e collegios de instrucção primaria.

J. M. DE ABREU.

A observação do coração humano é um manancial perenne para a litteratura.

M. STAEL.

A corrupção é o maior obstaculo para o progresso dos destinos humanos.

BALANCHE.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE THEOLOGIA.

1853—1854.

1.° ANNO. — 1.ª CADEIRA.

HISTORIA ECCLESIASTICA.

Lente — *Dr. Joaquim Cardoso de Araujo.*

COMPENDIO — F. A. LOBO, RESUMO DA HISTORIA DA EGREJA DO ANTIGO TESTAMENTO, COIMBRA 1827. — DANNENMAYR, INSTITUTIONES HISTORIAE ECCLESIASTICAE NOV. TEST., CONIMBRICAE 1826.

A. Isagoge da Historia. Sua noção — divisão — utilidade — fim — objecto. Fontes historicas — especies — auctoridade. Historia litteraria — Bibliographia historica.

B. Historia da Egreja do A. Testamento. Creação do mundo — quéda de Adão e Eva. Diluvio. Vocação de Abrahão. Patriarchas. Moysés — instituição e leis do povo judaico. Juizes — reis — divisão do reino. Reis de Israel até á destruição do reino por Salmanazar. Reis de Judá até ao captiveiro de Babylonia. Restituição dos Judeus — governo dos summos sacerdotes — Machabeus. Ambições e contendas por causa do governo. Herodes rei.

C. Historia da Egreja do N. Testamento.

1. Periodo primeiro desde J. C. até Constantino Magno.

a. Jesus Christo — sua doutrina — morte — resurreição — ascensão. Apostolos — seus trabalhos — egrejas apostolicas. Prégação do Evangelho — causas, que a favorecem — difficuldades, que encontra. Perseguições.

b. Constituição da Egreja — pontifice romano — sua primazia — bispos — presbyteros — diáconos. Eleição dos ministros sagrados. Successão dos bispos nas principaes egrejas. Concilios. Padres. Escriptores ecclesiasticos.

c. Doutrina Christã. Disciplina. Ritos. Costumes. Influencia da Religião nos costumes publicos.

d. Controversias. Scismas. Heresias. Gnosticos. Manicheus.

2. Periodo segundo desde Constantino até Carlos Magno.

a. Os Imperadores protegem a Egreja. Conversão dos Barbaros.

b. Privilegios e poder do clero — causa e origem d'este poder. Principio do poder dos papas sobre os principes, — patriarchas — exarchas, etc. Auctoridade do romano pontifice. Influencia dos principes nas eleições dos bispos. Concilios ecumenicos — sua auctoridade. Padres. Escriptores ecclesiasticos.

c. Disciplina — ritos — mais — e mais pomposos. Costumes. Influencia da Religião sobre a sociedade, e especialmente sobre a legislação e costumes. Monges — sua origem e especies — seu augmento — influencia.

d. Controversias — scismas — diverso modo de proceder da Egreja contra os herejes. Arianos. Pelagianos.

3. Periodo terceiro desde Carlos Magno até Gregorio VII.

a. Conversão (ás vezes violenta) dos povos do Norte. A seita de Mahomet no Oriente — na Africa — na Hespanha.

b. Grande poder do clero. Os bispos senhores feudaes. Origem das investiduras. Os bispos nomeados pelos principes — inconvenientes e escandalos d'estas nomeações. Ignorancia da Europa. Trabalhos dos monges.

c. Ritos supersticiosos. Lendas — actas falsas — abuso das reliquias e das perigrinações. Corrupção dos costumes. Simonia escandalosa. Incontinencia do clero.

d. Controversia sobre o culto das imagens. Scisma dos Gregos — seu pretexto — verdadeira causa.

4. Periodo quarto desde Gregorio VII. até Luthero.

a. Cruzadas — seus bens e males. Ordens militares — seus abusos. Templarios. O Christianismo se propaga no sul da Africa — na India — na America.

b. Poder papal. Guerras sobre as investiduras. Juizo sobre Gregorio VII. e suas reformas. Necessidade de reforma. Concilio de Constança — de Basiléa — de Ferrara e de Florença.

c. Scholastica — sua influencia. Restauração das letras. Pontifices mais illustres.

d. Scisma do Oriente. Clemente V. em Avinhão. Scisma do Occidente — graves males, que elle causa.

e. Abachard — Albigenses — inquisição.

5. Periodo quinto desde Luthero até ao fim do seculo 18.°

a. Estado politico e litterario da Europa — corrupção dos costumes. Leão X. — indulgencias — Luthero.

b. Revolução religiosa — suas verdadeiras causas — seus effeitos quanto á Egreja e quanto ao Estado.

c. Progressos do Protestantismo. Dieta de Worms — de Spira — confissão d'Ausbourg — Zwinglio — Calvino — guerra dos 30 annos. Paz de Westphalia.

d. Projectos de concordia — concilio de Trento — juizo sobre elle.

e. Henrique VIII — scisma anglicano.

f. Jesuitas — Jansenistas — Quietistas.

g. Resumo da historia da Egreja reformada.

2.ª CADEIRA.

THEOLOGIA DOGMATICA GERAL.

Lente — *Dr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello.*

COMPENDIO — J. PRUNYI, SYSTEMA THEOLOGIAE DOGMATICAE CHRISTIANO-CATHOLICAE, CONIMBRICAE 1848.

A. Prologomenos. Noção — divisão — objecto — fim — excellencia — necessidade — subsidios da Theologia Dogmatica. Sua historia litteraria.

B. Theoria da Religião:

1. Em geral. Sua noção — divisão — possibilidade — necessidade.

2. Em particular:

a. Religião natural. Sua noção — possibilidade e insufficiencia.

b. Religião revelada. Sua noção — divisão — possibilidade — necessidade — criterios.

3. Das religiões falsas.

C. Theoria das fontes, ou logares Theologicos.

1. Primitivos:

a. Escriptura. Sua authenticidade — veracidade — integridade — inspiração — sentido.

b. Tradição. Sua noção — divisão — valor — regras.

2. Derivativos. Concilios, principalmente os geraes: bispos, principalmente o romano pontifice: padres, prin-

cipalmente os dos primeiros seculos: symbolos, principalmente os antigos. Liturgia. Prescripção.

3. Subsidiarios. Historia. Philosophia natural e racional. Direito canonico e civil.

D. Theoria da Egreja:

1. Sua noção — instituição — fim — visibilidade — perpetuidade.

2. Suas notas — applicação d'estas ás differentes egrejas

3. Sua auctoridade objectiva e subjectiva.

4. Seus direitos e prerogativas.

5. Seus membros e hierarchia.

2.º ANNO. — 3.ª CADEIRA.

THEOLOGIA DOGMATICA ESPECIAL.

Lente — *Dr. José Gomes Achilles.*

COMPENDIO — J. PRUNYI, SYSTEMA THEOLOGIAE DOGMATICAE CHRISTIANO-CATHOLICAE, CONIMBRICAE 1848.

A. Noções previas. Verdadeira noção da Theologia Symbolica. Historia especial d'esta parte da Theologia — sua relação com a Dogmatica especial — noção e principio d'esta — sua historia. Definição e condições do Dogma. Differentes methodos seguidos na sua exposição — historico — demonstrativo — polemico. Vantagens do que reunir todos estes elementos. Mysterios e sua possibilidade. Artigos fundamentaes e não fundamentaes dos Protestantes. Exposição e refutação do indifferentismo, ou tolerancia religiosa. Symbolos — livros symbolicos.

B. Unidade de Deus — Dualismo — Polytheismo — Pantheismo. *Essencia de Deus — attributos de Deus.*

C. Noção da Trindade — crença da Egreja n'este Dogma — sua importancia. Denominação e divindade do Pae — do Filho — do Espirito Sancto. Distincção real das tres Pessoas. Processões e outras como propriedades do mysterio.

D. Incarnação.

1. Contra os Judeus: promessa do Redemptor contida no A. Testamento — analyse e exposição de todas as prophecias n'elle contidas, e que dizem respeito ao Messias. Epochas — notas characteristicas — officios ou munus do Messias. Jesus de Nazareth é o verdadeiro Messias.

2. Contra os hereges: Jesus de Nazareth é verdadeiro Deus e verdadeiro homem — duas naturezas — vontades e operações de Christo. Christo é filho proprio de Deus. Maria mãe de Christo é mãe de Deus — sua virgindade. Humanidade de Christo unida hypostaticamente ao Verbo — culto que lhe é devido. Communicação de idiomas. Morte e sepultura de Christo — reflexões á cerca da sentença da sua condemnação — refutação de J. Salvador. Descida aos Infernos — resurreição — ascensão de Christo aos Ceos — seu assento á dextra do Padre.

E. Morte imposta a todos os homens. Juizo particular. Destino dos justos — dos condemnados — Purgatorio — Communhão dos Sanctos — seu culto — culto das imagens — das sagradas Reliquias. Resurreição dos corpos — Juizo universal.

N. B. Neste segundo anno os alumnos de Theologia frequentam a aula de Direito Natural, ou Philosophia de Direito na Faculdade de Direito.

3.º ANNO. — 4.ª CADEIRA.

CONTINUAÇÃO DA THEOLOGIA DOGMATICA ESPECIAL.

Lente — *Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo.*

COMPENDIO — J. PRUNYI, SYSTEMA THEOLOGIAE DOGMATICAE CHRISTIANO-CATHOLICAE, CONIMBRICAE 1848; *e simultaneamente* — F. L. B. LIEBERMANN, INSTITUTIONES THEOLOGIAE, MOGUNTIAE 1844.

A. Primeira parte.

1. Creação — do mundo — tirado do nada. Exame das diversas opiniões sobre a historia da creação referida por Moysés — fim — conservação — governo do mundo — Providencia.

2. Anjos — sua existencia — natureza — excellencia — dotes — ministerios — quéda.

3. Homem — sua creação — natureza — dotes — destino. Decadencia dos primeiros paes — exame critico da historia da quéda primitiva referida por Moysés. Peccado original — universalidade da sua transfusão — opiniões diversas á cerca da natureza e modo da propagação do peccado original — J. Christo, e a Virgem mãe de Deus são d'elle exceptuados.

B. Segunda parte.

1. Graça e suas especies — importancia d'esta doutrina, e sua difficuldade — controversias famosas á cerca da graça. É a *questão philosophica entre a liberdade e a* fatalidade.

2. Graça actual — sua necessidade para toda e qualquer obra salutar. — graça efficaz — não prejudica a liberdade. Pontos definidos pela Egreja — appreciação dos diversos systemas sobre a efficacia da graça. Graça sufficiente — é gratuita — se é dada a todos? Pontos definidos pela Egreja — exame das opiniões á cerca dos não definidos — desegualdade das graças. Predestinação e reprovação — a reprovação não é absoluta — e a predestinação?

3. Graça sanctificante — sua natureza — doutrina do concilio de Trento — disposições ou meios para alcançar a justificação — corollarios d'esta doutrina. Propriedades da justificação — sua incerteza — amissibilidade — augmento ou diminuição. Questões escholasticas sobre esta *materia.*

4. Boas obras — sua necessidade — seu merito. Especies de merito — suas condições — objecto — variedade.

5.ª CADEIRA.

THEOLOGIA DOGMATICO-PRACTICA.

Lente — *Dr. José Ernesto de Carvalho e Rego.*

COMPENDIO — A. LUBY, THEOLOGIAE MORALIS IN SYSTEMA REDACTAE, ETC., CONIMBRICAE 1848.

A. Parte geral de Moral Christã.

1. Noções preliminares sobre a natureza — objecto — fim — divisão — utilidade — excellencia — fontes da Theologia Dogmatico-Practica. A sua historia litteraria.

2. Natureza moral do homem em geral — em particular sua natureza moral, relativamente aos quatro estados da innocencia primitiva — da culpa — da graça — e da gloria. Seu fim — destino — e dignidade.

3. *Praxeologia moral. Natureza e indole das acções* moraes do homem em geral — norma d'estas acções, e sua applicação a ellas tambem em geral. Leis em particular, como norma das acções moraes, e sua applicação a ellas como principio d'onde nasce a imputação. Consciencia — moralidade das acções.

4. Aretologia geral. Noção, indole, divisão, ordem e collisão d'officios e direitos. Theoria dos habitos em geral — em especial dos bons — noção, natureza, motivos, condições, necessidade, divisão da virtude — impedimentos geraes da virtude — adminiculos da virtude em geral. Theoria dos habitos maus em especial. Vicios e peccados — causas, fontes, occasiões — grau dos vicios, e da viciosidade. Emenda moral.

B. Ethica Christã applicada.

1. Officios do homem Christão a respeito de Deus — virtudes, que d'elles nascem, vicios que lhes são oppostos.

2. Officios do homem Christão a respeito de si mesmo — virtudes e vicios, que se seguem da sua observancia, ou não observancia.

3. Officios tanto absolutos, como hypotheticos a respeito do proximo — virtudes e vicios, que lhes correspondem.

4. Contractos em geral — em particular.

5. Sociedade conjugal e paterna — obrigações e direitos, que lhes são annexos.

C. Theologia pastoral.

1. Officios especiaes dos pastores da Egreja de todas as hierarchias, *no que respeita:*

a. Á prégação da palavra de Deus.

b. Á dispensação dos sacramentos.

c. Á cura das almas.

d. Ao exercicio do culto externo.

2. Officios do povo, relativamente ao clero em geral — aos seus pastores em particular.

4.º ANNO — 6.ª CADEIRA.

THEOLOGIA LITURGICA.

Lente — *Dr. Antonio Bellarmino Corrêa da Fonseca.*

COMPENDIO — *J.* PRUNYI, SYSTEMA THEOLOGIAE DOGMATICAE CHRISTIANO-CATHOLICAE, CONIMBRICAE 1848.

A. Sacramental.

1. Sacramentos em geral: noção e instituição dos sacramentos — *seus* constitutivos — requisitos do ministro — do subjeito. Força, efficacia e numero dos sacramentos.

2. Sacramentos em particular:

a. Baptismo — noção — instituição, materia, fórma, ministro, subjeito, necessidade, effeitos do baptismo.

b. Confirmação, verdadeiro sacramento — sua materia, fórma, ministro, subjeito, necessidade e effeitos.

c. Eucharistia — mysterio da presença real — transubstanciação. É verdadeiro sacramento. Sua materia, fórma, ministro, necessidade. É verdadeiro sacrificio da Lei nova — propiciatorio — latreutico — eucharistico — impetratorio.

d. Penitencia — J. Christo deu á Egreja o poder de reter e perdoar peccados — necessidade da confissão sacramental — da contrição — satisfacção — poder da Egreja de conceder indulgencias — materia, fórma, ministro, subjeito, effeito do sacramento da penitencia.

e. Extrema-Uncção — verdadeiro sacramento — sua materia, fórma, ministro, subjeito, necessidade, effeitos.

f. Ordem, outro sacramento — sua materia, fórma, ministro, subjeito, necessidade, effeitos.

g. Matrimonio — é um officio da natureza instituido por Deus — é tambem verdadeiro sacramento — seu ministro, materia, fórma e subjeito — a Egreja tem poder de estabelecer impedimentos dirimentes do matrimonio — Polygamia simultanea prohibida na Lei nova — indissolubilidade do matrimonio.

B. Liturgia em especie:

1. Noção.

2. Divisão:

a. Historica — exposição das variações succedidas na Egreja a respeito do culto.

b. Technica — desinvolvimento das verdadeiras causas d'estas variações — estabelecimento do culto religioso mais accommodado ao espirito do Christianismo.

N. B. Neste quarto anno os alumnos de Theologia frequentam a aula de Direito Ecclesiastico Publico na Faculdade de Direito.

5.º ANNO. — 7.ª CADEIBA.

ESCRIPTURA DO TESTAMENTO VELHO E DO TESTAMENTO NOVO PARA AS LIÇÕES DE EXEGETICA.

Lente — *Dr. Antonio José de Freitas Honorato.*

COMPENDIO — FR. J. DE S. CLARA, CONSPECTUS HERMENEUTICAE SACRAE NOVI TESTAMENTI, CONIMBRICAE 1827, — E — J. JULIAN. MONSPERGER, INSTITUTIONES HERMENEUTICAE NOV. TEST., VINDOBONAE 1784.

A. Hermeneutica sagrada do novo e antigo Testamento: — hermeneutica em geral — hermeneutica sagrada em especial — hermeneutica sagrada do novo Testamento mais especialmente — do antigo — livros apocriphos do Testamento novo — do antigo. Fim interno e externo da hermeneutica sagrada — meios proximos e remotos proprios para se conseguir este fim — uso d'estes meios pela analyse e epilyse — regras hermeneuticas á cerca do sentido da Palavra de Deus — dos meios hermeneuticos — do uso d'estes meios.

B. Analyse hermeneutica da historia harmonica dos quatro Evangelhos. Explicada — exposição de cada uma das pericopas mais obscuras — analyse hermeneutica das pericopas mais difficeis do antigo Testamento.

C. Epilyse hermeneutica de algums logares classicos d'entre as pericopas da analyse — epilyse — exegetica — clenctica — porismatica.

N. B. Neste quinto anno os alumnos de Theologia frequentam a aula de Direito Ecclesiastico Particular na Faculdade de Direito.

SEXTO ANNO.

Neste sexto anno os alumnos de Theologia repetem as aulas do quinto anno.

No fim de cada um dos primeiros cinco annos, os alumnos habilitados tiram dois ou mais pontos sobre as materias, que frequentaram; e n'estes são examinados publicamente por tres ou quatro Lentes de Theologia e de Direito (nas suas materias).

Aos alumnos approvados no exame, ou acto, do quarto anno, se confere o grau de Bacharel.

Os repetentes (alumnos do 6.º anno) defendem publicamente no fim do anno umas Theses, tiradas de todas as disciplinas, que frequentaram; e nas quaes lhe argumentam oito Lentes, ou Doutores Theologos. Depois em um *Exame privado* seis Lentes Theologos os examinam sobre as materias principaes de todo o curso. Ao alumno approvado n'este exame é conferido o grau de Licenciado, e póde tomar o de Doutor.

RELATORIO

Dos trabalhos do conselho da faculdade de mathematica, no anno lectivo de 1853 *para* 1854.

A pezar da alteração que soffreu o socego publico nesta cidade por occasião da festa do Carnaval, e dos acontecimentos extraordinarios que d'ahi resultaram, o serviço ordinario da faculdade correu regular por parte dos professores, que, animados do maior zêlo pelo ensino publico, poderam attenuar os máus effeitos d'aquelles acontecimentos, tendo a satisfacção de ver que este seu zêlo foi coroado de resultados satisfactorios para o aproveitamento de grande numero dos seus discipulos.

O tempo das aulas foi prolongado o mais possivel, continuando as do 3.º e 4.º anno até 10 de junho, e levando-se ainda mais adiante as do 1.º e 2.º anno, deixando-se sómente o tempo que pareceu necessario para se fazerem os actos dos estudantes habilitados.

Os actos fizeram-se com o rigor costumado; e o conselho, depois d'elles, decidiu que se consignassem no livro das actas das congregações os nomes dos estudantes que se haviam tornado distinctos pela sua frequencia e nos actos.

Tendo o governo de S. M., em portaria do ministerio dos negocios do reino de 25 de agosto de 1853, declarado que o arbitrio, adoptado pela faculdade de mathematica em 29 de julho do mesmo anno, satisfaz completamente ao pensamento que dictou a portaria de 3 de agosto, relativamente á classificação dos alumnos que foram approvados no 3.º e 4.º anno da faculdade, a fim de serem equiparados em vantagens aos alumnos da eschola

do exercito: n'essa conformidade fez o conselho n'este anno a classificação dos estudantes do 3.º e 4.º anno, a qual, por via do prelado da universidade, fez subir á presença de S. M.

Não havendo no anno lectivo ultimo estudantes matriculados no 5.º anno da faculdade, entendeu o conselho ser mais conveniente que os sextanistas da faculdade, em vez de frequentarem a 7.ª cadeira collocada no 5.º anno, frequentassem antes a 5.ª cadeira; e tomando esta decisão, foi ella approvada pelo governo de S. M. em portaria de 4 de novembro.

Estatistica da frequencia e aproveitamento dos alumnos da faculdade de mathematica n'este anno lectivo.

Annos.	Approvad.		Reprovados.	Deixaram de ter acto.	Total.	Habilitados.	Perderam o anno.	N.º dos matriculados.
	N. D.	Simpl.						
1.º	22	1	1	9	33	33	29	62
2.º	8	5	2	9	24	24	7	31
3.º	2	1	«	2	5	5	2	7
4.º	7	«	«	2	9	9	1	10
5.º	«	«	«	«	«	«	«	«
6.º	«	«	«	3	3	3	«	3
Total	39	7	3	25	74	74	39	113

Podendo a letra dos estatutos dar logar a duvidas sobre quem deve presidir ao acto das theses, foi, por proposta de um dos vogaes do conselho, ventilada esta questão, resultando decidir o mesmo conselho, quasi por unanimidade, que esta presidencia cabia ao lente de prima da faculdade, ou, na sua falta, a quem suas vezes fizesse.

Tendo sido presente ao conselho a portaria de 5 de septembro, relativa á publicação gratuita do jornal do Instituto de Coimbra, na qual se permitte ás faculdades academicas o fazer imprimir as publicações scientificas e litterarias, foi, por proposta do vogal Barreto-Feio, nomeada uma commissão, composta dos vogaes Guerra Osorio e Jacome Sarmento, para colligir das actas e archivos da congregação o que merecesse ser publicado; e ao mesmo tempo foram convidados os professores da faculdade para darem por escripto quaesquer demonstrações, aditamentos ou memorias com que substituam ou ampliem alguma parte dos compendios por onde expliquem, a fim de ser tudo publicado no jornal.

Tambem foram mandados alli publicar os programmas, exigidos na portaria do ministerio do reino de 11 de maio, depois de competentemente approvados pelo conselho.

Durante este anno lectivo o conselho da faculdade tomou as seguintes resoluções:

Que os professores das respectivas cadeiras dêem, em congregação, conta dos alumnos que deixarem de entregar os exercicios que lhes forem passados. — Que as dissertações de partidos ou premios corram por todos os vogaes do conselho, a fim de que todos possam votar sobre a concessão dos mesmos partidos ou premios. — Que no principio de outubro de cada anno lectivo se publiquem por edital todos as decisões do conselho sobre a contagem e effeitos das faltas. — Que sejam dois os dias de ponto no 3.º anno.

O conselho approvou para compendios da faculdade:

A 1.ª parte dos elementos de astronomia, apresentada pelo vogal Sousa Pinto.

A nova traducção da algebra superior do curso de mathematicas puras de Francoeur.

E decidiu, que, vista a demora que tem tido a impressão dos ultimos volumes da nova edição de astronomia de Biot, não fossem os estudantes do 4.º anno obrigados a comprar os primeiros volumes na imprensa da universidade.

Decidiu tambem, que no proximo anno lectivo frequentassem os alumnos do 5.º anno a 6.ª cadeira collocada no 4.º anno, e que n'ella começassem por estudar a mechanica dos fluidos, e que na 5.ª cadeira se explicasse optica.

O conselho, decidindo que se instasse pela concessão de todas as verbas pedidas no seu ultimo orçamento, quiz que n'este relatorio se fizesse tambem sentir ao prelado da universidade a urgente necessidade da acquisição de uma casa propria para aula de desenho, visto que, tendo o governo de S. M. cedido á faculdade de medicina o edificio do collegio das Artes, fica o mesmo conselho privado da casa onde primeiramente fôra collocada aquella aula.

O conselho pediu tambem ao prelado a graça de sollicitar do mesmo governo de S. M. a concessão da casa da livraria do collegio de S. Pedro, a qual, no entender do mesmo conselho, é a unica que mais economicamente póde ser aproveitada para esse fim, e sem o que se tornará impossivel a existencia d'esta cadeira, tal qual deve ser montada.

Sendo reconhecida a necessidade de mais uma casa d'aula para uso da faculdade, e tendo esta requisitado da faculdade de philosophia a casa, onde antigamente fôra estabelecida no museu a aula de hydraulica: á vista do offerecimento de outras casas por parte da faculdade de philosophia, nomeou o conselho uma commissão composta dos vogaes, Castro e Silva Monteiro para de accordo com o prelado escolherem no mesmo local do museu, e mandarem preparar uma aula que satisfaça ás condições materiaes do ensino.

Em conselho da faculdade foi lida uma

carta do digno par do reino, director do observatorio, dirigida ao reverendo bispo de Bragança, na qual participava terem chegado no paquete de 24 de abril os conhecimentos dos instrumentos para o observatorio, que deviam chegar nessa semana a Lisboa no vapor D. Maria II, sendo depois remettidos para a Figueira no primeiro navio do estado que possa alli desembarcal-os. E o conselho, pelo interesse de tão grata noticia, decidiu que d'elles se fizesse menção nas suas actas.

O vogal Sousa Pinto, director interino do observatorio, expoz a conveniencia de serem propostos para ajudantes do mesmo observatorio os actuaes calculadores extraordinarios, e tambem a do provimento do logar de 3.° astronomo. O conselho concordando com a necessidade da nomeação dos ajudantes, foi de parecer que a do 3.° astronomo deve ser adiada por agora, attentas as circumstancias de se achar incompleto o quadro da faculdade, e da ausencia, em grande parte do anno lectivo, de tres de seus vogaes occupados em serviço da Nação.

Passando a fazer a visita do observatorio, teve o conselho occasião de examinar officialmente os instrumentos ultimamente chegados, os quaes já haviam sido montados provisoriamente, para se vêr se havia falta de alguma peça, e de cuja collocação definitiva se estava tractando com a maior diligencia, tendo chegado já a auctorisação para se fazer a despesa necessaria para similhante effeito. E o conselho resolveu que no relatorio da faculdade se manifestasse a gratidão de que se achava possuido para com o governo de S. M. por uma acquisição tão importante para o serviço e credito da faculdade de mathematica.

O director interino do mesmo observatorio declarou nessa occasião ao prelado da universidade que lhe constava ter sido lembrado, pela commissão encarregada de escolher um local e edificio proprio para cadêa desta cidade, a parte construida do antigo observatorio ao Castello: e que, a ser isto certo, entendia que a faculdade de mathematica devia empregar todos os esforços para que se não désse tal destino a um edificio, que, pela sua posição e capacidade, offerece as melhores condições que se exigem n'um estabelecimento astronomico, e cujo acabamento, para o fim a que desde o seu principio foi destinado, se torna ao presente muito mais necessario e urgente.

O conselho, conformando-se em tudo com as ideas do director interino a tal respeito, fez sentir ao prelado da universidade a necessidade de se não dar destino áquelle edificio, que prejudique o que teve primitivamente; e teve a satisfacção de ver que o mesmo prelado promettera auxiliar o conselho n'este empenho.

A POESIA SLAVA MODERNA.

Continuado de pag. 166.

Finalmente, para mostrar a graça perfeita com que Subbotitj soube apropriar a indole das *piesnas* á poesia cavalleirosa, nada nos parece tanto a proposito como resumir aqui, conservando-lhe o colorido, a extensa ballada de trinta paginas que elle intitula *Berdnitchka Koula,* ou *o Voievoda Mirko e sua Filha.*

« O velho Mirko, *voievoda* de Syrmia, escreve da sua fortaleza de Berdnik uma carta a seu irmão d'armas, velho como elle, o heroe Jug Bogdan: Escuta, amigo: Tu conheces minha filha Ikonia, que excede em altura e belleza todas as donzellas da nossa terra; desejava procurar um esposo para ella, e um genro para mim, que alliviasse os meus hombros, aluidos pela edade, da pesada armadura que já mal posso sustentar. Não tenho já ninguem em que espere ver-me reviver. Ha sete annos que meu filho Radovan partiu com o nosso exercito: e de ha muito que o exercito está de volta, mas nenhumas noticias de Radovan. Ikonia tinha-se habituado a ir caçar aos montes com seu irmão, a manejar a clava, e a atravessar a aguia com as suas frechas na região das nuvens. Tendo perdido seu irmão, deseja um esposo em tudo parecido com elle, e que a mim me avive a memoria do filho que perdi.

É por isso, meu velho amigo, que te convido para que venhas visitar-me dia de S. João. É nesse dia, que ha de soltar-se no campo um ligeiro veado, que minha filha apanhará na carreira; atirará com a sua clava a mil braças de distancia; finalmente a mil braças de altura se deixará subir aos ares um falcão, e quando lá chegar, será atravessado por uma frecha disparada por minha filha. Aquelle dos nossos heroes que apanhar o cervo tão depressa como ella; ou que atirar tão longe como ella com a sua clava; ou que atravessar o falcão á mesma altura, esse, minha filha o acceitará para esposo, e logo no dia seguinte se festejará o noivado. Traze pois comtigo os teus nove filhos, e todos os senhores da tua *voievodia,* para que tomem parte na festa. »

O velho escreve segunda carta, em tudo similhante á primeira, a Miloch Obilitj da serra de Potseria; envia terceira a Brankovitj, da nevada Travnik; e depois quarta no mesmo teor aos Jakchitj de Belgrado.

Dia de S. João, todas as senhoras da primeira jerarchia, todos os senhores dos vastos paizes servios, se acham reunidos nos campos extensos que domina o castello de Berdnik. Todos estão impacientes por ver o curioso desenlace d'esta lucta de uma donzella com

os mais valentes heroes slavos, lucta cujo premio será a sua propria mão, que val uma rica *voievodia*. Tão longe quanto póde extender-se, a vista não descobre senão equipagens e senhores todos cobertos d'oiro. Figurem-se as tintas da aurora sobre os prados, quando ella faz brilhar o orvalho com as mil côres do iris; assim brilham os campos de Berdnik ao reflexo dos milhões de pedras preciosas que scintillam nos *kalpaks* dos guerreiros, como as fulgentes estrellas da noite na fachada do firmamento. Lá estão os tres irmãos adoptivos, Marko o Kralievitj, Relia de Novi-Bazar e Miloch Obilitj, tres heroes como nunca se viram outros similhantes nos sete reinos latinos, e que val cada um delles só um exercito. La está o velho Jug Bogdan com os seus nove filhos, todos frescos como nove gotas d'orvalho, todos parecidos na estatura, nas feições e na valentia. Juncto delles, lá se vê o fulminante Liutitsa Bogdan, cuja vista traspassa o inimigo primeiro que elle chegue a tirar o sabre da bainha, e o enfermo Doitchin, que similhando um morto ambulante, não tem senão a pelle sobre os ossos; mas seus ossos são como de ferro.

O *voievoda* Mirko desce da sua cidadella, seguido da encantadora Ikonia em trajes de um joven guerreiro, com o manto fluctuando sobre os hombros, e preso no pescoço por um diamante, que só elle val tres cidades imperiaes. Nunca se ideou uma *vila* mais formosa, nunca o pincel veneziano poderá crear contornos mais perfeitos, nem um todo de lineamentos mais harmoniosos. Todos os heroes a contemplam fascinados; mas atrás vem pulando o veadozinho captivo; traz as pontas douradas; morde n'um freio ornado de perolas; os seus pés ligeiros alcançariam uma *vila* ou uma estrella cadente através do ceo azulado. O *voievoda* Mirko solta as redeas ao prisioneiro, e com uma chicotada o lança no meio da arena. O animal, sentindo-se livre, parte veloz; mas de tres saltos Ikonia o alcança, e pondo-lhe uma das mãos sobre a cabeça, salta-lhe no dorso, e o reconduz como um docil corcel a seu pae. Todos os espectadores ficam silenciosos e estupefactos; nenhum se bole. Os velhos olham para os moços, e os moços, cheios de despeito, olham para *Krilatitj* [1], o guerreiro alado de Novi-Bazar; mas Krilatitj abaixa a cabeça encostada sobre a relva.

De repente da banda do horizonte ouve-se uma canção alegre: é a de um guerreiro desconhecido, montado, sem estribos nem sella, sobre um cavallo selvagem, que pula como um tigre e cujas clinas varrem a relva. Este heroe, de uma physiognomia extravagante, traz o comprido manto dos bulgaros. Barbas brancas descem-lhe á cinctura, os olhos escondem-se-lhe debaixo das bastas sobrancelhas, e os bigodes fluctuantes cáem enrolados para trás das orelhas. Chegado ao meio dos brilhantes senhores, lança-lhes um olhar desdenhoso, e voltando-se para Relia Krilatitj: « Por que te appellidas tu o guerreiro alado, se não tens energia para rivalisar com a donzella em velocidade?—Guerreiro desconhecido, responde Krilatitj, deixa-te de injustas reprehensões. Tenho luctado em velocidade com a andorinha, e tenho passado adiante das pombas, sem buscar outra recompensa mais do que o meu divertimento. Como não rivalisaria eu agora, se podesse, aqui com esta menina, quando ella é o premio da lucta, ella que não encontra egual nos sete reinos latinos? Acho-me porém coberto de dezesete feridas, ainda não cicatrizadas; e por pouco que eu corresse, ellas se tornariam a abrir no mesmo instante. » O desconhecido, dirigindo-se então para os mancebos, lança-lhes sarcasmos pungentes. Como é que lhes faltam os brios para esgottarem as suas forças, e arriscarem, se tanto for mister, a vida para merecerem uma tal belleza? « Talvez quizessem, que ella se tomasse espontaneamente de amor por elles, e que viesse timida, na sombra dos seus harens, entregar-se ás suas caricias. É uma vergonha, linda Ikonia, que fiques assim abandonada: *mas antes marido velho, que sem marido.* » Diz, solta o veadozinho, e de uma só chicotada, que lhe rasga a pelle e lhe faz saltar o sangue, o lança na arena. Excitado pelo estimulo da dor, o animal foge roçando a terra com o ventre, como para escapar á morte; mas o guerreiro desconhecido o segue. N'um instante já lhe passa adeante, e tomando-o pela redea, vem trazel-o ao *voievoda* Mirko, e some-se depois no meio da multidão.

Continúa.

[1] *Krilatitj* na lingua servia significa o que traz ázas, e dá-se este nome aos guerreiros, que chegam a saltar de uma só vez por cima de sete cavallos de combate postos ao lado uns dos outros.

COSTUMES ARABES.

A NOBREZA NO DESERTO. [1]

« D'uma sarça espinhosa, » dizia Abd-el-Kader, « regada todo o anno com agua de rosas, não se obtem senão espinhos; d uma palmeira, sem rega, sem cultura, sempre se colhem tamaras. » Segundo os arabes, a nobreza é a palmeira; a plebe, a sarça espinhosa.

No oriente crê-se no poder do sangue, na virtude das raças; considera-se a aristocracia como uma necessidade social, até como lei da natureza. Ao contrario do que succede entre

[1] Extrahido do que escreveu o general E. Daumas sobre este objecto.

os povos do occidente, ninguem pensa em revoltar-se contra esse principio alli recebido com placida resignação.

Afóra a nobreza d'origem longiqua e sagrada, que se compõe dos descendentes do propheta *(cherifes)*, teem os arabes outras duas nobrezas distinctas; a religiosa e a militar. Os *maraboutes* e os *djouades* são duas classes de nobreza que derivam seu esplendor já da piedade, já do valor; estes alcançam-o no combate, aquelles com a oração. Estas duas classes perseguem-se com odio implacavel. Os *djouades* exhalam contra os *maraboutes* as censuras que d'ordinario se fazem, em todos os paizes, ás ordens religiosas que procuram intrometter-se nas cousas temporaes; accusam-nos de intrigas, de planos tenebrosos, de perpetua cubiça dos bens mundanos disfarçada com um falso amor de Deus. Diz um dos seus proverbios: « Da *zaouia*[1] sempre sáe uma serpente. » Por outra parte os *maraboutes* accusam os *djouades* de violencia, rapina e impiedade. Este ultimo artigo ministra-lhes muitas vezes uma arma terrivel: os *maraboutes* são para seus rivaes, o que era o clero da edade media para essa nobreza leiga a quem um anathema vencia, a despeito do formidavel apparelho de sua força guerreira. Se os *djouades* arrebatam o povo recordando-lhe os perigos arrostados, o sangue espargido, fazendo, em fim, valer o prestigio militar, os *maraboutes* exaltam-lhe a imaginação com a omnipotencia das crenças religiosas. Não é raro ver um *marabout* amado ou temido do povo pôr em risco a dominação e até a vida de um *djouad*. Para se comprehender o que é um nobre do Sahara em todo o seu esplendor, em todo o estrondo e animação de sua existencia, é mister saber o que se passa n'uma grande tenda desde as oito até ás doze horas do dia.

A poesia antiga refere a multidão de clientes que em Roma inundava os porticos de um palacio patricio. Uma grande tenda no deserto é bem similhante ao que eram as sumptuosas habitações pintadas por Horacio e Juvenal. Assentado sobre uma alcatifa com o ar de dignidade proprio dos orientaes, o chefe da tribu recebe por seu turno quem quer que venha invocar a sua auctoridade. Qual pede justiça contra um individuo que procura seduzir sua mulher, qual accusa um rico que se subtrahe ao pagamento de uma divida, qual pede auxilio para descobrir o rebanho que lhe roubaram, qual implora protecção para uma filha maltractada por seu brutal marido. E muitas vezes acontece ir queixar-se uma mulher de seu marido, porque a não veste, porque lhe não dá o alimento necessario, porque lhe recusa, o que os arabes na energica originalidade de sua linguagem, chamam *a parte de Deus*. Este ultimo caso é frequente. É certo que as mulheres das classes elevadas nunca veem alli assoalhar as reconditas miserias da vida conjugal; porém a mulher do povo, sempre que reclama as consequencias do matrimonio, está convencida de que usa de um direito, que obedece a um dever, e apresenta-se com a intrepidez que lhe dá a consciencia de ter por si a religião e a lei.

A paciencia é a primeira virtude de um chefe. Este presta ouvidos attentos a todas as reclamações que o assaltam. Esmera-se em curar qualquer genero de feridas que se lhe patenteem. O homem que está no poder, « diz uma maxima oriental, » deve imitar o medico que não pretende curar todos os males com os mesmos remedios. » Nestes tribunaes de justiça, que fazem lembrar o modo, por que primitivamente os reis tractavam os interesses privados de seus subditos, o chefe arabe emprega toda a sabedoria que Deus concedeu á sua intelligencia, toda a força de que dotou a sua vontade. A uns manda, a outros aconselha, a ninguem recusa suas luzes ou protecção.

Ao chefe arabe não basta possuir a qualidade que Salomão pedia ao Senhor; á sabedoria deve reunir generosidade e bravura. O maior elogio que se lhe póde fazer, é dizer-lhe que « traz a espada sempre desembainhada e a mão sempre aberta. » Esta especie de caridade imposta pela lei musulmana, deve ser continuamente practicada pelo chefe. Sua tenda deve ser o refugio dos infelizes, ninguem deve alli morrer de fome, porque diz o propheta:

« *Deus não terá misericordia, senão dos misericordiosos. Crentes, dae esmola, ainda que não seja senão de metade de uma tamara. Quem hoje fizer uma esmola, será farto á manhã.* »

Se o guerreiro perde o cavallo que constitue a sua força, se uma familia fica sem o rebanho de que vive, ao chefe, sempre ao chefe é que são dirigidas estas queixas. O desejo de fazer lucro jamais deve preoccuparlhe o espirito. O arabe nobre que, debaixo de tantos aspectos, se assimelha ao senhor da edade media, differe essencialmente dos nossos cavalheiros, na aversão que professa pelo jogo. Nem os dados, nem as cartas teem uso algum no remanso da tenda. Um chefe arabe nem joga, nem faz emprestimos usurarios. O unico modo, por que alguma vez faz render o seu dinheiro, é entrando indirectamente n'uma empresa commercial. Empresta a um negociante certa somma, o negociante exerce o seu trafico, e passados alguns annos divide o interesse com o seu crédor.

Não se julgue porém que a riqueza seja cousa desprezada pelos orientaes; pelo contrario é uma condição indispensavel para al-

[1] Estabelecimentos religiosos que comprehendem d'ordinario uma mesquita, uma eschola, e os tumulos de seus fundadores.

cançar o poder. Quem chega a ser pobre, tambem cáe na obscuridade, e quem se torna rico, facilmente adquire as honras que deseja; mas o ambicioso em vez de procurar adquirir riquezas pela industria, busca-as antes no campo da batalha. O guerreiro que faz muitas *razzias* donde lhe provem ao mesmo tempo dinheiro e gloria, é chamado *Ben-Deraou* (filho de seu braço), e póde aspirar ás primeiras dignidades da sua tribu. Isso mostra que a qualidade fundamental da alma de um nobre arabe é a bravura.

« Não ha cousa que mais realce na deslumbrante brancura de um albernoz, do que o sangue » dizia Abd-el-Kader. O chefe arabe, como os capitães d'outr'ora deve ser o mais valente de seus homens d'armas. Sua influencia ficára para sempre perdida, se manifestasse qualquer vislumbre de cobardia, e é a realidade, e não a apparencia que os arabes apreciam. Admiram uma alma de tempera forte, não já um exterior de gigante ou d'atheleta. Cumpre não crer n'uma preoccupação que se apoderou de muita gente, e vem a ser que a grande estatura e a força corporea produzem nos arabes viva impressão. Não é assim: elles querem que um homem seja robusto, insensivel á sede, e á fome, apto para supportar as mais rudes fadigas; mas é certo que não dão grande importancia á altura, á força muscular similhante á dos valentões de feira ou dos gallegos. O que elles apreciam é a agilidade, a destreza e a bravura; pouco lhes importa a grandeza ou pequenez do corpo, e até ao contemplar uma figura collossal muito gabada, frequentes vezes se lhes ouve esta exclamação sentenciosa: « Que importa a estatura, que importa a força? Vejamos-lhe o coração: talvez que alli não exista mais que uma pelle de leão sobre o dorso de uma vacca!

Continúa.

NOTICIA SOBRE A BACIA CARBONIFERA DO CABO MONDEGO.

Continuado de pag. 159.

Futuro que promette a lavra.

A importancia da galeria geral de esgoto, e a extensão que por meio della póde dar-se á lavra, não estão em relação com a procura do combustivel que esta mina fornece. Para dar consumo ao carvão que ha annos se extrahe della, é necessario que exista a fabrica de garrafas pretas do Bom-Successo em Lisboa, seu unico consumidor. Seis a oito toneladas de carvão por dia satisfazem as necessidades d'este estabelecimento; e por conseguinte, sem tocar nos pilares da mina Farrobo, tem sido sufficiente lavrar algumas porções a jusante da camada, sem que taes trabalhos tenham excedido além de noventa metros na inclinação da mesma camada.

Esta lavra pecca por tanto pela mesquinhez do consumo; e como a extracção do carvão de grandes profundidades carece do emprego de meios que só uma ampla lavra póde comportar, o resultado será ficar por lavrar a parte deste deposito mais importante, tanto pela abundancia como pela qualidade, se o consumo se não extender, e a lavra não podér tornar-se mais activa.

É pois necessario: 1.° procurar novos consumidores, e estabelecer obras ou trabalhos de character permanente, que tornem no futuro a lavra mais extensa e proveitosa, o que não póde conseguir-se sendo a concessão feita como actualmente está, temporariamente, nem tão pouco como a lei anterior de minas prescrevia por prazos nunca maiores de 20 annos, e mediante a maior renda que fosse offerecida em praça. Foram estas e outras razões geraes, que moveram o conselho de obras publicas e minas, a propôr o projecto de decreto, que o governo promulgou com data de 31 de dezembro de 1852, e as côrtes depois sanccionaram.

Este decreto manda entrar as minas de combustivel, em que esta se comprehende, na regra geral das concessões de minas; isto é, tornar a sua concessão illimitada em quanto ao tempo e subjeita unicamente aos impostos estabelecidos para as outras minas.

2.° estabelecer as condições necessarias para que no futuro possa a mina fornecer-se economicamente das madeiras que lhe forem necessarias. Quando a lavra da mina começou por conta da fazenda, ordenou o governo a compra de terras, e a sementeira de pinhaes dos arredores da mina, o que logo foi cumprido. Em 1834 havia ainda um vasto pinhal com excellentes e abundantes madeiras, e um empregado a quem estava commettida a guarda da propriedade. A companhia de então, não tendo feito alli trabalhos de mineração, sacrificou a conservação do pinhal e propriedade delle á mesquinha economia do salario de um guarda, e o governo tolerou que o despedisse.

As terras, que constituiam as pertenças da mina, acham-se em parte nas mãos dos particulares, e o resto sôb a administração e fruição da juncta de parochia de Quiaios.

Devendo necessariamente impôr-se aos concessionarios da mina de Buarcos a immediata sementeira e cultura de um pinhal nas vizinhanças da mesma mina, condição indispensavel para tornar no futuro menos subido o preço do carvão, é indispensavel que a mina tenha annexa uma porção de terreno contiguo, que o governo póde fornecer-lhe mediante uma certa renda, reivindicando as terras de propriedade nacional das pessoas, que se apossaram dellas indevidamente.

(Bol. do Minist. das Obr. publ.)

LIVROS SAGRADOS DOS INDIOS.

O RIG-VÉDA.

Continuado de pag. 169.

Uma especie de sabeismo era a religião dominante dos Aryenos entrados no territorio da India: os seus cultos foram consagrados á natureza divinisada. Tal foi tambem a religião dos Chaldeus, dos Persas, e da maior parte dos povos da antiguidade. O homem, depois de ter adorado a Deus nas suas maravilhas, esquecêra o supremo creador, que debalde seus olhos pretendiam descortinar nos ceos; e na sua fraqueza invocou os astros que regulam o tempo e o curso das estações. Este obscurantismo da intelligencia humana, e a substituição do culto das potencias naturaes á adoração de um supremo e unico Deus, foi o primeiro passo das nações primitivas, depois da dispersão dos filhos de Noé, para o polytheismo.

Remontando aos primeiros tempos da sua existencia social, quando estavam ainda divididos em familias ou tribus, que para o diante se converteram em outros tantos povos diversos, os Aryenos haviam povoado o seu olympo de milhares de phantasticas divindades. A terra que produzia e alimentava os objectos proprios para os sacrificios; as flores; os fructos; os rebanhos e cereaes: — a agua que fertilisa a terra: — os ventos que regulam as estações, e amenisam os climas: — o fogo emblema da força; que devorava as offerendas dos deuses, e os alimentava: — o crepusculo da manhã e da tarde, que designa a hora solemne da oração: — a lua prateando a azulada abobada: — a aurora annunciando o despertar da natureza: em fim os manes de seus maiores, taes foram os primeiros objectos da veneração d'estas tribus.

Os cultos, que ellas rendiam a estas divindades, consistiam em sacrificios, orações, e hymnos cantados durante as ceremonias, que eram reguladas pelos *Védas*, que se dividem em quatro partes: o *Rig-Véda* ou o livro dos hymnos; o *Yadjour-Véda* (branco e negro), que é como um ritual, e que contém os formularios proprios para serem recitadas as orações durante a celebração dos sacrificios; — o *Sâma-Véda*, collecção de hymnos e de invocações extrahidas do *Rig* e do *Yadjour*; — em fim o *Atharva-Véda*, mais moderno, que os outros tres, contendo os formularios das feiticerias, dos exorcismos, e das imprecações.

Dos quatro *Védas* o ultimo é o fructo não da inspiração religiosa dos Aryenos, mas da colera, do espirito de vingança, e da superstição dos brahmanes. O terceiro é um extracto dos dois primeiros, e por isso, estudados estes, tem pouca importancia. O segundo é mui notavel, e parece que até o seu nome *Yadjour* do radical *yadj* — sacrificio) se applicava a todos os quatro *Védas*.

Depois que se estabeleceu esta divisão, cada um dos quatro *Védas* era representado nos sacrificios por um sacerdote. Ao director do sacrificio tocava recitar as orações do *Yadjour*; o officiante, que apresentava a offerta, cantava os hymnos do *Rig*, e derramava no fogo as libações; o cantor repetia em alta voz, e em tom modulado os canticos do *Sâma*; e um brahmane escolhido na assembléa pronunciava as feiticerias do *Atharvan*.

D'estes quatro livros sagrados o *Rig-Véda* é aquelle, que em seus mil e tantos hymnos patentea mais claramente o espirito religioso e guerreiro dos Aryenos. Ha, porém, na ultima secção d'esta collecção de cantos sagrados alguns hymnos sobre os actos civis e politicos, e outros em que os principios philosophicos e a phantasia poetica se misturam ao sentimento e ás inspirações religiosas de um modo digno de especial attenção.

Certo as odes, em que dogmaticamente se tracta a questão da alma universal, e da sua natureza não são dos primeiros tempos vedicos, e pertencem provavelmente á epocha em que foram escriptos os *Oupanichads*, que contém o appendice theologico e philosophico dos *Védas*.

A piedade sincera, que dictára as fervorosas invocações a *Agni*[1], e *Indra*[2], cedêra o passo á reflexão; e a luz da philosophia começou a illuminar os horizontes da intelligencia. A idêa religiosa não caducára ainda, mas os poetas começaram a associar aos assumptos religiosos outros pensamentos puramente humanos, e povoando sempre o olympo de novas divindades, o exame de seus attributos foi submettido ao escalpelo da critica philosophica.

« Como se joeira a cevada no crivo, diz o A. do hymno á Palavra, assim tambem se fórma a palavra na alma dos sabios. É a prova dos verdadeiros amigos, porque todo o seu valor está na sanctidade da palavra. »

As onze estancias d'este hymno, primorosamente trabalhado, não deixam ver se o A. quizera tractar da palavra revelada, ou da sinceridade humana; mas o fundo do seu pensamento é a origem divina da palavra, que nunca o homem deve profanar pela mentira; a idêa abstracta, porém, está aqui confundida com as particularidades da vida real.

A liberalidade e a beneficencia inspiraram aos cantores do *Véda* odes cheias das mais doces e formosas imagens, e em que o coração fala uma linguagem quasi tão sublime, como a dos Psalmos.

« A opulencia do homem bemfazejo não acabará nunca. O mau não encontra um amigo. Na verdade a abundancia do rico é esteril — é a sua propria morte. É um peccador inveterado no vicio,

[1] O Fôgo.
[2] O Ether.

que tudo consome, sem deixar reserva alguma para o futuro.»

Eis aqui preceitos de moral, e religião. O poeta recorda aos homens a existencia de uma outra vida, para a qual é mister ajunctar thesouros. A sociedade aryenna estava já desinvolvida, e a riqueza egoista e avára flagellava já os pobres. O hymno em vez de ser exclusivamente um canto sagrado, e uma invocação para celebrar os sacrificios, era tambem uma fórmula por meio da qual se apresentavam todas as inspirações; e a trombeta, que cada poeta embocava para annunciar a um povo intelligente, debaixo das sublimes harmonias das suas estancias, os mais nobres e elevados pensamentos.

O hymno ao *deus do Jogo* é uma dessas notaveis producções, que em nenhuma outra lingua se encontra egual.

« Eu amo com enthusiasmo estes filhos do grande Wibhaka [1], estes dados que se agitam entre os dedos, que se lançam, e rolam sobre o taboleiro. A minha embriaguez é egual á do somno. Proteja-me Wibhaka sempre acordado. Tenho uma esposa tão bondosa, que nunca se encolerisa comigo, nem me dirige uma unica palavra, que me seja offensiva; sempre tão affavel para os meus amigos, como carinhosa com o seu esposo! E eu abandono esta extremosa mulher para me entregar aos azares do jogo! — Entre tanto minha sogra me aborrece — repelle-me minha esposa.— Ao pobre recuso a esmola, que me pede, porque a sorte de um jogador é como a de um velho cavallo d'aluguel. — Outros consolam a esposa d'aquelle, que só ama os dados, que lhe dão o ganho. Seu pae, mãe, e irmãos lhe dizem; não o conhecemos — prendei-o.

« Quando medito seriamente na minha sorte, o meu proposito é de não mais ser desgraçado com estes dados; os amigos, porém, veem fazer-me quebrar o meu protesto. Os negros dados lançados sobre o taboleiro soam aos meus ouvidos, e eu corro para o logar d'onde este som vem, como uma mulher louca de amores. O jogador entra na companhia, e a primeira palavra que lhe sáe dos labios é — ganharei eu? — E os dados senhorèam-se da alma do jogador, que lhe entrega a sua fortuna toda.

«Os dados são como o conductor do elephante, que o leva amarrado com um laço: com a ambição do ganho, ou a desesperação das partidas perdidas, os dados atormentam a alma do jogador; alcançam triumphos, e distribuem o roubo para felicidade ou desesperação dos jovens inexperientes, e para seduzil-os, cobrem-se de mel..... Ó jogador, larga por uma vez os dados; cultiva os campos, e colhe os doces fructos do teu trabalho e da tua sabedoria. Eu fico com meus rebanhos e com minha esposa.... — Ó dados, sêde bons para nós, e tractae-nos como amigos; guardae para os nossos inimigos a nossa colera. Vinde, mas não com um coração inaccessivel á piedade. Das cadeias d'estes negros combatentes nos queremos ver libertados.»

O jogador, que assim fala, não está senão meio convertido. O demonio do jogo, que se lhe apossára da alma, por vezes ainda o acommette; e nisto versa o principal interesse dramatico d'esta singular producção.

É admiravel o medo que o pobre jogador tem aos *negros* dados, que elle adorára como uma divindade e cuja irresistivel paixão dominára os proprios reis, e lhe fizera perder n'uma só partida o reino, como ao principe Nala.

Continúa.

[1] O deus que regula a felicidade dos homens.

CONSTITUIÇÃO PHYSICA DO SOL.

Com uma nova applicação da photographia pretende M. Thomaz Wood haver posto em evidencia a natureza provavel do sol. Será este astro solido, gazoso, ou uma e outra cousa ao mesmo tempo? É um ponto sobre que não concordam os astronomos. As apparencias particulares das manchas, e as mudanças que estas soffrem, induzem a crer, que seja o que for em si mesmo o disco do sol, por certo o cerca um involucro gazoso; e o facto descoberto por M. Arago, que a luz directa do sol se não acha polarisada, tende a provar que tal involucro é uma chamma.

Eis ahi as experiencias com que M. Wood julga confirmar esta opinião que é hoje a mais geralmente recebida.

Em uma camara obscura e sobre a mesma lamina photographica recebe-se uma serie de oito imagens do sol, obtendo-se a primeira por via de uma exposição quasi instantanea, a segunda por uma exposição mais demorada e assim successivamente. Examinando attentamente estas imagens, acha-se: 1.° que differem notavelmente de grandeza, e que seu diametro vae constantemente augmentando até certo limite, segundo o tempo da exposição; o centro de cada imagem é muito mais impressionado, do que os bordos.

Este ultimo facto, que já era conhecido, prova simplesmente que a luz da porção central do sol é mais intensa ou energica que a dos bordos. Mas que significa o augmento de diametro da imagem? Substituindo á luz do sol a de uma vela, ou de um bico de gaz, M. Wood achou que tambem neste caso as dimensões das imagens crescem com o tempo da exposição. Operando da mesma maneira sobre a luz Drummond, isto é, um pedaço de cal levado á incandescencia por um jacto inflammado d'oxigenio e hydrogenio, observou que, pelo contrario, o diametro da imagem ficava sensivelmente o mesmo, posto que os tempos variassem, notando-se apenas uma aureola devida á atmosphera gazosa que rodêa a cal.

A luz do sol obra pois, não já como a dos corpos solidos; mas como a dos gazosos; e daqui vem o ser provavel que a superficie do sol seja um involucro gazoso.

CONSELHO SUPERIOR.

Dando noticia ao publico da collecção dos livros elementares, auctorisados pelo conselho superior de instrucção publica para uso das escholas em cada um dos graus do ensino publico, temos a satisfacção de expor um testemunho irrecusavel do zelo, e esforços do mesmo conselho, e do amor pelas letras e sciencias, acordado felizmente do longo lethargo em que jazera, pelo patriotico, e muito louvavel empenho de alguns corações verdadeiramente portuguezes, em que de todo se não apagára alguma faisca do sancto fogo, que outr'ora inflammara peitos votados á illustração e gloria do seu paiz.

O conselho, comprehendendo a sua missão, e não transpondo os limites de seus direitos e attribuições, segue o exemplo de outros povos, que hoje servem de modelo em administração litteraria, auctorisando, mas não impondo obrigação de admissão exclusiva nas escholas para qualquer dos livros escolhidos. Aos professores toca a adopção livre de uns ou outros no mesmo genero, e grau de ensino.

O que na instrucção primaria é concessão feita com discernimento á intelligencia, á vocação e gosto do professor, respeitadas as sabias lições de experiencias, na secundaria, e superior é entre nós dever, competindo por lei a escolha dos compendios aos conselhos das escholas respectivas.

Querer tocar os pontos da perfeição, apenas se começa a escrever obras desta natureza tão difficeis e trabalhosas, quanto necessarias e uteis; querer que em obras compendiosas de sua natureza enfadonhas pelos limites que o seu destino lhes marca, pela compressão, que elle impõe no espirito obrigado a resumir substancialmente, de execução trabalhosa pela necessidade de clareza, deducção, estylo didactico, e mais condições indispensaveis ao ensino das classes em um determinado tempo; querer, dizemos, saia de improviso obra tão inteira e acabada, como Pallas saíra da cabeça de Jupiter, é exigir demasiado, é aspirar muito além da força humana; fôra afugentar o zêlo e dedicação, desanimando escriptores noveis, que progredindo se aperfeiçoam. Em homenagem devida a estes principios, tem havido geralmente certa indulgencia, certo favor *com que mais se accende o engenho* em todas as nações, que procuram imprimir impulso vigoroso e energico á diffusão das luzes. Se compararmos as primicias dos nossos escriptores com producções do mesmo genero de auctores extrangeiros, ainda mais veteranos, ficamos em que não se achará desvantagem da nossa parte, quer na exactidão da doutrina, quer na pureza da phrase e clareza da exposição.

Sobresáem e ennobrecem a collecção dos livros elementares dois compendios de mechanica, physica e chymica, compostos pelo sr. J. J. Ferreira Lapa, offerecidos em concurso ao desempenho de programmas dados pelo conselho superior, e premiados. Destinados para o ensino da instrucção primaria, com tal esmero e felicidade os compoz o seu A., que sem favor podem servir tambem ao ensino na instrucção secundaria. Ornados de bellissimas estampas desenhadas com perfeição, facilitam sobremodo o estudo, e tornam extremamente proveitoso o ensino, fixando as idêas claras que imprimem no espirito dos alumnos.

Consta-nos que o mesmo auctor se propozera ao premio offerecido em programma de um compendio de agricultura com applicação á instrucção primaria; e muito estimámos ouvir que a obra offerecida excede ainda as outras já premiadas, podendo haver-se como um primor em escriptos de tal natureza. Não só na agricultura propriamente dicta apresenta todas as noções indispensaveis a par da sciencia; mas descreve, desenha, e ensina o uso de todos os instrumentos e maquinas, que hoje enriquecem a sciencia, aperfeiçoam e melhoram as practicas agricolas, economisando muito da mão de obra: e para cabal desempenho, liga essas doutrinas com as de sciencias auxiliares e connexas; tractando a geologia, a botanica, a agrimensura, a veterinaria, e a economia rural com tal precisão, methodo e clareza, que não será facil apontar Manual que no seu genero o eguale.

O sr. Lapa, abrindo o exemplo entre nós a escriptos tão importantes, e summamente necessarios, como são os manuaes de sciencias industriaes, glorifica-se prestando ao seu paiz um serviço, que merece ser galardoado. Sinceros votos fazemos porque ache imitadores, certos de que nos não falta o genio, nem o amor da patria; mas falta a resolução, para vencer alguma timidez e a força da inercia devida ao pernicioso habito de nacionalisar o extrangeiro.

J.

Collecção de livros elementares

Que o conselho superior d'instrucção publica do reino auctoriza interinamente para uso das escholas primarias, publicas e particulares; e bem assim para uso das escholas de ensino secundario, e superior.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Catechismo de Doutrina Christã e civilidade, para instrucção, e para exercicio de leitura — Catechismo de Doutrina Christã, adoptado pelo arcebispo de Braga — Resumo do mesmo Catechismo — Thesouro da mocidade portugueza, por S. J. Roquete — Historia de Simão de Nantua — Compendio de Historia do antigo e novo Testamento, traduzido por Antonio Soares — Lições de boa moral, de virtude e urbanidade, traduzidas em portuguez por Francisco Freire de Carvalho — Elementos de civili-

dade e da decencia, por Mr. Prévoste, traduzidos na lingua portugueza — A Biblia da Infancia, traduzida pelo Padre Antonio de Castro — Meditações religiosas, por J. J. Rodrigues de Bastos — Arte de apprender a lêr letra manuscripta, por Duarte Ventura — Regras methodicas para apprender a escrever, seguidas de um tractado de Arithmetica, por Ventura da Silva — Methodo facillimo para apprender tanto a letra redonda, como a manuscripta, por E. A. Monteverde — Thesouro juvenil, por Midósi — Expositor Portuguez, por o dicto — Compendio de Historia Portugueza, por o dicto — Elementos de Geographia, pelo Dr. B. J. da Silva Carneiro — O Amigo dos Meninos, traduzido por uma senhora — Itenerario da India, por Fr. Gaspar de S. Bernardino — Livraria Classica Portugueza, tom. 11.° até 18.° — Selecta Classica Portugueza, por A. C. Borges de Figueiredo (1.ª parte) — Tractado de Agrimensura, por Estevam Cabral — Manual Encyclopedico, por E. A. Monteverde — Tabellas Geraes para o juro e desconto de qualquer quantia, por J. J. da Costa e Silva — O Bom Menino, traduzido do italiano, por Luiz Francisco Risso — Tabellas de Geographia, por Dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio — Nova Taboada e Arithmetica da Infancia, por o dicto — Catechismo de Doutrina Christã da Diocese de Coimbra, por o dicto — Synopse, ou Indice Chronologico e Alphabetico da Legislação relativa á Instrucção Primaria — Noções rudimentaes, por Antonio Feliciano de Castilho — Methodo de leitura repentina, por o dicto — Novo Abecedario e nova Taboada exacta e curiosa, por J. S. Bandeira — Nova Taboada exacta e curiosa (2.ª edição), por o dicto — Compendio de Arithmetica para uso das escholas de instrucção primaria, por Joaquim Maria Baptista — Tractado dos principios de Arithmetica segundo o methodo de Pestalozzi para uso dos professores e alumnos das escholas de instrucção primaria, por J. R. Paz — Novo Methodo para apprender a lêr, por o dicto — Compendio de Moral, por M. A. F. Tavares — Codigo da Civilidade de J. A. Dias — Rudimento da Leitura Portugueza, por M. J. Pires — Noções primordiaes de Moral, por J. J. da S. P. Caldas — O Amigo dos Meninos, traduzido pelo Dr. M. A. C. da Rocha — Catechismo de Moral, por M. A. T. Tavares — Compendio de Chorographia, por J. L. Carreira de Mello — Compendio de civilidade religiosa e moral, e de Doutrina Christã Dogmatica e Moral, por o dicto — Summula de preceitos hygienicos, por F. A. Rodrigues de Gusmão — O bom Menino, por Estevam Xavier da Cunha — Grammatica Portugueza, por F. Andrade Junior — Novo Compendio de Historia de Portugal, por A. F. Moreira de Sá — O Camões e Cosmos, por J. S. Ribeiro — Compendio de Mechanica, e Compendio de Physica e Chymica (premiados em concurso) por J. J. Ferreira Lapa — Pequena Chrestomatia Portugueza, por A. M. Pereira — Compendio de Grammatica Portugueza, exposta em verso, por M. J. Pires.

ESCHOLAS NORMAES.

Principios de Grammatica Portugueza, por Andrade Junior — Methodo facil e racional para ensinar a lêr os meninos, por Julio Caldas Auléte — Primeiro livro da Infancia, por F. J. Caldas Auléte — Grammatica Portugueza, por Carlos Augusto Vieira.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Compendio de Arithmetica, pelo Dr. Rufino Guefra Osorio — Primeiras noções de Algebra, pelo Dr. Jacome Luiz Sarmento — Historia de Portugal, até Elrei D. Duarte, por J. Felix Pereira — Lições d'Algebra elementar, por João Ferreira de Campos — Tractado de Versificação, por Antonio Feliciano de Castilho — Grammatica da Lingua Ingleza, por D. José Urculú — Bosquejo historico da Litteratura Classica, por A. C. B. de Figueiredo — Instituições de Rhetorica, por o dicto — Logares Selectos dos Classicos Portuguezes, por o dicto — Historia antiga e moderna, pelo Dr. J. A. de S. Doria — Elementos de moral e principios de direito natural, pelo Dr. B. J. da S. Carneiro — Curso Grammatical das linguas Latina e Portugueza, composto pelo professor João Teixeira de Vasconcellos — Curso de philosophia elementar — Logica — Metaphysica — Ethica — Historia da Philosopha, por D. Jaime Balmes, presbytero — Nova Grammatica Portugueza e Ingleza, e Portugueza, por L. F. Midósi.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Lições de Philosophia Chymica, pelo Dr J. A. Simões de Carvalho — Taboas de Lua reduzidas das de Mr. Burckhardt ao meridiano do observatorio da Universidade de Coimbra para facilitar o trabalho das Ephemerides Astronomicas, pelo Dr. F. M. Barreto Feio. — Compendio de Veterinaria ou Medicina de Animaes Domesticos, pelo Dr. J. F. de Macedo Pinto — Index Plantarum, pelo Dr. A. J. R. Vidal.

Coimbra, e Secretaria do sobredicto Conselho Superior, 1.° de Septembro de 1854.

O Secretario Geral do Conselho,
José Antonio d'Amorim.

PHYSICA.

Da electricidade que se produz na evaporação da agua salgada.

As experiencias de Gaugain levaram-no a um resultado a que por experiencias mui semelhantes havia chegado Reich, de Freyberg, a saber, que a electricidade desinvolvida pela evaporação da agua salgada, é o effeito do attrito dos globulos da agua projectados contra as paredes do cadinho. Estas experiencias foram publicadas n'uma pequena memoria apresentada á Sociedade das Sciencias de Leipzig no anno de 1846.

Em Berlin foi por Riess verificado o mesmo resultado, como se vê da nota inserida nos Annaes de Physica de Poggendorff, tomo LXIX, pag. 161.

M. de Paravey dirigiu á Academia das Sciencias de França uma nota, em que tracta de provar que, segundo as medidas dos tijolos quadrados de Babylonia, dos antigos padrões e do pé actual da China, o pé de rei francez, e muitas d'estas mesmas medidas em uso na Allemanha, teem sido, como na China, importadas da antiga Chaldèa e do Indo-Persa.

D'aqui pretende deduzir uma só origem de civilisação depois do ultimo diluvio.

Massillon é o Racine do pulpito.

LA HARPE.

Os juramentos assimelham-se ao papel-moeda, que multiplicando-se perde do seu valor.

* * *

SECÇÃO DE MATHEMATICA.

APONTAMENTOS DE TRIGONOMETRIA SPHERICA.

Continuado de pag. 133.

11. Quando no triangulo ABC são dados os lados b' e c' com o angulo c opposto a um d'elles, a formula



$$\text{sen } b = \text{sen } c . \frac{\text{sen } b'}{\text{sen } c'}$$

mostra que, em geral, se podem formar dois triangulos CAB e CAB', nos quaes os angulos B e B' são supplementos um do outro, e que satisfazem aos dados; mas ha casos em que desapparece a incerteza.

1.° Seja $c < 90°$, $b' < 90°$. Se fôr $c' < b'$, os dois triangulos BAC, $B'AC$, terão os mesmos dados b', c', c, e satisfarão ambos á questão. Se fôr $c' > b'$, o ponto B cairá em B_1 á direita de C; e as partes do triangulo AB_1C, correspondentes ás dadas, serão b', c', $180° - c$: por conseguinte só o triangulo $AB'C'$ satisfará á questão. Em fim, se fôr $c' = b'$, o ponto B coincidirá com C, e o triangulo procurado será só $AB'C$. Por tanto o caso de $c < 90°$ e $b' < 90°$ sómente será duvidoso, quando fôr $c' < b'$.

2.° Seja $c < 90°$, $b' > 90°$. O triangulo $AC'B$, no qual é $AC' = 180° - b'$, está no caso precedente. E como ACB será indeterminado ou determinado, conforme o fôr $AC'B$, segue-se que o caso de $c < 90°$ e $b' > 90°$ sómente será duvidoso, quando fôr $c' < 180° - b'$, ou $c' + b' < 180°$.

3.° Seja $c = ACB_1' > 90°$. O triangulo ACB', no qual é $ACB' = 180° - c$, $AB' = 180° - c'$, está no primeiro caso, quando é $b' < 90°$; e no segundo caso, quando é $b' > 90°$. E como o proposto ACB_1' será determinado ou indeterminado, segundo o fôr ACB', segue-se que o caso de $c > 90°$ será duvidoso, quando se derem as circumstancias seguintes:

$$b' < 90°; \text{ e } AB' < b', \text{ ou } b' + c' > 180°$$

$$b' > 90°; \text{ e } AB' + b' < 180°, \text{ ou } b' < c'$$

12. Por tanto haverá duas soluções, quando tiverem logar as condições seguintes:

$$c < 90°, \text{ e } \left\{ \begin{matrix} b' < 90°, & c' < b' \\ b' > 90°, & b' + c' < 180° \end{matrix} \right\}$$

$$c > 90°, \text{ e } \left\{ \begin{matrix} b' < 90°, & b' + c' > 180° \\ b' > 90°, & c' > b' \end{matrix} \right\}$$

13. Quando são dados dois angulos b e c com o lado c' opposto a um d'elles, tambem satisfazem em geral os dois triangulos CAB, $C'AB'$; mas, se applicarmos os characteres do quadro precedente ao triangulo supplementar, em que entram os lados $180° - b$ e $180° - c$ com o angulo $180° - c'$, acharemos o mesmo quadro, mudados respectivamente c, b', c', em c', b, c.

14. Quando não se der algum d'estes casos duvidosos, as condições de serem os lados menores que 180°, de se oppôr a um lado maior um angulo maior, e de ser a semisomma de dois angulos da mesma especie que a semisomma dos lados oppostos [1], mostrarão

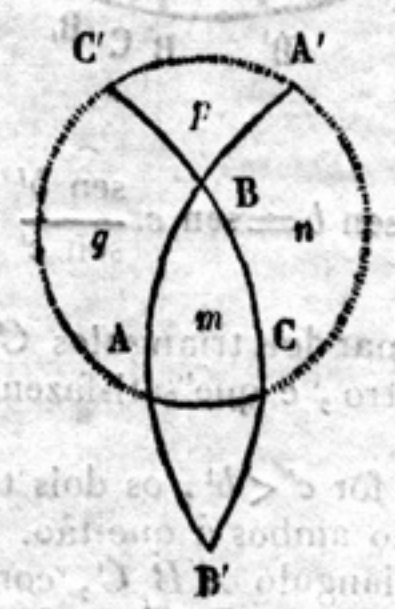
[1] Como se vê pela expressão de $\frac{1}{2}(a+c)$, que dá a primeira analogia de Neper.

sempre qual dos dois angulos, correspondentes a sen$b$, se deve tomar, se o agudo, se o obtuso [1]. Assim:

$$\text{Para}\begin{cases} c<90^\circ, \text{ e}\begin{cases} b'<90^\circ,\ c'>\text{ou}=b' \\ b'>90^\circ,\ b'+c'>\text{ou}=180^\circ \end{cases} \\ c>90^\circ, \text{ e}\begin{cases} b'<90^\circ,\ b'+c'<\text{ou}=180^\circ \\ b'>90^\circ,\ c'<\text{ou}=b' \end{cases} \end{cases} \qquad \text{Tomaremos}\begin{cases} b \text{ agudo} \\ b \text{ obtuso} \end{cases}\begin{cases} b \text{ agudo} \\ b \text{ obtuso} \end{cases}$$

E com effeito é facil vêr, que nos casos de duvida indicados póde haver um angulo agudo e outro obtuso, que satisfaçam áquellas condições; e que nos outros casos só um dos angulos satisfaz a todas ellas.

15. Seja o triangulo ABC



Produzamos os seus lados, até se encontrarem dois a dois, e formarem os tres fusos sphericos AA', BB', CC'. O circulo $ACA'C'A$ será a base da semi-sphera $ACBA'C'$; e esta semi-sphera compor-se-ha dos triangulos m, n, p, q.

Chamando pois $S=2\pi r^2$ a superficie da semi-sphera, e observando que, por serem

$$AB'=180^\circ-AB=A'B,\ CB'=180^\circ-CB=BC',\ B=B',$$

são eguaes os triangulos $AB'C$, $A'BC'$, teremos

$$S=m+n+p+q=m+n+m+p+m+q-2m$$

$$=AA'+BB'+CC'-2m.$$

E como os fusos sphericos são proporcionaes aos seus angulos, isto é,

$$AA'=\frac{a}{180^\circ}.\ S,\ BB'=\frac{b}{180^\circ}.\ S,\ CC'=\frac{c}{180^\circ}.\ S,$$

teremos

$$AA'+BB'+CC'=\frac{a+b+c}{180^\circ}.\ S,$$

e conseguintemente

$$m=\frac{a+b+c-180^\circ}{360^\circ}.\ S.$$

Se quizermos tomar por unidade de superficie a superficie do triangulo trirectangulo, que é a quarta parte da semi-sphera, e por unidade d'angulo o angulo recto, a expressão de m tomará a fórma

$$m=a+b+c-2.$$

[1] O mesmo se mostra, e acha-se o mesmo quadro, fazendo as construcções de que se usou no n.° 11, e applicando as condições de serem os lados menores que 180°, e de se oppor a um lado maior um angulo maior.

16. A superficie do triangulo vem assim expressa nos seus tres angulos: mas quando os angulos não forem dados, poderemos exprimil-os nas partes que forem dadas, e substituir depois essas expressões na da superficie, ou d'uma funcção trigonometrica d'ella.

Por exemplo, se forem dados os lados a' e c' com o angulo comprehendido b: tomando o triangulo trirectangulo por unidade de superficie, e o angulo recto por unidade d'angulo, teremos

$$\cot\left(\frac{1}{2}m\right)=-\operatorname{tang}\left(\frac{a+c}{2}+\frac{b}{2}\right)$$

$$=\frac{\operatorname{tang}\frac{a+c}{2}+\operatorname{tang}\frac{b}{2}}{\operatorname{tang}\frac{a+c}{2}\operatorname{tang}\frac{b}{2}-1},$$

ou, em virtude da primeira analogia de Neper, e fazendo $\operatorname{tang}\frac{a'}{2}\operatorname{tang}\frac{c'}{2}=t$,

$$\cot\left(\frac{1}{2}m\right)=\frac{\cot\frac{b}{2}\cos\frac{a'-c'}{2}+\operatorname{tang}\frac{b}{2}\cos\frac{a'+c'}{2}}{\cos\frac{a'-c'}{2}-\cos\frac{a'+c'}{2}}$$

$$=\frac{\cos\frac{a'}{2}\cos\frac{c'}{2}+\operatorname{sen}\frac{a'}{2}\operatorname{sen}\frac{c'}{2}\left(\cos^2\frac{b}{2}-\operatorname{sen}^2\frac{b}{2}\right)}{2\operatorname{sen}\frac{a'}{2}\operatorname{sen}\frac{c'}{2}\operatorname{sen}\frac{b}{2}\cos\frac{b}{2}}$$

$$=\frac{1+\operatorname{tang}\frac{a'}{2}\operatorname{tang}\frac{c'}{2}\cos b}{\operatorname{tang}\frac{a'}{2}\operatorname{tang}\frac{c'}{2}\operatorname{sen}b}=\frac{1+t\cos b}{t\operatorname{sen}b}.$$

Desinvolvendo em fim $\frac{1}{2}m$ em serie ordenada segundo as potencias de t, será

$$\frac{1}{2}m=t\operatorname{sen}b-\frac{1}{2}t\operatorname{sen}2b\ldots\ldots,$$

ou, se desprezarmos as quantidades da quarta ordem relativamente a a' e c',

$$m=\frac{1}{2}a'c'\operatorname{sen}b.$$

E porque é da segunda ordem a differença entre os senos do angulo b do triangulo spherico e do angulo correspondente do triangulo rectilineo, que tem os mesmos lados que o spherico, vê-se que, desprezando os termos da quarta ordem, a superficie do triangulo spherico é egual á do rectilineo.

17. Chamando r o raio da sphera, e exprimindo as linhas trigonometricas do segundo membro da equação (1) nos comprimentos dos arcos respectivos, facilmente se mostra (Trigon. de Legendre, appendice §. V) que os angulos a, b, c, d'um triangulo spherico de lados muito pequenos teem, desprezando os termos da quarta ordem, com os correspondentes a_1, b_1, c_1, do triangulo rectilineo, cujos lados são tambem, a', b', c', as seguintes relações

$$a=a_1+\frac{1}{3}\frac{m}{r^2\operatorname{sen}1''},\quad b=b_1+\frac{1}{3}\frac{m}{r^2\operatorname{sen}1''},\quad c=c_1+\frac{1}{3}\frac{m}{r^2\operatorname{sen}1''}$$

sendo m a superficie do triangulo rectilineo, que segundo o numero precedente é egual á do spherico.

O que reduz a resolução do triangulo spherico proposto á do triangulo rectilineo, cujos lados são a', b', c', e cujos angulos são a_1, b_1, c_1.

O numero de segundos $\frac{m}{r^2\operatorname{sen}1''}$ é o *excesso spherico*, que se reparte assim egualmente pelos tres angulos do triangulo.

18. Suppondo o raio da sphera infinito, e os comprimentos dos arcos finitos, ou as suas graduações infinitesimas, o triangulo spherico torna-se rectilineo; e por isso podemos, fazendo aquellas hypotheses, passar dos theoremas da trigonometria spherica para os correspondentes da trigonometria rectilinea.

Quando nos theoremas da trigonometria spherica entra mais d'um lado: passando d'elles para os triangulos rectilineos, podem apparecer razões entre as graduações dos lados; e porque estas razões podem ter um limite de grandeza finita, quando se tornam infinitesimas as graduações entre as quaes ellas teem logar, póde apparecer um theorema correspondente da trigonometria rectilinea no qual entrem lados. Mas quando nos theoremas da trigonometria spherica entra só um lado, a hypothese de ser este infinitesimo necessariamente o faz desapparecer: e o theorema reduz-se para a trigonometria rectilinea a uma relação entre angulos.

19. Appliquemos as hypotheses indicadas aos principaes theoremas da trigonometria spherica. Nellas:

1.° $\cos a = \dfrac{\cos a' - \cos b' \cos c'}{\operatorname{sen} b' \operatorname{sen} c'} = \dfrac{-2\operatorname{sen}^2 \frac{1}{2} a' + 2\operatorname{sen}^2 \frac{1}{2} b' + 2\operatorname{sen}^2 \frac{1}{2} c' - 4\operatorname{sen}^2 \frac{1}{2} b' \operatorname{sen}^2 \frac{1}{2} c'}{\operatorname{sen} b' \operatorname{sen} c'}$

dá $\cos a = \dfrac{b'^2 + c'^2 - a'^2}{2 b' c'}$.

2.° $\dfrac{\operatorname{sen} a}{\operatorname{sen} b} = \dfrac{\operatorname{sen} a'}{\operatorname{sen} b'}$ dá $\dfrac{\operatorname{sen} a}{\operatorname{sen} b} = \dfrac{a'}{b'}$.

3.° $\cos a' = \dfrac{\cos a + \cos b \cos c}{\operatorname{sen} b \operatorname{sen} c}$ dá $1 = \dfrac{\cos a + \cos b \cos c}{\operatorname{sen} b \operatorname{sen} c}$,

ou $\cos a = -\cos (b + c)$, ou $a + b + c = 180°$.

4.° $\cos c' \cos a = \operatorname{sen} c' \cot b' - \operatorname{sen} a \cot b$ dá $\cos a = \dfrac{c'}{b'} - \operatorname{sen} a \cot b$,

ou $\operatorname{sen} (a + b) = \dfrac{c'}{b'} \operatorname{sen} b = \operatorname{sen} c$.

5.° A primeira analogia de Neper dá $\operatorname{tang} \frac{1}{2}(a + c) = \cot \frac{1}{2} b$,

isto é, $\frac{1}{2}(a + c) = 90° - \frac{1}{2} b$, ou $a + b + c = 180°$.

6.° A segunda dá o theorema da trigonometria rectilinea

$$\operatorname{tang} \frac{1}{2}(a - c) = \frac{a' - c'}{a' + c'} \cot \frac{1}{2} b;$$

7.° A terceira e a quarta dão

$$\frac{a' + c'}{b'} = \frac{\cos \frac{1}{2}(a - c)}{\cos \frac{1}{2}(a + c)}, \quad \frac{a' - c'}{b'} = \frac{\operatorname{sen} \frac{1}{2}(a - c)}{\operatorname{sen} \frac{1}{2}(a + c)};$$

por conseguinte

$$\frac{2 a'}{b'} = \frac{\cos \frac{1}{2}(a - c)}{\cos \frac{1}{2}(a + c)} + \frac{\operatorname{sen} \frac{1}{2}(a - c)}{\operatorname{sen} \frac{1}{2}(a + c)} = \frac{2 \operatorname{sen} a}{\operatorname{sen} (a + c)}, \quad \text{ou} \quad \frac{a'}{b'} = \frac{\operatorname{sen} a}{\operatorname{sen} b};$$

e

$$\frac{2 c'}{b'} = \frac{2 \operatorname{sen} c}{\operatorname{sen} (a + c)}, \quad \text{ou} \quad \frac{c'}{b'} = \frac{\operatorname{sen} c}{\operatorname{sen} b}.$$

Por tanto os quatro theoremas fundamentaes da trigonometria spherica, e as quatro analogias de Neper, correspondem aos quatro theoremas principaes da trigonometria rectilinea.

RODRIGO RIBEIRO DE SOUSA PINTO.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

RELATORIO

Da imprensa da universidade de Coimbra no anno lectivo de 1853 *a* 1854, *incluindo os trabalhos de reforma e melhoramento promovidos pela commissão creada por portaria do governo, de* 7 *de novembro de* 1853.

A commissão de reforma e melhoramento da imprensa da universidade, tendo sido encarregada pelo prelado de concorrer para o relatorio geral da universidade de Coimbra com o especial relativo á imprensa da mesma universidade, vem satisfazer a esta obrigação, de que não lhe permittia escuzar-se nem a elevada missão e superintendencia, de que fôra incumbida quando mereceu a regia nomeação do governo de S. M., nem a dedicação e assiduidade com que se tem empregado no desempenho de tão laboriosa incumbencia.

A commissão exporá fiel mas resumidamente o que tem feito á cêrca da reorganisação da typographia da universidade, e bem assim as providencias que para esse effeito teem sido propostas, já foram approvadas pelo governo de S. M., ou estão sendo ensaiadas provisoriamente para subirem depois á sancção do governo; todavia não póde a commissão abster-se, posto que o desejára, de repetir aqui, como tem feito nas consultas dirigidas á presença de S. M. por via do prelado da universidade, o ruinoso estado e quasi completa decadencia em que encontrou, quando começou a funccionar logo depois da sua installação em 14 de novembro de 1853, um dos principaes estabelecimentos universitarios, digno por certo da maior sollicitude e consideração, já como auxiliar poderoso e indispensavel das sciencias e das artes, já pelo grande valor que está contido nos seus armazens, ou é diariamente produzido nas suas officinas.

Em consulta dirigida ao governo de S. M. com data de 24 de dezembro, foram apresentados os primeiros trabalhos a que a commissão procedeu. O inventario de todas as obras que se encontravam nos armazens da imprensa, e bem assim o dos prélos, typos e moveis das officinas, que a conferencia que governa a imprensa da universidade na parte technica e litteraria, devia ter ordenado na conformidade do artigo 11.° do regimento de 9 de janeiro de 1790, mereceu á commissão o primeiro cuidado; porque, tendo requisitado á conferencia da imprensa os antigos inventarios, que não deixariam de se ter feito, a resposta official, que a principio obteve, foi que nenhum inventario existia, e só passado algum tempo soube da existencia d'um, apenas principiado em 3 de dezembro de 1849, e interrompido desde 27 de maio de 1850. Teve portanto a commissão de ordenar todo este trabalho de novo.

O armazem principal estava na peor disposição possivel, tanto para a classificação como para a conservação das obras que alli se recolhiam, as quaes jaziam estendidas ao longo do pavimento da casa, sem estantes, nem resguardo algum.

O outro armazem, onde estavam em deposito antigas edições, feitas por conta da imprensa, de varios classicos portuguezes e latinos, e d'outras obras, era tão humido, por ser um claustro quasi subterraneo, que n'elle foram encontradas completamente podres e perdidas muitas obras, algumas das quaes ainda hoje são muito estimadas, e cuja venda se teria podido promover fazendo-lhes um abatimento rasoavel nos preços.

A officina onde estavam os prélos, servia ao mesmo tempo de casa para os compositores; sendo, além de escura, tão apertada, que os officiaes se embaraçavam uns aos outros. Os cavalêtes e as caixas dos typos, postas umas sobre outras, mal cabiam n'um corredor tão estreito, resultando d'ahi grande imperfeição e difficuldade nos trabalhos typographicos.

A maquina lythographica, que ha annos se comprára, e que era indispensavel n'um estabelecimento d'esta ordem, estava ainda encaixotada, por não haver onde collocal-a.

Entre os graves abusos que o tempo havia introduzido, devem principalmente citar-se as aposentadorias que dentro do edificio da imprensa tinham diversos empregados, quando era necessario alargar-se a officina typographica; o grande numero de propinas distribuidas d'um modo inconveniente e illegal; e estarem em poder d'um só dos tres claviculario, n'esse tempo administrador da imprensa, todas as chaves dos armazens, e do cofre,

sem inventarios, sem as competentes fianças, permittindo-se-lhe que effeituasse só por si a venda de todas as obras alli impressas, e não se obstando a que do deposito das antigas se vendesse a peso, sem sellecção alguma, grande porção de papel, e a que tão rico deposito tivesse sido, como parecia, muito defraudado.

A falta de fiscalisação e de zelo na administração da imprensa ostentava-se egualmente não só no proprio edificio, pela ruina dos telhados, caixilhos das janellas, etc., mas até nas casas pertencentes a este estabelecimento, algumas das quaes estavam inhabitaveis.

Na administração da imprensa não podia prescindir-se da mais regular e escrupulosa escripturação, resultando de não se terem feito por muito tempo os assentos necessarios a impossibilidade de verificar as verbas de receita provenientes das obras vendidas a diversos livreiros, cujas requisições originaes ainda ha pouco tempo não eram apresentadas, mas apenas uma copia, para documentar as vendas effeituadas.

Finalmente o extravio e estrago de grande porção de typo antigo, e não se haver realizado a compra de novo, fazia com que se atrazasse muito a composição typographica, e se recusassem obras que os seus auctores pretendiam alli imprimir, sendo que por isso perdia a casa muitos lucros, e não menos os compositores e impressores, que por falta de typo não podiam muitas vezes trabalhar.

Por este rapido esboço será facil comprehender que a commissão carecia de fazer muitas reformas na imprensa da universidade, tanto na parte administrativa como na mechanica, e que as providencias propostas ao governo de S. M. para se alcançarem os melhoramentos de que fosse susceptivel, não podiam deixar de abranger o pessoal da mesma imprensa.

A portaria do ministerio dos negocios do reino de 16 de março do corrente anno[1], approvando as medidas de reforma propostas pela commissão, primeiro resultado de seus esforços, veiu auctorizar a mesma commissão para proseguir com mais energia e promptidão nos trabalhos de que estava encarregada, podendo pelo art. 18.° da citada portaria tomar, d'accordo com o prelado, as providencias economicas que não dependessem de resolução regia. Além d'isto, em consequencia da demissão dada por decreto de 8 do dito mez de março a João Francisco da Cruz, do logar de administrador da imprensa da universidade, foi nomeado interinamente para este emprego o compositor da imprensa nacional Olympio Nicolau Ruy Fernandes, o qual devia esclarecer a commissão sobre as medidas de reforma e melhoramento que conviesse adoptar, tanto em relação á parte administrativa, como a respeito da parte technica. E com effeito os distinctos serviços prestados por este empregado teem sido segura abonação já dos seus conhecimentos technicos e de administração, já da escolha acertada que d'elle fizera o governo de S. M. para tão importante fim.

A commissão, convencida de que era d'urgente necessidade a prompta execução da sobredita portaria, entendeu que principalmente dos art. 4.° e 5.° d'ella (o 4.° transferindo a aposentadoria do director, e o 5.° fazendo cessar a de todos os outros empregados) dependia uma boa parte das reformas que eram mais essenciaes.

A commissão representou ao prelado a urgencia de ser encarregado o professor de grego, Antonio Ignacio Coelho de Moraes, de fazer recolher os diccionarios e mais livros que tinham sido confiados ao fallecido professor jubilado José Vicente Gomes de Moura, para o acabamento do diccionario Greco-latino; e bem assim todos os papeis manuscriptos que pertencessem ao mesmo diccionario, cuja impressão estava muito adiantada, senão quasi concluida, e que pelo merecimento d'obra tão primorosa, e pelas mui avultadas despezas que a imprensa já tinha feito para a sua publicação, reclamava que se empregassem todos os meios e boas diligencias para que não ficasse incompleta. E foi com effeito encarregado aquelle professor não só da commissão proposta, mas tambem da conclusão do diccionario Grego-latino, ao qual ainda tem de ajuntar-se notaveis additamentos, para corresponder ás melhores publicações modernas que ha n'este genero.

A commissão passou logo a tomar as seguintes resoluções d'accordo com o prelado, as quaes foram communicadas á conferencia da imprensa da universidade: Que assistisse ás sessões da conferencia da mesma imprensa um dos membros da commissão, auctorisado para promover tudo o que julgasse conveniente a bem das reformas que tinham de realizar-se tanto na parte economica como na technica: Que fosse posto em execução o regulamento provisorio, feito para a contabilidade, fiscalisação e escripturação da administração geral da imprensa nacional, para supprir interinamente as omissões, n'essa parte, dos regulamentos da imprensa da universidade: Que fosse transferido para um cofre especial na casa da extincta junta da fazenda da universidade o dinheiro que então existia no cofre da imprensa, deixando-se n'este a quantia sómente necessaria para o pagamento da feria semanal e d'outras mais despezas ordinarias, para o que a dita quantia não excederia jámais a trezentos mil réis, e conservando-se da mesma sorte as chaves d'ambos os cofres em poder dos tres respecti-

[1] Publicada em o n.° 1.° d'este jornal.

vos clavicularios: Que o alçador José da Silva Bandeira não continuasse a accumular as attribuições de ajudante do administrador, as quaes interinamente eram commettidas a Mauricio José Dias, compositor da imprensa nacional: Que ao fundidor de typos Joaquim Maria da Cruz, cessasse o salario diario de 200 réis, devendo pagar-se-lhe sómente o serviço de que fosse encarregado, e pelo preço que se ajustasse.

Todas estas resoluções foram approvadas pela portaria do ministerio dos negocios do reino de 20 de maio.

Tendo a execução do art. 4.° da portaria de 16 de março dado logar a difficuldades inesperadas, que por algum tempo demoraram os trabalhos da commissão, foi necessario dirigir ao governo de S. M. consulta com data de 10 d'abril; e pelo mesmo motivo foi presente depois á commissão um requerimento do digno par do reino director da imprensa da universidade, sobre cujo contexto se mandou ouvir a commissão, que respondeu em 19 do dito mez d'ahril o que á cerca de semelhante objecto se lhe offereceu. Por fim manteve-se, como era de justiça, a disposição do art. 4.° da citada portaria em virtude d'outra expedida em 13 de maio. Todavia, por causa dos muitos reparos e concertos que foi mister effeituar nas casas para onde se transferira a residencia do director, a fim de lhe proporcionar o maior numero possivel de commodidades, e para que ficassem por uma vez feitas todas as obras necessarias, ainda teve d'esperar-se até o fim de julho porque fossem desoccupadas as casas onde o director tivera a sua aposentadoria.

Desde então é que os trabalhos da commissão poderam recomeçar com maior actividade, e receber todo o impulso de que careciam.

A commissão tinha mandado já fazer as estantes para o armazem principal, e collocar n'ellas todas as obras que se encontravam estendidas, como fica dito, ao longo do pavimento. Do outro armazem mandou mudar para salas enxutas e ventiladas as chronicas de Damião de Goes, e de Andrada; e as obras de Duarte Nunes de Leão, de Rezende, de Jeronymo Osorio, e d'outros classicos, para evitar a sua total ruina. E actualmente tracta de promover a venda de grande numero d'exemplares d'aquellas obras, fazendo-lhes um abatimento rasoavel nos preços.

Desde o principio do mez d'agosto ultimo começaram todos os trabalhos indispensaveis ou mais convenientes para a melhor collocação d'outra officina de composição nas casas que desoccupou o director da imprensa. A casa da impressão tornou-se independente das casas da composição typographica; fizeram-se novos cavalêtes, caixas de composição e mais utensilios typographicos segundo os modêlos mandados vir de Lisboa; escolheu-se um local apropriado para a maquina lythographica, onde foi definitivamente collocada para poder funccionar; introduziram-se varios aperfeiçoamentos technicos.

Tanto no edificio da imprensa como nas casas pertencentes a este estabelecimento mandaram-se fazer todos as obras e reparos os mais indispensaveis.

Tem-se feito em grande parte o sortimento de typo novo, emblemas e vinhêtas, e remettido em troca avultada porção de typo inutilisado, ficando ainda a sufficiente de typo velho para proseguirem as impressões que estavam em andamento, ou para as reimpressões d'algumas obras que são propriedade da imprensa. De gothicos e cursivos existe n'este estabelecimento tão rico e abundante sortimento, que póde dispor-se de metade por venda ou troca, o que a commissão espera conseguir.

Eram necessarias algumas maquinas e utensilios para a officina de impressão, a saber, um prélo de ferro maior do que o commum, tinteiros de ferro para os prélos, uma prensa hydraulica, e um torculo d'estamparia, pelo que resolveu a commissão em 7 d'agosto encarregar o administrador interino Olympio Nicolau Ruy Fernandes, de ir ao Porto e a Lisboa, devendo estar de volta até ao 1.° de setembro, a fim de comprar, n'aquellas cidades, pelos menores preços, os sobreditos objectos; e visto não se ter offerecido proposta alguma para o fornecimento, por meio d'arrematação, do papel necessario para a imprensa da universidade, tambem auctorisou o dito administrador interino para ajustar o papel das fabricas nacionaes d'Alemquer ou do Tojal, que for preciso, até a quantia d'um conto de réis, tendo em vista as melhores condições que se offerecessem, e firmando os necessarios contractos e escripturas com todas as solemnidades legaes. Esta incumbencia foi perfeitamente desempenhada pelo administrador interino, que não só comprou pelos menores preços no Porto e em Lisboa aquellas maquinas e utensilios, mas tambem concluiu com a fabrica d'Alemquer o mais vantajoso contracto á cerca do papel, consistindo em que a imprensa poderá ter sempre no seu armazem até o valor d'um conto de réis de papel, pelos mesmos preços por que lh'o forneciam os commissarios da fabrica, mas sem empate de capital, considerando-se o papel como em deposito, pagando a imprensa no fim de cada mez sómente a importancia do consumido, e percebendo ainda 5 por cento de commissão [1].

[1] A respeito do papel cumpre notar que, no anno lectivo de 1853 a 1854, se gastou nas impressões da casa 778$800 réis; e que póde orçar-se o comprado pelos particulares para a impressão das suas obras approximadamente em 1:200$000 réis por anno.

Na ausencia do administrador interino foi encarregado de fazer as suas vezes, e debaixo da sua responsabilidade para todos os effeitos, o ajudante interino Mauricio José Dias.

As precedentes resoluções foram todas approvadas pela portaria do ministerio dos negocios do reino de 23 d'agosto.

As despezas que se tem feito na imprensa da universidade no anno lectivo de 1853 a 1854, são as seguintes:

Obras no edificio da imprensa, incluindo a pintura			1:013$895
Ditas nas casas para onde se transferiu a residencia do director			158$145
Ditas na casa denominada do thesoureiro			57$875
Ditas na dita da rua da Ilha			127$160
Caixas de composição e mais utensilios typographicos			122$900
Cavalêtes e pintura dos mesmos			57$455
Typo novo, 3:250 arrateis e 4 onças[1]	1:307$693		
Emblemas e vinhêtas	17$220		
		1:324$913	
Primeira remessa de typo velho 1:602 arrateis e 4 onças	224$315		
Segunda dita 1:783 arrateis[2]	249$620		
		473$935	
			850$978
Um prélo de ferro[3]			158$000
Sete tinteiros de ferro a 24$000 cada um			168$000
Uma prensa hydraulica			516$000
Um torculo d'estamparia			92$040
Réis			3:322$448

Pela portaria de 23 d'agosto, já citada, foi tambem confirmada pelo governo de S. M. a proposta feita pelo vice-reitor da universidade para nomear interinamente para exercer as funcções de director da imprensa um dos vogaes da commissão, e na falta ou impedimento d'algum d'elles o administrador interino da mesma imprensa. Esta providencia tinha sido reclamada pela ausencia do director proprietario e substituto durante o tempo das ferias.

Ainda varias reformas são necessarias para que este estabelecimento typographico venha a prestar os uteis serviços que póde effectivamente prestar em beneficio das sciencias e das letras; porém muitas d'ellas convem que sejam experimentadas provisoriamente antes de serem submettidas á approvação definitiva do governo. Assimque a respeito da revisão typographica a commissão começou por tomar em 3 de junho algumas providencias mais urgentes para que, a par das reformas na parte technica, se effeituassem tambem na parte litteraria, as quaes não deviam merecer menor attenção para credito e proveito d'esta typographia.

A commissão tem continuado depois a prestar o mais serio cuidado a semelhante objecto: o pessoal da revisão havia sido quasi todo provido recentemente pelo governo de S. M. em jovens de muitas esperanças, é verdade, mas que ainda não pódem considerar-se como revisores feitos, nem mesmo como philologos consummados: por outra parte, o serviço da revisão tinha augmentado consideravelmente, o que muito havia concorrido para crescerem egualmente as difficuldades a que a commissão tem procurado dar remedio. Para este effeito se coordenou em 7 d'agosto um regulamento provisorio para o serviço da revisão, o qual se mandou logo communicar á conferencia da imprensa para ser interinamente executado.

A commissão no orçamento da imprensa para o anno economico de 1855 a 1856, que dirigiu ao governo de S. M. em 4 de setembro ultimo, introduziu tambem algumas alterações e propostas relativas ao pessoal da mesma imprensa; e quanto aos revisores, propondo a commissão augmento nos seus ordenados, entendeu ao mesmo tempo que não convinha que fossem distrahidos com qualquer outra occupação do serviço publico, e que por isso devia declarar-se bem expressamente—que não poderiam accumular com o emprego de revisores qualquer outro, nem sequer do magisterio.

A commissão tem tomado outras muitas providencias economicas e administrativas de reconhecido interesse, já relativas á loja da venda dos livros, já sobre as attribuições do fiel da officina e d'outros empregados, já finalmente em relação ao melhor arranjo da sala da conferencia, e organisação da bibliotheca da imprensa, tendo sido auctorisada pelo prelado da universidade para escolher do deposito dos livros e pinturas dos conventos extinctos, tanto os livros que fossem necessarios para a dita bibliotheca, como as pin-

[1] Ainda tem de vir 1:000 a 1:500 arrateis.
[2] Prepara-se outra remessa de 1:600 a 1:800 arrateis.
[3] Ha de ser ainda necessario outro prélo lythographico, que importará pouco mais ou menos 120$000 réis.

turas que devessem ornar a sala da conferencia.

Todas estas providencias e reformas, e bem assim as mais que forem suggeridas pela experiencia e assiduas investigações da commissão, serão consignadas opportunamente no regulamento geral em que a commissão está trabalhando.

A commissão seria digna de censura, se n'este logar deixasse de fazer honrosa menção dos bons serviços que Mauricio José Dias prestou á imprensa da universidade, por espaço de seis mezes em que esteve encarregado da inspecção da eschola typographica da mesma imprensa, e das attribuições de ajudante do administrador, cargos que exerceu com muita intelligencia e dedicação, ficando assignaladas provas d'isso tanto na separação, arranjo e systematica disposição de typos, vinhêtas, etc., como em muitos outros objectos em que se requeriam conhecimentos technicos: e outro sim por haver desempenhado com egual zêlo e com toda a regularidade as funcções de administrador, cujas vezes fez, como já se disse, na ausencia do actual quando esteve occupado no serviço importante que lhe fôra incumbido pela commissão.

E porque não basta sómente que se façam reformas proveitosas, mas é tambem necessario que ellas se firmem solidamente e fructifiquem, entende a commissão que muito convem para isso serem ainda por muito mais tempo aproveitados os serviços utilissimos, que já tem prestado á imprensa da universidade o administrador interino Olympio Nicolau Ruy Fernandes, até que os melhoramentos technicos, administrativos e litterarios d'este estabelecimento typographico tenham chegado ao grau de perfeição e estabilidade, que a commissão confiadamente espera obter, muito principalmente continuando a ser esclarecida e auxiliada por um empregado tão intelligente como benemerito.

Coimbra, 28 d'outubro de 1854.

MOSTEIRO DA VACCARIÇA. [1]

Fundação do Mosteiro.

Existiu em outros tempos um famoso convento, o Mosteiro da Vaccariça [1] ou Mosteiro Bubulence [2], na antiga villa da Vaccariça, hoje pertencente ao concelho da Mealhada, situada perto de Bussaco, meia legua ao poente, de Luso.

É muito obscura a historia da fundação d'este mosteiro. A epocha assignada por fr. Leão de S. Thomaz, a mais geralmente seguida, é muito contestada por fr. Antonio da Purificação. Este chronista, attribuindo a Paulo Orosio a fundação do Mosteiro de Lorvão no anno de Christo de 450, quer que o mesmo eremita, poucos annos depois, fundasse tambem o Mosteiro da Vaccariça. Serve-lhe de prova um catalogo dos conventos do S.to Agostinho, no qual, depois de se fallar do Mosteiro de Lorvão, se menciona outro perto de Luso [3], cuja fundação tambem se attribue a Paulo Orosio.

Por outro lado, a Benedictina Lusitana e os mais chronistas affirmam que os dous mosteiros foram fundados no seculo VI, pelos primeiros monges que S. Bento mandára do Monte Cassino á Hespanha, e antes da morte d'este Santo Patriarcha.

Fr. Bernardo de Britto encontrou no car-

---

[1] A Noticia Historica do Mosteiro da Vaccariça, etc., pelo sr. Dr. Miguel Ribeiro de Vasconcellos, que a academia real das sciencias acaba de publicar, levar-me-hia a retirar do prelo uma grande parte d'este meu trabalho, se não me vira compromettido á sua publicação pela promessa que fiz em 1852, no Instituto de Coimbra n.º 4, nota 1.ª ao meu artigo—Os Banhos de Luso.

Cabe aqui um testemunho do meu reconhecimento á boa vontade com que o sr. Miguel Ribeiro me patenteou os documentos do archivo da sé de Coimbra, na qualidade de cartorario d'este archivo, e do muito que me coadjuvou em 1850 n'este meu trabalho, que pouco depois tive de interrompor com outros de maior urgencia.

Se n'aquelle tempo despertei a attenção do sr. Miguel Ribeiro para o Mosteiro da Vaccariça, dar-me-hei por bem pago das semanas que alli gastei só com a lembrança de ter actuado como causa, se bem que remota, na publicação d'uma memoria, que a academia real das sciencias tanto apreciou.

[1] Vaccariça deriva, segundo geralmente se crê, de —Vaccaria— por se terem dado á criação do gado vaccum os antigos habitantes d'esta villa, favorecidos pelos bons pastos que poderia ministrar toda a varzea do norte, fertilizada pela Ribeira de Luso; ou de—Vacca-rica—porque fossem bem reputadas no mercado as vaccas alli criadas, e ainda porque o talho do abastecido Mosteiro Bubulense fosse muito acreditado nos arredores, dando sempre optima vacca ou *vacca-rica*.

[2] A denominação de Bubulense julga-se que proviera de se ter alatinado a mesma etymologia —bubulus—. Alguns chronistas o denominaram Mesteiro Bubulense; mas nos documentos, que possuimos d'este mosteiro, do seculo X em diante, vem sempre designado por —Monasterium, Acisterium, Cenobium Vaccarize— como diz o sr. Miguel Ribeiro na sua Noticia Historica do Mosteiro da Vaccariça §. 13.

[3] In territorio Conimbricensi unum ad Lurbanum . . . et aliud ad Lusum . . . hæc etiam Orosio tribuimus. Chronica dos Eremitas de Sancto Agostinho por fr. Antonio da Purificação tom. 1, liv. 1, tit. 8, §§. 4 e 5. N'este ultimo §. se lê tambem o seguinte: « Aqui per-« severamos (os Agostinhos na Vaccariça) até á entra-« da dos Sarracenos em Hespanha: os quaes com bar-« baro furor tiraraõ a vida aos pobres Eremitas: e « assi ficou o Mosteiro desemparado até que quãdo « a Portugal chegou a Reformação de Clune foy outra « vez habitado de Religiosos de S. Bento. » Poderiam ter havido estes estragos, ou, os Monges fossem Agostinhos ou de S. Bento; mas a circumstancia de se mencionarem n'esta chronica só por incidente, e de não ter encontrado nos mais historiadores o menor indicio d'este facto, leva-me a julgar fabulosa esta noticia, e a suppor que seria dada para uma explicação plausivel da pertendida transição, da ordem de Sancto Agostinho para ordem de S. Bento, no Mosteiro da Vaccariça.

torio de Lorvão, no fim d'um livro manuscripto muito antigo, uma memoria, que diz ter sido fundado este mosteiro ainda em vida de S. Bento [1]. George Cardoso cita um livro dos obitos do cartorio de Lorvão onde se diz que Lucencio, depois Bispo de Coimbra, foi o primeiro abbade de Lorvão [2]; e este mesmo Lucencio, que assignou o concilio Bracharense em 563 [3], foi, segundo o mesmo auctor, um dos doze discipulos que S. Bento mandou de Cassino para edificarem, em Castella a Velha, o convento de S. Pedro de Sardenha em 537 [4], donde saío para a Lusitania, e edificou o convento de Lorvão [5].

O anno d'estas fundações vem mais precisamente designado para o Mosteiro da Vaccariça, n'um livro memorial antigo, do cartorio do Mosteiro de S. Pedro de Pedroso, citado por fr. Leão de S. Thomaz, onde se diz que o Mosteiro da Vaccariça foi edificado no anno de 541 pouco mais ou menos, depois de fundado o de Lorvão [6].

Só com estes dados nada se póde colher, que satisfaça, sobre a fundação do Mosteiro Bubulense. Tanto o catalogo dos conventos de Santo Agostinho como o livro dos obitos do cartorio de Lorvão, o livro manuscripto do mesmo cartorio, e o livro memorial de S. Pedro de Pedroso são escriptos sem referencia a documentos contemporaneos, e sem data nem auctores, que os auctorisem. Mas, se a pezar d'isso é permittida uma opinião de probabilidade, será talvez menos arriscada a dos que se inclinam a que o Mosteiro da Vaccariça fôra fundado no seculo VI, entre os annos de 537, vinda dos Monges Benedictinos á Hespanha, e 543, morte de S. Bento [7]; não porque os outros escriptos tenham mais auctoridade do que o catalogo dos conventos de Sancto Agostinho, mas por serem mais em numero, e muito mais acreditados pela grande maioria dos nossos archeologos.

No meio d'esta divergencia, os dous adversarios fr. Leão de S. Thomaz e fr. Antonio da Purificação, fr. Bernardo de Britto na sua Chronica de Cister, o licenciado George Cardoso no Ageologio Lusitano, o doutor fr. Antonio Brandão na Monarchia Lusitana, fr. Antonio de Yepes, e os mais que pudemos consultar, todos concordam em que o Mosteiro da Vaccariça fôra fundado logo depois do de Lorvão, que tiveram ambos o mesmo fundador, e que foram na primitiva da mesma ordem religiosa. Assentam esta ligação dos dous mosteiros nos mesmos escriptos, donde foram buscar a sua fundação; mas, como n'este ponto não ha divergencias, não é muito que esta noticia, a pezar de muito duvidosa, se conceda a quem se contentar com a epocha, tão mal averiguada, da fundação do Mosteiro da Vaccariça.

Continúa. A. A. DA COSTA SIMÕES.

PHYSIOLOGIA APPLICADA.

Transmissão dos sons por meio dos corpos solidos; e sua applicação ao ensino dos meninos no estado de surdez incompleta.

Os methodos d'instrucção para os surdos-mudos ou são completamente desconhecidos entre nós, ou não teem sido ensaiados com proveito. Póde quasi dizer-se que esta desgraçada classe de nossos irmãos tem sido deixada ao abandono. Os esforços feitos até aqui para lhes dar certa educação, teem sido de todo infructiferos neste paiz, e por toda a parte se encontram d'estes infelizes, a quem nenhum beneficio tem feito o progresso de todos os conhecimentos humanos. O seu espirito tem ficado sem pão no meio do banquete geral de todas as outras classes, como se elles foram degradados da civilisação. Tocados por tamanho infortunio vamos dar conta n'este jornal d'um methodo ultimamente ensaiado em França para transmittir os sons e fazel-os ouvir e apreciar perfeita e distinctamente pelos surdos-mudos no estado de surdez incompleta.

Havendo as pessoas empregadas na instrucção d'esta desherdada classe, observado que, a maior parte dos surdos-mudos podia ouvir

---

[1] Domus nostra Lurbani constructa fuit viuẽte patre nostro Benedicto. Chronica de Cister por Fr. Bernardo de Britto Part. 1.ª liv. 6, cap. 29.

[2] Eadem die (10 d'abril — não diz o anno —) obiit Venerabilis Lucencius, primus quondam Abbas Lurbani, postea vero ad Episcopatum Colimbrigensis ciuitatis assumptus, qui literis, et virtutibus clarus multis interfuit conciliis. Agioligio Lusitano pelo Licenciado George Cardoso tom. 2, Commentario ao 10 de Abril

[3] Catalogo dos Bispos do Porto por Dõ Rodrigo da Cunha part. 1.ª, cap. 4. Fr. Antonio de Yepes tom. 1, cent. 1. George Cardoso, referindo-se a Loaysa, quer que os concilios Bracharenses a que assistiu Lucencio, tivessem logar em 561 e 572, tom. 2, Coment. ao 10 de Abril.

[4] Este anno tambem o aponta fr. Antonio de Yepes tom. 1, Centuria 1.ª folh. 87.

[5] Agiologia Lusitano tom. 2, Comment. ao 10 de Abril.

[6] Benedictina Lusitana, tom. 1, trat. 2, part. 2, cap. 12.

[7] Ainda ha muita divergencia nos AA. sobre as epochas do nascimento e morte de S. Bento, apezar d'alguns se terem referido a factos relativos aos reinados dos imperadores Anastacio Deoscoto e Justino, do rei de Leão D. Affonso Magno e de Totila rei dos Godos. Fr. Antonio da Purificação diz que este Sancto Patriarcha nasceo em 527, fundou a sua ordem em Cassino em 567, e que morreu em 589. Tritencio, que nasceu em 480. O cardeal Matheus Palmerio, em 494. Victor Capuano, alguns annos depois de 494. O Padre Roman e fr. Luiz dos Anjos, em 497. Mariano Escoto e Sigeberto em 570. E a Benedictina Lusitana, o Cardeal Baronio, Hermano Contracto, Genebrardo, Arnulfo, Yepes e outros affirmam que nasceo em 480, que fundou em Cassino a ordem Benedictina em 529, e que morreu em 543.

alguns sons, e sendo certo que os corpos solidos transmittem os sons com mais energia que os fluidos, M.r D.r Itard, M.r Strauss Durckheim, e Le-Cot, parocho de Bolonha sobre o Sena, que disputam entre si a prioridade d'este descobrimento, approximando estes dois factos de natureza differente, concebêram a idêa de que os surdos-mudos ouviriam com mais facilidade e perfeição os sons que lhes fossem transmittidos pelos corpos solidos do que os que lhes chegassem por intermedio do ar. Restava descobrir um meio facil de transmissão segundo este pensamento, e foi descoberto. Este meio tão facil como simples consiste em articular os sons distinctamente, mas sem esforço no centro do pavilhão, ou bocca d'um porta voz ordinario, ou corneta acustica, de zinco ou lata, que o surdo-mudo deve apertar nos dentes pela extremidade que tem o menor diametro. Do emprego d'este simples apparelho asseveram os seus pretendidos inventores Strauss e Le-Cot, haverem tirado os mais auspiciosos resultados; o que o primeiro corrobora com as experiencias por elle feitas em 1842, na presença do professor Puybonnieux, em alguns alumnos da eschola de surdos-mudos, e o segundo com os nomes de tres crianças, entre mais de vinte, que quasi todas immediatamente repetiam os sons, que lhes haviam feito ouvir por este processo. A pezar de tudo isto, como confessa o mesmo M.r Le-Cot na carta que escreveu ao Presidente da Academia das Sciencias a fim de que esta corporação scientifica nomeasse uma commissão, para se entender com elle sobre este objecto, verificar os resultados das suas experiencias, e formular sobre esta interessante questão uma opinião sanccionada pela authoridade irrefragavel da Academia das Sciencias; nem este methodo serve para fazer ouvir os meninos absolutamente surdos; nem ainda os seus resultados estão definitivamente comprovados por factos incontestaveis, e por experiencias authenticas. Com effeito a idêa de M.r Itard era a mesma, e todavia, não tendo os resultados obtidos segundo as suas indicações, correspondido ás suas esperanças, foi o seu methodo completamente abandonado.

Mesmo assim, no estado de incerteza em que nos achamos a respeito das vantagens da applicação d'este methodo, é tão importante o assumpto de que nos occupamos, que não duvidamos chamar sobre elle as attenções dos homens competentes, e pedir aos amigos e bemfeitores da humanidade que continuem as suas experiencias n'este sentido, pois só assim póde chegar-se á verdade, e obter a somma de factos necessarios para o confirmar e seguir, ou para o abandonar.

Sobre a sua facilidade e simplicidade este methodo tem para a surdez não completa, incontestavel superioridade sobre os antigos methodos empregados com zelo e dedicação pelos directores das escholas e estabelecimentos de surdos-mudos em França, onde desde o abbade De L'Épée e Sycard até hoje se tem dado largo desenvolvimento a este objecto.

Comparemos para o provar os resultados e vantagens d'estes methodos. Os geralmente empregados nas escholas, ensinam é verdade os desgraçados surdos-mudos a articular sons, mas isso imperfeitamente; conseguem fazel-os fallar, mas sem que tenham consciencia dos sons que emittem: daqui resulta primeiro, que os alumnos precisam de fazer um grande esforço d'attenção e intelligencia de que nem todos são capazes; resulta ainda, que não comprehendendo bem o que fazem, saindo da eschola e entrando em casa, quando mais necessidade tinham d'applicar o que haviam aprendido, desgostam-se d'isso, não se exercitam e esquecem-se; e resulta em fim, que os sons que emittem são muitas vezes falsos e inexactos, sem que possam mesmo conceber o vicio de sua pronunciação. Mas pelo methodo, que indicamos, não só póde desenvolver-se consideravelmente o sentido e orgam do ouvido, mas até chegar-se depois de certo lapso de tempo a fazer ouvir, mesmo sem o concurso d'instrumentos, frazes inteiras a meninos que a principio parecia não perceberem som algum, e que não obstante ficam por fim com a consciencia do que ouvem e do que pronunciam. Tem ainda este methodo, nas mãos das pessoas exercidas na arte difficil de instruir os surdos-mudos a vantagem de poder auxiliar poderosamente os methodos ainda hoje usados e d'abbreviar consideravelmente o tempo dos estudos. E finalmente póde com proveito ser applicado por as pessoas mais estranhas á educação dos surdos-mudos, de sorte que as mães podem começar, e o mestre de primeiras letras continuar a sua educação.

E é por todas estas vantagens, que, a nosso ver, merecem a attenção das pessoas que estiverem nas circumstancias de verificar os resultados já obtidos, e de ensaiar novas experiencias; e pelo alto interesse que ligamos a esta questão humanitaria, que d'ella fizemos o presente extracto.

J. DE Q.

INFLUENCIA DA LUA NOS TERREMOTOS.

Depois que foram apresentados á Academia das Sciencias de Paris os trabalhos de M. Alexis Perrey sobre a influencia da lua nos terremotos, dos quaes se deu conta no n.º 9 do Instituto, appareceu em sessão de 21 d'agosto uma correspondencia de M. Fr. Zantedeschi dirigida á mesma Academia, que tem por fim: tirar algumas consequencias das variações continuas que, segundo o auctor, as

marés internas devem fazer experimentar á fórma do espheroide terrestre; e citar algumas passagens d'escriptores do seculo XVIII, em prova de que, desde o principio d'aquelle seculo, se conhecia a influencia das posições da lua e do sol nos terremotos, hoje confirmada pelos trabalhos de M. A. Perrey.

Da mudança periodica da fórma do espheroide terrestre devem ser consequencias as variações da depressão do horisonte em cada um dos logares da terra, devidas á elevação e abatimento que as marés dão a esse logar, segundo as posições da lua e do sol, um a respeito do outro, e a respeito do perigeu e do meridiano; ou mais geralmente a mudança de projecção d'um ponto fixo sobre a abobada celeste; e tambem a retardação do pendulo na preamar, e a acceleração na baixa mar, ás quaes M. Zantedeschi attribue certos saltos dos relogios astronomicos, que os astronomos até agora não poderam explicar. Por isso é que sobre estes dois pontos, e sua influencia nas observações astronomicas e na contagem do tempo, se chama na correspondencia a attenção dos observadores.

Para mostrar que já era conhecida no seculo passado a influencia da lua nos terremotos cita M. Zantedeschi as passagens seguintes das obras de Jorge Baglivi, e de José Toaldo.

« In singulis Lunæ aspectibus, seu quadraturis, potissimum in plenitudine ejusdem « seu totali oppositione cum Sole, certo succedebant terræ motus, frequenter paululum « præcedebant ipsos aspectus. » (*Georgii Baglivi Opera omnia; Bassani*, 1737; *pag.* 115.— *Editionis Venetiarum*, 1752; *pag.* 326.)

« Toaldo, parlant en général de tremblements de terre, dit:

« Feu M. Bouguer, dans la relation de son « voyage au Pérou, art. 3, parle beaucoup « des tremblements de terre qui sont fré- « quents dans ce pays. Il mentionne comme « douteuse l'assertion d'un savant Péruvien « qui dit que les tremblements de terre ont « certaines heures fatales et marquées qui sont « les heures de la basse marée. D'un autre « côté, Chanvalon, dans son voyage à la Martinique, note beaucoup de tremblements de « terre qui ont eu lieu à l'heure de la haute « mer, et le tremblement de terre qui ren- « versa Lima la 28 octobre 1746, arriva à « 3 heures du matin, au moment du flot « (*ora della prima acqua*). Ainsi on a remarqué dans d'autres pays que ces phénomènes « eux-mêmes peuvent dépendre de causes cosmiques de l'action du Soleil et surtout de « la Lune. » (*Giuseppe Toaldo, Della vera influenza degli astri, ecc. Saggio meteorologico; Padova*, 1770; *p.* 190.)

A influencia da lua nos phenomenos terrestres chamava ha muito tempo a attenção de M. Zantedeschi, como provam seus estudos publicados nos *Annales de Physique*, 1849—1850, pag. 129 (*De l'action de la lumière lunaire sur les végétaux, sur les corps inorganiques, et de son action calorifique*), e a Nota communicada por M. Arago á Academia das Sciencias em sessão de 11 d'outubro de 1852 (*Sur les mouvements présentés par plusieurs végétaux exposés à l'action de la lumière lunaire*, C. R., tome XXV, pag. 522.)

LIVROS SAGRADOS DOS INDIOS.

O RIG-VÉDA.

Continuado de pag. 182.

Chegando ao solo indianno, os Aryenos trocaram os habitos da vida nomade, pelos gosos e commodidades da vida sedentaria. Captivados pela belleza d'este paiz, pela amenidade do seu clima, e fertilidade de seus aprasiveis campos, e risonhos valles, aquellas tribus, até alli errantes, viram nesta terra de promissão a sua verdadeira patria. Ás tendas e cabanas volantes succedem as construcções mais regulares e permanentes; e o estabelecimento de pequenas aldêas. A população cresce; os trabalhos e occupações artisticas, e industriaes multiplicam-se, e o chefe de familia lega a seus filhos os vasos proprios para os sacrificios, as armas, os instrumentos agricolas, seus campos, e seus rebanhos. A propriedade, que assim começára a ser reconhecida como um direito, parecia tambem impôr áquelles, que a herdavam, o dever de continuar os trabalhos, de que na infancia tinham adquirido as primeiras noções. Deste modo o regimen da familia—o regimen verdadeiramente patriarchal, ia gradualmente desapparecendo, ao passo que a sociedade proseguia na sua emancipação por uma organisação mais completa.

Durante suas emigrações, os Aryenos tinham sido governados pelos descendentes dos antigos chefes das tribus. Depositarios dos conhecimentos e das tradicções religiosas, esses homens celebravam os sacrificios como sacerdotes do culto vedico, e occupavam por isso o primeiro logar no meio d'aquellas tribus; todavia, uma parte da auctoridade que o sacerdocio exercia, devia passar como nos juizes entre os Hebreus, para os mais valentes guerreiros, de facto investidos já do mando. Foi assim que a realeza se estabeleceu. E tal era provavelmente a situação dos Aryenos na epocha *vedica*.

Os individuos, que podiam pegar em armas, vigiavam pela defeza e segurança commum. Os mais môços davam-se á cultura dos campos, e á vida pastoril, quando os cuidados da guerra não urgiam; porém, nesta mesma sociedade nascente existiam já classes, entre

as quaes todavia a lei não tinha ainda levantado esse muro de bronse das *castas*.

A tradicção religiosa, a linguagem, e o culto vedico são os tres pontos fundamentaes, que constituem a nacionalidade dos Aryenos, e a sua incontestavel superioridade sobre todos os povos, que antes d'elles occuparam a India. Os sacerdotes, que constituiam um corpo destinado para o exercicio das funcções religiosas, e para o ensino, eram os unicos depositarios d'aquelle thesouro de sciencia e religião. Isolado da sociedade por seu proprio interesse, e escolhendo exclusivamente no seu seio os continuadores da sua missão, aquelle corpo tornou-se uma raça privilegiada — a dos brahmanes, ou primogenitos de Brahma, intimamente identificados com a palavra divina e inalteravel, e cuja auctoridade se fortificára, e crescêra por isso rapidamente. Por outro lado a defeza das cidades edificadas em diversos pontos do territorio: a protecção das terras cultivadas em torno d'ellas, e que se iam constituindo em outras tantas provincias, ou principados; a manutenção das relações, que se estabeleciam entre as diversas provincias, a necessidade em fim de repellir as aggressões dos barbaros, obrigaram os reis, e suas familias a fazer do mister das armas a sua principal, e por ventura quasi unica occupação. A posse dos feudos, e o exercicio de um poder quasi illimitado, constituiram por assim dizer os privilegios e recompensas dos valiosos serviços prestados pela classe militante, que formava o cortejo dos reis, como nos tempos feudaes succedia com a nobreza. Os *Kchattryas*, ou guerreiros, a quem tambem chamavam *râdjas*, ou filhos de rei, eram como os braços da joven e poderosa nação, cuja cabeça era o brahmane. Os *vaicyas*, ou mercadores, e agricultores, constituiam uma terceira classe não menos util e interessante, que as duas primeiras, que todavia elles reconheciam como superiores. Dedicados ao exercicio d'aquellas profissões, que nem exigiam tanta coragem e esforço; nem tamanha elevação de espirito, e firmeza de caracter, o s*vaicyas* respeitavam o brahmane como mestre das leis divinas e humanas, e o rei, executor d'estas mesmas leis; em fim os *çoûdras* formavam a classe dos servos, que exerciam as mais humildes occupações, e que não participavam de direitos alguns na sociedade aryenna.

A grande distancia que separava as duas primeiras classes ou castas das dos *vaicyas*, e *çoûdras*, comprehende-se facilmente, se attendermos a que os Aryenos, conquistando o territorio que occupavam na India, e impondo por consequencia suas leis e costumes aos povos vencidos, deviam naturalmente evitar com todo o escrupulo, que a raça pura dos conquistadores se misturasse com a dos estrangeiros no meio dos quaes vieram estabelecer-se. As duas castas, por tanto, depositarias da auctoridade religiosa e militar; e exercendo por consequencia o poder espiritual e temporal, conservaram intacto o elemento aryenno, em quanto a terceira casta pela sua propria condição e interesses não duvidára aliar-se ás familias indigenas, e admittir até no seu gremio aquellas que haviam abraçado o culto vedico. Os *çoûdras* pela sua parte eram verdadeiros servos ou illotas, tirados dentre os vencidos, a quem a suprema lei da necessidade reduzira á dura condição de servir os vencedores, como mais tarde acontecera aos Indios d'America depois da sua conquista. Assim as castas, que rigorosamente podem reduzir-se a tres, representam a raça conquistadora, os mestiços e os indigenas.

Dissemos, que o regimen das castas não estava ainda estabelecido no tempo dos *védas*. N'um hymno porem, de mais recente data comparativamente, que a da maior parte dos que se encontram n'aquella collecção, lê-se a proposito da *Pouroucha*, ou a alma universal, e o primeiro ser a quem os Aryenos davam attributos corporeos, o seguinte em verso. „O brahmane foi a sua boca—o rei os seus braços —o *vaicya* as pernas, e de seus pés nasceu o *çoûdra*. „ A divisão das castas é aqui representada allegoricamente. O pensamento e a palavra são considerados superiores á força e poder material. A coragem, e dedicação são tidas em mais subido preço, que a industria e commercio; a riqueza intellectual sobrepuja a opulencia material. Este mytho apparece tambem no codigo das leis de Manou debaixo de uma fórma sentenciosa e dogmatica. Para distinguir á primeira vista as differentes castas o legislador fizera inscrever no nome de cada uma dellas a caracteristica da sua gloria, ou da sua degradação.

A primeira das duas palavras, de que se compõe o nome *brahmane* significa — o fervor propicio: a do nome *Kchattrya* — a força; a de *vaicya* — a riqueza, e a de *çoûdra* — a abjecção.

É certo que a partilha, que o brahmanismo fez entre as classes da sociedade aryenna foi leonina; mas a quem senão ao brahmanismo deveu essa sociedade o esplendor e prosperidade, que por tantos seculos gosára? Guardas fieis e unicos interpretes da lei vedica, os brahmanes recolheram com piedosa sollicitude estes venerandos monumentos da sua litteratura. Foram elles, que em todas as occasiões libertaram os Aryenos da tyrania dos seus reis, conduzindo sempre o povo pelo caminho da civilisação. Ao brahmanismo deve a India os numerosos pagodes, templos subterraneos, e magnificos palacios, cujas munumentaes reliquias ainda hoje se admiram; e essas immensas composições litterarias, que a Europa culta ha de vir a conhecer e apreciar como as obras primas dos poetas da antiguidade classica.

De todos estes monumentos litterarios, porém, nenhum pode comparar-se ao *véda*, livro multiplo, em que se reflectem, como

n'um bello espelho, as crenças, a vida publica, e os intimos sentimentos dos Aryenos. A' excepção da Biblia, a antiguidade não offerece uma obra, que suscite no espirito maior numero de ideas do que o *véda*. Falta-lhe é verdade o elemento historico, mas em troco disto admira-se em suas bellas paginas o generoso impulso de uma nação, que na força do seu enthusiasmo vôa com ardor apoz seus futuros e brilhantes destinos, rica de seiva, e d'actividade. Sôb as abstracções do sabeismo vê-se despontar o pantheismo, que envolverá como n'um turbilhão as gerações futuras. Suas variadas poesias apresentam os primeiros traços das lendas populares, desse matizado campo das mais bellas e odoriferas flores, com que se adorna a moderna litteratura. Nas suas estancias representa-se bem debuxado o quadro da formação de uma sociedade theocratica, mais zelosa pelo culto de seus deoses, do que pelos seus proprios interesses; sempre prompta a celebrar os sacrificios em honra delles, despresando com generosa abnegação a pomposa ostentação das glorias mundanas.

Certo não temos noticia exacta da marcha dos Aryenos desde a sua partida das planicies da Azia, nem encontramos memoria das batalhas que se pelejaram, e dos obstaculos com que os Aryenos lutaram até vir a estabelecer-se no Indostão; mas sabemos pelos seus livros sagrados o que pediam aos deoses em seus sacrificios; os inimigos cuja presença os atemorisava; quaes suas armas, e seus instrumentos agricolas, os habitos em fim da sua vida domestica. E este quadro completo d'aquella longinqua épocha, que o Livro dos hymnos nos apresenta em suas eloquentes paginas, pode bem supprir a negligencia dos que deixaram sepultadas no esquecimento memorias dignas de particular historia [1].

J. M. DE ABREU.

BREVES REFLEXÕES

Que fundamentam o programma que offerecemos para as exposições d'animaes domesticos no districto de Coimbra.

Crêmos fazer algum serviço a este districto, dando publicidade a um programma, que ao nosso parecer, deve seguir-se nas exposições d'animaes domesticos. Os criadores ahi encontrarão certos problemas de cuja solução resultará grande proveito a elles e a todo o paiz, alem da consideração que por isso hão-de grangear.

A falta de um programma torna-se tanto mais sensivel, quanto é certo, que o regulamento que se propõe desenvolver o decreto de 16 de dezembro de 1852 apenas contem ácerca d'este objecto o art. 19 que diz: « Os primeiros premios pecuniarios não poderão adjudicar-se se não áquelles expositores, que apresentarem gados notaveis pelas proporções de sua regular grandeza e belleza de suas fórmas. » E é de notar que o artigo transcripto considera absolutamente uma melhoria que póde muitas vezes ir de encontro ás circumstancias topographicas das localidades onde houverem de dar-se as exposições.

Cumpria attender a que a grandeza só póde ter uma importancia relativa, porque esta, por sua natureza, depende das circumstancias do clima, do logar, e finalmente dos productos que dos animaes queremos obter. [1] Tanto isto é verdade, que, fallando do gado bovino, a raça do Algarve (vacas anãs do cabo de S. Vicente) pode constituir uma verdadeira riqueza, para as localidades onde as circumstancias topographicas se oppõem á criação e propagação das raças de estatura elevada. A industria pecuaria d'este districto não se enriqueceria com a importação d'aquella raça, na maior parte das localidades da beira-mar? Não resultaria um aperfeiçoamento de a cruzarem com as que existem nos logares montanhosos? Quem possuir alguns conhecimentos de zootechenia, não recuzará, por certo, o seu assenso a estas verdades.

Isto que dizemos de passagem é sufficiente para mostrar que o citado regulamento é inutil aos criadores, e que o jury encarregado de adjudicar os premios aos expositores, não póde fazer obra por elle. O pragramma que offerecemos, segundo nos parece, póde supprir esta lacuna, se á junta geral aprouver adoptal-o.

É desnecessario advertir que devem ser comtemplados com os primeiros premios os expositores daquelles animaes que por suas qualidades se aproximarem do typo das raças mencionadas no programma; e com os segundos os que apresentarem animaes immediatamente inferiores, e assim successivamente [2].

[1] Veja-se a *Revue des deux Mond.* tom. 7.° — Paris 1854.

[1] Veja-se Zooiatrica do Sr. Dr. Macedo Pinto

[2] Para o cavallo veja-se M. de Heppiatrica do sr J. J. Ferreira, e para os outros animaes a Zooiat. cit.

Gados	Localidades	Raças	Observações
Cavallar	Campos do Mondego.	Cavallos para tiro ligeiro e pesado.	Não se julgue que em qualquer das localidades citadas se não podem obter cavallos para outros misteres; porém deve advertir-se que attendendo ás circumstancias topographicas, torna-se necessario crial-os pelo systema d'estabulação, o que é muito despendioso.
	Campos de Soure, Condeixa, de Goes, de Louzã e de Miranda do Côrvo.	Cavallos de sella proprios para jornada.	
	Montanhas d'Arganil, de Côja, de Taboa, e de Oliveira do Hospital.	Cavallos gallizianos.	
Azinino	Campo do Mondego.	Burro para tiro.	
	Ditos de Soure, de Condeixa, e de Goes, etc.	Burro para sella.	
	Montanhas d'Arganil, Côja, etc.	Burro pequeno para trabalhar nestas localidades.	
Muar	Campos do Mondego.	Mullo para tiro.	
	Ditos de Soure, de Condeixa, etc.	Mullo para sella.	
	Montanhas d'Arganil.	Mullo asneiro para transitar por por estas localidades, tanto de sella como de carga.	
Vaccum	Campos do Mondego.	Raça de céva, e leiteira.	
	Ditos de Soure, de Condeixa, etc.	Raças de trabalho e de céva.	
	Montanhas d'Arganil, de Côja, etc.	Raças pequenas esforçadas no trabalho, com aptidão para a céva e producção de leite.	
	Beira-mar.	Raças de pequeno talho boas para trabalho, e para céva (precisando de pouco alimento): as vaccas dão abundante leite.	
Ovino	Campos do Mondego.	Raças leiteiras, e com aptidão para a engorda.	O leite nas localidades, como o campo do Mondego, é abundante; mas a sua qualidade é inferior, todavia póde melhorar-se condimentando alimentação [1]. Ninguem ignora que o queijo da Serra da Estrella e do Rabaçal é mui agradavel ao paladar, o que é devido ás partagens aromaticas [2].
	Ditos de Soure, de Condeixa, etc.	Raças leiteiras, e para a producção de lã.	
	Montanhas d'Arganil, de Côja, etc.	Raças para a producção de lã e bôa carne.	
	Ditas do resto do districto.	Raças pequenas para a producção de lã.	
Caprino	Em todo o districto.	Raças leiteiras de ceva e producção de lã.	
Suino	Em todo o districto.	Raças corpulentas com aptidão para a céva.	

Antes de expormos, ainda que muito superficialmente, as medidas que convem adoptar, para que se effeitue o melhoramento de cada uma das especies de que acabamos de fallar, dizemos que não julgamos possivel melhorar os gados apascentados nos campos do Mondego, sem que providencias legislativas acabem por uma vez com as pastagens communs, e os nossos lavradores deixem as culturas rotineiras a que estão reduzidos, e ensaiem systemas, desconhecidos entre nós, é verdade, mas ha muito generalisados nos paizes estrangeiros.

Para que nos campos do Mondego possamos obter *bons cavallos de tiro*, é mister pôr em practica o castiçamento por sellecção [1] das raças alli criadas, porem mais vantajoso será importar o cavallo normando [2] e cruzal-o com as eguas, que mais se aproximarem d'elle em conformação.

Nos campos de Soure, Condeixa etc., podemos obter o *cavallo de sella*, proprio para jornada, cruzando as eguas escolhidas d'estas localidades com o brioso, docil, e corajoso corcel da Arabia.

Nas montanhas d'Arganil, Côja etc. devem effeituar-se grandes melhoramentos, e até

[1] Vej. Zooiat. cit.
[2] Vej. Zooiat. cit.

[1] Vij. Zooiat. cit.
[2] Vej. M. de Hippiatrica cit.

mesmo introduzir alli a *raça galliziana* que, em consequencia da sua pequenez, é propria para o transito de sella, ou de carga em terrenos montanhosos, que ahi abundam. O melhoramento d'esta raça obtem-se pelo seu cruzamento com a raça arabe de marca pequena e pello de rato, donde resultará uma raça que a par de muita força, para supportar penosos trabalhos, terá belleza em suas formas e docilidade; qualidades difficeis d'encontrar em as nossas facas ou garranos, que, como sabemos, são quasi todos mal proporcionados, traiçoeiros e rifadores.

O apuramento dos nossos *jumentos* é tambem uma grande necessidade, por isso que teem chegado ao maximo de degeneração; o seu aperfeiçoamento póde conseguir-se pelo cruzamento das nossas burras com o burro castelhano.

Pelo cruzamento das nossas eguas com o jumento andaluz alcançarèmos *bellos mullos para todos os serviços.*

O mullo asneiro é o mais proprio para viver nas localidades pouco ferteis, e terrenos desiguaes, em razão de ser mais barato, muito sobrio, e bom para ahi trabalhar de carga ou de sella.

Poucas são as localidades que se prestem, como os campos do Mondego, á criação e melhoramento *das raças bovinas, tanto de céva como leiteiras:* alcançam-se as raças de céva, cruzando as vaccas escolhidas, que ahi se apascentam. com os touros da raça minhota, e as leiteiras, multiplicando e apurando a raça turina.

Os campos de Soure, Condeixa, etc. pelas suas circumstancias topographicas prestam-se muito bem á criação *de bons bois para trabalho,* que obteremos pelo cruzamento das raças que ahi vivem com o Zebu ou mistiços da raça de Mafra. Tambem podemos nestas localidades criar *bois para céva*, cruzando as raças ahi existentes com a do Minho.

Nas montanhas d'Arganil, Côja e algumas outras podemos criar pequenos bois para trabalhar em terrenos escabrosos, como são os d'aquellas localidades, *esforçados no trabalho, aptos para a céva, e vaccas abundantes em leite,* cruzando a raça que alli abunda com a raça do Algarve. É de grande utilidade a propagação d'esta ultima *raça* na maior parte da beira-mar do nosso districto, a qual è pouco abundante em pastos [1].

É muito para desejar que o barbaro divertimento das touradas termine, e seja substituido pelas corridas de cavallos e bois, donde poderão resultar alguns beneficios para a nossa industria pecuaria; porem em quanto dura esta mania peninsular, podemos obter bravissimos touros, cruzando as nossas raças bravas com o boi da India.

[1] Vej. Zooiat. cit.

Os campos do Mondego não banhados pela maré, não são muito proprios para a criação do gado ovino, porque a athmosphera e as pastagens são alli muito humidas, porem observando-se o que a hygiene aconselha, podem muito bem criar-se nessas localidades *bons carneiros para céva, e boas ovelhas leiteiras*, pelo castiçamento por sellecção da raça commum, e cruzamento d'esta com as raças estrangeiras Dishley Southdown, etc.

As condições topographicas e climatericas das planices de Soure, Condeixa, etc., fazem com que estas localidades muito bem se prestem á criação do gado ovino, tanto para *céva, como para lã*, obtendo-se o primero pelo cruzamento das nossas ovelhas com as raças estrangeiras acima citadas, e o segundo pelo cruzamento com os carneiros merinos; mas o que é mais para desejar é a importação d'esta excellente raça: foi assim que a França em menos d'um seculo a generalisou, constituindo hoje uma das suas principaes riquezas.

Nos logares montanhosos d'Arganil, Côja etc., alcançaremos *raças para produzirem bôa carne*, pelo cruzamento das ovelhas que alli existem, com as raças Dishley etc., e *para produzirem lã*, cruzaremos as mesmas ovelhas com o carneiro merino.

No resto das montanhas ferteis do nosso districto podem-se criar *raças pequenas para darem bôa lã*, cruzando as ovelhas d'alli com os carneiros merinos.

A cabra pela sua muita sobriedade, vigor e resistencia aos agentes morbificos póde com muita utilidade criar-se em todo o districto; porem convem melhorar a raça commum, castiçando-a por sellecção ou mesmo cruzando-a com as das outras provincias. Muito convirá a importação das cabras do Tibet e d'Angora.

O atrazo da agricultura em o nosso districto faz com que não possamos criar bons porcos se não pelo systema de estabulação, porem será de muito proveito que se obtenha uma raça, que a par *da sua aptidão para a céva*, tenha uma estatura elevada, e isso consegue-se pelo cruzamento da raça do porco da Beira, ou de grande estatura, com a do porco chino, ou do Alemtéjo [1].

Terminamos aqui a nossa tarefa, e fazemos votos para que a junta geral do districto de Coimbra tome em consideração este ramo d'industria, seguindo o exemplo da do districto de Bragança : lembramos que muito convirá que a exposição de gado lanigero não tenha logar em novembro (ainda que então deva fazer-se a do gado suino); mas antes em maio, epocha em que estes animaes se ostentam gordos, nedios e vigorosos.

O Veterinario,
Francisco Marques Cardoso.

[1] Vej. Zooiat. cit.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL.

1847—1848.

Continuado de pag. 164.

Instrucção superior.

Tem sempre entre nós offerecido perspectiva mais agradavel este ramo d'instrucção. Destinada a formar funccionarios publicos, tem sido, em todo o tempo, mais frequentada proporcionalmente do que os outros ramos. A esperança, e a tendencia para os empregos publicos, que de ha muito nos characteriza, tem produzido sempre larga concurrencia (talvez hoje demasiada) aos estudos superiores. Se por ella fosse licito ajuizar da intellectualidade nacional, talvez poucos povos se nos avantajassem. Mas os ramos da instrucção estão entre si tão ligados, tão dependentes são uns dos outros por sua natureza e fins, que todos formam uma serie, em que não deveria alterar-se um termo, sem que experimentem mudança proporcional todos os outros. O que não póde com tudo negar-se, é que as reformas e melhoramentos concedidos em varias epochas á instrucção superior, sem consideração prévia com a primaria e secundaria, não produziriam os bons resultados, que temos experimentado, e os extranhos não ousam negar, se não foram os excellentes methodos de ensino, e o zelo efficaz de professores; que teem illustrado e honrado este paiz.

Dos estabelecimentos d'instrucção superior, confiados á inspecção do conselho, recebeu este relatorios e esclarecimentos estatisticos relativos á universidade, á eschola medico-cirurgica do Porto, á academia polytechnica, e á de bellas artes da mesma cidade.

O relatorio da universidade não desabona este grandioso estabelecimento, a pezar da irregularidade do anno litterario findo. Antes offerece um testemunho incontrastavel do zelo dos professores, a noticia das obras scientificas, que teem publicado, as mudanças feitas na distribuição das materias do ensino pelos diversos annos das faculdades, e a adopção de compendios novos, elevados á altura actual das sciencias.

Foi este estabelecimento frequentado por 899 alumnos no anno litterario findo: sendo a faculdade de theologia por 104: a de direito por 567: a de medicina por 35: a de mathematica por 90: e a de philosophia por 103.

A eschola medico-cirurgica do Porto teve 67 alumnos. A academia polytechnica 179. A de bellas artes 159.

A somma total dos alumnos nestes quatro estabelecimentos é de 1:304, (mappa n.° 5). A despesa da universidade regulada pela verba do orçamento, foi de 66:646$930 rs. A da eschola medico-cirurgica de 9:860$000 rs. A da academia polytechnica de 11:954$000 rs. A de bellas artes de 5:660$000 rs. Importa a despesa total d'estes estabelecimentos em 94:120$930 rs. Custou cada alumno ao estado, approximadamente, 72:400rs. Deduzindo porém d'esta cifra as propinas de matriculas que são de 24$000 rs. para o maior, e 19:200 rs. para o menor numero, e o que reverte ao thesouro de custo de cartas, titulos e diplomas, não excederá muito a 40$000 rs. a despesa paga pelo estado.

Não é mais custosa, antes inferior a muitos outros paizes, a despesa indicada; havendo para os nossos alumnos a vantagem de não dispenderem sommas avultadas com a frequencia de cursos particulares e lições de applicação práctica; devendo-se aquella vantagem á differença nos methodos de ensino.

Na comparação da frequencia das faculdades universitarias sobresáe o desequilibrio causado pela consideravel affluencia á de direito. É em verdade excessiva, comparada com a população, e com a concurrencia ás outras faculdades. E sendo certo, que não ha empregos em que se possa accommodar tanta gente, o resultado não póde ser favoravel á ordem publica. Fôra esta reflexão fecunda em consequencias, apresentada no relatorio de 1845; e por essa occasião lembrada a creação de uma eschola de administração, tão necessaria ao systema politico, que actualmente nos rege. Assim se repartira a concurrencia entre as duas escholas, e se dariam se-

guras garantias á administração civil com habilitações convenientes, e adequadas. Este plano adoptado em alguns estados d'Allemanha, foi já, no presente anno, imitado em França; creando-se juncto ao collegio de França uma eschola d'administração, em que vão a ser educados, os que se destinam á carreira da administração civil. Entre nós não fôra dispendiosa essa creação; aproveitando-se os elementos, que existem no grande centro universitario. E porque noções elementares de sciencias exactas, e philosophicas, são indispensaveis áquelles estudos, e muitas vezes necessarias na administração judicial; e, ainda sem relação a fins tão importantes, são ellas o poderoso meio do desinvolvimento e educação intellectual, fôra talvez conveniente elevar a este ponto o grau das habilitações para os cursos da faculdade juridica.

As escholas do Porto medico-cirurgica, e polytechnica, repetem, em seus relatorios, as representações, já por vezes dirigidas a V. Magestade sobre a necessidade urgente de reformas materiaes. E justas parecem ao conselho as pretensões das escholas. Os grandes centros scientificos, instituidos para a cultura e engrandecimento das sciencias, nunca podem prosperar, sem serem cercados de estabelecimentos materiaes, appropriados, e annexos. Não é possivel exercer dignamente as funcções pedagogicas a eschola cirurgica, sem que tenha casas para aulas, exames, congregações, theatro anatomico, museu anatomico-pathologico, e enfermarias clinicas, com numero sufficiente de exemplares, de que possa dispor, sem subordinação á vontade, muitas vezes caprichosa e irreflectida, d'um corpo moral, extranho aos interesses da sciencia e do ensino. Não poderá desinvolver-se e prosperar a academia polytechnica, sem um museu, um laboratorio chymico, um gabinete de physica, e um jardim botanico. Muito teem feito aquelles estabelecimentos scientificos, reduzidos a tão mesquinha estreiteza, em terem sustentado o ensino com zelo, e perseverança, dignos de elogio.

As necessidades publicas são, ou devem sempre ser, o ponto de partida para a creação, e conservação dos estabelecimentos litterarios. Se ellas justificam e legitimam a creação d'aquelles estabelecimentos, parece ao conselho indispensavel, que se attenda ás reclamações dos conselhos das escholas, sem o que desapparece a responsabilidade, que lhes cabe.

Mas não basta crear os estabelecimentos scientificos annexos ás escholas superiores; é mister habilital-os com meios para poderem sustentar-se, aperfeiçoar-se, e collocar-se a par das sciencias naturaes sempre em progresso. Queixa-se a universidade, a este respeito, de falta de meios; e posto que a dotação, destinada para o custeamento de seus estabelecimentos, fosse favorecida no ultimo orçamento, não obviará ella por certo aos inconvenientes apontados no relatorio do observatorio astronomico, aos do museu e gabinete physico, ao dos estabelecimentos medicos; porque todos demandam despesas extraordinarias, e avultadas, para se elevarem á situação, que de direito lhes compete. Nem são menos fundadas as reclamações a este respeito, por vezes repetidas, da eschola medico-cirurgica, e academias polytechnicas, e de bellas artes do Porto. Todas desejam elevar-se, assumir a posição, que lhes toca na escala scientifica. Para conseguir aquelle fim, são indispensaveis os meios: V. Magestade, pesando na sua alta sabedoria as necessidades do ensino, e conciliando-as com as necessidades publicas, proverá de remedio, como o julgar mais adequado.

A intelligencia do art. 132 do decreto de 20 de septembro de 1844 tem sido objecto de duvidas na universidade, e a faculdade de medicina resolveu, que se devia pedir explicação sobre poderem ou não as letras de distincção em litteratura compensar as de consideração em costumes. O conselho deseja ouvir neste assumpto o voto das outras faculdades; mas inclina-se a que, pelo menos, seja indispensavel redacção mais clara no citado art.

É para lamentar, e magôa no vivo ao conselho, que por falta de noticias havidas dos estabelecimentos scientificos de Lisboa, se não faça d'elles menção em um relatorio geral da instrucção publica! Omissão tão notavel, e inesperada, colloca o conselho em penosa impossibilidade de comparar os diversos estabelecimentos scientificos do paiz; a frequencia de uns e outros; o seu aproveitamento; as esperanças que cada um offerece á geração, que á custa de pesados sacrificios, os sustenta; ás gerações futuras, para quem se preparam estas reformas; e ajuizar finalmente do estado da *intellectualidade* nacional, pela comparação do movimento das escholas, com a população em geral. O conselho faz sinceros votos, porque tão irreprehensiveis omissões se não renovem; e espera que V. Magestade previna a continuação de abusos intoleraveis, com a resolução da consulta dirigida por este conselho a V. Magestade em 3 do corrente mez.

Conclusão.

A regularidade no serviço da direcção central, a multiplicação e melhoramento das escholas primarias, o complemento das secundarias, e nos estudos superiores a creação de uma eschola de administração, e de alguns estabelecimentos annexos á eschola medico-cirurgica, academia polytechnica, e de bellas artes do Porto, são as necessidades

da instrucção, a que de prompto se deve attender.

Multiplicar o numero de escholas primarias é a primeira necessidade. Bastará comparar o numero que temos, com as que teem a Belgica, Hanover, a Silezia e Lombardia, para se explicar o estado de atrasamento em que se acha a instrucção primaria no paiz. É esta a instrucção, que deve ser levada á porta de todos; porque é a de que todos precisam. Das que existem em 1.° grau não sería muito facil elevar o numero desde já pela difficuldade de achar mestres competentemente habilitados. Não podemos contar com elles, sem que tenhamos escholas normaes, em que elles se possam formar. Felizmente está proxima a entrar em exercicio a nossa 1.ª eschola normal fundada em Belem.

Mas uma só eschola normal não póde dar á instrucção primaria todos os mestres de que ella carece. Não é muito possivel, attento o estado do thesouro, augmentar o numero de escholas normaes, por sua natureza dispendiosas: nem as cidades ricas, e populosas são consideradas como os logares mais accommodados a instituições d'este genero. O plano de formar mestres pela práctica de escholas accreditadas, em que os aspirantes sirvam de ajudantes, tem produzido muito bons resultados na Hollanda, na Prussia e n'outros paizes; e, por menos dispendioso, sería preferivel hoje entre nós. Já teve o conselho a honra de propor esta idêa a V. Magestade no relatorio de 1845, lembrando a conveniencia de crear as escholas possiveis de 2.° grau, e aproveital-as principalmente para a formação de futuros mestres. O conselho, persuadido da utilidade da idêa, aproveita esta occasião para de novo a levar ao conhecimento de V. Magestade.

Sendo porém a instrucção das classes laboriosas a mais minguada; e as freguezias ruraes as mais necessitadas, a instrucção elementar propria d'aquellas classes acha com facilidade mestres condignos á missão, que lhes compete. Não deixa o conselho de reconhecer as apuradas circumstancias do thesouro, que é força respeitar; mas não julga impossivel que, ainda no caso de ficarem a cargo do thesouro, annualmente se vá creando um numero d'ellas pouco avultado, até que a fazenda publica possa supportar maiores encargos.

Na Suecia, aonde hoje se acha muito vulgarizada e desinvolvida a instrucção primaria, adoptou-se um plano muito economico para começar a diffundir esta instrucção. Crearam-se mestres ambulantes, que leccionavam em cada freguezia por um espaço de tempo determinado. Á mingua de outros meios mais productivos, talvez podesse ensaiar-se este methodo entre nós.

No relatorio de 1845 nutria o conselho a lisongeira esperança de poder fundar escholas com os sobejos de rendimentos municipaes, e de confrarias. Animava-o o exemplo do que se está practicando nas ilhas adjacentes. Appellou para o patriotismo e zelo dos seus delegados, empenhou todas as forças para conseguil-o; foi tudo baldado! Nem ainda nas povoações, que requeriam com mais urgencia a creação de escholas, lhe foi possivel obter subsidio d'aquelles corpos moraes.

As echolas de asylo são um objecto, que tem merecido a attenção e desvelos de V. Magestade.

Merecem-no em verdade; porque estas escholas são o berço da instrucção primaria, a educação primordial da edade, em que amanhece a luz da razão, e precisa de ser guiada por mão sabia e virtuosa. Nas circulares a todos os seus delegados, tem o conselho recommendado a creação d'escholas d'este genero, e a sustentação das que existem. Não tem o conselho por ora alcançado resultados satisfactorios; mas não esmorece, quando vê as que existem sustentadas por effeito da beneficencia particular, e reflecte nas boas propensões d'um povo, que em todo o tempo se tem distinguido por sentimentos de humanidade. Julga porém o conselho que alguma condecoração honorifica, alguma menção honrosa, para com os individuos que mais se teem distinguido em promover a creação e sustentação d'estas escholas maternaes, sería um poderoso incentivo para animar outros, e entreter o fervoroso zelo d'aquelles, a prol de estabelecimentos de tão subido interesse.

E não fôra menos conveniente empregar egualmente este meio, para fundar escholas de dias sanctificados, destinadas ao ensino dos adultos; sendo que esta é uma das primeiras necessidades do nosso paiz.

O melhoramento da instrucção primaria não depende tanto da extensão dada ás materias do ensino, como dos bons livros e methodos de ensino. O conselho tem empregado todos os meios ao seu alcançe, para conseguir uma collecção de bons livros para este ramo de instrucção; recommendado até a traducção dos bons, que ha em outras nações, mórmente na Prussia, Inglaterra, e Toscana. Não póde porém lisongear-se de o haver conseguido até agora. Para regular os methodos de ensino, tem-se lembrado de instituir conferencias entre os commissarios dos estudos e os professores mais accreditados, e tem-no recommendado em suas instrucções; mas reconhece, que, para taes ensaios, não é ainda chegada a hora, por falta dos elementos necessarios. Sería conveniente que se ensaiassem entre nós os methodos de Jacotot, Pertalozzi, e Klcy, de que em outros povos, se diz, haver tirado vantagens, sobre tudo para a facilidade do ensino; e não se descuidará o conselho de o lembrar opportunamente aos seus delegados.

Mas primeiro do que tudo, cumpre que se dê um regulamento á instrucção primaria; que V. Magestade se digne de resolver sobre o projecto offerecido em consulta de 24 de janeiro de 1845, sobre os das escholas de 2.° gráu, offerecido em consulta de 14 de março, sobre o projecto de vencimentos, jubilações e aposentações, juncto á consulta de 15 de julho de 1845.

Na instrucção secundaria é tempo de se irem preparando os elementos, para o ensino de sciencias industriaes. A geometria, mechanica, e chymica com applicação as artes e á agricultura, ensinados no ponto de vista práctico, devem fazer parte da instrucção secundaria nos lyceus maiores ao menos, e em algumas povoações industriaes do reino; e quando a instrucção secundaria tenha, neste sentido, alargado a sua esphera, é então que mais cumpre diffundil-a. A civilização material é hoje o espirito do seculo, a tendencia dos povos cultos, uma necessidade da epocha. Por toda a parte se cura de economizar braços, de simplificar processos, de aperfeiçoar productos, de encurtar distancias. A instrucção secundaria é da classe media; e esta é a classe que costuma dar-se ás artes. Mas os productos da arte não podem aperfeiçoar-se, sem que aos raios da sciencia, desperte a industria adormecida entre nós. Devem porém preparar-se de antemão os estabelecimentos materiaes, e os professores que se hão de empregar neste novo ramo de ensino; sendo que o credito, e os progressos de qualquer instituição nova, dependem inteiramente do aproveitamento, que os primeiros alumnos alcançarem.

As necessidades da instrucção superior reduzem-se, por agora, á creação de uma eschola de administração; organização dos estabelecimentos annexos á eschola medico-cirurgica, e academia polytechnica, e de bellas artes do Porto; e melhoramento dos que pertencem á universidade. Ainda que de prompto se não possam remediar todos os males, porque de recursos extraordinarios carece o melhoramento d'alguns estabelecimentos scientificos, algum sacrificio é indispensavel para conservar, na perfeição devida, o ensino práctico de que principalmente depende a parte util das sciencias. As universidades, concentrando em um ponto, em gráu transcendente, as sciencias, artes, e letras, são foco de luz que alimenta a cultura e illustração dos povos; mas nunca poderão satisfazer ao fim da sua creação, sem que estejam cercadas de estabelecimentos prácticos, situados na altura, a que as sciencias se teem elevado.

Tal é, Senhora, o estado da instrucção publica no paiz, resumido em quadro singelo, e não perfeito. A imperfeição é toda involuntaria da parte do conselho; sobrava-lhe o desejo de poder apresentar uma estatistica completa, e comparal-a com as de povos, que, por sua illustração, servem hoje de modelo na repartição das letras. V. Magestade, sempre benevolente, ha de relevar defeitos, que o conselho quizera ter evitado. E espera confiadamente o conselho, que por meio d'algumas providencias, já ordenadas por esta repartição, e de outras que a V. Magestade pareçam mais adequadas, hão de descer dias melhores sobre a instrucção do paiz, se a mão da paz beneficente nos der seguro amparo. Coimbra, em conselho de 28 de novembro de 1848. — *José Machado d'Abreu, vice-reitor, e vice-presidente* — *Basilio Alberto de Sousa Pinto* — *Manoel Antonio Coelho da Rocha* — *Jeronymo José de Mello* — *Francisco de Castro Freire* — *Manoel Martins Bandeira* — *Antonio Cardoso Borges de Figueiredo* — *Luiz Ignacio Ferreira*.

SILVIO PELLICO E O SEU TEMPO.

Um escriptor piemontez Pietro Giuria, acaba de publicar debaixo d'este titulo uma biographia do A. do livro das *minhas Prisões*, aquem o evangelico espirito da *Imitação* parecia ter completamente inspirado. O novo biographo poderia ter accrescentado mais alguns traços ao seu quadro para tornal-o menos indeciso, justificar mais cabalmente o seu titulo; com tudo a narração de Giuria, e os fragmentos ineditos, que a acompanham, deixam apreciar a suave, e sofredora natureza do Poeta de Saluces, uma das primeiras glorias contemporaneas de Italia.

Silvio Pelico escrevera tragedias, hymnos e canções, que elle considerava como fragmentos de um grande poema sobre a Italia da meia idade: dez annos de captiveiro em Spielberg foram uma dolorosa prova, que, dando-lhe a aureola de um longo soffrimento na flor dos annos, cortára as suas melhores esperanças, e os seus votos pela regeneração nacional, a que elle se associára com os escriptores italianos de 1820—os Manzoni, os Berchet, os Romagnosi, os Gioia, os Visconti e outros!

Sem duvida Silvio Pellico era um conspirador pouco perigoso; um livrinho, porém, seu causára mais mal á Austria, do que uma conjuração, porque esse pequeno livro fôra a singela expressão de uma queixa sem fel, e de uma resignação sem amargor; era a pura narração de uma alma, em quem a piedade apagára não todas as recordações, porém todo o ressentimento violento. Silvio Pel-

lico, porém, não podéra dar á luz o livro— *as minhas Prisões*, que tanto renome lhe grangeára, sem quebrar quasi com seus antigos amigos, que o accusavam de traír o liberalismo, e que sobre tudo se assustavam com as suas tendencias religiosas. De feito a mais sincera e fervorosa piedade absorveu os ultimos vinte annos da sua existencia.

Saindo das prisões de Spielberg, fôra convidado para ír occupar em França uma posição vantajosa. Silvio Pellico recusou. O longo captiveiro tinha-lhe feito amar a solidão. A sua mui deteriorada saude não lhe permittia já aturados estudos, nem o tempo, que lhe sobrava dos exercios religiosos, e de algumas aprasiveis diversões literarias, o podia dar a outros cuidados mais graves. Uma vida simples e tranquilla era o que unicamente lhe convinha.

« Eu leio, dizia elle n'uma carta, penso, amo os meus amigos, não aborreço pessoa alguma, respeito as opiniões dos outros e conservo as minhas; eis aqui a minha vida, não isenta de dores, mas tambem não privada de consolações. » A sua fé mais viva; a sua maior devoção acaso lhe fizera esquecer suas esperanças pela emancipação da bella Italia, e sua antiga dedicação pela causa da liberdade? Certo que não. A illusão desaparecêra, mas a sua profunda convicção ficára inabalavel. « A idade, dizia elle, amadurecendo a verdura das minhas opiniões, modificára, mas não mudára a essencia d'ellas. » Uma resistencia intima, mas pacifica, era tudo quanto lhe restava do seu antigo patriotismo. Não tratava com os revolucionarios, nem, em geral, com os partidos exclusivos.

Em 1848 era o seu voto pela união de todos os principes italianos « voto seguramente justo, dizia elle, mas inutil, como muitos outros bons desejos. » Quando se procedeu ás primeiras eleições no Piemonte, Silvio Pellico teria acceitado, talvez, a procuração dos eleitores de Saluces, sua patria; não foi porém então eleito; e quando depois lhe offereceram esta candidatura, já de todo lhe faltavam as forças para o desempenho d'aquella missão.

Como homem, Silvio Pellico foi sempre o typo de uma suave e terna resignação, a que as suas desventuras deram a unção religiosa. Como poeta, não era um genio transcendente, porem nas suas tragedias, e sobre tudo nos fragmentos liricos, brilha a graça e amenidade de suas inspirações.

As opiniões e o talento poetico do illustre A. das *minhas Prizões* pertenciam já a uma geração meia extincta, de que elle fôra um dos maiores luminares.

J. M. DE ABREU.

MOSTEIRO DA VACCARIÇA.

Duração do Mosteiro da Vaccariça desde a sua fundação até ao fim do seculo X.—Desde o principio do seculo XI até a sua extincção em 1094.

Continuado de pag. 94.

A obscuridade da historia do Mosteiro Bubulense continúa ainda até ao fim do seculo X. Apenas algumas doações e outros documentos [1], que mostram a existencia do Mosteiro de Lorvão do seculo VIII em diante, dariam igual noticia do Mosteiro da Vaccariça, se a pretendida ligação dos dous mosteiros em eras remotas tivera fundamentos menos duvidosos. Assim não tendo encontrado citações de nenhum documento do Mosteiro da Vaccariça, relativo a este longo periodo, em que as invasões, e repetidas guerras dos Suevos, Wisigodos e Mouros, poderiam ter influido nos destinos de todas as casas religiosas, nem sequer colhi a certeza de ter existido então o Mosteiro Bubulense, a pezar de quanto se tem escripto da sua historia n'este periodo.

Se n'esta epocha existiram monges na Vaccariça, é de crer que se conservassem em paz, durante o dominio dos Suevos, e ainda mesmo depois de substituidos pelos Wisigodos em 585 [2], porque não consta que n'esses tempos fossem muito perseguidas as ordens religiosas, principalmente depois da condemnação da heresia prisciliana no concilio Bracarense de 563 [3].

Como porém os mouros. na sua entrada pela Hespanha, depois da batalha de Guadalete em 714 [4], destruiram muitos conventos, a Chronica dos Eremitas de Sancto Agosti-

[1] Doação de Theoddo Cõde dos Christãos em Coimbra feita a Aydulfo abbade de Lorvão e a seus mongess de duas herdades em Almafala termo de Coimbra no anno de Christo de 770. Monarchia Lusitana por Fr. Bernardo de Britto — tom. e part. 2, liv. 7, cap. 8.

Uma doação d'elrei D. Ramiro a D. João, abbade do Lorvão, de herdades em Montemór no anno de Christo de 848. « In nomine in di uiduæ Sanctaeque Trinitatis. « Donationis, et testamenti carta hæc est, eam facere « estatui ego Rex Ramirus adiutus diuina inspiratiõe « vobis Joannis Abbatis, et vestris monachis de Lurba- « no, » etc. Monarchia Lusitana tom. e part. 2, liv. 7, cap. 12.

Um privilegio do rei mouro Alboacem ou Alibosem ao Mosteiro de Lorvão, isentando-o do tributo que impoz aos outros mosteiros no anno de Christo de 734. Benedictina Lusitana tom. 1, trat. 2, part. 2, cap. 4.

[2] Compendio de Historia por João Antonio de Sousa Doria — vol. 2, 4.º periodo da hist. ant. de Port.

[3] Historia del Reyno de Portugal por Manoel de Faria y Sousa part. 2, cap. 5.

[4] Historia Geral de Portugal por La Clede — tom. 2, liv 3 = Compendio de Historia por J. A. de Sousa Doria — log. cit.

nho faz entrar na conta d'estes o Mosteiro da Vaccariça [1]. Mas a maior parte dos historiadores affirmam que na Lusitania já os Serracenos procediam d'um modo differente, deixando ficar nos conventos os monges que lhe pagassem tributos; e até um dos primeiros reis mouros, Aliboasem, cujo dominio se estendia desde o rio Alva e Mondego até Agueda, isentou os monges de Lorvão [2] d'aquelle tributo, se dermos credito a uma carta de lei de 734, archivada no mesmo convento, e citada por fr. Leão de S. Thomaz [3].

A Chronica dos Carmelitas descalços quer que o Mosteiro Bubulense tambem alcançasse os mesmos privilegios que o de Lorvão [4]; mas ainda que dêmos pouco peso a esta ultima noticia, por não vermos citado nenhum documento em que se funde, devemos com tudo suppor que n'esta epocha se conservassem tranquillos os monges da Vaccariça, na hypothese da sua existencia por aquelles tempos.

No dominio successivo dos Mouros, e nas alternativas que se seguiram de reis mouros e catholicos, não appareceram notabilidades, que me constem, das casas religiosas. Só por uma doação de terras, castellos e villas, que D. Gonçalo Moniz, senhor de toda a lusitania catholica, fez, segundo La Clede, em 981, ao Mosteiro de Lorvão [5], podemos ajuizar da consideração em que eram tidas estas casas, e conseguintemente do bom pé em que então poderia estar qualquer mosteiro na Vaccariça. Mas, se El-Mansur, nas suas invasões á Peninsula, e ainda na tomada de Coimbra aos christãos em 987 [6], fazia nos templos e nos catholicos os estragos que refere Faria e Sousa [7], é natural que por aquelles tempos não ficassem em muito descanço os monges, que houvesse na Vaccariça.

Vemos pois que até ao fim do seculo X nada sabemos com certeza sobre o Mosteiro Bubulense.

Por todo o seculo XI temos noticias mais positivas do Mosteiro da Vaccariça, em escripturas e outros documentos, cujas copias se conservam archivadas. Das que achamos no Livro Preto do cartorio da Sé de Coimbra, se vê que o mosteiro existiu por quasi todo este seculo, porque as datas d'aquelles documentos se referem a annos quasi todos seguidos, desde 1002 até 1094, apparecendo apenas alguns intervallos de um anno, um intervallo de tres annos, tres de quatro, tres de seis e um de treze [1].

Todos estes documentos inculcam a permanencia dos monges na Vaccariça nos annos a que se referem, excepto o de 1040, relativo a uma demanda entre os herdeiros de D. Unisco e o Mosteiro da Vaccariça, sobre a propriedade do Mosteiro de Vermoim, por onde consta que Todegildo ou Todeildo, abbade da Vaccariça, no tempo em que lhe confirmaram uma doação dos mosteiros de Leça e Vermoim, anteriormente feita por D. Unisco e seu filho Oseredo ao Mosteiro da Vaccariça, se achava longe d'esta villa, por ter fugido aos Serracenos n'uma incursão que fizeram por estes sitios [2].

Não posso determinar o anno d'esta fuga, nem o tempo que estaria sem monges o Mosteiro da Vacariça, porque nem ao menos se acha averiguada a data d'aquella escriptura de confirmação de D. Unisco e Oseredo, acceite por Todegildo fóra da Vaccariça. Inculca ser este documento um, que se acha mal redigido no Livro Preto, datado de 1013 [3] ou antes de 1014; mas esta data não póde conciliar-se com a de 1021 [4], em que teve lugar a doação a que poderia referir-se; e além d'isso, como já notaram os sr.es João Pedro Ribeiro [5] e Antonio Carvalho Velho de

[1] Chronica dos Eremitas de Sancto Agostinho — tom. 1, liv. 1, tit. 8, §. 5, já citado a pag. 193, not. 3.

[2] Chronica dos Carmelitas Descalços tom. 2, livro 4, cap. 15.

[3] Benedictina Lusitana tom. 1, trat. 2, part. 2, cap. 4.

La Clede accrescenta que, n'aquelle mesmo anno de 734, o rei mouro concedeu aos catholicos o privilegio de terem em Coimbra um conde seu e outro em Agueda; mas o traductor, n'uma nota, põe em duvida a veracidade d'este salvo conducto. Tom. 2, livr. 4.

[4] Chronica dos Carmelitas Descalços por Fr. João do Sacramento tom. 2, liv. 4, cap. 15, §. 122.

[5] La Clede — tom. 2, liv. 4.

[6] Historia de Portugal por A. Herculano tom. 1, introducç. n.º 3.

[7] Faria y Sousa part. 2, cap. 8 e 9, « el primer incendio era en los templos sagrados: y el primer golpe en « los ministros dellos, y en los Catholicos de vida mas « inculpable. » Vej. tambem a not. 3. da pag. 193.

[1] N'outro logar desta Memoria serão apontadas as datas d'estes documentos, e as folhas do Livro Preto onde se acham.

[2] et super valuerunt gentes hismaelitarum super xpianos . . . et ipse abbas in amore de fide xpi fugivit ante ipsas gentes. . . . Et tenente ipso abbate ipsos monasterios in suo jure in diebus serenissimo et principem nostrum adefonsus rex. et comitissa tota domna que in ipso tempore ipsum comitatum imparabat. et post mortem ipsius regis et comitissa surrexit filius ipsius rex gloriosissimo vermudus principe et in ejus presentia perrexit ipsa domna cum ipso testamento et cum suas firmitates. et cum ipse abba et confirmavit ipse rex et suos judices et duces et ex tota palacio . . . . . Post obitum de ipsa domna unisco surrexerunomnes propinquiores sui et inquietaverunt inde monastet rium vermudi et pervenerunt inde in concilio ante judices menendo. vimariz. pelagium sesnandiz. suarium gaindiz. in presentia comite menendo nuniz. et genitricis sue domna eldora . . . . octurgavit et confirmavit ipsos judices ipse prefatus et ipse dux ipsos testamentos et ipsos monasterios ad ipsum abbatem cujus veritas erat. Livro Preto folh. 55. v.

[3] Livro Preto folh. 74 v. (Era decies centena quinquies dena 1.ª inquoante secunda — *era de* 1051 *entrando em* 1052 *anno de Christo de* 1013 *ou* 1014). Póde haver confusão não applicando esta advertencia ao que diz o sr. Miguel Ribeiro d'este documento. Mem. cit. part. 1.ª n.º 5.

[4] Livro Preto folh. 72 v.

[5] Dissertações Chronologicas, tom. 4, part. 2, pag 138.

Barbosa [1], está desencontrada com a epocha do reinado de Vermudo ou Bermudo III, que se vê assignado no mesmo documento.

O sr. Velho de Barbosa inclina-se a que esta fuga tivera logar em 1032, fundado em documentos, que diz existirem, assignados n'aquelle anno pelo abbade Todegildo em Leça [2]. No Livro Preto achámos uma doação da povoação de Leça (como parece), feita por Trastina ao abbade Todeildo e seus monges n'este anno de 1032 [3], sem mostrar se a communidade estava em Leça ou na Vaccariça; mas, se é este o documento ou outros semelhantes, a que se refere o sr. Barbosa, no mesmo caso se acha a doação de Leovoris a Leça, feita por Didacus ao mesmo abbade e seus monges em 1034 [4], e a doação de herdades em *Avelengo*, *Comparadella* e Anta, feita por Aduzinda tambem ao abbade Todeildo e seus monges em 1038 [5], não podendo d'aqui inferir-se que o Mosteiro da Vaccariça estivera desemparado em todo este periodo, porque tambem no anno de 1034 o mesmo abbade Todeildo concedeu, na Vaccariça, aos presbyteros Froila e Vermudo que habitassem o Mosteiro de Roças [6]; e em 1036 vemos o abbade Florito e seus monges, acceitando na Vaccariça umas casas dentro do castello de Penacova, que lhes doaram Natalia e sua filha Palmella [7].

É certo porém que esta perseguição dos monges da Vaccariça teve logar entre os annos de 1021, em que Todegildo acceitou na Vaccariça a doação de D. Unisco, e de 1040 com que vem datado o documento relativo á demanda de Vermoim. E em todo este periodo tiveram os Serracenos muitas occasiões de assoberbar-se, esperançados nos barulhos e dissensões entre os christãos, occasionadas pela morte de D. Affonso V de Leão junto aos muros de Viseu; pelo assassinato do Conde de Castella D. Garcia, em Leão, quando alli fôra com o intento de desposar D. Sancha, irmã d'elrei D. Bermudo III, successor de D. Affonso; e pela morte de D. Sancho, rei de Navarra, até á reunião dos reinos de Leão e Castella em D. Fernando I [8].

Afóra este revez, não constam mais soffrimentos dos monges da Vaccariça com o dominio serraceno; e antes se vai conhecendo o engrandecimento progressivo do mosteiro, pelas doações particulares, de que tractam a maior parte d'estes documentos; e mesmo no anno da tomada de Coimbra por D. Fernando I, de Leão e Castella, depois do celebre cerco de seis mezes, em 1064 [1], nos apparece o Mosteiro da Vaccariça, em grande opulencia, fazendo um inventario de muitas villas e logares, de que era senhor, como veremos mais adiante [2].

Dos annos seguintes, vamos encontrando escripturas no Livro Preto; e ainda em 1086 uma doação da Marmeleira por Arias [3], e outra da villa d'Orta por D. Sisnando [4] ao Mosteiro da Vacariça; em 1091, outra em que o prelado da Vaccariça dá ao de Leça tudo o que lá grangeasse [5]; e em 1093 mais outra de prazo de uma vinha em Leça [6].

Parecendo mostrar estas escripturas a prosperidade e bom conceito do Mosteiro da Vaccariça, e não se encontrando documentos que possam inculcar a sua decadencia, com grande surpreza um anno depois, em 1094, vemos cair esta poderosa corporação dos monges Bubulenses, por uma doação do seu convento e pertenças ao Bispo de Coimbra D. Cresconio, e aos clerigos da sua Sé, feita por D. Raymundo, conde de Borgonha, governador de Portugal e Galiza, casado com D. Urraca, herdeira dos reinos de Castella [7].

Com esta doação, confirmada pelo sancto padre Paschoal II, em 1101 [8], e por outros

[1] Memoria Historica da Antiguidade do Mosteiro de Leça.
[2] Idem.
[3] Livro Preto folh. 96. v.
[4] Livro Preto folh. 97 v.
[5] Livro Preto folh. 95 v.
[6] Livro Preto folh. 74.
[7] Livro Preto folh. 45.
[8] Historia de Portugal por A. Herculano. tom. 1, introducç. n.º 3.

[1] Na Monarchia Lusitana, tom. e part. 2, liv. 7, cap. 28, vem trasladada uma escriptura de doação por D. Fernando ao Mosteiro de Lorvão, d'este mesmo anno de 1064, onde se diz que estes monges coadjuvaram a tomada de Coimbra com muitos mantimentos que ministraram nos ultimos dias do cerco. O sr. João Pedro Ribeiro, na primeira das suas Dissertações Chronologicas (tom. 1, cap. 3, pag. 43), inclina-se a que este fornecimento fôra antes ministrado pelos monges da Vaccariça; mas esta opinião não assenta em documentos, e já o sr. Castilho a considerou gratuita no terceiro dos seus Quadros Historicos.

[2] Veja-se o art. Riquezas do Mosteiro. (n'outro logar d'esta Memoria.)

[3] Livro Preto folh. 157 v.
[4] Livro Preto folh. 48 v.
[5] Livro Preto folh. 84 v.
[6] Livro Preto folh. 65.

[7] . . . . Ego raimundus comes et uxor mea urraca adefonsi tholetani imperatoris filia cum in civitate colimbria veniremus cognovimus de episcopo domno cresconio ejusdem civitatis et de suis clericis quod poterentur multis necessitatibus . . . . . et idcirco nos imanitatis mizericordia compulsi . . . . . facimus cartam testamenti ecclesie sancte marie superdicte sedis episcopalis de cenobio vacarice quod est situm prope ipsam colimbriam subtus monte buzacho Damus ipsum supradictum cenobium cum suis cunctis adjecionibus . . . . Facta est hec carta testamenti et confirmata . . . in era C.ª XXX.ª II post M.ª . . . . (Anno de Christo de 1094). Livro Preto folh. 40.

[8] . . . . villam quoque vacariviam cuns ecclesiis et coloniis, ac prediis suis sub jure proprio episcoporum collimbriensium confirmamus, sicut ab egregio comite raimundo collimbriensi ecclesie donata, et scriptorum testimoniis ablata est . . . . Dant lateranis per manus johis sancte romane ecclesie diaconi cardinalis IX Kal. april. indic. IX, dominice incarnationis anno millesimo centesimo primo *(anno de Christo de* 1101*)* pontificatus autem Domni paschalis secundi pape secundo. Livro Preto. folh. 229.

cheſes da Egreja [1], liberalisou D. Raymundo á Sé de Coimbra grande parte de grossos rendimentos que desfructou até 1834.

Os documentos posteriores a 1094 parecem mostrar que o bispo D. Cresconio logo tomou posse do mosteiro e suas pertenças, deixando com tudo ficar os monges em communidade por alguns annos, se bem que debaixo da sua direcção. De 1095 temos um testamento de Bailessa e seus filhos d'uma ermida de S. Martinho á egreja do Salvador de Coimbra, e ao mosteiro de S. Vicente da Vaccariça, então regido pelo abbade Salomão; testamento que se fez por assentimento do bispo de Coimbra D. Cresconio [2]. De 1098 ha um documento, por onde se vê que, n'este anno, alguns frades pediram ao mesmo D. Cresconio, que os deixasse habitar o Mosteiro de Tresoi, subordinado ao da Vaccariça; o que o bispo lhes concedeu, exigindo que primeiro pedissem conselho ao prior do Mosteiro da Vaccariça, D. Salomão [3]. De 1099 apparece outro documento de uma demanda, em que figura por um lado Pelagio Soares, alcaide do conde D. Henrique, e por outro lado o abbade Zoleima a favor do Mosteiro da Vaccariça, dando-se a demanda a favor do mesmo abbade [4].

D'aqui em diante nenhum documento mostra a existencia de monges na Vaccariça [5]; e nos documentos posteriores apparece o Bispo e a Sé de Coimbra em pleno dominio do mosteiro e suas pertenças, como se fôra uma casa particular [6].

Cantinúa A. A. DA COSTA SIMÕES.

[1] Chronica dos Carmelitas Descalços — tom. 2, livr. 4, cap. 15, (não cita documento).

[2] Ego bailessa cum filiis meis placuit nobis . . . facere cartam testamenti sicut et facimus ecclesie sancti salvatoris colimbrie. et monasterio sancti vicentii de vaccariza de illa heremita quam vocitant sanctus martinus de paliais. que est sita in territorio collimbrie subtus monte viminaria . . . . . Facta carta testamenti . . . . . sub consensu episcopi domni cresconci collimbriensis. et dominante salomone abbate cenobii vaccarize. Livro Preto folh. 90. v.

[3] Ego arias didas et pelagius didas et vermudus iben ildras et froiula jhoniz cum ceteris nostris sociis. Placuit nobis . . . . ut venissemus ad episcopum domnum cresconium petere monasterium quod dicitur trazoi quia est testamentum sancti vincenti vocabulo vaccarice sub monte buzaco ut ibi populassemus. et edificassemus ad partes monasterii. Ille autem jussit nobis ire et consilium petere ad priorem domnum salomonem qui sub sua manu tunc illud monasterium regebat . . . . Livro Preto folh. 36 v.

[4] Orta fuit intentio inter pelagium sudariz et abbatem domnum zoleimam super illam hæreditatem de anazeti . . . . et ille abbas zoleima dicente sua voce qui erat testamentum de illo monasterio de vacariza . . . . . Ego pelagius suariz vobis domno abbati zoleima in hoc placito vel dimissionem manum meam roboro. . . . Livro Preto folh. 51 v.

[5] O sr. Miguel Ribeiro, na sua Memoria Historica do Mosteiro da Vaccariça, etc., transcreve um emprazamento, sem data, de herdades em Ventosa, a tres clerigos, no tempo do Bispo D. Gonçalo e do governo de D. Thereza, e por isso feito entre 1112 e 1125, ou antes, e tambem segundo o mesmo Auct., entre 1109 e 1128, donde collige que n'esta epocha ainda a Sé não estava de posse de todos os bens e propriedades do convento. Este documento, não considera os tres clerigos como frades da Vaccariça; e, ainda mesmo admittindo que o tiveram sido, não póde colligir-se que figurassem alli como corporação do mosteiro, e não como particulares ou frades secularisados. O emprazamento foi o desfecho d'uma demanda, que se deu a favor do Bispo, por se ter provado que as dictas propriedades pertenciam ao Mosteiro da Vaccariça: d'onde tambem se collige que a Mitra n'esse tempo já possuia todas as pertenças do Mosteiro, que não eram contestadas. Livro Preto folh. 41. Acha-se publicado na citada Memoria do sr. Miguel Ribeiro, prova n.º 11.

[6] Veja-se o tempo em que o Bispo de Coimbra doou o Mosteiro da Vaccariça ao Collegio de Nossa Senhora da Graça. (n'outro logar d'esta Memoria.)

A POESIA SLAVA MODERNA.

Continuado de pag. 178.

As faces d'Ikonia começam a corar-se de vergonha. Esperançada ainda de que poderá escapar a este velho, pega da sua *buzdovana* de cabo de prata e de castão d'oiro, que pesa cem *okas*, e meneando-a por cima da cabeça a arremessa ás nuvens com toda a sua fôrça. A massa voa como um relampago, e sibilando vae cahir d'allí bem longe. Marko, filho dos *Krals*, não pôde soffrear um grito de admiração. O desconhecido torna de novo a escarnecer a cobardia dos nobres espectadores, e mormente do *Kralievitj* Marko. « Principe de Prilip, o nosso povo não se cança de glorificar nos seus cantos a tua poderosa *buzdovana*; mas parece-me a mim Marko, que andarias melhor se em vez da massa, pegasses de uma penna delgada de corvo, e te puzesses com ella a descrever a tua paixão é languida pelos attractivos da formosa donzella, a ver se a decidias a que viesse, no teu castello de Prilip, servir-te a ti de esposa, e á tua mãe idosa de criada. » Marko desculpa-se dizendo que fizera voto a Deus de nunca arremessar a sua *buzdovana* se não para esmagar o peito de um inimigo. Então o desconhecido, voltando-se para Ikonia, repete-lhe rindo: « Beleza sem par, antes marido velho que sem marido, » e arremessa pela sua vez aos ares a *buzdovana*. Parte ella tão ligeira, que nem mesmo se ouve sibilar, e depois de ter ultrapassado o termo marcado por Ikonia, cae encravando-se na terra até ao castão. O velho Bogdan felicita o desconhecido pela sua fôrça prodigiosa, e pergunta-lhe por que razão tem demorado até tão

tarde o seu casamento. — « A culpa, diz o velho, é de minhas madrinhas, de minhas cunhadas, de minhas primas e de minhas tias, que não tiveram o cuidado de me casar, e eu pobre solteiro, não soube achar mulher. Mas por fim, hoje, precisamente no instante em que toco nos meus cem annos, eis que chego a alcançar a bella Ikonia: aquella que não tem rival debaixo do sol, será para mim, velho centenario, que a alcançarei para vergonha dos heroes servios. » Disse, e vae perder-se no meio da multidão.

Restava a ultima prova, a do arco e da vista certeira. A bella Ikonia, toda palida e com as lagrimas a descerem-lhe pelas faces, pega do seu arco d'aço doirado, que fôra afinado por nove annos n'um fogo ardente, e que por outros nove fora temperado no gêlo. Solta-se para o ceo o falcão preso a um fio de seda de mil braças de comprido. A ave na região das nuvens não apparece já senão como um ponto negro, que uns ainda veem, mas que já outros não distinguem; a joven Ikonia segue-a porém com vista segura, e dispara para ella uma das suas douradas frechas. A seta mortifera, tinha voado sozinha; mas vê-se em breve que vem descendo em companhia do falcão todo ensanguentado, cujo coração traspassára. Vendo isto, e cheio de enthusiasmo, Miloch Obilitj não pôde esquivar-se a dizer á donzella: « Não é um simples heroe, mas sim um tsar, Ikonia, que tu mereces para esposo. » Disse, mas não se meche do seu logar, e eisque de novo o velho desconhecido se adianta, e insulta rudemente Miloch Obilitj pela sua falta de coragem em entrar na lucta para alcançar a formosa donzella. O bello Milok responde que já tem uma esposada, e que a sua alma é assaz pura para requestar duas damas ao mesmo tempo. « Não será culpa minha, exclama o velho, se por fim tens de pertencer-me. Já que todos renunciam a tua mão, não a regeitarei eu. » Doitchin o enfermo, esperando que faria desanimar o desconhecido, começa a chasqueal-o. « Escuta, meu velho centenario, quero dar-te um conselho: o homem em quanto vive, tem sempre que aprender. Ora pois! Se nos tens mostrado que conservas ainda todo o vigor dos teus membros, não te arrisques a passar pela vergonha de nos certificar que tens a vista perdida. É melhor que ponhas os teus oculos; olha que val a pena, por que tens de acertar a mil braças de altura. » Soltam todos uma gargalhada, e o velho rindo tambem, responde a Doitchin: obrigado, amigo, pelo conselho! mas ainda não estou como aquelles carneiros que vão perdendo o pêlo. « Faz subir o falcão aos ares, e quando este ia chegando á altura convencionada, o velho assobia: n'um instante o seu cavallo selvagem corre para elle, o heroe centenario salta-lhe em cima, o animal parte a galope, e na carreira o velho despede a sua frecha. O tiro inevitavel vai traspassar a cabeça do falcão, e o faz caír sem vida no meio daquella reunião immensa.

O desconhecido caminha em triumpho para o voievoda Mirko, e lhe diz: Meu querido sogro, agora accreditarás, que não são nem os annos, nem a barba branca, que nos tornam velhos; confia em Deus, que por fim de contas sabe sempre tornar o mal em bem. E tu, minha heroica belleza, reflecte profundamente no que vou a dizer-te: quanto n'este momento me estás olhando de través, tanto me abraçarás ámanhã de contentamento. Por isso até á manhã, e prepara-te para o que tem de durar sempre.

Retira-se, e some-se por entre a multidão consternada. Todos lamentam a sorte da formosa Ikonia. Ella, a coitada, retirada no seu aposento, desfaz-se em lagrimas. « Para que me havia de eu retirar do meu officio de bordar e das modestas prendas do meu sexo? Quiz fazer d'amazona, e seguindo os exemplos das heroinas d'outras éras, ganhar um esposo na liça dos valentes, e agora eis ahi como acabo de ser punida! Mas esse velho insensato, que já com um pé dentro da cova, pretende desposar-se com uma menina, não deverá elle tambem ser punido? Deve; e eu tomo sôbre mim o infligir o castigo que ambos nós merecemos. Será envenenado junctamente commigo. Pois que a sua loucura é que me arroja para fora do mundo, é de justiça, que tambem elle o abandone. » Cheia de tão funestos pensamentos, parte como um raio, e vai, pelas montanhas verdejantes, procurar debaixo das pedras cinzentas as aspides venenosas; extrahe-lhe o veneno e o traz para casa, onde o mistura com o mais generoso vinho de Hungria; e depois fica esperando o seu desposado.

« Os preparativos da boda são esplendidos. Chega finalmente o pretendido. Vem adornado como um pavão, traz despontadas as suas longas barbas brancas, vê-se-lhe luzir a pomada nos seus asperos bigodes, e o centenario surri para os convidados, como um joven *iunak* (cavalleiro). E a pobre Ikonia, tambem ella chega. Todo o salão resplandece com a sua formosura. O seu vestido de seda, tecido de lhama de prata, brilha debaixo de um veo purpurino, como a neve dos Karpathos debaixo dos rosados fogos da aurora. Todos os convivas se assentam na ordem de sua jerarchia, e em frente de Ikonia senta-se o seu velho noivo, o qual, radiante de alegria, lhe torna a repetir: « Lembra-te bem do que te digo, minha belleza sem egual: quanto me olhas hoje de través, tanto te chamarás ditosa ámanhã por me abraçares, tendo reconhecido na minh'alma a alma que cá na terra mais se assemelha á tua. » Entregue porém inteiramente á sua dor, a formosa Ikonia não sabe com-

prehender estas palavras. Sobre uma bandeja d'ouro ella apresenta ao seu noivo os dois copos que tinha preparado, e lhe diz: « Toma um destes, e bebe-o á minha honra, em quanto que eu beberei o outro á tua saude.—Ainda que eu soubesse, responde o velho, que este vinho estava envenenado, nem por isso deixaria de bebel-o por ser offerecido por tuas mãos. » E despeja o copo, sem lhe deixar uma gotta. Ikonia olha para elle debulhada em lagrimas amargas, e tomando lentamente o segundo copo, tambem ella o despeja. No entanto o centenario, vendo que lagrimas ardentes correm pela face de sua noiva, fica enternecido. Não quer levar o gracejo mais adiante, e lançando fora a cabelleira, as barbas postiças, a mascara enrugada e o seu manto bulgaro, mostra-se, como é realmente, um mancebo de trinta annos, o mais galante do imperio servio, o proprio irmão de Ikonia, Radovan! A esta vista, a desditosa donzella fica fria de marmore. Debalde seu irmão a estreita em seus braços, debalde ella fixa sobre elle um olhar petrificado que parece pedir que a revoque á vida. O veneno subtil a géla: e por fim cae morta debaixo de milhares de beijos de seu irmão, que bem depressa elle mesmo se sente desfallecer. » Vou unir-me comtigo sem pezar, minha querida irmã, n'um tumulo commum. Deus não quer que nós estejamos separados. » E solta o derradeiro suspiro sobre o peito de seu velho pae, que sente, elle tambem, fecharem-se-lhe os olhos pouco a pouco. No dia seguinte, numerosos senhores, convidados para a bôda, restituiram á terra tres cadaveres illustres e se dispersaram silenciosos. Desde então até hoje, o castello de Berdnik ficou abandonado. Continúa ainda a dominar com as suas ruinas sombrias as risonhas planicies de Syrmia e o branco mosteiro de Ravanitsa; mas as *vilas* das nuvens vem ali muitas vezes de noite colher novas flores, rebentadas das raizes outr'hora semeadas por Ikonia, e que o vento das ruinas torna a semear em cada outomno nos logares onde ella tornou a encontrar seu irmão. Depois, entrançando estas flores nos seus cabellos azulados, estas musas da nossa patria dansam o seu *kolo* aos raios da lua amiga dos mortos.

Ha mais que uma lição para aprender nesta ballada. Reconhece-se logo que Subbotitj quiz nella dar ás suas compatriotas preceitos de moral espiritualista. Demais toda a obra se apresenta como uma homenagem á pureza dos costumes da familia. Tudo isto conforma-se, o mais possivel, com a philosophia do *gouslo*. É por isso que a extensa ballada de Subbotitj não se distingue das verdadeiras rapsodias populares senão pela elegancia das formas e pela pureza classica do estylo. É assim que nós entendemos que o *gouslé* deve fornecer aos poetas slavos mais bem inspirados o moto, o granito bruto, com que elles poderão edificar, pela abstracção ideal, monumentos immortaes.

Com estas rapsodias puramente epicas contrastam entre os poetas servios os fragmentos tragicos, os sonhos sombrios de um patriotismo comprimido, os gritos fugazes das paixões violentamente recalcadas, os dithyrambos ardentes e as elegias, como a que Stanko-Vraz intitula *a tumba do traidor (Grob Izdaiice)*, na qual se reflecte com energia o horror dos Croatas para com aquelles de seus irmãos, que, vendendo-se ao germanismo, vendem, no entender delles, a alma ao demonio.

Que tumba maldita é aquella guardada por um corvo negro em continuo grasnado? Ave de máu agouro, por que não deixas nunca essa tumba solitaria?—Estou aqui para perturbar o descanço de um renegado. Ó lá, capitão, as taboas do teu caixão são pesadas? Tens saudades da tua amante, do teu sabre ou do teu lindo cavallo dos combates?—Das entranhas da terra, uma voz gemebunda responde ao corvo lugubre: Ai! não tenho saudades nem da minha joven amante, nem da minha boa espada, nem do meu cavallo de guerra. O que me opprime, é a maldição com que os meus me perseguem, é a discordia que a minha traição semea por entre elles, e que nesta hora arma irmãos contra irmãos. O meu supplicio é pensar eu que, a trôco de uma pouca de gloria, vendi a minha patria a senhores extranhos. O que me devora, é o ter preferido ao amor dos meus algumas vans decorações pregadas sobre o meu peito por mãos de generaes oppressores da minha raça. Estas cruzes malditas é que me estão agora esmagando. Esta areola de um dia é o fogo infernal que me consome, e que obriga a minh'alma, expulsa de todas as partes, a voltar aqui todas as noites, para diligenciar o entranhar-se de novo nos meus ossos e ver se ao menos aqui acho algum repouso. Oh! não haver mão compadecida que desenterre o meu cadaver, que o lance ás aves de rapina e que apague todos os vestigios da minha sepultura, para que não fique signal de mim por toda a terra! — Assim se lamenta a alma do traidor, mas não ha ouvidos que a escutem; os corvos grasnadores são os unicos que a comprehendem, e que a insultam . . . . Deus se amercêe della e ponha fim ao seu tormento! «

Como acaba de ver-se, entre os Illirio-Servios o *gouslo* combinou-se facilmente com a poesia escripta; e encontrou em Subbotitj, em Stanko-Vraz e em Ostrojinski interpretes ficis que souberam operar esta alliança delicada sem alterar consideravelmente os motos populares. As outras tres povoações slavas terão sido egualmente felizes? É o que nos falta ainda examinar.

Continúa.

ESTATISTICA PATHOLOGICA DOS HOSPITAES DA UNIVERSIDADE.

HOMENS. — ENFERMARIAS DE MOLESTIAS INTERNAS — TRIMESTRE DE JULHO A SEPTEMBRO DE 1854.

	MOLESTIAS.	EDADES				Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
		Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.				
6	Febre nervosa	»	1	4	1	»	»	6	6
5	Febre gastrica	»	»	»	2	1	»	1	2
»	» *Abcesso do figado*	»	»	1	»	»	»	1	1
»	» *Abcesso n'uma perna*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» *Corpo extranho na cornea esquerda*	»	»	1	»	»	1	»	1
47	Febre intermittente	2	15	13	2	31	1	»	32
»	» *Rheumatismo articular chronico*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» *Bronchite*	»	»	»	1	1	»	»	1
»	» *Eiemacia nas extremidades inferiores*	»	1	»	1	2	»	»	2
»	» *Obstrucção do baço*	1	3	3	»	3	4	»	7
»	» *Obstrucção do baço-Bronchite*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» *Vermes intestinaes*	1	1	»	»	2	»	»	2
»	» *Contusão na região lombar*	»	1	»	»	1	»	»	1
5	Febre intermittente gastrica	»	3	2	»	3	2	»	5
2	Angina	»	2	»	»	2	»	»	2
13	Pneumonia	»	3	5	4	5	1	6	12
»	*Diarrhea*	»	»	»	1	1	»	»	1
1	Pneumonia chronica	»	»	»	1	»	»	1	1
6	Pleuresia	»	»	4	2	5	1	»	6
3	Gastrite	»	1	1	1	2	1	»	3
2	Gastro-enterite	»	»	1	1	»	»	2	2
1	Entero-peritonite	»	»	»	1	»	»	1	1
1	Hepatite	»	»	»	1	1	»	»	1
2	Ophtalmia	»	1	1	»	1	1	»	2
1	Erysipela na cabeça e coxas	»	»	»	1	1	»	»	1
3	Erysipela phlegmonosa nas extremidades	»	»	2	1	»	1	2	3
1	Rheumatismo articular	»	1	»	»	»	1	»	1
10	Rheumatismo articular chronico	»	5	2	2	7	2	»	9
»	» » *Diarrhea*	»	»	»	1	»	»	1	1
2	Rheumatismo muscular	»	»	»	2	2	»	»	2
5	Bronchite	»	»	1	2	3	»	»	3
»	*Herysipela na face*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	*Ulceras na tracheu?*	»	1	»	»	»	1	»	1
3	Bronchite chronica	»	»	2	»	2	»	»	2
»	» *Pleuresia*	»	»	»	1	1	»	»	1
6	Embaraço gastrico	1	3	1	»	4	1	»	5
»	» *Obstrucção do baço*	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Hypocondria	»	»	»	1	1	»	»	1
1	Epilepsia	»	1	»	»	»	1	»	1
4	Gastralgia	»	2	1	1	4	»	»	4
1	Apoplexia	»	»	»	1	»	»	1	1
1	Paralysia geral incompleta	»	»	»	1	»	1	»	1
1	Paralysia do lado esquerdo da face	»	»	1	»	»	1	»	1
5	Paraplegia	1	1	2	1	2	2	1	5
1	Amaurose	»	»	1	»	1	»	»	1
12	Tisica pulmonar	1	4	6	»	»	4	7	11
»	*Obstrucção do baço-Ascite*	»	1	»	»	»	1	»	1
1	Tisica loryngea	»	1	»	»	»	1	»	1
8	Ascite	»	1	4	2	2	3	2	7
»	*Albuminuria*	»	1	»	»	»	1	»	1
3	Hydrothorax	»	»	1	1	»	»	2	2
»	*Anasarca*	»	»	1	»	1	»	»	1
3	Anasarca	»	»	2	»	2	»	»	2
»	*Obstrucção do figado*	»	»	1	»	»	»	1	1
3	Hemorrhoidas	»	1	»	2	2	1	»	3
1	Catarrho vesical	»	»	»	1	1	»	»	1
2	Diarrhea	»	»	2	»	1	»	1	2
1	Anemia	»	»	»	1	»	»	1	1
1	Escorbuto — *Obstrucção do baço-Ascite*	»	»	1	»	»	1	»	1
1	Ictericia — *Abcesso do figado*	»	1	»	»	»	»	1	1
1	Hypertrophia do coração — *Hydrothorax — Pneumonia*	»	»	1	»	»	»	1	1
6	Obstrucção do baço	»	4	1	1	2	4	»	6
1	Cancro do estomago	»	»	1	»	»	»	1	1
1	Elephantiase	»	1	»	»	»	1	»	1
2	Molestias não classificadas (um entrou moribundo)	»	1	»	1	»	»	2	2
187		7	62	75	43	105	40	42	187

Movimento	*Julho*	*Agosto*	*Setembro*	*Trimestre*
Existiam	37	49	44	
Entraram	72	56	82	210
Sairam	50	43	52	145
Falleceram	9	18	15	42
Relação dos fallecidos para os entrados	1:8	1:3,1	1:5,4	1:5
—— para os saidos	1:5,5	1:2,3	1:3,4	1:3,4
—— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:12,1	1:5,8	1:8,4	1:5,8

Movimento de todas as enfermarias dos hospitaes da universidade em todo o trimestre.	*Homens*	*Mulheres*	*LAZAROS*		*Todos*
			Homens	*Mulheres*	
Existiam	103	70	14	9	196
Entraram	393	240	1	1	640
Sairam	328	210	1	0	539
Falleceram	50	22	0	0	72
Relação dos fallecidos para os entrados	1:7,9	1:10,9	»	»	1:8,8
—— para os saidos	1:6,5	1:9,5	»	»	1:7,4
—— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:10	1:14	»	»	1:11,6

Observações meteorologicas. [1]	*Julho*	*Agosto*	*Septembro*
Media — Temperatura atmospherica ao meio dia	21° cent.	23,° 12 cent.	23 64 cent.
Media — Altura barometrica a 0.° Cent.	752,726 mil	751,605 mil	752,773 mil
Ventos predominantes	NO. O. e NNO.	NO. O. e ESE.	S. SE. e NNO.

[1] Instituto Vol. 3, N.° 11.

Neste trimestre vê-se maior mortalidade do que a ordinaria nos hospitaes da universidade; e esta differença ainda se torna mais notavel na mortalidade dos doentes de pneumonia. No trimestre passado vi que a maior mortalidade dos pneumonicos tinha recaído em doentes que entraram no hospital com muitos dias de molestia: agora é provavel que subsista á mesma razão; mas não o posso asseverar, porque o meu estado de saude impediu-me de fazer o serviço do hospital em grande parte do trimestre. Tambem por este motivo, não posso avaliar, como desejava, as causas da maior mortalidade em todo o hospital, no mesmo trimestre.

A. A. DA COSTA SIMÕES.

ERRATAS DO VOL. 3.°, N.°

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
89	10 e 11	*Sarna* / *Obstrucção do baço*	*Obstrucção do baço* / *Sarna*
»	28, 29 e 30	2 Embaraço gastrico / 8 Bronchite / 2 Bronchite chronica	8 Bronchite / 2 Bronchite chronico / 2 Embaraço gastrica
»	47 e 47	Anasarca / Anasarca *Ascite*	Anasarca / » *Ascite*
90	Ventos predomin. de Maio	N. O. S. e S. O.	NO., E. e SO.
»	ditos de Junho	N. O. N. e S. O.	NO., N. e SO.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE DIREITO.

1853—1854.

1.° ANNO. — 1.ª CADEIRA.

HISTORIA GERAL DA JURISPRUDENCIA, E A PARTICULAR DO DIREITO ROMANO, CANONICO E PATRIO.

Lente — *Dr. Joaquim dos Reis.*

COMPENDIO — MARTINI, ORDO HISTORIAE JURIS CIVILIS, CONIMBRICAE 1844; — E M. A. C. DA ROCHA, ENSAIO SOBRE A HISTORIA DO GOVERNO, E DA LEGISLAÇÃO DE PORTUGAL, COIMBRA 1851.

Ensino primeiro a noção da natureza, fim e objecto da Historia do Direito Romano; a utilidade d'esta, as suas divisões, e o melhor methodo de a estudar, indicando os *livros necessarios para este fim, tanto antigos como* modernos; e depois faço a divisão da historia em epochas, segundo os diversos auctores.

Dou uma noticia breve dos costumes, governo e leis das nações, que precederam os Romanos; *detendo-me* mais na historia dos Hebreus, Egypcios e Gregos, porque suas leis serviram de fontes ás romanas.

Na historia romana dou, em cada uma das epochas, noticia do governo e suas alterações; *do genio*, dos costumes da nação; magistrados, fontes das leis, codigos, e estado da sciencia do Direito, continuando com esta historia no imperio oriental até á sua extincção, e tambem com a do *imperio occidental*; — *dos povos que o* conquistaram, e da legislação propria dos Godos, Lombardos, e outras nações, que n'elle se estabeleceram.

Mostro que no seculo 12.° foi o estudo do Direito Romano renovado por Irnerio, e *continuado por Accursio*, Bartholo, e Cujacio; quaes os methodos, de que usaram estas escholas; e finalmente como o Direito Romano se tornou conhecido em toda a Europa, e entre nós.

Passo *depois á historia do Direito Portuguez*, que divido em septe epochas com o compendio. Exponho na primeira o estado da Lusitania antes da conquista dos Romanos, e qual era a sua fórma de governo, religião, *civilização*, *riquezas*, *costumes e leis*.

Na segunda epocha continúo a historia da Lusitania, quando foi reduzida a provincia romana; qual foi o estado d'esta provincia no tempo dos imperadores; a sua *fórma de governo*, *leis*, civilização, *prosperidade e religião*; como se introduziu a christã, e os factos notaveis da Egreja lusitana.

Na terceira epocha relato a invasão dos barbaros, o estabelecimento dos Godos na Lusitania, e a sua fusão com os Romanos e indigenas, e qual foi a sua fórma de governo; a auctoridade dos concilios, dos bispos e dos nobres; a historia das leis antigas dos Godos; do codigo Wisigothico, da religião dos Godos e das egrejas mais antigas; dos concilios e bispos notaveis da Lusitania até ao principio do seculo 8.°

Na quarta epocha dou noticia da invesão dos Sarracenos; da origem e progresso do reino de Leão; do estado da Lusitania n'este tempo; da sua fórma de governo, dos concilios, do augmento do poder do clero e dos nobres; e finalmente da legislação e do fôro de Leão, do estado da Egreja lusitana e do progresso da vida monastica.

Na quinta epocha apresento a historia da fundação da monarchia portugueza, e da separação e independencia de Portugal; do seu governo, legislação, administração da justiça; do extraordinario poder da ordem ecclesiastica, do poder da nobreza; e finalmente do estado da industria, instrucção, e da Egreja lusitana.

Na sexta epocha refiro qual foi a fórma de governo, a successão da corôa; a influencia da côrte de Roma sobre as cousas de Portugal, a admissão indistincta do concilio de Trento por D. Sebastião, e o recurso á corôa, e o estado da nobreza; a historia das Ordenações Affonsinas e Manuelinas, das reformas seguintes da legislação e da collecção de Duarte Nunes de Leão, da reforma dos foraes por D. Manoel, e da instrucção e jurisprudencia; da introducção da inquisição em Portugal; da separação da Egreja portugueza da hespanhola; do estabelecimento dos Jesuitas em Portugal; e dos bispos portuguezes notaveis.

Na septima epocha concluo esta materia com a historia da occupação de Portugal por Philippe II. de Hespanha, e da acclamação do duque de Bragança em 1640; da fórma do governo; da ordem do clero; da ordem da nobreza; da legislação e da industria; da fazenda publica; da instrucção e jurisprudencia; e finalmente da Egreja lusitana.

Por falta de tempo limito a historia do Direito Canonico a uma noticia breve das collecções do mesmo direito, e deixo o seu maior desinvolvimento para os dois annos do curso de Direito Canonico.

1.° ANNO. — 2.ª CADEIRA.

DIREITO NATURAL OU PHILOSOPHIA DE DIREITO, E DIREITO DAS GENTES.

Lente — *Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva.*

COMPENDIO — V. F. N. PAIVA, ELEMENTOS DE DIREITO NATURAL, OU DE PHILOSOPHIA DE DIREITO, COIMBRA 1850; — E ELEMENTOS DE DIREITO DAS GENTES, COIMBRA 1850.

DIREITO NATURAL.

O compendio, aproveitando a melhor doutrina, que se encontra nos principaes escriptores de todas as escholas, das quaes dá conta em uma tabella, segue principalmente a eschola allemã. É dividido em quatro partes.

Na part. I. tracta dos principios geraes de philosophia de direito, e é subdividida em tres secções: na 1.ª occupa-se da noção, fontes, characteres e subsidios do Direito Natural, na 2.ª dos limites e divisão do Direito Natural, e na 3.ª da utilidade e systemas do Direito Natural.

Na part. II tracta do Direito Natural absoluto, e é subdividida em tres secções: na 1.ª tracta dos direitos absolutos, na 2.ª da natureza dos direitos absolutos, e na 3.ª das obrigações absolutas.

Na part. III. tracta do Direito Natural hypothetico, e é subdividida em septe secções: na 1.ª tracta da acquisição immediata, na 2.ª dos direitos e extincção do dominio, na 3.ª das lesões do dominio, na 4.ª da acquisição mediata — contractos em geral, na 5.ª das diversas especies de pactos, na 6.ª da sociedade em geral, e na 7.ª da familia.

Na part. IV. tracta das garantias do Direito internas e externas.

Nas minhas prelecções oraes sigo principalmente as doutrinas de ZEILER, KRAUSE, AHRENS, JOUFFROY, BELIME, etc.

DIREITO DAS GENTES.

O compendio funda-se nos principios de Direito Natural do compendio anterior, do qual é uma continuação, applicando o Direito Natural puro ás relações internacionaes. É dividido em cinco partes.

Na part. I. tracta dos principios geraes do Direito das Gentes, e é subdividida em duas secções: na 1.ª tracta da noção, origem e characteres do Direito das Gentes, e na 2.ª da soberania.

Na part. II. tracta dos direitos das nações em tempo de paz, e é subdividida em quatro secções: na 1.ª tracta do transito, na 2.ª do asylo, na 3.ª do commercio, e na 4.ª dos extrangeiros.

Na part. III. tracta dos direitos das nações em tempo de guerra, e é subdividida em nove secções: na 1.ª tracta dos principios geraes do direito da guerra, na 2.ª dos meios de fazer a guerra, na 3.ª dos prisioneiros, na 4.ª das represalias, na 5.ª dos transfugas, na 6.ª dos corsarios e piratas, na 7.ª do bloqueio e sitio, na 8.ª da neutralidade, e na 9.ª da victoria.

Na part. IV. tracta dos meios d'estabelecer, conservar e restabelecer a paz, e é subdividida em nove secções: na 1.ª tracta dos tractados em geral, na 2.ª dos tractados de commercio, na 3.ª dos tractados de federação, na 4.ª dos tractados d'alliança, na 5.ª das tregoas, na 6.ª do salvo-conducto e da salva-guarda, na 7.ª da capitulação, na 8.ª dos tractados de paz, e na 9.ª das seguranças dos tractados.

Na part. V. tracta das pessoas encarregadas d'estabelecer, conservar e restabelecer a paz, e é subdividida em cinco secções: na 1.ª tracta dos agentes diplomaticos, na 2.ª dos consules, na 3.ª dos medianeiros, na 4.ª dos arbitros, e na 5.ª dos congressos.

Tambem tem um appendix sobre a etiqueta.

Em minhas prelecções oraes sigo de preferencia as doutrinas de VATTEL, MARTENS, RIGUELME. S. P. FERREIRA, etc., accommodando-as aos principios de Philosophia de Direito anteriormente ensinados.

1.º e 2.º ANNO — 3.ª e 4.ª CADEIRAS.

CURSUS BIENNALIS JURIS ROMANI.

Professores — *D. Antonius Nunes de Carvalho.* / *D. Fridericus de Azevedo Faro Noronha.*

COMPENDIUM — D. JO. P. WALDECK, INSTITUTIONES JURIS CIVILIS HEINECCIANAE, CONIMBRICAE 1849.

CONSPECTUS PRAELECTIONUM, QUIBUS PRIMA ELEMENTA JURIS CIVILIS ROMANI, JUXTA ORDINEM INSTITUTIONUM JUSTINIANI IN ALMA CONIMBRICENSI ACADEMIA, PRIMO ANNO CURRICULI JURIS JUSTINIANEIS NOVIS TRADUNTUR:

Docente

D. Antonio Nunes de Carvalho,

Reginae Fidelissimae a Consiliis, Juris Civilis Professore Publ. Ordin.

MATERIEM SUPPEDITANT

Institutiones Juris Civilis Heineccianae, emendatae atque reformatae a D. JO. PETRO WALDECK, jureconsulto eximio, et olim facultatis juridicae gottingensis ornamento. Editio quinta conimbricensis, typis academicis evulgata, anno 1849, uno vol. 8. maj.

« Ut omnis institutionis academicae, ita et hujus, in « qua versamur, ea est indoles, ut iis, qui ea utuntur, « tunc demum fructuosa sit, et salutaris, si praeter « idoneam praeparationem, et in audiendo diligentiam, « domesticae repetitionis, et industriae adsiduitatem adhi- « beant, tam meditando de rebus, quas in scholis cogno- « verint, tum libros bonae frugis tironibus scriptos sedulo « legendo et conferendo. » Hanbold. *Inst. Jur. Rom. Priv., Proleg.* cap. 3. §. 34.

PROEMIUM INSTITUTIONUM.

Praecognita historiae literariae ad studium Juris Civilis valde necessaria. — Notitia historica Corporis Juris Civilis, et motiva collectionis. — De Justiniano collectionis auctore. Corporis Juris Civilis partes. — Adpendices Corporis Juris. Subsidia ad penitiorem Juris Romani intellectum adsequendum maxime conducentia: Gaii institutionum commentarii, et fragmenta Vaticana novissime reperta: paraphrasis graeca Theophili a Reitzio latine reddita.

Usus hodiernus, et auctoritas Juris Civilis Romani in complexu apud Lusitanos, et singularum ejus partium inter se. De optimis editionibus Corporis Juris tum *glossati*, tum *non glossati;* in primis Institutionum. De modo allegandi textus. De Juris Civilis interpretibus accuratissimis et recentissimis, atque de eorum scriptis. Denique de optima methodo discendi Juris Civilis elementa.

LIBER I. DE PERSONIS.

PROLEGOMENA.

T. 1. De Justitia et Jure. — Vocabuli juris significatus frequentiores. — Jurisprudentiae notio. — Jureconsultus veri nominis quis? — in quo a Legulejo et a Rabula differat. Officium jureconsulti, — dotes, in civitate praestantia.

De legum interpretatione, et earum applicatione ad facta. De Justitia — interna et externa: haec et non illa potius pro fine Jurisprudentiae habenda.

Tria Juris praecepta, secundum §. 3. I. h. t. et fr. 10. §. 1. D. h. t.

T. 2. De Jure Naturali, Gentium, et Civili ad mentem Ictorum Romanorum partitiones Juris: — 1. Legales, — Jus Publicum, et Jus Privatum: Jus Privatum tripartitum, Naturale, Gentium, Civile. — 2. Doctrinales, respectu originis, fundamenti, objecti, obligationis. — Jus ex scripto, aut non ex scripto; seu, ut vulgo dicitur, Jus scriptum, et Jus non scriptum. Fontes Juris Romani, — scripti et non scripti. Objectum Juris tria: — personae, res et obligationes, actiones. Divisio Institutionum in quatuor libros.

DE PERSONIS.

T. 3 — 7. De Jure personarum. Persona quis? in Jure Romano homo et persona differunt — status quid, et quotuplex. — Status naturalis — ejus potiores species. — Status civilis: — publicus, et privatus De capitis deminutione. De servis secundum Jus Romanum historice, et summatim. — Conditio servorum: constitutio servitutis: — nativitate, — facto ex Jure Gentium veteri: — ex jure justinianeo in poenam.

De ingenuis et libertinis. De manumissione servorum: — modi manumittendi: 1. civiles: — 2. naturales. Conditio libertinorum — patroni: — jura patronatûs. De actionibus circa statum libertatis — et civitatis.

T. 8. De his, qui sui, vel alieni juris sunt. Familiae romanae constitutio. Personae sui juris: — pater, materve familias: personae alieni juris: — liberi, qui patriae potestati; — servi et ancillae, qui dominicae potestati subsunt.

Dominica potestas — in personam, et in bona servorum. — Ejusmodi potestatis mutationes.

T. 9. De patria potestate. — Notio, et ratio. Jura patris familias in personas liberorum, — et horum in bona. De triplici modo adquirendi patriam potestatem: — nempe, nuptiae, legitimatio, adoptio.

T. 10. De nuptiis. Sponsalia: — jus et modus ea contrahendi, — vis, — dissolutio. Nuptiarum, matrimonii, et contubernii discrimina jure veteri — et sub Justiniano.

Matrimonii forma — impedimenta, late. Nuptiae incestae, — indecorae, — noxiae. Effectus matrimonii: — 1. respectu conjugum: — 2. respectu liberorum. Dissolutio matrimonii. —

De dote et pactis dotalibus. Dotis notio et species: — jura, — bona paraphernalia. — Pacta dotalia. —

De legitimatione generaliter: — ejus origo, — modi legitimandi — specialiter: 1. per subsequens matrimonium, — 2. per curiae dationem, — 3. per rescriptum principis: — earum effectus.

T. 11. De adoptionibus. De adoptione stricte sic dicta, — de adrogatione. — Forma adoptionis, — et adrogationis. Jus adoptandi: — effectus adoptionis — et adrogationis jure novissimo.

T. 12. Quibus modis jus patriae potestatis solvitur: — 1. morte subjectorum, — 2. speciali legis dispositione, — 3. voluntate patris: — *a* adrogatione ipsius patris. — *b* datione filii in adoptionem plenam, — *c* emancipatione: 1. emancipatio vetus, seu legitima, 2. anastasiana, 3. justinianea.

T. 13. De tutelis. Tutelae notio, — subjecti, — 1. pupillus, — 2. tutor. Modi constituendae tutelae tres; unde tutela testamentaria, legitima, et dativa.

T. 14. Qui testamento tutores dari possunt, sive de tutela testamentaria. — 1. Ejus notio et origo: — 2. jus dandi tutorem testamento: — 3. modus illud exercendi — Vis tutelae testamento datae: — perfectae, — imperfectae.

T. 15. De legitima agnatorum tutela: — ejus indoles, jure veteri, — jure novo.

T. 16. De capitis deminutione — maxima, media, et minima. Causae capitis deminutionis cujusque.

T. 17. — 19. Aliae legitimae tutelae species: — patronorum, — parentum; — fiduciaria tutela.

T. 20. De Atiliano tutore, et eo, qui ex lege Julia et Titia datur, vel de tutela dativa. Principia Juris Romani circa hujusmodi tutelam. Jus dandi tutores dativos, — exercitium hujus juris.

T. 21. De auctoritate tutorum. — Notio et ratio: — officium tutoris, — 1. in suscipienda tutela, — et in administranda; — 2. modus eam interponendi; — 3. negotia, quibus adhibetur.

T. 22. Quibus modis tutela finitur. Causae, 1. in pupillo positae: — 2. in tutore: — 3. in modo constitutionis.

T. 23. De curatoribus — 1. Notio curae, — 2. constitutio, — 3. personae, quae ei subsunt, — 4. officium curatoris, 5. modus finiendi curam.

T. 24. De satisdatione tutorum vel curatorum. Notio et species cautionum. — Satisdatio a tutore praestanda: — ab ea immunes. — Vis satisdationis.

T. 25. De excusatione tutorum vel curatorum. Excusationis notio, et species. — Causae communes, — causae curae propriae.

T. 26. De suspectis tutoribus et curatoribus. — Tutoris suspecti notio. — Postulatio suspecti — subjecta, — vis postulationis, — extinctio.

LIBER II. DE REBUS.

T. 1. — 1. De rerum divisione: — 2. et adquirendo rerum dominio. Rei, peconiae, bonorum notiones in Jure Civili. — Rerum divisiones illustriores legales, et doctrinales. —

De possessione. 1. Notio, — divisiones variae. — De adquisitione, conservatione, amissione possessionis. 2. Jura possessionis, — remedia. De jure rerum in genere. — Jus in re, seu in rem; — jus ad rem, seu in personam. — Notiones, — indoles — Juris in re species: 1. dominium stricte sic dictum, 2 jus hereditarium, 3. jus servitutis, 4. jus pignoris.

T. 2. De adquirendo rerum dominio. — Notio dominii, jura, quae ejus essentiam constituunt. — Divisiones variae. — Adquisitio: — titulus et modus. — Titulus duplex: — 1. Jus Gentium, — 2. Jus Civile. — Modi duo quoque genera: — 1. naturalis, — 2. civilis. — 1. Modi naturales, seu Juris Gentium: — 1. occupatio, — 2. adcessio, — 3. traditio. — 1. De occupatione in genere: — species: — sigillatim thesauri, — et rerum hostilium. — 2. De adcessione, — notio, — divisio in naturalem, industrialem, mixtam. — Variae cujusque species. — 3. De traditione, — notio, — subjecti, — modus. —

De actionibus ex dominio oriundis — 1.ª reivindicatio — 2.ª actio Publiciana.

T. 3. De servitutibus praediorum. — Servitutis notio, — et genera: — 1. servitutes rerum, — 2. personarum: — illarum proprietates, — duplex genus: — exempla. — Communia servitutum praediorum: — 1. constitutio — 2. Amissio, — causae amissionis.

T. 4. De servitutibus personarum. — 1. Ususfructus — notio — objectum, — modi eum constituendi, — jus usufructuarii — commoda, — obligationes. — Modi finiendi usumfructum.

T. 5. 1. De usu, 2. et habitatione. — De actionibus occasione servitutum competentibus: — 1. a. confessoria, — 2. a. negatoria.

II. Modi adquirendi dominium civiles: — 1. universales, — 2. singulares; — species utrorumque.

T. 6. De usucapionibus, et longi temporis praescriptionibus. — Praescriptionis notio: — genera. — 1. extinctiva — 2. adquisitiva; — hujus species, — 1. ordinaria, — extraordinaria: — illius objectum — legitima possessio, — legitimum tempus, — continuatio possessionis. — Praescriptio extraordinaria, seu longissimi temporis; — species — 1.ª 30 annorum, — 2.ª 40 annorum, — 3.ª 100 annorum. — De praescriptione immemoriali.

T. 7. De donationibus. — Quare inter modos civiles adquirendi dominii a Justiniano relatis. — 1. Donatio inter vivos, — ejus subjecta, — objectum, — forma, — vis. — Causae rescindendae hujusmodi donationis. — 2. De donatione propter nuptias.

T. 8. Quibus alienare licet, vel non. — Exempla.

T. 9. Per quas personas cuique adquiritur: — 1. per servos — 2. per liberos in potestate nostra constitutos, — 3. per extraneas personas. — De peculio filiali — notio, — et species. Jus peculii militaris, — profectitii, — adventitii ordinarii, — et extraordinarii. — De adquisitione per extraneas personas jure antiquo, — jure novo.

T. 10. De testamentis ordinandis. — Hereditatis notio, — et species — Testamenti definitio, — differentia a codicillis, — requisita generalia; — forma — jure antiquo — jure novo. — Testamentum publicum, — et privatum: — solennitates ambobus communes, — propriae — 1. testamenti scripti — 2. et nuncupativi.

T. 11. De militari testamento. — Ejus privilegia, — quibus competunt. — extinctio. — Alia testamenta privilegiata: 1. parentis inter liberos testantis, — 2. tempore pestis factum, — 3. rure factum, — 4. testamentum posterius imperfectum, — 5. Ad pias causas.

T. 12. Quibus non est permissum facere testamentum.

T. 13. De liberis exheredandis. — De legitima, — quibus debetur. — De heredibus necessariis. — et voluntariis. — Exheredationis notio, — causae justae a Justiniano sanctae.

T. 14. De heredibus instituendis. — Qui sint idonei, — qui incapaces: — 1. absolute, — 2. secundum quid. — Tempus determinandi idoneitatem — De divisione hereditatis, — de ejus partibus. — De modis institutionis: — diei adjectio, — conditio, — effectus.

T. 15. De vulgari substitutione. — Duplex genus; — 1. obliqua, seu fideicommissaria, — 2. directa — cujus species: 1. vulgaris, 2. pupillaris, 3. quasi pupillaris, 4. militaris. — Substitutionis vulgaris notio — forma — jus.

T. 16. De pupillari substitutione. — Notio, forma externa — jus pupillariter substituendi, — vis — extinctio — De substitutionibus quasi pupillari, — militari.

T. 17. Quibus modis testamenta infirmantur. — De testamento nullo, — rupto, — irrito, — destituto, — rescisso.

T. 18. De inofficioso testamento. — De querela inofficiosi t. — ejus origo, — notio, — fundamentum. — Quibus competat, — causae ex quibus cessat.

T. 19. De heredum qualitate, et differentia. — 1. Diversa heredum qualitas. — 2. Adquisitio hereditatis; — *a* in herede necessario; — *b* in herede voluntario. — 3. Jus, et modus adeundi hereditatem. — Effectus adquisitae hereditatis. — Beneficia heredi concessa: — 1. beneficium deliberandi, — 2. beneficium inventarii.

T. 20. De legatis. — Magna olim differentia inter legata ac fideicommissa singularia, — sed a Justiniano exaequata. — Notio legati. — Forma dandi legata, — jure antiquo, — jure novo. — Personae, — objectum, acci-

dentalia, — adquisitio legati, — Effectus adquisitionis — jus adcrescendi.

T. 21. De ademptione legatorum, — translatione, — extinctione.

T. 22. De lege falcidia. — Quarta falcidia quid. — Jus ex hac lege. — Modus eam computandi. — Causae, ob quas cessat.

T. 23. De fideicommissariis hereditatibus. — Fideicommissi notio et species: — 1. quoad formam, modumque, — 2. quoad personas. — Jus fideicommissi.

T. 24. De singulis rebus per fideicommissum relictis.

T. 25. De codicillis. — Eorum origo, — et ratio. — Notio, — et species: — jus — clausula codicillaris, — ejus vis.

LIBER III. DE REBUS ET OBLIGATIONIBUS.

TT. 1 — 9. De hereditatibus, quae ab intestato deferuntur. — Successio intestatorum jure veteri — summatim. — Ejus fundamentum.

T. 10. De bonorum possessionibus. — Successio praetoria. — Bonorum possessionis ratio, et notio: — species — 1. contra tabulas, — 2. secundum tabulas, — 3. ab intestato: ejus adquisitio, — successio.

T. 11. De adquisitione per adrogationem, — 1. ex jure veteri — et novo

TT 12 et. 13. Materia historice relata.

De successione ab intestato secundum Novellam 118.

De petitione hereditatis, — qualificata, — et simplex.

De jure pignoris; — pignoris notio, — constitutio, — 1. quoad objectum, — 2. quoad modum. — Constituti pignoris jura, — solutio.

DE OBLIGATIONIBUS.

T. 14. De obligationibus. — Notio, — species: — 1. ex causa remota, — 2, ex causa proxima. — De conventionibus. — Notio, — forma, — objectum, — subjecta, — effectus. — De conditione, — et die conventionibus adjectis. — Varia genera conventionum: — 1. pacta, — 2. contractus. — Eorum differentia Jure Romano. — De contractibus; — 1. nominatis, — innominatis. — Horum quatuor genera, — totidem illorum. — Nomina utrorumque: — ratio nominis. — Aliae contractuum divisiones. — De pactis nudis, — 1. contractibus bonae fidei adjectis, — 2. praetoriis, — 3. legitimis. — Exempla. — De damni praestatione, — notio, — causae; — 1. dolus, — 2. culpa, triplex, — 3. casus.

T. 15. Quibus modis re contrahitur obligatio. — Contractus nominati reales: — 1 mutuum; — notio, — forma, — obligatio — actiones. — Eadem de 2. commodato, — 3. deposito, — 4. pignore.

T. 16. De verborum obligationibus. — De stipulatione, — notio, — forma, — modus, — objectum, — personae, — obligatio, — actiones.

T. 17. De duobus reis stipulandi, et promittendi. Correi qui? — 1. credendi, — 2. debendi. — Obligationis correalis fundamenta, — effectus.

T. 18. De stipulatione servorum, historice.

T. 19. De divisione stipulationum: — quatuor genera. — Exempla.

T. 20. De inutilibus stipulationibus.

T. 21. De fideijussoribus. — Fideijussionis notio, — distinctio ab aliis intercessionis speciebus. — Forma, debitum, — persona fideijussoris qualis, — obligatio, — ejus rigor temperatus noviori jure: — Beneficiis, 1. ordinis, — 2. divisionis, — 3. cedendarum actionum. — Fideijussionis extinctio.

T. 22. De litterarum obligationibus. — Contractûs litteralis notio. — Speciatim de contractu chirographario.

T. 23. De obligationibus ex consensu. — Contractuum consensualium indoles, — species.

T. 24. De emptione et venditione. — Notio, — forma, — objectum — 1. res quae veneunt, — 2 pretium. — Effectus: — 1. translatio periculi, et commodi, — 2. mutua obligatio. — Actiones.

T. 25. De locatione et conductione. — Notio, et species. — Forma et substantia. — Objectum — personae — obligationes: — 1. locatoris, — 2. conductoris, — communes utrique — actiones. — De contractu emphyteuseos origo — de jure emphyteutico. — Conctratûs notio, — modus perficiendi, — obligatio — actio emphyteuticaria, — duplex.

T. 26. De societate. — Notio, et species. — Modus eam perficiendi, — et ineundi. — Obligatio, — actio. — Dissolutio.

T. 27. De mandato. — Notio — et substantialia, — distinctio 1. a negotiorum gestione, — 2. a locatione operarum, — 3. a consilio, — 4. a commendatione, — 5. a jussu. — Modus contrahendi, — objectum, — obligatio. — Actiones: — 1. directa, — 2. contraria. — Solutio.

T. 28. De obligationibus, quae quasi ex contractu nascuntur. — Quasi contractûs notio. — Species: — 1.ª Negotiorum gestio: — ejus notio, — personae, — obligationes: — 1. gestoris, — 2. domini negotiorum; — actiones — directa, — et contraria. — 2.ª Tutela — indoles obligationis; — actiones, — directae, — utiles. — 3.ª Hereditatis, — et 4.ª rerum communia; — quo sensu ad quasi contractus referuntur — actiones. — 5.ª Hereditatis aditio, — obligatio: — actio. — 6.ª Indebiti solutio, — obligatio, — actio, — quae differt ab aliis condictionibus, — et a quibus.

T. 29. Per quas personas nobis obligatio acquiritur. — De adquisitione per alios, — jure veteri, — et novo jure.

T. 30. Quibus modis tollitur obligatio: — 1. ope exceptionis, — 2. ipso jure: — communes, — proprii. — Eorum enumeratio, et descriptio.

LIBER IV. DE OBLIGATIONIBUS ADHUC, ET ACTIONIBUS.

T. 1. De obligationibus, quae ex delicto nascuntur. — Delicti, seu maleficii notio, — species. — De Jure Criminum apud Romanos. — 1. Delicta publica, — 2. privata — 3. ordinaria, — 4. extraordinaria. — Actiones ex delictis: — 1. rei persecutoriae, — 2. poenae persecutoriae, — 3. mixtae. — Indoles obligationis, — et actionum ex delicto, speciatim de furto. — Notio, — species: — 1. ex objecto, — 2. ex modo. — Actiones ex furto: — 1. civiles, — 2. criminales.

T. 2. De vi bonorum raptorum. — Rapinae notio — requisita: — 1. dolosa rei alienae mobilis contrectatio, — 2. consilium lucri faciendi — corollaria. — Remedia Jure Romano.

T. 3. De lege Aquilia. — Damni injuria dati notio: — differentia, 1. a noxia, — 2. a pauperie. — Capita Legis Aquiliae: — caput primum, — secundum, ex Gaji commentario 3.° §. 215 — tertium. — Observationes.

T. 4. De injuriis. — Species — subjecta — remedia: — 1. judicialia — criminalia. — Retorsio. — Remediorum extinctio.

T. 5. De obligationibus, quae quasi ex delicto nascuntur. — Quasi delictorum notio, — species.

T. 6. De actionibus. — Notio, — divisiones: — 1. a fundamento remoto, — 2. a proximo, — 3. ab objecti qualitate, — 4. quantitate, — 5. a potestate judicis.

T. 7. Quod cum eo, qui in aliena potestate est, negotium gestum esse dicetur. — Actionum ex contractu alieno, — 1. fons, — 2. species.

T. 8 De noxalibus actionibus. — Obligatio ex delicto: — 1. servi, — 2. filii familias.

T. 9. Si quadrupes pauperiem fecisse dicatur. — Obligatio, — actio. — De aedilitio edicto.

T. 10. De iis, per quos agere licet: jure veteri, — jure novo. De procuratoribus judicialibus.

T. 11. De satisdationibus. — Cautiones judiciales, — 1. ab auctore et reo, — 2. a procuratore praestandis.

T. 12. De perpetuis et temporalibus actionibus: — et quae ad heredes, et in heredes transeunt. — De praescriptione actionum, — 1. generatim, — 2. speciatim: — *a* civilium, — *b* honorariarum — De transitu actionum in heredes, — activo, — passivo.

T. 13. De exceptionibus. — Exceptionis notio, varia genera.

T. 14. De replicationibus.

T. 15. De interdictis. — Notiones — species; — 1. adipiscendae, — 2. retinendae, — 3. recuperandae possessionis. — Observationes generales.

T. 16. De poena temere litigantium.

T. 17. De officio judicis. — Officium magistratûs, — officium judicis pedanei, Jure Romano.

T. 18. De publicis judiciis apud Romanos, historice.

LITERATURA DRAMATICA HESPANHOLA E SEUS HISTORIADORES.

I

No vasto campo da literatura hespanhola, o theatro do XVI e XVII seculo, é, depois da poesia da meia idade, o assumpto que merecera mais a particular attenção dos historiadores, e dos criticos. A propria Hespanha, que tem abandonado aos estranhos o cuidado de explorar as suas riquezas literarias, involvidas no pó de tantos seculos, não se esquecêra de buscar essas preciosas reliquias da sua literatura dramatica para com ellas alevantar um monumento digno do genio, que inspirára os seus compatriotas. Ha quasi vinte annos, um grande numero de escriptores tem pretendido restaurar o theatro de Calderon, e Lopes de Vêga. Este generoso impulso dado pelos poetas, devia naturalmente excitar os trabalhos dos eruditos. Em quanto D. Angelo de Saavedra, duque de Rivas, e D. Antonio Gil y Zarate sacudiam em fim o jugo da imitação franceza, restituindo a arte dramatica ás suas fontes naturaes, os criticos não podiam ficar mudos e quedos no meio desta grande transformação, que se operava nos dominios da literatura dramatica. E de feito assim aconteceu. O duque de Rivas fizera representar em 1835 o bello drama — *la Fuerza del sino*. O applauso, com que fôra acolhida esta producção dramatica, decidiu dos destinos do theatro hespanhol. No anno seguinte começou em Madrid a publicar-se o theatro antigo e moderno d'Hespanha, que hoje conta mais de cem volumes. Desde esta epocha os trabalhos sobre Lopes, e Calderon, e até sobre outros auctores menos conhecidos, vão sucessivamente apparecendo á luz publica. Em 1839 D. Agostinho Duran, publicou um excellente artigo sobre Lopes de Vega [1]; em 1840 João Colon y Colon deu á estampa mui curiosas e interessantes noticias sobre os auctores dramaticos anteriores a Lopes [2]. Não são menos dignos de mencionar-se neste ponto os eruditos trabalhos de Gil y Zarate [3], de Mesonero [4], Moron [5], Alberto Lista [6], e outros, alem da mui noticiosa bibliotheca dos auctores hespanhoes.

Entretanto todos estes ensaios, que attestam o gosto e a tendencia dos espiritos, excitados tambem pelos brios, e pundonor nacional pela restauração do seu antigo theatro, não constituem por certo a historia completa da scena hespanhola desde os seus primeiros e mui singelos ensaios até ás suas caprichosas transformações, passando alternativamente da inspiração ecclesiastica á inspiração romanesca. Um trabalho tal involve tantas difficuldades, e depende de tantos, e tam profundos estudos, que, para leval-o ao cabo, fôra talvez insufficiente a vida e os esforços de um só homem. E todavia a empreza era digna de tal sacrificio, por que o theatro hespanhol é um dos mais curiosos problemas, que pode offerecer-se á resolução dos sabios, e uma das mais preciosas conquistas, que pode fazer-se na historia da poesia.

O distincto escriptor allemão, Adolpho Frederico de Schack, não duvidou tomar sobre si tão ardua tarefa, e se elle não logrou resolver o problema, e assentar um juizo decisivo sobre esta parte tão original e tão controvertida da literatura moderna, é pelo menos certo, que fez neste ponto mui graves e importantes descobrimentos, e que a sua obra, a pezar de não ser isenta de defeitos, é com tudo um monumento de erudição, um trabalho primoroso, que honrará sempre o seu auctor.

A obra de Schack compõe-se de tres volumes [1]; o primeiro occupa-se do theatro hespanhol desde a sua origem até Lopes de Vega; o segundo é consagrado a este auctor, e aos seus contemporaneos; o terceiro trata de Calderon, e termina expondo a longa decadencia do theatro, e os ensaios que modernamente se teem feito para a sua regeneração. Schack na primeira parte da sua obra traçou o quadro dos dois mui importantes periodos da literatura dramatica em Hespanha: o primeiro desde os primitivos tempos desta vasta monarchia até ao reinado de Fernando e Izabel, e o segundo desde o governo destes principes até ao reinado literario de Lopes de Vega.

A Hespanha não possuia um unico desses reportorios dramaticos, que a Inglaterra deve a Collier, a Italia a Riccoboni, e a França aos irmãos Parfait; e Magnin podia apenas ministrar uma escassa luz no meio da obscuridade d'aquellas remotas éras, a pezar disto Schack não descoroçoou da empreza a que resolutamente se commettêra, e esta parte da sua obra é uma das mais interessantes, e que mui claramente mostra o fio, que prende os poetas do XVI e XVII seculo ás tradicções, e lendas populares, que tantos elementos forneceram á poesia naquelles dois periodos, os mais brilhantes da literatura dramatica em Hespanha.

É sobre tudo a influencia da egreja, que desde o principio do theatro hespanhol começára a manifestar-se sobre a scena. Já no XIII seculo a egreja dominava tão largamente no theatro, collocado sob a sua protecção, e até certo ponto dirigido por ella, que na lei das

[1] *Revista de Madrid.*
[2] *Noticias del Teatro espanhol anterior a Lope.*
[3] *Manual de Literatura.* — 2 v. Madrid 1844.
[4] *Rapide coup d'oeil historique sur le théâtre espagnol.*
[5] *Revista de Espanha y del estrangero*
[6] *Ensayos literarios y criticos.* — Madrid 1844.

[1] *Geschichte der dramatischen Literatur und Kunst in Spanien* — von A. F. von Schack — Berlin — 3 vol. 1845 — 1846.

sete partidas Affonso X julgára opportuno regular o exercicio d'essa auctoridade, ao passo que no resto da Europa a influencia da egreja no theatro ia sucessivamente decaindo para ser substituida pelos dois outros elementos da litteratura dramatica na idade media, as truanices dos senhores feudaes, e as dos populares, que no meio do seculo XIII tomaram o logar ao drama ecclesiastico.

Na epocha em que Affonso o *Sabio*, prohibindo os espectaculos licenciosos, permittia que se pozessem em scena os dramas, em que se representavam diversas passagens dos livros sagrados, Urbano IV instituira a festa de *Corpus Christi*, que em Hespanha fôra recebida com a maior devoção. A celebração destas festas, segundo as ideas do tempo, proporcionava uma nova occasião para os espectaculos ecclesiasticos, em que é muito de crer, que não raro se transposessem os limites, que o respeito, e a decencia religiosa exigiam, e que a lei ordenava; ao menos a historia de todo este periodo nos apresenta uma continua lucta entre o instincto dramatico, disposto sempre a quebrar as cadeas, que se lhe impunham, e o poder religioso, que tinha por obrigação reprimir taes excessos, que mui naturalmente provinham do espontaneo ardor da arte, ainda na sua infancia. É com tudo digno de notar-se, que em quanto estes dois elementos, o religioso, e o dramatico, haviam completamente rompido em toda a Europa os laços, que por seculos os uniram em estreita alliança, na Hespanha conservaram sempre mutuas e benevolas relações. A egreja não amaldiçoára a arte dramatica, mas unicamente procurava moralisal-a, e convertel-a em proveito proprio. O concilio de Aranda em 1473, renovando as prohibições das *sete partidas*, estabelecêra provisões a favor do drama religioso.

Assim neste primeiro periodo, o theatro hespanhol, conservando estreitas relações com a egreja, e introduzindo-se como accessorio importante nas pompas do culto religioso, não abdicára com tudo a liberdade, que é a vida da arte, e que incessantemente arrastava os poetas, ainda debaixo das venerandas abobadas das cathedraes, onde seus *autos* tão applaudidos eram, para o campo das paixões mundanas, proprias das obras profanas.

Tal é a feição caracteristica do genio hespanhol no decurso de toda a sua historia. Calderon com os seus *autos* mysticos, e seus longos dialogos romanticos, é um documento mui notavel das contradicções do antigo theatro hespanhol, que sucessivamente se fôram reproduzindo nos seguintes seculos.

Ao periodo dos instinctos primitivos succedêra o primeiro periodo literario, que inaugurara João del Encina, que floresceu no reinado de Izabel e Fernando.

Encina, como Lopes de Vega, Tirso de Molina, Calderon, e Antonio Solis, seguira o estado ecclesiastico ao cabo de uma vida mui trabalhada, e morreu em Salamanca em 1534. Na historia literaria de Hespanha são frequentes estes exemplos de poetas dramaticos, que abraçavam o estado ecclesiastico, ou tomavam o habito n'alguma religião.

Os dramas pastoris sobre assumptos religiosos fôram as peças, em que João del Encina mais se distinguiu. O enredo é por via de regra mui singelo, e o estilo quasi pueril; pastores reunidos em volta do berço do menino Deos, ou á porta do estabulo, communicando uns aos outros a alegre nova do seu nascimento, e celebrando a gloria do milagroso menino com a mais piedosa emoção: eis aqui a que se reduziam aquelles autos religiosos. Algumas vezes o poeta procurava animar a scena pelo interesse, que deviam produzir os differentes personagens, que n'ella figuravam. Com este intento n'uma das peças d'aquelle A. dois ermitões apparecem no sancto sepulcro, lamentando com profunda dôr a morte de Christo, e a Veronica vem junctar a estas sentidas queixas as suas piedosas lagrimas. Estes tres personagens ajoelham ante o tumulo do Salvador, e um anjo lhe apparece, annunciando-lhe a proxima ressurreição de Christo. Em tudo isto, porem, falta a acção, que constitue o verdadeiro drama, e só é digna de admiração a terna candura, que inspirára o poeta, que por um singular contraste escrevera a par d'aquellas religiosas pastoris, peças profanas cheias de chocarrices, que mais tarde serviram de fundamento aos *entremezes* de Lopes e de Calderon; e romanescas aventuras, ou historias de amorosos galanteios, de que *Fileno y Zambardo* é uma boa amostra.

Em 1500 publicára-se em Salamanca a *Celestina*. As vivas cores com que o A. d'esta obra pintára as loucuras, os desvarios, e as miserias da paixão a ponto de fazer muitas vezes esquecer o cynismo do assumpto, para se attender só ao espirito, e fina observação das mais intimas particularidades da vida humana, tivera uma notavel influencia neste periodo literario, generalisando muito o gosto das pinturas profanas, sem todavia diminuir o numero das peças religiosas.

João Ruys, arcipreste de Hita já no seculo XIV imitára de uma comedia latina, erradamente attribuida a Ovidio, e que parece antes uma das lubricas invenções de Petronio, aquelles lascivos quadros. Assim em quanto Encina e outros edificavam os fieis nas grandes solemnidades do Natal, e de *Corpus Christi* com os seus *autos sacramentaes*, estes mesmos auctores, a pezar de toda a sua devoção e piedade, começavam a pôr tambem em scena todas as peripecias das mais amorosas aventuras, cujos modelos lhes dava a *Celestina*.

Não era, porém, só nos mesmos auctores, se não tambem nas mesmas obras, que se encontrava esta mistura do profano com o religioso. Um distincto poeta portuguez, que pertence á historia do theatro hespanhol pela influencia, que teve em Madrid, e pelas peças que escreveu em castelhano é uma prova irrecusavel deste facto.

O insigne Gil Vicente, que florescera pelos fins do seculo XV, e que ao mesmo tempo fôra auctor, e actor, grangeara por suas composições dramaticas tão grande credito, e tal reputação, que o fizera conhecido em toda a Europa culta: só para ler as comedias deste auctor, Erasmo aprendêra o portuguez. Gil Vicente foi o primeiro que deu o nome *d'autos* ás suas composições religiosas, que eram de duas especies: as Eclogas sagradas como as pastoris de João del Encina; e as alegorias mysticas, composições mais complicadas e que muitas vezes continham um singular amalgama do sagrado com o profano, da inspiração religiosa com as pinturas mundanas.

A influencia da *Celestina* é evidente em muitas comedias romanescas d'este auctor. A nova da emancipação do theatro da tutella ecclesiastica soára, pelos esforços, e assiduos trabalhos d'Encina, Torres Naharro, e Lopes de Rueda, que podem considerar-se como os fundadores do theatro hespanhol.

Nas obras de Lopes de Rueda não se acha um unico desses *autos* religiosos, que eram a principal inspiração dos seus predecessores. E todavia as relações entre o theatro, e a egreja subsistiam ainda. Em quanto o instincto dramatico procurava dilatar os limites da sua dominação, a egreja pela sua parte tinha particular cuidado em não deixar quebrar os laços, que uniam a arte dramatica á prégação das cousas sagradas.

O concilio de Toledo de 1565 e 1566, renovando as prescripções de Affonso X, e do concilio de Aranda, ordenára mais regularmente o uso das representações sagradas. D'alli em diante os *autos* só podiam representar-se nas egrejas com licença da auctoridade ecclesiastica; as representações não podiam mais ter logar durante a missa; nem em certos dias do anno, como por exemplo no dos santos Innocentes; aos padres foi prohibido o representar n'aquelles *autos*. Todavia os padres do concilio julgaram conveniente não proscrever o uso dos dramas, que podiam excitar a piedade dos fieis. Dois annos depois (1568) a auctoridade ecclesiastica decidira, que todos os annos se representassem dois *autos*, tirados dos livros sagrados, no dia de *Corpus Christi*.

Assim os dois elementos do theatro hespanhol, a inspiração ecclesiastica, e a inspiração romanesca nasceram, floresceram, e fructificaram junctas por um mutuo instincto nacional, que unia os poetas e a egreja nos sentimentos de commum interesse. Não raro, tambem, os auctores empregavam o drama religioso como um meio de cohonestar as demasias das representações profanas; e foi com este intuito, que na segunda metade do seculo XVI se introduziram nos verdadeiros theatros os dramas religiosos, que até então só se representavam nas egrejas; e constituiram uma das formas da literatura dramatica. E talvez d'aqui proviesse a differença entre as *comedias divinas*, e os *autos sacramentaes*, pois que estes são muito anteriores ás *comedias divinas*, que eram verdadeiros dramas religiosos de uma composição literaria mais elevada e mais polida, e destinados por isso para se representarem nos theatros com aquella denominação.

Continúa. J. M. DE ABREU.

COIMBRA.

(RECORDAÇÕES.)

Coimbra!... Terra de incanto,
Do Mondego alegre flor,
Venho pagar-te em meu canto
Tributo d'antigo amor;
Não m'o engeites porque é pobre,
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez;
Não m'o engeites desdenhosa,
Não, que esta alma saudosa
Se inflamma ao ver-te outra vez.

Sou quasi teu filho; amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber;
Foi nestas margens virentes
Que co'as azas incipientes
Meu estro voar tentou;
Foi aqui que me sorria
O mundo, a vida, a poesia;
Sou quasi teu filho, sou.

Andei lá por longes terras,
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras,...
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o incanto de Veneza,
De París a seducção;
Vi de Roma os monumentos,
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os Cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como fallas,
Coimbra, nas tuas gallas
Que eu sei, que apprendi de cór,
Não diziam o que dizes
N'esse estendal de matizes,
Que tens de ti ao redor.

Se não contas tantas glorias
Quantas por lá querem ter,
És um livro de memorias
Que um portuguez sabe ler;
Eu, por mim, n'essa tua fronte,
N'essas collinas defronte,
No teu rio de crystal,
Na tua *Fonte dos amores*,
No ar, na terra, nas flores,
Leio em tudo—Portugal!

Aos que pedirem façanhas
D'audaz, guerreiro valor,
Tu as pódes dar tamanhas
Que os façam mudar de côr;
Se quizerem da cidade
Provas d'antiga lealdade
Apontas-lhe o teu Martim;
Tens sobeja, altiva gloria,
Mas não é, não é tua historia
O que só me falla a mim.

Tudo aqui me falla, tudo,
D'esse tempo que lá vae,
Quando nas lides do estudo
Tive em cada mestre um pae;
Falla-me o sino da torre
Com um som que nunca morre
Nos echos que a vida tem;
Fallam-me os dias d'outrora
C'um folguedo em cada hora,
Com horas que mais não veem.

Lembram-me aquelles passeios
Lá baixo no *Salgueiral*,
Ou na *Lapa dos Esteios*,
Ou no fulgente *Areal;*
Lembram-me as idas a *Cellas*,
As suaves tardes bellas,
Passadas *da Ponte no O';*
E quando, já n'essa edade,
No *Penedo da Saudade*
Saudades gemia só.

Nem me ficaes esquecidos,
Antigos socios de então,
Que a esses dias volvidos
Vossos nomes nome dão;
Foi vida de irmãos a nossa,
Aqui o palacio e a choça
Eram por dentro eguaes;
Crenças vivas, rosto puro,
Olhos fitos no futuro,
No amor da patria rivaes.

Esta mesma casa . . . oh! quantas,
Quantas lembranças me traz!
Palco amigo, tu me incantas
Co'as imagens que me dás;
Compõe-me inteiro o passado,
E d'esse viver sonhado
Deixa-me agora enganar . . .
Mas não . . . logar ao presente,
Que eil-o se ergue nobremente
Com novos loiros sem par.

Quaes fomos, sois hoje a esp'rança,
Mancebos, da patria a flor,
Do futuro segurança,
Das nossas lettras penhor;
Entre vós o rei da lyra
Bem vedes que vos inspira,
Brandindo um facho de luz,
Bem vedes o immenso brilho
Com que o nome de Castilho
Em nossas glorias reluz.

Eia, mancebos, ávante,
Vencei-nos, vencei-nos, vós;
Seja a patria triumphante,
Que é o que importa a todos nós;
Tendes crença, fogo e vida,
Tendes a alma despida
Do lodo das vis paixões;
Levae ao mundo essa aurora,
E sobre os brazões d'outrora
Levantae novos brazões.

Eia, pois, Coimbra seja
Primavera do porvir,
E n'ella, mau grado á inveja,
Portugal sempre a florir;
Oh! possa eterno este solio,
Este augusto capitolio
Das patrias lettras, brilhar,
Que eu, tomado de respeito,
Eu sempre, dentro do peito,
Hei-de seu nome guardar.

Coimbra, 25 de Novembro de 1854.

J. de LEMOS.

METEOROLOGIA.

AURORAS BOREAES.

Na tabella das auroras boreaes observadas em Norwega e Christiania desde 1837 até 1853, por Hansteen, director do observatorio d'aquella cidade, nota-se um phenomeno mui importante, e que já anteriormente fôra reconhecido por Mairan.

As auroras boreaes seguem uma periodicidade annual, e apresentam todos os annos dois maximos, e dois minimos mui distinctos. Os maximos correspondem aos equinoccios, e os minimos ao solsticio.

Os minimos do solsticio são tam notaveis, que durante os 16 annos das observações de Hansteen não houvera uma unica aurora boreal em todo o mez de junho.

Quetelet nota tambem, que desde 1739 até 1762, de 783 auroras boreaes observadas em Upsal, uma unica tivera logar no mez de junho. Fôra para desejar que estas observações se generalisassem a outros pontos, e por uma serie maior de annos; entre tanto aquelle periodo de 16 annos de constantes observações é já de grande importancia.

« É mui digno de attenção, diz Quetelet, que no tempo de Aristoteles, pelos annos de 384 e 322 antes de J. C. a luz polar fosse visivel na Macedonia, por que n'uma obra dedicada ao rei Alexandre, o A. menciona muitos phenomenos luminosos no ceo, a que elle dá o nome generico de *esplendores*. Alguns subiam acima do horisonte com extraordinaria velocidade; em quanto outros não passavam do mesmo logar; umas vezes desappareciam de prompto, outras permaneciam por mais tempo, e apresentavam-se debaixo das mui variadas formas, a que davam differentes nomes, ora na parte oriental, ora na occidental do céo, ora em fim n'um ponto intermedio. N'outra obra faz-se menção de uma luz, occupando um grande espaço no céo tanto em largura como em comprimento, assemelhando-se a uma fogueira de colmo no meio de um campo.

Seneca, que vivia em Roma no tempo de Nero (50 annos depois de Jesu Christo) tracta deste phenomeno, descrevendo assim aquellas auroras boreaes, a que davam o nome de *cavernas profundas*, em razão da sua apparencia.

« Cum velut corona cingente introrsus igneus coeli « recessus est, similis effossae in orbem speluncae [1]; »

As *aberturas*, que assim chamavam as auroras boreaes, que apresentavam uma certa forma, são descriptas pelo mesmo A. do seguinte modo.

« Cum aliquod coeli spatium desedit, et flammam « dehiscens, velut in abdito, ostentat. »

[1] *De Quaestionibus nataralibus* — cap. XIV.

N'outra parte acrescenta:

« Colores quoque horum omnium plurimi sunt; quidam « ruboris acerrimi, quidam evanidae ac levis flammae, « quidam candidae lucis, quidam micantes, quidam « aequaliter, et sine eruptionibus aut radiis fulvi, »

No capitulo XV diz:

« Quidam fulgores certo loco permanent, et tantum « lucis emittunt, ut fulgent tenebras et diem repraesent « tent, donec, comsumpto alimento, primum obscuriores « sint, deinde flammae modo, quae in se cadit, per as« siduam diminutionem redigantur in nihilum. »

« ..... Dubium an inter hos (cometas) ponantur « trabes et pithitae; raro sunt visi. Multa erum conglo« batione ignium indigent, cum ingens illorum orbis « aliquando matutini amplitudinem solis exsuperet. »

Plinio, o novo, na sua *historia naturalis*, tractando no capitulo XXV do livro 2.° *de cometis et coelestibus prodigiis, natura et situ, et generibus eorum*, conclue:

« Omnes ferme cernuntur sub ipso septentrione, « aliqua ejus parte non certa, sed maxime in candida, « quae lactei circuli nomen accepit. »

Quetelet cita tambem os seguintes versos de Lucano [1].

« Ignota obscurae viderunt sidera noctes,
» Ardentemque polum flammis, coelo que volantes
« Obliquas per inane faces, crinemque timendi
« Sideris, et terris mutantem regna cometen.
« Fulgura fallaci micuerunt crebra sereno.
« Et varias ignis denso dedit aere formas.
« Nunc jaculum longo, nunc sparso lumine lampas
« Emicuit coelo: tacitum sine nubibus ullis.
« Fulmen, et Arctois rapiens de partibus ignem.
« Percussit latiale caput, etc. »

Para explicar este facto será necessario suppôr que a região magnetica mais forte, que actualmente está quasi no meridiano, a 90° O. de Greenwich, existia no tempo de Aristoteles em um meridiano de perto de 24° ao E; e que pelo seu movimento de E. para O. chegára ao logar que presentemente occupa, nos 2:200 annos decorridos desde aquella epocha.

Este movimento do centro da luz polar é tambem confirmado pelas antigas relações da Norwega, que referem, que em remotos tempos a luz polar apparecia mais perto do verdadeiro norte, e que successivamente fôra apparecendo mais alta no céo, e desviada do seu verdadeiro centro mais para o Oeste.

Consultando muitas obras e antigas chronicas, Quetelet ordenou uma tabella das apparições da luz polar, observadas desde o anno de 502 antes de J. C. até ao presente, por onde se conhece, que vinte e quatro vezes durante este longo periodo, a luz polar se manifestára mais ou menos frequente, com grandes intermitencias, em que parecia ter completamente desapparecido ao menos das regiões do meio da Europa, sendo unicamente visivel na Groelandia.

As epochas em que a luz polar apparecêra com maior intensidade foram a 9.ª de 541 a 603; a 12.ª de 823 a 887 (sessenta e quatro annos); a 22ª de 1500 a 1588 (oitenta e oito

[1] *Parsalia*—Lib, I, v. 524, e segg.

annos, em que o *maximum* fôra entre os annos de 1560 a 1588); e a 21.ª de 1707 a 1788 ou 1790 (de oitenta e um annos, sendo o *maximum* por 1750).=*Veja-se* L'INSTITUT. I.re *Sect. N.* 1082, *sept.* 1854.

OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU.

Os esforços empregados por todos os clinicos para obstar aos terriveis effeitos das molestias tuberculosas dos pulmões, lhes teem feito lançar mão dos differentes meios até hoje imaginados para conseguir um tal fim.

O oleo de figados de bacalhau está n'este caso, e julgamos de bastante interesse as considerações que á cerca d'este meio therapeutico o Dr. Williams expendeu n'um artigo publicado no jornal de medicina de Londres.

O oleo de figados de bacalhau administrado pelo Dr. Williams, em mais de 400 casos de molestias tuberculosas pulmonares foi seguido de resultados os mais lisonjeiros. De 234 casos que apontou no seu diario notou que apenas houve 9 em que o oleo produziu máu effeito, e 19 em que a sua acção foi indifferente: nos restantes o seu uso foi seguido de notavel aproveitamento.

A pequena porção de iodo que entra na composição do oleo de figados de bacalhau [1], a observação de que os doentes não experimentam com a administração do iodo, em varias combinações, mudanças semelhantes ás que se seguem do uso do oleo, teem levado o Dr. Williams a negar a influencia do iodo no curativo , e a attribuir tal effeito a uma virtude especial e privativa do oleo de figados de bacalhau. [2]

Propriedades nutritivas lhe são tambem assignadas, e reconhecidas por todos os praticos, não se limitando estas a uma simples deposição de gordura no tecido adiposo, mas augmentando sensivel e rapidamente a força e actividade musculares, o melhorando a côr das faces e labios, indicio d'um intumescimento de vasos com mais e melhor sangue. As analyses d'este liquido n'um caso de phthisica, tratado pelo oleo de figado de bacalhau mostraram um notavel augmento nos principios animaes especialmente na albumina; a fibrina, geralmente abundante nos phthisicos foi reduzida á ordinaria proporção. A gordura nenhum augmento soffreu.

Se estes resultados forem confirmados por subsequentes observações não duvidaremos affirmar que o oleo de figado de bacalhau será ainda tentado como nutriente de todas as texturas; pois que o augmento do principio albuminoso, importa o de um dos mais necessarios á nutrição, por isso que é o que se acha mais disseminado na economia animal. Não deixa porem de ser objecto de duvida se a um trabalho intimo entre a albumina, e fibrina, ou a uma menor perda de principios albuminosos no acto respiratorio se deve attribuir tal augmento de nutrição.

A gordura representa um importante papel no processo nutritivo, quer formando as cellulas pelo poder de coagular a albumina em torno de si, como suppõe Acherson de Berlin, quer originando as moleculas centraes dos granulos elementares das texturas, como opinão outros. O oleo de figados de bacalhau não suppre a gordura onde d'ella se carece, mas torna-a de melhor especie, mais fluida, e divisivel, menos sujeita a mudanças e mais apta para ser absorvida para o intimo dos orgãos, offerecendo no chylo uma delicada base molecular, e materia para um melhor liquido nutritivo.

A acção benefica do oleo torna-se assim mais notavel nos periodos de molestias tuberculosas em que os depositos abundam em gordura. Um dos mais notaveis effeitos do oleo de figados de bacalhau em certos casos de phthisica no segundo ou terceiro gráo, ou em molestias escrophulosas com grande suppuração, é o prompto desapparecimento dos suores, e outros symptomas caracteristicos da febre hectica.

Ainda que este phenomeno seja attribuido por alguns auctores ao poder nutritivo do oleo de figado de bacalhau, julga o Dr. Williams que se pode explicar por uma quebra na insalubre suppuração excitada em torno dos tuberculos amolecidos e escavados. Esta diminuição de suppuração é devida á menor oxidação dos atomos exsudados, a cuja ultra-oxidação attribue Williams a suppuração.

A presença d'uma materia tão combustivel como o oleo obsta a esta ultra-oxidação, e por conseguinte aos phenomenos suppuratorios, prevenindo d'este modo a degeneração dos corpusculos no estado plastico dos globulos purulentos.

Se se provar que o oleo de figado de bacalhau aparta o excesso de fibrina no sangue dos phthisicos, d'accordo vae esta explicação de Williams com a sua doutrina á cerca da formação da fibrina, que elle faz provir d'uma oxidação da albumina, pois que o oleo impedindo esta oxidação diminue a tendencia para os depositos inflammatorios.

O oleo de figado de bacalhau raras vezes

[1] Segundo Girardin e Preisser em cada litro d'oleo entram apenas 15 centigrammas d'iodureto de potassio.

[2] Esta opinião de Williams não é seguida por todos; alguns ha para os quaes a grande divisão em que o iodureto se encontra, favorecendo a sua absorpção pelos tecidos, é a causa efficiente dos effeitos attribuidos ao oleo.

Outros affirmão que o oleo não sendo eliminado da economia com tanta facilidade como as outras preparações soluveis d'iodo, a acção d'este elemento se torna assim mais lenta e regular.—

perturba o estomago e os intestinos, ou altera as funcções hepaticas. N'isto está em opposição com os outros oleos e gorduras;— porque os oleos vegetaes ordinariamente têem a virtude purgativa, e os d'origem animal tornam-se rancidos causando acidez nas vias digestivas, ataques biliosos, e ás vezes a ictiricia. As funcções chylopoeticas, e a acção do figado são de tal modo melhoradas, que em alguns casos apresentados na pratica do Dr. Williams o appetite e o poder digestivo foram restaurados e os doentes habilitados a tomar maior porção d'alimentos do que a ordinaria.

Esta influencia peptica é de certo devida a algum principio bilioso contido no oleo; favorecendo-se d'est'arte a divisibilidade no processo da digestão, e promovendo-se a natural secreção do figado.

Durante a administração do oleo de figado de bacalhau tem-se notado que a bile corre livre e uniformemente; o volume do figado augmenta sem se notar moleza alguma ou outro signal d'alteração. Diz o Dr. Williams que isto parece ser uma especie de hypertrophia causada pelo oleo que augmenta o volume e quantidade das cellulas hepaticas, e suppre ao mesmo tempo uma materia mais apta para a secreção biliar, por quanto já contem alguns elementos que serviram para o mesmo uso no figado do peixe, ainda que a uma temperatura mais baixa e por conseguinte menos favoravel á actividade do processo.

Estas observações não ficaram estereis. O Dr. Williams empregou o oleo de figado de bacalhau em varias molestias do figado, caracterisadas por diminuição ou alteração dos productos segregados: notou que o seu uso era seguido dos mais satisfactorios resultados, principalmente n'um caso de formação de calculos hepaticos que tinham resistido a todas as formas de tratamento.

Ainda que ulteriores observações sejam necessarias para determinar precisamente a extensão que se pode dar ao uso d'este agente therapeutico nas molestias tuberculosas pulmonares, julgamos comtudo que os casos já citados poderão servir d'incentivo para investigações mais profundas.

F. A. ALVES.

GRAVIDEZ EXTRA-UTERINA DE 16 ANNOS.

São pouco vulgares as gestações extra-uterinas, e ainda menos as que não tocam um termo fatal logo ao fim dos 9 mezes ou pouco depois. Esta gravidez de 16 annos dá-se n'uma mulher casada ha 25 annos e com 54 de edade. Vive na Serra do Mouro, concelho de Chão de Couce, e chama-se Maria Francisca. Observei-a a primeira vez em março de 1845, e repeti a observação em julho passado. D'ambas as vezes encontrei no ventre um corpo elliptico, ou antes com a forma d'um rim, com cinco pollegadas no seu maior diametro, duro, boleado, e tão movel, que facilmente o fiz percorrer toda a cavidade abdominal; occupando a região hypogastrica, algum dos hypocondrios etc., segundo a posição da mulher, e obedecendo sempre ao proprio peso.

A mulher teve um parto regular no primeiro anno do seu casamento; e passados annos, em outubro de 1838, julgou ter concebido segunda vez. Trez mezes depois appareceu-lhe uma metrorrhagia, acompanhada de violentas dores, que logo se modificaram, demorando-se a hemorrhagia por mais de sete semanas. Este incidente nenhuma desconfiança lhe produziu, por ver que na progressiva elevação do ventre, nos movimentos do feto, na intumescencia dos peitos, e em tudo o mais, se tinham manifestado todos os phenomenos d'uma gravidez ordinaria. Fez o enxoval; e, no fim do tempo, quando o esperava, appareceram as dores em tudo semelhantes ás do primeiro parto. A parteira, surprehendida com a demora, custou-lhe a convencer-se de que eram frustrados os seus trabalhos, e que d'esta vez não teria a satisfacção de *aparar a criança*. Logo no 1.° dia reappareceu a metrorrhagia; ao 3.° dia extravasou-se o leite, e ao 8.° seccou de todo. As dores foram abrandando pouco e pouco; e o volume do ventre, que diminuia successivamente, ficou no fim de seis semanas, quando deixou de correr o sangue, como um ventre de meia gravidez. Em 1845 ainda tinha este volume, mas achei-o menos elevado a ultima vez que o observei. Deixou de sentir os movimentos do feto desde os primeiros dias d'aquelle trabalho. Passado pouco tempo regularisou-se-lhe a menstruação, que só desappareceu na edade competente.

Ficou soffrendo habitualmente dores no ventre, que pouco a incommodavam; mas que uma ou outra vez subiam de ponto, só com o fiar, com uma volta na cama, e sempre que tentava serviços pesados. De 1845 para cá tem soffrido muito menos, e já há annos que se entrega a toda a casta de serviços d'uma mulher do campo.

Esta gravidez extra-uterina parece das abdominaes primitivas; e tudo leva a crer que o feto, tendo morrido no fim do tempo da gestação ordinaria, e involvido nas proprias membranas ou n'um kysto de nova formação, se conserva mumificado, ou todo convertido em substancia ossea e cretacea. Neste estado póde conservar-se indefinidamente, sem comprometter a vida, nem mesmo prejudicar a saude da mulher.

A. A. DA COSTA SIMÕES.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia	*Estado do céo e do tempo.*
Mez de Agosto		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor aquoso contido no ar	Pressão do ar secco	Gráu de humidade do ar	Quantid. de vapor contido em um metro cubico de ar		
Dias	Graus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas		
1	22	749,153	13,791	735,362	0,7103	13,55	N	Nublado. Bom tempo.
2	22	752,201	14,044	738,157	0,7233	13,80	N.	Clar. e limp. T. seren.
3	21	752,069	11,818	740,251	0,6452	11,65	N.	O mesmo. O mesmo.
4	22	751,666	13.015	738.051	0,6703	12,79	N.	O mesmo. O mesmo.
5	22	750,396	14,255	736,141	0,7342	14,01	N.	Chuva. Vento.
6	21	750,518	12,362	738,156	0 6749	12,19	N.	Nublado Bom tempo.
7	22	749,153	12,067	737,086	0,6215	11,86	E.	Nublado Bom tempo.
8	20	748,685	12,744	735,941	0,7361	12,61	E.	Clar. e limp. B. temp.
9	21	748,614	13,343	735,271	0,7285	13,16	E.	O mesmo. O mesmo.
10	23	752,383	14.058	738,325	0,6832	13,77	N.	O mesmo. O mesmo.
11	23	753,450	14,058	739,392	0,6832	13,77	N.	Chuva. Temp. ventoso.
12	21	751,788	13,728	738,060	0,7495	13,54	O.	Nublado Bom tempo.
13	21	749,681	13,944	735,737	0,7613	13,75	N.	Claro e limp. Ventoso.
14	21	751,357	14,329	737,028	0,7823	14,13	O.	Claro e limp. Ventoso.
15	21	754,355	10,889	743,466	0,5945	10,74	N.	Claro e limp. B. temp.
16	21	753,085	12,277	740,808	0,6703	12,10	N.	Encuberto T. ventoso.
17	22	751.693	13,986	737,607	0,7203	13,74	O.	Nublado Bom tempo.
18	23	751,469	14,982	736,487	0,7281	14,67	O.	Claro e limp. T. seren.
19	24	751,957	13,601	738,356	0,6238	13,28	SE.	Claro e limpo B. temp.
20	25	750,230	13,909	736,321	0,6024	13,53	S.	O mesmo. O mesmo
21	25	751,323	15,941	735,382	0,6903	15,51	NO.	O mesmo. O mesmo.
22	25	751,831	16,631	735,200	0,7202	16,18	NO.	Clar. e limp. Ventoso.
23	24	752,211	14,557	737,654	0,6676	14,21	NO	O mesmo. O mesmo.
24	22	752,963	11,885	741,078	0,6931	11,68	NO.	O mesmo. O mesmo.
25	25	754,067	13,193	740,874	0,5714	12,83	E.	O mesmo. O mesmo.
26	25	752,339	11,832	740,507	0,5904	11,51	E.	O mesmo. O mesmo.
27	27	751,083	15,378	735,705	0,5942	14,80	N.	Clar. e limp. T. seren.
28	26	751,205	14,820	736,385	0,6061	14,37	E.	O mesmo. O mesmo.
29	26	753,745	12,243	738,502	0,6234	14,78	E.	Clar. e limp. B. temp.
30	26	752,881	14,913	737,968	0,6099	14,46	E.	O mesmo. O mesmo.
31	28	752,231	10,985	741,246	0,3939	10,58	N.	O mesmo. O mesmo.
media do mez	23,12	751,605			0,6646			

Extremas do mez	*Temperatura*		*Pressão atmospherica*		*Gráu de humidade do ar*		*Ventos predominantes*
	Maxima absol.	28	Max. absol.	754,067	Maxima absol.	0,7823	N. e E.
	Minima	20	Minima . .	748,614	Minima . . .	0,3939	
	Maxima variaç.	8	Max. excur . .	5,453	Max. variaç. .	0,3884	

Coimbra 1.° de Setembro de 1854.

O Demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Manoel dos Santos Pereira Jardim.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.



« Saudade! gosto amargo dé infelizes,
« Que me estás repassando o intimo peito
« Com dor, que os seios d'alma dilacera! »

GARRETT — *Camões.*

O INSTITUTO DE COIMBRA acaba de perder o seu maior ornamento — o mais illustre e distincto dos seus Socios Honorarios — o Sr. VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT!!!

Engenho sublime, genio raro e portentoso, João Baptista d'Almeida Garrett fôra como poeta, como romancista, e como orador politico um dos homens mais eminentes d'este seculo; e o primeiro, sem duvida, dos nossos poetas, depois de Camões.

VOL. III. DEZEMBRO 15—1854. NUM. 18.

O theatro nacional lhe deveu a sua regeneração; ou antes foi elle o creador d'esse theatro moderno, que o nosso illustre Consocio immortalisára com o seu *Gil Vicente*, e *Fr. Luiz de Sousa*.

Na preciosa collecção das suas obras poeticas, o illustre Cantor de Camões legou á posteridade um perenne monumento das sublimes inspirações, profundos talentos, e incontestavel excellencia, e elevação de espirito, que fizera do nosso grande Poeta o digno emulo dos maiores engenhos, que a Europa admirára desde Milton, e Shakspeare, até Byron e Lamartine.

Romancista conceituoso, do mais fino e polido gosto; orador consummado nas lides da tribuna, o Visconde d'Almeida Garrett terminou a sua brilhante carreira ao cabo de longa e tormentosa enfermidade, deixando no estadio das letras patrias um Nome, que as maiores glorias litterarias não poderão nunca eclipsar.

Nos Annaes do Instituto, que teve a fortuna de contal-o no numero dos seus Socios, ficará elle sempre gravado em indeleveis characteres, como o seu maior e mais glorioso tropheo.

« Em prezada memoria
« Vivirá para sempre eternamente,
. . . . . a tua gloria. »

Garrett—*Flores sem Fructo*.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

CONFERENCIA GERAL DE 31 D'OUTUBRO DE 1854.

Abriu a sessão o snr. vice-reitor e vice-presidente José Ernesto de Carvalho e Rego, com o seguinte discurso:

Senhores!—Em Abril passado tive, pela primeira vez, a satisfacção de ver reunido neste mesmo logar o Conselho Superior d'Instrucção Publica em conferencia geral ordinaria, na qual se apresentaram os relatorios complementares, relativos ao anno lectivo de 1852 para 1853, e o mais que decorrera até essa epocha. Hoje obedecendo á lei, ainda me cabe a honra de vos annunciar a abertura desta conferencia tambem ordinaria, ordenada pelo art. 21 do regulamento de 10 de novembro de 1845, em que vão ler-se os relatorios do anno lectivo findo.

Comparando o estado presente da Instrucção Publica entre nós com o passado, e com o das Nações mais civilisadas, se não acompanhamos a estas com passo egual, como era de desejar, podemos ter a satisfacção de que as seguimos de perto. Ninguem póde já desconhecer o notavel melhoramento da Instrucção Primaria, quanto se tem alargado a esphera do ensino, e quanto se ha melhorado seu methodo. Se Portugal não possue ainda tantas d'estas escholas, quantas demanda a sua população, o numero d'ellas vai todavia crescendo progressivamente.

Não é menos lisongeiro o estado da Instrucção Secundaria; a creação nos Lyceus de Lisboa, Coimbra e Porto das cadeiras de arithmetica, algebra elementar, geometria synthetica elementar, principios de trigonometria plana, e geographia mathematica; e de principios de physica e chymica, e introducção á historia natural dos tres reinos augmentam e quasi completam a sua esphera. A sabia e salutar disposição, que prohibe o ensino particular a todos os professores publicos de quaesquer escholas ou estabelecimentos ha de contribuir ainda mais para o melhoramento e perfeição do ensino publico.

A Instrucção Superior tem tambem melhorado consideravelmente nestes ultimos annos; o esmero com que os conselhos de todas as Faculdades da Universidade tem escolhido bons compendios, que estejam a par da sciencia; a preferencia que se tem dado aos melhores methodos de ensino, provados pela experiencia; a melhor distribuição de cadeiras e combinação de disciplinas, tudo tem contribuido para o seu aperfeiçoamento. Os conselhos das outras escholas separadas da universidade tem empregado eguaes esfórços para o mesmo fim. A creação do curso administrativo, em que se adquiram as habilitações indispensaveis para a carreira da administração geral, e que já se acha em exercicio, torna mais ampla a Instrucção Superior. O regulamento para se pôr já em practica a ultima lei dos concursos, para o provimento dos logares do magisterio, há de concorrer efficazmente para o seu progressivo engrandecimento e esplendor.

O Conselho Superior da sua parte não tem cessado de dar, pelo modo que lhe parece melhor, impulso conveniente a todos os ramos d'Instrucção; e vai dar-vos conhecimento d'algumas diligencias que fez neste pequeno periodo. Desejando porem soccorrer-se a todas as illustrações, aproveita esta occasião de reunião geral para convidar todos os sabios do Paiz, a que na forma do art. 22 do nosso regulamento apresentem suas memorias ou requerimentos, tendentes a promover os melhoramentos dos estudos, ou a declarar os verdadeiros obstaculos contra o seu progresso; e a propor as providencias mais proprias para se obterem os beneficios d'uma educação nacional e moral, conforme as necessidades do seculo.

O snr. Secretario da 1.ª Secção tem a palavra para ler o seu relatorio.[1]

UNIAERSIDADE DE COIMBRA—PROGRAMMAS.

FACULDADE DE DIREITO.

1853—1854.

2.º ANNO.—5.ª CADEIRA.

CURSO DE DIREITO PUBLICO UNIVERSAL; DIREITO PUBLICO PORTUGUEZ; PRINCIPIOS DE POLITICA; E SCIENCIA DE LEGISLAÇÃO.

Lente—*Dr. Vicente José de Seiça Almeida e Silva.*

COMPENDIO—L. A. MACAREL, ÉLÉMENTS DE DROIT POLITIQUE, COIMBRE 1849; — E CARTA CONSTITUCIONAL PORTUGUEZA DE 1826, E ACTO ADDICIONAL, COIMBRA 1850.

Noção, divisão, fontes, e subsidios do Direito Publico Universal. Raias entre esta sciencia e outras, que dizem mais particularmente respeito á vida humana, e ao desinvolvimento individual e social do homem. Respectivas propriedades de todas estas sciencias, razões em que ellas conveem, e por onde diversificam do Direito Publico Universal; e isto mais amplamente em relação á Politica, visto ser a sciencia intermedia entre o Direito Publico Philosophico e o Direito Publico Positivo.

Necessidade e insignes vantagens do estudo d'este Direito: o muito que d'elle depende o bem da Egreja e do Estado. Origem, progressos, e estado actual da Sciencia.

Definição, origem, fim, effeitos da sociedade civil: theorias das differentes escholas sobre a materia, — juizo critico á cerca de cada uma d'ellas.

Condições d'uma boa constituição politica em geral. Breve noticia historica da constituição politica portugueza desde o principio da monarchia até á epocha presente.

Soberania, sua origem, exercicio, e attributos; theorias das differentes escholas á cerca da materia.

Divisão dos governos; dos governos republicanos; dos governos monarchicos; dos governos mixtos.

[1] Os relatorios de cada uma das Secções deixam de ser aqui publicados, por isso que tem de publicar-se em tempo competente o relatorio annual da instrucção publica.

Bondade intrinseca dos governos.
Garantias sociaes.

Divisão dos poderes politicos; seu fundamento; poder legislativo, poder moderador, poder executivo, poder judicial.

Elementos do poder legislativo; sua organização; suas attribuições. Poder moderador; suas attribuições. Organização do poder executivo e suas attribuições. Organização do poder judicial; elementos da auctoridade judicial. Das causas que corrompem e dissolvem os governos: Das revoluções; das reacções.

Nas prelecções oraes segue o Professor a ordem das materias adoptada por M. MACAREL, aproveitando a connexão das doutrinas para tractar do Direito Portuguez, dos Principios de Politica, e Sciencia de Legislação, citando no principio de cada capitulo os publicistas tanto nacionaes, como extrangeiros, que tractam melhor a materia.

2.º ANNO. — 6.ª CADEIRA.

CURSO D'ECONOMIA POLITICA E DA THEORIA DA ESTADISTICA.

Lente — *Dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.*

COMPENDIO — A. P. FORJAZ DE SAMPAIO, ELEMENTOS D'ECONOMIA POLITICA, COIMBRA 1852; — E PRIMEIROS ELEMENTOS DA THEORIA DA ESTADISTICA, COIMBRA 1852.

1.ª PARTE.

ECONOMIA POLITICA.

Esta primeira parte do curso comprehenderá todas as lições do anno lectivo, menos as ultimas quinze, as quaes serão reservadas para a 2.ª parte — Theoria da Estadistica, — limitando-se o Professor ás noções mais geraes e aos principios mais fundamentaes por causa da estreiteza do tempo, e methodo do ensino; segundo o qual um unico anno lectivo, de pouco mais de cem lições, é destinado para a exposição e estudo de tão vastas e importantes questões, economicas e sociaes.

INTRODUCÇÃO.

1.º Noções d'utilidade, de valor, e de riqueza. — 2.º Noção d'Economia Politica, suas divisões, sua especialidade como sciencia, sua relação com as outras sciencias juridicas e politicas. — 3.º Utilidade do seu estudo, e resumo de sua historia, noticia dos systemas principaes, bibliographia.

N. B. O professor adopta a classificação dos economistas allemães em theoria da economia nacional, considerados os phenomenos economicos em abstracto das relações com os governos; e em theoria da policia economica, ou das relações do governo com a esphera industrial, comprehendendo n'esta os primeiros elementos da sciencia de Fazenda.

THEORIA DA ECONOMIA DAS NAÇÕES.

Da producção: — 1.º Noções geraes á cerca dos agentes e instrumentos de producção; e em especial — das forças naturaes, da industria, e dos capitaes.

2.º Do aperfeiçoamento da producção, e de suas causas proximas

3.º Da circulação, considerada como condição da producção: — noções geraes de sua natureza e importancia; — dos preços; — do numerario; — do crédito. Na exposição da natureza e effeitos do crédito o Professor occupar-se-ha, com a possivel extensão e individuação, dos signaes representativos, especialmente das letras e notas do banco; dos encontros; do cambio; e dos bancos, industriaes e territoriaes.

Da distribuição: — o que seja; — sua fórma primitiva por associação e rateio, — sua fórma aperfeiçoada por estipulação; — circumstancias geraes que determinam os salarios; — os interesses dos capitaes; — a renda das terras; — e os lucros das empresas.

Do consumo — em geral; — e da relação entre a producção e o consumo improductivo; — e entre os consumos productivo e improductivo.

Em supplemento á theoria da distribuição, o Professor exporá as theorias á cerca do principio da povoação; — da importancia das machinas, consideradas com relação á distribuição; — e da necessidade e alcance das associações, livres e naturaes, entre os industriaes, para o progressivo melhoramento de sua condição moral e material.

THEORIA DA POLICIA ECONOMICA.

1.º Das relações do estado com a economia da nação: — noções fundamentaes, de que se deriva o principio da liberdade industrial, e da inspecção policial; — da intervenção, a que o estado é obrigado; — da intervenção, que a theoria reprova: — em especial dos regulamentos fabris; — e das providencias relativas á circulação, moedagem, papel-moeda, e — prohibições e restricções commerciaes.

2. Da economia do estado em geral; — dos rendimentos publicos; — dos impostos, sua natureza e especies; qual a materia collectavel; quaes os principios que devem determinar a selecção dos impostos; de sua cobrança por administração e arrendamento; — noções geraes á cerca das despesas do estado; — recursos extraordinarios, e em especial dos emprestimos, suas especies, maneira por que se realizam, seus perniciosos effeitos, e como se amortizam.

2.ª PARTE.

THEORIA DA ESTADISTICA.

Noção, objecto e divisões da theoria da Estadistica; — *quaes sejam os factos estadisticos*; — quaes as operações estadisticas, por cujo meio esses factos hão de recolher-se e ajunctar-se; — quaes as fontes dos dados estadisticos; — do methodo da Estadistica, confrontações e deducções das series dos dados estadisticos; — utilidade politica, administrativa, e philosophica do estudo da Estadistica.

CLAUSTRO PLENO DA UNIVERSIDADE.

Em virtude da lei de 12 de agosto ultimo, que confiou aos conselhos academicos o ordenar os necessarios regulamentos *litterarios, e disciplinares*, sob a immediata approvação do Governo, se reuniu a assemblea geral de todas as Faculdades academicas para tractar do regulamento para os exames preparatorios para a primeira admissão nas Faculdades; e das indispensaveis providencias sobre faltas de frequencias dos alumnos ás aulas, e outros objectos disciplinares. Resolveu-se que se nomeassem duas commissões de cinco membros cada uma, a primeira para organisar o projecto de regulamento dos exames preparatorios, e a segunda para propôr as convenientes providencias disciplinares e administrativas; e foram nomeados para compôr a primeira commissão, sendo em ambas eleito um membro de cada faculdade, os douctores Francisco Antonio Rodrigues, Vicente Ferrer Neto, Florencio Peres Furtado, Joaquim Gonçalves Mamede, e José Maria de Abreu; e para a segunda os douctores Antonio Bellarmino da Fonseca, Friderico de Azevedo Faro e Noronha, Francisco Fernandes Costa, José Teixeira de Queiroz, e Henrique do Couto de Almeida.

Logo que as respectivas commissões tenham promptos os seus trabalhos reunir-se-ha novamente o Claustro academico para discutir e votar os competentes regulamentos, a fim de serem submettidos á approvação do Governo.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA.

O Conselho da Faculdade de Philosophia fez uma importante reforma no plano dos seus estudos, para começar a ter execução, parte desde ja, e parte no futuro anno lectivo.

Eram ha muito conhecidos os graves inconvenientes de *interromper* o curso de Chymica do 1.º anno com o de Physica no 2.º, vindo a concluir no 3.º o estudo de Chymica sob a direcção de diversos professores.

Por outro lado a Physica mal podia ensinar-se com proveito a alumnos, que das mathematicas puras possuiam apenas a Geometria, e os primeiros elementos d'Algebra.

Por vezes o Conselho tractára de prover convenientemente sobre este importante objecto, de que muito dependia o melhor aproveitamento dos alumnos; mas sempre se lhe oppunha a completa falta de estudos preparatorios dos principios de Physica e Chymica, e Introducção á Historia natural dos tres reinos, e da Geometria, com que

os alumnos eram admittidos á matricula no primeiro anno do curso philosophico; preparatorios sem os quaes mal podia entrar-se no profundo conhecimento dos diversos ramos das sciencias physicas, e particularmente da Chymica organica e da Physica.

A lei de 12 de agosto ultimo, creando cadeiras de Introducção á Historia natural, e tornando obrigatorio este preparatorio, e o da Geometria para a primeira matricula em todos os cursos de Instrucção superior, habilitou a Faculdade de Philosofia para dar aos seus estudos uma nova e mais conveniente disposição.

A Chymica que até aqui se ensinava no 1.° e 3.° anno, será lida no 1.° e 2.° anno em curso biennal regido por dois professores; deste modo o ensino será mais regular, e uniforme, e ao mesmo tempo os alumnos, livres do estudo mais transcendente e difficil da Physica, poderão dar melhor conta das lições de calculo; e habilitados com o estudo desta ultima disciplina, poderão tambem colher maior fructo das lições de Physica, cuja cadeira passa do 2.° para o 3.° anno para ahi se ler conjunctamente com a de Zoologia.

Nos mais annos da faculdade continuam a ler-se as mesmas disciplinas, mas provavelmente haverá alteração em alguns dos compendios, que servem de texto ás lições.

O HYMNO DO MENINO AO DESPERTAR.

(Producção da Harmonia VII, L. I., de Lamartine)

Ó Pae, que meu páe adora
Com os joelhos no chão;
A cujo nome se inclina
Minha mãe com devoção!

Do teu poder tenho ouvido
Que é o sol uma centelha;
Dizem que oscilla a teus pés
Como a alampada vermelha.

Nos campos as avezinhas
Dizem fizeste nascer;
Que nos déste instincto e alma
P'ra te amar e conhecer.

Dizem que és tu que produzes
Dos jardins as lindas flores,
Que o vergel sem ti sería
Avaro dos seus primores.

Aos dons que esparges bondoso
Todo o universo é conviva,
Déste um logar ao insecto
Na tua meza festiva.

Trepa a cabra ao medronheiro,
Roe o cordeiro o serpão,
Na taça de leite a mosca
Vem comigo ter quinhão.

A gran que das éiras salta,
Aproveita a cotovia;
Segue o pardal o ceifeiro;
O menino a mãe que o cria.

E para obter estes mimos,
Que fazes desabrochar,
Basta só, a qualquer hora,
Teu nome, ó Deus, invocar!

Teu nome d'anjos temido,
Que esta bocca balbucía,
Tu distingues entre os córos
Da celeste melodia.

Dizem que os rógos da infancia
Tu folgas mais de acolher
Por causa desta innocencia,
Que nós temos sem saber.

Que nossas preces singelas
Vão melhor aos teus ouvidos,
Talvez porque os ceos tem anjos,
Com quem somos parecidos.

Oh! já que ouves de tão longe
Preces que os labios agitam,
Quero pedir-te incessante
O que os outros necessitam.

Dá, ó meu Deus, agua ás fontes,
Dá pennas aos passarinhos,
Dá orvalho e sombra aos campos,
Dá lan aos cordeirinhos.

Aos doentes dá saúde,
Aos pobrezinhos o pão,
Aos prezos a liberdade,
Aos orphãos a habitação.

Ao pae que teme o Senhor,
Dá familia numerosa;
A mim dá-me siso e ditas,
Torna minha mãe ditosa.

Faz-me bom desde menino,
Como o anjinho do templo,
Que de manhã, juncto ao leito,
Sempre a surrir-me contemplo.

Põe na minh'alma a justiça,
Nos meus labios a verdade;
Em meu peito a tua lei
Ache — amor, fidelidade.

Minha voz a ti se eleve
Como o incenso perfumado,
Que em ondas sáe do thuribulo,
Por meninos embalado.

F.

COSTUMES ARABES

A NOBREZA NO DESERTO.

Continuado de pag. 180.

Apezar da admiração que os arabes tributam á coragem, para elles, todavia, o ponto de honra não é como entre nós. Não julgam covardia o retirar-se um homem de qualquer numero de aggressores, ate o fugir de um inimigo mais fraco, se não ha interesse em vencer. Os arabes riem muitas vezes de nossos escrupulos cavalleirosos. Amando, a não poderem mais, as desenfreadas correrias a cavallo, e a estrepitosa linguagem do canhão, esforçam-se para que seus combates tenham o mais possivel um fim de utilidade practica. Tomados do maior ardor em quanto os favorece a fortuna, dispersam-se e desapparecem logo que ella os atraiçoa. Tambem no modo de appreciar a bravura, em muitos pontos, differem essencialmente de nós. Por estimarem a valentia, nem por isso tractam com excessiva severidade os a quem falta esta virtude. Nunca um covarde subirá ás dignidades da tribu, mas tambem não será alli um ente desprezivel. Dir-se-ha simplesmente, sem a cholera que o fanatismo muita vezes produz: « Não quiz Deus que elle fosse bravo, é digno

de lastima, não já de censura. » Exige-se todavia que o pusillanime, em desconto da sua fraqueza, seja de conselho, e mais que tudo, de constante generosidade.

A fanfarrice é recebida com muito mais desprezo do que o mêdo. « Se dizes que o leão é um asno, vae-lhe pôr um cabresto »; assim se expressa um proverbio oriental de frequênte applicação. Ainda que possuem um sangue ardente e uma linguagem hyperbolica, os arabes exigem que a bravura se arme com a dignidade do silencio de que fazem tanto appreço. Em relação a este objecto, nada lhes veiu das nações que combateram no tempo do Cid, assim como no que respeita aos combates individuaes, que entre elles são desconhecidos. Uma tradição que talvez remonte até as cruzadas, diz que outr'ora chefes illustres se bateram em combate singular; porem ninguem depára nas tribus com homem antigo que se recorde de ouvir fallar de semelhante facto. Qualquer que é offendido, procura vingar-se, como era costume no seculo XVI, por via do assassinio. Encontram-se consciencias largas e condescendentes que por modico preço, descartam um individuo do seu inimigo. Com tudo, quem é mais avaro do ouro que da vida, quem é prompto em ferir e demorado em abrir a bolsa, espreita a occasião de se lançar sobre o que o injuriou, e mata-o ou é morto; se perece, lega as mais das vezes a outrem essa divida de sangue, porque, apezar de não ser favorecida pelo duello, nem por isso a vingança é menos efficaz e florescente nos arabes. Transmitte-se de geração em geração. Lá se encontram essas pendencias de raças, que outr'ora tingiram de sangue as ruas das cidades italianas, e ainda hoje ensanguentam o solo de uma ilha franceza.

As causas mais geraes da vindicta arabe são questões á cerca de aguas, pastos, marcos, o rapto de uma joven esposa ou de uma donzella, o assassinato de um marido zeloso, de um rival preferido, de uma mulher que não quiz dar o sim, quaesquer rivalidades entre os chefes, cujo partido tomam primeiro os parentes, depois os amigos, os clientes, a tribu toda, e por fim as tribus alliadas. Por isso mesmo que o duello não é conhecido entre os arabes, succede que alli as contendas individuaes terminam pelo assassinio, e os odios continuamente alimentados eternisam-se. É de notar que pelo contrario a vindicta tende a desapparecer dos costumes de um povo onde, como em Corsega e Italia, está introduzido o duello. Nisto fazia o duello um immenso serviço á sociedade arabe, porque substituiria o homicidio feito de embuscada, pelo combate leal, e face a face. Se o duello lança em lucto algumas familias, ao menos não lhes lega, como a vindicta, o duvidoso ponto de honra de eternas represalias.

A vindicta pois é individual ou geral conforme são individuaes ou geraes os interesses lesados. Se por um motivo qualquer houve morte de homem em uma tribu, causada pelo chefe, ou ainda por um subalterno da tribu vizinha, pagando o homicida a *dia* (o preço do sangue) aos herdeiros da victima, fica o negocio legalmente concluido. A *dia* é o *Wehrgeld* dos Allemães, com a differença que, além do character de legalidade tem, entre os arabes, desde sua origem, um character religioso.

Se dermos credito aos *tolbas*, esta pena remonta ao avô de Mohamed, Abd-el-Mettaleb, e foi a causa indirecta do nascimento do propheta. Abd-el-Mettaleb, chefe da tribu dos Koreischitos, não tinha filhos, e um dia desesperado dirigiu a Deus esta supplica. « Senhor, se me derdes dous filhos varões, juro immolar-vos um delles em acção de graças » Ouviu-o Deus, e fel-o duas vezes pae. Abd-el-Mettaleb, fiel ao voto que fizera, lançou sortes para ver qual havia de ser a victima, e a sorte caiu em Abd-Allah; mas levantando-se a tribu contra este sacrificio, foi decidido pelos chefes que em logar de Abd-Allah, se offerecessem dez camellos, que de novo se consultasse a sorte até lhe ser favoravel, e que de cada vez que fosse adversa, se junctassem mais dez camellos aos primeiros. Só na undecima prova foi Abd-Allah resgatado, e em vez delle immolaram-se cem camellos. Algum tempo depois, manifestou Deus que acolhera bem esta substituição, porque de Abd-Allah fez nascer Mohamed, seu propheta, e desde esta epocha ficou a *dia*, o preço do sangue de um arabe, taxada em cem camellos. Todavia este preço elevado soffre modificações segundo as circumstancias.

Quasi que não ha exemplo de homicida que pagasse a *dia* e soffresse outro genero de castigo: os parentes do morto, e até seus filhos accommodam-se voluntariamente com tal satisfacção; mas se o criminoso não póde pagar, ou se o governo julga conveniente avocar a si a causa, então é imposta a pena de talião; olho por olho, dente por dente, vida por vida. O seguinte facto succedido em Mascara no anno de 1837, mostrará como se alli applica a pena de talião em todo o seu rigor.

Estavam duas crianças a bulhar no meio da rua, eis que acodem os paes, travam-se de razões, das injurias passam ás ameaças, animam-se pouco e pouco, e por fim um delles arranca a faca e fere o seu adversario, que logo cáe morto. Tinha cinco feridas, duas no peito, duas no ventre e uma nas costas.

Uma multidão de pessoas havia corrido para alli vindo tambem alguns *chaouchs* que se apoderarám do criminoso, e o conduziram a casa do *hakem* da cidade. Os *aoulamas* reuniram-se logo e constituiram-se em tribunal. Em menos de meia hora foram in-

quiridas as testemunhas e o culpado condemnado a soffrer a pena de talião executada pelo irmão da victima. A um signal do *cadi*, dous *chaouchs* amarraram-lhe os pulsos com um laço em *alfa*, collocando-se um á direita outro á esquerda, e precedidos do executor, conduziram-no á praça do mercado, onde já estavam amontoados dous ou tres mil arabes.

O termos da sentença eram que o homicida devia morrer com tantos golpes quantos havia dado, e recebel-os nos mesmos sitios em que os havia recebido a sua victima. Quando tudo estava preparado, o executor e o condemnado dentro de um circulo, o primeiro com uma faca na mão, o segundo tranquillo e como que indifferente ao que ia succeder, um *chaouch* levantou o seu bastão: era o signal. O executor lançou-se logo ao paciente e feriu-o, primeiro no lado direito, depois no esquerdo, mas sem offender o coração segundo parecia, porque o desgraçado gritava: « Fére! fére! mas não crêas que me matas; só Deus póde matar! »

Comtudo o supplicio continuava com furor, e o suppliciado, cujas entranhas saíam com jorros de sangue das duas novas feridas que recebera no ventre, continuava a injuriar o algoz.

Faltava o ultimo golpe: o ferido voltou-se elle mesmo, e a lamina da faca mergulhou-se-lhe toda nos rins. Vacillou; mas não caíu. « Basta, basta, » gritou o povo, « elle deu só cinco facadas, não deve levar mais. » De feito a execução estava terminada, e o triste que acabava de soffrel-a ainda pôde chegar a casa por seu pé. O medico do consulado, M. Varnier, chegou alli quasi no mesmo instante, e em quanto atava as feridas; « Oh! peço-te, dizia o doente, que me cures! Dizem que és um grande medico, dá provas disso, cura-me para que eu possa matar aquelle cão! » Mas todos os esforços foram inuteis, naquella mesma noite o desgraçado expirou.

Continúa.

EXPOSIÇÕES DE ANIMAES DOMESTICOS.

As exposições que tiveram logar nos diversos districtos do reino, devem necessariamente chamar a attenção da Administração publica sobre o estado actual da nossa producção pecuaria. Em todas ellas se conheceu, quão distantes estão os nossos animaes domesticos daquelle estado de perfeição, a que teem chegado os d'outras nações, em condições topographicas mais desfavoraveis. Nestas exposições não despontou uma idea de progresso, nem ao menos concorreram exemplares de todas as nossas raças; e dos animaes expostos a maior parte erão vulgares e tão inferiores, que estavam bem longe de tocarem o grau de perfeição, a que devem ser elevados.

Por tanto a experiencia mostrou, que as exposições, mandadas fazer pelo decreto de 16 de dezembro de 1852 e respectivo regulamento de 2 de março do corrente anno, serão inefficazes, em quanto se não determinar o *objecto* que *deve ser premiado*, e se não indicarem os meios de o produzir. Nas nossas exposições não appareceram esses modêlos, que excitam a emulação e o zelo dos creadores, fazendo nascer o desejo de os imitar e reproduzir, e dando a todos uma idea exacta dos typos mais perfeitos e das transformações, que exigem as nossas raças, para se conseguir o seu melhoramento. Estas vantagens das exposições não as temos colhido, porque não appareceram taes modêlos; e não appareceram, porque um programma os não pediu: pois confiamos em que alguns dos nossos criadores, levados do estimulo do premio, da estima dos seus concidadãos, e do amor da patria, tentariam satisfazer a esse pedido, instruindo por esta forma os seus vizinhos, e os concurrentes á exposição do seu districto [1].

Em fim, o ensino, diffundido entre os criadores por meio das exposições, não dará completo resultado, em quanto se não divulgarem os principios, que dominam a producção animal, procurando coordenar os factos da experiencia com estes principios: o que só poderá conseguir-se, quando o plano, pelo qual se organizarem os programmas de cada exposição, assentar sobre doutrina verdadeira, que possa esclarecer e dirigir a producção animal, promovendo o desinvolvimento dos typos mais perfeitos, e julgando devidamente o valor dos melhoramentos realizados.

Ao passo que em França se discute porfiadamente sobre a melhor base dos programmas para as exposições; entre nós *corre tudo a revelia*, por isso taes teem sido os resultados. Se aquella nação adoptou em grande parte as practicas da Inglaterra, porque esta a precedera na reforma da sua industria pecuaria, por que motivo se não adoptarão entre nós as practicas das nações civilizadas, ou os factos julgados que estiverem mais em relação com as circumstancias peculiares dos criadores, e com as nossas condições topographicas?

Desenganemo-nos, que nesta epocha, toda de reformas e de movimento, *estacionar é envelhecer*, e *parar* é *morrer* para a civilisação que incessantemente caminha.

Á proporção que as necessidades mudam e augmentam, os productos devem modificar-se e multiplicar-se; é por isso necessario que o productor anteveja o pedido do consumidor, porque é tarde esperal-o, *não basta produzir*, é *necessario especular*.

Diversos systemas se offerecem para a organisação dos programmas das exposições, mas

[1] Sobre a necessidade destes programmas veja-se pag. 199 do 2.º vol. deste Jornal. — *Meios de promover a multiplicação e o melhoramento dos animaes domesticos.*

todos elles podem reduzir-se a tres: *formular o programma sobre o estado actual da producção animal*, seguindo escrupulosamente a sua marcha, sem lhe fazer a mais leve correcção; — *escolher o typo mais perfeito para cada especie*, sem se importar com as resistencias que a producção encontrar; — em fim, *adoptar os typos mais perfeitos e que melhor satisfaçam ás necessidades da epocha e ás condições da producção.*

O *primeiro systema* suppõe, que o interesse individual é o melhor guia para se alcançar o melhoramento dos animaes domesticos; que estes são necessariamente o que deviam ser, e que não podem ser senão o resultado de todas as condições agricolas e economicas, no meio das quaes foram criados.

A adopção deste systema é a glorificação do *statu quo*, e torna inutil o estabelecimento das exposições e dos premios: como não ha esforços dispendiosos da parte dos criadores, podem estes ser dirigidos somente pelo interesse da venda dos seus productos. Importa, porem, advertir que os animaes *são necessariamente o que deviam ser, e que são o resultado das condições agricolas e economicas* somente em quanto estas se conservarem constantes e *rotineiras*, mas se variarmos racionalmente estes factores, e seguirmos á risca os preceitos hygiotechnicos, os animaes serão o que nós quizermos, *parecendo mais obra da arte do que da natureza.*

O segundo systema, fazendo abstracção das condições economicas da producção, e até dos progressos agricolas, impõe um unico typo de perfeição para cada especie. Na presença das mudanças que nos nossos habitos devem effeituar os meios mais rapidos de communicação pelos caminhos de ferro e pelas deligencias etc, e o aperfeiçoamento da mechanica agricola, antolha-se a necessidade de obter do cavallo mais força e agilidade; e na impaciencia do resultado, poderá alguem preferir exclusivamente o *cavallo inglez*, como typo unico, para a especie cavallar; para realizar mais promptamente abundante producção de carne, poderá desprezar os muitos e variados serviços da especie bovina, para a moldar pela raça de *Durhám*, e despreza, egualmente alguns productos da especie ovinar para a conformar pelo carneiro de *Dishley*.

Um programma, formulado por este exaggerado systema, pede os resultados e não se importa com os meios, por isso sua formula dogmatica tem provocado pertinaz resistencia, da parte dos criadores, nos paizes em que se experimentou. Deve porem confessar-se, que este systema está mais proximo da verdade, do que o primeiro, e que é dirigido pelo desejo do progresso; mas tem o grande inconveniente de não abraçar a producção animal em toda as suas partes, e não facilitar o caminho ao interesse e á liberdade do criador.

O *terceiro systema* conhece, que não deve conformar todos os animaes de cada especie por um só padrão; por isso que são diversas as convenicncias, que exige a producção de differentes typos; a agricultura não reune em toda a parte as mesmas condições, em fim as nossas raças, e as circumstancias em que ellas vivem, não são na actualidade o que deviam ser, e exigem grande reforma. Não devemos procurar os typos perfeitos nos ultimos gráus da escala das raças dos animaes domesticos, e tambem não devemos esperar da miseria e cega obstinação dos pequenos lavradores tentativas, que possam melhorar os nossos gados. Aos proprietarios abastados e instruidos é que incumbe começar a reforma da nossa producção pecuaria, collocando os typos mais perfeitos na altura que lhes convem, e apropriando-lhes as condições em que melhor possam viver e prosperar.

O programma, formulado por este systema, deve ser tal, que admitta todos os modêlos de perfeição, deixando a cada criador o cuidado de tentar o desinvolvimento d'aquelle que julgar mais compativel com as suas circumstancias; limitando-se por tanto a indicar os que mais lhe conveem. Todavia deve notar-se, que quando os premios são dados pela Administração publica, tem esta o direito de exigir com preferencia os typos, que julga serem mais uteis e mais necessarios ás necessidades do estado: assim na actualidade conviria promover com grande sollicitude o desinvolvimento das raças do *cavallo de tiro* para que o serviço das diligencias se podesse fazer com cavallos criados no paiz, evitando-se a dura necessidade, em que se acha, de os importar pagando-os por grandes preços.

Para determinar os typos mais perfeitos que se devem recommendar n'um programma, é necessario não confundir a perfeição zootechnica com a zoologica ou natural[1]; Baudement define perfeição — a reunião de todas as qualidades que tornam o animal proprio a um só genero de serviço ou de producção, e lhe chama *especialização* dos animaes, que não é outra cousa mais, do que a applicação á zootechnia d'uma lei das sciencias economicas, deduzida do estudo do desinvolvimento industrial dos povos, — a *divisão* do *trabalho*. Ainda que a *especialização* não seja um principio tão absoluto, como pretende Baudement, é todavia por elle que se devem escolher os modêlos que um programma deve recommendar; por que a *especialização*

[1] Art. 19 do citado regulamento. « *Os primeiros premios pecuniarios não poderão adjudicar-se, senão áquelles expositores que apresentarem gados notaveis pelas proporções de sua regular grandeza e perfeição de suas formas.* » *Grandeza e formas* estão subordinadas ao destino do animal; por isso deve intender-se que são mais perfeitas as que indicarem mais aptidão para satisfazer ao genero de serviço ou de producção que se exige do animal.

é que melhor pode modificar a organização é o modo de viver dos animaes em ordem a tornal-os mais aptos para satisfazerem ás necessidades que o progresso da civilisação multiplica cada vez mais.

O estudo experimental da economia animal nos ensina, que, variando os seus modificadores, podemos arbitrariamente exaltar a actividade d'uma funcção, e augmentar o volume do orgam que a exerce: a maior energia e volume dos instrumentos physiologicos dá logar a maior quantidade de productos ou rendimento da machina animal. Esta verdade pode haver-se como demonstrada a respeito da secreção do leite, da producção da carne, da gordura, da lan, da força, da agillidade etc. Impellindo a machina animal para esta *especialização*, pelo augmento de energia em certos e determinados orgãos, rompe-se o equilibrio physiologico, para que tende o principio da vida, e nas primeiras edades, em que elle está em oscillação, dirigindo-se com maior intensidade ora para um ora para outro orgam; e se fôr attrahido para um, mais facilmente se concentra nelle para multiplicar a actividade do seu crescimento e da sua funcção, diminuindo e subordinando até a dos outros orgãos: assim como, diminuindo ou abolindo uma funcção, se suspende o crescimento do orgam que a exerce, e se vai augmentar a actividade d'outras funcções. Estas disposições physiologicas muito concorrem para o bom resultado da *especialização*, dando-nos a segurança de que a machina animal se accommoda aos desenhos que o criador lhe imprime.

Por tanto, sendo economicamente vantajoso, e physiologicamente possivel realizar a especialização dos animaes, e querendo por ella determinar a sua perfeição, devemos escolher os generos de serviço e de producção, que mais convem exigir de cada uma das nossas especies de animaes domesticos; e a reunião das qualidades, que indicam a maior aptidão para tal ou tal genero de serviço ou de producção, deve characterizar cada um dos typos mais perfeitos: mas estes typos acham-se descriptos nas Zootechnias[1], bem como estão já indicados os principaes processos de os obter; e tambem não é este o logar para tractar objectos de tão grande extensão.

Os programmas devem necessariamente ser privativos a cada um dos districtos, e deve ainda attender-se ás circumstancias particulares das localidades mais notaveis, recomendando os typos mais perfeitos e que mais facil e economicamente se possam criar[2].

O criador á vista dos pedidos que se lhe fazem no programma, não hesitará em escolher o typo, e determinar o genero de serviço ou de producção para que deve preparar os seus animaes, principalmente se elle investigar o estado das raças da localidade, se consultar a sua posição agricola e commercial, em fim se elle conhecer as condições que deve fazer realizar á machina animal, afim de que satisfaça ao destino que tem em vista; com estes dados se dirige ao futuro com confiança nos seus recursos. Neste systema são os expositores que classificam os seus productos na categoria em que devem concorrer, por isso que são elles que melhor sabem o typo, que escolheram para conformarem os seus animaes: mas as decisões do jury lhes fazem conhecer até que ponto satisfizeram ao problema, que lhes foi proposto.

O jury, que deve qualificar os animaes dignos de premio, sendo esclarecido pelas declarações dos expositores á cerca dos meios que elles empregaram, e comparando o producto que se lhe apresenta com o typo determinado no programma, pode julgar com conhecimento de causa.

As exposições, feitas por esta forma, mostram á Auctoridade quaes são as condições agricolas que se teem melhorado e quaes as raças de animaes que se aperfeiçoaram; e com estes dados é que ella pode dirigir a industria pecuaria.

Por este modo as exposições terão a sua verdadeira significação, sendo um meio de instrucção e emulação para o productor, dando ao jury meios de fazer inteira justiça, e sendo para a Auctoridade administrativa a bussola por onde pode saber o rumo que leva a producção pecuaria.

As Sociedades reaes de Agricultura da Inglaterra, Irlanda e Escossia recommendam com especialidade os typos mais perfeitos, por isso lhes destinam sempre grandes premios: assim a Sociedade real de Agricultura de Inglaterra destinou ultimamente a somma de 180 libr. ster. para cada uma das tres raças mais perfeitas, e somente 70 libr. para todas as outras raças da especie bovina; e votou 120 libr. ster. para as 2 raças—*Dishley e Southdown* e apenas 50 para as outras raças da especie ovina, etc. Nos programmas de todas as sociedades agricolas, que teem dado o maior desinvolvimento á producção animal, se manifesta grande empenho em generalizar os typos mais perfeitos, mas sempre d'accordo com os dados physiologicos e agricolas. Em conformidade com estes factos fizemos as precedentes reflexões á cerca dos programmas para as exposições.

Continúa. J. F. M. PINTO.

[1] Veja-se Hygiene e Zootechnia do *Curso completo* de *Zooiatrica domestica* — 2 grossos vol. em 8.° Coimbra 1854.

[2] O sr. Cardoso, Veterinario nesta cidade, foi talvez o primeiro, que tentou fazer o programma para as exposições do seu districto. Veja-se pag. 198 do 3.° volume deste Jornal.

ADDITAMENTO Á GEOMETRIA DE LEGENDRE

FORMULAS FUNDAMENTAES DA TRIGONOMETRIA RECTILINEA.

Ainsi les propositions fondamentales de la géométrie se réduisent, pour ainsi dire, à celle-ci seule, que les triangles équiangles ont leurs côtés homologues proportionnels.
LEGENDRE. Liv. 3.° prop. 23.



Baixando do vertice A sobre a base BC a perpendicular Ap os triangulos ABp, ApC dão pelo citado theorema de Legendre, Liv. 3.° prop. 18,

$$a \text{ sen } B = b \text{ sen } A:\ a \text{ sen } C = c \text{ sen } A:\ c \text{ sen } B = b \text{ sen } C \ldots\ldots\ldots\ldots \quad (\alpha)$$

Neste systema de equações uma dellas é consequencia necessaria das outras duas. Resolvendo os triangulos rectangulos ABp e pAC, isto é, tirando os valores de Bp, e Cp, (α) acha-se $a = c \cos B + b \cos C$; e por isso, procedendo semelhantemente, concluimos

$$a = c \cos B + b \cos C;\ b = a \cos C + c \cos A;\ c = a \cos B + b \cos A \ldots\ldots \quad (\beta)$$

As equações (β) mostram que « *As projecções dos dous lados de um triangulo sobre o terceiro (produzido se necessario for) são eguaes ao terceiro lado.* » Veja-se Franc. Trig. n.° 212 XII.

Substituindo em $a = b \cos C + c \cos B$ os valores de b e c tirados de $a \text{ sen } B = b \text{ sen } A$, $a \text{ sen } C = c \text{ sen } A$, fica $a = \dfrac{a \text{ sen } B \cos C}{\text{sen } A} + \dfrac{a \text{ sen } C \cos B}{\text{sen } A}$;

ou
$$\text{sen } (B + C) = \text{sen } B \cos C + \text{sen } C \cos B \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (\gamma)$$

Se na mesma equação $a = b \cos C + c \cos B$ escrevermos por b o valor (β) $b = a \cos C + c \cos A$, acharemos

$$a = (a \cos C + c \cos A) \cos C + c \cos B;\ a \text{ sen}^2 C = c \cos B + c \cos A \cos C$$

mas
$$\cos B = -\cos (A + C);\ \frac{a}{c} = \frac{\text{sen } A}{\text{sen } C}:$$

logo
$$\cos (A + C) = \cos A \cos C - \text{sen } A \text{ sen } C \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (\delta)$$

Por consequencia (γ) (δ) sendo α e β dous angulos positivos, e cada um delles menor que $\frac{1}{2}\pi$, se verificam sempre as equações (ε)

$$\left.\begin{aligned} \text{sen } (\alpha + \beta) &= \text{sen } \alpha \cos \beta + \cos \alpha \text{ sen } \beta \\ \cos (\alpha + \beta) &= \cos \alpha \cos \beta - \text{sen } \alpha \text{ sen } \beta \end{aligned}\right\} \quad (\varepsilon)$$

Sabe-se pela geometria que $\text{sen } (\frac{1}{2}\pi + x) = \cos x$; e que $\cos (\frac{1}{2}\pi + x) = -\text{sen } x$. Seja pois $\alpha_1 = \frac{1}{2}\pi + \alpha$, teremos $\text{sen } (\alpha_1 + \beta) = \cos (\alpha + \beta)$; $\cos (\alpha_1 + \beta) = -\text{sen } (\alpha + \beta)$

logo (ε)
$$\text{sen } (\alpha_1 + \beta) = \cos \alpha \cos \beta - \text{sen } \alpha \text{ sen } \beta:$$
$$\cos (\alpha_1 + \beta) = -\text{sen } \alpha \cos \beta - \cos \alpha \text{ sen } \beta:$$

eliminando α dos segundos membros d'estas equações, ficará

$$\text{sen } (\alpha_1 + \beta) = \text{sen } \alpha_1 \cos \beta + \cos \alpha_1 \text{ sen } \beta$$
$$\cos (\alpha_1 + \beta) = \cos \alpha_1 \cos \beta - \text{sen } \alpha_1 \text{ sen } \beta$$

O methodo, por que se alcançaram estas equações, mostra que (ε) são exactas, quaesquer que sejam as grandezas de α e β, com tanto que estes arcos sejam positivos.

É sabido que sendo n, e n' inteiros positivos
$\operatorname{sen} x = \operatorname{sen}(2n\pi + x)$; $\cos x' = \cos(2n'\pi + x')$; ou x seja positivo ou negativo: podemos pois tomar n e n' convenientemente grandes para que $2n\pi+\alpha$, $2n'\pi+\beta$ sejam arcos positivos: logo

$$\operatorname{sen}(\alpha+\beta) = \operatorname{sen}(2n\pi+\alpha+2n'\pi+\beta) = \operatorname{sen}(2n\pi+\alpha)\cos(2n'\pi+\beta)+\cos(2n\pi+\alpha)\operatorname{sen}(2n'\pi+\beta)$$

$$\cos(\alpha+\beta) = \cos(2n\pi+\alpha+2n'\pi+\beta) = \cos(2n\pi+\alpha)\cos(2n'\pi+\beta)-\operatorname{sen}(2n\pi+\alpha)\operatorname{sen}(2n'\pi+\beta)$$

ou $\operatorname{sen}(\alpha+\beta) = \operatorname{sen}\alpha\cos\beta+\cos\alpha\operatorname{sen}\beta$; $\cos(\alpha+\beta) = \cos\alpha\cos\beta-\operatorname{sen}\alpha\operatorname{sen}\beta$: portanto

As equações (ε) *verificam-se, quaesquer que sejam as grandezas e signaes de* α e β.

A terceira equação (β) é $c = a\cos B + b\cos A$; porém (α) $a^2\operatorname{sen}^2 B = b^2\operatorname{sen}^2 A$

ou $$a\cos B = a\sqrt{1-\frac{b^2}{a^2}\operatorname{sen}^2 A}$$; logo $(c-b\cos A)^2 = a^2-b^2\operatorname{sen}^2 A$; e

$$\left.\begin{aligned} a^2 &= b^2+c^2-2bc\cos A \\ b^2 &= a^2+c^2-2ac\cos B \\ c^2 &= a^2+b^2-2ab\cos C \end{aligned}\right\} \ldots\ldots\ldots\ldots (\zeta)$$

Logo: as equações (α), (β), (γ), (δ), (ε), (ζ) resolvem todos os problemas, que podem propor-se sobre resolução de triangulos, como póde ver-se *passim* em qualquer trigonometria, especialmente na de Francoeur n.° 200 a 208; e 211 e 212. Por isto se vê com quanta razão diz Legendre no scholio II da proposição XIX do 3.° Livro da Geometria, a respeito dos triangulos semelhantes:

« *Les deux propositions précédentes qui n'en font proprement qu'une, jointes à* « *celle du quarré de l'hypoténuse, sont les propositions les plus importantes, et les* « *plus fécondes de la géométrie; elles suffisent presque seules à toutes les applica-* « *tions, et à la résolution de tous les problémes.*

Podiamos, [com Legendre Trig, ou Franc. nota sôbre o n.° 201.] tomar, como principio fundamental da Trigonometria rectilinea, as equações (ζ), as quaes, combinadas duas a duas por somma e differença, dão por somma as equações (β); e por differença as seguintes $a^2-b^2 = c[a\cos B-b\cos A]$; $a^2-c^2 = b[a\cos C-c\cos A]$; $b^2-c^2 = a[b\cos C-c\cos B]$: e comparando estas equaçoes com (β), tiramos (α), (γ), (δ), (ε).

Com tres angulos, cuja somma seja egual a π, podemos construir á vontade um triangulo, e depois infinitos semelhantes ao primeiro: Leg. Geom. prop. 21, Liv. 3.°; e por isso dados os tres angulos de um triangulo não podemos *construir* um determinado triangulo; ficam portanto reduzidas as construcções ás hypotheses dos problemos 7.°, 8.°, 9.°, 10.° e 11.°, da citada Geom. de Leg. Liv. 2.°. Isto mesmo se conclue da analyse, ou se tomem (α), ou (ζ), como fundamento da Trigonometria. As equações (α) representam unicamente *duas* equações distinctas entre *cinco* quantidades; porque uma qualquer de entre estas equações resulta da multiplicação, e convenientemente ordenada, das outras duas; e $\pi = A+B+C$.

As equações (ζ) tambem se reduzem unicamente a *duas* equações distinctas entre *cinco* quantidades. E com effeito, tome-se (ζ) como principio fundamental: (α), (β), (γ), (δ), (ε), são, como vimos, corollarios de (ζ): ora a terceira equação (ζ) é
$c^2 = a^2+b^2+2ab\cos(A+B) = a^2+b^2+2ab\cos A\cos B-2ab\operatorname{sen}A\operatorname{sen}B$: mas ($\alpha$) $a\operatorname{sen}B = b\operatorname{sen}A$, logo $c^2 = a^2+b^2+2ab\cos A\cos B-2b^2\operatorname{sen}^2 A$; ou
$c^2 = a^2-b^2+2b\cos A\,[a\cos B+b\cos A]$ ou (β) $c^2 = a^2-b^2+2bc\cos A$: isto é, $a^2 = b^2+c^2-2bc\cos A$, *que é a primeira equação* (ζ) Logo:

Tanto as equações (α), *com as equações* (ξ), *representam um systema de* duas *equações distinctas entre* cinco *quantidades, e por isso* (Francoeur Algebra Elementar n.° 125) *não se póde resolver um triangulo, sem que os dados sejam tres* distinctos; *isto é, sem que, entre os dados em numero de tres, entre um lado pelo menos. Os tres angulos não satisfazem.*

Vê-se, pelo contrario, que, dados os tres lados, a resolução do triangulo é determinada; porque (α), ou (ζ), formam systemas de duas equações em que entram os tres lados, e dous angulos.

RUFINO GUERRA OSORIO.

CONTA da Receita e Despesa dos Hospitaes, annexos á Universidade, em todo o trimestre de Julho a Septembro de 1854.

Receita

Recebido	do cofre da pagadoria academica	1:122$000
Idem	do cofre das rendas proprias dos Hospitaes	900$000
Idem	da mesa da Misericordia da cidade	100$000
Idem	por vencimentos militares	241$200
Idem	de meia renda do Cêrco de S. Jeronymo	15$600
Idem	dado pelo sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões	1$200
Idem	de dietas pagas por doentes tractados no Hospital	42$495
Idem	producto da venda de tres carros d'estrume	$960
		2:423$455
Alcance da Fazenda em 30 de Setembro de 1854		79$885
	Reis	2:503$340

Despesa

Alcance da Fazenda em 30 de Junho		25$680
Despendido	com ordenados pelos mezes de Março, Abril e Maio	213$880
Idem	com as comedorias aos Empregados	432$024
Idem	com as dietes aos doentes	1:291$591
Idem	em combustivel e illuminação	109$335
Idem	em utensilios	70$925
Idem	em reparos nos edificios	2$420
Idem	em guizamentos das Capellas	9$515
Idem	em camas e roupas	135$510
Idem	em vestuario dos Lazaros do numero	2$160
Idem	ao Dispensatorio por deliberação do Conselho da Faculdade	150$000
Idem	ao dicto pela 4.ª parte de vencimentos militares	60$300
	Reis	2:503$340

MAPPA do movimento dos doentes, nas enfermarias dos Hospitaes, no trimestre do 1.° de Julho a 30 de Septembro de 1854.

HOMENS					MULHERES					LAZAROS HOMENS					LAZAROS MULHERES					SOLDADOS					TODOS				
Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.
94	310	243	50	111	70	240	210	22	78	14	1	1	0	14	9	1	0	0	10	9	88	85	0	12	196	640	539	72	225

Hospital da Universidade 30 de Septembro de 1854.

Dr. *Manoel Paes de Figueiredo e Sousa*,
Director dos Hospitaes.

Herculano Aprigio Alves d'Araujo Santa Barbara,
Cartorario da Fazenda.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTITUTO DE COIMBRA.

Sessão solemne de 17 *de dezembro de* 1854.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, o snr. Secretario Jacintho Antonio de Sousa passou a ler o Relatorio annual da gerencia litteraria e administrativa da Direcção; e apresentou tambem as respectivas contas, já vistas e approvadas pela Direcção, e que egualmente foram approvadas pelo Instituto, mandando-se imprimir tanto o Relatorio, como as contas; na conformidade do §. 2.º do art.º 4.º do Regulamento provisorio.

Leram-se depois os nomes dos novos Socios Honorarios, Effectivos, e Correspondentes, que haviam sido eleitos em attenção ao seu distincto merecimento, e aos serviços litterarios, que muitos d'elles haviam prestado ao Instituto.

Em seguida procedeu-se a eleição da Direcção para o seguinte biennio.

As Classes procederam tambem á eleição dos respectivos Directores, Secretarios, e Vice-Secretarios.

O Secretario,
J. Alves de Sousa.

RELATORIO.

Senhores!—Ha dous annos ouvistes o que, na sessão solemne d'abertura, leu em vossa presença um digno socio que occupava este logar. O Instituto acabava então d'acordar de um d'esses periodos de lethargo, em que tantas vezes tem caído; mas acordára com muita vida.

Uma reforma adequada á alta missão que tinha de cumprir, os sollicitos esforços de muitos de seus benemeritos membros deram vigor e alento a esta instituição. E a direcção actual viu desinvolver-se em todos os seus orgãos principaes a vida vicejante do Instituto. As commissões, as classes, o jornal, o gabinete de leitura, a sociedade toda estava animada de um movimento enthusiastico.

Sabeis, senhores, que sob a direcção que hoje vem dar-vos conta da sua gerencia, foram feitos os regulamentos do Instituto, do gabinete, e dos cursos de leitura; foram designados em cada uma das classes varios assumptos para discussões, memorias e cursos de leitura; foram distribuidos muitos elogios funebres dos socios finados, dos quaes, e com pezar o dizemos, apenas um só foi apresentado e lido pelo digno socio o sr. Jeronymo José de Mello, em sessão de 20 de fevereiro de 1853.

Sabeis que os socios, cujos nomes aqui mencionamos com saudade, os snrs. João Baptista da Silva Ferrão, Levy Maria Jordão, e José Julio d'Oliveira Pinto, fizeram tres cursos de leitura sobre tres importantissimos objectos — *Deducção do principio da entidade —Relações do espirito e do corpo—Liberdade de commercio;* e que estes cursos, bem como as discussões publicas que tiveram as classes, deram logar a muitas sessões extraordinariamente concorridas pelos socios, pela academia, e até pelas auctoridades academicas e civís.

Foi uma epocha de esplendor para o Instituto, mas que passou infelizmente. Era activa em demazia; nascêra do enthusiasmo; e este estado do espirito não pode durar muito. Dos socios que nutriam esta inestimavel disposição tão proficua á vida interna da sociedade, uns, concluidos os seus estudos, ausentaram-se de Coimbra para sempre, outros foram-nos sequestrados pela politica que os chamou á representação nacional.

Nestas circumstancias comprehendeis bem, senhores, quão grandes difficuldades tinha a direcção que vencer. As sessões publicas do Instituto e das classes tornaram-se impossiveis, porque a maior parte dos socios que restavam não concorriam a ellas—foi forçoso deixar reinar nessas salas o silencio; mas restava um jornal para dirigir material e intellectualmente, restava um gabinete de leitura para fornecer de jornaes, uma bibliotheca para encher de livros.

A direcção, auxiliada com o extremado zêlo de alguns poucos socios e pessoas estranhas ao Instituto, procurou melhorar estes estabelecimentos. Tornou gratuita a administração do jornal, incumbindo-a ao vosso secretario, que a exerce ha dous annos; e desta sorte economisou neste espaço de tempo 168$000 rs. Requereu ao governo de S. Majestade para que a composição e impressão do jornal fosse por conta do Estado, e se lhe concedesse a casa da qual o Instituto pagava renda á Academia dramatica. A portaria de 5 de septembro de 1853 deferiu favoravelmente a esta pretenção, e veiu economisar annualmente mais 150$000 reis na composição e impressão do jornal, e 24$000 reis na renda da casa.

Diminuidas assim as despesas do Instituto, era uma consequencia offerecer mais algumas

vantagens aos seus contribuintes: foi o que fez a direcção em sessão de outubro de 1853. Abaixou a quota mensal dos socios, mandou augmentar de vez em quando o numero das paginas do jornal, que desde logo foi remettido franco de porte aos assignantes; e ordenou consideraveis melhoramentos na casa que serve de gabinete de leitura, bem como a assignatura de mais alguns jornaes estrangeiros.

Quizeramos fazer aqui distincta menção de todas as pessoas que teem auxiliado a direcção em sua ardua tarefa, já collaborando no jornal, já offerecendo as suas obras á bibliotheca, já enriquecendo o gabinete com o donativo de um jornal francez, e d'um excellente mappa da guerra do oriente; porém os nomes destas pessoas, afóra uma a quem occulta a modestia, já os conheceis pelo jornal.

Com as obras offerecidas ao Instituto, e com as collecções dos jornaes mais importantes começa a fundar-se a bibliotheca, estabelecimento annexo ao gabinete de leitura. A direcção tem desejado fazer no Instituto uma bibliotheca como determinam os estatutos; e dos varios meios, por que se isto pode conseguir em Coimbra, apenas tem podido tentar aquelle, aguardando occasião opportuna para alcançar alguns livros dos extinctos conventos, que teem andado por ahi a rodo, a extraviarem-se, a perderem-se inutilmente.

Tendes de nomear hoje uma nova direcção, que receberá da actual o jornal—Instituto com o 18° numero do 3.° volume já publicado; um gabinete tornado assás decente e agasalhado, e recebendo 63 jornaes nacionaes e estrangeiros; um embryão de bibliotheca com 96 volumes; um volume das memorias do Instituto, cuja impressão está bastante adiantada; uma dotação do governo, que assim se lhe póde chamar, equivalente a 174$000 réis annuaes, um saldo em cofre de 55$520 réis, como vereis das contas que submettemos ao vosso exame.

De todos estes objectos o que certamente mais carece da vossa sollicitude é o jornal, porque delle depende a existencia dos outros estabelecimentos, a vida real da sociedade. A sua impressão por conta do Estado foi concedida com a condição de se reservarem quatro paginas para objectos do conselho superior e das faculdades academicas. A direcção procurou converter esta obrigação n'uma verdadeira vantagem, estreitando o mais possivel as relações do Instituto com aquelles estabelecimentos scientificos.

Por intervenção do prelado da universidade conseguiu que em quasi todas as faculdades academicas fossem nomeadas commissões para colligirem e reverem trabalhos já feitos, ou fazerem-nos de novo, a fim de que n'essas quatro paginas avultasse materia de reconhecida importancia. Era uma especie de compromisso de mutuo auxilio que a direcção procurava crear entre as tres mais respeitaveis corporações litterarias de Coimbra. De mutuo auxilio, dizemol-o com intenção: se a redacção do Instituto póde receber das faculdades academicas e do conselho superior um poderoso contingente, é tambem certo que muitos artigos que dalli recebemos, ainda não teriam visto a luz publica tão desaffrontadamente, se o Instituto não existisse; e ninguem póde hoje questionar quanto importa a essas corporações darem a maior publicidade aos seus trabalhos.

É mister, todavia, confessar, que embora o nosso jornal se tenha occupado de objectos importantes, embora receba todos esses feudos preciosos, o maior trabalho, o fundo da redacção, e toda a direcção material teem pesado sobre alguns poucos socios que por si sós, ou não teem forças, ou não teem tempo livre de outras occupações obrigatorias, para elevar aquella publicação ao que ella póde ser. Ha certamente uma causa geral que produz entre nós este phenomeno notavel—uma immensa desproporção entre o numero dos jornaes litterarios e o dos jornaes politicos; mas além dessa, militam em Coimbra outras especiaes, que impedem que o Instituto prospere e seja, como devia de ser, um dos primeiros jornaes litterarios e scientificos.

Convem, senhores, convem muito que a sociedade que se ufana de ter no seu gremio as maiores notabilidades litterarias do paiz, que nasceu e vive aqui, na terra das lettras, o Instituto de Coimbra, a que essas notabilidades se honram de pertencer, reconheça sua nobre missão, e se esforce pela cumprir.

O Secretario,
JACINTHO A. DE SOUSA.

Conta de receita e despesa que prestou o sr. Thesoureiro J. A. Simões de Carvalho.

RECEITA.		DESPESA.	
Dinheiro recebido pelo sr. Joaquim A. Simões de Carvalho, do ex-administrador Joaquim Martins de Carvalho, reis . . .	75$045	Estearina e azeite para sessões nocturnas do Instituto, reis	9$460
		Ao sr. Adrião Forjaz por varias despesas que fez, reis	12$000
		Por um tinteiro de metal amarello . . .	1$350
		Um mez de gratificação ao ex-administrador	7$000
		Ao livreiro Moré pela assignatura de jornaes francezes feita pelo sr. Forjaz, reis	33$235
		Por dois trimestres da renda do Gabinete, reis	12$000
Somma . . . Reis	75$045	Somma . . . Reis	75$045

Extracto da conta de receita e despesa do Instituto de Coimbra desde 20 de dezembro de 1852 até 10 de dezembro de 1854.

RECEITA.

Socios....	De mensalidades dos socios, reis	280$800	287$280
	De diplomas, reis	6$480	
Jornal . .	De assignaturas do jornal e venda d'alguns numeros avulso	368$075	369$075
	De papel vendido á imprensa da universidade, reis . .	1$000	
Gabinete	De mensalidades dos assignantes do gabinete, reis . . .	124$640	124$640
	Somma . . . . . Reis		780$995

DESPESA.

Sessões do Instituto	A Antonio José d'Oliveira por bogias para o Instituto da Academia Dramatica, reis	1$920	1$920
Jornal....	Por papel para o jornal até ao N.° 18 do 3.° v. e impressos	147$140	326$720
	Pela composição e impressão dos N.os desde 18 do 1.° vol. até 14 do 3.°, incluindo capas, regulamentos, memorias, etc., reis	118$455	
	Por aparar papel, dobrar e cozer os N.os desde 18 do 1.° vol. até 18 do 3.° vol.	31$875	
	Por estampilhas para franquear as assignaturas até o N.° 18 do 3.° vol., reis	28$980	
Gabinete	Melhoramentos materiaes do Gabinete — estantes, fôrro das salas, pintura, oleado para as mesas, concerto do fogão, lenha para o mesmo, vidros, fechaduras, concerto de cadeiras, caixilho para o mappa, etc., reis	45$650	396$835
	Ordenados do guarda Liberio, desde o 1.° de dezembro de 1852 até 8 de fevereiro de 1853, gratificação de distribuir o jornal e cobrar dinheiro	12$650	
	Ordenados do actual guarda e ajudante desde 9 de fevereiro de 1853 a 9 de dezembro de 1854	158$400	
	Ao administrador do correio por portes dos jornaes desde dezembro de 1852 até novembro de 1854, incluindo portes de cartas e de jornaes francezes vindo pelo almocreve	60$325	
	Ao sr. F. A. Diniz por portes de jornaes que pagou na administração passada, reis	1$185	
	Estampilhas para jornaes que se recebem por troca, premio de letras, etc., reis	22$955	
	Assignatura do Diario do Governo desde o 1.° de janeiro do 1853 a 31 de junho de 1855, com estampilhas, premios de letras etc., aos semestres, reis	31$370	
	Ao centro commercial pela assignatura da Revue et Manuel de l'Inst. publiq.	7$400	
	Ao livreiro Silva de Lisboa pela assignatura de varios jornaes francezes, reis	35$880	
	Ao livreiro Moré para saldar a conta da assignatura feita na administração anterior	10$960	
	Ao encadernador por brochar as collecções dos jornaes do Gabinete, reis	10$060	
	Dinheiro em cofre		55$520
	Somma . . . . . Reis		780$995

O Presidente do Instituto, *Francisco José Duarte Nazareth*. — O Thesoureiro, *A. A. da Costa Simões*. — O 1.° Secretario, *Jacintho A. de Sousa*. — O 2.° Secretario, *J. Alves de Sousa*.

DIRECÇÃO DO INSTITUTO DE COIMBRA.

ELEITA EM SESSÃO SOLEMNE DE 17 DE DEZEMBRO DE 1854.

Presidente.

Francisco José Duarte Nazareth.

Vice-Presidente.

Francisco de Castro Freire.

Secretarios.

Jacintho Antonio de Sousa.
Joaquim Alves de Sousa.

Thesoureiro.

José Ferreira de Macedo Pinto.

DIRECTORES DO GABINETE DE LEITURA.

Nomeados em sessão da Direcção de 23 de dezembro.
Raymundo Venancio Rodrigues.
Manoel dos Santos Pereira Jardim.
D. Francisco de Sousa e Holstein.

COMMISSÃO REDACTORA.

A Comissão Redactora do Jornal do Instituto, nomeada na mesma sessão, para servir até se proceder á definitiva eleição nas Classes, ficou composta dos Directores, Secretarios e Vice-Secretarios das tres classes, e dos dois Secretarios do Instituto.

COMMISSÃO REVISORA.

Francisco de Castro Freire,
Henrique O'Neill.
Jacintho Antonio de Sousa.

RELAÇÃO NOMINAL DOS SOCIOS HONORARIOS, EFFECTIVOS E CORRESPONDENTES DO INSTITUTO DE COIMBRA.

SOCIOS HONORARIOS.

Cardeal Patriarcha de Lisboa, *D. Guilherme Henriques de Carvalho.*
Cardeal Arcebispo Primaz, *D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello.*
Duque de Saldanha, *João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun.*
Arcebispo de Mytelene, *D. Domingos José de Sousa Magalhães.*
Conde de Lavradio, *D. Francisco de Almeida.*
Conde A. Raczynsky.
Visconde da Carreira, *Luiz Antonio d'Abreu e Lima.*
Visconde de Sá da Bandeira, *Bernardo de Sá Nogueira.*
Visconde de Santarem, *Manoel Francisco de Barros e Souza de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa.*
Alexandre Herculano.
Antonio José d'Avila.
Antonio Feliciano de Castilho.
H. Shoeffer.
José Ignacio Roquete.
José Joaquim Rodrigues de Bastos.
José da Silva Tavares.
José Freire de Serpa Pimentel.

SOCIOS EFFECTIVOS.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

Director.

Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos.

Secretario.

Adriano de Abreu Cardoso Machado.

Vice-Secretario.

Manoel Bernardo de Sousa Ennes.

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
Alexandre de Meyrelles do Canto e Castro.
Agostinho de Ornellas de Vasconcellos Esmeraldo e Moura.
Antonio Ayres de Gouvêa.
Antonio Bernardino de Menezes.
Antonio Correa Caldeira.
Augusto Cesar Barjona de Freitas.
Basilio Alberto de Sousa Pinto.
Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.
Bernardo de Serpa Pimentel.
Duarte Gustavo Nogueira Soares.
Francisco Antonio Diniz.
Francisco Antonio Rodriguez de Azevedo.
Francisco José Duarte Nazareth.
D. Francisco de Sousa e Holstein.
Francisco Augusto Furtado de Mesquita.
Frederico de Azevedo Faro e Noronha.
Jacintho Antonio de Sousa.
João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.
Joaquim Alves Pereira.
Joaquim Alves de Sousa.
Joaquim Maria Rodriguez de Brito.
José Adolpho Trony.
José Ernesto de Carvalho e Rego.
José Maria de Abreu.
José Maximo da Silva Rebello.
Justino Antonio de Freitas.
Luiz Caetano Lobo.
Manoel Eduardo da Motta Veiga.

Manoel de Serpa Machado.
Manoel dos Santos Pereira Jardim.
Sebastião José de Carvalho.
Vicente Ferrer Netto Paiva.
Vicente José d'Almeida Seiça.

CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS.

Director.

Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.

Secretario.

Antonio Augusto da Costa Simões.

Vice-Secretario.

Mathias de Carvalho e Vasconcellos.

Albino Augusto Giraldes.
Antonio de Carvalho Coutinho.
Antonio Joaquim Barjona.
Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu.
Antonio José Teixeira.
Antonio Luiz Ferreira Girão.
Callisto Ignacio d'Almeida Ferraz.
Florencio Mago Barreto Feio.
Francisco Antonio Alves.
Francisco de Castro Freire.
Francisco Pereira de Torres Coelho.
Jacintho Antonio de Sousa.
Jeronymo José de Mello.
João Alberto Pereira de Azevedo.
João Antonio de Sousa Doria.
Joaquim Augusto Simões de Carvalho.
José Ferreira de Macedo Pinto.
José Maria de Abreu.
José Pereira da Costa Cardoso.
José Teixeira de Queiroz.
Luiz Albano d'Andrade Moraes.
Manoel Maria Correa.
Manoel dos Santos Pereira Jardim.
Miguel Leite Ferreira Leão.
Raymundo Venancio Rodrigues.
Roque J. Fernandes Thomaz.
Thomaz Antonio de Oliveira Lobo.

CLASSE DE LITTERATURA, BELLAS LETRAS E BELLAS ARTES.

Director.

José Maria de Abreu.

Secretario.

Antonio Ayres de Gouvêa.

Vice-Secretario.

Joaquim Simões da Silva Ferraz.

Adriano de Abreu Cardoso Machado.
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
Alexandre Meyrelles de Canto e Castro.
Antonio Augusto da Costa Simões.
Antonio Bernardino de Menezes.
Antonio de Carvalho Coutinho.
Antonio Correa Caldeira.
Antonio Florencio Sarmento.
Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu.
Antonio Luiz Ferreira Girão
Antonio Nunes de Carvalho.
Antonio Xavier de Sousa Monteiro.
Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.
Florencio Mago Barreto Feio.
Francisco Antonio Diniz.
Francisco de Castro Freire.
Francisco José Duarte Nazareth.
Henrique O'Neill.
Jacintho Antonio de Sousa.
João Antonio de Sousa Doria.
Joaquim Alves de Sousa.
Joaquim Augusto Simões de Carvalho.
José Adolpho Trony.
José Maria da Silva Leal.
José de Menezes Parreira.
José Teixeira de Queiroz.
Luiz Albano d'Andrade Moraes.
Miguel Leite Ferreira Leão.
Miguel Ribeiro d'Almeida Vasconcellos.
Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.
Vicente Ferrer Netto Paiva.

SOCIOS CORRESPONDENTES.[1]

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

O Beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão, *em Obidos.*

Guilhermino Augusto, *em Villa Real.*

João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens, *em Lisboa.*

João da Cunha Neves de Carvalho, *em Lisboa.*

Joaquim Januario de Sousa Torres e Almeida, *em Braga.*

José Julio de Oliveira Pinto.

José Joaquim dos Reis e Vanconcellos, *em Lisboa.*

Levy Maria Jordão, *em Lisboa.*

Luiz José de Vasconcellos Azevedo e Silva Carvajal, *em Lisboa.*

[1] São *unicamente* considerados socios *correspondentes*, os que teem satisfeito ás seguintes disposições dos Estatutos.

« *Art.* 13. Aos *correspondentes* incumbe:

1.° « Dar conta *annualmente* ao Instituto dos trabalhos « scientificos, litterarios e artisticos, que no decurso do « anno houverem feito.

2.° « Remetter no fim de cada *dois annos* uma memoria « original para ser publicada pelo Instituto.

« *Art.* 15. Deixarão de pertencer ao Instituto os socios, que faltarem ás disposições d'estes Estatutos. »

CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS.

Antonio Ferreira de Macedo Pinto, *no Porto.*
Antonio Maria Barbosa, *em Lisboa.*
Bernardino Antonio Gomes, *em Lisboa.*
Carlos Ribeiro.
Daniel Augusto da Silva; *em Lisboa.*
Francisco Antonio Rodriguez de Gusmão, *em Alpedrinha.*
Francisco José da Cunha Vianna, *em Lisboa.*
Joaquim de Sancta Clara Sousa Pinto, *no Porto.*
José Francisco da Silva Pinto, *na Louzã.*
José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio, *no Porto.*
José Joaquim da Silva Pereira Caldas, *em Braga.*
José Victorino Damasio, *em Lisboa.*
D.r Welwicht, *em Angola.*

CLASSE DE LITTERATURA BELLAS LETRAS E ARTES.

Alexandre Magno de Castilho, *em Lisboa.*
Amandio Tude Barreto Feio, *no Porto.*
Antonio de Serpa, *em Lisboa.*
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, *em Leiria.*
Francisco Antonio Rodriguez de Gusmão, *em Alpedrinha.*
Guilhermino Augusto, *em Villa-Real.*
João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens, *em Lisboa.*
João da Cunha Neves e Carvalho, *em Lisboa.*
João de Lemos Seixas Castello-Branco, *em Lisboa.*
Joaquim Januario de Sousa Torres e Almeida, *em Braga.*
Joaquim Lopes Carreira de Mello, *em Lisboa.*
José Fructuoso Ayres de Gouvea Osorio, *no Porto.*
José Joaquim da Silva Pereira, *em Braga.*
José Julio de Oliveira Pinto.
José Tavares de Macedo, *em Lisboa.*
Levy Maria Jordão, *em Lisboa.*
Luiz Augusto Rebello da Silva, *em Lisboa.*
Luiz Bravo d'Abreu e Lima, *em Vianna.*
Marcelliano Ribeiro de Mendonça, *no Funchal.*

DIRECÇÃO DO INSTITUTO.

Sessão de 16 *de dezembro de* 1854.

Foi encarregado o Socio Correspondente, o snr. Marcelliano Ribeiro de Mendonça, do elogio funebre do Socio Honorario fallecido, o snr. Visconde d'Almeida Garrett.

Foram approvadas definitivamente as differentes propostas para a admissão de alguns novos Socios.

Discutiram-se e approvaram-se as contas da gerencia administrativa da Direcção, para serem presentes á assemblea geral.

Mandou-se publicar no Jornal do Instituto do 1.º de janeiro, a Relação nominal de todos os Socios Honorarios, Effectivos, e Correspondentes, de que actualmente se compõe o Instituto.

Sessão de 23 *de dezembro.*

A nova Direcção depois de installada procedeu á nomeação dos tres Directores do Gabinete de Leitura, e da Commissão revisôra do Jornal. Foi nomeada tambem uma Commissão provisoria para a redacção do *Instituto*, composta dos snr.s Miguel Ribeiro de Almeida e Vasconcellos, Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, e José Maria de Abreu, Directores das tres Classes; dos dois Secretarios do Instituto, os srs. Jacintho Antonio de Sousa, e Joaquim Alves de Sousa, e dos Secretarios e Vice-Secretarios das Classes, os snr.s Adriano de Abreu Cardoso Machado, M. Bernardo de Sousa Ennes, A. Ayres de Gouvea, J. S. da Silva Ferraz, A. A. da Costa Simões, e Mathias de Carvalho, commissão que sob a presidencia de um dos Directores das Classes, por turno, entrará logo em exercicio, e continuará os seus trabalhos até se proceder definitivamente ás competentes eleições.

Sessão de 26 *de dezembro.*

Foi encarregado do expediente litterario do Instituto o secretario J. Alves de Sousa, e do de contabilidade o sr. secretario Jacintho Antonio de Sousa.

Foi auctorisado o Thesoureiro para, de combinação com o Secretario de contabilidade, tomar as providencias necessarias para regular as contas de receita e despesa, devendo o Thesoureiro prestal-as á Direcção todos os trimestres.

Resolveu-se, que quanto antes se convocassem as differentes Classes para se designarem os competentes pontos para assumpto de discussão, memorias e cursos de leitura.

O Secretario,
J. Alves de Sousa,

INSTITUTO DE COIMBRA.

Sessão de 31 *de dezembro de* 1854.

Convocou-se extraordinariamente o Instituto e foi presidido pelo sr. vice-presidente Francisco de Castro Freire, que declarou ser o objecto daquella sessão plena deferir ao requerimento que lhe fizeram alguns socios das differentes classes — que a Sociedade auxiliasse as commissões creadas com o generoso intuito de erigir um monumento ao falescido visconde d'Almeida Garrett, socio honorario do Instituto, e que, approvada esta idêa, provesse aos meios de a realisar.

A primeira parte da proposta foi desde logo approvada plenamente, e á cerca da segunda, fallaram os srs. A. Ayres de Gouvêa, Jacintho A. de Sousa, Miguel Ribeiro de Vasconcellos, Adrião P. Forjaz de Sampaio, José Maria d'Abreu e Rodrigo de Sousa Pinto, e foi votado que a Mesa auxiliada pelos secretarios e vice-secretarios das classes procurasse obter, por subscripções ou qualquer outro modo conveniente, os meios adequados ao fim que se deseja alcançar; que depois a Mesa daria parte ao Instituto dos seus trabalhos, e então se resolveria a qual das commissões existentes seriam offerecidos esses meios; e que finalmente, no dia em que fosse lido o elogio funebre do socio finado, o seu busto ou o seu retrato fosse collocado na sala das sessões solemnes do Instituto.

O Secretario,
J. Alves de Sousa.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

Sessão de 30 de dezembro de 1854.

Presidente — o Director da classe, o sr. Miguel Ribeiro d'Almeida Vasconcellos. — Ordem do dia — Designação dos pontos para as discussões da classe e para as memorias dos Socios — nomeação de Comissões na forma do art. 26 §. 1.º do Regulamento.

O Secretario por ordem do sr. Presidente deu parte, á classe, dos trabalhos que havia feito sobre os pontos, e leu os que, tendo sido nos annos anteriores designados pela mesma classe, haviam ficado por tractar, e apresentou outros novos, que submetteu á censura da classe. Mais pontos foram tambem apresentados por varios socios. Não sendo possivel discutir-se de improviso tantos, e tão diversos assumptos; resolveu-se 1.º que se elegessem commissões para dos pontos existentes e de outros que fossem apresentados pelos socios, escolherem os que mais proprios julgassem para as discussões e memorias, dando sobre elles os seus pareceres; 2.º que as commissões se limitassem em seus pareceres a emittir juizo a respeito dos pontos, que houvessem escolhido, sem fazerem menção dos outros, ficando salvo aos socios, que julgassem com este silencio prejudicados os interesses da sciencia, o direito de provocar na classe a discussão sobre os pontos omittidos pelas commissões; 3.º que os socios que houvessem de apresentar alguns pontos, os dirigissem ao secretario da classe para este os distribuir pelas commissões a que pertencerem, sem referir o nome dos socios que os appresentaram; 4.º que as commissões para tractarem d'este objecto, fossem as mesmas que na fórma do regulamento deviam de ser eleitas n'esta sessão; 5.º que estas commissões constassem de tres membros cada uma.

Procedendo á nomeação das commissões, foram eleitos: Para a commissão de sciencias moraes, os snrs. Joaquim Alves de Sousa, e Antonio Ayres de Gouvêa, e Manoel Eduardo da Motta Veiga.

Para a commissão de jurisprudencia, os srs. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, Alexandre Meirelles do Canto, e José Adolpho Trony:

Para a commissão de sciencias economicas e administrativas, os srs. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, Bernardo de Serpa Pimentel, e Jacintho Antonio de Sousa.

O sr. Presidente levantou a sessão, era meia hora depois do meio dia, dando para ordem do dia da seguinte sessão — Pareceres das commissões sobre os pontos.

O Secretario,
Adriano d'Abreu Cardoso Machado.

CLASSE DE LITTERATURA.

Sessão de 30 de dezembro 1854.

O sr. J. M. de Abreu, Director da Classe, abrindo a sessão, motivou esta reunião, mostrando a necessidade de se apresentarem pontos para *memorias* e *discussões* que dessem lustre á corporação quer docente quer discente, por isso que muito para a honrar eram bem elaboradas memorias e brilhantes discussões, como as que, dois annos ha, se travaram eruditas e instructivas sobremaneira para esta mocidade que se vota á carreira das letras. — Em seguida convidou os presentes socios a remetterem ao Secretario da classe os pontos que lhes aprouvesse, para, conjunctamente com os já existentes de ha dois annos, serem remettidos ás respectivas commissões em que está dividida a classe.

O sr. Sousa Pinto ponderou a gravidade e maxima attenção, com que as commissões deviam proceder na revisão dos pontos já consignados no *Instituto.*

O sr. Castro Freire, concordando com o antecedente orador, disse que *pontos* podia haver, que por concurso de circumstancias, sendo muito para appreciar ha dois annos, se apresentariam hoje sem interesse, e que por esses deviam de cortar as commissões.

O sr. Presidente e o sr. *Adriano Machado* roboraram com alguns argumentos este incidente explicativo, e findo elle passou-se a nomear as duas commissões — de *Litteratura,* — e de *Bellas-letras* — ficando addiada sob proposta, approvada, do sr. *Castro Freire,* a eleição da commissão de — *Bellas-artes.*

Foram nomeados para a commissão de litteratura: os srs. Adrião Pereira Forjaz Sampaio, Adriano d'Abreu Cardoso Machado, e Joaquim Simões da Silva Ferraz. E para a de bellas-letras: os srs. Francisco de Castro Freire, Henrique O'Neill, e Antonio Ayres de Gouvêa.

O sr. *Jacintho A. de Sousa,* fazendo algumas considerações sobre o estado da nossa litteratura, mandou para a mesa uma these. O *Secretario da classe* annunciou tambem algumas theses, que, regularmente redigidas, levaria ás respectivas commissões.

Finda a ordem do dia — pontos para memorias, e discussões: o sr. *Castro Freire,* bosquejando quanto as letras patrias deviam aos esforços do V. d'Almeida Garrett, socio honorario do Instituto, mostrou que o Instituto não devia ficar indifferente, quando no paiz se faziam esforços para erigir um monumento á memoria de tão illustre escriptor.

O sr. *Presidente* ponderou que, só á assembléa geral competia resolver sobre tal objecto; mas que de certo esta idéa era bem vinda para o Instituto: alguns dos socios presentes, logo requeram, segundo os estatutos, a convocação da assembléa geral.

O sr. *Presidente,* dando para ordem do dia da sessão immediata — Pareceres das commissões sobre os pontos para as memorias e discussões, levantou a sessão ás 2 horas.

O Secretario, *A. Ayres.*

UMA LAGRYMA.

Ha existencias privilegiadas para quem o termo da vida é o principio d'ellas. O sr. Almeida Garrett é uma d'essas raras existencias. O talento do insigne escriptor, com quanto bemquisto sempre, só agora começa a ser devidamente apreciado. Não tardará que se faça justiça inteira aos dotes do seu coração como já se faz aos da sua intelligencia.

Finou-se como christão e celebrou-se isso!

Não é porém a sua contrição de catholico, o que eu acho mais digno de que se registre; não me pasmei d'ella: o poeta não descreu nunca, não ha de jámais descrer da Divindade. O que eu desejaria era que se reconhecessem as virtudes sociaes do sr. Almeida Garrett, assim como se reconhecem os seus talentos.

Teve fraquezas d'homem; quem ha ahi que as não tenha? Mas possuiu virtudes, que muitos, talvez d'quelles mesmos que ellas mais abrigavam, fingiam não conhecer. Sabia elle de seus detractores; a sua bôcca porém nunco se abriu para deprimil-os; nem suas queixas foram jámais acrimoniosas. Em todo o tempo que gozei, quasi que diria da sua intimidade, nunca lhe ouvi proferir uma injuria; ao contrario, muitas vezes admirei vel-o corrigir a satyra, se acaso era feita em sua presença, contra os mesmos que menos justiça lhe faziam. Nem sei de nenhuma offensa que jámais practicasse!

As paixões mesquinhas do odio e da inveja, tão communs entre os homens, tão vulgares hoje entre nós, não as sentia o sr. Almeida Garrett. Cavalheiro em seus brios, amenissimo em seu tracto, modesto na familiaridade; d'uma generosidade d'animo pouco vulgar; d'uma lealdade provada: pae extremoso; amigo e protector sincero e por gosto intimo de todos os homens de lettras e artistas, indaguem d'uns e outros se as qualidades moraes que mencionei as não tinha d'alma e coração o sr. Almeida Garrett.

Não teço porém o panegyrico d'um homem; lamento a perda de um amigo; choro com o paiz a falta de um grande escriptor.

Verdadeiramente grande! que não ha em prosa escripto seu, que não seja um modêlo d'elegancia e de stylo: nem em verso producção sua, que não tenha o cunho da inspiração e do bom-gosto. Em verso e em prosa não deixou obra, que não seja exemplar gracioso do genero em que foi escripta. E em todos elles, quasi em todos, escreveu o sr. Almeida Garrett: se nem sempre com egual felicidade, — seria impossivel, — sempre com superioridade notavel, — não podia deixar de ser.

As suas obras, que são muitas, mais e muitas mais poderiam ser, se á litteratura houvera só consagrado, como devêra, o seu grande talento, e a sua existencia. Teria então faltado á tribuna parlamentar um dos seus mais eloquentes ornamentos; mas a lingua e a poesia patria teriam tido mais alguns bellos modelos a seguir, e mais alguns brilhantes monumentos em que glorificar-se. Que não fôra se não acabando o grande numero de manuscriptos, que havia começado; as bellas coisas que tinha traçadas...

Mas foi curta a vida do sr. Almeida Garrett! E a todos os respeitos pena foi! que se ella mais longa fôra, poucos annos mais de desengano, o fariam por ventura volver inteiro para as lettras, d'onde, oxalá! nunca tivera sahido!

Infelizmente, porém, o sr. Almeida Garrett foi tocado da lepra da sua epocha. Figurou-se-lhe que entre homens que se deixavam deslumbrar por ouropeis e lentijolas, as riquezas do espirito só, por esplendidas que fossem, não bastavam para brilhar. O seu espirito elevado não lhe consentia ver-se confundido nas turbas. Desconfiou do futuro; e sorrindo do presente — nem uma intelligencia d'aquellas podia deixar de sorrir d'elle — conformou-se com a *moda;* quiz ser do seu tempo, e..... sacrificou a Baal!

Não o censurâmos por isso: chorâmol-o por nós, e pela lingua portugueza!...

Mas o sr. Almeida Garrett deveria ter confiado mais na posteridade...

Eil-a ahi que surge!

Do sr. Almeida Garrett já não lembra a farda de ministro, nem o brazão de visconde, nem os arminhos de par; mas não esquecerão mais os trechos do elegante prosador, as strophes do mimoso poeta. O fausto do *publicano* lá vae desfazer-se, como o pó do cadaver, nas lajes do tumulo: as graças da inspiração ahi vão perpetuar-se, como a eternidade do espirito, na memoria dos homens.

Uma coroa de perpetuas ao poeta.

Um ramo de saudades ao amigo.

Coimbra, 17 de Dezembro de 1854.

J. M. S. LEAL.

MOSTEIRO DA VACCARIÇA.

Ordem Religiosa do Mosteiro da Vaccariça e sua qualidade de mosteiro duplex.

Continuado de pag. 208.

Sobre a primitiva ordem religiosa do Mosteiro da Vaccariça, encontra-se nos chronistas a mesma divergencia, que já notei sobre a sua fundação. Não temos a certeza, como disse, de quando se fundou este mosteiro, nem mesmo se o fundador foi algum dos apontados Paulo Orozio ou Lucencio. Tendo sido fundado por Paulo Orozio, teria sido primeiro da ordem de Sancto Agostinho, a que pertencia aquelle eremita celebre; e, se foi fundado por Lucencio ou por outros monges benedictinos, a sua ordem primitiva teria sido a de S. Bento.

Na falta de bons documentos, que sirvam directamente para esta questão, os chronistas a tem subordinado á questão mais geral sobre a épocha do estabelecimento dos benedictinos na Hespanha. Fr. Antonio da Purificação quer que só depois da reformação de Clune, em 910, apparecessem na Hespanha os primeiros monges benedictinos; e Fr. Leão de S. Thomaz, com os mais chronistas, que tenho citado, pretende que já alli os houvesse mais de 300 annos antes d'aquella reforma.

Em favor da primeira opinião vem uma escriptura, feita no anno de Christo de 781, entre o abbade do Mosteiro de S. Vicente de Ovedo e 23 noviços ou monges que entraram n'este mosteiro[1]: uma escriptura que fez Adelgastro, filho d'Elrei D. Silo, no anno de Christo de 180, ao Mosteiro de Nossa Senhora d'Obona[2] (Asturias): outra escriptura ou privilegio de D. Ordonho, Rei de Leão, ao Mosteiro de S. Pedro de Montes (Galliza), no anno de Christo de 198[3]: e uma doação d'ElRei D. Affonso Magno e sua mulher D. Ximena ao Convento de S. Facundo (no reino de Leão), no anno de Christo de 905[4].

Em todas estas escripturas, doações e privilegios anteriores a 910, os monges e mosteiros Hespanhoes, a que se referem, são tractados como mosteiros e monges de S. Bento. Por outro lado, para mostrar que só depois de 910 se estabeleceram os benedictinos na Hespanha, aponta Fr. Antonio da Purificação um privilegio de D. Ramiro, Rei de Leão, concedido ao Bispo e Cabido da mesma cidade no anno de Christo de 946[5], e outro privilegio de D. Sancho Ramires, Rei d'Aragão, ao Mosteiro de S. Salvador de Leire (Navarra) no anno de Christo de 1070[1].

N'estes privilegios, dizendo-se que a ordem de S. Bento viera do Mosteiro de Clune para estes sitios, parece mostrar-se que só depois d'esta reforma se estabeleceram na Hespanha os monges benedictinos; mas, vendo-se por outro lado a clareza com que os outros documentos apontados mostram a opinião contraria, parece não haver outro meio de saír d'esta contradicção, talvez apparente, a não ser a lembrança de que, tendo sido a reformação de Clune uma reforma tão capital da regra de S. Bento, e tendo feito de certo modo esquecer a primitiva instituição da ordem benedictina, pelo credito e vulto que tomou em toda a Christandade, e por ter sido abraçada em todos os mosteiros benedictinos, pode crer-se que, marcando esta reforma uma nova era na ordem de S. Bento, o mosteiro de Clune fosse considerado como a fonte da ordem benedictina para todos os mosteiros que a abraçaram, ainda mesmo para aquelles que anteriormente observassem a primitiva regra de S. Bento. Se d'este modo podér salvar-se a contradicção d'aquelles documentos, poderá admittir-se a existencia dos monges benedictinos na Hespanha antes de 910[2]; mas ainda assim, mostrada a possibilidade de ter sido benedictina a primitiva ordem religiosa do Mosteiro da Vaccariça, não póde affirmar-se que o fôra, por falta de documentos que directamente o provem, e ainda mesmo pela obscuridade historica da sua fundação e sua existencia até ao fim do seculo 10. Ainda na epocha do melhor conhecimento do Mosteiro da Vaccariça, dos principios do seculo 11 em diante, não achei provas directas de ser então de S. Bento o Mosteiro da Vaccariça; mas apparece, em muitos documentos d'esta epocha, o chefe da corporação com o tractamento de abbade, de prior, e de preposito; e a regra do mosteiro,

[1] O Abbade, n'esta escriptura, declara aos noviços que 20 annos antes tinha edificado aquelle mosteiro, recebendo a regra de S. Bento para a guardar, e que na mesma conformidade os recebia. *Coronica General de la orden de San Benito, Patriarcha de Religiosos* por Frey Antonio de Yepes — Appendix do tom. 3.° Escript. 11.

[2] N'esta escriptura, diz Adelgastro que institue este mosteiro — « ad honorem Dei, et Beatae Mariae .... et Sancti Benedicti Abbatis, cujus ordinẽ in ipso monasterio instituimus... » Yepes. Appendix do tom. 3.° Escript. 17:

[3] « Nos Arnulphus Episcopus Astoricensis sedis ordinavimus pro consecrationis officio Abbatem nomine Gennadium, dedimus que ei Regulam observationis sanctæ vitæ ..... et omnem doctrinam deificam constitutam in Regula beati Benedicti, quam eis obseruandam tradidimus, cum cunctis, sibi subiectis monachis retinendam iniũgimus: hanc iure monastico obseruare elegimus .... » —Yepes. Appendix do tom. 2.° Escript. 14.

[4] Os doadores, depois de terem referido a doação ao abbade do mosteiro, accrescentam — « y es nuestra voluntad, que tenga cuydado del dicho Monasterio, y le rija, y haga guardar la vida monastica conforme la regla de San Benito » — Yepes. tom 3.° centuria 3.ª cap. 2 folh. 169.

[5] « Volumus nanque, et ordinamus, quod Regula Sancti Benedicti quæ utique per inclytos Monachos Cluniacenses ad nostras Ecclesias recenter aduenisse perhibetur, in universis nostrae ditionis finibus deuote, ac benigne prout cõvenit, hospitetur, et faueatur .... » Chronica dos Erem. de Sanct. Agost. — tom. e part. 2.ª liv. 4.° tit. 3.° §. 12.

[1] « Nunc igitur ego humillimus seruorum Dei seruu dono Dei Sanctius Rex Monasterium Sanctis Saluatoris de Leire corroboro Abbati Sanctio etc. talia priuilegia, præcepta, et decreta, et libertates, qualia habet Cluniacense Monasterium, de cujus Sanctissimo fonte Ordo Beacti Benedicti in his partibus prius emanauit. » — Chron. dos Erem. de Sanct. Agost. — tom. e part. 2.ª liv. 4.° tit. 3.° §. 12.

[2] Fundado no mesmo principio de não terem entrado os benedictinos na Hespanha senão depois de 910, Fr. Hermenegildo de S. Paulo diz, que o Mosteiro de Lorvão fôra da sua ordem (Monachato Bethelmitico ou Monachato Jeroniminiano) até ao anno de 1000 (Chron. dos Carm. Descalços. tom. 2.° liv. 4.° cap. 15.° — pag. 85). O auctor pretende que tanto este de Lorvão, como todos os mais da Hespanha, e por conseguinte o da Vaccariça, fossem da sua ordem até áquella epocha. Em vista do desinvolvimento que tenho dado a esta questão, e da nenhuma importancia que a citada chronica dá a esta asserção de Fr. Hermenegildo, posso a talvez reputar como simples conjectura, que não merece exame serio.

denominada regra sancta, d'onde inferiram os chronistas, e modernamente os srs. Velho de Barbosa, e Miguel Ribeiro [1], que n'esta epocha era de S. Bento a ordem religiosa dos monges da Vaccariça; reforçando o snr. Velho de Barbosa a sua opinião com uma especie de profissão, conforme á regra de S. Bento, feita pelo presbytero Randulfo e o monge Pedro, n'uma escriptura de compra e venda ao abbade Todildo [2].

Não sei até que ponto poderemos confiar n'estes fundamentos. Os titulos de abbade, prior e preposito tiveram applicação, segundo os diccionarios, que pude consultar, a differentes dignidades das corporações religiosas indistinctamente, e alguns a parochos de certas egrejas, e a differentes cargos civis, e até a postos militares. O tractamento de abbade, segundo Fr. Antonio da Purificação, não era exclusivo da ordem de S. Bento, pertencendo egualmente na primitiva ás antigas ordens de S. Basilio e Sancto Agostinho [3]. E, se no concilio de Constantinopla, em 448, assignaram vinte e tres abbades, como assevera a *Bibliotheca do homem d'estado e do cidadão* [4], não foram de certo dos monges benedictinos, cuja ordem n'esta epocha ainda não era instituida [5]. O titulo de prior competia em alguns conventos ao primeiro director do mosteiro, e n'outros ao director immediato; mas apparecia este tractamento nas differentes ordens de S. Basilio, Sancto Agostinho, S. Bento, S. Jeronymo, nas ordens militares de S. Tiago, Calatrava, Alcantra, etc. competia egualmente aos cabeças dos consulados estabelecidos em Andaluzia, Lima e Mexico, encarregados de las *Flotas y Galeones* e o mais que dizia respeito ao commercio da India [6]. Tambem se chamavam priores os primeiros magistrados de muitas cidades da Croacia e Dalmacia, havendo alem d'isso, n'aquelles tempos antigos, differentes cargos civis com o titulo de prior [7]. O tractamento de preposito, nos mosteiros de differentes ordens, dava-se antigamente como titulo de dignidade, immediato ao de abbade, e éra tambem assim designada uma dignidade ecclesiastica nas cathedraes; mas competia além d'isso entre os romanos a differentes cargos civis e militares e ainda mesmo a differentes empregos do serviço particular dos Imperadores [1].

Com uma applicação tão commum nas ordens religiosas, e tão extensiva a diversos cargos civis e militares, ainda que mais usados n'uma dada ordem, estes titulos em qualquer mosteiro, não podem demonstrar a natureza da sua ordem religiosa. A latitude de suas accepções deveria ter-lhes tirado uma significação restricta; e, considerados estes titulos como synonymos de chefe ou director de qualquer corporação, não admira que se adoptassem arbitrariamente em differentes conventos, qualquer que fosse a sua ordem religiosa.

Continúa. A. A. DA COSTA SIMÕES.

[1] Memorias citadas d'estes dous auctores.

[2] Livro Preto — folh. 81 v. Vem copiada na Memoria Historica do Mosteiro de Leça — documento n.º 3.

[3] Chronica dos Erem. de Sanct. Agostinho — tom. e part. 2.ª — addição — §. 4.

[4] Dictionnaire Universel des sciences morale, economique, politique et diplomatique; ou Bibliotheque de l'homme d'état et du citoyen — 1777 — v. Abbé.

[5] Veja-se o artigo — Fundação do Mosteiro da Vaccariça. —

[6] Diccionario de la Lengua Castellana etc, compuesto por la Real Academia Hespanola — 1737 — v. Prior.

[7] Glossarium ad scriptores mediæ et infimæ latinitatis. Autore Carolo Dufresne, Domino Du Cange — 1734. Prior Juratorum — Prior Loci — Prior Forensis — Prior Provincialis, etc.

[1] Bluteau. Vocabulario Portuguez e Latino 1720. — Moreri. Diccionario historico, o Miscellanea curiosa de la historia sagrada y profana, traducido por D. Joseph de Miravel y Casadevante. 1753 — Præpositus monetæ — Præpositus fabricæ — Præpositus militum — Præpositus auxiliorum — Præpositus Palatii — Præpositus camaræ regalis ou cubicularius — Præpositus mensæ — Præpositus fibulæ — Præpositus bastagæ, etc, etc.

[2] Capitulos do alcorão.

AS MULHERES DO ISLAM, E AS MULHERES CHRISTÃS.

« Como é formosa a mulher do Oriente, Haydêa, Guinara, ou Médorah! formosa como o sonhar do poéta!

Vêde-a . . . . . É noite. Desceu aos jardins do *harem*; atravessa lentamente as longas ruas; e pára, por alguns instantes, debaixo dos limoeiros e jasmineiros floridos. Olhou para o céo. Que de humidas chamas em seus grandes ólhos negros, melancolicos, brilhantes e meigos, como os ólhos da gazela do seu paiz!

Agora que já não teme vistas indiscretas, deixa nas mãos das odaliscas o *iasmak* branco que lhe véla o rosto, e o *féredjé* que lhe esconde o talhe nas vastas pregas. Sua vestia, de largas mangas reviradas, entretecida de flôres de prata, entreabre-se no peito, e deixa ver uma camizinha de gaze, tão fina que não soffre o tacto, e scintilante; — um raio de luz e um sôpro entretecidos. O *chaluar* fluctuante desce-lhe até aos pés, cuja ponta se lhe esconde em *terliks* semeados de pérolas. Anneis de prata sôão em seus artêlhos nús. Seu braço, esculturado em marmore vivo, abandona-se ás mordeduras d'uma serpente de saphyra com a cabeça de rubis. Seus dedos estão carregados d'anneis, sobre os quaes o habil artista gravou as *suratas* [2], que fazem amar.

Duas longas tranças negras, entremeadas de sequins d'oiro, escapam-se do *tarbousch* escarlate, e perfumam o ár que as afaga. Advinha-se que basta querer para que lhe obedeçam; e que arrastaria o mundo com um

só cabello do seu collo—*uno crine colli sui*, como diz tão bem a Escriptura.

Eis ahi o retrato d'um modêlo entrevisto pelo prisma da imaginação.

Eis aqui outro que não é menos verdadeiro; e egualmente tirado da natureza viva.

É meio dia, e as escravas ainda não levantáram o cortinado de sêda diante das janelas da *oda*. Ainda não é dia para as *cadinas* preguiçosas. Uma dellas no entre tanto bate n'uma campainha de cobre: as escravas correm; abre-se á luz. Guinara ospreguiça seus braços ociosos.

Creio que Haydea bocêjou. Apresentáram a Médorah o *narghileh* da Pérsia, carregado de *tombaki;* cujo fumo leva as horas pesadas, e prolonga, atravéz do dia, o sonhar voluptuôso da noite. Depois do *narghileh* servir-se-hão as conservas perfumadas, os sorvêtes de neve, e os copos de rozas liquidas.

Assim começa, assim acabará o dia. Nunca um livro: Médorah não sabe lêr. Nunca uma agulha: a favorita não trabalha. Emquanto á casa, essa vai como póde, entregue ás escravas que a roubam. E para que ha de occupar-se da fortuna do senhor, cujo repudio, sem appellação, póde, a cada instante, separaral-os? Os meninos semi-núS (belos meninos, realmente!) brincam de mistura sobre esteiras do Egypto, e rolam-se sôbre tapêtes de Lahore. A mãe nada tem que lhes ensine: ella nada sabe.

Uma amiga vem visital-a: não se conversa —o Oriente conversa pouco, isso cansa;— mas fazem-se desdobrar as sêdas de Brousse, os gazes d'Argel, e os chales da India; abrem-se os cofres de joias scintilantes; provam-se colares; ostentam-se perolas d'Ophir, e diamantes de Golconda. A amiga tem inveja: isto faz passar uma ou duas horas! Depois, pela porta encoberta, introduzem-se as *almês*[1], peritas na arte de commover, que cantam as canções lascivas, e dansam os passos provocantes.

A noute chega, o senhor vem;—ou não vem. Ámanhã será, como hôje, como hontem, como sempre!

Tal é a vida dos ricos! A dos pobres não é melhor: tem de menos o verniz da elegancia com que a riqueza adorna seus vicios; tem de mais a horrivel miseria que púne sempre a preguiça do pobre!

O marido é ausente, vive pouco em casa; encontra-se no café, na mesquita, debaixo das arvores, ou á bórda das fontes; foge da vida interior. A mulher levanta-se; o seu primeiro cuidado é mandar buscar o tabaco para o dia:—o pão virá mais tarde,—se restarem algumas piástras em casa. O *tchibouck*, uma vêz accêso, não se apagára senão á noite. A mulher sentá-se, de braços caídos, e pernas cruzadas, no seu *divan* esburacado; e deixa passar as horas, seguindo, com um olhar distrahido, a loura espiral do fumo. Os meninos esfarrapados gritam e choram a um canto. Algumas pancadas, distribuidas ao acaso, mas com mão vigorosa, restabelecem o silencio e a páz. Uma velha escrava negra reparte-lhes uma salada verde ou alguma talhada de melancia. A mãi fuma sempre. O marido entra: se não sentir em suas ilhargas o aguilhão do desejo, não terá para com sua mulher, fria e taciturna, nem um surriso, nem um lançar d'olhos!

Eis ahi tambem um esbôço verdadeiro da vida oriental!

Não serei eu todavia, que lançarei a primeira pedra á mulher mussulmana. Aqui, como em outras partes, a mulher é victima das leis opressivas, que o homem fez para si, e contra ella.

Entretanto saibam-no bem: a condição social das mulheres é a pedra de toque da civilisação d'um pôvo; os mussulmanos são punidos por onde peccam. A mulher mussulmana não é a companheira do homem, respeitada a par com elle, sua amiga ao mesmo tempo que sua amante; não é mais que o instrumento aviltado do prazer; é uma coisa; compra-se, troca-se, revende-se. Não é jámais a espôsa, segundo o espirito, admittida a esta communhão das coisas humanas e divinas, que, na linguagem energica e grandiosa do direito romano, se tornára a mesma definição das justas nupcias. É verdade que a mulher mussulmana não sente sempre o pêso de suas cadêas: quando joven e bella, a cadêa é de rosas do prazer: mais tarde adormecer-se-há no torpôr embriagante do opium.

Quanto a mim, sempre me parecêram mais para lamentar-se os que não sabem que são miseraveis.

Mas este systema egoista dá segurança ao mais grosseiro, assim como ao mais cégo dos ciúmes aquelle que se crê sufficientemente protegido por uma grade, ou por uma chave; que toma por pudôr a reclusão; e que não distingue entre a escravidão e a fidelidade!

Nós impômos menos, e pedimos mais; havemos mistér da castidade voluntaria e d'uma fé conjugal, que nasça do amor, ou pelo menos do dever: quanto á segurança pela reclusão, nem os grandes corações se resignam a ella, nem as almas melindrosas se contentam com ella. Ah! comprehendo agora, que o arabe nem mesmo tenha palavra para exprimir o sexo desprezado; e que, para annunciar o nascimento d'uma filha, diga aos amigos: *Nasceu-me uma desgraçada!*

Comparae agora á mulher degradada do *islam* á mulher tal como a civilisação christã nol-a faz, egual a todos os deveres, e superior a todas as fortunas; dobrando o preço da sua preferencia pela independencia da sua escôlha; e ennobrecendo a mesma virtude pela liberdade que tem para não ser virtuósa.

[1] Bailadeiras

Antes do casamento, coròada de graças, amor dos seus, orgulho e alegria da familia; depois do casamento, inspiração, conselho e apoio do homem. Rica, é a rainha do mundo, com um leque por sceptro, adoçando pela sua só presença a asperêza das contendas viris, e sanctificando nossos costumes incertos, como se coisa nenhuma d'impuro podesse subsistir diante da luz de seus olhos. Administra a sua casa aos olhos de Deus, partindo pelos menos afortunados o que lhe sobêja das proprias necessidades. Livre, sái algumas vezes, sem que um marido suspeitôso queira saber para onde vai:.. mas os pobres sabem-no, e respondem-lhe por ella.

Desceis vós alguns degraus na hierarchia social? O luxo desapparece; já não vêdes as elegancias doiradas da vida; mas por toda a parte ao menos encontrais na casa um braço activo e industriôso; advinhais uma providencia amavel e familiar, um bom genio attento, ao qual nenhuma cousa jámais escapa, e que se multiplica com as necessidades, como para fazer-se tudo para todos.

Descei ainda, vinde á casa do pobre: é ahi talvez que a mulher mais desinvolve uma influencia feliz. A fôrça d'ordem, faz frente á sua miseria; as privações redobram, a mulher cresce na luta; e a esta humilde casa, aonde faltam tantas coisas, ella dará ao menos a ultima alegria dos ólhos, a perfeita limpêza; e em quanto aos que soffrem juncto d'ella, se não lhe é dado cural-os, ao menos consola-os, amando-os!

(*La terre sainte, voyage des quarante pelerins de* 1853, *par Louis E'nault. X. pag.* 197).

Quizeramos dar uma breve noticia deste livro curiosissimo, que por acaso nos veiu á mão, e do qual não temos ouvido falar. Parecêu-nos que o breve trêcho, que ahi fica trasladado, era mais expressivo que quaesquer arrazoados e encarecimentos.

Os quarenta peregrinos escolhidos, pertencentes ás primeiras classes da sociedade, de cuja romaria, de Paris a Jerusalem, falláram muito no anno proximo os jornaes religiosos; e que visitáram os logares sanctos em uma epocha notavel, por isso que a sua viagem coincide com o comêço da guerra do Oriente, tiveram um narrador digno delles.

L. Enault pinta com traços de fôgo, não menos rapidos do que vivos e penetrantes, os sitios, os sanctuarios, e sobretudo os costumes do arabe, do turco, do christão, do scismatico, e do judeu. Aos quadros, ora atractivos, ora medonhos e temerósos, d'um paiz tão abundante em recordações, como original nos usos e costumes, o auctor sabe entremear prudentes reflexões, que não agradam menos pela brevidade, tão propria d'escriptos d'esta ordem, do que pela sensatez com que são feitas.

A. FORJAZ.

ORIGEM DO CALOR SOLAR.

O calor emittido pelo systema solar, diz M. Thomson n'uma Memoria de recente data [1], corresponde a um desinvolvimento d'energia mechanica, que no espaço de quasi cem annos equival ao total da força viva necessaria para produzir o movimento de todos os planetas. Mas qual é a origem d'esta tão poderosa acção? Será por ventura devida a um reservatorio de primitivo calor, ou a uma acção chymica, ou finalmente a massas em movimento? Na primeira hypothese a irradiação solar devia limitar-se precisamente ao sol, mas um tal reservatorio de calor primitivo achar-se-hia exhausto no espaço já decorrido de seis mil annos; nem tão pouco a acção chymica, ou a combustão entre os elementos da massa solar poderia alimentar a emissão de calor durante um tão longo periodo, e por consequencia não póde a irradiação solar attribuir-se nem ao calor primitivo, nem a uma combustão intrinseca. Os movimentos ordinarios, porém, da massa solar seriam tambem de per si insufficientes para satisfazer ás condições d'aquelle phenomeno, e por isso é forçoso admittir, que o movimento de corpos estranhos caindo sobre o sol, são a origem mais provavel d'aquella enorme porção de calor. Se a combustão fosse a causa do phenomeno, era necessario admittir que a materia combustivel lhe era fornecida por corpos exteriores; mas nenhuma materia póde vir dos espaços exteriores ao sol, sem produzir, só pelo facto do seu movimento, um calor milhares de vezes mais intenso do que, o que poderia resultar, quer de uma combustão entre os proprios elementos, quer de uma combinação com substancias, que primitivamente existissem no sol, excepto se ellas possuissem affinidades chymicas incomparavelmente superiores ás de todas as substancias terrestres e meteoricas até hoje conhecidas. Parece por tanto que é meteorica a origem do calor solar, e que resulta do movimento de meteoros, que cáem sobre o sol.

Waterston foi o primeiro que na ultima reunião da associação britannica em Hull apresentou aquella idêa sobre a origem do calor solar. Porém, se, como avançára Waterston, caissem dos espaços extraplanetarios tantos meteoros, que produzissem o calor actualmente emittido pelo sol, a terra no seu gyro teria tido muito mais frequentes encontros com esses meteoros, do que na realidade tem tido; e a accumulação de materias no centro do systema teria, no espaço dos ultimos dois, ou tres mil annos, causado no movimento terrestre uma acceleração, que os annaes da astronomia nos não permittem admittir.

Os meteoros, que alimentam o calor solar,

[1] *Mémoire sur l'énergie mecanique du système solaire.*

pelo menos desde o periodo historico, devem por consequencia achar-se no interior da orbita terrestre. São estes meteoros illuminados pelo sol, que se observam, quando este astro está cravado no horizonte, no turbilhão a que se dá o nome de *luz zodiacal*, que circula em torno do sol, e em sua revolução arrasta a atmosphera interplanetaria, de modo que a força centrifuga faz quasi equilíbrio á gravitação solar, excepto na proximidade da superficie do sol.

Provavelmente estes meteoros vaporisam-se a uma pequena distancia do sol em consequencia da alta temperatura d'esta parte do espaço, mas por fim perdem sua velocidade de rotação por causa da grande resistencia que experimentam, entrando na atmosphera solar; e condensando-se no estado liquido por effeito da gravitação solar, repousam sobre a superficie do sol.

A quantidade de calor assim produzida na região d'esta poderosa resistencia, pela quéda de uma dada porção de materias, excederá em metade do equivalente do trabalho produzido pela gravitação solar sobre uma egual massa, que caísse d'uma distancia infinita, uma quantidade egual ao calor latente, que se desinvolve durante a condensação, augmentado com o calor devido ás combinações chymicas que podem ter logar.

A segunda metade do trabalho produzido pela gravitação solar sobre os corpos, que cáem de uma distancia infinita (ou egual a um grande numero de vezes o raio do sol) dá pelo atrito o calor, que se espalha nos espaços interplanetarios.

Suppondo que a materia meteorica, de que temos fallado como causa do calor solar, se accumula á superficie d'aquelle astro com uma densidade egual á sua densidade media, até á espessura de 18 metros n'um anno, esta accumulação de materias não augmentaria com tudo as dimensões apparentes do sol mais de um segundo em quarenta mil annos, o que em dois milhões d'annos não faria maior differença do que se observa entre os mezes de junho e dezembro. Este augmento se ainda continua a ter logar do mesmo modo, qualquer que seja a densidade actual do deposito, deve ser insensivel desde os mais antigos periodos historicos até ás mais recentes observações: e para milhões d'annos futuros, as medidas do diametro solar, apparente, tomadas com a maior exactidão, não poderão dar prova óu argumento algum contra a theoria da origem meteorica do calor solar.

A temperatura quasi uniforme do sol em todas as partes da sua superficie é provavelmente devida a vaporisação dos meteoros, que, se existissem no estado solido, quando entram na região da intensa resistencia, parece, que deviam accumular-se em quantidade muito maior nas regiões equatoriaes, do que nas polares.

As manchas do sol são provavelmente o effeito de turbilhões, analogos aos tufões das regiões tropicaes na atmosphera terrestre, posto que produzidos por causas diversas, os quaes, em consequencia da força centrifuga, produzem durante certo tempo uma grande diminuição no deposito das materias meteoricas sobre porções limitadas da superficie do sol, e lhe permittem arrefecer-se pela irradiação, a ponto de comparativamente se apresentarem como sombras ou manchas.[2]

O D.r WELWICHT E O JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

O sabio e infatigavel naturalista, o D.r Welwicht, a quem o Jardim Botanico da universidade de Coimbra deve algumas das suas mais preciosas collecções de sementes, e plantas da Flora Angolense, acaba de offerecer a este Estabelecimento uma nova collecção de estacas bulbos, e sementes de vinte e quatro especies das mais raras e estimadas d'aquella Flora, alguma das quaes o illustre botanico assevera, que se não encontram em Jardim algum da Europa.

Os exemplares recebidos, chegaram em bom estado de conservação, e foram logo plantados com as necessarias cautelas em attenção ao excessivo frio da presente estação. Em quanto, porém, se não construir no Jardim Botanico uma estufa tal, como o pede um tão grandioso e importante Estabelecimento, é inevitavel a perda de algumas d'aquellas e d'outras especies de plantas d'Africa e d'Asia, que sem estufas, nem abrigadouros não podem resistir ao rigor dos nossos invernos.

Felizmente as côrtes votaram um subsidio para se dar principio á construcção d'aquella estufa; e se nos seguintes orçamentos continuar o mesmo subsidio, como é de esperar, dentro em poucos annos o Jardim Botanico da universidade se achará habilitado para conservar plantas de todas as partes do mundo, e promover a aclimatação das que mais uteis forem para a agricultura e para os diversos ramos da industria nacional.

Entretanto a Faculdade de Philosophia da universidade de Coimbra, justa avaliadora dos eminentes serviços, que o sabio D.r Welwicht tem prestado á historia natural, e em particular á botanica naquellas inhospitas terras d'Africa, e no meio de climas tão insalubres, não podia deixar de dar um so-

[2] *L'Institut*. I. sect. n.º 1085—oct. 1854.

lemne testemunho de louvor, e reconhecimento ao illustre naturalista, que tanto tem enriquecido os annaes da sciencia com suas importantes descobertas e estudos practicos, não só no reino, mas tambem nas nossas possessões ultramarinas, tão pouco conhecidas, se não quasi ignoradas debaixo do ponto de vista scientifico; e resolveu por isso unanimemente, que se fizesse muito honrosa e distincta menção, no livro das suas actas, do nome do snr. D.r Welwicht, e que o secretario do Conselho transmitisse ao Prelado da universidade uma copia authentica da respectiva acta, para ser remettida áquelle insigne botanico para sua satisfacção.

J. M. DE ABREU.

COMMISSÃO PORTUGUEZA

PARA A

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARÍS.

Á commissão central portugueza, a quem Sua Majestade el-rei, regente em nome do rei, confiou o honroso encargo de organisar a exposição dos productos da agricultura e da industria fabril de Portugal, na exposição universal de França, por este meio se dirige ao paiz, de quem essencialmente depende o bom exito da sua missão.

A commissão espera, que sendo conhecidos os fins grandiosos do encargo que lhe foi incumbido, bem como as suas intenções á cerca dos deveres que elle lhe impõe, o paiz lhe prestará o auxilio franco e decidido com que a mesma commissão contou ao acceitar uma responsabilidade, superior aos meios proprios de que poderia dispor, a fim de corresponder á confiança com que foi honrada pelo governo de Sua Majestade.

A exposição universal de París será, assim como foi a exposição universal de Londres, uma exposição geral do estado da civilisação do mundo, representado pelos recursos que as nações possuem no solo e no trabalho.

A commissão, depois de ter examinado os documentos que tem recebido da commissão imperial de França, póde assegurar ao paiz, que o character peculiar e importante da solemne exposição para que o convida—é o de uma verdadeira representação d'esses grandes recursos, que resultam do agrupamento de uma variedade infinita de productos naturaes, e da poderosa acção das tão variadas forças do trabalho. A exposição de París representará, por esta fórma, os elementos essenciaes da vida e do poder, que ao presente constituem e fortalecem as nacionalidades. — Existe portanto uma differença capital e patente a todas as intelligencias entre as exposições universaes, a que a commissão se refere, e as exposições nacionaes ou locaes, que eram conhecidas, antes da exposição de Londres. Os productos que se não admittem, por communs e demasiadamente conhecidos nas exposições de cada paiz, aquelles para que se não volta a attenção dos seus proprios possuidores ou productores, podem ser o objecto de serio estudo do sabio, na exposição dos productos do mundo, causando até novidade a muitas das pessoas que ahi concorrem para comparar, não os productos de uma mesma nação, mas os de quantas concorreram a expor o estado da sua industria.

A commissão julga indispensavel que o paiz, possuido completamente d'estas idéas, se não tenha por impossibilitado de acceitar o convite honroso, que a França lhe dirigiu, e que a mesma commissão tem a hônra de, por este meio, mais authenticamente levar ao seu conhecimento.

A commissão, fallando ao paiz a linguagem da verdade, intende ser possivel que Portugal figure honrosamente na exposição de París, e esta sua opinião é consequencia de um estudo prévio e demorado á cerca dos meios que temos para que assim aconteça.

A commissão não assevera, que remetterá para França primores de gosto, nem phantasias do genio; mas confia que a industria lhe fornecerá primores de trabalho, e optimas applicações de inventos uteis; não pensa em fazer demonstrar em París os prodigios da sciencia e do capital applicados á agricultura; mas tem a certeza de que o paiz lhe póde facilitar os meios de formar uma das mais valiosas e appreciaveis collecções de productos agricolas que se possam admirar em París. Não exporemos inventos que revolucionem a industria, ou dêem uma nova direcção ao commercio; mas não nos será difficil provar, que empregámos com vantagem e discrição as invenções importantes, que o genio das nações mais adiantadas tem posto ao serviço da intelligencia e do trabalho.

A commissão intende, que, firmes na força da nossa vontade, devemos ser modestos nos nossos desejos, não querendo cada expositor julgar-se desde logo com direito a um premio. Figurar n'aquella exposição, estar habilitado para ter um logar em que o seu nome se inscreva ao lado de um producto, em tão majestosa reunião dos tropheus memoraveis das victorias do talento e da vontade — é já mais do que um premio, é um titulo que ennobrece, porque significa que o expositor é util á humanidade, e que sabe honrar o nome da nação a que pertence. E bastam poucos exemplos para esclarecimento da idéa fundamental de todos os trabalhos da commissão. Uma medida de trigo portuguez sobre um apparador marchetado de composições, que se confundam com o metal, com a tartaruga, e com o esmalte, ao pé das sedas maravilhosas de Lyão, cercada dos bronzes em que o gosto do desenho se manifesta em caprichos phantasticos, significa para o economista um ponto serio de estudo, dizendo-lhe que Portugal produz cereaes para o seu consumo, e que já tem ido por vezes alimentar os mercados famintos da Europa, elle que ahi levou o ouro das minas de um imperio, porque não tinha trabalho para dar em troca do pão de que se alimentava, e porque havia julgado que esse ouro, capital que se consome e acaba, podia substituir o capital do trabalho, que é indestructivel, sobrevivendo a uma geração para enriquecer a que se lhe segue. Essa mesma medida e a sua significação economica explicaria como existindo em Portugal, no anno de 1835, uma só machina de vapor da força de dezeseis cavallos; já ao presente existem setenta com a força de novecentos oitenta e nove cavallos. Isto é, a agricultura, augmentando o alimento da vida, achou consumos no trabalho fabril, que ao lado do seu incremento se foi desinvolvendo, e a povoação industrial crescendo apresentou o incentivo efficaz á producção agricola, o qual foi dando valores a terras que o não tinham. E assim, perdido o Brasil pela politica, acabado o monopolio dos generos coloniaes pelas revoluções do commercio, as minas de ouro, que haviamos perdido, foram novamente achadas pelo arado na terra que a inercia tinha deixado inculta, pelo braço no tear que se deixava apodrecer no ocio, e, finalmente, pela geração em que estamos, n'essas columnas de vapor que parecem destinadas a guiar o homem a uma era, em que a intelligencia quebre na terra o ultimo annel da cadeia que a prende á servidão. Similhantemente um frasco de vinho do Douro significará, ao lado dos primores de arte de Sevres, uma proeminencia commercial de tal ordem, um privilegio natural tão importante, que não póde ser disputavel, nem disputado. E sendo a sua apparencia bem modesta ao lado de um d'esses gigantes de ferro, que, depois de aquecidos pelo vapor, vão, com a força de quinhentos ou setecentos cavallos, pôr em movimento uma das tantas povoações industriaes, que se admiram em Inglaterra; os valores produzidos por essas machinas collossaes não excede os que tem produzido em Portugal o liquido d'esse frasco. Uma das laranjas que se produzem nas povoações que ficam nas abas de Lisboa, ou das que enriquecem a nossa ilha de S. Miguel, dará idéa de avultados capitaes, ainda que fique mal escondida entre os varia-

dos e lindos artefactos da bijouteria franceza. Um frasco do nosso azeite será considerado pelo negociante intelligente como veio de uma nova mina aberta á exploração do seu capital, e preferirá o seu exame ao de muitos productos, que, á primeira vista, possam parecer mais dignos de figurar na exposição. E depois do expositor portuguez, pela concorrencia dos seus productos á exposição de França, ter dado logar a muitas outras considerações, que a commissão se abstem de junctar ás que ficam expostas, mas todas tendentes a fazer appreciar com vantagem a situação economica do paiz, não deverá elle julgar-se bem premiado e satisfeito?

A commissão observará, que além dos productos que são appreciaveis pelo capital que representam, é mister considerar os que characterizam o paiz, e tem a seu favor o passarem por um exame sem comparação, o que lhe dá um valor muito superior ao que habitualmente lhe arbitrâmos. — E este valor de novidade, por um capricho da moda, póde-se tornar em um importante valor commercial. Descendo a exemplos, bastará notar, que as nossas esteiras, que, ã similhança de tapete em Inglaterra, são em Portugal usadas na casa do rico e na do pouco abastado, começam a ter grande voga no imperio britannico, ao lado das esteiras de Italia, que ahi tanto se appreciavam. Ao pé dos linhos inglezes assetinados, a que as machinas dão uma largura extraordinaria, a nossa estreita teia de linho tem valor e é admirada, quando se sabe que ella representa o trabalho moralisador da familia, e que resulta do zêlo raro com que a povoação laboriosa, das mais povoadas terras de Portugal, se entrega ao rude, mas santo mister do trabalho, nas horas em que habitualmente se descansa ou se caminha. Aquelles tecidos grosseiros, que vestem os povos que se extendem em volta da serra da Estrella, serão vistos com prazer juncto ao mais primoroso artefacto, em que o tear mechanico transforma a lã de Saxonia, porque a lã d'esses boreis proveiu de gados, que são o patrimonio do pobre, porque foi tecido pela familia; podendo só assim dar conforto e vida a povoações que por outra fórma não teriam que dar em troca dò vestuario, que as livra do desagasalho e da miseria.

A commissão iria mais longe n'estas suas exemplificações, se não julgasse bastante as que ficam apontadas, a fim de accordarem no espirito de todos muitas idéas de utilidade e de valor que se ligam a tantos dos nossos productos, que a sua vulgaridade nos faz já desconhecer.

A commissão chama mui particularmente a attenção do paiz sobre as vantagens que ha de tirar pelo estudo que forçosamente se fará entre os productos portuguezes, e os de outras nações, porque d'esse estudo conscienciosamente feito, e convenientemente dirigido, resultarão vantagens para a escolha das materias primas empregadas na industria, para os methodos de fabríco, e finalmente para toda a serie de processos naturaes ou artificiaes, que dão origem ao producto da industria agricola, ou da industria fabril.

A commissão, em virtude das communicações que tem recebido da commissão imperial franceza, tem a levar ao conhecimento do paiz:

Que a exposição universal de París recebe os productos agricolas, industriaes, e obras de arte de todas as nações;

Que tendo o governo de Sua Majestade nomeado uma commissão especial para tudo quanto respeita ás bellas-artes, a commissão só tem a seu cargo a exposição dos productos portuguezes da agricultura e da industria fabril;

Que a exposição universal de París, subjeita á immediata inspecção do governo de S. M. I., é dirigida por uma commissão de que fazem parte os homens mais eminentes d'aquelle paiz, offerecendo assim uma garantia moral de subido valor para os expositores das differentes nações com relação aos seus interesses;

Que Portugal foi convidado a formar uma commissão para a escolha, exame e remessa dos productos portuguezes que tenham de figurar n'aquella exposição; e que em virtude d'este convite a commissão portugueza teve a honra de ser nomeada por El-Rei, regente em nome do Rei, para estar em communicação directa com a commissão imperial e com os expositores do paiz;

Que a commissão imperial estatuiu no seu regulamento, approvado pelo governo francez, que não tem nem acceita nenhuma correspondencia com os expositores, ou outros quaesquer particulares das nações extrangeiras, pois que em tudo, quanto se refere á exposição, unicamente se corresponde com a commissão central de cada paiz;

Que nenhum producto extrangeiro será admittido na exposição, em virtude do já citado regulamento, se não fôr enviado com a respectiva auctorização do paiz a quem pertença, e authenticado com o sello da mesma commissão;

Que deixam unicamente de ser admittidos á exposição;

1.º Os animaes e plantas no estado de vida;

2.º As materias vegetaes e animaes, no estado de fresco, susceptiveis de alteração;

3.º As materias explosivas, e geralmente todas as substancias que forem conhecidas como perigosas;

4.º Os productos que pela sua quantidade excedam os fins da exposição.

Que logo que a commissão tenha findado o trabalho da traducção e classificação de todos os objectos que podem ser remettidos para a exposição de París, lhe dará publicidade, acompanhando-a das considerações que julgar convenientes.

A commissão está auctorizada pelo governo de Sua Majestade, para assegurar aos expositores que acceitarem o convite que por esta fórma lhe dirige:

Que o governo presta conducção gratuita de ida e volta para França a todos os productos, que de entre os que concorrerem forem por elle separados para a exposição de París;

Que esta conducção será considerada a ida de Lisboa para França, e a volta de França para Lisboa;

Que a guarda e boa conservação dos productos dentro do palacio da exposição será feita por conta do governo;

Que todos os arranjos de collocação dos productos no local destinado a Portugal serão feitos por conta do governo;

Que por conta do governo será tambem o seguro de ida e volta dos productos;

Que até ao local onde em Lisboa se recebem os productos, a conducção é por conta dos expositores, quando taes productos não sejam entregues ás commissões filiaes, ou aos agentes da commissão;

Que o local para a recepção dos productos em Lisboa é o Arsenal de Marinha, casa denominada da fazenda;

Que unicamente até ao dia 15 de fevereiro proximo, a começar desde já, os productos serão recebidos em Lisboa, porque em 15 de março finda o prazo para a sua recepção em Paríz;

Que os productos devem vir muito bem acondicionados e acompanhados de uma guia em duplicado, contendo as circumstancias que lhe digam respeito, e com especialidade o nome do expositor, o seu domicilio, o valor do producto, e o seu preço corrente no commercio, quando o tenha;

Que a todos os expositores se passará recibo do producto ou productos que remetter a commissão, á vista do qual serão restituidos finda que seja a exposição, ou antes, se não forem separados para ella;

Que a commissão se reune no ministerio das obras publicas, commercio e Industria, e que ahi recebe todas as communicações relativas aos seus trabalhos ouvindo nos dias das suas sessões as pessoas que lhe quizerem pedir ou prestar quaesquer esclarecimentos:

Que os dias das suas sessões constarão sempre no mesmo ministerio.

A commissão confia plenamente no paiz para o desempenho da sua missão verdadeiramente nacional; e tendo recebido do governo de Sua Majestade todo o auxilio que julgou necessario, espera que a nação alcançará um bom exito n'esta solemne empresa, para a qual a commissão só póde offerecer o zêlo da sua dedicação e os desejos do seu patriotismo.

Sala das sessões da commissão central portugueza para a exposição universal de París, 17 de novembro de 1854.

Marquez de Ficalho, Presidente.
José Jorge Loureiro.
José Ferreira Pinto Basto.
Ayres de Sá Nogueira.
Julio Maximo de Oliveira Pimentel.
José Pedro Collares.
S. J. Ribeiro de Sá, Vogal, Secretario.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio-dia	*Estado do c/o e do tempo.*
Mez de Septembro		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor aquoso contido no ar	Pressão do ar secco	Gráu de humidade do ar	Quantid. de vapor contido em um metro cubico de ar		
Dias	Gráus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas.		
1	27	751,580	9,889	741,691	0,3731	9,559	NE	Claro e limp. B. temp
2	27,5	752,277	14,316	737,961	0,5245	13,815	E.	Nublado. O mesmo.
3	26	753,017	13,308	739,709	0,5326	12,907	E.	Idem. Trov. e alg. chuv
4	25,25	751,288	15,949	735,339	0,6652	15,507	NO.	Clar. e limp. B. temp.
5	25,75	752,492	15,122	737,370	0,6123	14,678	NO.	Cl. até ao m. dia; en cob. de tard., T. e chuv.
6	25	752,331	14,420	737,911	0 6123	14,033	NO.	Cl. de m., enc. de tard.
7	25,5	750,550	17,283	733,267	0,7124	16.791	NO.	Nubl. ,Trov. de tarde
8	24	751,948	14,504	737,444	0,6538	14,162	NO.	O mesmo.
9	24,5	751,380	15,189	736,191	0,6645	14,806	N.	Nev. até ás 10 h. da m.; cl. e limp. no rest. do d.
10	23	751,564	14,066	737,498	0,6734	13,781	N.	O mesmo.
11	23	751,159	14,935	736,224	0,7150	14,632	N.	Nubl.; T. no fim da t.
12	24	753,972	14,479	739,493	0,6527	14,137	NO.	Nublado. Bom tempo.
13	24,75	755,144	15,989	739,155	0,6953	15,573	N.	Cl. e limp. O mesmo.
14	24	753,972	14,695	739,277	0,6624	14,348	N.	O mesmo. O mesmo
15	23	755,360	15,524	739,836	0,7432	15,209	N.	Nev. e chuviscos de m.
16	21,75	751,987	16,012	735,975	0,8345	15,754	N.	O mesmo.
17	23,25	753,052	18,219	734,833	0,8565	17,834	NE.	Denso nev. até ao meio dia; alguns chuviscos.
18	22,5	754,865	15,691	739,174	0,7743	15,399	E.	Claro e limpo.
19	24	750,453	14,515	735,938	0,6543	14,174	E.	Nubl ch. dep. do m. d.
20	23,5	754,539	16,645	737,894	0,7732	16,207	NO.	Nubl.; trov.no fim da t.
21	22,5	756,687	13,306	743,381	0,6566	13,058	N.	Nub.; nev. pela manh.
22	21,5	753,013	11,666	741,347	0,6118	11,487	NE.	Enc ; trov. e alg. chuv.
23	21	754,847	8,005	746,842	0,4328	7,896	E.	Claro e limpo.
24	22	756,743	8,324	748,419	0,4234	8,183	E.	O mesmo.
25	23,5	754,033	11,597	742,436	0,5387	11,343	NE.	Nublado.
26	22,75	750,702	13,502	737,200	0,6582	13,239	NE.	Claro e limpo.
27	22	751,686	14,229	737,457	0,7238	13,988	NE.	O mesmo.
28	22,75	750,335	15,067	735,268	0,7345	14,774	SO.	Enc.; de tard. e á noit.
29	23,5	750,599	16,051	734,548	0,7456	15,699	SO.	trov. e alguma chuva. Nublado.
30	22,5	751,622	15,734	735,838	0,7764	15,441	NO.	Nubl ; trov. e alguma chuv. no princ. da tard.
media do mez	23,64	752,773			0,6562			

Extremas do mez	*Temperatura*	*Pressão atmospherica*	*Gráu de humidade do ar*		*Ventos predominantes*
	Maxima absol. 27°,5	Max. absol.	756,743	Maxima absol. 0,8565	N. N.O. e N.E.
	Minima . . . 21°	Minima . .	750,335	Minima . . . 0,4234	
	Max. variaç. 6,°	Max. excur. .	6,403	Max. variaç. . 0,4331	

Coimbra 1.° de Outubro de 1854.

O Demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Joaquim Augusto Simões de Carvalho.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL.

1848—1849.

Senhora: Não obstante terem cessado, ou em parte diminuido, as causas principaes, que nos ultimos annos desgraçadamente entorpeceram o andamento e progresso dos differentes ramos da pública administração: não póde todavia este conselho superior de instrucção publica lisongear-se ainda de que o seu Relatorio geral, correspondente ao anno lectivo que acaba de findar, seja tão completo e apresente um quadro tão satisfactorio, como seria para desejar, e como por certo se alcançaria, se para isso bastassem unicamente o auxilio efficaz do Governo de Vossa Majestade e o zêlo e constante empenho com que o mesmo conselho se dedica ao cumprimento, da alta e difficil missão, que Vossa Majestade, se dignou incumbir-lhe.

Porém, Senhora, os effeitos dessas causas desastrosas, posto que vão felizmente decrescendo, sentem-se e hão-de fazer-se ainda longamente sentir. A esses effeitos accrescem as resistencias que encontram sempre todas as reformas e melhoramentos, e que a experiencia tem mostrado, que se não vencem nunca por uma maneira proveitosa, sem a ajuda do tempo, e sem esforços continuos e ao mesmo tempo bem meditados. Finalmente os auxilios, de que este conselho tinha a esperança, e mesmo o direito, de se ver rodeado, e desajudado dos quaes pouco e mal póde caminhar, são por hora muito escassos, e teem deixado o conselho quasi que entregue aos seus limitados recursos.

A pezar disso este conselho não esmorece. Se não pôde fazer tudo quanto desejava, tem a consciencia *de ter feito* o mais que pôde; e animado com a approvação que a Vossa Majestade, mereceram os seus trabalhos, e com os louvores que foi servida dirigir-lhe na portaria de 10 de agosto do corrente anno, ardendo, se é possivel, em mais zêlo e perseverando sempre: tem toda a confiança que as faltas, aliás menores comparativamente com os annos precedentes, que ainda tornam incompleto o presente Relatorio, hão-de em breve desapparecer; e que os ramos definhados da instrucção publica, onde principalmente se nota a falta de progresso,—com a protecção valiosa do Governo de Vossa Majestade, com o melhoramento progressivo das nossas finanças, com a continuação da ordem e socêgo público, e com os esforços incessantes deste conselho, coadjuvado pelos corpos scientificos e pelos sabios amantes da patria,—hão-de robustecer e desinvolver-se viçosamente de anno para anno.

O Relatorio, que o conselho tem a honra de elevar agora á presença de Vossa Majestade, em cumprimento do que determina o art. 40 do decreto de 10 de novembro de 1845, imperfeito pelos motivos mencionados, mas elaborado tão fielmente quanto foi possivel, será dividido, como os anteriores, em cinco partes correspondentes ás divisões que mui naturalmente se offerecem. 1.ª administração central da instrucção publica—2.ª instrucção primaria—3.ª instrucção secundaria—4.ª instrucção superior—5.ª conclusão geral.

1.ª PARTE.

Administração central.

A direcção central regimento e inspecção geral de todo o ensino e educação pública, com as unicas excepções das escholas dependentes dos ministerios da guerra e marinha, e dos seminarios eclesiasticos, foi desde 20 de septembro de 1844 confiado por V. M. a este conselho superior d'instrucção publica. São sete actualmente os vogaes ordinarios do conselho, em consequencia do logar que se acha vago. O numero dos vogaes extraordinarios é de 40 residindo em Coimbra 24 e estando ausentes 16. V. M. foi servida ultimamente nomear os empregados que faltavam para preencher o quadro interino da secretaria; tendo porém um dos agraciados pedido a V. M. a sua exoneração, acha-se ainda vago um logar, que o conselho mandou pôr a concurso na forma da lei. A secretaria tem satisfeito bem e regularmente o serviço que lhe tem sido encarregado; e posto que

se ache ainda muito sobrecarregada com trabalhos, com tudo acha o conselho que, sendo provido o logar vago, terá o quadro sufficiente de empregados para satisfazer em breve ás exigencias actuaes.

Em consequencia da approvação que V. M. foi servida dar para a collocação do conselho no extincto collegio dos Paulistas, e da auctorisação da quantia de 200$ rs. para se fazer a mudança para aquelle collegio, que se achava arrendado a um particular, e cujo arrendamento acabou no mez de septembro, tracta o conselho de mudar para alli quanto antes a sua secretaria, tendo já feito as suas sessões ordinarias no mesmo edificio.

Durante o ultimo anno lectivo tiveram logar pela primeira vez, nos mezes de abril e outubro, as duas conferencias ordinarias do conselho geral, na conformidade do que determina o art. 21 do Regulamento do mesmo conselho. E a pezar da falta permanente de um vogal ordinario, cujo logar se acha vago, e que V. M. não se dignou ainda provêr, e das faltas temporarias porém motivadas de alguns dos outros vogaes tambem ordinarios, fizeram-se regularmente, como consta da copia das suas actas remettidas mensalmente a V. M., as conferencias do conselho ordinario, bem como as das suas tres secções.

Em ambas as conferencias do conselho geral foram lidos pelos Secretarios das tres secções os seus respectivos Relatorios; e em ambas declararam os vogaes extraordinarios, a quem tinha sido encarregada a confecção de programas, instrucções e compendios para o ensino, que já tinham prompta parte destes seus trabalhos, e que esperavam na reunião seguinte á ultima de outubro ou mesmo antes, apresental-os completos. Precisando obras deste genero de muita meditação, e succedendo que os vogaes, a quem foram encarregadas, teem sido distrahidos para outros trabalhos litterarios, que a lei lhes incumbe, acha o conselho que se lhes deve relevar esta demora, e espera que estes vogaes procurarão satisfazer quanto antes ás commissões que lhes tem sido encarregadas pelo mesmo conselho.

E como nestas conferencias geraes se não apresentassem memorias ou requerimentos tendentes a promover os melhoramentos na instrucção publica, ou para remover os obstaculos que se oppõem ao seu progresso; foram convidados, na conferencia geral de abril, os vogaes extraordinarios para dirigirem as suas meditações para a maneira mais conveniente de organizar um curso economico-administrativo na universidade, e para a analyse das alterações e reformas nas leis de instrucção, propostas á Camara dos srs. Deputados na ultima sessão legislativa. E como tambem na conferencia geral de outubro nenhuns trabalhos apparecessem neste sentido, decidiu o conselho que se nomeasse uma commissão de vogaes extraordinarios, escolhidos na faculdade de direito e nas tres de sciencias naturaes, para trabalharem na confecção do projecto da nova faculdade de sciencias economicas e administrativas; procurando o conselho obter por este meio mais elementos para melhor desempenho, do que a este respeito lhe foi determinado por V. M. na portaria de 10 de agosto do presente anno.

Nas conferencias ordinarias o conselho não só deu solução prompta ao seu numeroso expediente e ás —181— consultas que por V. M. lhes foram propostas, mas tambem preencheu e cumpriu os deveres e attribuições que a lei lhe impõe pela forma seguinte.

§. 1.° *Direcção central.*

1.° A fim de promover o aperfeiçoamento dos estudos discutiu e elevou á presença de V. M. em data de 26 de junho de 1849 o projecto de regulamento e programma para os exames de habilitação para a primeira matricula na universidade.

2.° Em circular dirigida a todos os commissarios dos estudos e reitores dos lyceus determinou, em execução interina do que se acha disposto no art. 68—§ unico do decreto de 20 de septembro de 1844, que se não admitta á matricula, nem á frequencia, nem aos primeiros exames da instrucção secundaria, alumnos alguns que se não mostrem devidamente habilitados com os conhecimentos de todas as disciplinas que formam o objecto da instrucção primaria; para que não aconteça exporem-se temerariamente a frequentar a instrucção secundaria, e muito menos a superior, sem possuirem os indispensaveis conhecimentos da primaria. Para prova desta habilitação, e em quanto se não regula o modo por que se hão-de fazer os competentes exames nas escholas publicas de instrucção primaria, exigiu que estes exames se fizessem nos lyceus, pelo mesmo modo por que se fazem os exames das disciplinas que nelles se ensinam, e segundo o programma que se lhe remetteu para esse fim.

3.° Encarregou a alguns dos seus membros e já approvou a confecção de alguns programmas para o concurso aos premios estabelecidos a favor de quem apresentar catecismos com noções elementares de chymica, de agricultura, e de geometria e mechanica, apropriados ás escholas de instrucção primaria do 2.° grau.

4.° Approvou durante o ultimo anno para poderem ser adoptadas interinamente nas escholas publicas as obras seguintes, já impressas.

O Bom Menino, editor Estevam Xavier da Cunha.

Historia de Portugal até el-rei D. Duarte

por João Feliz Pereira. Primeiras noções d'algebra para uso dos lyceus pelo d.r Jacome Luiz Sarmento — Tractado de versificação por Antonio Feliciano de Castilho — Novo e facillimo methodo para ensinar a ler em poucas lições pelo mesmo auctor — e mandou imprimir depois de approvado em conformidade com o art. 167 do decreto de 20 de septembro de 1844 o compendio de arithmetica offerecido pelo lente substituto da faculdade de mathematica Rufino Guerra Osorio, e cuja confecção lhe havia sido encarregada, na qualidade de substituto extraordinario da mesma faculdade.

5.° Continuou a fazer todos os esforços para collocar todas as escholas em edificios publicos. Em quanto ás escholas do ensino primario, das quaes 1059 ainda se acham por collocar devidamente, grandes embaraços encontrou na falta daquelles edificios em muitos concelhos, e na falta de recursos dos municipios em outros.

Vossa Majestade foi servida, em resolução de consulta deste conselho superior de 3 d'abril de 1846, mandar expedir officio ao ministerio da fazenda para pôr á disposição do ministerio do reino os edificios publicos, que, na mencionada consulta, se julgavam necessarios para a collocação das escholas publicas nos differentes districtos do reino, seguindo as informações havidas dos respectivos governadores civís; porém até agora ainda o conselho não recebeu resolução alguma a este respeito. A pezar disto não desiste do seu empenho, bem certo de que é necessario que seja completamente satisfeito, para que se possa obter uma inspecção severa sobre o methodo e practicas de ensino dos mestres e sobre a parte economica das escholas.

Em quanto aos lyceus, conseguiu-se que fosse destinado, por decreto de 20 de fevereiro de 1849, o seminario da cidade de Faro para a collocação do lyceu d'aquelle districto; e acham-se expedidas as ordens necessarias ás respectivas auctoridades para que se verifique esta collocação. Por decreto de 10 de janeiro foi tambem destinado para a collocação do lyceu de Leiria o seminario d'aquella cidade. Pendem consultas sobre a collocação do lyceu de Portalegre, ou no edificio do seminario, ou no do extincto convento dos Agostinhos-descalços.

O conselho reconhece, que a actual collocação das escholas tanto do ensino primario, como das de latim, necessita em grande parte de reforma; e por isso tem instado com os governadores civís, para que, nas reuniões geraes das juntas de districto, ouvido tambem o parecer das camaras municipaes, se tracte e discuta este importante objecto, o qual só póde ser bem resolvido pelo conhecimento das necessidades e circumstancias das respectivas localidades, consideradas principalmente debaixo do ponto de vista da sua geographia physica. Apenas porém o governador civil de Viseu no seu bem trabalhado relatorio, que ha pouco remetteu ao conselho, satisfez a esta exigencia por uma maneira que mereceu a approvação do conselho, e que deu logar a resolver-se, que se consultasse a V. M. a este respeito na forma por elle proposta.

6.° Tendo o commissario dos estudos de Evora, cujos esforços pela publica instrucção e louvavel desempenho de suas obrigações este conselho deve citar com elogio a V. M., — offerecido um projecto de regulamento para associações de beneficencia, achou-o o conselho tão conforme com o espirito do art. 28 do decreto de 10 de septembro de 1845, e tão cuidadosamente pensado, que não duvidou propol-o á soberana approvação de V. M.

7.° A fim de cumprir com a obrigação de promover as associações e estabelecimentos das salas de asylo da infancia desvalida, elevou á presença de V. M. uma representação documentada, em que o conselho da direcção da sociedade de beneficencia de Coimbra para asylo da infancia sollicitou do governo de V. M. a concessão de um edificio do estado para local permanente do estabelecimento, e o ordenado para uma mestra. O conselho pelo conhecimento que tinha das difficuldades, por que passou aquelle estabelecimento para poder por muito tempo subsistir quasi milagrosamente até chegar a um estado, se não de prosperidade, ao menos de alguma solidez, e attendendo ao zelo das pessoas por quem é dirigido, e ao bom methodo por que alli se dá o ensino, não hesitou em inculcal-o a V. M. como digno de ser protegido e amparado pelo governo como um meio importante da educação das classes pobres não só no interesse especial de Coimbra, mas na geral de todo o paiz. E de novo torna aqui a manifestar a sua opinião, de que será conveniente que o governo de V. M. lhe conceda o modesto edificio pedido, fazendo confirmar a concessão pelo poder legislativo, se for necessario, e expedindo alguma providencia para que alli se conserve o estabelecimento até se verificar aquella concessão. Em quanto porém ao ordenado pedido para uma das mestras, o conselho em attenção á pobreza actual do thesouro, não se anima, como então se não animou, a propol-o, a pezar dos muitos desejos que lhe assistem de que se lhe conceda este auxilio, para o qual aliás julgue auctorizado o governo de V. M., considerando-se como uma creação de eschola de meninas.

8.° Conhecendo a necessidade que ha da immediata publicação de jornaes scientificos nos termos do art. 169 do decreto de 20 de septembro de 1844, e avaliando ao mesmo tempo as muitas difficuldades que se tem encontrado em levar a effeito a sua redacção e

manutenção, fez no fim do anno lectivo propostas tendentes a auxiliar e inspeccionar uma empresa que se propõe crear um jornal naquelle sentido, e que se compromette a pôr á disposição do conselho uma parte do mesmo jornal. Tendo-se interrompido durante as ferias academicas as negociações encetadas para que este meio se levasse a effeito, vai o conselho de novo tractar de as concluir. E se por este modo não podér obter o que tanto deseja, procurará por outro arbitrio chegar á realização de uma medida tão justamente reclamada.

9.° Em execução da portaria de 10 de agosto de 1849 examinou com attenção os Relatorios, consultas e representações, que acompanharam a mesma portaria; e tendo reconsiderado tudo em vista dos esclarecimentos e reclamações alli mencionadas, já consultou de novo a V. M. sobre os seguintes objectos: Regulamento para as escholas de instrucção primaria (1.° grau), dicto para provimento das cadeiras da instrucção secundaria; dicto para as escholas medico-cirurgicas insulares e para as viajens scientificas; regulamento geral da academia polytechnica do Porto.

E converteu em propostas de lei, para serem opportunamente apresentadas ás cortes, 1.ª para a creação de um logar de continuo no lyceu de Coimbra; sobre as propinas de matricula, e diplomas nas escholas medico-cirurgicas insulares; acerca da maneira por que devem ser nomeados e mandados doutores da universidade visitar as escholas mais celebres dos paizes extrangeiros; e—sobre a distribuição dos premios na academia polytechnica do Porto.

Em execução do art. 5. da mencionada portaria bem desejava o conselho que este relatorio fosse acompanhado da proposta de lei para a creação de uma nova faculdade de sciencias economicas e administrativas na universidade de Coimbra; sendo porém este um objecto que demanda profunda attenção, e tendo dado logar nos paizes mais adiantados do que nós a serios debates sobre a melhor organização de taes estudos, quiz o conselho rodear-se de todos os elementos que o podessem illustrar; e por isso, além da commissão dos vogaes extraordinarios a quem encarregou o estudo sobre estas materias e a apresentação de um plano baseado sobre elle, dirigiu-se ao prelado da universidade para que consultasse, da maneira que mais conveniente lhe parecesse, as faculdades de cujo seio devem sair os elementos para a organização pedida. Como todos estes trabalhos começaram depois da abertura das aulas no presente anno lectivo, não foi por isso possivel no tempo marcado satisfazer; espera porém o conselho que, até ao fim do anno civil corrente, poderá apresentar a V. M. algum resultado a este respeito.

Mas se não pôde, pelo aperto do tempo, apresentar já aquella proposta, tem a satisfacção de dirigir a V. M. as propostas, que em vista das reclamações dos diversos corpos scientificos, julgou necessarias para auctorizarem algumas despesas do serviço litterario, que se tornam de maior urgencia.

§. 2.° *Provimento de empregos.*

Neste anno lectivo o conselho coordenou varios programmas para exames dos opposito-res ás cadeiras e logares a concurso, e entre elles o relativo á cadeira de desenho na universidade. Proveu temporariamente 131 logares de professores do 1.° grau na instrucção primaria. Consultou a V. M. a nomeação de professores para 33 cadeiras vagas nos differentes ramos de instrucção; e a de empregados para 14 logares vagos.

Encetou pela primeira vez, e concluiu já em parte alguns processos administrativos sobre jubilações a aposentações, que a lei concede; e que tornando-se n'uma realidade hão-de ser por certo um incentivo poderoso para que os empregados neste ramo de administração sirvam com mais zelo e perseverança, confiando que no inverno de seus dias hão-de obter o merecido galardão dos seus arduos ainda que honrosos trabalhos.

§. 3.° *Inspecção.*

O conselho forcejou por todos os meios por tornar effectiva a inspecção das escholas e estabelecimentos litterarios. Porém ainda que alguns dos seus delegados procuraram coadjuvar o mesmo conselho neste seu empenho, cumpre confessar que se ficou muito áquem dos seus desejos. Esta inspecção não se póde tornar regular e completa, sem que se realizem as visitas d'inspecção feitas pelos commissarios, ou pelos seus subdelegados, e por visitadores extraordinarios.

Aos commissarios, pela maior parte professores dos lyceus, falta-lhes o tempo, e mesmo os meios para fazerem estas visitas. Aos subdelegados e visitadores é necessario arbitrar e tornar effectivas gratificações taes, que por ellas se lhe possam exigir bom e aturado serviço.

O conselho, conhecendo que da boa inspecção é que depende todo o progresso na instrucção publica, e que é sobre ella que se devem basear os successivos melhoramentos, lamenta estas difficuldades; e não se atreve a propor já a V. M. o remedio, porque, podendo talvez importar augmento nas despesas publicas, e estando ligado com melhor divisão do territorio, receia o conselho que seja inopportuno; ainda que por outra parte

reconhece que aquellas despesas, quasi indispensaveis, seriam compensadas com a boa execução e regularidade deste serviço importante, e que poderiam ser deduzidas de algumas economias feitas na propria verba da instrucção publica.

Ao conselho chegaram durante o anno findo algumas queixas contra professores, e a noticia de conflictos excitados nos corpos collectivos; de tudo tomou conhecimento, dando o remedio possivel. Acha-se porém na obrigação de dizer respeitosamente a V. M., que para a justa applicação das penas disciplinares se torna cada vez mais urgente a resolução de V. M. sobre o projecto para o processo dos delictos dos professores d'instrucção publica, remettido com a consulta de 9 de janeiro de 1849.

§. 4.° *Estadistica.*

Em conformidade com o que fica dicto no principio deste relatorio, ainda elle vai bastante incompleto e falho de noticias estadisticas. A pezar dos esforços do conselho, e dos officios repetidos que dirigiu para obter os relatorios parciaes de todos os seus delegados, bem como os mappas dos professores tanto publicos como particulares, não pôde conseguir que cumprissem todos com este seu dever, tantas vezes recommendado. Em execução do que foi determinado no art. 7. da portaria de 10 de agosto ultimo, o conselho leva ao conhecimento de V. M. que deixaram de remetter os relatorios parciaes:

Os reitores dos lyceus de Aveiro, e Béja — os directores da academia de bellas-artes de Lisboa — os governadores civis de Béja, Braga, Coimbra, Leiria, Ponta-Delgada, Portalegre, Porto, Santarem, e Villa Real — os commissarios d'estudos de Béja, Bragança e Portalegre.

Segundo o disposto no art. 35 do decreto de 10 de novembro, já o conselho organizou um livro especial para o assentamento dos vogaes extraordinarios; e encarregou um dos seus vogaes ordinarios para fazer os assentamentos deste livro, no qual se vão lançando os serviços effectuados por aquelles vogaes extraordinarios, bem como o juizo do conselho sobre estes serviços.

Para principio de execução do art. 41 do mesmo decreto, commetteu o conselho ao vogal extraordinario o doutor D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello a confecção de uma synopse ou indice chronologico de toda a legislação providencias e regulamentos, por que em Portugal se tem regido e rege o ensino primario. Este trabalho, acompanhado de um indice alphabetico, foi com effeito apresentado por aquelle vogal, e mereceu a approvação do conselho, que o mandou imprimir.

Continúa.

*

LITERATURA DRAMATICA HESPANHOLA E SEUS HISTORIADORES.

I

O instincto e a imaginação popular constituira os elementos do theatro hespanhol. Por uma parte os successores de Torres Naharro, e Lopes de Rueda, e por outra os ensaios dos theatros de Sevilha, Valença, e Madrid, que haviam sacudido o jugo da influencia ecclesiastica, proseguiam activamente em seus trabalhos. A eschola de Sevilha empenhava-se na imitação do antigo theatro, em quanto a de Valença recorria a assumptos alheios ás tradições nacionaes, para attrahir com a novidade a attenção publica; ambas estas escholas porém não poderam lograr o seu intento, a pezar dos esforços de alguns distinctos engenhos que procuraram sustental-as.

A epocha da inspiração religiosa e romanesca chegára em fim; e neste theatro, mais polido já, as *novellas* de Cervantes obtinham a influencia, que sobre o theatro nascente tivera a *Celestina*. As comedias divinas começaram a apparecer em scena fóra das egrejas. D'este chaos, em que então se achára a literatura dramatica, e que Cervantes com tanta razão censurára, devia em fim saír a ordem. A luz ia succeder ás trevas; Lopes de Vega, Castro, Alarcão, Molina, Moreto, Solis, e Calderon iam enriquecer os annaes da literatura dramatica.

Entre esta brilhante pleyada de poetas distinctos, sobresáe o vulto gigante de dois characteres eminentes, que successivamente dominaram no theatro hespanhol, e cujas obras tem por isso mais particularmente occupado a attenção dos criticos.

Lopes de Vega, a quem Cervantes chamára *o milagre da naturesa*, e Calderon, são por assim dizer os dois grandes fundadores, ou restauradores d'aquelle theatro. Meio seculo (1585—1635) os dramas, os *actos*, e *intremeses* de Lopes de Vega occuparam a scena hespanhola com admiração e geral applauso; não se limitaram, porém, a isto só os trabalhos do grande poeta, que ao mesmo tempo que escrevêra poemas epicos, didacticos e comicos, epigrammas, satyras, e tractados de meditação religiosa; continuára o Ariosto, luctara com a epopea italiana; e escrevera um poema sobre Maria Stuart, ostentando sempre em todos os assumptos um estylo muitas vezes demasiado colorido, mas cheio sempre de vigor, de elegancia, de força e elevação de espirito! Tal era a prodigiosa fertilidade d'aquella tão brilhante imaginação, quando, segundo diz Schack, creara o theatro nacional, e pozera em scena centenares d'obras primas sobre os grandes feitos da historia patria. »

Talvez de todos os historiadores da litera-tura hespanhola nenhum engrandecêra mais o merito de Lopes de Vega, do que aquelle distincto escriptor allemão, que algumas vezes todavia parece exaggerar-se.

« Existem dois unicos theatros verdadeira-mente modernos, e originaes, diz Schack, que são a genuina expressão do genio na-cional do paiz, que os vira nascer—o theatro hespanhol, e o inglez. O theatro hespanhol, porém pela sua riqueza e completo desin-volvimento em todo o sentido, é muito superior ao de Shakspeare. O theatro hespanhol é o primeiro de todos, e o homem que representa este theatro, o escriptor que personifica esta incomparavel gloria, é Lopes de Vega. »

Com esta prevenção não é para admirar que Schack, a pezar da rigorosa exactidão e imparcialidade das suas analyses, se deixe algumas vezes seduzir por aquella theoria, que lhe representa o poeta de Madrid como o maior genio da poesia moderna. E de feito uma longa serie de heroicas façanhas, sete seculos ricos de gloriosas tradições, era o mais bello assumpto que podia offerecer-se a um poeta que, elevando-se acima do espirito do seculo em que vivera, e desprendendo-se do trilho vulgar dos seus contemporaneos, creas-se o grande drama, a grande tragedia ao mesmo tempo hespanhola e humanitaria—na-cional e universal. Lopes de Vega, porém, cedeu ao espirito literario da sua epocha, do-minada ainda pelo gosto da meia edade, pelas aventuras romanescas, anecdotas e casos im-previstos, que tocavam o maravilhoso, e os embroglios, servindo-se apenas, como diz Taillandier, da grande tradição epica, que a historia patria lhe offerecia em tantos feitos extremados, em tantas gentilezas cavalleirosas para nella encaixilhar os seus romances.

O theatro de Lopes de Vega comprehende quasi todos os acontecimentos memoraveis da historia de Hespanha desde os mais re-motos tempos. As lutas dos Celtiberos contra os Romanos foram o assumpto da *Amistad pagada*. *El-rei Wamba* é o quadro das per-turbações que precederam a quéda da mo-narchia gothica. *O Prostrer Godo de Es-pana* é uma peça que representa a historia de D. Rodrigo e Florinda, a invasão dos mouros, e por fim a restauração da monar-chia christã debaixo do poder de Pelagio: O *Primer rey de Espana* pinta os primeiros trium-phos da Hespanha christã. As contestações entre Sancho, *o bravo*, e suas irmãs, o as-sassinato do rei, e alguns traços da historia do Cid, são o assumpto das *Almenas de Toro*. A rivalidade de Pedro, o *justiceiro*, e de Henrique de Transtamara figura no drama —*Cierto por lo Dudoso*. No *Milagro por los Celos* apparece em scena a quéda de Alvaro de Luna no tempo de João II. O *Piedoso Aragonez* é a historia de Carlos de Viana, de suas revoltas e de sua morte, depois da qual Fernando, *o catholico*, ficára herdeiro do reino de Aragão. No *Mejor mozo de Espana* vê-se preconizada a futura grandeza de Fernando e Izabel. O *Nuevo Mundo dis-cubierto por Christobal Colon* é a maravilho-sa conquista do grande navegante genovez. Em fim a *vitoria del marques de Santa Cruz* é consagrada a um feito d'armas, em que o proprio Lopes de Vega figurára na sua mocidade.

Eis aqui os principaes dramas historicos, em que este auctor procurára ornar com as formas poeticas os grandes feitos da historia do mundo desde o periodo romano e gothico até á lucta emprehendida para a expulsão dos mouros para além dos mares, e desde esta epocha até ao principio da unidade moder-na. A illusão é facil no meio de tantos as-sumptos brilhantes, de tantas aventuras ro-manescas, de tantas peripecias extravagan-tes, que adulteram ás vezes a singela ma-jestade da historia. Intrigas amorosas, prin-cezas lançadas em medonhos calabouços, des-cobertas, surprezas, tudo em fim quanto se presta ao orgulho dos sentimentos cavallei-rescos formam o fundo d'aquellas peças, em que avultam mais as bellezas de segunda ordem, do que esses traços sublimes do genio, « que por si só formam uma Illiada. » Lopes de Vega sacrificára muitas vezes ao gosto do seu paiz e do seu seculo a grandeza do drama, e nem sempre elevara a historia á altura da poesia.

O gosto favorito do romance predomina largamente em todos os pretendidos dramas historicos deste auctor, cujo vasto e fecundo engenho não podia conter-se nos limites da historia patria. Assim a luta entre Rodolpho de Habsbourg e Ottocar rei de Bohemia foi o assumpto do *Imperial de Othon*. *O rei sin regno* representa a anarchia da Hungria antes de Mathias Corvin. O *gran duque de Moscovia* versa sobre um ponto de que tambem se oc-cupara Schiller, Ponchkine, e modernamente Prosper de Mérimé. O *castigo sin venganza* pinta o tragico episodio da côrte de Ferrara, que Byron illustrára na *Parisimia*. A *Poncel-la de Orleans*, e *el valiente Jacovin*, que in-felizmente se perderam, pertenciam á historia de França.

No meio, porem, de tantos e tão transcen-dentes assumptos Lopes de Vega não possuira o verdadeiro drama historico. Despresando a realidade dos factos, a natureza, o caracter, e os habitos das diversas nacionalidades, e nem se quer prescrutando o espirito, e as inclinações de cada povo, e de cada epocha, Lopes de Vega só procurára ornar os seus quadros com um cem numero de enredos, amorosas intrigas, e cavaleirescas aventuras, transformando os grandes feitos da historia contemporanea em lendas fabulosas.

Os romances, as aventuras e surpresas, movimento nos factos, rapidez no dialogo eis aqui as feições caracteristicas deste theatro em que a variedade e o maravilhoso das peripecias causa á primeira vista uma completa illusão. Os dramas, porem, que teem por objecto a tyrannia e barbaridade da sociedade feudal são as obras primas deste auctor. Lopes de Vega possuia como ninguem o intimo segredo da vida. O grito das paixões arrancado do coração e do fundo das entranhas das victimas da brutalidade dos senhores feudaes, resoa admiravelmente no meio dos mais complicados enredos. O *honrado Hermano*, comparado ao *Horace* de Corneille, a pesar da distancia que vai da tragedia ao drama romanesco, apresenta até nos mais pequenos lances da vida intima inspirações verdadeiramente sublimes. Quando a Julia de Lopes de Vega, vendo entrar seu irmão carregado com os despojos do proprio amante, lhe grita no furor da suprema desesperação «a tua victoria não está completa, é mister, que me assassines tambem — eu sou Curiacio, eu o sou *(Yo soy Curiacio, yo soy)*» esta expressão sublime da mais pungente dor faz esquecer outros defeitos do auctor. Com estas tão vivas cores, com a eloquente e arrebatadora linguagem da paixão e do interesse que Lopes de Vega com tanta felicidade manejava, os seus quadros não podiam deixar de ser admirados como um primor d'arte. As suas comedias sobre tudo são acabados modelos do mais fino gosto, e apurada elegancia, em que a phantasia de Shakspeare se acha estreitamente unida com o interesse dos mais engenhosos enredos, e das mais curiosas aventuras.

O genio, porem, de Lopes de Vega não creára só dramas e comedias, fundára tambem uma notavel eschola de poesia, e este é talvez o maior brazão da sua gloria litteraria.

Em todos os theatros da Europa a sua influencia fôra illimitada. Descartes-dizia dai-me a materia, e o movimento, e eu vos darei um mundo. A materia e o movimento eis o que Lopes de Vega deu ao drama. Aos seus successores competia a creação do theatro moderno; e foi sobre aquelles fundamentos que Corneille e Molière, Calderon e Alarcão elevaram obras immortaes, cujo brilhante clarão não póde deixar de reflectir-se sobre o vulto majestoso d'aquelle grande genio, que fôra um dos maiores luminares da moderna poesia.

Continúa. J. M. DE ABREU.

ESTADO DA INSTRUCÇÃO NA INGLATERRA.

De todos os ramos de instrucção publica a instrucção primaria é que hoje attrahe as serias attenções dos povos civilisados. Excentrica por largos annos em Inglaterra á acção governamental, e confiada exclusivamente ao patrocinio individual, ou collectivo de associações, e á especulação de industria particular, tem ella nestes ultimos annos merecido attenção tão sizuda do governo e do parlamento, que em pouco tempo tem grangeado foros de nobreza, que a elevam acima do que é em muitos povos illustrados mais antigos nas reformas de administração litteraria. A actividade do governo na creação de escholas do estado, em subsidios prestados ás escholas particulares, e, mais que tudo, a introducção no ensino primario dos ramos de sciencias industriaes mais necessarios aos usos geraes do vida, ás artes e officios do seu paiz, são verdadeiros padrões de gloria para governos que tão sabiamente se interessam na prosperidade dos governados. Damos com alguma inveja ao publico noticia dos rapidos progressos da instrucção em Inglaterra no seguinte:

Relatorio ao ministro da instrucção publica e dos cultos por Milne Edwards, decano da faculdade de sciencias de Paris, encarregado de uma missão na Inglaterra.

Sr. ministro,

A sociedade estabelecida em Londres em 1754 para fomento das artes, manufacturas, e commercio, quiz celebrar a sua existencia secular por uma solemnidade util ao desinvolvimento da educação scientifica das classes industriaes; e nessas vistas resolveu que, para dar ao publico meios de comparar e appreciar os diversos processos empregados para a instrucção do povo, abriria este anno uma exposição de livros, instrumentos, cartas, modelos, e outros objectos usados no ensino elementar, e no das sciencias applicadas á industria. Pediu o concurso de outros paizes, onde a diffusão das luzes da sciencia é objecto de sollicitude dos governos, não inferior á de Inglaterra: e um de seus membros, tendo obtido a honra de expor ao imperador o pensamento de que era animada a sociedade, obteve logo a cooperação da França. Por carta vossa de 30 de junho ultimo quizestes, sr. ministro, designar-me para representar a universidade de França na commissão, que, sob a presidencia de S. A. R. o principe Alberto, era encarregada do exame das questões do ensino publico, e na fórma das instrucções, que vossa excellencia me transmittiu, me parti para Londres no 1.° de julho.

A sociedade, juncto á qual eu era delegado, exerce muito ha consideravel influencia sobre os progressos da industria, e da instrucção das classes laboriosas em Inglaterra; para esse fim tem distribuido em premios, e outros subsidios uma somma que excede a dois milhões e meio; tomou a iniciativa dessas exposições de productos da industria, cuja utilidade ninguem hoje contesta, e tornou-se

centro commum de numerosas instituições para a propagação de conhecimentos uteis, com que a Gran-Bretanha se tem enriquecido por virtude do patriotismo, e habitos de associação tão desinvolvidos em nossos vizinhos d'alem mar. Conta hoje a Inglaterra 1057 destas instituições de ensino scientifico popular, e destas 355 são filhas directamente da sociedade das artes assente em Londres. Cursos de sciencia applicada á industria abrem-se em toda a parte; bibliothecas para uso dos artistas multiplicam-se com rapidez admiravel; laboratorios, officinas, sallas de estudo para ensino practico das sciencias, e das artes vem prestar o auxilio indispensavel ao ensino oral, de que nós costumamos pagar-nos: e o Estado, que até estes ultimos annos tinha julgado dever ficar extranho aos cuidados que reclama a educação de seus filhos, hoje intervem de um modo activo e poderoso na administração da instrucção publica.

Este ultimo facto foi o que maior impressão me fez no estudo rapido que acabo de fazer; e não foi sem particular satisfacção que eu vi a Inglaterra e a França approximarem-se neste, assim como em muitos outros pontos. Outrora dois systemas oppostos reinavam de um modo absoluto nos dois paizes: nos nossos vizinhos havia só o ensino livre confiado á industria particular, ou ao patrocinio mais ou menos illustrado de individuos, ou corpos municipaes; entre nós a instrucção publica estava toda nas mãos do Estado, ou pelo menos subjeita á sua inspecção, organisada por um plano uniforme.

Mas ao mesmo tempo que a França quiz abrir o ensino á concurrencia de todos, e deixar desinvolver as instituições privadas ao lado dos estabelecimentos nacionaes, a Inglaterra comprehendeu o perigo que podia resultar da falta de regra, de inspecção, e do bom exemplo, assim como da falta de Socorro do Estado em materia de instrucção. Entrou finalmente neste caminho novo. Hoje applica-se a desinvolver *com sollicitude os ramos* da educação do povo, cujos progressos lhe não parecem sufficientes, e procura exercer por intervenção de seus inspectores uma fiscalisação real na direcção do ensino livre.

Em prova desta tendencia á approximação nas idéas das duas nações, pelo que toca á representação do estado na administração da instrucção publica, bastará lembrar de um lado todas as liberdades concedidas ha annos em França á industria, e ao ensino, e do outro alguns factos recentes, de que vossa excellencia talvez não tenha noticia, em materia de intervenção do estado em Inglaterra nas questões de instrucção publica.

Ha poucos annos inda o governo inglez era tão extranho a tudo o que pertencia á educação da mocidade, que não possuia dado algum sobre numero e população das escholas publicas, ou particulares, nem dava directamente ao povo meios de instrucção. Quando a administração quiz velar pelos interesses da educação nacional, um dos seus primeiros cuidados foi saber o que havia; e a estadistica da instrucção publica em Inglaterra acaba de ser feita com muito cuidado. Por ella consta que Inglaterra possue hoje mais de 46:000 escholas ordinarias, das quaes 15:500 são sustentadas totalmente, ou em parte pela fazenda publica, e donativos voluntarios; e 30500 pertencem exclusivamente á industria privada. A par destes estabelecimentos em que diariamente se dá ensino mais ou menos elementar a 2,144:000 meninos, abriram-se para as classes industriaes 23:500 escholas de domingo, frequentadas por 2,400:000 alumnos, e 1500 escholas nocturnas, que recebem 40:000 adultos. Em 1851, que estes documentos foram recolhidos, a população de Inglaterra era de 17,927:605 almas. Os bellos trabalhos estadisticos executados por occasião do ultimo recenciamento mostram que o numero total de meninos de 3 a 15 annos constitue $\frac{1}{7}$ da população geral, e póde ser avaliada em 4,900:000 habitantes. Vê-se por tanto que o numero de crianças, completamente privadas do beneficio de uma educação qualquer escholar, não constitue $\frac{1}{10}$ desta parte do povo inglez; sendo certo que para mais de ametade a educação e ensino o mais elementar será muito incompleto, reduzido a nm dia por semana. Se compararmos á população total o numero de meninos com frequencia nas escholas, veremos que corresponde a 12 por 100 dos habitantes. Direi tambem que a maior parte das escholas admittem crianças dos dois sexos, e que os meninos figuram na proporção de 13 para 11 meninas.

A duração media das classes nas escholas é de quatro annos e tres quartos. E das resenhas recebidas resulta que na maior parte das escholas o ensino é dos mais elementares; sendo que de 100 alumnos—88 apprendem a *ler*—62 a escrever—56 a contar—27 estudam grammatica ingleza—30 geographia—4 linguas modernas—4 linguas antigas—3 mathematicas—5 desenho—10 musica.

O numero de escholas normaes destinadas a formar mestres tem augmentado muito ha uns annos. Contam-se hoje 40, que recebem quasi todas subvenções do estado, e podem admittir uns 2:000 alumnos.

Até poucos annos antes o governo não exercia acção alguma sobre as escholas fossem particulares, ou publicas sustentadas pela fazenda, taxas locaes, fundações, ou cotisações voluntarias: mas ha dose annos o governo organisou um systema de fiscalisação sobre as que recebem subvenção do estado, e assim se subjeitam á sua inspecção. Comprehende hoje esse systema 4000 escholas, em que produz resultados excellentes. Os fundos empregados

nessa despesa subiram no anno antecedente a 3,750:000 francos; e foram destinados a melhoramento de edificios escholares, ordenados de mestres, acquisição de livros, modêlos, figuras, e outros objectos de ensino.

E convem saber que as contas relativas ao emprego destas sommas, e os relatorios dos inspectores são submettidos ao parlamento, e publicados cada anno pela commissão do conselho encarregado da administração da educação.

Outra criação não menos importante é a de uma grande eschola nacional para o ensino das artes, e das sciencias uteis á industria. Acha-se subordinada ás attribuições de uma secção especial do ministerio do commercio: e compõe-se de tres estabelecimentos distinctos, mas connexos e coordenados; a saber: uma eschola central de sciencias naturaes applicadas á lavra de minas: um collegio de sciencias chymicas: e uma eschola de bellas-artes.

O 1.° destes estabelecimentos fundado em 1835 por um dos naturalistas mais distinctos de Inglaterra, sir Henry dela Beche, com o titulo de museu de geologia practica, occupa hoje um magnifico edificio construido para esse fim em Jermyn street. É uma imitação da nossa eschola de minas, e de uma porção do nosso museu de historia natural. Acham-se nelle magnificas collecções geologicas; e cursos de varios ramos sobre metallurgia, e mechanica industrial.

Continúa. **M.**

UMA ILLUSÃO.

I.

Passou... desfez-se... como sonho rapido!
Engano lisongeiro, em fim, rasgou-se
No desengano da verdade amarga!
Esquiva luz brilhou, atravessando
As trevas de meus dias, por mostrar-me
O horror da escuridão!... Lá vae... sumiu-se!...
Cá ficamos nós sós, no ermo da vida,
Meu desgraçado coração...! Que importa?
O mundo é feito assim! Quantos sorrisos
Viste á sorte até hoje? Quantos viram
Os felizes da terra? É lei do alto!
As lagrimas ao homem foram dadas
Para contar por ellas cada passo
Na distancia que vae do berço á campa!
Devia ser. Adelgaçou-se o vulto
Da risonha ficção... e apoz um sôpro
Os restos dissipou...! Porque tão breve
No ardente imaginar me recendeste,
Mimosa flor de mentirosa esp'rança?!

II.

Ai! flor, como eras formosa!
Tenho saudades!—Que mal
Ha já nisto, se eras rosa
Que desfolhou no rosal?!
Tambem é crime a saudade?
Tambem a razão persuade
A tolher a liberdade
Nisto mesmo ao coração?
Do que foi, do que não era,
Do que eu sonhei, da chimera,
Cuidei que, ao menos, podéra
Ter cá saudades... pois não?

Foi, bem sei, foi luz de estrella
Nas ondas a scintillar,
Veiu nuvem desfazel-a
E ficou sem luz o mar;
Mais ainda: foi somente
Delirio d'accesa mente
Que uma sombra, de repente,
Mal desenha e vê correr;
Mas se essa visão foi linda,
Se, embora falsa, é já finda,
Não posso adoral-a ainda,
Ter pena de a já não ver?

Criei tudo! Fiz a imagem
D'um ser sem elle existir;
Fingi-lhe vida e linguagem
D'um já supposto sentir!
Namorado da pintura,
Juntei loucura a loucura,
E aos pés da aerea figura
Puz d'alma o riso e a dor;
Sem ver, sem ouvir, julgava
Que era vivo o que eu pintava,
Que era ella que fallava
Quando eu lhe dizia—amor.

Como com azas no templo
Os anjos pintados vi,
Com este anjo aquelle exemplo,
Enthusiasmado, segui;
Quiz-lhe azas... mas por dal-as
Ao meu anjo, por pintal-as,
Mal sabe onde fui buscal-as,
Onde as azas lhe estudei!
Da poesia essa aguia altiva,
Tomei-a nas mãos, captiva,
E penna a penna, em dor viva,
As azas nuas deixei!

Mais bella então me par'cia,
Mais fadada para amor;
N'aquellas azas, dizia,
Ha de levar-me onde for.
Vagaremos sem destino,
Dois sons casados n'um hymno,
Vivendo um viver divino,
N'um mundo... todo ideal;
Ambos livres lá seremos,
Lá, de encantados extremos,
Trocando as almas, teremos
Mil sonhos d'amor... sem mal!

Engano, engano! Nessa hora
Em que eu mais a acreditei,
Quando dos labios agora
Não sei que flor lhe invejei;
Quando o sangue me escaldava,
Quando a razão me deixava,
Quando mais me arrebatava,
Foi então.... tudo passou!
Cahiu-me a venda que eu tinha,
Era só illusão minha,
E por ter azas, sozinha,
Batendo as azas... voou!

III.

Desappar'ceu veloz no ethereo espaço
Como pomba fugida...! E eu já nem tenho
Força sequer para enganar-me, ao menos,

Co'a illusão da illusão! Não acho n'alma
Com que fingir nas horas scismadoras
Um simulacro vão da falsa imagem!
Levou-me tudo... a phantasia... os sonhos...
Que nem posso sonhar... e só me deixa
Os espinhos da rosa, o dom funesto
De recordar-me *sempre desse engano*!
Não... oh! não... esquecia as rouxas flores,
Que da mão descuidada lhe caíram
Antes do vôo erguer, e que eu no seio,
Beijando-as, recolhi! Duas violetas,
Esmola do acaso... embora, guardo-as,
Que teem na triste côr a côr que veste
Meu pobre coração... e foram d'ella!

J. DE LEMOS.

EXPOSIÇÃO DOS ANIMAES DOMESTICOS.

Continuado de pag. 231

Depois de havermos feito algumas considerações geraes ácerca dos programmas para as exposições, vem a proposito occuparmo-nos das particularidades relativas a cada especie de animal; mas por agora falaremos somente do que é respectivo á especie vaccum.

No gado bovino podem explorar-se tres grandes aptidões, segundo variarmos as condições da sua producção, conformando os animaes para *serviço*, para *ceva*, ou para *secreção de leite*: cada uma destas aptidões constitue um typo, que exclue qualquer dos outros dous, quando se pretende levar ao seu maior gráu de perfeição. Os typos mais perfeitos são representados pelos animaes de maior rendimento, e de mais facil e economica producção; e estes se podem obter por meio da *especialisação*, criando e educando os animaes com vistas de conseguir uma só aptidão.

Os nossos lavradores exigem dos animaes trabalho e algumas vezes leite, e depois a engorda: a especie vaccum satisfaz a todas estas exigencias; mas os seus productos, comparados no que respeita á quantidade e qualidade, são muito inferiores aos dos animaes conformados para um só genero de producção: por tanto aconselhamos, na maior parte dos casos, a *especialisação* como o meio mais vantajoso de explorar a industria bovina, criando raças exclusivamente *leiteiras;* de passo ligeiro e conformação apropriada para *serviço*, e de engorda e crescimento precoce.

A raça *hollandeza* apurada póde considerar-se como o typo das raças leiteiras, por isso que excede a todas na producção do leite; a raça *indiana* póde tomar-se como o modelo do boi de serviço; em fim a raça de *Durham* apurada deve julgar-se como o melhor typo do boi de ceva. É para estes modelos que convem dirigir a nossa attenção, e com estes elementos é que devemos levar a effeito a transformação das nossas raças bovinas; por isso que, em qualquer d'aquelles typos, o rendimento da machina animal é muito superior ao do nosso boi ordinario, sendo este, na maior parte dos casos, mais dispendioso no seu sustento.

Para dar completo desenvolvimento á nossa industria bovina fôra necessario importar e aclimatar aquellas raças, e reformar as indigenas, por meio do cruzamento com ellas e do seu castiçamento por selecção, fazendo-se uma rigorosa applicação dos preceitos zootechnicos.[1] Felizmente a aclimatação seria facil, por que possuimos já as *vaccas turinas* e o boi *zebu* restando-nos sómente apurar estas raças e aclimatar a de *Durham*.

Para satisfazer a conveniencias particulares, convem algumas vezes, e principalmente aos lavradores pouco abastados, reunir no mesmo animal mais do que uma aptidão; mas, para que a combinação de dous ou mais typos possa dar bom resultado, é necessario ser dirigida com muita prudencia. Se compararmos entre si os typos perfeitos, nota-se grande differença na conformação dos animaes, na actividade de algumas funcções, no regimen que lhes convem, etc.

O boi de *ceva* tem ossada miuda, os musculos volumosos mas tenros, o corpo bojudo em fórma de pipa, a cernelha larga, as espaduas curtas e grossas, as pernas curtas e delgadas etc.; o boi de *serviço* é ossudo, os seus musculos seccos e resistentes, o corpo comprido, a cernelha estreita e elevada, as pernas altas e carnosas etc.; a vacca *leiteira* é pançuda, tem as tetas grandes, flaccidas, pouco carnosas, as *gravuras* regulares e symetricas etc. A energia da assimilação dos principios nutritivos, propria ao boi de *ceva*, é substituida pelo vigor do systema muscular no boi do *serviço*, e pela actividade dos orgãos secretores do leite nas vaccas *leiteiras*. O repouso favorece a ceva, ao passo que o trabalho indurece a fibra muscular e desinvolve a sua força; o serviço accelerando a circulação e a respiração, precipita por esta fórma a renovação material do corpo, e obsta á nutrição e ao deposito de gordura, ou á secreção de leite. Em fim a producção de cada um dos referidos typos exige condições particulares na sua criação, educação e regimen alimentar.

Fica por tanto manifesto, que não é possivel combinar estes typos sem cortar por alguma de suas vantagens, diminuindo o valor de cada uma das aptidões para que o animal for destinado; devemos por isso combinar os typos que forem menos oppostos, para que a sua combinação não vá destruir as condições mais essenciaes de cada uma das aptidões, que o animal deve possuir, subordinando um

[1] Veja-se Zootechnia no Curso Completo de Zooiatrica domestica.

typo ao outro, conforme as circumstancias economicas e as condições de sua producção o exigirem.

A aptidão da producção de leite liga-se melhor com a da ceva, do que com a do serviço: *todas as vaccas leiteiras engordam facilmente, depois de ter cessado a secreção de leite:* estas duas aptidões succedem-se no mesmo individuo, e são favorecidas pelas mesmas condições. Todavia é necessario não abusar das relações physiologicas, que existem entre a secreção do leite e a nutrição, julgando que da combinação das duas referidas aptidões se póde deduzir uma proposição inversa á antecedente, *que uma raça apta para ceva, o seja egualmente para a producção do leite:* esta proposição tem sido combatida pela experiencia, mas nem esta prova fôra mister: bastaria, para conhecer sua falsidade, reflectir que no primeiro caso, cessando a secreção do leite, a actividade desta funcção se transporta para as funcções nutritivas; e no segundo com o apparecimento da secreção do leite não cessa a força assimilatriz.

A faculdade de prompta e antecipada engorda depende d'uma conformação organica particular, acompanhada do predominio dos systemas que transformam os principios alimentares em carne e gordura, como se nota na *raça de Durham*. Dada esta conformação, nota-se que os animaes se conservam nutridos, ainda mesmo sendo mal alimentados; por isso o apparecimento da secreção do leite não póde annullar este habito organico, e a vacca de ceva será sempre pouco abundante em leite, principalmente quando ella estiver nutrida.

A aptidão para a producção de leite poderá ligar-se com a de serviço; mas é necessario, que a vacca deixe de trabalhar, em quanto durar a secreção do leite, para que se exalte a actividade desta funcção pela cessação do exercicio muscular, pódendo augmentar-se a referida secreção por meio de apropriada alimentação.

Todas as raças, tanto de *serviço* como *leiteiras*, devem aproximar-se da conformação do typo de *ceva*, por que o fim dos animaes bovinos é o consumo; porém deve imitar-se aquelle typo somente, no que for compativel com a aptidão respectiva a cada raça, sem alterar os caracteres essenciaes do seu typo.

A nossa raça *minhota* poderia apurar-se para engorda ou para serviço, por que reune estas duas aptidões, ainda que em pequeno gráu; todavia é para o trabalho que a sua conformação mais a dispõe. A raça de *Mafra* deve aperfeiçoar-se exclusivamente para o serviço, porque os seus elementos a levam para este destino: assim o boi zebu póde ser considerado como typo do boi de serviço, e a raça *ribatejana* é de todas as nossas raças a mais apta para o serviço; por isso os mestiços destas duas raças devem ser aperfeiçoados no sentido da sua maior aptidão genetica. Do cruzamento do zebu com outras raças tambem se poderão obter mestiços para reunir duas aptidões.

As raças *gallega* e *trasmontana* reunem aptidões para serviço e para producção de leite, por isso muito convinha melhoral-as exclusivamente na direcção destas duas aptidões. A raça *turina* deve ser apurada exclusivamente para producção de leite; porém, se fosse cruzada convenientemente com outras raças, poderia dar mestiços com duas aptidões. Em fim as vaccas anãs (raça do Algarve) pódem reunir duas aptidões, a da producção de leite e a de ceva, sendo convenientemente aperfeiçoadas para satisfazerem a estes dous fins.

Devemos porém advertir, que na combinação das aptidões, e principalmente quando se pretende exaggerar mais uma dellas, cumpre attender não só ás considerações de conveniencia, mas tambem á conformação dos animaes que pretendemos aperfeiçoar n'um dado sentido.

A grandeza, a estatura, as fórmas, a côr, os chifres etc., não podem ter senão um valor relativo, subordinado ao typo para que foram criados os animaes, ás circumstancias da localidade, e ás condições economicas.

Continúa J. F. DE MACEDO PINTO.

MAIS UM REMEDIO PARA A MOLESTIA DAS VINHAS.

M. Vial, cultivador em Argel, diz ter empregado com bom resultado o seguinte remedio por elle descuberto.

Consiste em pulverizar as uvas com cinza de madeira e em seguida podar novamente a vinha, tres ou quatro pollegadas acima do ultimo cacho. As vinhas sujeitas a este processo são, segundo elle, immediata e constantemente preservadas da molestia. As cinzas empregadas, não devem ter soffrido a acção do ar para que os sáes nellas contidos não sejam decompostos. Este remedio é simples e pouco dispendioso. O *Akhbar* que o annuncia trás um grande numero de attestados de colonos d'Algeria que dizem ter verificado a sua efficacia.

ERRATAS DO N.º 18.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros*	*Emend.*
232	1.ª	49	despreza	desprezar
233	»	21	vida,	vida;
»	»	24	orgam; e se for	orgam; se for

APONTAMENTOS D'OPTICA.

ADVERTENCIA. Nestes apontamentos tractamos de ampliar, ou supprir, as doutrinas da parte da Optica de Lacaille. que ha alguns annos tem sido provisoriamente explicada, como preliminar, na cadeira d'Astronomia. Não se encontrará pois nelles um tractado completo d'Optica; mas sómente o que na exposição elementar d'aquella parte julgámos util accrescentar, e a cuja publicação annuimos em beneficio dos respectivos ouvintes.

CATÓPTRICA.

Espelhos esphericos.

1. Seja [1] AM (*fig.* 1) um espelho espherico, C o seu centro, O o ponto luminoso, OM um raio incidente, MF o reflectido; e façamos:

$$OA=d,\ CA=r,\ FA=f,\ ACM=\theta,\ OMC=CMF=i.$$

Os triangulos OCM e FCM dão:

$$\frac{\text{sen } MOC}{\text{sen } OMC}=\frac{MC}{OC},\quad \frac{\text{sen } AFM}{\text{sen } FMC}=\frac{MC}{FC},$$

ou

$$\frac{\text{sen } (\theta-i)}{\text{sen } i}=\frac{r}{d-r},\quad \frac{\text{sen } (\theta+i)}{\text{sen } i}=\frac{r}{r-f}$$

Desenvolvendo sen $(\theta-i)$ e sen $(\theta+i)$ em senos e cosenos de θ e i; depois eliminando cot i; e finalmente resolvendo a equação resultante em ordem a f: teremos, usando dos signaes superiores,

$$f=r\left(1-\frac{d\mp r}{2\,(d\mp r)\cos\theta\pm r}\right)\ldots\ldots\ldots\ldots(1).$$

D'onde resulta, que todos os raios emittidos de O, e incidentes nos pontos da circumferencia da base do sector espherico descripto pela revolução de ACM á roda de AC, se reunem no mesmo foco F.

2. Differenciando a equação (1) em ordem a f e θ, resulta

$$\frac{\delta f}{\delta\theta}=-\frac{2r\,(d\mp r)^2\,\text{sen }\theta}{[2\,(d\mp r)\cos\theta\pm r]^2}=-2r\left(1-\frac{f}{r}\right)^2.\,\text{sen }\theta\ldots\ldots(2)$$

O signal desta expressão mostra que o foco se approximará do espelho quando M se afastar de A. O seu valor mostra, que a variação será em geral pequena da ordem de $\delta\theta$, se o angulo θ fôr consideravel; e pequena da segunda ordem, se o angulo θ fôr tambem pequeno da primeira. D'onde resulta que as imagens formadas pelos raios, que ficam muito proximos do eixo do espelho, devem ser muito mais vivas e distinctas.

3. Se na formula (1) suppozermos θ muito pequeno da primeira ordem, de sorte que a superficie do espelho seja uma pequena porção d'esphera, teremos $\cos\theta=1$, e

$$f=\frac{dr}{2d\mp r}\ldots\ldots(3),\qquad \frac{\delta f}{\delta d}=\mp\frac{r^2}{(2d\mp r)^2}\ldots\ldots(4.)$$

Estas equações mostram que: para $d=o$ é f nullo; desde $d=o$ até $d=\frac{1}{2}r$ é f negativo e crescente, e o seu crescimento cada vez mais rapido; para d infinitamente approximado de $\frac{1}{2}r$ é f negativo e infinito; desde $d=\frac{1}{2}r$ até $d=\infty$ é f positivo e decrescente, e o seu decrescimento cada vez mais vagaroso; e finalmente para $d=\infty$ é $f=\frac{1}{2}r$. O que dá o seguinte quadro:

[1] As figuras serão publicadas no fim d'estes apontamentos.

$$\text{Para } d \begin{cases} = o \\ < \frac{1}{2} r \\ = \frac{1}{2} r \\ > \frac{1}{2} r \\ = \infty \end{cases} \qquad \text{Será } f \begin{cases} = o \\ \text{neg. e cresc.} \\ = -\infty \\ \text{pos. e decresc.} \\ = \frac{1}{2} r \end{cases}$$

4. Se no caso de ser o espelho convexo (fig. 2) fizermos um raciocinio semelhante, acharemos as mesmas formulas, que achamos para os espelhos concavos, com tanto que nestas se mude r e $-r$: advertindo porém, que aquella mudança faz contar os d e f positivos para a parte convexa, de A para O; e que por isso, se quizermos contar os f positivos para a parte concava, como nos espelhos concavos, será necessario mudar tambem o signal de f. Teremos assim, em logar das fórmulas (1), (2), (3), (4) com os signaes superiores, as mesmas fórmulas com os signaes inferiores. E, para as diversas distancias, a fórmula (3) dará o quadro seguinte:

$$\text{Para } d \begin{cases} = o \\ < \frac{1}{2} r \\ = \frac{1}{2} r \\ > \frac{1}{2} r \\ = \infty \end{cases} \qquad \text{Será } f \begin{cases} = o \\ < \frac{1}{4} r \\ = \frac{1}{4} r \\ > \frac{1}{4} r \\ = \frac{1}{2} r \end{cases}$$

Reduzindo ao mesmo denominador, e dividindo por $d\,r\,f$, tambem se póde dar ás fórmulas (3) a forma symmetrica

$$\frac{1}{f} \pm \frac{1}{d} = \frac{1}{\frac{1}{2} r} \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots (3').$$

5. Quando os valores de f relativos ao espelho concavo são positivos, o ponto F, onde então se reunem os raios reflectidos, é um *foco real*; mas quando aquelles valores são negativos, o ponto F, onde então se reunem os prolongamentos dos raios reflectidos, no sentido opposto ao do seu movimento, é um *foco virtual* ou *imaginario*. Nos espelhos convexos os valores positivos de f pertencem ao foco virtual.

Portanto nos espelhos concavos o foco é *virtual* desde $d = o$ até $d = \frac{1}{2} r$, e *real* desde $d = \frac{1}{2} r$ até $d = \infty$; nos espelhos convexos o foco é sempre *virtual*.

6. A equação (3') fica a mesma para o signal superior, quando se muda f em d e d em f; e para o signal inferior fica a mesma que para o superior, quando se muda f em d e d em $-f$. Por conseguinte o foco real do espelho concavo é *conjugado* com o ponto luminoso, isto é, estes dois pontos são reciprocamente focos reaes um a respeito do outro: e o foco virtual do espelho concavo é conjugado com o foco do espelho convexo, de sorte que estes dois pontos são reciprocamente focos virtuaes um a respeito do outro. O que é tambem um resultado immediato das leis da reflexão, e se confirma pela comparação dos valores de f no espelho concavo, correspondentes aos de d desde $d = \frac{1}{2} r$ até $d = r$, com os correspondentes aos de d desde $d = \infty$ até $d = r$; e pela comparação dos valores de f no espelho concavo, correspondentes aos de d desde $d = o$ até $d = \frac{1}{2} r$, com os valores de f no espelho convexo, correspondentes aos de d desde $d = o$ até $d = \infty$.

D'onde resulta, que o quadro das distancias focaes no espelho concavo, correspondentes ás distancias do ponto luminoso desde o até $\frac{1}{2} r$, e o quadro das distancias focaes no mesmo espelho, correspondentes ás distancias do ponto luminoso desde $\frac{1}{2} r$ até r, servem tambem: o

primeiro para todas as distancias do ponto luminoso no espelho convexo, e o segundo para as distancias do ponto luminoso no espelho concavo desde o infinito até r; mudando nelles as distancias focaes em distancias do ponto luminoso, e inversamente.

Se depois da reflexão fôrem (fig. 3) MN_1, MN_1', MN_1''..... os raios luminosos, correspondentes ás distancias desde $d=o$ até $d=\infty$; e MN, MN', MN''.. os seus prolongamentos: vê-se que, ao passo que a distancia do ponto luminoso no espelho concavo varia desde o até ∞, a recta NN_1 gira no sentido $NN'N''$... em torno d'um eixo perpendicular em M ao plano da figura, tomando as posições NN_1, $N'N_1'$, $N''N_1''$.., de sorte que até a posição $N''N_1''$ o prolongamento $MN^{(1)}$ do raio, e depois o mesmo raio $MN_1^{(1)}$, encontra o eixo. Percebe-se assim claramente que a solução de continuidade, que o valor de f apresenta na passagem de $d<\frac{1}{2}r$ para $d>\frac{1}{2}r$, ainda corresponde ao movimento continuo da recta NN_1 á roda do ponto M.

7. A doutrina dos numeros 1.° e 2.° mostra qual é a condição necessaria para que os raios reflectidos se reunam em um só ponto do eixo que passa pelo ponto luminoso. Mas para tornar mais sensivel geometricamente em que consiste esta condição, faremos as considerações seguintes:

Sejam NAN (fig. 4) o corte central d'uma porção d'espelho espherico, C o centro da esphera, e O um ponto luminoso, collocado na distancia $OA=d$ da extremidade do diametro que por elle passa. E sejam

$$y^2=2rx-x^2, \quad y^2=\frac{n^2}{m^2}(2mx-x^2),$$

as equações do circulo NAN, e d'uma ellipse de que este circulo seja osculador, e que tenha O por foco.

É sabido que os raios luminosos emittidos do ponto O, reflectindo-se na ellipse, irão reunir-se no outro foco F. Ora as condições de ser o circulo osculador, e de ser O um dos focos, dão (Franc. Math. pur. n.° 775 II)

$$r=\frac{n^2}{m}, \quad AF=c=2m-d, \quad m^2=n^2+(m-c).^2$$

Eliminando pois c e n entre estas tres equações, resulta

$$m=\frac{d^2}{2d-r}, \text{ d'onde } AF=c=\frac{dr}{2d-r},$$

que concorda com a formula (3).

Mas se desprezarmos x^2, isto é, se considerarmos a pequena porção de curva commum ao circulo e á ellipse, que se oscúlam, a equação, que nesta parte pertence a ambas as curvas, será

$$y^2=2rx:$$

logo, com tanto que se tome só uma porção de superficie da esphera tão pequena, que se possa considerar como pertencente ao ellipsoide de revolução osculador, os raios, que partem de O, reunir-se-hão em F.

Se os raios luminosos forem parallelos ao eixo, isto é, se o ponto O estiver a uma distancia infinita de A, a ellipse tornar-se-ha em parabola, e c reduzir-se-ha a $\frac{1}{2}r$. É com effeito o que deve acontecer; porque na parabola os raios parallelos ao eixo reunem-se no foco, e a comparação de $y^2=2rx$ com $y^2=px$ dá $p=4c=2r$, e por conseguinte $c=\frac{1}{2}r$.

8. Em quanto á grandeza das imagens, seja PQP' (fig. 5) um objecto circular concentrico ao espelho concavo BAB': a imagem será um arco pqp' tambem concentrico. E chamando O a grandeza do objecto PQP', e I a da imagem pqp', será:

$$\frac{I}{O}=\frac{Cq}{CQ}=\frac{f-r}{r-d}.$$

Se fôr pqp' o objecto, e PQP' a imagem, teremos ainda

$$\frac{I}{O}=\frac{CQ}{Cq}=\frac{r-f}{d-r}=\frac{f-r}{r-d}.$$

Portanto, em quanto fôr $2d>r$ a imagem será invertida, e teremos:

$$\frac{I}{O}=\frac{f-r}{r-d}=\frac{r}{2d-r},\quad \frac{\delta I}{\delta d}=-O.\frac{2r}{(2d-r)^2}\ldots(5).$$

Por onde se vê que, desde a distancia infinita do objecto até ametade do semieixo, a imagem I, formada por um espelho concavo, cresce quando diminúe a distancia do objecto ao espelho, sendo: infinitamente pequena para $d=\infty$; egual ao objecto para $d=r$; e infinita para $d=\frac{1}{2}r$.

Para $2d<r$ a imagem será direita (fig. 6), e teremos

$$\frac{I}{O}=\frac{Cq}{CQ}=\frac{r+Aq}{r-d}=\frac{r-f}{r-d}=\frac{r}{r-2d},\quad \frac{\delta I}{\delta d}=O.\frac{2r}{(r-2d)^2}\ldots(6).$$

Por onde se vê que neste caso a imagem diminúe quando diminue a distancia, sendo: infinita para $d=\frac{1}{2}r$; e igual no objecto para $d=\frac{1}{\infty}$.

Nos espelhos convexos (fig. 7) a imagem é direita, e temos

$$\frac{I}{O}=\frac{Cq}{CQ}=\frac{r-f}{r+d}=\frac{r}{2d+r},\quad \frac{\delta I}{\delta d}=-O.\frac{2r}{(2d+r)^2}\ldots(7).$$

Por onde se vê que nestes espelhos a imagem cresce quando diminúe a distancia, sendo: nulla para $d=\infty$; e egual ao objecto para $d=o$.

9. Para comparar entre si as imagens do mesmo objecto, collocado á mesma distancia de differentes espelhos, differenciaremos os valores de I dados pelas formulas (5), (6), (7), em ordem a r; o que dará:

Na formula (5) ..... $\frac{\delta I}{\delta r}=O.\frac{2d}{(2d-r)^2}$

Na formula (6) ..... $\frac{\delta I}{\delta r}=-O.\frac{2d}{(2d-r)^2}$

Na formula (7) ..... $\frac{\delta I}{\delta r}=O.\frac{2d}{(2d+r)^2}$

Logo, nos espelhos concavos as imagens crescem quando diminue a curvatura do espelho, no caso de ser a distancia maior que ametade do raio; e diminuem com a curvatura no caso de ser a distancia menor que ametade do raio: nos espelhos convexos sempre as imagens crescem quando diminue a curvatura do espelho.

10. As formulas relativas aos espelhos esphericos tornam-se nas dos espelhos planos, fazendo nellas $r=\infty$.

Se os espelhos tiverem outra figura, e esta fôr conhecida de modo que se possam tirar os seus planos tangentes, applicar se hão as leis da reflexão nos espelhos planos aos planos que tocam a superficie nos pontos d'incidencia, e que se confundem com ella nas visinhanças d'esses pontos. A equação do plano tangente á superficie proposta, combinada com as leis da reflexão nas superficies planas e com a posição do ponto luminoso, dará as posições successivas dos raios reflectidos, e por conseguinte as suas intersecções consecutivas.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia
Mez de Outubro		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor aquoso contido no ar.	Pressão do ar secco	Gráu de humidade do ar	Quantidade de vapor aquoso contido em um metro cubico de ar.	
Dias	Gráus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas.	
1	22	753,349	14,449	738,900	0,7022	14,15	NO.
2	23	752,841	15,465	737,376	0,7516	15,15	S.
3	22	755,842	13,591	742,251	0,7	13,36	NO.
4	21	755,604	14,466	741,138	0,7898	14,26	NO.
5	20	753,918	13,073	740,845	0,7551	12,93	N.
6	21	746,552	14,049	732,503	0,7670	13,85	N.
7	19	740,667	11,714	728,953	0,7192	11,63	S.
8	19	745,982	11,869	743,113	0,7287	11,78	S.
9	19	754,243	13,406	740,837	0,8231	13,31	SO.
10	17	757,374	12,144	745,230	0,8394	12,14	S.
11	18	759,783	12,428	747,355	0,8095	12,38	O.
12	17	756,096	9,823	746,273	0,6790	9,82	E.
13	16	756,219	8,218	748,001	0,6030	8,24	E.
14	15	756,342	7,893	748,449	0,6149	7,94	E.
15	16	756,219	8,421	747,798	0,6179	8,45	SO.
16	16	756,269	8,855	747,414	0,6497	8,88	SO.
17	17	748,377	11,639	736,739	0,8044	11,63	O.
18	15	746,974	9,006	737,968	0,7016	9,06	S.
19	14	747,603	9,103	738,500	0,7532	9,19	SO.
20	14	751,145	8,989	742,156	0,7437	9,08	SO.
21	14,5	752,100	8,425	743,675	0,6758	84,80	N.
22	15,5	754,369	11,086	743,278	0,8378	11,14	N.
23	16,5	754,904	12,371	742,533	0,8806	12,39	N.
24	18	753,407	13,028	740,379	0,8486	12,98	SO.
25	20	750,667	12,718	737,849	0,7340	12,58	O.
26	16	757,489	11,214	746,275	0,8228	11,25	N.
27	14	764,812	9,233	755,579	0,7639	9,32	N.
28	13	753,112	8,469	749,643	0,7444	8,58	N.
29	13,5	756,527	7,682	748,845	0,6548	7,77	S.
30	15	755,087	9,962	745,125	0,7761	10,03	SO.
31	15	757,612	10,218	747,394	0,7960	10,28	SO.
media do mez	17,19	753,757			0,7447		

Extremas do mez	*Temperatura*		*Pressão atmospherica*		*Gráu de humidade do ar*	
	Maxima absol. . .	23°	Maxima absol.....	759,783	Maxima absol.....	0,8806
	Minima	13°	Minima	740,667	Minima.	0,6030
	Maxima variação .	10°	Maxima excurção ..	19,116	Maxima variação.....	0,2776

Coimbra 1.° de Novembro de 1854.

O Demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Manoel dos Santos Pereira Jardim.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL,

1848—1849.

Continuado de pag. 257.

2.ª PARTE.

Instrucção primaria.

A instrucção primaria na sua actual organisação, comprehende uma eschola normal em Lisboa, escholas d'ensino mutuo e simultaneo pagas pelo Estado; escholas pagas por corporações, ou por legados; e escholas particulares.

As escholas normaes, esses viveiros onde se criam os educadores e mestres do povo, e que tem merecido das nações, onde seriamente se cuida da instrucção publica, o mais desvelado interesse, são particularmente entre nós, em consequencia da falta de conhecimentos pedagogicos, os estabelecimentos donde deve saír a regeneração do ensino primario, quasi geralmente reduzido aos seus primeiros e informes rudimentos.

É para lamentar que as necessidades publicas tenham obrigado o governo de V. M. a limitar por ora estes estabelecimentos a uma só eschola na capital do reino, e que essa mesma, não tendo podido até agora funccionar, seja um motivo para constituir o conselho na necessidade de por mais tempo ainda admittir temporariamente ao ensino, mestres sem as habilitações sufficientes, e que apenas poderiam servir em escholas de freguezia ruraes inferiores ás do 1.º grau.

A eschola normal de Lisboa, cujo regulamento foi publicado pelo governo de V. M. em 24 de dezembro de 1845, tem um professor nomeado por decreto de 17 de março de 1848, Francisco Julio Caldas Aulete; e achando-se concluido o edificio, juncto á casa pia de Belem, como V. M. se dignou communicar ao conselho superior, em portaria de 22 de maio de 1848, não tem depois o conselho sabido do estado em que se acha aquella eschola, nem dos trabalhos que foram commettidos ao seu professor, junctamente com o da casa pia, Francisco Antonio de Michellis; e não tendo ainda sido resolvida a consulta do 1.º de julho de 1848, sobre o projecto de regulamento apresentado pelo professor Aulete, não póde este conselho dizer cousa alguma sobre o estado d'esta eschola. Ha no continente e Ilhas 1:169 escholas de ensino primario, sendo 1:123 para meninos, e 46 para meninas, as quaes estão distribuidas pelos differentes districtos como se vê no mappa.

Nas 1:116 que ha no continente, segue-se o methodo de ensino simultaneo em 1:059, e d'estas para meninos, estão providas vitaliciamente 705, temporariamente 254, vagas e a concurso 89, e reservadas 11; e para meninas, estão providas, vitaliciamente 39, e 2 vagas e a concurso. Das 16, para meninos, em que é seguido o methodo d'ensino mutuo, estão 12 providas vitaliciamente, 1 a concurco e 3 reservadas. Dos 306 mappas das escholas do continente entrados na secretaria até esta data vê-se, que o numero dos alumnos, que no ultimo anno lectivo frequentaram as escholas a que se referem, sobe a 33:113, havendo um excesso de 2:933 sobre o numero apurado no anno precedente.

Das Ilhas, d'onde faltam a maior parte dos relatorios dos commissarios e dos mappas dos professores, apenas consta, que as 28 cadeiras dos districtos de Angra, Funchal e Horta foram frequentadas por 1:522 alumnos. As escholas em exercicio pagas por legados são no continente 13, e acham-se providas. Por 3 mappas remettidos consta que foram frequentadas por 148 alumnos. Nas Ilhas ha 28 escholas pagas pelas camaras municipaes; 3 pagas pelo thesouro e junctas de parochia, e 19 pelas junctas de parochia e confraria. Alumnos 2462.

O conselho procura ir vencendo a resistencia, que seus delegados tem encontrado em obrigar os professores das escholas particulares de ensino primario a habilitarem-se com as competentes certidões de capacidade, na conformidade do que determina o decreto de 20 de septembro de 1844. No anno findo habilitaram-se legalmente 11 individuos do

sexo masculino e 2 do feminino. E a pezar de todas as diligencias, apenas se obtiveram 13 mappas dos alumnos que frequentaram similhantes aulas em numero de 340.

É pois o numero total dos alumnos, que, segundo os mappas recebidos, frequentaram durante o ultimo anno lectivo as escholas do ensino primario, de 37:585; o numero porém dos individuos, que no mesmo anno se applicaram a este ramo do ensino, póde elevar-se sem exaggeração a 70:000, que em relação á população actual, computada em 3:412:500, almas dá em resultado a proporção de 1:487. A relação do numero das escholas publicas para o das freguezias em todo o reino está na proporção de 1:3,5.

O ensino primario acha-se actualmente confiado a 1:183 professores, contando os ajudantes das escholas de ensino mutuo, e os substitutos dos professores d'ensino simultaneo. A verba votada para os ordenados d'estes professores no continente e Ilhas, abatendo os impostos da lei de 16d'agosto de 1848 é de 97:164$170 rs, e esta despesa em relação a 37:585 alumnos das escholas corresponde á despesa annual de 2:585 por cada alumno.

É, Senhora, na instrucção primaria principalmente que o quadro apresentado a V. M. por este conselho, está bem longe de ser ainda tão lisongeiro como se deseja, e como o pede o estado actual da civilisação.

N'este quadro depara-se logo com tres poderosos obstaculos ao progresso e propagação d'este ponto fundamental de toda a instrucção, e são: a insufficiencia de grande numero de professores, o diminuto numero de escholas publicas, e a pouca affluencia de alumnos a muitas dellas.

A insufficiencia dos professores, com a qual em parte tem sido necessario condescender, não póde ser remediada radicalmente, senão pela organisação das escholas normaes; e n'um futuro mais proximo, apenas poderão conceber-se algumas esperanças mais lisongeiras a este respeito, se, melhorando o estado do thesouro publico a ponto de vencer-se o atraso fatal em que se acham os pagamentos dos servidôres do Estado, podér offerecer-se uma perspectiva melhor, que convide aos concursos para as cadeiras d'esta parte do ensino oppositores mais habilitados. Da relação, em que está o numero das escholas com o das freguezias, deprehende-se bem que este numero não satisfaz ás necessidades do Paiz. E na verdade, sendo a parte mais elementar do ensino primario, isto é, aquella parte que se limita ao ensino dos principios moraes e religiosos, de ler, escrever, e contar, uma das necessidades mais geraes aos individuos de todas as condições, tanto para o interesse do Estado, como para o seu proprio, em quanto a não virmos propagada por todas as povoações, de modo que ao lado de cada egreja parochial haja sempre, pelo menos, uma eschola d'esta categoria, poderemos dizer que nos falta o alicerce mais seguro da moralisação e civilisação do povo, e por conseguinte o fundamento de quaesquer melhoramentos que se emprehenderem para felicitar a nação.

Na impossibilidade em que se acha actualmente o governo de V. M. de augmentar o numero das escholas com os recursos do thesouro, tem o conselho a satisfacção de dizer a V. M. que muito se poderia, a pezar disso, fazer n'este sentido, se as auctoridades administrativas e os commissarios d'estudos imitassem o governador civil de Bragança e o commissario d'estudos d'Evora, nos meios de propagar a instrucção por elles já ensaiados com successo. O governador civil de Bragança, zeloso pelo progresso da instrucção popular, dirigio-se aos seus administradores e ás camaras municipaes, pedindo-lhes os esclarecimentos necessarios para se reconhecer a possibilidade de augmentar o numero das escholas pelos meios apontados no art. 9. do decreto de 20 de septembro de 1844, e instando com aquellas camaras, com as juntas de parochia e irmandades, obteve em resultado do seu zelo, que se creassem 35 cadeiras, sendo duas pagas pelas camaras, 4 pelas juntas de parochia, 6 pelas confrarias, e 23 regidas gratuitamente pelos parochos.

Oxalá que este exemplo seja seguido, e que todas as auctoridades administrativas e os parachos tomem a peito fazer reconhecer aos povos a importancia da instrucção, porque reconhecida esta necessidade acontecerá como no districto de Bragança, e como está acontecendo em quasi todo o Reino com outra necessidade que caminha a par da primeira, mas hoje geralmente reconhecida, e que por isso todos se empenham em que seja satisfeita, a do melhoramento das vias de communicação.

Oxalá que haja o maior cuidado na educação e nas habilitações do nosso clero, porque então os dignos parochos do districto de Bragança terão muitos imitadores; e na verdade ninguem melhor do que os parochos poderia nas frequencias ruraes incumbir-se do ensino primario elementar; elles a quem está incumbida a educação religiosa do povo, achariam na parte complementar do ensino das primeiras letras uma das occupações mais em harmonia com o seu sagrado ministerio, não se achando felizmente no nosso paiz, como acontece em quasi todos os outros, embaraçados com as collisões, de diversas crenças religiosas. O commissario dos estudos d'Evora com o seu projecto de associações de beneficencia dirigida para o ensino das classes pobres, que ha pouco foi por V. M. appro-

vado, abriu um outro caminho, pelo qual, sendo devidamente coadjuvado pelas auctoridades, deve tambem conseguir o augmento e propagação da instrucção primaria. N'aquelle projecto prende-se o sentimento de humanidade e beneficencia das pessoas principaes e influentes com os habitos religiosos dos povos, e convida-se o clero, e principalmente os parochos a tomar parte activa nesta obra de caridade e civilisação. Com taes elementos ha motivo para esperar que esta tentativa produzirá os resultados que seu auctor teve em vista, e que segundo participa no seu relatorio já vê em parte coroados no concelho do Alandroal, aonde o administrador do concelho, o parocho e o professor d'aquella villa tem tomado muito a peito promover por aquelle meio o augmento da instrucção primaria.

A pouca affluencia dos alumnos a algumas das escholas publicas é motivada em parte pelo estado de ignorancia em que ainda jaz grande porção da familia portugueza, e em parte pela miseria das classes operarias.

Para vencer a primeira causa, intende o conselho que os melhores meios são os já apontados da persuasão e do exemplo, não se devendo recorrer aos coercivos, senão depois de exhauridos os primeiros. Tambem concorrerá para este fim, e conjunctamente para despertar o zêlo dos mestres, tornar effectivo o disposto no artigo 26, §. unico do decreto de 20 de septembro, dando a gratificação de 10$000 rs. aos professores que no espaço de dois annos derem promptos nos exames annuaes o numero de discipulos marcados no mesmo §.

As associações de beneficencia remediarão, em parte, a miseria das classes operarias; e para que a instrucção dos alumnos saídos d'estas classes possa combinar-se com o auxilio que os seus paes d'elles exigem nos seus trabalhos, e principalmente no serviço de agricultura, já o conselho providenciou permittindo que alguns professores possam escolher horas d'aula mais accommodadas a estas circumstancias.

Além dos obstaculos mencionados, tornava-se notavel a falta de um regulamento geral das escholas de ensino primario, principalmente para meninos. Porém tendo V. M. achado conveniente remetter ao conselho superior, com a portaria de 25 d'agosto ultimo, entre outros, o regulamento sobre este objecto que o conselho fizera subir á presença de V. M. em consulta de 24 de janeiro de 1845, a fim de vêr se neccessitava de algumas modificações, e addicionamentos aconselhados pela experiencia do tempo decorrido desde a sua organisação, já o conselho se occupou, como na primeira parte d'este relatorio fica dicto, d'este objecto, fazendo sobre elle subir nova consulta; e espera que, dignando-se V. M. resolver o que julgar melhor a este respeito, cessará a falta mencionada, e com ella a irregularidade tão prejudicial no ensino publico.

Em conclusão, Senhora, se esta parte tão essencial da instrucção está ainda longe de attingir ao termo desejado, é innegavel que n'ella temos feito progressos, principalmente se a compararmos com o estado em que se achava em periodos não muito remotos. Conhecidos os obstaculos que ainda a embaraçam no seu desinvolvimento, e apontados alguns remedios para vencêl-os, tem o conselho toda a confiança que o governo de V. M. tão sollicito pela illustração e prosperidade publica, dará pelos meios que a sua intelligencia e patriotismo lhe hão-de suggerir um impulso fórte á instrucção primaria, contemplando a sua perfeita organisação como a primeira necessidade do paiz, e de cuja satisfacção sómente poderão derivar-se os elementos regeneradores que hão de erguer-nos do nosso estado actual de prostração e decadencia.

Continúa.

RELAÇÕES ENTRE AS ESCHOLAS SUPERIORES DE HESPANHA E PORTUGAL.

Os curiosos da nossa historia litteraria estarão lembrados da correspondencia que em 1852 se principiou a entabolar entre a universidade de Coimbra e a central de Madrid; porque este acontecimento, provocado pelo zelo d'um dos nossos mais distinctos professores, o sr. Vicente Ferrer, é tão importante para o progresso das nossas letras, que mal se desculparia aquelle que o ignorasse.

Ha, porém, hoje, quem, não contente com isso, quer que se estabeleçam mais estreitas relações, não só entre as duas universidades, senão tambem entre todas as de Hespanha e as escholas superiores de Coimbra e Lisboa, formando entre ellas uma união tal, que os estudos começados n'umas possam nas outras ser continuados, sem differença d'eschola ou de nação.

Este pensamento, apresentado primeiro nas côrtes de Hespanha em sessão de 14 de dezembro do anno passado pelo sr. deputado Bertemati, foi logo no dia seguinte reproduzido pelo *Adelante*, jornal politico de Madrid, e com tal empenho, que não só se encarrega de propagar pela sua patria esta idea, mas convida a imprensa de Coimbra e Lisboa a que aconselhe a sua adopção em Portugal.

O *Instituto* não se julgaria comprehendido n'este convite geral, se o não tivesse recebido particular da redacção do *Adelante*, porque

o periodico de Madrid, e antes d'elle, o sr. Bertemati consideraram a *união universitaria* simplesmente como um de «los medios de uma union duradera y provechosa para am- «bos pueblos», isto é, encararam-na subordinada a uma questão politica que póde dar materia para mui eloquentes discursos, mas que não póde ter cabida n'um jornal exclusivamente litterario, como este.

Julgando, porém do nosso dever dar satisfacção ao convite do *Adelante*, sem faltarmos ás nossas obrigações de jornalistas litterarios, desviaremos um pouco a questão do caminho por que a levam os nossos vizinhos, para o campo scientifico em que só nos compete discutil-a. N'este campo os principios da publica administração, e as bases em que assenta o nosso systema de instrucção publica, conduzem-nos a um resultado diverso d'aquelle a que chegou o *Adelante*, partindo de differente ponto, e por outro caminho.

Apaixonados pela liberdade d'ensino, implicitamente sanccionada no § 23 do art. 145 da carta const., desinvolvida no decreto de 29 março de 1832, e ratificada nos decretos da reformação litteraria de 1836 e no de 1844, julgamos com tudo que o Estado não póde, nem deve deixar de exercer os seus direitos de inspecção sobre o exercicio do magisterio particular e livre, porque assim como o Estado por um principio sanitario deve prohibir a venda de venenos a pessoas que não deem garantias do bom uso d'esta faculdade, cumprindo-lhe fiscalisar muito de perto o uso que d'ella fazem as pessoas a quem é concedida, assim deve vigiar que os professores não usem mal da palavra, que tanto póde ser um remedio como um veneno, e deve acautelar que não abusem da credulidade publica, inculcando-se por grandes medicos sem passarem de rudes charlatães. Este principio da inspecção do Estado no ensino livre acha-se estabelecido nos art. 83 e seguintes do nosso decreto de 20 de septembro de 1844; recebeu-o a França na constituição de 1848 [1] e depois d'ella a Inglaterra [2]: de maneira que nós accusados de andarmos a trás de todas as nações; reprehendidos de indolentes no promover a instrucção primaria, porque em vinte annos não livres de agitações politicas, não conseguimos derramar a luz por tres milhões e meio de habitantes acostumados ás trevas, e affeiçoados á escuridão; devemos todavia lisongear-nos de havermos, n'este ramo de administração publica, tomado a dianteira ás nações mais cultas [1].

Sendo pois a inspecção no meio da liberdade o modo de conciliar os interesses das familias com os direitos e deveres do Estado, e não podendo ella exercer-se em territorio alheio, a regra é que não se deve dar á frequencia d'aulas extrangeiras o mesmo valor que á das nacionaes.

Esta regra torna-se rigorosa a respeito da instrucção superior. As escholas superiores publicas são institutos politicos, que habilitam os que as frequentam para o exercicio dos cargos publicos. Estas escholas estão subjeitas não sómente á inspecção, mas á direcção do Estado; este é quem educa as pessoas que devem occupar-se da governação d'esta grande familia, a que chamam nação. Assim é entre nós. Temos os exames preparatorios determinados pelo Estado, a edade para o principio dos cursos superiores determinada pelo Estado, a distribuição das disciplinas pelas cadeiras, e um plano d'estudos igualmente determinados pelo Estado.

Não se nos esconde que este principio é muito combatido por muitos sabios da Allemanha. Quando a camara popular de Bade manifestou mui decididas tendencias para estabelecer um plano obrigatorio d'estudos superiores, tendencias que Savigny qualificára «d'uma conspiração systematica contra a liberdade docente e discente,» appareceu a rebatel-as uma infinidade de escriptos, elaborados na maior parte por professores. Os de Savigny, de Mohl, de Schleiermacher, Thiersch, Mayendorfs e outros pretendem a mais completa liberdade: querem que cada qual siga o methodo e systema que melhor lhes parecer nos seus estudos; que principiem n'uma universidade ou em particular e acabem n'outra como lhes aprouver. Fundam-se em que o contrario seria tolher a instrucção universal, e limitar a liberdade pessoal. Recusam-se a considerar as universidades como estabelecimentos politicos, e dizem que para os empregos não se devem preferir os que teem seguido um dado systema d'estudos aos que possuem a verdadeira sciencia.

Estes argumentos não atacam a nossa doutrina. Nós não impedimos a instrucção, nem restringimos a liberdade. Cada qual que se contentar com ser um sabio, póde estudar particularmente, ou nas nossas escholas sustentadas pelo Estado: não são ellas publicas? Podem, pois, ouvir os professores, tomar apontamentos, consultar as bibliothecas. Mas que certos empregos sejam providos em quem não tiver certas habilitações previamente de-

[1] Na lei franceza de 29 frimaire anno II., e na constit. do anno III achavam-se combinadas a liberdade de ensino com a fiscalisação da auctoridade, mas não chegaram a executar-se. A carta de 1830 proclamava em termos absolutos a liberdade d'ensino, mas o governo notando a lucta entre o clero e a universidade de França, que se disputavam a influencia no ensino, não pôde nunca lograr que se fizessem as leis organicas para levar por diante aquella providencia. A constit. de 1848 estabelecendo os verdadeiros principios teve execução desde a lei de 15 de março 1850, que é a data de que devemos começar a contar em França a liberdade d'ensino e a inspecção do governo.

[2] V. o numero antecedente do *Instituto* pag. 260.

[1] V. a not. 1.ª

signadas na lei, é inadmissivel; é um principio condemnado pela experiencia. Nós testemunhas de tantas agitações promovidas por uma multidão d'aspirantes aos logares publicos, nós victimas do pessimo desempenho d'empregados analphabetos, nós que clamamos contra a instituição dos juizes ordinarios que devem applicar a lei sem terem a obrigação de a saber, não podemos comprehender como se substitua o arbitrio do poder executivo ás presumpções legaes de capacidade attestada por uma escholа depois d'um curso regular. Não podemos, pois, deixar de considerar as escholas superiores, como institutos politicos subjeitos á vigilancia e direcção do estado. E como esta vigilancia não póde transpor as fronteiras, como esta direcção não póde permittir-se em alheio territorio, segue-se que a união entre as escholas de diversos paizes é contraria aos principios administrativos, e sobre tudo a todo o nosso systema de instrucção superior.

E «os sabios não tem nação» disse um jornal d'esta cidade, adherindo á idea da união universitaria proposta pelo *Adelante*. É verdade; mas as habilitações para as funcções publicas teem uma regra; essas teem nação, assim como os empregos para que ellas são preliminares.

Além d'esta razão, ha outras deduzidas tambem das relações entre as nossas escholas, para as quaes não existe essa união que o *Adelante* quer ampliar ás universidades da Peninsula; sendo para notar que esse jornal fallasse nas escholas de Lisboa, como equiparadas á universidade de Coimbra, e não fallasse nas escholas do Porto, que são realmente equiparadas ás de Lisboa. Não admira que o *Adelante* não tivesse conhecimento do nosso systema de instrucção publica, porque mesmo entre nós este conhecimento não é vulgar, nem facil de adquirir por causa do estado confuso em que se acha toda a nossa legislação.

Eis o que pensamos n'esta materia. Não se póde dizer que não concordamos com o nosso collega de Madrid, porque cada um de nós se collocou em diverso campo. Mas o resultado, a que chegamos, parece-nos o unico conforme aos principios.

A INSTRUCÇÃO PRIMARIA NO DISTRICTO DO FUNCHAL.

A falta de inspecção nas escholas primarias é o defeito que mais imputam ao systema da nossa instrucção publica; mas esse defeito não provem da lei, quanto á inspecção que ella estabeleceu, provem principalmente de serem tão mal retribuidos os logares de commissarios de estudos, — ou não ha quem os queira servir, ou os que os acceitam, salvas algumas honrosas excepções, limitam-se apenas ao mero expediente dos exames, a que teem de presidir por ordem do conselho superior, sem curarem de evitar e inspeccionar as escholas dos seus districtos, de promover a associação dos professores dispersos pelas povoações ruraes, um dos meios mais efficazes, e mais utilmente practicados em Allemanha, de aperfeiçoar o ensino, corrigir os abusos dos differentes methodos, e excitar entre os individuos desta classe o amor do estudo, e o interesse pelos melhoramentos deste importantissimo ramo da instrucção publica. Finalmente os commissarios de estudos nem tractam de esclarecer e admoestar os professores para o bom desempenho dos deveres do seu magisterio, e d'aqui provem o lamentavel abandono de muitas das nossas escholas, o desleixo e negligencia dos professores, e a pouca, ou nenhuma consideração de que pela maior parte gosam, quando tão estimados e respeitados deviam ser.

O defeito, por tanto, repetimol-o, não está no systema, mas nas pessoas, e nestas principalmente pelos poucos estimulos, e mais que mesquinha remuneração, que por tal serviço lhe é concedida. Não entendemos que devam estabelecer-se grossos ordenados aos commissarios de estudos, mas sim que tenham o sufficiente para sem outros cargos, poderem mais detidamente occupar-se dos deveres do seu officio, que muitos e mui importantes são elles.

Em abono do systema de inspecção das nossas escholas, estabelecido na legislação actual, fallam bem alto os distinctos e relevantes serviços d'alguns d'esses commissarios, em quem o interesse das letras, o amor da solida instrucção, e da boa educação moral e religiosa, e o zelo e dedicação por este ramo da administração publica, podem mais que outras mesquinhas considerações de pessoal conveniencia.

Destas raras e distinctas qualidades no desempenho de tão laboriosas funcções, podemos apresentar como modelo, sem offensa de outros caracteres respeitaveis, o dignissimo commissario dos estudos no districto do Funchal, o sr. Marcelliano Ribeiro de Mendonça.

Entrando no exercicio deste cargo, um dos seus primeiros e mais louvaveis empenhos foi o estabelecimento de uma associação de professores «que pausadamente estude e aprecie em conferencias regulares os diversos methodos d'ensino; defeitos ou vantagens, que tenha cada um; reforma ou melhoramento que reclame.»

Para este fim o sr. Mendonça ordenou um projecto de regulamento de uma — *associação de conferencias* sobre o ensino primario — ao qual convidou a subscreverem todos os mestres do seu districto n'uma circular, que lhes

*

dirigiu, cheia de mui judiciosas e bem escriptas ponderações sobre a vantagem e necessidade de uma tal associação[1].

Por outra circular o commissario dos estudos do Funchal recommendava aos respectivos professores o exacto cumprimento do regulamento de 20 de septembro de 1850, quanto á obrigação do ensino religioso que nas escholas d'aquelle districto se achava no maior e mais escandaloso abandono.

O ensino religioso, dizia o illustre commissario, é a cultura de um instincto da humanidade — tão real como qualquer outro — e o mais importante de todos. Se em todos os tempos tem sido uma precisão da juventude a cultura d'este instincto, hoje é ella, mais que nunca, de absoluta indispensabilidade.

Bem sabe V. quão poucos páes e mães, nos tempos em que vivemos, podem e querem tomar sobre si a instrucção religiosa de seus filhos. Essa, deixam-na quasi por inteiro a cargo do professor do ensino primario. Ora, se este os não ensina a respeitarem a religião, como não haja no lyceu cadeira alguma que lhes dê tal ensino, elles saírão da eschola para o lyceu, do lyceu para a sociedade na mais crassa ignorancia das verdades que dizem respeito a Deos, á fé, e ás cousas da outra vida. A quantos perigos os não exporá no mundo tão funesta ignorancia! Que esperança poderá alental-os em meio dos trabalhos da vida! Que poderá esperar de taes homens a sociedade! . . .

Bem sei que philosophos de certa eschola pretendem «que o ensino religioso deve ser pura e exclusiva attribuição do clero.» — Não creia em tal, sr. Professor. Bem longe de assentir a uma doutrina que está em manifesta opposição com a lei, faça por capacitar-se de que em nossos costumes presentes, no estado actual de nossas instituições ha considerações especiaes de sobra, que requerem na eschola *um ensino religioso mais succulento e profundo que nunca.*

Quanto mais livres forem as instituições de um povo, e quanto mais adiantada a civilisação que as tenha produzido, tanto mais puros reclamam ellas os costumes; e os costumes só são puros quando teem por alicerce fortes convicções religiosas. Ora convicções d'estas são effeito — ou de uma fé espontanea, ingenua, primitiva, que já hoje é mui rara, — ou de uma instrucção conscienciosa e completa. — O espirito do seculo aponta com preferencia para esta segunda fonte.

E se, por outro lado, elle tem — para assim dizer — depurado a fé em nossa natureza immortal, essencialmente moral e religiosa; se conhece que na humanidade ha um sentimento poderoso, vivacissimo, o mais sublime de todos, que é o sentimento religioso; porque motivo ha de a sociedade deixar sem cultura este sentimento? Porque não hade amparal-o, protegêl-o, trazêl-o quanto antes ao estado de florescencia e fructificação? Porque não hade tirar d'elle todas as vantagens que contem, assim para o individuo como para o estado, nesta como na outra vida?

A educação da egreja por si só não póde fazer tal. O ministro do altar falla em nome da fé; o instituidor publico, em nome da razão. Ora as condições da vida presente são taes, que só em nome da razão é que o espirito hade curvar-se e prestar ouvidos ás palavras da fé. Por isso diz Mm.e de Stael — «Ninguem d'ora vante poderá remoçar a «raça humana, senão fazendo-a tornar á religião pela phi«losophia, e ao sentimento pela razão.»

A par do ensino religioso o sr. Ribeiro de Mendonça recommendava n'outra circular o ensino moral, expondo aos professores a rigorosa obrigação, que tem, de auctorizar este eusino pelo meio directo, que é o *preceito*, e pelo indirecto, que é o *exemplo*.

O homem, diz o illustre commissario, é um ser social e perfectivel. Como ser social precisa pôr-se em harmonia de ideas, de sentimentos, de acções com seus semelhantes, mormente com aquelles que tenha mais ao pé de si, e que gozem a seus olhos de maior auctoridade, Como ser perfectivel, é de continuo propellido por um movimento secreto para egualar quanto esteja acima d'elle, para rivalisar com faculdades e forças que lhe pareçam superiores ás suas, uma vez que não seja insupperavel a distancia que as separa. Esta duplicada tendencia e direcção de nossa natureza é a que se manifesta em nós pelo instincto da imitação.

A auctoridade, isto é, *auctoridade moral* (que é a de que aqui se tracta) é a preponderancia que talvez tem em nossas resoluções pessoa que tenhamos em conta de mais avantajada que nós, em prudencia, probidade, e benevolencia para comnosco — «Durante os primeiros annos da vida,» «diz Reid, «a auctoridade é o nosso unico director: e bom «é que assim seja. A não ser esta disposição natural que «nos faz crer implicitamente em tudo quanto nos digam as «pessoas com quem convivemos, seriamos absolutamente «incapazes de ensino, e aperfeiçoamento ulterior,»

Ja d'aqui se vê como se prendem e ligam entre si as condições da efficacia do exemplo, considerado como meio de educação moral. A auctoridade accorda o desejo de aperfeiçoamento individual; o instincto de imitação realisa este desejo: nem o instincto sem a auctoridade poderia desinvolver-se, nem esta sem o instincto edificar.

Eis aqui como o digno commissario dos estudos no Funchal tem sabido comprehender bem a sua missão, aconselhando e dirigindo os professores em todos os objectos de que mais particularmente depende o aproveitamento dos alumnos, o aperfeiçoamento do ensino, e o credito das escholas.

N'outros pontos disciplinares o sr. Ribeiro de Mendonça tem entendido com egual zelo e diligencia. O regulamento da secretaria do commissariado dos estudos, as circulares dirigidas aos professores, exigindo-lhes o cumprimento das diversas obrigações que lhes são impostas pelos regulamentos, e que nunca tinham sido levadas á practica, e as providencias sobre livros, mobilia, e mais objectos, que nas escholas bem policiadas se requerem, são um testemunho claro da superior intelligencia e dedicação d'aquelle benemerito commissario, e abonam o actual systema de inspecção, quando confiado a mãos habeis e sinceramente dedicadas pela causa do ensino publico, e da educação nacional.

A.

[1] Veja-se o *Semanario official* do Funchal, n.º 23 de 7 de outubro de 1854.

FRAGMENTO.

DA TRADUCÇÃO DO IV LIVRO DA ENEIDA

POR

Monoel Matthias Vieira Fialho de Mendonça.

. . . . . Oh Ceus! mentiram
De longos dias esperanças faustas,
E duração de flor tolheu mil fructos!
BOCAGE.

Pareceu-nos que fariamos bom serviço á litteratura nacional, e satisfariamos os desejos

de muitos dos seus amadores, reimprimindo no nosso jornal este fragmento de uma traducção da epopea de Virgilio, a qual, se fosse levada ao cabo, seria por ventura, pela sua fidelidade poetica, pela sua concisão quasi latina, e pela harmonia não interrompida dos seus versos, a primeira em merecimento de quantas se teem publicado não só entre nós, mas ainda nas linguas estranhas.

Foi no anno de 1814 e no mui accreditado jornal portuguez, impresso em Londres, o *Investigador*, que viu a luz publica esta excellente producção poetica. Mas na passagem rapida e imprevista dos grandes acontecimentos de nossos dias, 1814 é para nós como que a data de um seculo remoto; e o *Investigador*, sumido no primeiro alvorecer da nossa epocha jornalistica, poucos haverá hoje que o conheçam. Assim esta reimpressão no tempo presente póde reputar-se uma publicação verdadeiramente nova.

Na introducção que no *Investigador* precedia este fragmento, e que em seguida vae transcripta, dá-se uma noticia biographica do seu auctor. Seja porem permittido á mão da amizade fiel o accrescentar algumas linhas a tão interessante noticia.

Manoel Matthias deixou por sua morte, ainda em tenra edade, um filho unico do mesmo nome, sobre o qual se fixaram todos os cuidados da mais assidua educação por parte da sua magoada mãe, senhora respeitavel e bem conhecida nesta cidade de Coimbra, e cujos talentos, não vulgares no seu sexo, são apenas excedidos pela sua muita piedade e virtudes. Abençoou Deus os desvelos maternos, fructificando-os no filho com sentimentos nunca desmentidos de solida e fervente religião, com extremos de amor filial, e com rapido e brilhante adiantamento nos estudos a que se dedicou. Manoel Matthias Vieira, filho, cursou a faculdade de mathematica desta universidade, na qual se formou e foi repetente, tornando-se nella distincto pelo seu proceder e pelos seus talentos, sendo premiado em todos os annos. Foi tambem um estudante distincto na faculdade de philosophia.

Um novo golpe estava porem reservado ainda para retalhar o coração da pobre mãe. O filho unico morreu no dia 29 d'abril de 1834, aos 25 annos d'edade! Jaz na capella do extincto collegio de Sancta Rita desta cidade.

Na dupla viuvez de um tal esposo e de um tal filho, qual sería a dor da viuva fiel e da mãe extremosa?! Repetiremos aqui o que lhe diziamos n'um anniversario da morte do filho:

A dor que o coração hoje te punge,
Quem póde avalial-a?—Tem mysterios
Aos corações de mãe só revelados....
Não ha na terra balsamo que a adoce;
Deus, Deus somente confortar-te póde:
.....
.....
Grato ás cinzas do amigo, tristes lagrimas
Hoje ás tuas uni; e orei por elle!

F.

INTRODUCÇÃO.

«Na minha opinião, diz Mad. de Staël na sua bella obra da Allemanha, fallando de Klopstock, todos os homens cumpririam dignamente com os deveres da vida, se em qualquer genero que fosse, procurassem assignalar a sua passagem sobre a terra pela empresa de algum nobre objecto ou de alguma grande idea. É com effeito já uma honrosa prova de character, o dirigir para um unico fim os raios dispersos das suas faculdades, e os resultados de todos os seus trabalhos.» Neste caso devemos considerar o auctor deste Fragmento. Emprehendendo uma obra de tanto trabalho e honra, não só pessoal, mas para a sua mesma patria, tem direito a merecer a gratidão não só daquelles que o conheceram, porem de quantos lerem estes restos dos productos do seu intendimento. Até mesmo nos parece, que a circumstancia de haver sido cortado em flôr, e de haver como o cysne completado a carreira da vida no meio das harmonias do seu canto, deve concorrer muito mais para estimarmos a sua memoria, e honrarmos seus escriptos. Em consequencia destes principios, e por sabermos quanto *a certas pessoas* será grata esta nossa publicação, com muito gosto a vamos fazer, dando previamente uma breve idea do auctor, e dos seus trabalhos litterarios.

Manoel Mathias Vieira Fialho de Mendonça, nasceu em Cabanas de Torres, termo da villa de Alemquer. Seu pae foi o dr. Manoel Vieira de Mendonça, que seguiu a Magistratura, e que, sendo despachado juiz de crime da Bahia, levou comsigo seu filho, de edade de seis annos. Depois de haver alli servido os logares de juiz do crime e corregedor, ainda que lhe coubesse então ser desembargador do Porto, como se achasse já adiantado em annos, e não se quizesse expor aos novos incommodos de viagem, preferiu ficar na America, vivendo como particular até á sua morte.

Os primeiros estudos de Manoel Matthias foram por consequencia na Bahia, onde teve por mestre José Francisco Cardoso, auctor do Canto de Tripoli; e é muito para louvar que nunca se esqueceu dos disvelos, com que o educára, porque conservou sempre por elle mui singular affecto e estimação.

Nos seus primeiros annos compoz varias obras, ainda incorrectas por falta de expe-

riencia, mas que já annunciavam fôrça de talento; estas foram um drama galante, composição original; pedaços de traducções das georgicas de Virgilio, e varias outras cousas que nunca se imprimiram. O segundo tomo das suas Rimas, ainda que impresso depois, foi composto nesse mesmo tempo, ou todo ou quasi todo; e por isso bem indicam, que o seu genio ainda não estava assás desinvolvido.

Deliberou-se a vir á universidade de Coimbra formar-se em leis, e embarcou; e ha delle um idilio que compoz ao ausentar-se da Bahia, no qual se devisa já essa especie de melancholia e sensibilidade, que de ordinario characterizam o genio.

Chegando a Coimbra, não se contentou simplesmente com estudos juridicos, estudou geometria, phisica e historia natural. Era incançavel no estudo da lingua portugueza, sabia muitas outras; e na latina foi na realidade eminente. A sua alma insaciavel de conhecimentos, não podia limitar-se a este ou áquelle ramo, queria saber tudo, e formando por conseguinte um vastissimo plano de estudos, este lhe custou a perda da saude e da vida. Muitos dos nossos illustres sabios e litteratos o conheceram, e não será por tanto fóra de proposito referir o que um delles, o sr. José Bonifacio de Andrade, disse fallando da morte de Manoel Matthias:—«excellente coração! capaz de tudo o que era grande, bello e sublime! Já os seus talentos lhe haviam attrahido um grande numero de amigos; mas foi mui apressado em seus trabalhos, e a extrema actividade do seu espirito lhe ralou a existencia! Eu perdi um amigo, e a nação perdeu muito.»

Em quanto frequentou a universidade, dava-se ao mesmo tempo, nas suas horas vagas, ao estudo da poesia e bellas letras; e foi nesta epocha que elle fez a sua bella traducção da tragedia de *Atrêo* por Crebillon, a qual os estudantes representaram em Coimbra, e depois se imprimiu no tomo primeiro das suas rimas. Parte do que se contém neste volume não é de grande merecimento, e o mesmo auctor o conhecia, arrependido de o haver tão cedo publicado. Ha com tudo nelle cousas excellentes, e entre ellas apontaremos a traducção do primeiro canto do *Remedio do Amor*, de Ovidio; a carta de Sapho, em que ha mui bellos versos; as odes á guerra, e a sua alteza real o principe regente; e as cantatas de J. B. Rousseau.

A traducção da Eneida de Virgilio deve-se contar como um dos mais distinctos de todos os seus trabalhos litterarios; infelizmente se perderam na invasão franceza os tres primeiros livros com a maior parte da sua livraria, e quasi toda a sua casa. Nem se quer podendo, como Camões, salvar no meio da desgraça os fructos do seu intendimento, nem como Bocage restaural-os—*com o prompto auxilio da fiel memoria*,—porque a morte lho impediu, restou-lhe só este fragmento do IV livro, que foi achado entre ruinas, precursoras ainda de outra mais fatal,—a morte do auctor.—Ve-se pois, que circumstancias tão notaveis devem fazer mui circumspectos os leitores, quando hajam de censurar quaesquer imperfeições que nelle se encontrem. Neste mesmo desastre se lhe perderam outras muitas obras, tanto originaes como traduzidas, que muito honrariam a sua memoria; porque nellas de certo havia algumas de um mui relevante merecimento.

Manoel Matthias formou-se finalmente em leis no mez de julho de 1807, e casou-se no anno seguinte. *Não querendo*, como elle dizia, *senão servir o seu principe*, tanto que viu Portugal occupado, e dominado por tropas estrangeiras, largou o seu antigo designio de seguir a magistratura, e foi estabelecer-se em Santarem como advogado, regendo ao mesmo tempo uma cadeira de latim.

Entrando em uma carreira nova, todas as suas faculdades se voltaram para bem a desempenhar. Applicou-se absolutamente á legislação patria, e nisto gastou tanto cabedal de saude, que bem se póde dizer, que foi uma das causas da sua morte prematura. Os seus motivos eram mui nobres; porque destinando-se a dirigir os seus concidadãos em todos os seus embaraços e contendas civis, julgava ter contrahido um dever sagrado de se constituir capaz de bem os aconselhar e conduzir: e na verdade a recordação de tão virtuosos sentimentos deve fazer-nos mui saudosa a sua memoria.

O resultado de todos estes trabalhos foi a composição de um Diccionario Juridico, que deixou quasi acabado; e que certamente com mais alguns mezes de vida teria deixado completo, porque já mui doente não podia vencer-se de não lhe consagrar alguns momentos, chamando a esta violenta applicação um gostoso entretenimento.

Existe ainda do mesmo auctor um Canto Heroico, dedicado aos portuguezes na grande epocha da restauração, o qual foi impresso em Coimbra por ordem de quem então a governava. Outra obra tambem de grande momento, que emprehendeu, é a traducção de Sallustio, que principiou, quando estava refugiado em Lisboa na invasão de Massena; mas della apenas restam fragmentos, escriptos com tudo com tanta elegancia, que tem merecido os louvores dos intelligentes.

Eis aqui pois como empregou Manoel Mathias o curto periodo da vida, que na realidade abbreviou pelo incansavel espirito que tinha para trabalhar e instruir-se. Uma febre hectica, consequencia destes differentes estudos immoderados o levou em fim á sepultura na florente edade de trinta e tres annos, aca-

bando os seus dias, em Coimbra, ás 9 horas da noite de 14 de abril de 1813.

Já cuidado mortal magôa a Dido,
Fogo devorador, ferida occulta
Nutre dentro de si: na mente pinta
De Enêas o valor, nobreza, e fama;
Gravou no coração feições, palavras,
D'ellas a imagem lhe afugenta o somno.

Mal c'o'a Phebêa luz aurora nova
Dos ceos afugentára humidas sombras
Pela terra esparzindo o claro dia,
Victima da paixão, delirio toda,
Co'a fida irmã d'esta arte desabafa.
«Anna, barbaros sonhos me horrorizam!..
«Que extrangeiro pousou em nossos climas?
«Que gesto! que valor! que heroicidade!
«Creio, e não creio em vão, de um nume é prole:
«As almas baixas o temor demonstra.
«Enêas arrostou perigos, fados,
«Mil guerras emprehendeu, findou mil guerras.
«Ah! se immovel tenção me não vedasse,
«Se laços conjugaes me fossem gratos,
«Se em odio não tivesse o toro, as fáxas,
«Desde que me illudiu, desde que a morte
«No meu primeiro amor frustrou meus gostos;
«Seria esta affeição meu só delicto.
«Eu t'o confesso, irmã: desde que o sangue,
«O sangue de Sicheu, do infausto esposo,
«Vertido pelo irmão tingiu meus lares;
«Só elle, amada irmã, só póde Enêas
«Fazer doce impressão em meus sentidos,
«Fazer-me vacillar, mover minha alma.
«Vestigios sinto em mim da antiga flamma...
«Mas por gargantas mil me sôrva a terra,
«Raios de Jove ao tartaro me arrojem,
«Lá onde é tudo horror, é sombras tudo,
«Antes do que violar com meu perjurio
«Tuas sagradas leis, pudor sagrado.
«O primeiro que á sua uniu minha alma,
«Meus amores roubou, comsigo os guarde,
«Do sepulcro no horror com elle habitem.»
Disse: fervido pranto assôma aos olhos,
Pranto que em borbotões lhe inunda o seio.

«Oh tu, que eu prézo mais que o ser, que a vida,
(Anna lhe respondeu) « na flôr dos annos
«Hão de ralatar-te a misera existencia
«Tristeza e solidão? sem tu gostares
«O prazer de beijar mimosos filhos,
«Delicias com que amor aos seus premeia?
«Pensas que no sepulcro cinzas, manes,
«Se recordam de ti? Dos teus pezares
«Embora não triumphe em Lybia em Tyro
«Iarbas e chefes mil d'Africa adusta;
«Insensivel despreza os seus extremos:
«Mas contra a inclinação não lute Eliza.
«Não pensas em qual terra está teu reino?
«A Getulia daqui, nação valente,
«Invencivel nação; daqui te cercam
«Numidia infrene, inhabitaveis syrtes:
«Rodeiam-te d'alli Barcêos ferozes
«Aridas regiões, desertas plagas.
«Guerras quantas surgir eu vejo em Tyro?
«Ameaças fataes do irmão não temes?
«Auspicios divinaes, favor de Juno
«Impelliu para aqui baixeis troyanos.
«Após consorcio tal té onde, oh Dido,
«Elevar-se verás teu grande imperio?
«Troyanas armas reforçando as Tyrias,
«Té onde se ha de alçar a gloria nossa?
«Aos numes só te cumpre orar piedade,
«Dar ao heroe hospicio, e culto ás aras;
«Cumpre-te demoral-o, urdir pretextos,
«Já c'os perigos da intractavel quadra,
«Já porque rotas náus reparo exigem,
«Já porque sobre o mar derramam furias
«Chuvoso Orion, tormentoso inverno.»

Vozes taes dão mais fogo ao fogo antigo:
Fogem receios, surgem-lhe esperanças,
Os laços do pudôr paixão desata.

Eil-as no templo assomam, e ante as aras
Orando auxilio estão a Baccho, a Ceres,
Creadora das leis, a Phebo, a Juno,
Dos laços conjugaes propicio nume.
Ritual sacrificio as aras tinge:
Sobre a fronte de candida novilha
A pulcherrima Dido as taças vérte,
Gyra entre as pingues aras e ante os numes,
Instaurando oblações de dia em dia;
Rotos peitos de victimas consulta,
De palpitantes visceras no agoiro
Avida anceia ler futuro occulto.

Oh sacrificios vãos! ignaros vates!
Que valem contra amor o templo, os votos!
Lavra de veia em veia a labareda,
Vive aberto no peito o golpe occulto.
Arde Dido infeliz, sem tino vaga:
Qual cerva onde o pastor deixou cravada,
Sem saber que acertou, a alada setta;
Ella discorre a selva, o monte, o campo,
O letal passador lhe afferra o lado.

Dido a Enêas conduz por entre os muros,
Os sidonios thesoiros, a cidade
Que lhe destina, já lhe patentea:
Começa a declarar-se... e soçobrada
No meio da expressão se prende a falla.
Ao transmontar do sol festins instaura,
Mil vezes pede, anhéla ouvir trabalhos,
Ouvir Troianos feitos, e mil vezes
Dos labios do que os conta, está pendente.
Separados em fim, já quando a lua
Sepulta os lumes seus no escuro occaso,
E os astros que se põem, convidam somnos,
No vasio salão sosinha, triste,
Ausente Enêas vê, ausente o escuta;
Pousa onde elle pousou, ao peito aperta,
Co'a mente só no pae Ascanio amima:

Lida por enganar paixão terrivel.
Nem começadas torres vão subindo,
Nem mocidade já se exerce em armas;
Suspendem-se, interrompem-se trabalhos,
De ameaçadoras de soberbas móles,
Edificios, castellos, portos, muros.

Tanto que Juno viu de Eliza os males,
Que nem fama, 'ou remorso a amor obstavam,
Desta arte a Venus diz: «Ampla victoria,
«Louvor egregio, memoravel nome
«Ganham Venus, e amor, se os dólos d'ambos
«Femineo, fragil peito avassalaram!...
«Sei que d'alta Carthago os altos muros
«Suspeitosos te são, te são temidos:
«Mas qual termo hão de haver combates tantos?
«Eia, os laços da paz travemos ambas,
«E os laços de hymeneu: goza o que anhelas.
«Arde Dido, a paixão lhe cala o peito:
«Dado lhe seja unir-se ao phrygio esposo,
«Em dote lhe recebe os Tyrios reinos,
«Um povo formem só Troyanos, Tyrios,
«Com poderes eguaes n'elle imperemos.»

Com tal simulação falou Saturnia:
Quer na Libia reter da Italia o reino.
Venus presente-a, e diz: «Quem póde insano
«Os teus dons desprezar, querer teus odios?
«Possa a fortuna prosperar teus votos!
«Mas os fados ignoro: se apraz a Jove
«Que a mesma plaga habitem, que se enlacem,
«Que reja a mesma lei Troianos, Tyrios.
«Com preces tentear do esposo a mente
«A ti só cumpre: seguirei teus passos.»

«Tua socia hei de ser no mesmo empenho,
«Saturnia lhe tornou attenta adverte,
«Qual fim disponho a um proximo successo.
«A miserrima Dido, o heroe troyano
«A pomposa caçada estão dispostos,
«Apenas de Titão surgindo a fronte
«As terras aclarar c'os seus fulgôres.
«Quando trémula rede orlar as selvas,
«Sobre elles soltarei chuveiros, nevoas,
«O pólo atroarão trovões medonhos,
«Nos ares soltarei da noite as sombras.
«Mal for na escuridão dispersa a turba,
«Os dois abrigará propicia gruta;
«Hymen alli será, serei com elles.
«Se teus votos são taes, consorcio estavel
«Ao Troyano a dará, será só delle.»

Cytherèia annuiu de Juno ás preces,
Dos ardís que entrevê surri-se a Deusa.
Continúa.

MOSTEIRO DA VACCARIÇA.

Continuado de pag. 246.

O segundo fundamento, a denominação de «Regra Sancta» como exclusiva da regra de S. Bento, o unico de importancia para o sr. Miguel Ribeiro, merece, é verdade, mais consideração, mas assim mesmo ainda me deixa algumas duvidas, que desejára ver dissipadas.

O Dicionario de Du-Cange tem como synonymos regra sancta e regra de S. Bento, fundando-se na auctoridade de varios auctores, que, por occasião de fallarem na regra de S. Bento, a denominaram regra sancta [1]; e o Diccionario Universal, impresso por ordem de Monseigneur Prince Souverain de Dombes, tambem diz que alguns auctores tem chamado regra sancta á regra de S. Bento [2]. Mas no Diccionario da Academia Franceza [3], no Diccionario da Academia Hespanhola [4], no Diccionario Universal das sciencias ecclesiasticas [5], e n'outros que pude consultar, a palavra-regra —applicada ao regimento do serviço dos conventos, tem uma significação commum ás differentes ordens religiosas, trazendo-se para exemplos a ordem de S. Bento, e indistinctamente as outras ordens religiosas, sem nunca se fallar em regra sancta.

Este ultimo adjectivo, que, nos documentos já mencionados do Livro Preto, se acha ligado á regra do Mosteiro da Vaccariça, tambem alli se encontra qualificando as localidades d'este mosteiro e do de Leça, tratando-os como logares sanctos [6]. E nos mesmos documentos do Livro Preto não se falla da regra sancta d'um modo tão invariavel, que possa designar a regra ou ordem do Mosteiro da Vaccariça; mas adopta-se igualmente a expressão de vida sancta, de vida monastica, etc., para se exprimir talvez a moralidade, a linha de conducta, ou regra dos monges [7].

[1] Glossarium ad scriptores mediæ et infimæ latinitatis. Autore Carolo Dufresne, Domino Du Cange—Regula Sancta, eadem, quæ S. Benedicti . . . . . Regula Sanctorum patrum. S S. Benedicti scilicet et Columbani.

[2] *Diccionaire Universel Français et Latin*—imprimé par ordre de A. A. S. Monseigneur Prince Souverain de Dombes—1721. La Regle de Saint Benoit, que quelques Auteurs ont appellée Régle Saint.

[3] Nouveau Diccionaire de l'Academié Francaise—1718 . . . on appelle aussi, Regle, les Statuts que les Religieux d'une Ordre sont obligez d'observer. La Regle de S. Bazile. la Regle de Saint Augustin. la Regle de S Benoist, la Regle de S. François.

[4] Diccionario de la Lengoa Castellana . . . . compuesto por la R. Academia Hespanola—1737—Regla se llama tambien la ley universal, que comprehende lo substancial que debe observar un cuerpo religioso.

[5] Diccionaire Universel, dogmatique, canonique, historique, geografique, et chronologique des sciences ecclésiastiques . . . . par le R. P. Richard—1761—Regles monastiques, se dit des loix qui sont observées dans les differents ordres Religieux.

[6] Ego aucila christi vita domna cognomento trastina . . . . concedo ad ipsum locum sanctum, et fratribus qui ibi perseveraverint medietatem integram . . . . Anno 1032. Livro Preto folh. 96 v.

. . . Ego . . . didacus daildiz . . . testo et concedo ad ipsum locum sanctum, et vobis todeildo abbati, et fratribus vestris, qui ibi habitantes fuerint . . de villa mea nominata, quam nuncupant leoveriz . . 1034. Livro Preto—folh. 97 v.

[7] Veja-se pag. 279—not. da 2.ª col.

Tendo pois d'um lado as auctoridades de Du-Cange e de Souverain de Dombes, que tomam como regra sancta a regra de S. Bento, e tendo por outro lado a omissão dos outros diccionarios a este respeito, e a consideração de que nos documentos do Livro Preto não se encontra só a expressão de regra sancta, mas tambem a de vida sancta, e até a de logar sancto applicado ao logar do mosteiro; e, se attendermos alem d'isso a que na primitiva os mosteiros se regiam apenas por instrucções vocaes de seus instituidores, começando a adoptar-se a regra escripta nas differentes ordens religiosas só depois da instituição da regra de S. Bento [1]; se attendermos finalmente a que esta regra não tinha nenhum titulo que lhe conferisse a denominação precisa de regra sancta: poderá alguem inclinar-se a que a expressão de regra sancta, applicada á ordem de S. Bento, não era a designação precisa da respectiva regra, mas serviria para exprimir o bom comportamento dos monges, ou a sua vida sancta, nos mosteiros exemplares ou n'aquelles logares sanctos; e que estas expressões, por vaidade ou imitação, se deveriam propagar nas outras ordens religiosas, que não teriam em menor conta o comportamento dos seus monges, a regra que os dirigia no caminho da sanctidade, ou a sua regra sancta.

O outro fundamento, de que falla o sr. Velho de Barbosa, isto é, a escriptura de compra e venda, em que o presbytero Randulfo e o monge Pedro, exprimem o seu respeito ao abbade Todeildo d'um modo semelhante á fórmula da profissão recommendada na regra de S. Bento, terá menos importancia, talvez, se attendermos a que foram modeladas pela regra de S. Bento as regras escriptas das outras ordens antigas, e que a fórmula do juramento das profissões deveria ser um dos pontos menos alterados nas differentes regras.

Na impossibilidade de formar opinião segura a este respeito, entrego todas estas considerações á judiciosa critica das pessoas competentes. Mas, se ainda subsiste a força dos fundamentos com que unanimemente se tem reputado de S. Bento a ordem dos monges da Vaccariça, encontra-se a demonstração n'uma grande parte d'aquelles documentos do Livro Preto de todo o seculo XI. Em quinze documentos achei o prelado da Vaccariça com o tratamento de abbade; com o tratamento de prior em dous; e com o titulo de preposito em seis. A regra do mosteiro, o comportamento dos monges, ou a sanctidade da sua vida claustral e a sanctidade da propria localidade do mosteiro, achei-as mencionadas em quatorze documentos designadas com expressões—regra sancta—vida sancta—vida monastica—e logar sancto [1].

O convento da Vaccariça foi dos mosteiros duplices da antiguidade, onde viviam frades e freiras, em repartições separadas; mas exercendo o officio divino na mesma igreja, em coros differentes, ou no mesmo côro; sendo n'alguns mosteiros a oração commum, e orando n'outros em separado.

[1] Diccionnaire Universel, dogmatique, canonique, historique, géographique et chronologique des sciences ecclésiastiques . . . Par le R. P. Richard (já citado).

[1] Goandinus . . . vel Sandinus Diaconus . . . placuit nobis ut faceremus . . . . abbatem anderias . . . cartulam testamenti . . . . si in vita sancta perseveraverit . . . nisi qui in vita sancta perseveraverit . . . Anno de Christo de de 1002—Livro Preto—folh. 61.

. . . abbatibus aut monachis aut fratribus, qui in vita sancta perseveraverint . . . 1003—folh. 68.

. . . ego famulo dei resemundo . . . ut faceremus vobis emiliano abbati et colationi monasterii vaccarice qui in vita sancta perseveraverint cartulam testamenti de hereditate mea quam habeo in villa ricardanes . . . 1016—folh. 60.

Ego . . . licet indignus zalama pbr tibi miliani abbati et ad fratres qui ibi semper in vita sancta perseveraverint . . . 1018—folh. 59 v.

. . . et ad ipsum abbatem domum tudeildum, et fratribus suis qui in victa sancta perseveraverint, et monasticam vitam deduxint . . . 1018—folh. 63.

. . . vobis todeogildo abbati . . 1021—folh. 72 v.

. . . et vobis tudeildo abbati, et fratribus vestris qui in vita sancta perseveraverint . . 1032—folh. 96 v. já citado.

. . . cenobio vaccariza ad pbros et ad frs qui ibi morantes fuerint, et vitam sanctam deduxerint . . . et vobis abbati domno florite . . . 1036—folh. 45.

. . . pro tolerancia fratrum hospitum pregrinorum, qui in vita sancta perseveraverint, et monasticam deduxerint vitam . . . 1038—folh. 95.

. . . tudeildus abbas in cenobio vaccarice . . . ipse abba solum cum collegio monachorum et fratrum qui sub sua regula sancta deduxerint . . 1040—folh. 55 v.

. . . habitante gundisalvo abbate in cenobio vacczariza . . . cum collegio monachorum et fratrum, qui sub sua regula sancta deduxerint. . . 1040—folh. 71 v.

. . . ego jhones una cum fratribus meis . . . concedimus monasterium saurio cum jacentiis et a prestationibus suis vobis florite abba et ad fratres vestros, et ad monasterium vaccariça, qui in vita sancta perseverare voluerit et monasticam deduxerint vitam . . 1043—folh. 41 v.

. . . si bonus fuerit et in vita sancta perseveraverit . . . 1045—folh. 69.

Domino nostro tudeildus abba ꝓactum simul et ꝓlacitum facio vobis fratribus nostris florite prepositus, et fratribus tuis de cenobio vaccariza . . . 1045 folh. 78 v.

. . . ad prehenderit sine benedictione abbatis, vel sancta commune regule habeas potestatem supper nos (promessa de obediencia dos frades ao abbade) . . . . 1045—folh. 80.

. . . et patri florido abbati . . . et alvito pbro, preposito vestro, et congregationi cenobii vaccarice . . . 1047—folh. 64.

. . . vobis alvito abbati . . . et ildras prepositus (um da Vaccariça e outro de Leça) . . . 1055—folh. 54 v.

. . . monachos, et ad fratres qui vitam sanctam perseveraverint . . . 1078—folh. 44 v.

. . . Ego Esemeo frurtunio prolis ꝑiter cum uxore mea suzana . . . jubemus per manus prepositi nostri, vel damus petro abbati . . . unum molinum cum sua varzena . . . pro gubernatione fratrum vel sororum qui in ordine sancto perseveraverint . . . . 1079—folh. 50 v.

. . . Hoc placitum confirmare inter se elegerunt zoleime pbr cilicet prior vaccarice cenobii sancti vincentii, et gutinus presbyter . . . . predicti prioris de acisterio de leza vocabulo . . . 1091—folh. 84 v.

. . . ego ramirus vaccariensis prior confirmo. ego cidi david filius prior leze cenobii confirmo . . . 1093—folh. 65.

A obscuridade da sua historia até ao fim do seculo X não nos permitte saber se logo na sua instituição foi mosteiro d'esta natureza. Desde 1003 até 1086 [1] vem mencionados os frades e freiras da Vaccariça em varias doações e outros documentos do Livro Preto; donde se póde colligir que fôra mosteiro duplex por todo este seculo até á sua extincção; não só por terem decorrido apenas oito annos de 1086 até 1094, sem apparecer nenhum documento em contrario; mas ainda porque a abolição dos mosteiros duplices tem uma data muito posterior [2].

Continúa A. A. DA COSTA SIMÕES.

ASTRONOMIA.

No dia 7 de fevereiro ha de observar-se um d'aquelles phenomenos, que Lalande chama *grandes conjuncções dos planetas*, e que, sem influencia alguma sobre a terra e seus habitantes, deve com tudo despertar a attenção dos curiosos. São as conjuncções dos tres planetas, Mercurio, Venus, e Marte, dois a dois, e a pequenas distancias uns dos outros.

O calculo, feito por um dos collaboradores da Ephemeride de Coimbra, dá os seguintes tempos das conjuncções verdadeiras dos tres astros, as respectivas differenças de latitudes, e os movimentos horarios:

Conj. em long.	*Diff. de lat.*
♀ e ☾ 7ᵈ 10ʰ 30′ 8	♀ — ☾ — 28′6
♂ e ☾ 7. 15. 11, 4	♂ — ☾ — 0,2
♂ e ♀ 7. 19. 39, 6	♂ — ♀ + 30,3

Movimentos hor. em long.	*Mov. hor. em lat.*
☿ + 4′33	+ 0′383
♀ + 3,12	+ 0,006
☾ + 1, 97	+ 0,014

Rigorosamente a observação em um logar exige a passagem das conjuncções verdadeiras para as apparentes; mas a correcção é aqui de pouca importancia, por serem pequenas as parallaxes dos tres astros.

Procurando com estes elementos as epochas das minimas distancias, acham-se, com differença de poucos minutos, as mesmas que as das conjuncções, menos em quanto a ☿ e ♀, para os quaes é proximamente

Epocha da min. dist. 7ᵈ 12ʰ 41′ Min. dist. 29′ 0.

Attendendo pois a estes valores; aos movimentos horarios dos tres astros; aos tempos medios, 6ʰ23′ da tarde e 7ʰ52′ da manhã, do seu occaso no dia 7 e nascimento no dia 8; e aos tempos, 5ʰ 24′ da tarde e 7ʰ4′ da manhã, do occaso e nascimento do Sol nos mesmos dias: vê-se que, principalmente ao anoitecer do dia 7, e ainda ao anoitecer do dia 8, se poderão observar os tres astros a muito pequenas distancias uns dos outros.

Na astronomia de Lalande citam-se muitos destes phenomenos, como foram: a approximação, que, segundo os livros chins, tivera logar entre alguns planetas muito antes da nossa era; a de Mercurio, Venus, e Marte, que se viam ao mesmo tempo no campo do telescopio, em 17 de março de 1725; e a de Venus, Marte, e Jupiter, que distavam apenas um grau uns dos outros, em 23 de dezembro de 1769.

---

[1] .... Adicimus ibidem domine ad 'ipsius sacro sanctum . . . et venerabilem templum, qui sunt pro velamine servorum, vel ancilarum . . . Anno 1003 — Liv. Pr. folh. 68 (já citado).

. . . Vobis todeogildo abbati et fratribus et sororibus habitantes in monasterio vaccariza . . . 1021 — folh. 72 v. (já citado).

. . . damus . . . ut tolerantia Sit fratribus et sororibus ibi preseverantes . . . 1032 — fohl. 96 v. (já citado).

. . . qui sunt pro velamine servorum vel ancilarum dei . . . 1041 — folh. 62.

. . . utt ad servorum vel ancilarum dei . . . 1045 — folh. 69. (já citado).

. . . Adicimus ibidem domine ad ipsius sacrosanctum vel venerabilem templum qui sunt per volamen servorum vel ancilarum deo de servitio . . . 1047 — folh. 64. (já citado).

. . . Ego unisco . . . vobis todeogildo abbatti et fratribu et sororibus habitantes in monasterio vaccariza concedimus vobis . . . . . 1052 — folh. 72 v.

. . . pro gobernatione fratrum vel sororum qui in nomine sancto perseveraverint . . . . . 1079 — folh. 50 v.

. . . ut habeant et possideant fratres et sorores qui ipsum locum sanctum obtinuerint . . . . . 1086 — folh. 48 v.

[2] In nullo loco monachos et monachas permitim unũ monasterium habitare; sed nec ea, quæ duplia vocant. Et si quod tale est; religiosus episcopus mulieres quidem in suo loco manere studeat; monachos autẽ aliud monasterium edificare cogat. Si autem plurima sint talia monasteria: separẽtur in aliis monasteriis monachæ, et in aliis monachi: res autem, quas habent communes, secundum jura eis competencia distribuantur. — Decretum Gratiani — Lvgdvni 1584.

MAIS OBRAS OFFERECIDAS Á BIBLIOTHECA DO INSTITUTO.

Memoria da vida e escriptos do rev. sr. José Vicente Gomes de Moura, por *F. A. Rodrigues de Gusmão.*

Noticias d'alguns casos da molestia de Bright, observados no hospital de S. José, e resumo das doutrinas mais modernas á cerca desta doença — trabalho apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo socio Dr. *Bernardino Antonio Gomes.*

Documentos officiaes da commissão central portugueza para a exposição universal de 1855, e systema de classificação, publicado na conformidade do art. 16 do regulamento geral.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL.

1848—1849.

Continuado de pag. 271.

3.ª PARTE.

Instrucção secundaria.

Comprehende este ramo de instrucção os lyceus e escholas annexas; e as escholas de instrucção especial.

§. 1.° *Lyceus e escholas annexas.*

Com a unica excepção do lyceu de Viana de Castello, cuja organisação se achou, por ora, inopportuna, acham-se constituidos e funccionando completamente, ou em parte, todos os lyceus do continente do reino; e todos collocados em edificios publicos, excepto os de Aveiro, Beja, Castello Branco, Guarda e Villa Real.

Nas ilhas foi elevado, por carta de lei de 12 de junho do corrente anno, á categoria dos maiores, o lyceu do Funchal, que se acha tambem funccionando, bem como os outros das ilhas. O lyceu do Funchal está collocado no antigo convento dos Jesuitas, vulgarmente chamado pateo dos estudos; ignora porem o conselho se os outros lyceus se acham collocados em edificios publicos.

Segundo se vê do mappa (4.°), é no continente o numero das cadeiras dos lyceus de 100, estando d'estas 82 providas vitaliciamente, 1 temporariamente, vagas a concurso 12, e reservadas 5. O numero dos alumnos, que as frequentaram no anno lectivo ultimo, é de 1:802.

O numero das escholas annexas é de 83, das quaes são destinadas ao ensino da lingua latina 80; 1 ao curso biennal de philosophia e arithmetica, e 2 ao de theologia moral e dogmatica; achando-se 79 providas vitaliciamente, e 1 temporariamente. O numero dos alumnos, que as frequentaram no anno findo, é de 964.

O numero das cadeiras dos lyceus e escholas annexas nas ilhas, é de 25. Em consequencia porem da falta dos relatorios respectivos e remessa dos mappas, apenas se sabe que em Angra e Funchal foi o numero, dos que as frequentaram, de 196. — O numero total dos alumnos, que consta terem frequentado no ultimo anno os lyceus e escholas publicas annexas, foi, por tanto, de 2:962, os quaes se acham classificados por districtos no mappa.

No precedente anno lectivo de 1848—1849 fora este numero de 2:098; houve por tanto o excesso de 864 a favor do ultimo anno.

A pezar de repetidas instancias, não se tem podido ainda conseguir que todos os professores particulares do ensino secundario se habilitem na conformidade da lei. Dos esforços empregados neste sentido por alguns dos delegados do conselho, notando-se, entre elles, os commissarios d'estudos d'Evora e Faro, apenas tem resultado o terem-se habilitado com exame de capacidade para o ensino particular 14 professores de latim; 5 de francez; 1 de inglez; 4 de philosophia racional e moral, e 1 de rhetorica.

É pois o numero total de 29, numero insignificantissimo, comparado com o d'aquelles, que, segundo é sabido, se encontram por todo o reino ensinando particularmente sem habilitações.

O conselho não cessa de exigir toda a vigilancia neste sentido, e espera que V. M. se dignará coadjuval-o, recommendando aos governadores civís, que procurem por todos os meios pôr um termo a este contrabando litterario, não menos nocivo do que esse que se faz a despeito das nossas alfandegas.

Ainda ha pouco o conselho officiou ao governador civil de Evora para que mandasse autuar e entregar ao poder judiciario alguns individuos que se tem recusado a ensinar sem as devidas habilitações, estando certo que só por alguns exemplos de severidade, precedidos de previas exhortações dos governadores civís, se poderá levar, nesta parte, a lei á execução.

Não tendo pois, por este motivo, sido possivel obter os mappas dos alumnos, que frequentaram as escholas particulares do ensino secundario, cujo numero, ha todos os dados,

para fazer subir a muito mais, que o das escholas publicas, falta a base indispensavel para n'ella se assentar a estatistica actual, e comparativa nesta parte de instrucção; e por isso quaesquer resultados, que por agora se pretenderem tirar de elementos tão escassos, seriam summamente problematicos, e inuteis por conseguinte.

Todas as cadeiras dos lyceus e escholas annexas, no continente e ilhas, são pagas pelo estado; existindo apenas em exercicio uma cadeira de latim em Fronteira, paga por legado, e uma sem exercicio em Monção.

A despesa votada para esta verba no ultimo orçamento, abatidos os impostos da lei de 26 d'agosto de 1848, é de 50,017$420 reis, quantia donde se deve descontar a importancia das cadeiras vagas, e a das propinas das matriculas, na quantia approximada de 3:000$000 reis.

O conselho tem a satisfacção de poder dizer a V. M. que, segundo o que ha podido chegar ao seu conhecimento, todos os professores publicos empregados nesta parte do ensino, salvas pequenas excepções, possuem as qualidades moraes e litterarias que se tornam indispensaveis para o bom desempenho de seu importante ministerio. Mas por outra parte sente tambem dizer a V. M., que está na persuasão de que o excesso numerico dos alumnos, que no anno preterito concorreram ás aulas dos lyceus, não significa um passo mais, andado no melhoramento d'estes estabelecimentos; e que não dependeu da maior importancia, que por ora se lhes vá ligando, porem sim de circumstancias meramente accidentaes.

Da maior parte dos relatorios dos conselhos dos lyceus, consta que o aproveitamento dos alumnos não correspondeu a este augmento, e quasi todas as noticias, que vão chegando, confirmam esta opinião, sendo concordes em dizer, que no anno lectivo que principia, affluiram muito menos alumnos ás matriculas. —Esta falta de aproveitamento, e de affluencia ás aulas publicas, julga-se, e com fundamento, que são devidas em grande parte á nullidade, em que são tidas por ora as habilitações dos lyceus.

E com effeito, em quanto o curso regular, e completo das disciplinas ensinadas n'estes estabelecimentos, não fôr exigido como preparatorio indispensavel para a admissão na universidade, e em todas as escholas superiores; em quanto este curso não fôr habilitação necessaria, para a maior parte dos cargos lucrativos do estado; em quanto as augustas, e venerandas funcções do sacerdocio, forem confiadas a individuos ignorantes dos primeiros rudimentos das humanidades; em quanto se consentir o trafico, em que vergonhosamente se mercadeja ás portas, quasi, de todos os lyceus para *apromptar alumnos no menor tempo possivel;* nunca poderão prosperar taes estabelecimentos, antes, a não se acudir com remedio prompto, será a sua decadencia progressiva, e os reduzirá em pouco tempo á nullidade, tornando-se infructuoso o empenho com que V. M. tão desveladamente procurou resuscitar o estudo, entre nós amortecido, das boas letras.—Continua a ser reclamada, por parte de alguns conselhos dos lyceus, a creação das cadeiras elementares de sciencias naturaes, com as suas applicações ás artes e á industria, determinada no artigo 49 do decreto de 20 de septembro. Este conselho reconhece a necessidade de dilatar a esphera do ensino secundario, e de addicionar aos estudos classicos, por cujo progresso se afferem os differentes grans da polidez das nações, os estudos industriaes e economicos, cuja propagação as tornam mais intelligentes e activas nos seus aperfeiçoamentos materiaes.

E se é certo, como já o conselho teve a honra de expôr a V. M., n'um dos seus precedentes relatorios, que cumpre nestas creações caminhar prudentemente, para não ir edificar no deserto, intende tambem o conselho, que esta prudencia não se deve tornar em inercia, agora principalmente que se vai desinvolvendo entre nós um genio emprehendedor e activo; e que será bom começar o ensaio d'estes estudos, onde são mais reclamados. Talvez mesmo fosse possivel começar sem grande pêso para o thesouro, convidando, por meio de gratificações, os professores de alguns d'esses lyceus, que se mostrassem habilitados, a fazer estes cursos duas ou tres vezes na semana, e a horas taes que podessem aproveitar ás classes industriaes.

Tambem os conselhos dos lyceus de Faro e Evora representam contra a união do ensino, em uma só cadeira, do francez e inglez, união á qual julgam devida a falta de oppositores a estas cadeiras. Sobre estas e outras reclamações quer o conselho meditar, e se as julgar attendiveis, levará á presença de V. M. o seu parecer sobre ellas.—Torna-se cada vez mais urgente a confecção do regulamento dos lyceus, objecto que tem sido tomado muito em conta pelo conselho, e que não tem progredido, por isso que os conselhos dos lyceus de Lisboa e Porto, aos quaes, bem como aos outros lyceus maiores, se exigiu, ha muito tempo, o seu parecer sobre este negocio, ainda não satisfizeram á exigencia. O conselho insta para que seja satisfeita, e espera apresentar a V. M. este trabalho, por todo o anno lectivo.

Innumeraveis teem sido os requerimentos de camaras municipaes, pedindo a V. M. que mande pôr a concurso muitas das aulas de lingua latina, que, se acham por provêr. O conselho espera, que por parte de todos os governadores civis, lhe sejam remettidos os pareceres das junctas de districto sôbre este

objecto, para em vista d'elles propor a V. M. o plano geral da collocação d'estas escholas, que não devem, em caso algum, exceder o numero das cento e vinte, determinadas no artigo 156 do decreto de 20 de septembro de 1844.

§. 2.° *Escholas de instrucção especial.*

A academia de bellas artes de Lisboa foi frequentada em todas as suas aulas, no anno lectivo de 1848—1849 por 215 alumnos, sendo ordinarios 48, voluntarios 89 e das classes fabris, 78.

A academia de bellas artes do Porto foi frequentada por 109 discipulos, sendo ordinarios 60, e voluntarios 49. No anno lectivo de 1847—1848 tinha sido frequentada por 159 alumnos.

Importam as verbas das despezas com estas duas academias na somma de 16:908$030.

O conselho attendeu á justa requisição feita pelo vice-inspector da academia das bellas artes de Lisboa fazendo acompanhar este relatorio d'uma proposta de lei para que o governo de V. M. seja auctorisado para mandar comprar em Roma uma collecção dos melhores modêlos em gêsso, das estatuas, e bustos dos antigos.

A academia do Porto, alem d'outras reclamações que o conselho tomará na devida consideração, queixa-se de novo, de não ter um edificio proprio, vendo-se obrigada a ter as suas aulas dispersas em dois edificios muito distantes. O inconveniente de similhante estado é obvio: e se é certo, como se allega, que este inconveniente é devido á falta do cumprimento de um contracto, feito pela camara da cidade do Porto com o governo de V. M., parece ao conselho que a camara deve ser compellida a cumprir aquelle contracto.

§.° 3.° *Estabelecimentos annexos.*

Bibliotheca de Braga. O bibliothecario participa, em officio de 30 de septembro ultimo, que o salão destinado para collocação da bibliotheca, e onde de ha muito são reclamadas obras indispensaveis, para que possa ter logar aquella collocação, fora visitado pelo governador civil do districto, pelo vice-presidente da camara municipal, e por um Major d'engenharia, residente n'aquella cidade, que alli se dirigiram afim de dar impulso áquellas obras, que elle espera continuar muito em breve.

Bibliotheca publica da cidade do Porto— No anno findo de 1848—1849 foi esta bibliotheca frequentada por 2:013 leitores, e visitada por 518 pessoas, sendo 401 homens, e 117 senhoras.

Imprensa Nacional de Lisboa. Esta officina, que pelos seus melhoramentos progressivos, conseguiu collocar-se a par dos melhores estabelecimentos extrangeiros d'este genero, e que deverá servir de modêlo aos nacionaes, continua, graças ao zêlo do seu director, a vencer alguns embaraços financeiros, que tinham impedido, até agora, a sua completa prosperidade.

Continúa.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE DIREITO.

1853—1854.

3.° ANNO. — 7.ª CADEIRA.

DIREITO ADMINISTRATIVO PORTUGUEZ E PRINCIPIOS D'ADMINISTRAÇÃO.

Lente Substituto — *Dr. Bernardo de Serpa Pimentel.*

COMPENDIO — CODIGO ADMINISTRATIVO PORTUGUEZ, COIMBRA 1849.

PARTE 1.ª

Começaremos por esboçar rapidamente um ligeiro quadro de todas as sciencias juridicas, em que no seu competente logar colloquemos o ramo do Direito Administrativo; e tentaremos demarcar o campo de toda a sciencia administrativa, traçando as linhas divisorias, que o separam das demais sciencias. Cuidaremos depois em assignar á Administração Publica, instituição indispensavel para a realização do Direito Administrativo, o logar que lhe pertence entre as diversas instituições sociaes. Com este intuito se ha de tractar dos differentes poderes do Estado, segundo a nossa organização politica fundada na Carta Constitucional de 29 d'Abril de 1826: do poder legislativo, do moderador, do judicial e do executivo; e este ultimo scindil-o-hemos, separando as duas partes de que se compõe, Politica e Administração; e deixando de parte aquella, d'esta especialmente nos havemos de occupar, mostrando a posição que lhe compete, já em relação áquell'outra parte do poder executivo, já em relação ao poder legislativo, já ao moderador, já ao judicial, tendo em vista o salutar principio da separação e independencia dos poderes politicos, e mencionando tambem a diversa maneira, por que se achavam confusamente organizados os referidos poderes, durante o regimen politico anterior á Carta Constitucional. Notaremos ainda, que existe na sociedade civil, além dos poderes politicos, outro poder, d'aquelles separado e independente, o poder espiritual, da competencia das respectivas auctoridades ecclesiasticas, ao qual todavia andam annexas attribuições, que, transpondo as raias do que é méramente espiritual, entram mais ou menos pelo dominio temporal; que numerosas e importantes relações se dão por tanto entre o Estado e a Egreja, provenientes já da diversa natureza dos dous poderes, já da posição especial em que a Carta Constitucional, e muitas leis do reino, tem collocado a Egreja Catholica, com exclusão de todas as mais egrejas ou confissões religiosas, contemplando como religião do Estado sómente a Catholica-Apostolica-Romana, e protegendo a sua doutrina, o seu culto, e os seus ministros, pelos muitos e variados meios que são da sua

competencia; e que em fim uma boa parte d'estas relações exteriores da Egreja vão prender com a Administração Publica, o que nos levará a marcar tambem a posição d'esta em relação ao poder ecclesiastico.

Fixada assim a posição da Administração entre os poderes que a cercam no meio da sociedade civil, demarcado por todos os lados o campo da sciencia administrativa, e confrontado com os terrenos lemitrophes das outras sciencias, lançaremos a vista para o interior, para firmarmos os principios de Administração que constituem a base d'esta sciencia, tractarmos da centralização administrativa, e explicarmos em fim a organização d'aquelles poderes, que na monarchia portugueza constituem o centro de toda a Administração publica, assim activa, como consultiva, deliberativa e contenciosa; e especialmente tractaremos dos ministerios e secretarias d'Estado, do conselho de ministros e seu presidente, e do conselho d'Estado, e bem assim do Rei.

PARTE 2.ª

Organizado o poder central, em quem reside o pensamento, que domina toda a administração publica, passaremos a desinvolver os mais importantes assumptos administrativos, a que se dirige aquelle pensamento, e a examinar a organização de varias repartições publicas, que teem a seu cargo algum ramo especial de serviço administrativo, que por demandar conhecimentos technicos, ou por outros respeitos, carece de ser desempenhado por certa ordem de funccionarios, que constitue uma classe á parte dos demais funccionarios administrativos. D'estes assumptos iremos tractando successivamente, bem como das respectivas repartições publicas; porém, como alguns d'elles estão entre si intimamente ligados e unidos, e a respeito de outros apparecem mais desligados, ou inteiramente desconnexos, faremos diversas secções, pelas quaes os iremos distribuindo, segundo as indicações apontadas.

Na 1.ª secção se ha de tractar dos bens publicos: sua natureza; differentes especies; characteres que os distinguem dos bens do dominio do Estado, e de todos os bens districtaes, municipaes e parochiaes; maneira por que diversos bens adquirem ou perdem a natureza de bens publicos; attribuições das auctoridades em relação á sua conservação e melhoramento; e em geral das obras publicas; da organização das repartições do Estado especialmente incumbidas d'este ramo de serviço, e em fim da expropriação por motivo de utilidade publica.

A secção 2.ª comprehenderá tres diversos capitulos, relativos aos bens do dominio do Estado, seus rendimentos, e repartições publicas, que lhe dizem respeito.

No 1.º capitulo se ha de expôr a natureza dos referidos bens, sua classificação e variadas denominações, e modos d'adquisição e alienação; apresentando não só o systema da legislação actual, mas tambem as muitas differenças da antiga legislação.

No 2.º capitulo destinamos tractar dos rendimentos publicos, que fazendo parte do thesouro publico nacional, constituem a receita do Estado, mencionaremos as diversas fontes d'estes rendimentos, começando pela mais importante de todas, os impostos e contribuições publicas; tractaremos das suas variadas especies, e dos differentes processos pelos quaes se realizam as sommas, que dimanam d'esta caudal corrente. Passaremos á 2.ª fonte ordinaria da receita publica, os predios do dominio do Estado, de cuja administração tractaremos n'este logar, bem como de quaesquer capitaes productivos, que pertençam tambem ao dominio do Estado. Mencionaremos ainda uma 3.ª fonte, posto que extraordinaria da receita publica, os emprestimos e supprimentos feitos ao Governo; e visto que toda a abundancia d'esta nascente depende do credito publico, tambem d'este nos havemos de occupar, bem como dos estabelecimentos respectivos, especialmente da juncta do credito publico, e dobanco de Portugal.

O capitulo 3.º é destinado para as diversas auctoridades e repartições fiscaes, que teem a seu cargo a percepção, guarda e applicação dos dinheiros publicos, sua escripturação, contabilidade e fiscalização. Especialmente tractaremos da organização e attribuições do tribunal do thesouro publico e tribunal de contas; bem como das repartições de fazenda dos districtos administrativos, escrivães de fazenda, recebedores dos concelhos e alfandegas maiores e menores.

A secção 3.ª comprehenderá as attribuições da Administração em relação ao dominio collectivo, e ao dominio particular, e as instituições tendentes a desinvolver os interesses materiaes do paiz, especialmente quanto á agricultura, commercio e industria; bem como a legislação e doutrina relativas á propriedade litteraria, propriedade industrial, aos pesos e medidas, e á moeda.

Para a secção 4.ª reservamos outro diverso e importantissimo objecto: ahi tencionamos tractar da educação, e da beneficencia publica; das escholas, collegios, asylos, e mais estabelecimentos publicos e particulares relativos a cada um d'esses objectos; das repartições publicas especialmente incumbidas da direcção de qualquer d'estes ramos de serviço; e em geral das providencias e instituições consagradas ao progresso intellectual e moral da sociedade, e das attribuições, que, sobre taes assumptos, geralmente competem á Administração publica.

A secção 5.ª cabe a Policia em geral, e em especial a que é relativa á segurança do Estado, á protecção dos cidadãos, e á saude publica; e seguidamente tractaremos da força armada, tanto de mar como de terra, da sua organização nos tempos anteriores, da organização actual, da relação entre o systema d'esta organização e a fórma de governo do Estado, e em fim das garantias que esta organização admitte, já em favor da ordem e da liberdade publica, já dos cidadãos subjeitos ao serviço militar, já dos que effectivamente professam a carreira das armas.

PARTE 3.ª

Restam-nos para a 3.ª parte alguns pontos de Administração geral, que não carecem de longo desinvolvimento, e além d'isso toda a Administração local, e ainda a Administração contenciosa. Para mais facilmente nos desempenharmos d'esta ultima parte da nossa tarefa, tomaremos por guia o Codigo Administrativo de 18 de Março de 1842; e tomando na mão o fio das doutrinas, que elle nos apresenta, seguil-o hemos até o fim, mas de modo que vamos ao mesmo tempo, ora confrontando as suas disposições com os verdadeiros principios da sciencia Administrativa; ora enchendo as lacunas que encontrarmos, já ajunctando-lhe as providencias da legislação ulterior, já em fim fazendo breves digressões, aqui e além, pelos assumptos administrativos de que em varios artigos do Codigo se faz expressa menção, para assim ligarmos a parte objectiva da Administração com a parte subjectiva, de que especialmente se occupou o referido Codigo, que nada mais comprehende do que a organização e indicação das attribuições das auctoridades e corpos administrativos locaes. Esse fio de doutrinas, que, salva a modificação e excursões indicadas, havemos de seguir, é o seguinte: Começa o titulo 1.º pela organização administrativa, comprehendendo a divisão do territorio e o pessoal da Administração. O 2.º tracta da formação e attribuições dos corpos admistrativos: das camaras municipaes, sua organização, eleitores e elegiveis, recenseamento, eleição, reuniões e deliberações; attribuições que lhe competem, despesa, receita, orsamento e contabilidade do municipio; do concelho municipal, do escrivão da camara, e do thesoureiro do conselho; e por ultimo das junctas geraes do districto, sua organização, eleição, reuniões, deliberações, e attribuições respectivas. O assumpto do titulo 3.º são os magistrados administrativos: no capitulo 1.º, governador civil e secretario geral; no 2.º, administrador do concelho e seus officiaes. O titulo 4.º sob a inscripção — Dos Tribunaes Administrativos, — occupa-se apenas com a organização e attribuições do conselho de districto, mencionando, além das attribuições contenciosas, as deliberativas e as méramente consultivas, ao que temos de accrescentar tudo o que pertence ao contencioso administrativo, e conflictos de jurisdicção das auctoridades administrativas entre si, e com as do poder judicial. O titulo 5.º tem por objeto a Administracão parochial, e tracta especialmente das junctas de parochia e seu escrivão e thesoureiro, e do regedor de parochia e seus officiaes. O titulo 6.º estabelece algumas providencias especiaes para as ilhas adjacentes. O

titulo 7.° contem diversas disposições geraes. O titulo 8.°, disposições penaes. E o titulo 9.° em fim tracta dos emolumentos dos funccionarios administrativos.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Os progressos da civilisação teem feito convergir em toda a parte as mais serias attenções para um ramo de instrucção publica tão pouco attendido nos seculos passados. A instrucção primaria é a verdadeira instrucção nacional. Conquistados pelos povos os governos do povo era impossivel deixar em abandono a intellectualidade popular. Chegou-lhe a hora da sua emancipação.

Gasta-se muito tempo no apprendizado da instrucção primaria. É opinião assente. O tempo tem um grande valor: quatro annos da infancia empregados naquelle estudo é sem duvida demasiado para quem precisa continuar a sua educação com estudos secundarios, hoje muito accrescentados; e para os que precisam do trabalho de seus filhos, para acudirem ás primeiras necessidades da vida.

Era cousa natural attribuir ao defeito dos methodos de ensino o pouco adiantamento dos alumnos; e tentar novos methodos, que facilitassem o estudo. Julgou-se que o defeito estaria na pronuncia das letras do alphabeto. Mudou-se. Começou a ensinar-se, — fe — em vez de — efe; me, ne — em logar de — eme, ene. A experiencia tem mostrado que nada se adiantou.

Espiritos philosophicos era indispensavel acudirem em auxilio á resolução de um problema mal comprehendido. Era preciso analisar attenta e maduramente a constituição das linguas, e a relação natural e legitima da linguagem phonica e graphica. Foi depois de aturado estudo que nos paizes mais illustrados se chegou a conhecer que o defeito dos methodos de ensino estava em considerar as letras com egual valor, tanto na leitura como na escripta; e na pretenção do ensino da palavra pelo conhecimento dos nomes das letras isoladas, sem attenção ao seu valor syllabico.

Então a experiencia veiu assellar esta opinião; porque realmente a experiencia mostra que o mais tempo gasto no ensino primario se emprega no exercicio de soletrar.

Infelizmente a pouca gente tem lembrado, o que a cada momento está vendo, que o valor syllabico das letras não é o valor nominal dellas, mas o de suas combinações na linguagem phonica; e que na linguagem graphica a letra figura com o valor do seu nome. Querer pois que da pronuncia singular da letra saísse a pronuncia da palavra, era querer o impossivel. Só com muito uso, tempo, e estudo se poderá conseguir. E não se creia que a difficuldade é só para o discipulo. Os proprios mestres, pronunciando-se singularmente cada uma das letras, elementos da palavra, sem reflexão não dirão a palavra, que ellas exprimem. Ainda ha pouco o observámos em uma lição da eschola normal do ensino repentino, em que os mestres-alumnos pediram ao professor que declarasse primeiro a palavra que ia compor.

Forçosamente assim devia succeder. Se estivessemos em eschola grega, e nos quizessem ensinar a palavra — biblos — dizendo — *beta, iota* (bi), *beta, lambda, omicron, sigma* (blos) diria alguem que destes sons reunidos resultava — *biblos*! Pois não vae differença muito grande á pronuncia da palavra portugueza. Pronunciando — c, h, a, p, e, o, — ninguem dirá de repente — *chapeo*. Mas se ensinarem a um menino — x, a, p, éu, será facil conhecer o valor da palavra. Se em vez de ensinar a soletrar — c, h, a, r, l, a, t, ã, o — lhe ensinarem pelo soletrar phonico — x, ar, la, tão — dirá sem difficuldade a palavra que os seus elementos combinados representam.

Depois de repetidas e estudadas tentativas feitas em paizes adiantados nos methodos de ensino, tem-se dado a preferencia ao systema dicto phonético, em que as letras no soletrar entram pelas suas combinações, e não pelo valor nominal. E é muito para notar que nos muitos estudos feitos para criar um methodo, que abreviasse o apprendizado do ensino elementar, a ninguem lembrasse o *methodo repentino conhecido de mais* em França, Inglaterra, e na Belgica!

Foi em resultado de reconhecidas, e provadas vantagens do soletrar syllabico apreciado por inspectores, e directores de escholas normaes em França que Mr. M. C. Michel reduziu a regras o novo methodo. O primeiro livro de leitura de Mr. Michel vem acompanhado de uma obra destinada a servir de guia ao mestre, ministrando-lhe todas as explicações convenientes sobre o emprego do methodo, e o ensino de cada lição. A parte do livro destinada ao exercicio da leitura divide-se em tres secções. A primeira comprehende o estudo dos elementos; a segunda exercicios para a reunião de syllabas; a terceira exercicios sobre difficuldades, e anomalias.

Divide o auctor as vogaes em simples — a, e, i, o, u, — notando os diversos sons que cabem a cada uma; e compostas — eu, ou, an, in, on, un, — por entrar na sua composição mais de um elemento, sendo todavia o som um só, inseparavel no soletrar da syllaba. Tambem um grupo de letras forma por vezes sómente um som, como — ia, — em *diacre*, e —

ien—em *bien*. Chamam-se diphthongos esses grupos; e o som não se divide no soletrar phonico.

As consoantes divide-as em simples, compostas, e consoantes diphthongos. Chama compostas—ch, gn, ill—(mouche, montagne, fille). Consoantes diphthongos são—bl, cl, fl, gl,—etc. A letra x é uma consoante diphtonga equivalente a—cs, ou—gz.

Fallando das syllabas diz; no conhecimento dellas está a sciencia da leitura. Lemos por syllabas, assim como por syllabas fallamos. A syllaba é formada de um ou dois elementos; quando de um, é este sempre vogal; de dois é um vogal, outro consoante. Tanto o elemento vogal como o consoante podem ser simples, compostos, ou diphthongos. O elemento consoante pode preceder, ou seguir a vogal.

O 1.° curso do methodo de leitura comprehende doze lições repartidas por tres classes.

A 1.ª lição da 1.ª classe contem exercicios sobre vogaes e consoantes simples, comprehendendo quatro letras somente: a, e, i, p, As syllabas pa, pe, pi, são formadas destas letras: e dellas as palavras: papa, pape, pipe, etc. Assim se poupa ao alumno o enfado de apprender o alphabéto inteiro sem lhe ligar idêa. Nas lições seguintes segue-se a mesma simplicidade variando vogaes e consoantes. E quando chega ao fim da 12.ª lição tem o menino já lido alguns centos de palavras formadas exclusivamente de vogaes e consoantes simples.

Na 2.ª classe começa o estudo das syllabas formadas de vogaes, e consoantes compostas. Acham-se á frente de cada lição os elementos das syllabas, que a essa lição competem. Começa o mestre por se assegurar do conhecimento exacto, que o alumno tem daquelles signaes. Vão-se graduando os exercicios sobre aquelles elementos; e só depois da 5.ª lição se faz entrar os diphthongos na composição das palavras para ir habituando o menino a vencer essas dfficuldades, E na composição das palavras tambem se tem evitado a introducção de letras, que não conservem o seu som primitivo.

Na 3.ª classe estudam-se as difficuldades da lingua. Nem sempre cada sôm tem um signal permanente por character proprio: nem o mesmo character tem um valor constante, e uniforme. O sôm—o— acha-se representado por—o, au, eau—o sôm—s—por s, ss, ç etc. Ha pois signaes equivalentes: o conhecimento delles constitue a grande difficuldade da leitura, e da orthographia. O auctor divide em 3 partes o estudo desta classe:

Equivalentes de consoantes:—equivalentes de vogaes—letras mudas.

Sobre todas estas difficuldades contem o manual do alumno exercicios graduados com toda a simplicidade, e methodo. Cada exercicio theorico é seguido de uma serie de pequenas phrases bem escolhidas com um sentido completo, e intelligivel para o discipulo, condição importante, que ordinariamente falta nos methodos de leitura.

O primeiro livro de leitura de Mr. Michel é seguido de um curso de orthographia, indicando processos ingenhosos, em que vae levando, como pela mão, o mestre para alcançar dos alumnos o aproveitamento desejado.

Se a experiencia não houvera já sanccionado este methodo de ensino, podéra a priori julgar-se a sua utilidade. O plano é verdadeiramente philosophico, deduzido da constituição da lingua, e desinvolvimento intellectual dos que desejam apprendel-a. O systema analytico preside a todos os processos na marcha do ensino, dirigindo o estudo, e conduzindo sempre os alumnos do simples ao composto.

Nutrimos esperanças pelos resultados vantajosos deste methodo. Fazemos sinceros e ardentes votos porque alguma intelligencia distincta, e cultivada nas lides do ensino primario se lembre de applicar o methodo ao ensino da nossa lingua nas aulas elementares, certos de que entre nós será mais facil, e vantajoso; porque não ha na 3.ª classe do curso de leitura tantas difficuldades, e anomalias, como na lingua franceza se encontram.

M.

LIBERDADE EM POESIA.

Os antigos poetas creavam difficuldades para depois as resolverem, e sacrificando por vezes a essencia á fórma, punham peias ao genio. Muitas destas difficuldades foram arvoradas em arte pelos mestres que, ora dando, ora tirando mais ou menos liberdade aos que escreviam, conservaram, até a nossa epocha litteraria, a poesia subjeita á tyrannia das regras.

As artes poeticas, esses codigos inflexiveis, que por tanto tempo regeram o mundo litterario, passaram de moda, e assim devia acontecer; porque os seus preceitos ou eram inuteis como quando prohibiam disparates oppostos, já não digo ao bom gosto, mas ao senso commum, ou eram prejudiciaes quando prendiam o auctor. É certo que ninguem levaria a liberdade tão longe, que puzesse golphinhos na terra e javalis nos mares; nem quem narrasse, contaria ao mesmo tempo as aventuras egualmente interessantes de dois heroes diversos; ninguem seria tão immodesto que

empregasse o *cantabo* do velho *Cyclico*, sem lhe pôr a restricção *se a tanto me ajudar ingenho e arte* de Luiz de Camões. As unidades de tempo e logar eram prejudiciaes, porque tiravam a liberdade ao poeta sem darem mais verosimilhança ao poema. Se nos concedem que Bruto e Catão fallem as linguas modernas, para que nos dão só um palacio, e algumas horas para a acção?—O não querer Boileau que no soneto entre a mesma palavra repetida, é uma extravagancia, a não ser-como elle mesmo confessa, para *pousser a bout tous les rimeurs français*. Tinham as artes, é verdade, preceitos uteis que dirigiam o poeta, não como prisioneiro, mas como amigo; esses porém colhem-se principalmente da lei, tura dos bons auctores, auxiliada por um tacto fino, e um gosto bem formado.

Mas não foram só estas regras que deram tractos ás cabeças dos classicos. Houve epochas, de decadencia é verdade, em que cada um caprichava em forjar cadeias com que se prendesse. Vieram os acrosticos, vieram os sonetos em latim e portuguez, vieram os anphiguris já offerecendo dois sentidos, já podendo lêr-se de duas maneiras diversas, e outras subtilezas de egual jaez. Houve auctor, que levou o amor da difficuldade a ponto de começar todos os versos, e mesmo todas as palavras de um poema pela mesma letra. Hubaud dedicou a Carlos-o-Calvo um poema de trezentos versos, em que todas as palavras principiavam por—C—Eis aqui o primeiro:

Carmina clarisona calvis cantate camena.

No museu em Lisboa existe um soneto impresso em circulo, no qual todos os versos acabam em—A—e além disso as primeiras letras de cada verso, junctas com não sabemos que mais, e com o A final, dizem:

Soberano Congresso dos Lusos gloria.

Nesta poesia de gymnastica, ha sonetos cujos versos terminam em syllabas pela ordem das vogaes, e outros em que toda a rima é formada de duas palavras tomadas em accepções diversas. Agora perguntaremos, se com taes embaraços, o pensamento se podia traduzir em palavras?

Felizmente a liberdade litteraria seguiu de perto a liberdade social, e engenhos superiores crearam novas escholas onde se deu quasi completa liberdade á poesia, mas não tão ampla que a libertasse dos fortes, posto que doirados, grilhões da rima.

O costume tyrannico de rimar as palavras faz perder á lingua a sua pureza, e prende o poeta com prejuizo da boa poesia,

Se quem escreve em prosa, para se exprimir com fluencia, precisa abstrair completamente do trabalho material da escripta, pensando só nas ideias que quer representar, o que será na poesia?—O prosador habitua-se a não repartir a attenção, e adquirindo um modo de se exprimir, que se chama estylo, segue sem interrupção o fio das ideias. Na poesia não acontece assim; o habito nada póde contra a rima, e o poeta é forçado a interromper-se, não para achar palavras proprias, mas que tenham uma terminação dada. Esta interrupção, mais incommoda do que póde parecer á primeira vista, altera a força do pensamento, que deve ser representado brilhante como foi concebido, e sem que no esforço, que exige a copia, se percam alguns traços do original. A cada passo, e ainda nos melhores auctores, vemos a um verso excellente, que saiu livre e de um jacto, succeder um verso frouxo ou forçado pela subjeição em que está ao primeiro; a um epitheto apropriado outro epitheto improprio, e a poesia não póde deixar de se resentir destas intermittencias, que a prejudicam. Nem sempre póde haver uma palavra obrigada, que represente uma ideia tambem obrigada, e em caso de collisão sacrifica-se esta áquella. Muitos poetas, hoje principalmente, olham a rima como parte integrante da poesia, quando esta lei, ou antes moda, não póde tornar sensivel se não o trabalho da arte, que para ser perfeito deveria confundir-se com a natureza.

Verdade é que entre nós os bons modelos tem escripto em versos rimados. Camões e Ferreira rimaram, e no reinado de D. José I, segunda edade de ouro para a poesia portugueza, vemos brilhar Diniz e Garção. Entre os contemporaneos um dos nossos poetas mais fluentes, e a quem a rima parece obedecer, é, no nosso entender, o sr. João de Lemos; os seus versos são cheios de naturalidade, e parece que as palavras lhe vem de involta com os pensamentos. Mas isto não prova que á rima seja necessaria nem ao menos util. Que não teriamos nós a esperar destes talentos ferteis, se, guiados só pelo genio e enthusiasmo de verdadeiros poetas escrevessem livremente?

Temos exemplos a milhares para provar que a nossa lingua, e o nosso genio se prestam maravilhosamente, e em todos os generos, á poesia livre. O *Hyssope*, a *Castro*, o *Camões*, os *Ciumes do Bardo*, e poesias mais pequenas de Bocage, do sr. Herculano, e do auctor da *Lua de Londres* parece-nos que satisfarão os mais exigentes. E nem se diga que sem a rima os versos não tem harmonia, e que neste caso é melhor escrever em prosa. Um verso bem feito tomado isoladamente é sempre harmonioso, e para o acharmos tal, não necessitamos ouvir aquelle, que á maneira de echo lhe responde na rima. Entre a

prosa e o verso ha ainda outras differenças. A prosa não compete certo fogo de expressão, certo arrojo de imagens, e certo brilhantismo de cores que são apanagio do verso. Ninguem diria em prosa, fallando de uma mulher levada por um toiro,

Na estrada incerto, pelos redores volve
Por quanto sitio a raiva o vae levando,
Roja a mulher comsigo, o tronco, e a rocha.

Nenhum toiro até hoje, por muita raiva que tivesse, rojou comsigo troncos e rochas, mas o poeta faz sentir por esta exaggeração a furia do animal, o que não era permittido ao prosador.

Na mesma poesia composta de versos octosyllabos e dahi para baixo, onde parece ser indispensavel a rima, se póde prescindir della, o ponto está em que o poeta seja poeta.[1]

Cabe aqui indicar outro inconveniente e não pequeno, que devemos attribuir á rima, e é, parece-nos, pôr a poesia ao alcance de todos os que se lembram de fazer versos, sem terem para isso os conhecimentos sufficientes, e um certo tacto natural tão necessario. Todos os dias as folhas periodicas e as publicações separadas nos põe diante dos olhos centos de versos, cuja leitura nos leva a julgar que, entre nós, a poesia está na razão inversa dos poetas. E não se ache contradicção nisto que dizemos: concebe-se que o mesmo que serve de obstaculo aos bons poetas, seja caminho facil para aquelles que, levados pelo harmonioso das palavras, conseguindo fazer versos certos, ficam por ahi, sem curarem do mais importante que é a poesia. Se as palavras são o meio pelo qual se transmitte a poesia, é claro que devem ser proprias e accommodadas ao assumpto, mas não lhe devemos dar tanta importancia que se tornem o unico alvo do poeta. A poesia não tem só por fim impressionar mais ou menos agradavelmente o ouvido, mas deve insinuar-se na alma, e inspirar nos que ouvem as paixões e os sentimentos do poeta, isto é, acordar em nós sensações, que, ou por termos uma imaginação menos brilhante, ou um sentimento menos delicado, ou finalmente por não estarmos nas circumstancias que o poeta descreve, não tinhamos sentido. Para isto é necessario que a poesia escripta seja livre e flexivel para se amoldar á poesia sentida.

A pezar disto a rima tem sido de todos os tempos; mas parece indicar quasi sempre uma epocha de decadencia na litteratura.— «Quando o gosto e a delicadeza que resultava de ouvir, e de fallar a lingua latina, diz M. Cantu, começou a embotar-se, não se attendeu senão aos sons, como se vê em certos auctores e nos hymnos da egreja, faceis para o canto, mas rebeldes á prosodia.» — Este flagello, porém, vem de mais longe; não só era conhecido dos classicos gregos e latinos, que ainda assim punham todo o cuidado em evital-o, mas tambem dos arabes, e até se affirma que o livro de Job no seu original era uma poesia rimada. Seja porém como for, é certo que os grandes modelos da antiguidade seguiram só a natureza, e não se prenderam com palavras terminadas no mesmo som.

Não sabemos se todas as linguas se podem libertar da rima. A franceza, a pezar de M. de Voltaire dizer na sua arte poetica que os versos precisam, para terem harmonia, da que lhe é dada pela repetição dos mesmos sons, tem por si e contra a rima, entre outros, *Fenelon* e *Mercier*. Nas demais, onde a transposição é mais facil, póde e tem-se dispensado a rima. Muitos dos bons poetas inglezes escreveram, e escrevem em verso solto, e nem conheciam a rima antes de 1440, epocha em que foi introduzida por *Lydgate*. Os hespanhoes e italianos escrevem em verso solto, e nós podemos prescindir inteiramente dos consoantes. Nesta opinião podemos enganar-nos, mas enganamo-nos em muito boa companhia; *Filinto*, o campeão da lingua portugueza, detestava a rima, e achàva que era uma cousa prejudicial. Os seus onze volumes estão cheios de excellentes versos, e só uma ou outra poesia de menos vulto é rimada, e elle mesmo diz, que as escrevera para contentar a todos.

A. GIRÃO.

---

[1] Como taes exemplos não são muito communs, seja-nos permittido citar os seguintes logares, onde ninguem sentirá de certo a falta dos consoantes.

Quereis, oh amadores
Amadores ditosos,
Ir de jornada?—Ás margens
De vós visinhas ide.
Um mundo sempre bello,
Sempre variado, e novo
Um ao outro vos sêde,
Tende por nada o resto.
Eu tambem vos confesso
Que amei . . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Ai! momentos tão meigos
Quando vireis de volta?!
Taes, tantos, tão donosos
Objectos, tem, a arbitrio
Do impio dessocego
Desamparar esta alma?!
Mais de sentir não tenho
Esse encanto que enleva?!
Transpuz d'amar a quadra?!

Francisco Manoel.

NECROLOGIO.

Mais um anjo voou da terra á corte celestial!..... Grande e sublime ideia é esta, com que a religião sancta vem mitigar as angustias da familia entregue ao luto e á dor; é um balsamo divino, que Deos, por sua infinita bondade, derrama sobre as feridas abertas pela saudade consumidora. O pranto e a consternação extinguiriam a vida, se a religião, no meio de tanta amargura, não prestasse conforto de esperança e consolação.

Mais um anjo voou da terra á corte celestial! Este acontecimento glorioso nos fastos da eternidade, mas deploravel na historia d'uma familia, teve logar no dia 15 do mez passado, pelas seis horas de tarde. A morte, por insondaveis designios do Altissimo, descarregou o golpe, e a Exm.ª Sr.ª D. Maria da Victoria Osorio Cabral Pereira de Menezes deixou de existir entre nós.

Era uma planta de grandes esperanças, que foi cortada pela fouce do segador, no verdor de seus dias; viu o mundo mas não o conheceu; seu espirito revestiu-se das formas humanas, só para se fazer admirar.

Nem a elevada intelligencia dos facultativos, nem a assiduidade e esmero no tratamento, nem meios alguns de salvação poderam debellar a gravidade e progresso do mal; nesta luta entre a vida e a morte, a medicina sentiu a fraqueza de seus recursos, e a filha mais nova do Exm.º sr. Antonio Maria Osorio Cabral e da Exm.ª sr.ª D. Maria da Conceição Pereira de Menezes, exhalou o ultimo suspiro na vespera do seu decimo quarto natalicio.

Sua alma pura... pura... como um anjo, subiu gloriosa ao seio do Eterno: sim, como um anjo.... d'outras pessoas seria temeridade dizel-o, mas da Senhora D. Maria da Victoria seria temeridade duvidal-o. Suas faculdades intellectuaes haviam manifestado um desenvolvimento admiravel e prematuro; suas virtudes religiosas e moraes faziam-se notar pela perfeição e firmesa, que só por muitos annos de provas se pode adquirir. O juiso, a prudencia, a caridade, e todos os mais dotes que, no meio das procellas da vida, podem fazer um ente feliz, e util aos outros, revestiam este anjo.

A morte roubou-nos este thesouro, onde se achavam encerradas tão preciosas virtudes. Sua alma candida.... essa faisca da divindade, subiu radiante ao centro donde tinha dimanado.

* *

VICTORIA LINDA.[1]

Á EXM.ª SR.ª D. MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA DE MENEZES.



I.

Sôpro de morte, em tua aurora ainda,
Victoria linda, desbotou-te a côr;
Voz do Senhor a outra vida infinda,
Victoria linda, te chamou em flor!

Nascida á sombra de formoso cedro,
Onde Dom Pedro meiga Ignez amou,
Como chorou a morta Ignez Dom Pedro,
Ao pé do cedro tua mãe chorou.

Fonte de lagrimas e amor chamada
Viu-te embalada na tua infancia ahi;
Do Ceu aqui tu vinhas já fadada
A ser chorada neste amor por ti.

Vento da tarde te levou sem custo,
Qual tenro arbusto sem raiz no pé;
Mas vaes co'a fé enraizar sem susto,
Do throno augusto do teu Deus ao pé.

Como arribada d'outra praia á beira,
Avé estrangeira que por cá gemeu,
Do patrio ceu a suspirar fagueira
N'aza ligeira remontaste ao Ceu.

Anjo da morte a derradeira hora
Na torre agora que soou já diz,
O bronze quiz alli chorar... não chora,
Nem prece implora... só bradou — feliz!

II.

Feliz! de certo, e não chores
Dirá tudo á triste mãe;
Porque a filha, seus amores,
Melhor mundo agora tem:
Não chores lhe persuade
A christã conformidade,
Não chores... mas a saudade
Rebenta do coração;
Se curva a fronte ao tormento,
Se obedece o pensamento,
Vem rebelde o sentimento
E as faces regadas são.

Nem ha crime nesse pranto,
Dá Deus prantos para a dor;
Na amargura teem encanto,
Que nutre magoado amor;
As lagrimas são do homem,
Por privilegio lh'as tomem,

[1] Estes versos foram feitos por occasião da morte da Exm.ª Sr.ª D. Maria *da Victoria* Osorio Pereira de Menezes, que nasceu na Quinta das Lagrimas, junto a Coimbra, em 16 de janeiro de 1841, e falleceu na mesma Quinta em 15 de janeiro de 1855, sendo enterrada no dia 16 em que completava 14 annos de edade. Sua extremosa mãe, a quem os versos são offerecidos, costumava charmar-lhe *Victoria linda*, e d'esta terna expresão do affecto maternal se tomou o titulo da composição.

Que se a luz dos olhos somem,
Tambem nellas brilha luz;
Quando da Cruz já pendia
O Filho, que lhe morria,
Tambem a Virgem Maria
Foi chorar aos pés da Cruz!

Chora, pois, ó mãe saudosa,
Chora a filha que morreu,
Folha a folha dessa rosa
Recorda o que já foi teu;
Pinta as graças na memoria,
Essas graças, doce gloria
Que da formosa Victoria,
N'alma e corpo, podes ter;
Beija o nome—prophecia
Da victoria que a devia
Na vida, e na morte um dia,
C'roada sempre trazer.

Se vês triste o esposo ao lado,
Se os mais filhos tristes vês,
Se o teu anjo é tão chorado,
Tu mais na dor te revês;
Mais lembra então que voara,
Na falta mais se repara,
Mais viva se retratára
A pomba que andava alli;
Era a alegria de tudo,
Na meza, no brinco e estudo,
E tudo agora vês mudo,
E a saudade cresce em ti.

Oh! não ha, não ha na terra
Outra dor como essa dor,
Que longe cá nos desterra
Da vida do nosso amor;
É das penas negra pena,
Toda a outra é mais pequena,
E se Deus não a condemna
Deixem a pena penar;
Se nos leva todo o riso,
Se ás vezes leva o juizo,
Do gosado paraizo
Possa a saudade ficar.

Chora, chora, alma pungida,
Pobre mãe, se alivio é teu;
Intendo-te a dor sentida
Que bem perto a vi já eu;
Tambem de filha formosa
Vi na face melindrosa
Desbotar nascente rosa,
E a morte em torno a rugir;
Da sepultura aos regêlos
Vi-lhe os pés ir a descel-os,
Quando Deus pelos cabellos
A suspendeu de cahir.

Tu foste mais desgraçada,
Rôla viuva, bem sei;
Choras na campa fechada,
Na campa aberta eu chorei;
Mas nessa magoa que eu tinha
A tua bem se adevinha,
E por isso acceita a minha
Que comtigo chorar vem!
Ah! dize, como eu dissera,
Se é anjo do Ceu... podéra,
Vivendo como vivera,
Ser anjo depois tambem.

III.

Mas lá vae.., oh! lá jaz... inda fumegam
Mal extinctos brandões!...
Agora em volta os crepes se despregam...
E das sanctas canções
Nos já desertos muros da capella,
Só resta o echo a suspirar por ella!
Quatorze primaveras!.... Falta um dia...
Dia do seu natal!..
Ai! mas nesse... infeliz!... a mãe fazia
Da filha o funeral!
E em vez de festa em honra da donzella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Senhor! Senhor! Não tinhas lá mais anjos?
Tão de pressa, Senhor?!
Pois faltam-te no Ceu córos d'archanjos
A cantar teu louvor?...
Roubando cá da terra essa voz bella,
Só resta o echo a suspirar por ella!

Eterna magoa nunca interrompida
Esta, ao menos, será;
Entre a morte e a memoria, espaço a vida
Alegre não terá,
Que da alegria da apagada estrella
Só resta o echo a suspirar por ella!

J. DE LEMOS.

POESIA SLAVA CONTEMPORANEA.

Continuado de pag. 210.

III.

Se folhearmos as obras dos poetas russos Derjavin, Pouchkine e Lermontof, com o intuito de descobrir os novos horizontes, as fontes ignoradas que lhes abriu o *gouslo*, acharemos que para elles o sentimento da poesia popular, e de um ideal propriamente seu, ainda agora começa a germinar; mas, pelo menos, já se vê que vae apontando; e se na Russia desabrocha com vagares que fazem descorçoar, deve isso lançar-se em conta a causas peculiares. Em primeiro logar o *gouslo* russianno, debaixo do embrutecimento devido á oppressão dos *moujiks*, caiu n'um estado muito vizinho da salvajaria. As *piesnas* collacionadas pelo cosaco Jakubovitch, mais conhecido pelo pseudonymo de *Kircha Danilor*, abundam em trechos de fazer arripiar. Resentem-se do tataro e do mongol. As canções amorosas denunciam um deploravel abatimento moral. Os cantos heroicos são os unicos que conservam ainda, senão toda a pureza primitiva, pelo menos a sua energia. E por isso concebe-se bem o soberano desprezo, a que os poetas academicos de S. Petersburgo votam o *gouslé*. Jukovski e Batiuchkov, apezar do seu talento incontestavel, apenas sabem traduzir no russo as ideas estrangeiras. Derjavin possue, na verdade, mais alguma cousa da poesia local; mas as suas principaes inspirações são colhidas nos velhos monumentos da literatura sagrada.

O cosmopolita Pouchkine parece ter sido o primeiro que na Russia comprehendeu o *gouslo*, mas foi para o repellir, pois intendeu de prompto que encontraria nelle um rival temivel. Assim não perde nunca a occasião de metter a ridiculo os rapsodas enfadonhos que elle compara com os auctores asiaticos dos

contos da *Mil e Uma Noites*. Pouchkine compoz uma immensidade de contos, porém verdadeiras *piesnas* nem uma só. Acontece-lhe porém ás vezes o afinar pelo tom dos *gouslars*, como em alguns dos seus versos intitulados *o Oiro e o Sabre*. «O oiro gabava-se certo dia dizendo: O mundo inteiro é meu; mas o sabre respondeu-lhe: Enganas-te, só a mim é que o mundo pertence. — Eu posso comprar tudo! exclamou o oiro. — E eu, replicou o sabre, posso conquistar tudo pela fôrça.» Não parece esta sentença extrahida das collecções de Vuk? Apossando-se porém da allegoria popular, Pouchkine não deixa de lhe misturar sempre o fel e o pungente sarcasmo byronico, que o impede de comprehender a belleza primitiva na sua simplicidade grandiosa. É assim que o encontrâmos na sua allegoria dos *Dois Corvos:* «Um corvo, passando no seu vôo por perto d'outro corvo, grita-lhe: Onde teremos hoje que jantar? — Lá em baixo vi que jazia o corpo de um heroe assassinado — Por quem, e por que foi elle morto? Só tres entes o sabem: o seu falcão que fugiu voando do bosque; a sua egua preta, na qual montou o seu inimigo; e a sua joven esposa, que parece que espera por quem ama, não pelo assassinado, mas pelo vivo.» Nada por certo menos digno do *gouslar* do que o riso cruel, com que termina este rasgo poetico.

Vê-se porém que Pouchkine fazia tão pouca idêa dos thesouros sotterados na poesia popular russiana, que intitulou *Canto servio* uma das suas poesias ligeiras, que parece o resumo literal da *piesna: Na litooskom rubijie (na Fronteira lithuania)*, da collecção de Kircha. É um corsel, que sentindo approximar-se a sua morte e a de seu amo, abaixa a cabeça na vespera da batalha, e deixa caír sôbre a relva as suas crinas compridas, sem querer beber nem comer. Ao seu cavalleiro, que lhe pergunta a causa dos seus pezares, responde exactamente como o cavallo do joven *boiar* moscovita na poesia de Kircha; e é a isto que Pouchkine chama um canto servio.

Para os herdeiros deste Goethe moscovita, a scena muda d'aspecto. Lermontof é ainda um poeta byronico, é um admirador de Satanaz e dos seus triumphos, celebra os *heroes da epocha*, e divinisa o inferno com tanta paixão como qualquer dos romancistas actuaes; percebe-se porém que nelle a veia satanica está para seccar-se Sem o presentir é domado por um fôrça mysteriosa, cujos segredos ignora. Apezar do seu desdem orgulhoso para com a poesia primitiva, é forçado a admiral-a, e n'um tom meio chocarreiro, meio impio, procura inspirar-se della, como se pode vêr na sua extensa *piesna* sôbre *o tsar Ivan Vasilievitch, o seu joven pagem e o audaz gost Kalachnikov*.

«A ti, terrivel tsar Ivan Vasilievitch, ao teu pagem mais estimado; e ao atrevido mercador Kalachnikov, dedico eu esta canção! Foi composta por uma moda estrangeira, nós a cantamos pela toada do *gousle!* Ao ouvil-a, o povo orthodoxo se regosijou; o *boiar* Mathias nos apresentou uma taça a transbordar de *med* espumoso; a sua nobre e alva esposa nos fez assentar á sua mesa, e nos pôz diante, sôbre um serviço de prata, um guardanapo orlado de seda, e por tres dias e tres noites nos regalou, sem se cansar de ouvir a nossa canção.

Já nos céos s'esconde o sol, e as nuvens azuladas não o podem adorar, porque á superficie da terra esta assentado no seu palacio do Kremle[1], coroado de um diadema brilhante, o terrivel Ivan Vasilievitch; os seus escudeiros trinchantes estão em pé por de trás delle; ao lado ficam-lhe os seus guardas, e em frente estão os *boiars* e os *kniazes*. O banquete está animado: o tsar bebe á gloria de Deus, á sua propria gloria e á satisfacção dos seus prazeres; depois, tomando do seu *puisoir* doirado cheio do mais generoso vinho do ultramar, envia-o aos seus guardas, os quaes, todos em fila, bebem á gloria do tsar. Um só dentre elles, um heroe ainda joven e audaz, não quer beber; mas, silencioso, inclina a sua frente altiva e triste sôbre o largo peito onde bate um coração robusto. Apenas repara na attitude do mancebo, o tsar fixa sôbre elle um olhar agastado, *como o abutre que do* alto de uma nuvem espia a innocente pombinha; depois, batendo violentamente com o seu bastão sôbre a mesa, grita com uma voz terrivel: Kiribieevitch, meu pagem, em que pensas tu com esse ar sombrio? Acaso estás cansado de me servir, ou invejas a minha gloria? Quando a lua sobe pelo ceo, as estrellas regosijam-se de a ver, e as nuvens mais tenebrosas tornam-se claras á sua approximação; não te acontece o mesmo, Kiribieevitch. A alegria do teu tsar te assombra. O mancebo prosterna-se diante do terrivel tsar: Senhor, se por ventura o teu indigno escravo irritou a tua alma, faz-lhe cortar a cabeça de prompto, elle mesmo irá offerecel-a ao algoz.! — Que é pois o que te falta? replica o tsar. O teu caftan de tela d'oiro já está usado? a caso enxovalhaste o teu *Kalpak* de zibelina? o teu cavallo está manco? ou tu mesmo, filho de *gost*, déste algum mau geito no assalto em que pelejaste as punhadas sôbre as margens da Moskva?

Continúa.

ASTRONOMIA.

Depois que se publicou em o N.° 11 do 2.° v. do Instituto a relação dos pequenos planetas descobertos até o fim do anno de 1852, descobriram-se os seguintes, de que temos noticia:

[1] O Kremlin.

N.º 24 — Phocêa — por Chacornac em 6 de abril de 1853.
N.º 25 — Themis — por Gasparis em 6 de abril de 1853.
N.º 26 — Proserpina — por Luther em 5 de Maio de 1853.
N.º 27 — Euterpe — por Hind em 8 de novembro de 1853.
N.º 28 — Amphitrite — por Marth em 1, e por Chacornac em 3, de Março de 1854.
N.º 29 — Bellona — por Luther em 1 de março de 1854.
N.º 30 — Urania — por Hind em 22 de julho de 1854.
N.º 31 — Euphrosina — por Ferguson em 2 de setembro de 1854.
N.º 32 — Pomona — por Goldschmidt em 26 d'outubro de 1854.
N.º 33 — Polymnia — por Chacornac em 28 d'outubro de 1854.

Vê-se pois que, neste ramo, os trabalhos dos astronomos em Italia, França, Allemanha, Inglaterra e Estados-Unidos, não foram retribuidos com menos abundante colheita nos annos de 1853 e 1854, do que o haviam sido na maior parte dos annos precedentes.

BIBLIOGRAPHIA.

O Amigo dos Meninos, parte 1.ª, extrahida principalmente do Der Deutscher Kinderfreund de Mr. Wilmsen, ordenada pelos cuidados do Ill.mo sr. M. A. Coelho da Rocha, Lente cathedratico da faculdade de direito da Universidade, membro do Conselho superior d'instrucção publica, etc, e approvada pelo mesmo Conselho superior para uzo das escholas, — segunda edição — Coimbra, 1853, 1. in 8.º

O Amigo dos Meninos, parte segunda, ou Manual de principios elementarissimos de geographia geral, chorographia e historia de Portugal, grammatica, arithmetica, doutrina christã, historia sagrada, e moral practica e religiosa, coordenado e publicado para uzo das escholas e exames d'instrucção primaria, por A. Forjaz, e approvado pelo Conselho superior, Coimbra 1854, 1 in 8.º

O Amigo dos meninos, introducção, comprehendendo um abcedario de leitura e numeração, e uns primeiros exercicios de leitura; e nestes o pequeno catecismo das dioceses de Coimbra, Vizeu, Lamego, Bragança, etc., e tudo em caracteres variados, por A. Forjaz. Primeira e segunda edição, 1854, 1 in 8.º

Catecismo de doutrina christã da diocese de Coimbra, adoptado pelo Excell.mo e Revd.mo senhor Arcebispo Bispo Conde (e posteriormente pelos Ex.mos e Revd.mos srs. Bispos de Bragança, Beja, Vizeu e Lamego), 1854, 1 in 12; e — o rezumo do mesmo, primeira e segunda edição, 1854, 1 in 32.

Em todos os paízes encomenda-se á amizade, lizongeira e benevola, o dar noticia das novas publicações, com que o homem de letras entendeu dever concorrer para a illustração de seus conterraneos, senão do mundo. Em muitos há tambem jornaes, que, pelo interesse geral, tomam sobre si a mui util, mas melindroza tarefa, da critica literaria, submetendo, com pausada leitura e reflexão, a um exame rigorozo essas mesmas publicações.

A critica literaria, verdadeiramente tal, vaé atrazada entre nós. Não temos jornaes bibliographicos. Algum scientifico apenas vegeta. E por ventura que assim será melhor por emquanto. São tão poucos, absolutamente falando, (porque em relação a tempos passados são já muitos), os escriptos que saem dos nossos prélos, que fôra para recear d'uma critica severa o augmentar mais um estôrvo a tantos que fazem descorôçoar entre nós a todo o escriptor, que não seja puro romancista, ou antes, bom ou máo, traductor de novelas.

O editor d'umas das publicações acima annunciadas, autor d'outras, traductor d'algumas; e por cujas mãos correram todas com grande trabalho, dezejoso de que a historia dellas, e a noticia de seu conteúdo ficassem consignadas nas paginas do Instituto, poderia rogar a paciencia e illustração d'amigos para que se dignassem tomar sôbre si esse encarrêgo: entendeu porem que, a não obter uma circumstanciada censura, era melhor escrever elle, suscitando talvez por isso mesmo a occasião da critica, que dezeja para melhorar os seus trabalhos.

O nome do principal colaborador do primeiro, as approvações de todos pelo Conselho superior; e naquelles, que, por sua materia, mais importam ao bem e á illustração geral, os catecismos, a adopção, que dos mesmos tem sido feita por alguns dos prelados da egreja portuguêza, manifestam haver nestas publicações um interesse verdadeiro e solido, cujo conceito galardôa a todos os que tomaram parte nellas; e em especial nos anima a nós a darmos conta ao publico do seu conteúdo.

O nome do sr. Coêlho da Rocha será sempre saudoso na Universidade. Era um sabio. Era mais ainda, um philosopho christão, exemplar como sacerdote, modesto, d'um tracto singelo e facil, despido de toda a fatuidade e pedantaria, que tantas vezes assombra e escurece os mais profundos conhecimentos nas artes ou nas sciencias.

Membro do Conselho superior, foi naturalmente conduzido, no meio e apezar de seus profundos e incessantes trabalhos juridicos e historicos, a investigar de que modo a instrucção primaria, fundamento de toda a outra, cresce e vigora nos paízes mais cultos da Europa. O grande jurisconsulto não se dedignava de ter na sua bibliotheca e de consultar e ler alguns e muitos dos *livrinhos*, pueris na forma, mas adultos na sã moral e variados conhecimentos, que por lá se publicam e consomem com profuzão para uzo dos *meninos*.

Desanimado da politica, por que conhecêra a fundo o vão dos partidos, e a immoralidade de seus combates ambiciosos, soube desprender-se para sempre da rêde, em que um instante se embaraçára; e, todo entregue ao desempenho de suas arduas funcções, repartia o tempo entre a jurisprudencia e os cuidados pela instrucção publica, quando a inexoravel morte, precedida por uma das mais terriveis enfermidades, veio cortar o fio d'uma existencia tão util ás letras e á humanidade.

Quem quizer formar exacta idêa da dedicação e paciencia, a toda a prova, do sr. Coelho da Rocha, nos trabalhos, a que se propunha, saiba o como era feita a primeira parte do amigo dos meninos.

Lêra elle em V. Cousin, que o livro Kinderfreund de Mr. Wilmsen era um dos mais uzados nas escholas primarias da Allemanha; e que por toda a parte se encontrava debaixo do braço dos alumnos, que caminhavam para a eschola. Moveu-lhe a curiosidade de vêr esse livro a boa informação, que por este modo alcançára delle. Mas o sr. C. da Rocha ignorava a lingua allemã; e para traduzil-o não tinha outro meio senão o auxilio de pessoa, cujo portuguez carecia ás vezes de nova traducção em linguagem corrente para que podesse bem comprehender-se.

Todavia o livro veio, leu-se, e a traducção teve principio. Com que paciencia! Que enfado para qualquer outro! enfado, qualquer que fosse o livro, embora o mais primoroso escripto d'um Savigny, inapreciavel para um Jcto! E o livro era de meninos, pueril na forma, singelo na substancia; qual convinha para as escholas, mas qual em regra afasta os homens costumados a lêr e meditar livros de sciencias!

Passaram-nos pelas mãos os cadernos em borrão. Conhecemos por vezes que o sr. C. da Rocha havia sido mais que traductor; liam-se nelles muitos periodos, todos seus.

Não podemos recordar-nos sem commoção do legado, que

recebemos de viva vóz, quando a morte já era proxima; legado lhe chamâmos, por que o era para nós, antes como preceito, a que não deviamos faltar. Todavia a sua delicadeza limitára-se a uma recomendação, a um dezejo, de que alguem aproveitasse esses seus trabalhos principiados.

Do extenso livro de Mr. Wilmsen apenas estava trasladada uma parte, e essa mesma carecendo de madura revisão. O sr. C. Rocha assim o conhecia; e na impressão, que começára a fazer, á medida que as provas fossem correndo, iria apurando o trabalho.

Seus herdeiros, sabedores da sua vontade, offereceram-nos o manuscripto. Acceitámos com a condição de ser para o Asylo da infancia, que tivera a honra de contar em o numero de seus fundadôres, e durante o espaço de 18 annos no de seu socio, a o bemfazêjo e illustre finado. O livro, que o publico hoje possue, contém a maior e melhor parte do que encontrámos no manuscripto, accrescentado com alguns contos de Schmid, e com umas mui breves noções de desenho linear geometrico, faceis de comprehender-se, e uteis a todas as classes.

No manuscripto havia uns principios, não concluidos, de doutrina christã e de grammatica. Entendemos que era tão conveniente realisar o pensamento do sr. C. da Rocha, tornando este livro o mais completo possivel, e de modo que os pais, comprando um só, ahi encontrassem para seus filhos todo o quadro do que deve aprender-se na eschola; como indispensavel fazel-o com a maior reflexão, mormente na parte religiosa. E por isso reservámos para outro tempo, que não tardou, o cuidar deste grave negocio; para o qual já, de há muito, convergiam os nossos pensamentos, e alguns trabalhos haviamos encetado.

Ficou pois reduzido o que podémos aproveitar do manuscrito do sr. C. da Rocha, e se contém na primeira parte do *Amigo dos meninos* a 4 secções: — a 1.ª que tem por objecto: *Breves lições, proprias para excitar a attenção e a reflexão dos meninos: a* 2.ª *Lições proprias para avivar a intelligencia e excitar os bons sentimentos:* a 3.ª *Contos moraes e religiosos:* a 4.ª *Historia natural;* e uma 5.ª addicional, que, como já dissemos, lhe accrescentámos: *Algumas noções de desenho linear.*

Nada mais curioso do que a maneira, por que Mr. Wilmsen, na primeira secção, occupando-se de noções dos phenomenos os mais vulgares, e da natureza, sensivel e palpavel, dos objectos que nos cercão, attrae a attenção dos meninos, e sem esforço os obriga a reflectir, e como a advinharem o que de couzas elles proprios sabem, sem o pensar.

Destes objectos materiaes o autor sobe, na mesma secção, aos moraes e intellectuaes, sem alterar a mesma constante singeleza d'estylo, e clareza d'idêas, accessivel aos alumnos.

Quer, por exemplo, fazer sentir, se nos é licito dizel-o assim, a existencia em nós d'um espirito, do qual o corpo não é senão um instrumento; então o A., depois de mostrar, em breves linhas, como os sentidos nos dão conhecimento das cousas externas, accrescenta logo: — «Mas observo, que não é só nos meus membros que existe a cauza destes movimentos. Os ouvidos não ouvem por si só; por que no homem morto, e ainda quando se dorme, nada disto acontece.

Deve por tanto existir em mim uma causa diversa, que produz nos membros estes effeitos. Demais, eu descubro em mim outras forças, e outra capacidade, que não póde provir dos membros, nem dos sentidos. Posso lembrar-me do que aprendi hontem na eschola, do que comi antehontem, e do logar, aonde estive, há muitos dias. Posso representar-me a figura d'uma arvore, que eu vi d'aqui muito longe, e a jaquêta que rompi antes desta. Tenho presente, como se a estivesse vendo, a figura de meu pai, de minha mãe, de meus irmãos, apezar de os não vêr agora. Posso lembrar-me, e imaginar tudo isto, sem empregar nem a cabeça, nem as mãos, nem os pés, nem os ouvidos, nem os olhos, nem outro algum membro.

Quem é pois que me lembra e representa estas couzas? É a minha alma; não a vêjo, mas ella existe em mim: percêbo-a pela memoria, pela imaginação, pelos sentidos.»

Se o A. pretende instruir os meninos á cêrca das idêas abstractas do *impossivel*, do *necessario*, do *indifferente*, do *fim*, eis ahi como elle se faz entender facil e suavemente. — » Chama-se *impossivel* aquillo que não se póde fazer. Assim é impossivel que um menino aprenda, se não estiver attento. É impossivel que o lume não queime, que o môrto torne a viver, que uma pessoa dê um salto para a lua.»

No fim desta bella secção, debaixo do titulo de — *perguntas variadas*, o mestre é conduzido a investigar, conversando, se as singelas noções antecedentes penetrárão no entendimento e na memoria dos jovens leitores. Por exemplo: — «Das cousas, que conheceis, apontai-me as que são feitas de ferro, — de lã, — d'algodão etc.»

Mais adiante: — «Quando se diz que é dia? Onde está o sól, quando o céo está coberto de nuvens? E onde está elle de noite?» Mais adiante: Rematai agora as seguintes proposições.

Quem não está na eschola com attenção, nada . . . e fica um . . .

Na agua vivem os . . . No ar vivem os . . . . A tinta e as pennas servem para . . . as agulhas para . . . . etc. etc.»

Se o ensino da leitura deve apenas consistir em instruir os meninos no processo, mais ou menos mecanico, de ligar os elementos escriptos da palavra, sem fazer reflectir no sentido dessa palavra, toda esta primorosa secção é indifferente, e tanto val adoptal-a para leitura corrente nas escholas, como um qualquer outro alfarrabio. Mas se a instrucção primaria tem de dirigir-se principalmente ao entendimento, e somente depois á memoria, como entendemos; se lhe pertence, d'obrigação rigorosa, de plena responsabilidade perante Deos e perante o mundo, fazer suavemente desenvolver as mais nobres faculdades da alma, e attraír a infancia á reflexão e ao estudo, sem constrangimento, por gosto, por emulação e por habito, ah! nesse caso nenhum mestre passe de corrida a 1.ª secção do Amigo dos meninos. Lei-a, e relei-a muitas vezes, pausadamente, e entremeada de perguntas e respostas, naturaes, como em conversa, não obrigatorias, e impostas pela auctoridade.

Temos que este primeiro capitulo da obra de Mr Wilmsen, só por si, justifica a acertada escôlha do sr. C. da Rocha.

Os objectos das secções segunda e terceira, e a maneira por que são desempenhados, attráe naturalmente a curiosidade dos meninos; e satisfazendo-a, deixa-lhe na alma as mais puras e virtuosas impressões. No manuscrito havia alguns excerptos das muitas, e mui variadas, e edificativas scênas, que se encontram na leitura da Biblia, e que tanto instruem e esclarecem, como deleitão a quem as lê. Todavia pareceram-nos incompletos, e que precisavam d'um trabalho mais d'espaço, que por então nos era impossivel emprehender; e do qual nos desviava a consideração de que, neste ponto, já as escholas possuiam um livro d'ouro, inimitavel, feito certamente por quem não só muito sabia das cousas sagradas, mas tambem nada menos do modo de fallar com as crianças, e interessal-as, — a *Biblia da infancia* de Noirlieux.

O — *alfinête perdido*, o — *morangueiro*, o — *Deus está em toda a parte*, o — *menino esmoler*, que inserimos, vertendo-os de Schmidt e outros, tem tamanha naturalidade e tão fina moralidade, que nos parece justificada sobejamente a sua admissão neste excellente livro.

A secção 4.ª — *historia natural* — é escripta com o mesmo gosto apurado, e segura experiencia do genio dos meninos. São breves noções á cêrca dos tres reinos, concluindo com outras — *da terra e de seus habitantes;* e todas ellas entremeadas com algumas mui apropriadas historietas, agradaveis e instructivas.

Na secção 5.ª procurámos imitar o estilo de Mr. Wilmsen; e ás noções geraes, acompanhadas das competentes figuras, accrescentámos uma colleção de pequenos problemas, e a maneira mais simples e clara de os resolver.

A primeira edição esgotou-se breve, nem foi possivel enviál-a a todos os assignantes. A segunda vai sendo procurada, mórmente em Lisboa, signal certo de que os professores fazem justiça a este livro, pelo qual o sr. C. da Rocha mostrou bem, quanto é apreciavel a gloria, que não engeitou em Hespanha Martinez de la Roza, e na Italia Cesar Cantu, a d'escrever para os meninos.

Continúa.

A. FORJAZ.

ESTATISTICA PATHOLOGICA DOS HOSPITAES DA UNIVERSIDADE.

HOMENS. — ENFERMARIAS DE MOLESTIAS INTERNAS — TRIMESTRE DE OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1851.

	MOLESTIAS.	EDADES				Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
		Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.				
5	Febre nervosa	»	3	2	»	3	»	2	5
29	Febre gastrica	»	6	9	3	17	»	1	18
»	» *Pneumonia*	»	»	2	»	2	»	»	2
»	» *Otite*	»	1	»	»	1	»	»	1
»	» *Otite Obstrucção do baço*	»	1	»	»	»	1	»	1
»	» *Erysipela na face*	»	1	»	»	1	»	»	1
»	» *Brouchite*	»	1	»	»	1	»	»	1
»	» *Ascite*	1	»	»	1	2	»	»	2
»	» *Tympanite*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» *Obstrucção do baço*	1	»	»	»	1	»	»	1
»	» *Obstrucção do figado*	»	1	»	»	1	»	»	1
115	Febre intermittente	8	34	21	7	66	4	»	70
»	» *Pneumonia*	»	»	1	1	»	»	2	2
»	» *Pneumonia — ascite*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» *Otite*	»	»	»	1	»	1	»	1
»	» *Bronchite*	»	3	5	1	9	»	»	9
»	» *Bronchite — ascite — anasarca*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» *Paraplegia*	»	»	1	»	»	1	»	1
»	» *Ascite — anasarca*	»	»	1	1	1	»	1	2
»	» *Ascite — Obstrucção do baço*	»	1	1	»	1	1	»	2
»	» *Anasarca*	»	»	1	1	2	»	»	2
»	» *Edemacia nas extremidades inferiores*	»	1	1	»	2	»	»	2
»	» *Diarrhea*	»	1	»	»	1	»	»	1
»	» *Obstrucção do baço*	7	9	1	»	13	4	»	17
»	» *Obstrucção do baço — ascite — anasarca*	»	1	»	»	1	»	»	1
»	» *Obstrucção do baço — vermes intestinaes*	»	1	»	»	»	1	»	1
»	» *Vermes intestinaes*	»	1	»	»	1	»	»	1
»	» *Ulcera atonicas nas extremidades inferiores*	»	1	»	»	1	»	»	1
18	Febre intermittente gastrica	»	4	6	1	10	1	»	11
»	» » *Bronchite*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» » *Brouchite — rheumatismo articular chronico*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» » *Edemacia nas extremidades inferiores*	»	»	»	1	1	»	»	1
»	» » *Obstrucção do figado — ictericia*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	» » *Obstruoção do baço*	»	2	»	»	1	1	»	2
»	» » *Vermes intestinaes*	»	»	1	»	1	»	»	1
3	Angina	»	2	1	»	3	»	»	3
21	Pneumonia	2	3	13	3	13	»	8	21
3	Pneumonia chronica	1	1	»	»	2	»	»	2
»	*Ascite — anasarca — febre intermittente*	»	1	»	»	1	»	»	1
3	Pleuropneumonia	»	1	2	»	1	»	2	3
2	Gastrite	»	1	»	1	1	»	1	2
1	Gastro-enterite	»	»	1	»	»	»	1	1
2	Enterite	»	»	2	»	»	1	1	2
4	Ophtalmia	»	2	2	»	1	3	»	4
5	Erysipela nas orelhas	»	1	»	»	1	»	»	1
»	nas extremidades inferiores	2	»	1	»	2	»	1	3
»	nas extremidades inferiores — *brouchite*	»	1	»	»	1	»	»	1
2	Rheumatismo muscular	»	»	2	»	2	»	»	2
1	Rheumatismo articular	»	1	»	»	»	1	»	1
5	Rheumatismo articular chronico	»	1	2	2	4	1	»	5
7	Bronchite	»	»	2	2	3	1	»	4
»	*Rheumatismo articular chronico*	»	»	»	1	1	»	»	1
»	*Obstrucção do baço*	»	2	»	»	1	1	»	2
3	Bronchite chronica	»	»	1	»	1	»	»	1
»	*Rheumatismo articular chronico*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	*Ascite — pneumonia*	»	»	1	»	»	»	1	1
6	Embaraço gastrico	»	1	3	1	3	2	»	5
»	*Obstruoção do baço*	1	»	»	»	»	1	»	1
1	Mania	»	1	»	»	»	1	»	1
7	Gastralgia	»	»	4	»	3	1	»	4
»	*Rheumatismo muscular*	»	»	1	»	1	»	»	1

	MOLESTIAS.	EDADES: Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.	Curados.	Melhorados. Não-curados.	Fallecidos.	Total.
»	*Edemacia nas extremidades inferiores*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	*Vermes intestinaes*	»	»	1	»	1	»	»	1
1	Hemiplegia	»	»	»	1	»	1	»	1
1	Paraplegia incompleta	»	1	»	»	1	»	»	1
3	Tisica pulmonar	»	2	1	»	»	1	2	3
22	Ascite	»	2	7	2	3	2	6	11
»	*Pneumonia*	»	»	1	»	1	»	»	1
»	*Bronchite*	»	»	1	1	»	2	»	2
»	*Anasarca*	»	1	2	»	3	»	»	3
»	*Melena*	»	1	»	»	1	»	»	1
»	*Obstrucção do baço*	»	2	2	»	3	1	»	4
3	Hydrothorax — *Ascite*	»	»	»	1	»	»	1	1
»	*Ascite* (por insuficiencia de valvulas)	»	»	»	2	»	»	2	2
1	Anasarca	»	»	1	»	»	»	1	1
5	Diarrhea	»	»	1	4	5	»	»	5
1	Sarampo	1	»	»	»	1	»	»	1
2	Escarlatina	1	1	»	»	2	»	»	2
1	Ictericia	»	1	»	»	1	»	»	1
2	Rachitismo	»	1	1	»	»	1	1	2
1	Hypertrophia do coração	»	1	»	»	»	1	»	1
5	Obstrucção do baço	»	3	2	»	1	4	»	5
3	Cancro do estomago	»	»	2	1	»	5	1	3
1	Albuminuria — *Typho*	»	»	1	»	»	»	1	1
1	Tisica	»	»	1	»	»	1	»	1
2	Molestias não classificadas (cinco entraram moribundos)	»	»	8	1	1	1	7	9
305		25	108	131	41	217	45	43	305

Movimento	*Outubro*	*Novembro*	*Dezembro*	*Trimestre*
Existiam	60	88	97	
Entraram	131	119	87	337
Sairam	91	92	89	272
Falleceram	12	18	13	43
Relação dos fallecidos para os entrados	1:10,9	1:6,6	1:6,6	1:7,8
—— para os saidos	1:7,5	1:5,1	1:6,8	1:6,3
—— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:15,9	1:11,5	1:14,3	1:9,2

Movimento de todas as enfermarias dos hospitaes da universidade em todo o trimestre.	*Homens*	*Mulheres*	*LAZAROS* Homens	*LAZAROS* Mulheres	*Todos*
Existiam	123	78	14	10	225
Entraram	486	268	8	1	763
Sairam	418	220	2	0	640
Falleceram	59	38	7	0	104
Relação dos fallecidos para os entrados	1:8,2	1:7	»	»	1:7,3
—— para os saidos	1:7	1:5,7	»	»	1:6,1
—— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:10,3	1:9,3	»	»	1:9,5

Observações meteorologicas. [1]	*Outubro*
Media { Temperatura atmospherica ao meio dia	17,19 cent. mil
Media { Altura barometrica a 0.° Cent.	753, 757
Ventos predominantes	E. SSE. e SE.

[1] Instituto Vol. 3, N.° 20.

Ainda n'este trimestre não appareceu um só caso de febre intermittente, em que ficasse demonstrada a inefficacia do sulfato de quinino. Quatro dos doentes *não curados* não se demoraram no hospital o tempo necessario para se avaliar o effeito do anteperiodico, e todos os mais se curaram da febre intermittente, apparecendo ainda alguns d'estes na casa dos não curados, por não se ter completado a cura das molestias que vieram complicar a febre. Foi victima destas complicações o doente que apparece na casa dos fallecidos.

A mortalidade nas pneumonias foi grande, e não admirava que fosse maior ainda, porque, dos 17 pneumonicos entrados no hispital, um entrou com 3 dias de molestia, cinco com 4 dias, quatro com 5, um com 7, tres com 8, e um com 10!

A Directoria dos hospitaes nunca deixou de recolher os doentes de pneumonia, por muita penuria que visse no estabelecimento; mas é certo que, levada por esta penuria a fechar a porta a muitos doentes, e conhecida por toda parte esta dificuldade nas entradas, muitos desgraçados, que alias tiriam procurado os recursos do hospital no principio de suas molestias, só alli apparecem quando já não tem remedio. No meu entender a rigorosa difficuldade na acceitação dos doentes é um desserviço na Directoria dos hospitaes, que alguem poderá justificar com os apuros da casa, mas que tem a pesada responsabilidade de muitas victimas da classe mais desgraçada, que não pode nem sabe queixar-se.

Não continúo a publicação desta estatistica, porque deixei de ser clinico dos hospitaes.

A. A. DA COSTA SIMÕES.

CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS.

Presidente o sr. *Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.*

A 18 de janeiro de 1855 reunir-se esta classe e na fórma do regulamento nomeou:

Para a commissão de sciencias mathematicas, os srs. Florencio Mago Barreto Feio, Francisco Pereira Torres Coelho e Antonio José Teixeira.

Para a commissão de sciencias physicas, os srs. Roque Joaquim Fernandes Thomaz, Joaquim Augusto Simões de Carvalho e Antonio de Carvalho Coutinho.

Para a commissão de sciencias medicas, os srs. Jeronymo José de Mello, João Antonio de Sousa Doria, e Francisco Antonio Alves.

Determinou-se que os pontos para cursos, memorias e discussões fossem remettidos á direcção da classe dentro de 15 dias, e que em egual espaço de tempo as commissões dariam á cerca desses pontos o seu parecer.

O secretario da classe,
Antonio A. da C. Simões.

COMMISSÃO CENTRAL

PARA A

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARÍS.

AVISO.

A commissão central para a exposição universal de *París*, desejosa de prestar aos *srs. expositores* todos os esclarecimentos, tendentes a fazer representar devidamente n'aquella grande reunião o nosso paiz, tem a honra de advirtir a todos aquelles senhores, que lhe têem dirigido algumas duvidas sobre os productos agriculas, que podem ser admittidos á mesma exposição, e sobre o modo por que devem ser feitas as remessas, o seguinte:

1.° Que entre todos os productos agricolas, terão maior acceitação os que fazem já, ou podem vir a fazer objecto do commercio, sem com tudo excluir os que têem na propria localidade uma applicação restricta.

2.° Que as remessas de cereaes, ou de outras quaesquer sementes miudas, devem ser feitas á commissão central, *ou ás commissões* dos *districtos*, em volumes que não excedam a uma quarta de cada qualidade differente, em saccos, caixas, ou frascos, com as competentes designações de nome, preço, e mais indicações convenientes.

3.° Que das ervilhas, favas, feijões, grãos de bico, e mais legumes, amendoas, *avelãs*, *castanhas*, etc., etc., remettam volumes que não sejam superiores a uma quarta, para cada qualidade diversa.

4.° Que, pelo que toca aos tuberculos, raizes, cebolas, etc., etc., a remessa não deve exceder a quatro arrateis de cada especie, sendo acondicionados de modo que cheguem sem alteração ao seu destino.

5.° Que as azeitonas e outras quaesquer conservas devem ser remettidas em frascos de vidro, ou potes de louça, bem arrolhados e lacrados, não devendo pesar cada volume mais de quatro arrateis.

6.° Que o vinho deve ser remettido em garrafas ordinarias do commercio, e cada remessa não deve conter mais de seis garrafas da mesma qualidade, nem menos de quatro.

7.° Que o azeite deve ser tambem remettido em garrafas brancas de meia canada, pouco mais ou menos, e cada remessa não deve conter mais de duas garrafas da me ma qualidade.

8.° Que as remessas de mel, de assucar, de cêra, de gommas, rezinas, feculas, fibras, cascas e outros productos varios, não devem exceder em peso a quatro arrateis, e devem vir bem acondicionadas.

9.° Finalmente, que a commissão deseja e pede que todos os srs. expositores façam acompanhar as suas remessas do maior numero de esclarecimentos que lhes for possivel alcançar, relativos aos seus productos, mencionando, com especialidade, a natureza do solo, em que o producto se cultiva, as circunstancias especiaes do clima, o methodo de cultura, os processos de extracção, preparação e conservação, as quantidades que dos mesmos se póde obter na localidade, o preço por que se podem lançar no commercio, e todos os outros esclarecimentos tendentes a dar uma noticia completa do objecto exposto.

Sala da commissão, 31 de janeiro de 1855. = *Marquez de Ficalho*, presidente = *José Jorge Loureiro* = *Julio Maximo de Oliveira Pimentel* = *Carlos Bonnet* = *Ayres de Sá Nogueira* = *José Pedro Collares* — *Sebastião Jose Ribeiro de Sá*, secretario.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTITUTO DE COIMBRA.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

Sessão de 15 de fevereiro de 1855.

Presidente — o director da classe — o sr. *Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos.*

Ao meio dia declarou o sr. presidente aberta a sessão, estando presentes 13 socios da classe. Lida e approvada a acta da sessão antecedente, passou-se á ordem do dia: *Pareceres das commissões sobre os pontos para memorias dos socios e discussões na classe.* Lido o parecer da commissão de sciencias economicas e administrativas sobre os vinte e dois pontos que lhe haviam sido distribuidos, os quaes todos, menos tres, approvára, salva a redacção, decidiu-se, depois d'alguma discussão: que se discutisse somente sobre a materia dos pontos, deixando a sua redacção a cargo da mesa com a obrigação de dar conta d'ella á classe.

Seguiu-se a discussão e votação dos 14 primeiros pontos, dos quaes foram approvados oito, julgando-se que os outros seis podiam ser refundidos n'aquelles, mediante leves modificações na redacção dos approvados.

O sr. presidente, dando para ordem do dia da sessão seguinte a continuação do mesmo objecto, levantou a sessão eram duas horas da tarde.

O Secretario,
Adriano Machado.

Sessão de 18 de fevereiro de 1855.

Presidente — o director da classe — *o sr. Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos.*

Ás 11 $\frac{5}{4}$ horas da manhan foi aberta a sessão, estando reunidos doze socios. Lida e approvada a acta da antecedente sessão passou-se logo á ordem do dia: *Continuação da discussão dos pareceres das commissões sobre os pontos para memorias dos socios e discussões na classe.*

Foram votados os oito ultimos pontos, pertencentes á commissão de sciencias economicas e administrativas, approvando-se cinco, e julgando-se prejudicados dois, e regeitado um. Passou-se á leitura e discussão do parecer da commissão de sciencias moraes, versando sobre quatorze pontos, os quaes, menos tres, haviam sido approvados, salva a redacção, pela referida commissão. D'estes pontos foram pela classe approvados, salva a redacção, sete, e supprimidos quatro, ficando tres adiados para que á sua discussão podesse assistir o socio que os propoz. Passou-se depois a designar um dos pontos approvados para objecto de discussão na classe, e decidiu-se que na proxima sessão de 3 de março pelas 6 horas da tarde começaria a discussão do seguinte ponto: «*A carta de lei de 29 de julho de 1854, «relativa á moeda, estará em harmonia com os «principios da sciencia e com o estado actual e «o futuro provavel do commercio dos metaes pre-«ciosos?*»

Não havendo mais nada a tractar, o sr. presidente levantou a sessão pelas duas horas da tarde.

O Secretario,
Adriano Machado.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

A um ponto de grande interesse publico, symbolisando o verdadeiro progresso das sciencias physicas e naturaes, convergem hoje os esforços dos sabios mais distinctos. Popularisar as sciencias, diffundir pela massa da geração presente a parte util dos maravilhosos desinvolvimentos, que neste seculo ellas teem grangeado, tiral-as das regiões especulativas da abstracção para o mundo positivo e practico, é hoje o singular, proficuo, e desvelado empenho das maiores reputações scientificas.

A sciencia não perde a sua dignidade quando desce da elevação do pensamento, do campo ontologico á realidade dos factos, ao fim verdadeiro para que fôra creada; quando melhora a existencia da especie humana, augmentando os commodos da vida domestica e accrescentando as faculdades nos trabalhos industriaes.

Compenetrados desta verdade, vão hoje os gigantes scientificos dirigindo o ensino no ponto de vista practico. Não é só na instrucção primaria em que a instrucção scientifica elementar se acha inoculada ha muito entre as nações mais cultas, e que tão rapidos e agigantados progressos ha feito ultimamente na Inglaterra e na França, que as sciencias industriaes tomam, como de razão, o aspecto de ensino puramente practico. Não é somente na instrucção secundaria, em que as sciencias não podem, nem devem elevar-se ao gráu de transcendencia reservado ás Faculdades, devendo restringir-se a um ensino classico, que transmitte á massa da nação as noções mais geraes, e mais uteis, que hoje se encontra o cunho practico do ensino. É na instrucção superior, no seio das Faculdades, no centro

da Europa civilisada que vemos, e admiramos as tendencias ao ensino da parte util das sciencias; póde este dizer-se o baptismo da civilisação moderna, a verdadeira regeneração do ensino publico.

Talvez ninguem tenha contribuido tanto para esta utilissima reforma como Justus Liebig, e Dumas. Liebig com a publicação *das novas cartas sobre a chymica* dedicadas a Mr. Dumas, fundou, póde dizer-se, uma sciencia nova. Dumas no methodo de ensino, que tem adoptado, deu á sciencia a evolução, que requeria o espirito do seculo, em que vive.

Offerecemos ao publico um *specimen* desse methodo, escolhendo uma das lições de Mr. Dumas, e resumindo-a em breve, mas substancioso extracto.

Carbonio.

E difficil dar uma definição boa do carbonio. Umas vezes é branco, outras negro: umas opaco, outras luzente; já é excellente conductor do calorico, ou da electricidade, já máu conductor de ambos. O diamante, a plombagina, a graphite, o carvão das retortas do gaz, o carvão animal, o coke, os pós de sapatos são outros tantos typos incluídos na denominação geral de carbonio. A madeira contém em geral 52 por cento de carbonio: durante a sua carbonisação abandona em formas diversas o hydrogenio, o oxygenio, que entram na sua composição e, se a operação for bem feita, com 100 kilogrammas de madeira teremos 52 de carvão. Nas artes não produz mais que 16 a 17 $\frac{1}{2}$ por cento de carvão; por que a temperatura é levada ao rubro, e assim os productos gazosos explicam a perda enorme. Será preciso elevar ao rubro o páu para o carbonisar? Não; e a experiencia o prova. Lançando mercurio em uma retorta, e pondo sobre elle um pedaço de madeira, levado o mercurio á ebullição, que acontece na temperatura de 350 graus, a madeira será carbonisada. Logo não é necessaria a temperatura a rubro. Este facto é de alta importancia para a hygiene, e segurança publica: os architetos devem ter delle conhecimento para a disposição das traves, e emmadeiramento dos edificios: a estabilidade destes, e a vida dos individuos podem ser ameaçadas pelo desenvolvimento de gazes deleterios resultantes da escandecencia, distillação ou carbonisação da madeira.

O diamante acha-se nos terrenos de alluvião produzidos pela decomposição das rochas schisto-argillosas. Apresentam-se em fórmas diversas, verdes, azues, amarellos, negros e rozas. Os incolores são, como se sabe, os mais estimados. Davy foi o primeiro que mostrou pela combustão directa ser o diamente o typo chimico do carbonio. Newton o havia previsto estudando as propriedades opticas delle. Transformar o carvão em diamante é questão que muito ha preocupado os physicos e chimicos. Alguns julgaram que bastaria fazel-o supportar uma temperatura mui elevada, e uma pressão consideravel para obter o diamante. Foi sempre illudida a sua esperança. Ultimamente ha poucos mezes Mr. Despretz alcançou um resultado notavel submettendo aos polos de uma bateria forte o carvão puro do assucar candi. Pela influencia da acção lenta da electricidade depositou-se nos fios conductores um po negro e branco, em que reconheceram physicos e mineralogistas, todas as propriedades do diamante. Eis ahi resolvida uma parte do problema.

Juncto ao diamante se collocam a graphite, e á plombagina. A graphite é o producto artificial de alta fusão. Nas fabricas de fundição mistura-se o carvão com o ferro, estando este em fusão, e na refrigeração abandona este alguma porção de carvão, que se condensa em laminas negras, e brilhantes: é a graphite. A plombagina, chamada pelo vulgo injustamente mina de chumbo, é empregada na confeição dos lapis por causa da propriedade que tem, como outros carvões, de dar traços no papel.

Desde que se fabrica em grande escala o gaz de illuminação, os physicos e os chymicos estão de posse de um dos productos desta industria: é um carvão puro, mui compacto, sonoro e brilhante. Elevado a alta temperatura, é como todo o carvão, mui bom conductor da electricidade; e por isso se emprega na composição das pilhas. Encontra-se mais depois da distillação nas retortas do gaz o coke; e mui consideravel se tem tornado o seu consumo. Cumpre todavia dizer que nem todo o coke do commercio vem das officinas de gaz: em algumas localidades se opera a carbonisação do carvão, como a da lenha. O coke ardendo produz mais calor que a lenha mais dura, dado o mesmo volume. Apaga-se facilmente, não sendo alimentado por uma corrente de ar; porque menos poroso que a lenha offerece menos superficie ao ar. Assim o seu poder conductor para o calorico exige ar constantemente renovado para poder arder. O mesmo acontece ao carvão da lenha, quando muito calcinado tem perdido a sua porosidade; não póde arder sem rapida corrente de ar.

Os pós de sapatos são o resultado da combustão incompleta dos gazes carbonados. Basta ver uma luz, que arde mal, e recolher num corpo frio o fumo, que lança, para obter um residuo negro composto de carvão muito dividido. Todo o mundo conhece os usos dos pós de sapatos: servem para a tinta da China; a da imprensa; para fazer os lapis de desenho, etc.

O carvão animal provém da calcinação dos ossos em vasos fechados. É uma mistura de carvão muito fino e de saes calcareos. Deste carvão faz hoje grande uso a industria. Um exemplo provará a sua utilidade. Em 1813 e 1814 não podia produzir-se assucar por me-

nos de 10 francos a libra: se empregassem o carvão animal para desembaraçar o succo da betarraba das substancias estranhas, ou colorantes, poderiam produzil-o, *como* hoje, 25 ou 30 centesimos a libra.

Alguns dos carvões, que temos mencionado gozam da prerogativa de descorar, e desinfectar as substancias, com que se põem em contacto. Outra propriedade muito notavel consiste na absorpção dos gazes. Tome-se um carvão em braza, apague-se na tina de mercurio, e faça-se depois passar por um vaso de ammoniaco, ver-se-ha o mercurio da tina subir pouco e pouco no vaso de ammoniaco; o que prova *que o gaz* se condensou no carvão; e com effeito delle se póde extrahir. Nesta experiencia um volume de carvão absorve 90 volumes de ammoniaco. Este mesmo volume podia condensar em seus poros 85 volumes de gaz chlorhydrico, 55 de gaz sulphuroso, 35 de acido carbonico, 9 de oxygenio, 7 ½ de azote, 1 ½ de hydrogenio. Poderia ainda mostrar que quanto mais é soluvel n'agua um gaz, mais é absorvido pelo carvão. Em todos estes casos não é uma combinação, é condensação o que se opera. O gaz carbonico tem sido assim condensado a ponto de se tornar parte liquido.

Esta propriedade de condensação nos conduz naturalmente ás applicações, que a practica póde aproveitar para descorar liquidos.

O poder desinfectancte do carvão está em relação com a sua propriedade *descolorante*. As aguas menos potaveis, nauseosas até pelo seu máu cheiro, como são as dos pantanos, serão completamente desinfectadas depois de repetidas filtrações. Póde tirar-se ás substancias amargas o seu caracter especial, fazendo-as passar por um filtro de carvão animal: o absintho, a quina, não resistem a esta prova.

Finalmente quando o carvão é muito combustivel, e reduzido a pulverisação tal que o pó toma o nivel de um liquido, não se deixará sem perigo em contacto com o ar. Nalgumas fabricas de polvora para pulverisar o carvão áquelle ponto emprega-se um processo que algumas vezes tem comprometido a vida dos obreiros. Mette-se o carvão e balas de bronze num tonel, imprime-se-lhe um movimento de rotação rapida; e pouco a pouco o carvão se reduz a um pó impalpavel. Se neste estado se abre o tonel, e espalha o conteudo no chão eleva-se a temperatura a 60, 100, 300 gráus, e o carvão espontaneamente se inflama. Póde todavia evitar-se o perigo misturando o enxofre com o carvão em quanto este se pulverisa.

O carvão muito fino, que se tira das torcidas das luzes, pode tambem inflamar-se ao contacto do ar; assim aconteceu muitas vezes, quando se usava de luzes de azeite nos theatros, deixando juntos os morrões por descuido.

M.

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DOMESTICOS.

Continuado de pag. 262.

O apuramento das differentes raças cavallares tem avultada importancia em o nosso paiz, que se presta com vantagem á criação dellas, vista a variedade de suas condições topographicas; mas a industria do gado cavallar não pode progredir sem que o criador aprecie devidamente as circumstancias, que devem realisar-se na criação e educação de cada raça.

A especie cavallar offerece um só genero de producção, o *serviço;* todavia é tão variado este serviço, e são tão diversos os individuos dessa especie, que se torna difficil determinar os typos mais perfeitos que ella comprehende actualmente. Analysando as condições geraes em que se emprega o cavallo, nota-se que todas exigem um esforço mechanico maior ou menor, e durante mais ou menos espaço de tempo, esforço multiplo, por que é diverso o serviço para que o cavallo é destinado: a *força* e a *velocidade* pelo lado dynamico, e a *corpulencia* e a *energia* pelo lado organico, constituem as principaes qualidades do cavallo.

A corpulencia e a força no seu maior desinvolvimento constituem a aptidão do *cavallo de tiro pesado;* a energia e a velocidade no mais elevado grau constituem a aptidão do *cavallo corredor;* todavia entre estes typos extremos encontram-se outros muitos, tanto de tiro, como de sella, characterizados pelo maior ou menor grau de corpulencia, de estatura, de força, de agilidade, de coragem, de docilidade, de belleza, etc. [1]

Cavallo de tiro. Este typo pode subdividir-se em cavallo de *tiro pesado*, de *tiro ligeiro*, e de *tiro de luxo*. Sendo constante em todos elles a aptidão para o serviço de tiro, a conformação e qualidades da machina equestre podem variar por forma que, na escolha do primeiro, destinado a arrastar pesados fardos, se procure a corpulencia e a força, embora sua andadura seja lenta: na do segundo, destinado ao serviço das diligencias, dos correios etc., mereça preferencia a força e agilidade para que a sua andadura seja rapida, sem com tudo deixar de ter conformação robusta: na do terceiro em fim, se exija belleza, agilidade, brio e regularidade nos movimentos, porque o serviço dos trens de luxo nem é pesado nem continuado.

Cavallo de sella. Este typo pode subdividir-se nos seguintes: *cavallo de jornada* ou de *servico militar*, que exige conformação robusta, mais força do que agilidade, mais robustez do que belleza, fazendo a transição do cavallo de sella para o de tiro; *cavallo de*

[1] Veja-se a descripção dos differentes typos na Zootechnia do cavallo (Curso completo de Zooiatrica domestica. vol. 2.º)

passeio, que deve ser de todos o mais bello, agil, docil, e brioso; *cavallo corredor*, que deve ter a conformação e as qualidades que mais facilitam a carreira, embora vão d'encontro á belleza e robustez; *cavallo de carga*, outra variedade, em que a belleza e a agilidade se devem subjeitar á força e robustez, exigindo por isso uma conformação especial, que o dispõe para supportar grandes pesos sobre o dorso, e transportal-os a grande distancia.

A differença na estatura pode tambem dar logar a variedades muito estimadas, e até n'algumas localidades as *facas* e os *garranos* são preferiveis aos cavallos de marca.

O cavallo de dous destinos, isto é, com aptidão para serviço de sella e de tiro, é menos proprio para qualquer delles, do que sendo exclusivamente conformado para um só genero de serviço.

Cada genero de serviço exige uma certa conformação organica, que o criador procura conseguir por meio da especialização da machina equestre, fazendo concorrer na producção do cavallo o complexo das condições, que melhor satisfazem a esse intuito; só por este meio se conseguem animaes que trabalhem muito sem se arruinar: quando as suas qualidades estão em opposição com o genero de serviço para que são destinados, trabalham sempre contrafeitos, donde rezulta arruinarem-se em pouco tempo, fazendo mais serviço.

Os typos mencionados comprehendem todos os serviços para que a especie cavallar pode ser destinada, e todas as condições de sua producção; mas importa que o criador escolha, para conformar os seus animaes, o typo que for de mais economica producção e mais rendoso; tendo sempre em vista, que as bestas darão tanto maior rendimento, quanto mais aperfeiçoadas estiverem em relação ao seu destino.

As condições peculiares das variadas localidades do nosso paiz permittem a criação de todos estes typos do cavallo, e não só em quantidade sufficiente para satisfazer ás nossas necessidades, mas até para os exportarmos, tirando grande interesse deste genero de industria, e deixando de gastar as avultadas sommas que annualmente pagamos aos extrangeiros pela compra de cavallos. Todavia para se conseguir este resultado, é necessario que cada criador conheça as circumstancias especiaes da sua localidade, o estado em que estão as nossas raças, e os meios que deve empregar para as melhorar: é tambem necessario que o governo desvie alguns tropeços, que embaraçam o melhoramento da gadaria, abolindo os pastos communs, mandando castrar todos os cavallos que não forem escolhidos para cobrição, e facultando aos lavradores garanhões de boa raça.

No estado actual seria um processo demorado o regenerar todas as nossas raças cavallares por meio do cavallo arabe, transmittindo-lhes docilidade, energia e outras qualidades de que tanto carecem, e aproprial-as aos differentes generos de serviço: fôra talvez mais prompto regenerar somente as melhores raças por meio de garanhões extrangeiros já aperfeiçoados, ou acclimatar as raças que hoje se conhecem mais perfeitas.

Se fizessemos a devida applicação dos preceitos zootechnicos, poderiamos criar nos valles e planices, abundantes em agua, tão bons cavallos de tiro, como os que actualmente se obteem em França, Inglaterra e Allemanha; nas planiceis enxutas teriamos cavallos de sella e de tiro ligeiro; nas localidades pouco montanhosas e ferteis em pastos, criariamos cavallos corredores, tão bons como os inglezes, e de passeio, tão bellos como os andaluzes; nas localidades montanhosas alcançariamos bons garranos e facas para serviço de sella ou de albarda; em fim pelo systema de estabulação podiamos obter bons cavallos em qualquer localidade e para qualquer destino, sem dependencia das condições do clima.

As raças do cavallo corredor e de passeio demandam condições particulares na sua producção: cada um destes typos tem exigencias privativas no seu desinvolvimento, e carece d'uma criação e educação particular, para se obterem com as qualidades que os distinguem.

A producção do cavallo de tiro é mais facil e economica, e não exige tantos cuidados; todavia demanda tambem um processo particular.

O cavallo de sella, tanto para jornada, como para serviço militar, approxima-se, na sua producção, do cavallo de tiro, e póde criar-se debaixo das mesmas condições, variando-lhe um pouco a educação e o regimen alimentar, depois de certa edade.

A escolha de eguas fantis e de bellos garanhões, possuindo em elevado gráu as qualidades e aptidão que se pretendem obter n'uma raça, é um dos objectos a que muito deve attender o criador que deseja ter bons potros; mas estes não podem dar bons cavallos, se não forem criados convenientemente pelo regimen alimentar que lhes convem, e não tiverem a educação que requer o seu destino.

A especie asinina póde ser empregada no serviço de sella e no de tiro, e por isso se distribue nos typos que referimos a respeito da especie cavallar; todavia no serviço de carga e de sella é que mais se emprega em o nosso paiz. O gado muar é mais especialmente destinado para serviço de tiro ou de carga, mas póde egualmente conformar-se para qualquer dos outros serviços referidos. Tanto as muares *eguariças* como as *asneiras* dependem da juncção de duas especies — a *cavallar* e a *asinina*, e por isso o seu desinvolvimento está subordinado á perfeição d'es-

tas; sem bons progenitores não é possivel obter boas muares, postoque as criem e eduquem segundo os preceitos da Zootechnia.

Os programmas para as exposições devem exigir em cada localidade os typos mais perfeitos, e de mais economica producção. Se a Auctoridade destinar os premios de maior valor para os cavallos melhor conformados e educados para o serviço de tiro ligeiro, e mandar garanhões das melhores raças de tiro para o campo de Coimbra, Alemtéjo, Mirandella, Chaves, etc., passados quatro ou cinco annos, poderá escolher, nestas localidades, bons cavallos de tiro, para o serviço das deligencias, superiores aos extrangeiros; porque, em estando acclimatados, são mais duraveis, fazem melhor serviço, e não exigem tantos cuidados no seu regimen.

Continua J. F. DE MACEDO PINTO.

O DUQUE DE COIMBRA

Regente do reino.

Entre os homens illustres que no seculo XV engrandeceram o nosso reino, e illustraram a nossa historia, deveremos contar sem duvida alguma o infante D. Pedro, duque de Coimbra e regente do reino na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V. Foi este principe filho do esclarecido rei D. João I, e irmão do infante D. Henrique, cuja memoria permanecerá nos fastos portuguezes em quanto durar esta nação. O seu caracter lhano, e boas qualidades revelam-se claramente em todos os documentos, que de tão esclarecido principe encontramos com frequencia, e de que mais adiante nos havemos de occupar.

As guerras que por tantos annos sustentámos sempre victoriosos contra os Almuhades, terminadas na Peninsula com o seu aniquillamento passaram-se para Africa, theatro de não menor gloria para o nome portuguez. Tanger, Ceuta, Arzila e Tetuão foram o começo das conquistas que mais tarde unidas á corôa portugueza fizeram depois conhecer o mundo, desde o Téjo até além do Ganges, e daqui ao Amazonas e Rio da Prata, passando ainda até ao estreito, que com seu nome nos recorda o seu primeiro descubridor Fernão de Magalhães.

Differentes nações, diversas cidades e variadas linguas obedeciam aos portuguezes, e ao nome só de um Affonso d'Albuquerque tremiam os idolos dos Pagodes cahindo desmoronados, e submettiam-se tributarios os reinos do Indostão, Gôa, Malaca e Ormuz.

O Filho de Deus era adorado, e junto á Cruz dobravam o joelho tantas nações, e povos barbaros. Cumpriam-se agora as promessas, que tantos annos antes havia o Eterno revelado ao primeiro Affonso nos campos d'Ourique.

Cercado de sabios, e sabio elle mesmo, institue o infante D. Henrique, uma eschola em Sagres, e com as luzes que esta espalha á beira-mar enxerga ao largo aquellas terras d'Africa, que depois faz unir á corôa portugueza. O seculo XV se por um lado engrandece o nome portuguez, servindo d'assombro ás mais poderosas nações, que actualmente tem na mão o fiel da balança europea; não o engrandece menos pelo lado da civilisação, cultura das letras e instrucção, que o fez elevar á gloria a que era possivel subir, com o esmerado ensino das mais precisas e necessarias sciencias, que comportava o espirito humano naquellas eras.

Escassos, e apoucados eram ainda naquelle tempo os conhecimentos da navegação, e não podiam os pilotos afastar-se das costas, guiando por ellas o rumo das suas viagens. Aperfeiçoado nesta eschola, e com a descoberta do *annel graduado*, que dizem superior ao astrolabio, o nosso celebre mathematico Pedro Nunes faz-nos conhecer todas as costas occidentaes d'Africa, e mais tarde dobrar o cabo tormentoso: mas antes deste, e com menores conhecimentos nauticos, e mais imperfeitos instrumentos, passam os nossos navegantes aquelle temivel cabo, que por ninguem até áquelle tempo o poder transpor lhe pozeram o nome de—Nam—parecendo com elle indicar-se aos navegantes, que dalli não surdissem mais avante: com os mesmos meios, e com as mesmas imperfeições dobra Gil Eanes, natural de Lagos, em 1430 o cabo Bojador, façanha tão grande e maravilhosa naquelles rudes seculos, que os antigos escriptores nossos tiveram para si, como egual aos trabalhos d'Hercules, expressão, que se hoje achamos exagerada, não o era certo naquelle tempo[1]!

Em 1440, Nuno Tristão, e Antão Gonçalves chegam ao cabo branco, descobrindo novas terras e climas até aos 14° e 48′ de latit. N. As viagens se continuam e proseguem com denodo, e quando o Veneziano Luiz Cadamosto se embarcou, para ir, com licença do infante regente D. Pedro, na carevela de que era patrão Vicente Dias de Lagos, já os portuguezes tinham devassado aquelles mares que elle agora sulcava em 1445 pela primeira vez! gloria, que alguns invejosos nos quizeram tirar no seculo actual, e que com discreta, e mui judiciosa critica reivindicou o sr. visconde de Santarem na memoria sobre a prioridade das descobertas portuguezas na Africa occidental.

Finalmente Bartholomeu Dias em 1486 sahindo do Téjo com outro companheiro dobram o cabo das Tormentas, onde mais tarde Vasco da Gama ouvira aquelle terrivel pro-

[1] Navegação tão temerosa, tão cheia de perigos. . . . que de desatinada e louca lhe foi posto o nome pelos estrangeiros.

Sous. *Vid. do Arceb. liv.* 4, *cap.* 3.

gnostico das desventuras, que havia de ter a =*primeira armada que fizesse passagem por tão insoffridas ondas*,= tudo isto devido ao desvellado empenho com que os illustres filhos d'elrei D. João I promoveram a felicidade e instrucção em todo o reino.

Ao mesmo passo porem, que por toda a costa africana e ilhas adjacentes era conhecida a lingua, e respeitado o nome portuguez, e se iam alongando as conquistas por um modo maravilhoso, o estado interior do reino não era inactivo; a vida intellectual, confortada com o amor da patria e nobre gloria do seu nome, florescia em todo o genero de prendas, dando-nos um dos nossos titulos mais honrados com que haviam de ennobrecer-se as futuras gerações.

D. Diniz tinha fundado a universidade em Lisboa, chamando a ella professores os mais habilitados para o magisterio, e sempre providenciando sobre os meios de obter della melhores recursos, mudou-a para Coimbra. Tinha-a auxiliado com muitos privilegios e dotações, que seus successores ampliaram, e foram confirmando. D. João I desassombrado das guerras de Castella e das afanosas lidas em que com ellas se achava envolto, augmentou quanto podia o esplendor da religião, e protegeu as letras como fonte da moral dos povos, e da prosperidade da nação. O mesmo favor ambas experimentaram nos reinados seguintes; e desde o seculo XIV por diante as letras e hellas artes floresceram abrigadas á sombra dos reis e principes portuguezes, o mais que era possivel em seculo de tanta ignorancia. Motivos que não podemos descortinar atravez do silencio que guardam as chronicas, e dos mysterios de tantos seculos, fizeram reverter a Lisboa a universidade no reinado de D. Affonso IV, e no mesmo reinado tornar a voltar a Coimbra, como que com este facto se indicasse a todos ser Coimbra o logar, e terra propria para este estabelecimento. Vemol-a depois tornar para Lisboa no reinado d'elrei D. Fernando, para commodidade dos lentes que de fóra do reino mandára vir para o magisterio publico, e naquella cidade continuar até que D. João III a mudou, e definitivamente estabeleceu nesta cidade onde ora existe [1]. Deste simples e singelo esboço claramente se mostra o desvelo com que os reis contemplaram sempre uma corporação que tanto lustre deu ao reino, e em que a gloria portugueza subiu ao cume; sendo seus professores não só nelle conhecidos, mas em todas as universidades da Europa onde exerceram o magisterio publico muitos de seus dignos mestres. Salamanca, Montpelier, Padua e Turin ainda hoje podem attestar a celebridade dos doutores portuguezes, e darem um claro testemunho do progresso da civilisação, da prosperidade das sciencias no nosso reino, e do conceito em que Portugal era tido por toda a parte [1]. Eu não conheço nenhuma outra nação que nos curtos limites do seu territorio tenha podido encerrar tão grande gloria, e emparelhar com as mais poderosas!

Achava-se, como já vimos, a universidade estabelecida em Lisboa, e esta cidade, que tinha sido destinada para os estudos superiores, achando-se situada longe do centro do reino tornava difficultoso o estudo aos alumnos das provincias, pela distancia em que della se achavam, além do inconveniente das despesas, que era indispensavel fazer para nella manter os escholares com tresdobrado custo do que fôra mister em outra parte do reino mais central. Não podiam tão grandes desconveniencias escapar á penetração do infante regente D. Pedro, e querendo remediar este mal, e espalhar quanto possivel as luzes por todo o reino, tractou de procurar os meios que mais adequados lhe pareceram para nesta cidade fundar uma universidade de estudos geraes de theologia, historia, direito, etc.: e porque não podia só com suas rendas levar ao complemento tão luminoso pensamentos escreveu ás corporações ecclesiasticas e bispos do reino, para o auxiliarem em tão brilhante empresa. Era neste tempo (1446) bispo de Coimbra D. Luiz Coutinho, irmão de D. Fernando Coutinho, tambem bispo, que della tinha sido anteriormente, e ambos filhos do 2.° marechal do reino D. Gonçalo Vasques Coutinho.

Este bispo D. Luiz, amigo intimo do regente, e seu fiel companheiro até á morte, na infeliz jornada d'Alfarrobeira, promoveu com todo o desvelo, e auxiliou quanto poude as vistas do regente, alcançando uma dotação para esta nova fundação da universidade em Coimbra; e o cabido da mesma cidade junto com a collegiada de S. Pedro, padroeiros da egreja d'Almelaguez, duas leguas ao sul desta cidade, cederam do padroado e rendas da mesma egreja para ficar unida e encorporada na universidade, e dos seus rendimentos se pagar aos lentes e mais officiaes d'ella, com a condição porem de nestes estudos se ensinar direito canonico e civil, e a universidade permanecer nesta cidade; por que faltando-se áquella condição, ou mudando-se a universidade, o contracto seria de nenhum effeito. No que tudo convieram. —«Consirando quanto a storia das letras he necessaria, e proveitosa coisa a todos e singularmente ás pessoas ecclesiasticas»—e achando-se certos tambem da —«grande vontade que ha o muito illustre, e mui virtuoso principe o sr. infante D. Pedro.... titor, e curador d'elrei nosso senhor e rregedor por ell destes rregnos.»—Tudo isto foi ordenado, e passado a escriptura pu-

[1] Vej. o II vol. do Instit. mem. hist. da univ. pelo sr. Dr. J. M. d'Abreu.

[1] Vej. o I vol. do Instit. pag. 178,

blica em 24 de maio de 1446, e no mesmo dia, e no mesmo documento confirmou o bispo D. Luiz Coutinho, e uniu á mesma universidade as rendas e o padroado da referida egreja, reservando uma congrua para o vigario ou cura que nella administrasse os sacramentos [1], como póde ver-se nas copias que no fim desta noticia apresentamos para prova.

Do que temos dito se póde notar o desvelo com que este magnanimo principe pretendia engrandecer o reino, adiantar as sciencias, promover a cultura das letras e abrir as fontes da prosperidade e progresso nacional, donde havia depois sobrevir a fortuna, e riqueza de Portugal com a abertura da estrada das Indias! Como é porém varia e caprichosa a fortuna! E como são d'ordinario contrariados por ella os homens ainda mesmo no meneio de seus mais justos deveres! O conde de Barcellos, irmão do regente, continuando acinte suas intrigas e vergonhosa opposição ao seu governo, sacrificando toda a nação á sua desmesurada ambição, começou a tecer as intrigas ha muito urdidas, e a atear o fogo da discordia a tal ponto, que o rei se declarou maior, tomou a si o governo do reino e formou uma barreira ao regente que não foi possivel transpor. Os odios foram crescendo de uma e outra parte, e o agro da discordia chegou a ponto tal, que desenganado o infante de não sobrepujar seus inimigos, tomou o partido mais arriscado e perigoso nas circumstancias, pretendendo justificar-se contra elles na companhia de gente armada, com que saiu desta cidade estrada de Lisboa até ao sitio d'Alfarrobeira, onde com elle se perdeu, póde dizer-se, a flor e esperança da nação com tão calamitoso desastre, e o reino ficou privado de um tão poderoso auxilio, como tinha em tão magnanimo principe. Este acontecimento reduziu a nada a nova fundação da universidade nesta terra em 1446, e as nascentes esperanças de tantas prosperidades seriam de todo aniquiladas, se a Providencia não vigiasse desveladamente sobre Portugal, continuando por outro lado a offerecer o balsamo para curar tantas feridas e sanar tantas calamidades.

Nas memorias historicas sobre a universidade que com grande trabalho coligio, e publicou o sr. Dr. J. M. d'Abreu, e que correm impressas em varios numeros deste periodico, que compoem os seus dois primeiros volumes, e cuja valia todos sabem apreciar pelas boas noticias que encerram, não se faz menção de uma carta de privilegio que á mesma concedeu D. Diniz, em o 1.º de dezembro de 1312, para os escholares poderem em Coimbra comprar casas, uma vez que fosse para elles habitarem, e por sua morte deixarem a pessoas leigas. Seu filho elrei D. Affonso IV confirmou este mesmo privilegio por carta de 22 de maio de 1325. Estes dois documentos, que encontrei no archivo da cathedral, não se acham talvez no cartorio da universidade, ou pelo desarranjo, em que as mudanças deviam collocar os papeis delle, o que tão facil é de acontecer, ou por se não terem com effeito nelle guardado sendo documentos de alheio interesse aos da universidade, pois estão trasladados em uma escriptura de compra d'umas casas que fez no bairro alto desta cidade o arcediago de Cerveira no bispado de Tui, D. Pedro Annes, mestre ou doutor nesta universidade em 1326, e que se verão nas copias que se juntam no fim deste artigo.

Como os escholares neste tempo se achavam debaixo da protecção pontificia, e eram isentos da jurisdicção civil, tinha elrei prohibido a acquisição de casas pela difficuldade, que haveria de lhe pagarem os fóros e mais direitos senhoriaes, e para evitar o inconveniente que havia da falta e escassez de moradas para viverem as pessoas da univerdade, dispensou na lei a seu favor com as já declaradas condições, para que os direitos dominicaes podessem melhor ser recebidos: signal evidente do fôro que em todas ellas geralmente carregava. Ainda que a aposentadoria a favor dos escholares tivesse sido concedida por carta de 25 de maio do dito anno 1312 [1], ainda esta providencia não bastava para supprir a falta que havia, sendo por isso concedido mais aquelle privilegio. Tudo isto revela bem qual era o patrocinio dos reis, e o favor que a bem dos estudos recebia a universidade, para melhor caminhar na marcha progressiva das sciencias e das artes, em seculos de tanta ignorancia.

Continua. M. R. D'ALMEIDA E VASCONCELLOS.

[1] Deste mesmo contracto se póde ver quanto é mal cabida a censura, que geralmente se faz ao estado ecclesiastico na opposição constante que fazia ao desenvolvimento da universidade. Este documento diz mais, do que as vagas declamações sem prova, e sem ponderação das razões da opposição!

FRAGMENTO

DA TRADUCÇÃO DO IV LIVRO DA ENEIDA

POR

Monoel Matthias Vieira Fialho de Mendonça.

Continuado de pag. 231.

Em tanto a aurora surge, e deixa os mares:
Juvenil esquadrão postado ás portas
E sidonios magnates Dido aguardam:
Vêm redes, vem farpões de estranhas fórmas,
Bravos monteiros nos massilios potros,
E destros animaes de subtil fáro:

[1] Instit. vol. I, pag. 308, not. 8.

D'oiro e purpura ornado espuma e morde
Os doirados bocaes frizão soberbo:
Entre augusto cortejo assoma Eliza.
Regia clamide a cobre, orlada em torno
De bordado galão, no matiz vario;
Pende-lhe aureo carcáz, aurea fivella
Toma-lhe as dobras da purpurea veste;
Aureo nó lhe atavia, enlaça a côma.
Eis Ascánio loução, eis phrygios socios;
Une-se Eneas á luzida turba,
Pulcherrimo entre os mais: qual deixa Apollo
As correntes do Xanto, a hyberna Lycia,
Vôa á materna estancia, á grata Delos
Onde Agathyrsos, Dryopes cretenses,
Honrando o nome seu em seus altares,
Em dançaș, em canções instauram chóros;
Trepado ao cynthio cêrro, as soltas comas
Com brando louro as crôa, em oiro as áta,
Aos hombros no carcaz retinem flexas.
Não menos do que Apollo assoma Eneas:
Tal formosura lhe abrilhanta as faces!
Por sendas não trilhadas e altos montes
Bravios animaes se vão batendo;
Salta do cume alpestre o veloz cervo,
E entre nuvens de pó travessa os campos.
No valle os acommette o bravo Iulo,
Folga acossal-os no fogoso bruto;
Agora estes alcança, agora aquelles,
Por entre os bandos de medrosas feras
Anhela que se arroste em campo aberto
Leão soberbo, javali sanhudo.

Em tanto já se vão toldando os ares,
Já medonho trovão ressoa ao longe,
Já sobre a terra cáe granizo e chuva,
Pluviosa torrente escorre o monte.
De Cytherêa o neto, o Teucro, o Tyrio,
Aqui, alli dispersos, se guarecem
Aos bosques, ás cavernas: lá se abrigam
Á mesma gruta Dido, á mesma Eneas.
A Terra e Juno de consorcio numes
Dão signal: eis relampagos fuzilam,
Quaes faxos de hymeneu; rebomba o polo,
Conscios de tanto mal os ceus trovejam,
E no cume do monte as nymphas gemem.

Oh momento de horror! tu só tu foste
Causa dos males seus, da morte sua!
Nem decoro, nem fama abalam Dido,
Não quer furtivo amor, quer só consorcio,
O nome de hymeneu paleia a culpa.
Por toda a extensa Lybia a fama vôa:
Monstro não vaga mais veloz de que ella.
Da-lhe forças e vida, o movimento,
Algum tanto ao nascer a acanha o medo;
Cresce... até que nos ceus sumindo a fronte,
Firma a fronte nos ceus, na terra as plantas.
Dizem que á Terra deve o nascimento
Quando dos numes quiz vingar-se a Terra,
Porque Cæo, porque Encelado abismaram:
Ajuda-se das azas e das plantas,
Nos gyros seus o monstro ingente e horrendo:
Quantas plumas a vestem (que portento!)
Tantas as linguas, tantos os ouvidos,
Tantas as boccas são, e os olhos tantos,
Que velam sem cessar, que se não cerram
Do socegado somno ao doce pêso.
Em quanto a noite reina, e reinam sombras,
Vôa entre a terra e ceus rangendo as azas;
Em quanto o sol dá luz, álerta pousa
Em sublime algeroz, em torre altiva,
Espalhando o terror de povo em povo.
Afferrada á ficção, quanto á verdade,
Assoalha ficções, verdades, erros.
Folgava o monstro de espalhar nas terras
O feito e por fazer, com rumor vário;
Que Eneas aportou, que é teucro sangue,
Que anceia a bella Dido unir-se ao Teucro.
Que o longo hynverno os viu nutrindo amores,
No luxo, na paixão, no esquecimento
Dos seus estados. Vozes taes derrama
O numen malfeitor de bocca em bocca.
Já de Iarbas ao reino estende os vôos,
Exacerba-lhe o ardor, lhe dobra a raiva.
D'Hamon, da Garamantido foi prole
Este rei; erigiu no vasto imperio
Altares cento a Jove, em templos cento;
Nas aras nunca expiram sacros lumes,
Aos cultos da Deidade eternos velam;
Victimas sempre em sangue a terra ensopam,
E floridos festões das portas pendem.
Sem tino, e no furor da amarga nova,
É fama que ante as aras e ante os numes
Alçando aos ceus as mãos, dest'arte orára:
«Oh jove omnipotente, que recebes
«As que entre os toros, e os festins te offerta
«Lenêas libações a maura gente,
«Não vês isto? não vês? oh padre! oh nume!
«Teus raios medos vãos ao mundo inspiram?
«Tu vibras sem destino aerios fogos
«Nas azas do trovão? Temer-te é sonho?
«Mulher, que desterrada em meus estados
«Comprou tenue porção de praia e campos,
«Que me deve a cidade, e deve as terras
«Onde lavra, onde impera, onde legisla,
«Rejeita a minha mão? e acolhe Eneas?
«E o Teucro é senhor seu? roubou-ma o Teucro?
«Um Paris, um cobarde, a que não peja
«O Meonio galero atar na barba,
«Trazer de essencias rescendente a coma!
«Aquem semiviril cortejo adula! ...
«E eu, por que em templos teus cumúlo offrendas,
«De prole tua em vão me illustra a fama?»
Iarbas desta arte orou co'as mãos nas aras;
O omnipotente ouviu do filho as preces.
Os olhos volve o deus aos regios paços,
Alli de melhor fama deslumbrados
Os dois amantes vê; Mercurio chama,
E desta arte lhe falla: «Córre, vôa
«Sobre as azas dos zephyros, ó filho;
«Veloz por entre os ares te desliza:
«Dize ao troyano chefe, que se antolhe
«As cidades que o fado lhe destina,
«Longe de repousar nas tyrias plagas:
«Tal me não prometteu, nem tal o intento
«Da bella Venus foi, quando entre os Gregos

«Uma vez, e outra vez, da morte o salva.
«Que da guerreira Italia occupe o throno,
«Terra de heroes, de reis fecunda patria;
«Que da troiana estirpe o tronco seja,
«A quem o mundo inteiro as leis acate,
«Os seus destinos são. De gloria tanta
«Se abrazal-o não póde o quadro illustre,
«Se seu proprio esplendor não vale as lidas,
«Tenta ao filho roubar da Italia o reino?
«Entre imiga nação que faz? que espera?
«Não vê lavinio campo? ausonia prole?
«Navegue. Eis meu querer: meu mando é este.»
Disse. Obedece o Deus de Jove ao mando;
Aureos talares accommoda ás plantas,
Sempre em rapido vôo as azas d'elles
O levam sobre o mar, ou sobre as terras:
Empolga o caduceu, com elle as almas
Ao tartaro conduz, ou d'elle as tira;
Com elle os somnos dá, expelle os somnos,
Dos olhos dos mortaes; no ponto extremo
Com elle extingue a luz, com elle affoito
As névoas atravessa, açoita os mares.

Continúa.

COSTUMES ARABES.

A NOBREZA NO DESERTO.

Continuado de pag. 231.

Fallávamos da vindicta. Se o homicida é algum maioral da tenda, tão poderoso que infunda respeito á tribu, e se nega o preço do sangue, cedo ou tarde o paga com a vida que, em se não fazendo justiça, é reclamada pela vindicta; mas tambem dahi nasce a guerra, como dissemos. Numerosos exemplos de vindicta poderiamos citar: o que se vae ler, tirado dos costumes de uma tribu do Sahara, os *chamba*, e de uma povoação do grande deserto, os *touareg*, separados uns dos outros pelo espaço de duzentas leguas, dará idea exacta desse odio obstinado, dessa sêde de vingança que se traduz sempre pelos mesmos actos de violencia.

Um troço dos chamba, capitaneado por Ben-Mansour, chefe d'Ouergla, surprehendeu, juncto do Djebel-Baten, alguns touareg que vinham ao Oued-Mia dar de beber aos seus camellos, e commandava-os Kheddache, chefe do Djebel-Hoggar. Odio implacavel, cuja origem é desconhecida, tão antigo é elle, traz os chamba em guerra com os touareg, alem de que estes andam em perpetua vindicta com as tribus do Sahara, ou porque são berberes e não arabes, ou porque impõem ás caravanas do Soudan um direito de passagem.

Travou-se entre elles, e sem preliminares, um combate encarniçado: os touareg foram postos em fuga, deixando dez dos seus, mortos no campo, um dos quaes era o seu chefe cujo corpo decapitado encontraram passados dias: a cabeça levara-a e expozera-a Ben-Mansour, como tropheo, em uma das portas de Ouergla. A nova deste successo cobriu de luto os habitantes de Djebel-Hoggar, e os levou a fazerem ete juramento solemne: «A minha tenda sejas destruida, se Kheddache não fôr vingado.»

Kheddache deixára uma viuva formosissima por nome Fetoum, e um filho ainda infante. Segundo o costume, Fetoum ficava governando com o conselho dos grandes, em quanto seu filho não chegasse á edade do poder. Um dia estavam os grandes reunidos em sua tenda: «Meus irmãos, lhes diz ella, aquelle de vós que me trouxer a cabeça de Ben-Mansour, ter-me-ha por esposa», e em a noite desse mesmo dia todos os jovens da montanha, armados em guerra, vieram dizer-lhe: «Amanhã partiremos com nossos servos em procura do teu presente de nupcias.» E de feito, ao alvorecer da madrugada, trezentos touareg, commandados por Ould-Biska, primo de Kheddache, marchavam na direcção do norte. Ao cahir do sol, quando já tomavam posição para fazer alto, viram correr sobre a sua retaguarda dez camellos montados, entre os quaes se distinguia um mais ligeiro e ricamente ajaezado: era o de Fetoum; e Fetoum vinha reunir-se a este pequeno exercito que a recebeu com acclamações de regozijo, porque, e certo era a intenção della, parecia querer acompanhal-o para mais promptamente cumprir a sua promessa.

Era no mez de maio: estavam as barrocas cheias d'agua, as areas juncadas de relva; a estação favorecia: ao fazer alto no oitavo dia de marcha, annunciaram os batedores que um forte troço dos chamba, commandado por Ben-Mansour, dirigia seus rebanhos para as pastagens do Oued-Nessa; porém os chamba logo perceberam a aproximação dos touareg e cortaram rapidamente para o norte, procurando alcançar o Oued-Mezab. Descoberto este movimento, com marcha forçada de um dia e uma noite foram os touareg embuscar-se em barrocas e brenhas a poucas leguas de seus inimigos que de tal não deram fé. Alli passaram o dia. Ao anoitecer desceram á planicie, e seria meia noite quando o latido dos cães descobriu o aduar que procuravam. Em um momento Ould-Biska dá o signal, e os cavalleiros, levantando o grito de guerra, cáhem sobre os chamba, dos quaes apenas escapam cinco ou seis. Um destes é perseguido por Ould-Biska que o fere nos rins com um golpe da sua comprida lança. Levado por seu camello, o desgraçado chamba, vacillante, forcejando por segurar-se na sella, ainda dá alguns passos, mas em breve se abate

e vai rolar sobre a area, desprendendo de si uma criança de sete a oito annos que trazia occulta debaixo do albernoz.

—«Ben-Mansour! Ben-Mansour! Conheces Ben-Mansour?» Perguntou Ould-Biska á criança, que permanecia tranquilla juncto do cadaver. «Era meu pae, eil-o-ahi!

Chegava então Fetoum seguida, cercada, comprimida por um grupò de touareg.

—Matei-o eu! exclamou Ould-Biska.—A minha palavra será cumprida — respondeu Fetoum — mas lança mão desse punhal, e vae acabar de rasgar o corpo do maldicto; arranca-lhe o coração e deita-o aos cães.

Em quanto Ould-Biska, joelho em terra, curvado sobre o cadaver, executava esta ordem, Fetoum, cujos labios se viam contrahidos e agitados por um tremor nervoso, cevava-se avidamente neste horrivel espectaculo. Terminado a atroz refeição dos *slougui* (cães galgos), Fetoum, satisfeita a vingança, não curando dos despojos que os seus amontoavam, nem dos rebanhos que elles andavam a reunir, montou logo em seu mahari, e deu o signal para a retirada. O filho de Ben-Mansour não o mataram, mas abandonaram-no, e alli esteve o infeliz dous dias a chorar com fome, sede, e calor, até que deram com elle alguns pastores e o conduziram a Ouergla onde existia ainda em 1845. Assimque os cães dos touareg comeram o coração do chefe dos chamba, mas tambem entre estes dous povos haverá sempre guerra implacavel.

Continúa.

BIBLIOGRAPHIA.

Continuado de pag. 293.

Máu grado vamos continuar o artigo que com aquelle titulo principiámos em o n.º 22 do Instituto; porque, havendo agora de falar de trabalhos inteiramente proprios, avultam-nos ao pensamento todas as difficuldades da emprêsa; e por que tambem, para satisfazer ao promettido, é fôrça que uma outra vêz levantemos a vóz neste jornal a favôr do methodo portuguez, combatido por um dos nossos mais illustres e assiduos collaboradôres.

Ahi está, no mesmo n.º a pag. 285, debaixo do titulo—*Instrucção primaria*,—o mesmo campeão fulminando novamente aquella invenção ou introducção (que importa isso?), que nos prezamos de reconhecer por excellente; e em favôr da qual, e em harmonia com ella havemos publicado primeira, segunda, e terceira edições d'um—*Nôvo abcedario*, indicio este, com o das tres ou quatro que se tem feito do mesmo methodo portuguez, de que a reforma progride, e ganha terreno, apezar de seus antagonistas.

Temos por cousa decidida, que não ha senão ventagens na discussão d'um qualquer ponto literario, porque, na lucta, estuda-se mais profundamente a materia, palpam-se melhor as difficuldades, e esclarece-se em fim a verdade. Mas esta questão tem tomado uma forma tão singular; a paixão, e o capricho, parecem ter usurpado com tamanho azedume o logar, que não é dado senão á reflexão imparcial; que, ao tocar ainda levemente nestes pontos, ficâmos pressentido o sobresalto do leitor, e o seu justo receio pela conservação da honestidade d'um jornal tão felizmente exclusivo das sciencias e da literatura, como é o Instituto. A fé porém d'homem de bem, e com o testimunho anterior de tudo quanto, sobre qualquer assumpto, havemos escripto, ousamos prometter, que não seremos nós que a mancharêmos por via desta, ou de qualquer outra questão.

Como o que deixâmos dicto, prende directamente com a—*Introducção ao Amigo dos Meninos*—, uma das publicações de que nos propozemos dar noticia, vamos a principiar por ella, embora, na ordem dos trabalhos apontados em principio, tivesse o primeiro logar o *Manual*.

Esta *Introducção* contem quatro partes:—a 1.ª é um abcedario de *leitura*;—á 2.ª poderemos chamar tambem abcedario de *numeração*;—a 3.ª são uns *primeiros exercicios de leitura*;—e a 4.ª, continuação desta, é o pequeno catecismo da diocése.

A 1.ª e a 2.ª parte; bem como algumas paginas da 3.ª contém a reproducção dos *Abcedarios novos para uso do asylo da infancia*, publicados em 1851.

Está no prélo, mui reformada, uma 2.ª edição da *Introducção*, que vem a ser a 3.ª dos referidos abcedarios.

1.

Estes não contém mais de nove numeros, em dezasete paginas de letras,—palavras,—e phrases. A disposição das letras, a classificação das mesmas, todo o singelissimo contexto deste abcedario é baseado no systêma do sr. Castilho; o qual, apenas *approvado pelo Conselho Superior*, e antes mesmo que nós o lêssemos, nos havia sido mui inculcado *por um dos mais benemeritos e conscenciosos vogaes desse Conselho*, para o fazermos experimentar na eschola do asylo.

O 1.º numero contem as seis vogaes, com os seus nomes na phraseologia mnemonica do sr. Castilho, a qual por experiencia já sabemos que se grava admiravelmente na memoria; e que serve tanto, senão melhor, do que as antigas denominações, para, no dictado do escrever, se manifestarem, ao que escreve, os characteres de que há de usar.

Todas as vogaes, majusculas e minusculas, vão em characteres redondos e inglezes, repetidos, afim de que os meninos possam, desde logo, ir apprendendo uma e outra leitura, impressa e manuscripta. E esse plano continuâmos inalteravelmente em os numeros seguintes, compostos de letras, palavras, e phrases, em ambos os characteres.

Ás vogaes seguem-se o que chamamos, com o sr. Castilho, *sons orães ou puros;* e contem as modificações dos valôres das vogaes, que podem significar-se pelos accentos, e pelas mesmas vogaes não accentuádas. Conclúe o primeiro numero com as poucas palavras já susceptiveis de se formarem sómente de vogaes, como *ai! ui! eu*, o *aio e a aia*, *eu ia ao aio*, etc.

Debaixo do titulo—*Exercicios*, ao cabo deste numero, ou primeira lição, indicâmos o processo que nos pareceu dever seguir o professor, quando intenda convir-lhe mais empregar o abcedario, do que o puro methodo portuguez, ou combinar um e outro.

O 1.º diz:—» Depois d'algum exercicio de divisão de «palavras em syllabas, e destas em *elementos phonicos*, e «tambem de leitura auricular,—repetir o valôr das *vogaes*.

O 2.º—» Dizer o valôr de cada vogal, de que se com-«põem as *palavras*, e ligar esse valôr em syllabas naturaes.

«Começar a cantar ou recitar as regras dos valôres, e a conhecer como se applicam.

Vê-se pois que persistimos na eminente conveniencia do grande trabalho, rigorosamente analytico, do methodo portuguez, da decomposição da palavra, feita em côro e a compasso, pelos meninos; cousa, a qual, como a leitura auricular, poderá ser reputada por incomprehensivel, ou nimiamente penosa e moedôra para os meninos, por quem quer que os conheça tão somente de longe, ou haja pretendido estudar a eschola no silencio e recolhimento do gabinete, entre as grandes e transcendentes obras dos sabios; mas que, para os que forem visitar uma e muitas vêzes aquella, se mostrará claramente ser tão facil de comprehender e exercitar, como aprazivel e graciosa, e, em seus effeitos ulteriores, a verdadeira—*via ferrea*—da leitura, como lhe chamou com toda a razão o sr. Castilho.

Nesta parte permitta-se-nos observar, que o A. do art., a que em principio alludimos, nos causou a maior das surprêzas no que escreveu a pag. 285. — «Querer pois que « da pronuncia singular da letra saísse a pronuncia da pa- « lavra, era querer o impossivel!!

E todavia esse impossivel faz-se constante, prompta, e facilimamente nas escholas do methodo portuguez, como temos observado e experimentado muitas vezes no asylo da infancia; e não só a respeito de nomes d'objectos communs, mas d'outros inteiramente desconhecidos dos alumnos, como os de cidades e paizes estrangeiros.

E se o illustre A. do artigo se tivesse dado ao incommodo de bem observar practicamente o como se devem fazer soar, segundo o methodo, cada uma das consoantes (o que não é susceptivel de se escrevêr), e tanto melhor quanto mais se dér de mão a toda a exaggeração; temos que lhe aconteceria o mesmo, que na melhor boa fé asseveramos nos acontecêra a principio.

Lendo e relendo o methodo, e applicando, com elle, á palavra — *porta* —, concluimos, com o nosso collega, por aquella impossibilidade; mas desde que ouvimos pôr em obra a theoria, e fazer soar devidamente as consoantes, segundo o ensino do sr. Castilho, um como veo, que nos tolhia a vista, rasgou-se diante de nossos olhos, e a difficuldade desappareceu para sempre.

Em contraposição ao que affirma, e nós accreditâmos, o A. do art. haver observado nos mestres assistentes ao curso normal, podemos asseverar-lhe, que, nos exames dos mesmos mestres difficilmente appareceu algum, dos mais rudes, (alguns, poucos em verdade, mais que rudes), que não traduzisse em palavra, prompta e immediatamente, os sons que se lhe enviavam, por differentes pessôas, sem a mais pequena indicação anterior. E que muito, se os meninos fazem esse milagre!

Sentimos sermos forçados pelo A. a dizer-lhe que as suas mesmas palavras provam contraproducentemente. Quem duvida de que, assim como fôra impossivel extrahir, por via dos sons ouvidos, a palavra *biblos*, expressando pelo *nome* proprio cada um de seus elementos, na lingua grega; da mesma fórma é absolutamente superior ás humanas forças tirar a palavra — *chapéu* — dos elementos c, h, a, p, e, u, como se inculca que pretenda o methodo portuguez, separando o que elle ajuncta, e fazendo soar á antiga o que elle transforma em como sôpros e quasi sons indiziveis!?

Quando, em leitura auricular, (na qual é evidente que figuram somente os valôres usuaes dos caractéres, e não a fórma destes), quizermos que os alumnos nos digam — *chapéu*, certamente ninguem lhes dirá — c, h, a, p, é, u, — mas sim — *x* (valôr da articulação composta *ch*,). *a*, *p*, *éu* (ou — *é*,*u*). Da mesma sorte em *charlatão*: e então o alumno — *dirá sem difficuldade a palavra, que os seus elementos combinados representam* (palavras do mesmo art.)!!

Se em seguida o professor mandar, como deve, decompôr em syllabas, e estas nos seus elementos; o alumno responderá talvez que o primeiro elemento é a — *tisoira*, o *x*, a segunda a *arvore* etc.; e aquelle lhe ensinará que, segundo o modo d'escrever, não é o *x*, mas é o *ch* o primeiro elemento da palavra *chapéu*, com o mesmo valôr, como já aprendêra.

Mas, se com effeito o alumno não póde ligar elementos, mas unicamente syllabas, ou o *soletrar sillabico* da velha eschola; que syllabas ha (perguntaremos nós) nas palavras *chapéu* e *charlatão*, partidas, como quer o art. em

x, *a*, *p*, *éu*;
e *x*, *ar*, *la*, *tão*.?!

A idêa de apprender a ler palavras, quazi desde a 1.ª lição, (folgâmos de o lêr ahi), é approvada por M. Michel, cuja obra não vimos. Seus syllabarios, inculcados no art.º, temo-los por antiquados e inuteis em nossa terra, aonde não ha cartilha ou *abc*, velho ou novo, que não condemne os pobres meninos a fazerem uma longa e asperissima viajem desde o *b* e *a* — *bá*, e o *b-r-â-o* — *brão* até ás estiradas palavras — *constitucionalidade* e, *misericordiosissismamente*, etc.

Os nossos abcedarios continuam, das vogaes em diante, com as consoantes — M. N. L. R. o n.º 2.º: — B. P. D. T. F. V. o n.º 3.º: — Q. K. C. Ç. S. o n.º 4.º: — Z. X. J. G. H. o n.º 5.º: — sons nazalados simplices e compostos, o n.º 6.º: — Ch. Lh. Nh. Ph. no n.º 7.º: — alguns, mui poucos, exemplos de consoantes dobradas, no n.º 8.º: — e como parte complementar uma variada collecção d'abcedarios, pela antiga ordem, em o n.º 9.º

Em todos os n.os, menos no ultimo, segue-se o plano do 1.º Os characteres são variados. Nenhumas syllabas que não exprimam cousas, e estas, quanto possivel, vulgares e por isso conhecidas dos meninos. Phrases curtas, pequenos periodos; e tudo composto de elementos já sabidos, em constante applicação, e recapitulação das anteriôres lições, — processo tão simples, ~~como efficaz para~~ apprender, em menos tempo, e com superior facilidade, a lêr uns e outros characteres, redondos e manuscriptos.

Em assumptos desta ordem crêmos que o melhor argumento é o da experiencia, os factos bem verificados e apreciados, e repetidos por um tempo bastante para devidamente se julgarem.

Portanto, se estes abcedarios valem alguma cousa, se supprem bem os longos syllabarios, se se amoldam a todos os methodos, e se são susceptiveis de fructificar, sôb a intelligente applicação d'um professor cuidadôso, não o devemos dizer nós *a priori*; que o digam esses mesmos professôres pelos factos.

Pela nossa parte, ~~limitamo-nos a asseverar~~, que desde 1851 não ha syllabarios na eschola do asylo; — que as camadas de meninos desse e dos seguintes annos teem apprendido a lêr em menor tempo, as *meninas gratuitas* sem mais ensino que o oral do methodo portuguez; e os meninos gratuitos, e os pensionistas, pelo mesmo methodo, auxiliado com o uso de tabellas inteiramente conformes aos abcedarios, 1.ª e 2.ª edição. Tres para quatro annos d'experiencia tem alguma importancia; e é por isso que aguardarêmos razões mais fortes, e juizos menos apaixonados, para modificar ou abandonar inteiramente, se for possivel, a nossa intima convicção da excellencia do methodo portuguez, e da absoluta desnecessidade e inconveniencia das lições de syllabarios.

Nem o puro methodo portuguez, com todos os seus successivos aperfeiçoamentos, nem os nossos abcedarios, nem outro qualquer processo póde produzir o milagre, segundo intendemos, de habilitar os alumnos para lerem prompta e correntemente, apenas conhecidos os characteres. *Usa e serás mestre* é em tudo a pura verdade. A excellencia do methodo está em fazer vencer, no menor tempo possivel e com facilidade e gôsto, a primeira jornada. No termo della o alumno saberá conhecer as letras, seus valôres, combinal-os, e extrahir delles, por assim dizer, a palavra formada e significante.

O que se segue, é obra do tempo.

E as figuras, e o canto, e as historietas, e o rithmo, e a analyse da palavra formada, e o movimento das palmas e do passeio, eis o grande e fecundo meio por que se obtem o fim de abaixar e aplanar o caminho, convertendo-o d'arida, pedregoza, e alcantilada encosta, em alegre e vistosa alaméda, tapizada de verde relva, e animada pelo gorgeio dos passarinhos.

Estas conquistas do genio, bemfazejo da humanidade, temos para nós, que a historia as registrará, perdoando por ellas á fraqueza do homem o que é do homem; e discriminando a exaggeração apaixonada do que é oiro puro de solida e permanente utilidade.

Uma ultima palavra á cêrca dos *Abcedarios*. Publicámos os primeiros tão somente com o intuito no melhor ensino do asylo. O publico acceitou-os. Quando, no anno proximo, démos á luz a primeira edição da *Introducção*, não ligámos a este trabalho, a menor esperança d'uma bôa sahida. Entrava no plano total de nossos escriptos; cediamos quazi a uma paixão, senão a uma mania, d'escrevinhar. E o anno não era findo, e já estava no prélo uma nova edição, destinada a satisfazer ao pedido d'exemplares d'uma casa consideravel de negocio de livros!

O publico pois dispensa os syllabarios de Mr. Michel; acceita as emanações do methodo portuguez; muitos dos que ainda vacillam em o seguir, concordam em aproveitar o que não é mais que uma sombra delle; e nós recebemos a dôce satisfacção de havermos feito alguma cousa util.

Continúa. A. FORJAZ.

CONTA da Receita e Despesa dos Hospitaes, annexos á Universidade, no trimestre d'Outubro a Dezembro de 1854.

Receita

Recebido do cofre da pagadoria academica..	1:122$000
Idem do cofre das rendas proprias dos Hospitaes	900$000
Idem da pagadoria da 1.ª divisão, por vencimentos militares..	411$820
Idem de dietas pagas por doentes tractados nos Hospitaes....	77$470
Idem da mesa do governo da Misericordia da cidade	100$000
Idem producto da venda de dois potes de tijolo	3$620
Idem do beneficio na praça dos touros	52$305
Idem do dicto no circo equestre	330$000
Idem levantado do deposito judicial, pelo acabamento da demanda com a viuva de Mattheus Byly	47$560
	3:044$775
Alcance da Fazenda em 31 de Dezembro de 1854	238$765
Reis.	3:283$540

Despesa

Alcance da Fazenda em 30 de Septembro	79$885
Despendido com ordenados pelos mezes de Junho, Julho e Agosto..	214$920
Idem com as comedorias aos Empregados	473$275
Idem com as dietas aos doentes	1:616$780
Idem em combustivel e illuminação	214$865
Idem em utensilios	144$800
Idem em reparos nos edificios	65$755
Idem em guizamentos das Capellas	6$100
Idem em camas e roupas	175$840
Idem em custas da demanda com a viuva de Mattheus Byly..	11$320
Idem ao Dispensatorio segundo a deliberação do Conselho da Faculdade	180$000
Idem ao cofre das rendas dos Hospitaes, por conta do emprestimo de 241$200 feito em 7 de Septembro ultimo	100$000
Reis.	3:283$540

MAPPA do movimento dos doentes, nas enfermarias dos Hospitaes, em todo o trimestre d'Outubro a Dezembro de 1854.

HOMENS					MULHERES					LAZAROS HOMENS					LAZAROS MULHERES					SOLDADOS					TODOS				
Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Sairam.	Morreram.	Existem.
111	446	373	58	126	78	268	220	38	88	14	8	2	7	13	10	1	0	0	11	12	40	45	1	6	225	763	640	104	244

Hospital da Universidade, 31 de Dezembro de 1854.

Dr. *Manoel Paes de Figueiredo e Sousa*,
Director dos Hospitaes.

Herculano Aprigio Alves d'Araujo Santa Barbara,
Cartorario da Fazenda.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RELATORIO ANNUAL.

1848—1849.

Continuado de pag. 283.

4.ª PARTE.

Instrucção superior.

Os estabelecimentos de instrucção superior, que se acham debaixo da inspecção do conselho superior de instrucção publica são: a universidade de Coimbra, a academia polytechnica do Porto, e as escholas medico-cirurgicas de Lisboa, Porto, e Funchal.

§.° 1.° *Universidade.*

No anno lectivo de 1848 para 1849 foi frequentada a universidade por 828 estudantes dos quaes 116 cursaram a faculdade de theologia, 542 a de direito, 35 a de medicina, 111 a de mathematica, e 122 a de philosophia. A despesa votada no orçamento ultimo para a universidade importa em 61:902$750 reis, de cuja quantia deduzindo os ordenados de cadeiras e outros logares vagos, bem como o importe de matriculas, cartas de formatura, actos grandes, impostos addicionaes e sello de cartas, tudo no valor muito approximado de 26:000$000, resta a quantia que effectivamente tinha a desembolsar o thesouro, se pagasse em dia, de 35:902$750 reis, que repartida pelos 828 estudantes dá a despesa annual de 43$360 reis a cada estudante. Da inspecção do numero de estudantes, que no ultimo anno frequentaram as diversas faculdades universitarias, reconhece-se, que continua ainda a ser frequentada em maior concurrencia a faculdade de direito, como aquella que ainda se julga offerecer mais expectativa de empregos, ou dar mais proveito aos filhos das familias abastadas que pretendem adquirir junctamente com um gráu mais subido de instrucção, os conhecimentos necessarios para melhor dirigirem os negocios de suas casas.

Nota-se porém ao mesmo tempo, que esta affluencia começa, em parte, a ser distrahida para os estudos theologicos, ainda ha poucos annos quasi de todo abandonados; sendo isto principalmente devido á practica hoje felizmente seguida de se proverem todas as egrejas vagas por meio de concursos. É esta mais uma prova de que para animar os differentes ramos das artes e das siencias, é forçoso ou tornar sensiveis os recursos practicos que se adquirem no seu estudo, ou apresental-os, proporcional e convenientemente, como habilitações indispensaveis nas diversas escalas dos cargos publicos. Aliás succederá como nas faculdades de mathematica e philosophia, onde, por uma parte o pouco desinvolvimento que tem tido, por ora, o ensino practico e util d'estas sciencias, e por outra parte as poucas habilitações, que actualmente offerecem, reduzidas quasi unicamente ás do magisterio, fazem com que o numero dos seus alumnos seja assás diminuto.

A faculdade de medicina, apezar do mais subido credito, de que gozam os alumnos, que n'ella se formam, não só em comparação com os alumnos das escholas medico-cirurgicas do reino, mas mesmo com os das escholas estrangeiras, é tambem muito pouco frequentada, em consequencia da brevidade e facilidade com que se estão habilitando alumnos n'aquellas nossas escholas cirurgicas; os quaes pelo demasiado desinvolvimento, que ás mesmas se tem dado, pretendem competir com os da universidade.

Este conselho superior, reconhecendo que já tem decorrido um espaço de tempo sufficiente, durante o qual se podem ter avaliado os effeitos practicos da novissima reforma litteraria, decidiu dirigir a todos os corpos scientificos uma portaria circular, com data de 20 de julho do corrente anno, recommendando-lhes que nos seus relatorios do anno findo indicassem o que a experiencia lhes tivesse suggerido sobre a execução da mesma reforma, e sobre os meios de a modificar na parte que intendessem precisava de ser alterada. E como a maior parte d'estes corpos não podessem satisfazer no prazo indicado áquella recommendação, por falta de tempo sufficiente para tractarem maduramente de negocio tão ponderoso, e declaras-

sem, ao mesmo tempo, que procurariam fazêl-o e com a possivel brevidade; por isso o conselho aguarda a remessa de todos os trabalhos, sobre este objecto, para os tomar na devida conta.

Dos relatorios enviados pelas differentes faculdades, conheceu o conselho que todas ellas se dedicam com o maior zêlo ao aperfeiçoamento do ensino, e á conservação e engrandecimento dos estabelecimentos scientificos que lhes são confiados.

A faculdade de theologia ufana-se, com razão, da regularidade e desinvolvimento que tiveram os estudos theologicos, e da concorrencia e aproveitamento dos alumnos no ultimo anno lectivo, sendo este, em tudo superior a todos os decorridos desde 1834. Ensaiando, pela primeira vez, os novos compendios que havia adoptado no anno lectivo de 1845 para 1846, reconheceu que muito se lucrára no ensino feito por elles.

O conselho da faculdade de medicina dá conta de que adoptára para compendio na cadeira de partos e molestias de puerperas e recemnascidos, *o tractado practico da arte de partos de Mr. Chaily.*

Expõe a necessidade urgente de completar o quadro do seu pessoal com os logares de um demonstrador e tres ajudantes de clinica —dá parte de que cuidando em dar o possivel desinvolvimento ás applicações da sciencia, nomeára em 3 de novembro de 1848 um dos seus membros para fazer parte da commissão creada para organisação das instrucções afim de prevenir o *cholera morbus* e seus desinvolvimentos n'esta cidade, e que em conselho de 3 de novembro do mesmo anno nomeára outra commissão composta de tres membros, á qual depois addicionára mais dois, a fim de ensaiarem o *assacu* no tractamento dos doentes do hospital dos lazaros.

Lamenta a falta de subsidios de que se resentem os hospitaes e mais estabelecimentos annexos á faculdade, bem como a sua pequena capacidade não só em relação ao numero e divisão dos doentes nos hospitaes, mas até á maior extensão do ensino, sendo causa de que não se podesse ainda obter um gabinete proprio e com luz sufficiente em que o demonstrador de anatomia possa fazer as demonstrações de anatomia transcendente.—Finalmente em conselho de 20 de julho d'este anno nomeou uma commissão para dar o seu parecer sobre a conveniencia da mudança de todos os seus estabelecimentos para os collegios de S. Bento e S. Jeronymo.

O conselho da faculdade de mathematica reclama tambem como necessidade urgente o provimento das cadeiras vagas na faculdade. Dá conta de que lhe fôra offerecido pelo oppositor da faculdade o D.r Jacome Luiz Sarmento um manuscripto intitulado—*methodo do calculo das distancias lunares,* do qual se fez menção no livro dos assentamentos da faculdade, e que se mandou correr por todos os vogaes para d'elle se fazer o devido juizo. Incumbiu a uma commissão o exame de uma obra manuscripta, que debaixo do titulo de—*complemento de geometria descriptiva de Fourcy*—fôra feita e offerecida pelo lente da faculdade o D.r Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.—Tanto no relatorio, como em resposta a uma requisição do prelado da universidade, expõe que é de necessidade absoluta, para que o observatorio de Coimbra possa ser util á sciencia, e n'elle se cooperar para o aperfeiçoamento da astronomia com os observatorios mais accreditados, que elle seja provido dos seguintes instrumentos—um circulo mural—um instrumento de passagem de maior força e dimensões que o actual=um telescopio de força=um oculo munido de competente micrometro.

O conselho superior reconhecendo que todos estes instrumentos são indispensaveis para se poderem fazer as observações com exactidão e com a necessaria regularidade, e que é necessario collocar este estabelecimento em estado de grangear pelas suas observações a mesma celebridade que lhe grangeou no mundo scientifico a organisação das suas ephemerides, não duvida em execução com o determinado na portaria do ministerio do reino de fazer acompanhar este relatorio de um projecto de lei para que o governo de V. M. seja auctorisado a mandar comprar os instrumentos pedidos. Torna-se tambem urgentissimo, não só para o aperfeiçoamento dos estudos mathematicos, como tambem para os philosophicos e medicos, que se organise definitivamente a aula de desenho de modo que possa preencher os fins para que fôra creada nos estatutos de 1772, e para isso espera o conselho que o governo de V. M. se dignará de resolver com a brevidade possivel sobre o programma que o mesmo conselho submetteu á regia approvação de V. M. na consulta para o provimento d'aquella cadeira em um professor que possa satisfazer a todas as exigencias dos estatutos e da lei de 20 de septembro de 1844.

O conselho da faculdade de philosophia dá conta, de que procurando remover os inconvenientes que a experiencia dos annos precedentes havia demonstrado existirem na distribuição das materias do ensino, e usando da permissão que a lei lhe offerece, fizera antes da abertura das aulas, as seguintes alterações: Que no primeiro anno se lêsse toda a chymica inorganica, para no segundo se dar maior desinvolvimento ao estudo da philosophia chymica e da physica: Que a cadeira de zoologia fosse lida no 3.° anno, conjunctamente com a de chymica organica,

e que a de mineralogia passasse para o 4.°, a fim de que se não conferisse o grau de bacharel, sem o estudo completo de toda a historia natural, e que para tornar completo o curso de applicações, se junctasse á cadeira de agricultura e economia rural o ensino de technologia que até agora se lia no 3.°

Para harmonisar o ensino das diversas disciplinas, encarregou ao lente substituto, D.r Pedro Norberto Corrêa a confecção de um elencho de botanica, o qual aquelle lente appresentou e corre impresso.

Tends acceitado o offerecimento dos lentes substitutos Henrique do Couto e Almeida Valle, e José Maria de Abreu para procederem ao novo arranjamento e classificação do gabinete zoologico, e havendo-se-lhe designado para base o ultimo methodo de Mr. Cuvier, tem o conselho da faculdade a satisfacção de ver na congregação de visita, que a 1.ª parte de tão importante trabalho havia sido satisfactoriamente desempenhada pelos referidos lentes. Nomeou nma commissão para examinar *um compendio de botanica* offerecido pelo lente substituto o D.r Pedro Norberto Corrêa. Discutiu e approvou o novo plano que deve seguir-se na administração economica e scientifica das cercas destinadas para o estudo da agricultura practica. A fim de enriquecer o jardim botanico e o seu respectivo gabinete, sollicitou directamente do governo de V. M. na sua representação de 26 d'abril ultimo o Herbario Portuguez, arranjado por um distincto botanico estrangeiro, para cuja compra já o mesmo governo de V. M. fôra auctorisado por lei; pediu por intervenção do prelado da universidade, que o celebre botanico o D.r Welwetsch, a quem o jardim botanico deve muitas e importantes acquisições de sementes, fosse commissionado para remetter os productos botanicos, que obtivesse na sua proxima viagem ás costas orientaes da Africa; e finalmente redigiu as instrucções que pelo governo de V. M. devem ser enviadas ás auctoridades do ultramar, afim de remetterem tanto para o jardim como para o museu da universidade productos dos tres reinos da natureza. N'este seu relatorio emitte tambem os seus votos para que se realise o pensamento de se converterem em hospitaes os collegios de S. Bento e S. Jeronymo, augmentando-se o museu com parte do actual da conceição, onde poderiam collocar se as collecções de historia natural, já muito apertadas nas salas do museu. Finalmente faz sentir a necessidade de se proverem os logares vagos de demonstradores.

Dos relatorios dos directores do outros estabelecimentos annexos á universidade, vê-se que se tracta com zelo da sua conservação e augmento. É para desejar que, logo que as forças do thesouro o permittam, se destine alguma quantia, maior ou menor, para a compra das obras novas para a bibliotheca, aonde por agora apenas se vão comprando alguns poucos jornaes litterarios, em resultado de uma pequena economia.

Na typographia da universidade vão-se substituindo alguns prelos de pau, toscos e imperfeitos, por outros de ferro de uso moderno; comprou-se uma prensa lithographica, que não havia, e espera-se que no corrente anno lectivo se exerça na officina esta arte preciosa. Vai encommendar-se, e entra no futuro orçamento, uma prensa hydraulica, de cuja machina, aliás dispendiosa, muito depende a perfeição typographica. Sollicita-se a auctorisação do governo de V. M. para que da officina nacional de Lisboa se mande um official de reconhecido merito, para introduzir n'esta typographia os bons usos e aperfeiçoamentos, de que realmente ainda carece.

§.° 2.° Academia polythechnica do Porto. Pelo relatorio enviado pelo director da mesma academia, vê-se que foi o anno lectivo ultimo muito regular e de aproveitamento.

Frequentaram a academia nas 11 cadeiras de que se compõe 145 estudantes contados pelas matriculas, e 72 contados individualmente. Além d'estes frequentaram mais a academia 48 estudantes ouvintes.

A despesa com este estabelecimento é de 9:590$970, da qual deduzindo o importe das matriculas no valor de 348$000 rs. resta a quantia de 9:242$970 rs. que dividida pelos 72 estudantes eleva a despesa, que cada um d'elles custa ao thesouro, a 128$374.

O conselho da academia torna a instar pela concessão do extincto convento dos Carmelitas do Porto, para a qual já o governo de V. M. foi auctorisado, afim de alli se estabelecer o jardim botanico para uso da academia; e este conselho superior intende que muito conviria que a dicta concessão se verificasse quanto antes.

Aponta além disso como causas que obstam ao progresso e melhoramento da mesma academia a falta não só de execução de muitos artigos da lei de 20 de septembro, mas tambem de algumas reformas que se tornam urgentes. O conselho superior, desejando meditar pausadamente sobre as exigencias do conselho da academia, não se descuidará de as attender convenientemente, elevando á presença de V. M. o seu juizo sobre ellas.

§.° 3.° Eschola medico-cirurgica do Porto. O serviço academico do anno lectivo findo foi feito tambem com bastante regularidade nas 9 cadeiras, de que se compõe aquella eschola.

Matricularam-se 31 estudantes dos quaes um perdeu o anno. Na eschola de pharmacia houve um só matriculado, e no curso de parteiras terminaram o curso biennal e fecharam matricula 3.

Em virtude da indicação feita na circular do conselho superior d'instrucção publica apresentou o conselho da eschola algumas medidas, que julga se devem adoptar na actual organisação; as quaes tambem este conselho tomará na devida conta.

§.° 4.° Escholas medico-cirurgicas de Lisboa e Funchal.

Não foi presente ainda a este conselho, por parte das escholas medico-cirurgicas de Lisboa e Funchal, o seu relatorio do anno findo.

Continúa.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Reuniu-se a 25 de setembro de 1854 um congresso pedagogico em Altenbourg, com o designado fim de apreciar os resultados de varios methodos e processos de ensino, livros elementares e objectos materiaes das escholas da instrucção primaria.

Houve no mesmo anno em Londres uma exposição pedagogica no mesmo genero. Na proxima exposição universal de Paris, lá ha logar reservado para os meios da propagação da instrucção primaria.

Animados por exemplos, tão dignos de serem imitados, resolvemos dar noticia ao publico de um novo methodo de leitura e escripta de L. C. Michel, ensaiado com felicissimos resultados em muitas escholas de França, e já adoptado para ensino em tres escholas normaes.

Quanto o permittia a estreiteza das columnas de um jornal resumimos os pontos cardeaes do methodo. Julgámol-o philosophico por dirigir o estudo do simples ao composto; por separar o normal da lingua das suas aberrações, e anomalias; e mais que tudo pela deducção rigorosa tendo o seu ponto de partida na estructura da lingua, e relações de expressão phonica, e graphica. Exprimimos um desejo apenas de que esse novo methodo fosse ensaiado entre nós, sem deprimir, rebaixar, nem ao menos avaliar nenhum dos methodos hoje militantes no paiz.

Foi em o n.° de 15 de fevereiro, e neste jornal a pag. 285, que foram lançadas essas poucas linhas, tendo para nós que na imitação do exemplo dado por nações mui esclarecidas algum serviço fariamos ás letras patrias, em especial ao ramo de instrucção, para que hoje convergem as attenções do mundo civilisado. E logo no seguinte n.° do 1.° de março apparece estampado um artigo dizendo mui rasgadamente o seu A. *que vae levantar a voz* (fortunam Priami cantabo . .) *em favor do methodo* portuguez *combatido por nós, e novamente fulminado em o n.° deste jornal a pag.* 285! *e remata protestando que não abandona as suas convicções sem que veja razões mais fortes, e juizos menos apaixonados!* Pareceu-nos tudo um sonho. Se não fora a nossa boa fé accreditavamos que se quiz imaginar um crime, e arrojal-o sobre nós. Venha a publico o periodo, a phraze, a palavra que possa ministrar o fundamento provado ás asserções infundadas do A. do artigo alludido. É certo que acostumados a respeitar a intelligencia, e não a vontade; e amestrados pela experiencia em não crer levianos em milagres dos homens, e do seculo, em que a pezar da illustração, e do progresso ainda apparecem Cagliostros do magnetismo, homeopathia, e outras novas magias de igual jaez, não ousámos por ora elogiar um methodo problematico, sujeito ainda ás provas publicas. Alguns factos teremos apontado dos muitos que ha, e officialmente constam, em desabono do methodo dicto *portuguez*. Talvez mesmo tenhamos combatido (não nos recordamos) algum principio da sua parte philosophica; e por este lado offerece elle grande preza aos seus adversarios. Será este procedimento sempre usado entre homens de letras, quando se trata de sanccionar algum descobrimento, prova de juizo apaixonado? Recommendar outro descobrimento no mesmo genero para se ensaiar, e devidamente appreciar, será fulminar os que o precederam? Será; mas não invejamos a logica em que assenta o raciocinio.

Creia o illustre A. do art.° no seu perfilhado methodo: não abandone, robusteça as suas convicções: veja se póde grangear factos que destruam as opiniões dos homens competentes; veja se a França o galardôa na proxima exposição, e seremos o primeiro a render-lhe tributo de homenagem.

Mas pedindo venia á sua musa que tam bella e radiosa sabe *converter alcantiladas encostas em alegres vistosas alamêdas, tapiçadas de relva, animadas do gorgeio dos passarinhos*, permitta o A. do art.° que descendo dessas elevadas regiões da poesia, tão accommodada á instrucção da infancia, ao prosaico, positivo, e real, lhe digamos que não comprehendeu o methodo que desadora. Seria nossa a culpa por brevidade, ou vicio de exposição; mas devera inteirar-se do objecto antes de lhe fulminar tremendo anathema, consultando o original, ou exigindo explicações. O juiz imparcial assim procede: nem sombras de paixão deve abrigar.

Como se achava auctorisado o illustre A. do art.° para ter por *antiquados e inuteis em nossa terra os syllabarios de Michel?* O autor do systema phonico não recorre, é verdade, ás extravagantes denominações de tesoira, arvore, mandrião, forneiro nas denominações das letras, e seus variados sons: não precisa de mnemonicas tão excentricas: vae mais ao natural. Estabelece a distincção entre vogaes simples e vogaes compostas, sendo 13 ao todo:

divide as consoantes em simples, compostas, e consoantes diphtongos. Figurando na leitura as letras por grupos, e não isoladamente, os sons vocaes e oraes são exprimidos por grupos, e não por letras; estas figuram singularmente na linguagem graphica; assim que os elementos na linguagem phonica são as syllabas, na graphica as letras. Faz parte essencial do mesmo methodo o conhecimento dos equivalentes na leitura, cousa que muito esclarece, e abrevia o estudo de ler, e escrever.

As letras teem um nome, e um valor; duas cousas perfeitamente distinctas. Ler é fallar palavras escriptas; e nós fallamos por syllabas, e não por letras. Eis ahi os dois principios fundamentaes em que assenta o edificio do novo methodo. Fundando-se nestas bases, o seu abecedario, ou syllabario, que terá com todos os syllabarios de outros methodos absolutamente diversos? E quem nos auctorisará a dizer que *o publico dispensa o syllabario de Mr. Michel, e aceita as emanações do methodo* portuguez? Aonde está esse publico? Este sim que se poderá dizer juizo apaixonado.

Uma vóz da consciencia escapou ao A. do art.° e essa acceitamos nós. *Em assumptos desta ordem o melhor argumento é a experiencia. Não o digamos nós, que o digam os professores pelos factos.* Teem muito poderio estas phrases: representam a verdade em toda a singelleza; não martellemos o nosso juizo; deixemos fallar a experiencia. Não decida o illustre A. do artigo laudativo com sacudido ademan do methodo de Michel sem que delle tenha conhecimento perfeito; e ouça o que delle está dizendo a imprensa litteraria da França. Do methodo dicto portuguez póde, querendo, saber os resultados obtidos em quasi todo o paiz. Os professores teem já fallado delle afouta, e miudamente. É possivel que a boa execução desse methodo esteja reservada somente a algum espirito privilegiado. Se assim é, não serve. Mas creia *firmissimamente* que, aguardando as sabias lições da experiencia, não prescreveriamos já a adopção de um nem de outro.

M.

LITTERATURA DRAMATICA HESPANHOLA E SEUS HISTORIADORES[1].

Continuado de pag. 259.

I.

A nova geração que succedera a Lopes de Vega, e á frente da qual se achava Calderon, seu primeiro representante, aspirava visivelmente a um ideal mais perfeito. Calderon é o completo epilogo da meia edade hespanhola: possuindo o espirito romanesco e religioso na mais elevada expressão, revela em suas obras maior vigor, mais arte e sublimidade, do que Lopes de Vega, e todavia Calderon não chegára a transpor os limites, em que se circumscrevera João del Ensina.

Os dramas de Lopes são muitas vezes demasiado superficiaes; os de Calderon pelo contrario teem o cunho de um pensamento mais grave e profundo. Os *autos* de Lopes são rapsodias escholasticas, ás vezes sem gosto, sem critica; os de Calderon, ainda que recheados de extravagancias, deslumbravam os expectadores pelas suas maravilhosas visões. Apesar, porem, desta incontestavel superioridade, Calderon não soubera inaugurar, como Shakspeare, um theatro verdadeiramente novo, que representasse a epocha em que vivera.

Shakspeare é moderno como Corneille Racine, Pascal, e Bossuet. Calderon foi o ultimo, e, como Dante, o mais maravilhoso dos poetas da meia edade. E todavia entre o poeta florentino e o hespanhol medearam quatro seculos, e que seculos! que movimento nos espiritos! que transformação na humanidade! Assim esta decidida predilecção de Calderon pela meia edade, sincera, como era, passára a ser um systema, de cuja poderosa influencia elle não podia já isentar-se.

Sismondi chamava ao auctor do *principe Constant*—«o poeta da inquisição.» Taillandier diz, talvez com mais propriedade, que elle era—«o typo da meia edade artificialmente reproduzida.» E de feito nos *autos* de Calderon não ha aquella ingenua e encantadora expressão do catholicismo, que sobresáe grave e solemne até nas mais supersticiosas lendas populares; pelo contrario transluz allí, a cada passo, a inspiração contrafeita, o pensamento reservado da polemica no poeta dominado pelas ideas do seculo XIII, e escrevendo os seus dramas sob a impressão da reforma que fizera o concilio de Trento.

A meia edade, diz José de Maistre, tinha uma mythologia christã propria e cheia de encantos ainda em sua singeleza: em Calderon esta mythologia é ficticia. A devoção do seculo XIII chegava alguma vez a ser paganismo; mas a candura dos espiritos compensava aquelle involuntario defeito: no grande poeta hespanhol, pelo contrario, o paganismo nascia da profunda reflexão. Quando a par do drama singular da *devoção á cruz*, e das tenebrosas aventuras do *purgatorio de S. Patricio* se lê uma pagina de Bossuet, Bourdaloue, Fenelon, ou Malebranche, facilmente se aprecia, quanto o christianismo do pensamento moderno dista dessa meia edade de pura phantasia. N'aquelles e n'outros dramas do poeta hespanhol sobresáe um fundo de grosseiro materialismo, mal disfarçado sob o brilhante mysticismo de linguagem e d'imaginação; e todavia Calderon escreveu tambem

[1] Em os N.os 17 e 20 deste jornal.

o *principe Constant*, uma das mais sublimes creações da poesia religiosa, alem d'outras peças, *autos sacramentaes*, e *comedias divinas*, em que a exaltação da fé parece transfigurar a humanidade, envolver o ceu e a terra, o divino e o profano! Esta luta involuntaria entre o verdadeiro e o falso, entre as superstições da meia edade artificial, e as sinceras inspirações do christianismo espiritualista, de que ha tantos exemplos no theatro de Calderon, era, por certo, estudo digno de um historiador philosopho

Ao passo, porem, que o auctor do principe Constant se deixava dominar por aquellas arrojadas inspirações, Tirso de Molina, Moreto, Rojas, e principalmente Alarcão, seguindo os progressos da civilisação moderna, começavam a brilhar pela superior illustração e bem entendida liberdade de seus escriptos, presagio feliz de melhor edade [1]. Estes symptomas, porem, de vida e movimento intellectual eram passageiros. O despotismo e a inquisição deviam em breve de produzir seus fructos. Os mestres da arte não achavam então na consciencia geral o apoio de que o poeta dramatico havia mister, e até no momento em que a primeira aurora do renascimento assomava no horisonte, um periodo de morte começáva já a reinar.

E todavia quantos germes de vida não possuia a Hespanha no seculo XVI e XVII? Por um lado a eschola dos pensadores mysticos, a eschola de S.ta Thereza, Fr. Luiz de Leão, e Fr. Luiz de Granada, um dos mais notaveis grupos que apresenta a historia litteraria d'este paiz [2]. Por outro lado o espirito vigoroso e eneantador do auctor do D. Quixote, que, unindo o mais fino bom senso ao sentimento das mais nobres tradições nacionaes, déra o primeiro passo para a transformação do espirito publico, que devia operar-se n'aquelle paiz.

Cervantes é incontestavelmente o mais eminente escriptor hespanhol no seculo XVII: conservando illesas as tradições nacionaes possuia verdadeiramente o espirito moderno, e sabia desatar os laços da infancia, começando nova vida. Ninguem como elle julgára o theatro contemporaneo com tanta imparcialidade e elevação de pensamento. Indicando a lei da unidade a Lopes de Vega, aconselhava-o a meditar mais largamente as suas peças; e, como se previra os erros de Calderon, condemnára as invenções de milagres, que sobre a scena desfiguravam a religião. Cervantes formava uma elevada idea da poesia e conhecia perfeitamente o caracter varonil que lhe cumpria tomar, o ministerio sagrado, que ella devia desempenhar. «A poesia, dizia aquelle distincto escriptor, é, na minha opinião, similhante a uma joven de tenra edade, dotada de peregrina formosura, a quem outras muitas jovens ataviam com todo o primor e riqueza; estas jovens são todas as outras sciencias, de que a poesia deve aproveitar-se, e todas devem ser por ella engrandecidas.»

E certo a litterratura hespanhola podia ter produzido, depois de Calderon, outras obras de mais subido preço, se, seguindo as inspirações de Cervantes, se associasse á verdade, á philosophia e á sciencia, donde devia receber todo o brilho e esplendor.

Infelizmente não aconteceu assim. A meia edade ficticia, que o genio de Calderon sustentára, desapparecera com este grande poeta, e com elle tambem succumbira essa litteratura hespanhola, que, até então, gozára de merecida celebridade.

Continúa. J. M. DE ABREU.

[1] O 3.º volume da obra de Schack, consagrado principalmente á analyse dos trabalhos de Calderon, excede todas as memorias publicadas sobre este auctor. Antes desta publicação o trabalho mais digno de consultar-se a este respeito fôra dado á luz em 1822 por Valentin Schmidt nos *Annales de Vienne*, e reproduzido quasi na sua integra por Rosenkranz na interessante *histoire de la poesie* (Halle 1833). Os autos *sacramentaes*, e *as comedias divinas* mais importantes, foram traduzidas com o maior primor pelo barão d'Eichendorf. M. Hartzenbusch publicou tambem na *bibliotheca de autores españoles* a mais completa edição, que hoje possuimos das comedias de Calderon. O mesmo auctor publica n'aquella *Bibliotheca* uma excellente edição das obras de Alarcão, que Ferdinand Deniz fizera conhecido nas suas *chroniques chevaleresques* pela mui engenhosa traducção do *Tisserand de Ségovie*. Alarcão, Moreto, Tirso de Molina, Rojas, Solis, e Christoval são tambem devidamente apreciados na historia do theatro hespanhol de Frédéric de Schack.

[2] Fr. Luiz de Leão fôra preso e perseguido pela inquisição, talvez porque em suas obras se manifestava o espiritualismo, que aos olhos d'aquelle tribunal passava como um crime contra a auctoridade religiosa! Tal era a oppressão, sob a qual no reinado de Filippe II jaziam as letras, e os seus cultores, oppressão que inevitavelmente devia dar em resultado a destruição de todos os elementos de vida e desenvolvimento intellectual n'aquella epocha de verdadeira decadencia para a litteratura Hespanhola.

Os hymnos de Luiz de Leão foram traduzidos com muito primor por Schliiter eStorck.

FRAGMENTO

DA TRADUCÇÃO DO IV LIVRO DA ENEJDA

POR

Manoel Matthias Vieira Fialho de Mendonça.

Continuado de pag. 231.

Já vôa, enxerga já o excelso pico,
Do duro Atlante as ingremes encostas,
D'Atlante, em cuja fronte os ceus escóram,
De densa mata, e cerrações croada,
Sempre das chuvas, e aquilões batida.
Escarchas sobre os hombros se amontoam,
Rios das fauces com fragor despenha,

Torcida em gelos pende a horrivel barba.
Cyllenio aqui, librando-se nas azas,
Um pouco se detem: d'alli d'um salto
Sobre as ondas o Deus se precipita:
Qual ave, que girando escolhos, praias,
Vôa rente do mar, buscando a presa;
Tal entre a terra e ceus voava o Nume,
Quando do monte avito ao mar saltando
Vôa ao longo das lybicas areias.
Onde Carthago foi mal firma as plantas,
Ao Teucro vê fundando imperio novo:
Pendente ao lado tem brilhante espada
De jaspides coberta; aos hombros pende
De purpura de Tyro o regio manto,
De esplendido fulgor da côr das chammas.
De Dido mimo foi, de Dido a dextra
Os bordados subtis traçou na tella.
O nume o interrompeu: «Cidade excelsa
«*Intentas construir? fundar Carthago?*
«Prêso em femineo amor de ti não curas,
«De teu reino e teus fados esquecido?
«A ti me envia o Deus que os deuzes rege,
«Que a um leve aceno abala os ceus e a terra;
«Nuncio da sua voz cumpri seu mando.
«Que fazes? com que intento, e que esperanças,
«Consomes o ocio teu na lybia terra?
«Se não te abraza já da gloria o quadro,
«Se teu proprio explendor não vale as lidas;
«Não, não prives Iulo e a prole d'elle
«Da esperança de alçar da Italia o throno
«No promettido imperio.» Assim fallava:
Ao fallar foi perdendo a humana forma,
E em tenue viração desfez-se aos olhos.

Eneas co'a visão pasmou, calou-se,
Pegou-se a voz na fauce, hirtou-se a coma:
Arde já por fugir da plaga amiga,
Attonito co'a voz do Deus que o manda.

Desgraçado amador! com que rodeios,
Com que expressões dirás á anciosa amante,
Que he forçoso o partir? De tal discurso
Qual ha de o exordio ser? Taes pensamentos
Seu agitado espirito dividem;
Agora este lhe apraz, aquelle agora,
De projecto em projecto a mente o leva,
Sem nenhum preferir por todos vaga:
Em tal perplexidade assim resolve.
Chama Sergesto, Menestheu, Cloantho,
Manda a frota esquipar, manda que os socios
Em armas sobre as praias se apresentem,
Que do imperado apresto a causa occultem.
Em quanto ignora Dido os seus projectos,
Em tanto elle tenteia, em tanto espreita
Suave occasião, subtis maneiras,
Que de Eliza no peito lhe disponham
Ao lacrimoso *adeus* benigno accesso.
Subito á voz do chefe os socios correm,
E todos á porfia o mando exercem.
Ternos amantes illudir quem póde!
Dido o apresto prevê, presente os dolos,
Temores não lhe affasta a segurança:
Impia fama lhe diz que as naus se aprestam,
Exacerbando o amor lhe diz que partem:
Arde Dido, sem tino errante vaga,
Qual a bachante em triennaes orgias,
Meneando a Lieu, Lieu bradando,
Do Cytheron nocturno acode aos brados;
E desta arte primeiro o amante increpa.

«Crime tão negro, ó perfido, esperavas
«Occultar? . . . e fugir-me? e não te prende
«Nosso amor, fé jurada e minha morte?
«Morte cruel, que a infausta Dido aguarda! . . .
«As naus aprestas na hybernosa quadra?
«Váis arrostar c'os aquilões, co'as ondas?
«Oh cruel! que farias não buscando
«Ignotos lares, estrangeiras terras:
«Troia fôras buscar entre as procellas?
«Tu fugirás de mim? . . . por estes prantos
«Pela dextra te rogo que me has dado
«(Já que por nada mais rogar-te posso)
«Pelo nosso hymeneu tão malogrado:
«Se amor te mereci, se fiz teus gostos,
«Se *inda em teu coração* me valem preces,
«Da ruina fatal de meus estados,
«E de Eliza infeliz te compadece.
«Tão barbara tenção de ti desterra.
«Tu da Numidia e Lybia e meus vassalos
«Me atrahiste o rancor: tu só, tu mesmo
«Me extinguiste o pudor, murchaste a fama,
«Que d'antes de te ver doirou meu nome:
«Em que mãos, a que morte me abandonas,
«Estrangeiro? E assim só chamar-te cumpre? . . .
«Que espero? Ver tornar meu throno em cinzas
«Pelo barbaro irmão? ou maneatada
«Ornar triunfos do getulo Jarbas?
«Se antes da fuga ao menos me deixasses,
«Qual teu retrato, pequenino Eneas,
«Que ante os meus olhos nos salões brincasse,
«O engano, a solidão, sentíra menos.»

O heroe d'olhos no chão, co'a mente em Jove,
No resoluto peito a dor suffoca,
E breve respondeu: «Negar não posso,
«Rainha, quanto devo, e quanto has dito,
«E grata me será tua memoria,
«Em quanto em mim houver memoria e vida.
«Ouve, attende, não penses, não me arguas
«De tentar fugas, de deixar-te a furto:
«Nem faxas conjugaes ante nós vimos,
«Nem laço conjugal nos há ligado.
«Ah! se meus *fados dirigir* podesse,
«Dado me fôra terminar meus males,
«Doces restos dos meus e a patria minha
«Me houveram junto a si! e d'entre as cinzas
«De Priamo o palacio, os teucros muros
«Fizera renascer. Mas lycias sortes
«Mandam que só procure a Italia terra:
«Eis a patria, eis o amor que só me outorgam.
«Se foram fados teus nas lybias plagas
«Vir tão longe de Tyro alçar Carthago,
«Deixa os Teucros pousar na ausonia terra.
«Quantas vezes a noite enluta o mundo,
«Quantas os igneos astros se levantam,
«Vem d'Anchises a sombra horrorizar-me:

«Reprehensões de um pae escuto em sonhos;
«A injuria, o roubo feito ao filho amado
«Do throno, que o destino lhe promette,
«Pungem meu coração; neste momento
«Vi baixando dos ceus de Jove o nuncio.
«A nossa mutua dor com teus queixumes
«Não exacerbes mais... A custo eu parto.»

O DUQUE DE COIMBRA

Regente do reino.

Continuado de pag. 298.

Por fallecimento do duque de Coimbra desassombrado elrei do peso que até então lhe fazia o regente seu thio, mais pelas malevovolas intrigas do conde de Barcellos, irmão do mesmo duque regente, do que por má vontade do rei, foi continuando o mesmo favor e protecção á universidade que os seus antecessores lhe tinham liberalisado, e proseguindo nos assisados pensamentos do thio tentou elrei D. Affonso V. levar ao cabo a sua derradeira idea, instituindo nesta cidade outra universidade (provavelmente a que o regente meditára primeiro): mas uma outra vez abortou este plano, e as cousas ficaram no mesmo estado só com a differença de ter elrei nomeado para ella reitor antes de se achar fundada e dotada.[1] Não poderia talvez D. Affonso V. cumprir o seu desejo, embaraçado com os negocios do seu governo; pois é certo que nenhum documento achamos, que nos descubra suas ulteriores resoluções, além do que temos referido, e declara o sr. J. M. d'Abreu na citada memoria. Mas se desejos tão assisados, e ainda mesmo não completos merecem ser elogiados, quando se dirigem a fins honestos, e ao engrandecimento da nação, certo que muita gloria cabe a elrei D. Affonso V proseguindo no pensamento civilisador do duque de Coimbra, digno de ser lastimado por tão desgraçado fim, tendo sido victima do desvario de ruins ambições, e mal cabidos caprichos, que terminaram com a sua apologia, dando-se o louvor devido a suas virtudes e abrandando o animo d'elrei com a revogação das severas proscripções, que com estas occorrencias tiveram logar infelizmente neste reino, com tão desastrada guerra civil.

A sua memoria será lembrada sempre por todos os que souberem o desvelo que tinha, e o apreço que fazia do augmento do reino, e da sua prosperidade, e quanta era a amabilidade com que tractava os proprios subditos, ainda dentro dos limites de suas attribuições e prerogativas de regente. Ao cabido desta cidade de Coimbra tractou sempre com demonstrações da maior urbanidade. Em carta de 3 de dezembro de 1443, escripta da cidade d'Evora, e em que elle se declara — *regedor com a ajuda de Deus Defensor por seu Sr. Elrei de seus regnos, e senhorios* — felicitando o cabido lhe diz — *que lhe envia muito saudar como áquelles cujo regimento virtuosamente queria ver accrescentado* — e continuando sobre o objecto da sua recommendação accrescenta — *quanto ao que me escrevestes sobre a coonesia de Gil Esteves, capellão d'elrei meu senhor de que o ora proveu a sr.ª rainha minha filha por poder do indulto que lhe o Padre santo nosso senhor outorgou pedindo-me que vos enviasse o dito indulto, ou traslado delle, por vos ser necessario, por algumas razões que me escrevestes, eu vol-o envio pelo dito Gil Esteves, etc.* — acha-se assignada pelo regente mas só com o titulo — *infante D. Pedro.*

Em outra carta passada na mesma cidade em 21 de março de 1444, depois do mesmo formulario acima diz este principe: — *Façovos saber que a sr.ª infanta minha muito presada, e amada mulher me escreveu como vos fallára sobre a egreja de Castellãos para Pero Gonçalves meu creado e capellão, e que vós lhe respondestes que me tinheis outorgada esta egreja para quem me prouvesse, e que se vos eu escrevesse que a desseis ao dito Pero Gonçalves, que vos prazia dello. E de vós tão boa vontade terdes á cerca desto eu vol-o agradeço muito e tenho em serviço, e por que do dito Pero Gonçalves tenho grande carrego como he razom assim por ser meu creado como por o serviço que me faz eu vos rogo e encommendo que por minha comtemplaçom vos praza pois tão bom desejo em esto tendes que o ponhaes em fim dando a dita egreja ao dito Pero Gonçalves o qual della he bem merecedor e procedente. Finalmente certos que muito vol-o gradecerei.* Escripta em a cidade d'Evora etc. Infante D. Pedro — Aos honrados, e Onestos Dayão e Cabido da Se de Coimbra.

As expressões tão cheias d'affabilidade e delicadeza, como se leem neste documento teriam a magia de não só grangear uma agradecida correspondencia para com a vontade do principe, se não tambem a de se lhe votar uma constante dedicação, sacrificando-se por elle a propria fazenda e vida!

Mas como é varia e cambiante a aura branda da côrte; ordem do mundo, e como são debeis e apoucados os laços com que a politica nos prende! Este Pero Gonçalves tão estremado do principe, seu tão fiel servidor, e companheiro ainda na batalha d'Alfarrobeira, decahido da privança daquelle, que tanto o protegia não poude vencer os effeitos da

[1] Vej. a memoria cit. vol. 2 do Instit. n.º 15.

reacção politica, que em seguida começou, e por isso foi posto fóra da egreja, em que tinha sido apresentado, dando-se por vaga, e apresentando-se de novo em Martim Gonçalves valido e apaniguado d'elrei D. Affonso V., julgada vaga por ter o outro seguido o partido do infante agora acoimado réo de lesa-magestade!

Assim se conhece da carta regia de 8 de julho de 1449 em que D. Affonso diz—« Con-« stando-nos que a egreja de Castellãos da « qual a aprezentação pertence a vós he ora « vaga pela privaçom que della fizestes a Pero « Gonçalves que della foi postumeiro rector « por vir á batalha com o infante D. Pedro « contra nossa pessoa e rreal estado... vos « rogamos e encomendamos que vos praza « aprezentardes á dita Igreja Martim Gonçal-« ves ou quem vos elle disser seendo certos « que polo grande encarrego que nós delle « temos vol-o gradeceremos muito e teremos « em serviços, etc., com a assignatura d'elrei, « e por fóra — por elrei ao Chantre e Cabido « da See Coimbra e o sello grande a fechar a « carta. [1] »

Destas e d'outras mais cartas que deste principe podia offerecer, todos conheceram o tacto fino e as delicadas maneiras com que o regente tractava os subditos e mais pessoas delle dependentes, podendo desta correspon-cia apreciar-se quanto maior valia tem as expressões cheias de graças, affecto e urbani-dade que naquelles tempos se usavam, do pae as de reserva e severidade que mais adiante se adoptaram á proporção que a auctoridade real foi crescendo, com o descahimento da influen-cia aristocratica, e do contrapeso do terceiro estado.

CARTA DE PRIVILEGIO A FAVOR DA UNIVERSIDADE.

D. Deniz pela graça de Deos rei de Portu-gal, e do Algarve. A vós Tabelliões de Coim-bra saude. Sabede que a Universidade do meu stado dessa villa mi disse que alguns scholares não podião hy aver casas em que morassem por seus alugeres e que tinhão que alguns lhas pilhavam e embargavam de guisa que nom podião em ellas morar. E pedirão-me por merce que eu lhes leixasse hy com-parar casas em que morassem. E eu querendo fazer graça e merce a dita Universidade te-nho por bem e mando que aquelles scolares que estiverem no dito studo, e hy leerem que comprem em essa vila casas em que morem só tal condiçom que a sa morte de cada huûs delles ffiquem essas casas á pessoas lei-gas segundo he contendo na minha postura que eu sobre esto for que fação o foro a mim, que eu de cada uma dessas casas ouver daver. Por que vos mando que vos façades ende as cartas das comparas segundo sabedes que he conteudo na minha postura. E mando á minha justiça dessa vila que lhes leixem hy as ditas comparas fazer e lhe ponhão em essas cartas o sello do concelho se mester por. E vos fazede de guisa que em essas com-paras nom fique hy enganado e que nem um scolar nom compre hy por esta carta outras casas salvo aquellas em que houver de morar e cada uma dessas comparas que hy algum scolar fezer resgistadea logo em vossos livros, de guisa que nem um delles nem possa hy depois dessa compara autras casas comparar senom aquellas em que ouver de morar assi como dito he. Un al non façades senom pei-tarmades quinhentos, quinhentos soldos, e demais tornarmei eu porem a vos. Dante em Coimbra primeiro dia de Dezembro. Elrei o mandou pelo bispo de Lisboa. Martim Fernan-des a fez Era de mil trezentos e cincoenta annos. Episcopus Ulixbonensis vidit—Elrei a vio. (anno de 1312).

CARTA DE CONFIRMAÇÃO DA PRECEDENTE Á MESMA UNIVERSIDADE.

D. Affonso por graça de Deos Rei de Portu-gal e do Algarve. A quantos esta carta virem faço saber que eu querendo fazer graça e merce aa Universidade do meu studo de Coimbra outorgolhes e confirmo as cartas e privilegios que tem das graças mercês e liberdades que lhes deu ElRei D. Deniz meu padre a que Deos perdoe. Outrosi lhes outorgo as graças cartas e privilegios que am do papa e mando que lhes sejam compridas e aguardadas todalas sobre-ditas cartas e previlegios em todo assim como em ellas he conteudo e que nengun nom lhes vaa contra ellas so pena dos meus encoutos. Em testemuinho desto dei aa dita Universi-dade esta minha carta. Dante em Coimbra 22 dias de Maio ElRei o mandou por miguel vivas seu clerigo veedor de sa chancellaria. martim steves a fez Era de 1363. (anno de 1325) miguel vivas.

Acham-se em huma escriptura de compra que fez D. Pedro annes de umas Casas forei-ras á Se, sendo elle Arcediago de Cerveira no Bispado de Tui, e vendidas por Pero Soares Alvasil de Coimbra, em 15 de julho Era de 1364 (anno de 1326).

G. 4 R. 1 m. 2 n. 65.

CARTA DE DOAÇÃO Á UNIVERSIDADE.

In nomine domini amen.

A quantos esta carta de perpetua doaçom e outorgamento virem. Nos dignidades e Ca-bido da See de Coimbra chamados singular-

[1] Todos estes documentos se encontram na gav. do Padroado de Catallãos n.os 5, 6 e 20.

(Archivo da Cathedral.)

mente para o acto seguinte a Cabido e Cabido fazendo segundo nosso costume, e nos prior e chantre e beneficiados da Igreja de sam pedro d'almedina fazemos saber, que consirando nós quanto a storia das letras he necessaria e proveitosa cousa a todos e singularmente aas pessoas eclesiasticas que hão de rreger e encaminhar si mesmos e outros a saber guardar os mandamentos de Deos e usar de virtudes, sendo nos certos da grande vontade que ha o mui illustre e mui virtuoso Principe o sr. Infante D. Pedro desta meesma cidade tutor e curador d'ElRei nosso sr. e curador e rregedor por ell destes rregnos de a ennobrecer decorar e accrescentar e melhorar mandando aas suas proprias despesas fazer estremadas e selentes scolas e estudo geeral de todas as artes scienciaaes para soportamento e governança das quaaes som nccessarias rrendas certas subficientes para salariar os doutores e mais Lentes e os outros officiaes e para soportar os carregos do studo e universidade dos studantes para a qual cousa o dito sr. rregente logo primeiro que outrem começou de o dotar assignando-lhe para sempre huma boa e grande cantidade de renda das suas proprias terras mandando-nos afincadamente e graciosa rrogar e rrequerer que nos outrosi que do dito studo, e fructo das sciencias aviamos seer quinhoeiros quizessemos fazer para esto alguma ajuda de rrenda perpetua, e depois dos rrazoamentos que sobrello ouvemos todos acordadamente sem contradiçom sentimos e ouvemos por bem de outorgar a apropriar e dar ao dito studo quanto de direito podemos o padroado da Igreja de santiago d'almalaguez. O qual padroado e dereito de apresentar pertence a nos e ao prior chantre e colegio da Igreja de sam pedro de almedina de concensu e de permeo e assim estamos de posse pacifica seu quasi de apresentar. E de feito por aquesta prezente nos todos apreciamos e damos ao dito studo todo o nosso direito do dito padroado e o tiramos e demetimos de nós de tal maneira que quando quer que acontecer de a dita Egreja vagar por morte ou rrenunciaçom d'alvaro paaez que ora della he prior ao qual nom entendemos por aquesta doaçom e outorgamento fazer algum prejuizo que as rrendas todas della que ora ao prior pertencem ferão e pertencerão ao dito studo e lhe serão anexas por virtude desse nosso outorgamento o qual fazemos afora a terça que hy ha o cabidoo a qual o dito cabidoo sempre hy hade aver em salvo sem algumas custas nem censos salvo em apanhar ou arrendar sua rrenda. E afora esto meesmo tres moios pela velha de pão meado convem saber meio trigo e meio milho ou segunda que a dita egreja de S. Pedro d'almedina ha daver em cada hum anno do rreitor da dita Igreja de santiago segundo que sempre ouve e agora ha de alvaro paaez prior e segundo se contem em compromisso e escriptura desto que antre as ditas Igrejas ha e tão bem a dita Igreja de S. Pedro ha de dar aa dita Igreja de Santiago em cada hum anno tres meos dazeite por a velha práa lampeda segundo se contem em o dito compromisso, e aquesto outorgamento e doaçom fazemos com as condições segumtes convem a saber que das rrendas desta Igreja suso ditas que ao prior agora pertencem seja reservada e assignada ou taxada tal parte por o bispo para sustentamento do vigairo e vigairos perpetuos poedôiros em ella per tempus por que honestamente possão viver e soportar os carregos da dita Igreja que agora ao dito prior pertencem a aprezentação do qual ou dos quaes vigairos para sempre poedoiros seja ou pertença para sempre anos e ao prior e beneficiados suso ditos de S. Pedro de consensu e de permeo assim como nos agora pertence a apresentaçom dos Priores. Item se por ventura acontecesse as ditas escolas e ftudo nom virem a aperfeição para que se fazem convem a saber de se leerem em elle e aprenderem sciencias artes geralmente segundo se espera, e segundo se acostuma de se leerem em os estudos geeraes ou depois cessasse por tempo, ou tempos ou se mudasse para outra comarca, ou lugar fora desta cidade que em tal caso todas e quaaes quer que o dito studo ouvesse daquesta Igreja dalmalaguez e lhe fossê como dito he unidas, e apricadas que logo ficassem ou fiquem esse facto apricadas por aquella meesma guisa aa dita see e a sam pedro dalmedina para as fabricas e obras dellas segundo que a cada huma pertence o direito do padroado e que as ditas see e Igreja de sam pedro da almedina sem outra autoridade Judicial possa aver e filhar por si as ditas rrendas como cousas devolutas a elles que lhes pertencem tanto que for certo ou notorio que o dito studo cessa de se leer me ell direito canonico e civil ou se mudar como dito he e que qualquer que por força ou contra razom e Justiça estas rrendas lhe torvar ou embargar por si ou por outrem seja maldito e escomungado e sacrilego e pedimos de mercee ao nosso prelado e sr. D. Luiz Coutinho bispo desta cidade que com estas condições e clausolas tenha pur bem de fazer a dita anexaçôm em forma suso dita e acostumada e esto meesmo pedimos de mercee ao bem aventurado papa Eugenio nosso sr. que esta doaçom e outorgamento e anexaçom que se della fará do comprimento do seu poderio queira aprovar rratificar e confirmar a petiçom de nos todos seus humildosos servidores deam e cabidoo da see de Coimbra e prior e beneficiados da Igreja de sam pedro dessa cidade em testemunho das quaaes cousas mandamos todos ser feita esta carta seelada dos seellos da dita Igreja cathedral e da Igreja collegiada

de sam pedro feita em a dita cidade a 24 dias do mez de mayo Era do nascimento de nosso Sr. Jhesu xpo de 1446 a.ª

APPROVAÇÃO E CONFIRMAÇÃO DO B.º DE COIMBRA.

D. Luiz Coutinho por mercêe de Deos e da Santa Igreja de rroma bispo de Coimbra confirando as cousas e razõoes contheudas em a suso dita doaçom serem verdadeiras e legitimas Inclinado aos justos reqrymentos do suso nomeado muy yllustre principe e Sr· Infante dom pedro, e dos padroeiros fazemos a doaçom e outorgamento com dezejo esso meesmo que ey do thesouro Incomparavel da sciencia ser acrescentado em esta cidade e rregno rratificomos aprovamos e avemos por boa a dita doaçom e de consentimento e beneplacito de nosso Cabido quanto com direito podemos anexamos unimos e ajuntamos as rrendas da dita Igreja de Santiago dalmalaguez que ao prior ou priôres perteencião e agora ainda pertencem aa Universidade do dito studo com as condiçooes e clausulas contheudas e expressas em a suso dita carta de doaçom e outurgamento e per outra guisa nom reservando mais e taxando para convinhavel e onesto soportamento do Vigairo ou vigairos que por tempo siam em a dita Igreja de santiago perpetuos e para elles terem de que paguem as procurações e confirmaçom e suporte todollos encarregos da dita egreja de santiago a que o prior ou priores de direito erão theudos E esso meesmo a pagar aquelle pão meado aa Igreja de sam pedro segundo o prior ora paga a terça parte de todo o que rrender a dita Igreja ou renderia ao prior se hy ouvesse como ora ha e mais todo pée do altar. E as outras duas partes da renda fazendo tres partes daquello que ao prior pertence fiquem e sejão unidas e apricadas ao studo o qual as aja ysentas e livres e as possa mandar arrendar ou apanhar como sua propia rrenda. Em testemunho das quaaes cousas mandamos ser feita esta carta seelada do nosso seelo pendente dada en na cidade de coimbra a vinte e quatro dias do mez de maio era do nascimento de nosso Snr. Jesu xp.º de mil quatro centes quarenta e seis annos.

Acham-se estes documentos na gav. 1. R. 1. m. 2. n.º 29. *(Archivo da Cathedral.)*

M. B. D'ALMEIDA E VASCONCELLOS.

EXPOSIÇÃO DE ANIMAES DOMESTICOS.

Continuado de pag. 299.

A especie ovelhum, sendo a que melhor se presta ás modificações que se lhe imprimem, comprehende por isso maior numero de raças, que o capricho do homem multiplica e desvia cada vez mais do seu typo primitivo.

A producção de lã e a de carne constituem as principaes aptidões para as quaes se devem conformar os animaes ovinos, por que a producção do leite é secundaria: todavia são tão importantes aquellas duas aptidões, que não convem conformar uma raça exclusivamente para uma dellas.

Qualquer que seja a especulação que se queira fazer a respeito destes animaes, é forçoso consideral-os como productores de lã e de carne, embora se attenda particularmente á quantidade ou qualidade d'um só destes objectos: assim se os animaes ovinos forem destinados para produzir boa lã, deve promover-se que o crescimento seja precoce e a engorda facil, sem prejudicar a natureza da lã que se pretende obter: e do mesmo modo, se forem destinados para consummo convem attender tambem á qualidade da lã, no que for compativel com o principal destino do animal.

Importa porèm advertir, que, entre a producção de lã fina e a de boa carne, existe alguma incompatibilidade physiologica e economica; por isso é necessario distinguir bem estes dous generos de producção, que dependem de differentes condições de organização, e que exigem diversas circumstancias na criação dos animaes. N'um caso o criador deve cuidar da aptidão lanigera, ainda que a carne seja de inferior qualidade, e no outro deve empregar os meios de obter animaes que produzam boa carne, ainda que a lã seja mediana.

Por tanto é necessario conformar dous typos oppostos para satisfazerem cada um a sua aptidão; todavia entre estes dous typos se encontram outros muitos, em que predomina mais ou menos a producção da lã ou a da carne ou algumas qualidades destes objectos, não se podendo ainda obter constante n'uma raça o equilibrio destas duas aptidões.

Podemos tomar para typo de producção de lã fina e carne mediocre a raça *merina;* de boa carne e lã mediocre a raça de *South-Down;* de lã comprida, carne soffrivel e crescimento precoce a raça de *Dishley;* de lã fina e facil engorda a raça de *Mauchamp;* de boa carne, crescimento precoce e lã soffrivel, a raça *aperfeiçoada* de *Glocester*; de boa carne e muita lã de finura mediana a raça de *Hollanda* etc. [1]

É pouco e de inferior qualidade o nosso gado ovino: os rebanhos de Trás-os-montes, da serra da Estrella, do Alemtejo etc., pertencem todos á raça commum de lã curta e grosseira, e carne de inferior qualidade; as pequenas variedades que se encontram no

[1] Veja-se Zootechnia dos animaes ovinos. (Curso completo de Zooiatria vol. 2.º)

nosso gado miudo são mais um effeito da influencia das localidades do que do homem.

Na nossa industria agricola a criação do gado miudo podia formar uma fonte principal de riqueza, tanto para o pequeno, como para o grande lavrador, e fornecer o elemento indispensavel para o desinvolvimento dos lanificios: mas, para que o paiz se tornasse armentoso, era necessario que os nossos agricultores se decidissem a seguir os preceitos da Zootechnia da especie ovina, confirmados pela experiencia, e cuidassem seriamente na reforma da producção pecuaria.

Para melhorar o nosso gado é necessario escolher as ovelhas mais bem conformadas e de melhores qualidades, reunil-as com carneiros *de semente* d'outra localidade e egualmente escolhidos, e criar e educar convenientemente as cordeiras e os cordeiros. Porem o nosso gado ovino está por tal forma abastardado, que não poderá devidamente aperfeiçoar-se senão pelo cruzamento com bons carneiros de raças extrangeiras: assim, para conseguirmos lãs finas, fôra necessario cruzar as nossas ovelhas com carneiros merinos de raça pura; para obtermos lã comprida, cruzal-as com os carneiros da raça de Glocester; para conseguirmos gado que produzisse muita e boa carne, era forçoso cruzar as nossas ovelhas com os carneiros da raça de South-Down etc., escolhendo sempre as ovelhas mais bem conformadas em relação ao typo que se pretende desinvolver.

Mas tudo isto não é bastante para nos dispensar de importar as melhores raças extrangeiras a fim de acclimatal-as nas localidades em que melhor possam prosperar.

Das variedades da raça merina a *leoneza* é a que mais nos convem acclimatar nas localidades pouco montanhosas e enxutas; a raça de Mauchamp, pode acclimatar-se nas mesmas localidades; a raça de South-Down pode acclimatar-se em todas as localidades em que vive o nosso gado ovino, até mesmo nos terrenos montanhosos; a raça de Dishley e a de Glocester aperfeiçoada são muito proprias para as localidades baixas e pantanosas, porque resistem melhor á influencia da humidade, e até prosperam em pascigos humidos, onde não podem viver as outras raças; por isso muito conviria acclimatal-as nos campos do Mondêgo e do Tejo; em fim, a raça Hollandeza podia acclimatar-se nas localidades pouco humidas e abundantes em pastos.

Importa porem advertir, que tanto o melhoramento das nossas raças ovinas, como a importação das extrangeiras, não pode dar bons resultados sem que os lavradores reformem suas practicas em harmonia com o estado actual das nações civilisadas, empregando o systema de *estabulação*, de *pastagem* ou *mixto*, conforme as circumstancias o exigirem, e estabelecendo bons prados artificiaes.

Nos programmas para as exposições dos animaes ovinos a Auctoridade pode promover o desinvolvimento das raças que julgar mais uteis em relação ao nosso estado, dando preferencia ás mais productivas de carne, ou de lã, e destas, áquellas de que mais carecerem as nossas frabricas de lanificios.

O decreto de 16 de dezembro de 1852 não chama ás exposições o gado caprino, e parece ter justo fundamento para não promover a multiplicação destes animaes; por que são tão damninhos que se podem considerar como o principal inimigo da arboricultura, e tambem são pouco rendosos: todavia, sendo muito rusticos e vivazes, prosperam em localidades montanhosas, onde se não pode apascentar outro gado; por isso convem promover o seu aperfeiçoamento nesses logares, e tambem se podem criar pelo systema da estabulação sem causarem prejuizo.

As aptidões que devem dirigir o melhoramento das nossas cabras são a da producção de carne e a de leite; mas esta ultima merece preferencia, por que a cabra, considerada como productora de carne, é muito inferior ao carneiro.

Alem destes motivos tambem o referido decreto não devia esquecer o gado caprino, por ser de grande utilidade a importação da cabra do Tibet e de Angora, e podiamos até começar pelas acclimatar no Algarve e na Estremadura. Estes animaes são muito superiores á cabra commum, não só na quantidade do leite, na qualidade da carne e em terem crescimento precoce, mas tambem em produzirem um tosão muito fino e proveitoso para tecidos.

A especie suina offerece um só genero de producção, e em toda a parte o porco é destinado para consummo; por isso o melhor porco será o que produzir *maior quantidade de carne, de melhor qualidade, em menos tempo e com alimentação mais economica.* Todavia é forçoso confessar, que, a divisão dos animaes suinos em tres raças—*de grande, mediana* e *pequena* estatura, não merece tanto desprezo como inculca Baudement; por que está em relação com a diversidade das condições que offerece cada localidade para a criação do gado suino, com a diversa applicação da carne, e com as exigencias do mercado deste genero.

Ainda que o destino do porco seja unico, pode todavia variar-se, predominando a producção da carne muscular ou do toucinho, e qualquer destes objectos pode ter mais valor n'uma localidade do que n'outra.

O porco da beira pode considerar-se como o typo de *grande estatura* em que predomina a parte muscular; porem esta raça exige grande reforma, que a torne menos ossuda, de prompto crescimento e facil engorda: tudo isto se pode conseguir por meio do seu cru-

zamento com o porco chino do Alemtejo. Se este cruzamento for continuado, os mestiços, criados convenientemente, formarão em breve uma raça perfeita do porco de grande estatura.

O porco chino constitue uma raça perfeita de *pequena estatura*, prompto crescimento e facil engorda, e com aptidão particular para a producção do toucinho.

Em fim nós possuimos os elementos para o aperfeiçoamento das raças suinas, mas é necessario aproveitar convenientemente as boas qualidades do porco da Beira, e as do chino do Alemtejo, escolhendo a porca ou o varrão n'uma d'estas raças, conforme as qualidades que quizermos representar nos mestiços; e escolhendo egualmente ambos os progenitores com a conformação e qualidades que melhor representem o typo que se pretende obter. É necessario fazer rigorosa applicação dos preceitos zootechnicos, não só no que respeita ao cruzamento, mas tambem no regimen alimentar: por esta forma poderemos conseguir raças suinas perfeitas, e talvez superiores ás que actualmente possue a Inglaterra e a França.

O programma para a exposição do gado suino deveria exigir os typos mais perfeitos, dando preferencia em cada localidade ás raças de grande, mediana ou pequena estatura, conforme as conveniencias relativas á producção dos animaes e ao seu destino, exigindo porem fossem constantes em todas ellas, a boa qualidade da carne, o crescimento precoce, e prompta e economica engorda.

J. F. DE MACEDO PINTO.

BIBLIOGRAPHIA.

Continuado de pag. 293.

II.

O 2.º objecto da *Introducção ao amigo dos meninos* são as primeiras noções da numeração, e a leitura e conhecimento dos numeros, d'unidades até milhões, d'inteiros e quebrados, e decimaes, comprehendendo as novas medidas do systema metrico, e concluindo com as taboadas d'adição e diminuição.

Tudo quanto d'ahi transcende, entendêmos que pertence a uma outra ordem superior de conhecimentos, e a differente classe d'alumnos nas escholas.

Esta secção segue-se ao abcedário, e antecede aos *primeiros exercicios da leitura* pela razão de que, segundo o nosso juizo, ao passo que os meninos entram no abcedario, não só é possivel, mas mui conveniente que principiem igualmente com a numeração.

Nada mais fastidioso para o homem, e muito mais para a criança, do que a inalteravel repetição da mesma cousa por largo tempo.

Duvidamos de que as mesmas lições de leitura, intermeadas de cantos, e continuados movimentos, animada pelos contos, e sôlta d'um rigoroso constrangimento e terrôr do velho *magister*, não cheguem a padecer por monotonia; se a escripta e a numeração não tomarem uma parte das horas da eschola.

A escripta, dizemos; embora, por um máu, mas mui inveterado costume, ainda d'excellentes professores, fique ordinariamente reservada para depois de ser conhecido pelos alumnos ao menos o alphabeto: não só não reconhecemos impossibilidade em começar os ensaios do traçado de letras ao par com o abcedario; mas cremos que será esse um meio não só de variar os exercicios, mas de fazer conhecer os caracteres do manuscripto, e gravar na memoria as suas figuras. Nesta parte as recomendações do methodo portuguez, á cerca dos ensaios nas ardozias, em accordo com o que se lê nos directorios das casas d'asylo de França, parecem-nos de pouco, ou nenhum effeito, quando os alumnos forem muito novos.

Esses ensaios serão, conforme se observa naquelles estabelecimentos, apenas um meio de variar os exercicios sem esperança de resultado; porque nem a imaginação, nem a mão e o braço, em tão tenras idades, podem prestar-se a traçar, sem direcção, nem exemplo anterior, uma qualquer imagem toleravel dos caracteres pedidos.

Melhor nos parece o alvitre de—chamar á taboa preta turmas de cinco ou seis alumnos, e de lhes traçar ahi o professor, ou algum dos monitores, mais adiantados em escripta, os caracteres ordinarios, a principiar pelos mais singelos, como o—*i*—, o—*l*—, o—*u*—, etc., apagando-os depois, e volvendo a traçal-os uma e mais vezes, de modo que vejam bem, como se fez essa operação; e só depois ir chamando, um a um, aos meninos da turma, para que imitem os traços que se lhes ensinaram, em competencia uns com outros.

Por experiencia sabemos, que um bom professor encontrará neste singelissimo processo tanto a occazião d'instruir a seus alumnos, como a de os entreter, e melhor de os encher de brios, não se descuidando de excitar os de uns, que conseguiram acertar, com os merecidos elogios, e de animar, com os bons modos e palavras affaveis, os que forem infelizes na tentativa.

Desde que os alumnos souberem sufficientemente figurar, na taboa preta e em ponto grande, os caracteres, e só então, é que deverão ser admittidos á lição d'escripta, sentados, com a mão e braço em divída posição, e sobre ardozias, ou papel. A primeira difficuldade venceu-se, brincando. Crêmos que as segundas se vencerão igualmente com facilidade e gosto, dando ao tempo o que é do tempo; por que neste ponto a brevidade póde conseguir-se no ensino dos primeiros passos, nunca no desenvolvimento d'escrever, que depende do uso e da idade.

O traçado de riscos, e por ventura até mesmo de curvas, entendemos igualmente que é tão desnecessario como o *b* e *a*—*ba* dos syllabarios para a leitura. Assim como, com todo esse longo e fastidiosissimo aprendizado o maximo numero das pessoas ficava escrevendo mal, a muitos hoje succederá o mesmo sem elle; mas outros, como então, aproveitarão. Com boa vontade, geito natural, e bons traslados que não faltam, e mestre habil, sem difficuldade se apura a fórma da letra; e os que não podem aspirar a tanto, conseguem escrever intelligivelmente na metade ou terço do tempo, que antecedentemente se requeria.

A numeração é incomparavelmente mais facil, e accessivel aos meninos, já porque se applica a um sem-numero d'objectos visiveis e do uso quotidiano, já porque, para ler e combinar os caracteres numericos, não é mister escrevel-os.

Os singelissimos processos da contagem pelos dedos, pelos individuos presentes, pelos vidros da janela, pelas bolinhas do contador mechanico, e muitos outros analogos, que os directorios das casas d'asylo da França e da Belgica ensinam, abrem o caminho prompta e suavemente para a intelligencia e conhecimento dos caracteres numericos, dependendo todo o proveito da execução da boa vontade, engenho e cuidado do professor, sem o que não ha methodo, nem regulamento que valha.

Nos nossos elementos de numeração damos como primeiro exercicio: — « ensinar, com auxilio dos dedos, ou

« por qualquer outra fórma singela, a fazer idêa das « unidades: » e o 2.º—« ensinar a lêr e conhecer os nu- « meros, por sua ordem, pela inversa, e salteados: » e o 3.º: —« ensinar a escrever unidades. »

Na leitura das unidades desejamos que o professor desde logo vá encaminhando os meninos para o trabalho d'addição; assim apontando-lhes o primeiro numero na ordem — 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 0 — dirá — *um*; e logo — e *mais um* — são *dois*, e apontará o segundo, etc.

A leitura das dezenas simples, e compostas; a das centenas, milhares, etc., é dirigida pela mais rigorosa analyse dos elementos; e a experiencia nos tem mostrado quão facil é a qualquer monitor, ou monitora, o desempenhar essa direcção.

Quando, por exemplo, no 3.º numero — *dezenas compostas* —, o monitor apontar o numero — 11, e o lêr, em seguida a 10 com a addição da unidade; deverá repetil-o d'outra fórma, tomando individualmente os caractéres, da direita para a esquerda; a saber, — uma unidade — *um*, e uma dezena — *dez*, logo são — *onze*.

Não diremos mais sobre esta parte da *Introducção*, se não que, desde 1849, o ensino da numeração, no asylo da infancia, é feito, ao par com o da leitura, sobre tabelas analogas a estas brevissimas noções, e com excellentes resultados.

As indicações do methodo portuguez sobre a mnemosine das figuras numericas não nos agradam por obscuras, e algumas até por inconvenientes. O ensino da numeração arabica parece-nos escusado. Quando se faz mister conhecel-o, na idade mais crescida, é facilimo o aprendel-a, sem que se haja tomado um qualquer espaço, na infancia, para esse aprendizado.

III.

No pequeno prologo á — *Introducção* dizemos á cerca dos — *Primeiros Exercicios:* « Os primeiros exerci- « cios dizem de si. São formulas doutrinaes, contendo « a santa e pura moral do Evangelho; pequenas e deli- « cadas historietas, extraídas d'alguns optimos escripto- « res estrangeiros. »

Bastará pelo que respeita ás primeiras folhas desta secção. Quem quer que for accostumado a lidar e practicar com os meninos, facilmente reconhecerá quantos atractivos, e boas lições de prompta comprehensão ahi encontrarão os pequenos leitores nos singelos e tocantes quadrosinhos do amor maternal, dos cuidados paternos, da amizade d'irmãos, etc.

Da parte de S. M. I., a Senhora Duqueza viuva de Bragança, tivemos a honra de receber as mais lisongeiras e honrosas felicitações por esse nosso trabalho; que a mesma augusta bemfeitora da infancia julgou mui adaptado para derramar mais alguma escolhida semente de bôa moral nos innocentes corações dos seus numerosos beneficiados. Assim como o abcedario, todos estes exercicios são variados nos caracteres; algumas linhas nos redondos, outros nos italicos, muitas nos cursivos, e algumas no gothico.

Continúa. A. FORJAZ.

MAIS OBRAS OFFERECIDAS Á BIBLIOTHECA DO INSTITUTO.

DESCRIPÇÃO DA SESSÃO SOLEMNE que teve logar no collegio de N. Senhora da Conceição em 8 de dezembro de 1854 por *Joaquim Lopes Carreira de Mello*, director do dito collegio e socio correspondente do Instituto de Coimbra.

COMPENDIO DE GEOGRAPHIA E CHRONOLOGIA para uso das escholas. 1 vol. pelo mesmo auctor.

BREVE RESUMO DOS PRIVILEGIOS DA NOBREZA: 1.º dos professores publicos: 2.º dos mestres dos principes: 3.º dos aios dos mesmos senhores, dedicado a S. M. F. Elrei o Sr. D. Pedro V. por *Francisco Antonio Martins Bastos*.

ELEMENTOS DO PROCESSO CIVIL 2.ª edição correcta e muito augmentada por *Francisco José Duarte Nazareth*, lente cathedratico da faculdade de direito, deputado ás cortes, e socio do Instituto de Coimbra.

QUADRATURA DO CIRCULO por *Henriques Martins Pereira*, coronel de engenheiros.

DISSERTATIO INAUGURALIS de perfectione christiana religiosus, quam recitabat ac propugnabat *Emmanuel Eduardus da Motta Veiga*.

NOÇÕES GERAES DE CHIMICA PRACTICA, traduzidos e coordenados por *Joaquim de Sancta Clara Sousa Pinto*

ERRATAS. — N.º 19.

Linh.	*Col.*	*Pag.*	*Erros.*	*Emendas.*
245	1.ª	12	primeira	ultima.
»	»	14	Oviedo	Oviedo.
»	»	18	180	780
»	»	22	198	898
246	»	22 a 28	— Este argumento perde a força, sabendo-se que os Abbades, ou Chefes de Mosteiro, assignaram este concilio com a denominação de Archymandritas, como póde ver-se na collecção de concilios, de Labbei.	

N.º 20.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Emendas.*
257	2.ª	3	lea-se — (Continuado de pag. 219.)
267	no fim		lea-se — *Continua.* R. R. DE SOUSA PINTO.

N.º 21.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros.*	*Emendas.*
273	2.ª	6	evitar	visitar.
280	1.ª	8	— da palavra — extincção — por diante, *deve ler-se* — extincção, por terem decorrido apenas oito annos de 1086 a 1094, e não apparecer nenhum documento em contrario. É verdade que os mosteiros duplices já tinham sido prohibidos por Gregorio II em 546 [1], e depois no Concilio de Nicea em 737 [2]; mas, é certo que, apezar disso, continuaram subsistindo em Portugal e por toda a parte, como nos dizem Viterbo [3] e Boehmero [4].	

[1] Decr. Grac. caus. 18. quest. 2. c. 22. (a not. 2 da mesma pag. 280).

[2] Conc. 2 de Nicea caus. 20 do Decr. Grac. caus. 18 quest. 2. c. 21. — Diffinimus minime duplex monasterium fieri: quia scandalum id, et offendiculum multis efficitur. Si vero aliqui cum cognatis mundo abrenuntiare, et monasticam vitam sectari voluerint, debent quidem viri virorum adire coenobium, foeminae vero mulierum ingredi monasterium. . . .

[3] Elucidario por Viterbo — palav. Mosteiro.

[4] Boehmero not. 99 ao Decr. Grac. caus. 18. quest. 2. c. 22.

N.º 23.

305	2.ª	10	ete	este.
»	»	»	sejas	seja.

ADDITAMENTOS AO CALCULO DIFFERENCIAL DE FRANCOEUR — N.° 769, 1.ª EDIÇÃO.

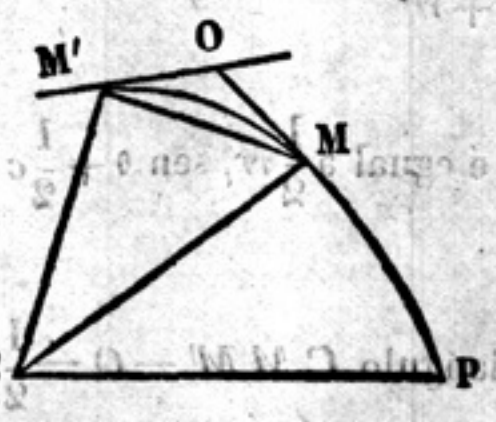
PRINCIPIO DOS LIMITES, E APPLICAÇÃO DELLE.

1. Sejam A, B, C, funcções continuas de x, e $A > B > C$: (a) dentro dos limites α β de x, sendo β o valor de x, que faz $A = B = C$. Tomando um valor θ de x, comprehendido entre α, β, e depois outros, que gradual e successivamente se vão approximando de β, acharemos

$\frac{A}{C} > \frac{B}{C} > 1$; $\frac{A'}{C'} > \frac{B'}{C'} > 1$; $\frac{A''}{C''} > \frac{B''}{C''} > 1$; ..... Se for $\theta^{(i)}$ um valor de x, mui proximo de β, a relação $\frac{A^{(i)}}{C^{(i)}}$ será pouco differente da unidade, e $\frac{B^{(i)}}{C^{(i)}}$ ainda menos differente o será (a): de sorte que, tomando este ponto de partida, podemos escrever

$$\frac{A}{C} = \frac{B}{C} + \delta \ldots\ldots\ldots\ldots (b)$$

sendo δ uma quantidade positiva e pequena, que irá diminuindo, sem nunca se tornar nulla, ao passo que x se for approximando de β. Temos pois (b) que duas quantidades variaveis, passando por todos os estados successivos de grandeza, se conservam constantemente eguaes: logo ellas tem o mesmo *limite*; porque a mesma grandeza não póde approximar-se ao mesmo tempo de limites deseguaes: mas o *limite de* $\left(\frac{B}{C} + \delta\right)$ é $\frac{B}{C}$, logo, se nós soubermos que o *limite de* $\frac{A}{C} = 1$, concluiremos $lim : \frac{A}{C} = 1 = lim : \frac{B}{C} : \ldots\ldots\ldots\ldots (c)$



2. Sejam MO, e $M'O$ tangentes á curva PMM', em M e M': $MO = m$, $M'O = m'$, $MOM' = \alpha$, MM', um pequeno arco da curva, e egual a $PM' - PM = l = \theta s' + \frac{\theta^2 s''}{1.2} + \ldots : \theta$, pequeno angulo, egual a MCM': $OMM' = \beta$; $OM'M = \beta'$; $CM = r$;

$CM' = r_1 = r + \theta r' + \frac{\theta^2 r''}{1.2} + \ldots$: a superficie $CPMM' - CPM = \Sigma = \theta\sigma' + \frac{\theta^2}{1.2}\sigma'' + \ldots$:

e a corda $MM' = c$; $m + m' = M$.

O triangulo $MM'O$ dá

$\frac{m}{c} = \frac{\text{sen } \beta'}{\text{sen } \alpha}$; $\frac{m'}{c} = \frac{\text{sen } \beta}{\text{sen } \alpha}$; e $\frac{M}{c} = \frac{\text{sen } \beta + \text{sen } \beta'}{\text{sen } \alpha} = \frac{\text{sen } \beta (1 + \cos \alpha)}{\text{sen } \alpha} + \cos \beta$, por ser $\beta + \beta' + \alpha = \pi$:

do que tiramos $\frac{M}{c} = \cos\beta + \operatorname{sen}\beta \cot\frac{1}{2}\alpha = 1 + A\beta + B\beta^2 + C\beta^3 + \text{etc.}$; e se α nunca for zero, nem exceder a π, a serie precedente se póde fazer tão convergente, quanto se quizer, fazendo β convenientemente pequeno. Considerando pois invariavel o systema $CMOM'$, e fazendo decrescer gradualmente β até zero, acharemos neste limite

$$\textit{limite de}\frac{M}{c} = 1 \quad \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots (1)$$

Porém [Legendre. Geom. Liv. 4.° prop. 9]. $M > l > c$ por consequencia (1. c)

$$\textit{limite de}\frac{l}{c} = 1 \quad \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots (2)$$

Ora o triangulo $MM'C$ dá

$$c^2 = r^2 + \left(r + \theta r' + \frac{\theta^2}{1.2}r'' + \ldots\right)^2 - 2r\left(r + \theta r' + \frac{\theta^2}{1.2}r'' \ldots\right)\left(1 - \frac{\theta^2}{1\,2} + \frac{\theta^4}{1\,2\,3.4} \ldots\ldots\right)$$

ou $c^2 = \theta^2 (r^2 + r'^2) + \textit{termos com potencias de } \theta \textit{ superiores á segunda}$: logo

$$\frac{l}{c} = \frac{s' + \frac{\theta}{2}s'' + \frac{\theta^2}{2.3}s''' \ldots}{\sqrt{r^2 + r'^2 + \varepsilon\theta}}$$; e com isto achamos $\textit{limite de}\frac{l}{c} = \frac{s'}{\sqrt{r^2 + r'^2}}$, e

$$\frac{s'}{\sqrt{r^2 + r'^2}} = 1, \text{ ou } s' = \sqrt{r^2 + r'^2}$$

3. A superficie $CMOM'$ é egual a $\frac{1}{2}rr_1 \operatorname{sen}\theta + \frac{1}{2}c\,m \operatorname{sen}\beta = P$ (Francoeur Trigon. n.° 364. V. 2.°), e a do triangulo $CMM' = Q = \frac{1}{2}rr_1 \operatorname{sen}\theta$: mas $P > \Sigma > Q$:

ora $\frac{P}{Q} = 1 + \frac{m \operatorname{sen}\beta\sqrt{r^2 + r'^2 + \varepsilon\theta}}{rr_1\left(1 - \frac{\theta^2}{6} + m\right)}$ de donde $\textit{limite de}\frac{P}{Q} = 1$,

Logo $\textit{limite de}\frac{\Sigma}{Q} = 1$ mas $\frac{\Sigma}{Q} = \frac{\sigma' + \frac{\theta}{2}\sigma'' + \ldots}{\frac{1}{2}rr_1\left(1 - \frac{\theta^2}{6}..\right)}$, por conseguinte

$$\textit{limite de}\frac{\Sigma}{Q} = \frac{\sigma'}{\frac{1}{2}r'} = 1; \text{ ou } \sigma' = \frac{1}{2}r'$$